

STALKER

Você pensou que estivesse sozinho.
Pensou errado.



DO AUTOR DE *O homem de areia*, DA SÉRIE JOONA LINNA

LARS KEPLER

ALFAGUARA



LARS KEPLER

Stalker

Da série Joona Linna

TRADUÇÃO
Renato Marques

ALFAGUARA



Sumário

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Sumário](#)
4. [Prólogo](#)
5. [1](#)
6. [2](#)
7. [3](#)
8. [4](#)
9. [5](#)
10. [6](#)
11. [7](#)
12. [8](#)
13. [9](#)
14. [10](#)
15. [11](#)
16. [12](#)
17. [13](#)
18. [14](#)
19. [15](#)
20. [16](#)
21. [17](#)
22. [18](#)
23. [19](#)
24. [20](#)
25. [21](#)
26. [22](#)
27. [23](#)
28. [24](#)
29. [25](#)
30. [26](#)

31. [27](#)
32. [28](#)
33. [29](#)
34. [30](#)
35. [31](#)
36. [32](#)
37. [33](#)
38. [34](#)
39. [35](#)
40. [36](#)
41. [37](#)
42. [38](#)
43. [39](#)
44. [40](#)
45. [41](#)
46. [42](#)
47. [43](#)
48. [44](#)
49. [45](#)
50. [46](#)
51. [47](#)
52. [48](#)
53. [49](#)
54. [50](#)
55. [51](#)
56. [52](#)
57. [53](#)
58. [54](#)
59. [55](#)
60. [56](#)
61. [57](#)
62. [58](#)
63. [59](#)
64. [60](#)
65. [61](#)
66. [62](#)
67. [63](#)
68. [64](#)
69. [65](#)

70. [66](#)
71. [67](#)
72. [68](#)
73. [69](#)
74. [70](#)
75. [71](#)
76. [72](#)
77. [73](#)
78. [74](#)
79. [75](#)
80. [76](#)
81. [77](#)
82. [78](#)
83. [79](#)
84. [80](#)
85. [81](#)
86. [82](#)
87. [83](#)
88. [84](#)
89. [85](#)
90. [86](#)
91. [87](#)
92. [88](#)
93. [89](#)
94. [90](#)
95. [91](#)
96. [92](#)
97. [93](#)
98. [94](#)
99. [95](#)
100. [96](#)
101. [97](#)
102. [98](#)
103. [99](#)
104. [100](#)
105. [101](#)
106. [102](#)
107. [103](#)
108. [104](#)

109.	105
110.	106
111.	107
112.	108
113.	109
114.	110
115.	111
116.	112
117.	113
118.	114
119.	115
120.	116
121.	117
122.	118
123.	119
124.	120
125.	121
126.	122
127.	123
128.	124
129.	125
130.	126
131.	127
132.	128
133.	129
134.	130
135.	131
136.	132
137.	133
138.	134
139.	135
140.	136
141.	137
142.	138
143.	139
144.	Epílogo
145.	Sobre o autor
146.	Créditos

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title Page](#)
3. [Body Matter](#)
4. [Epilogue](#)
5. [Copyright Page](#)
6. [Table of Contents](#)

Só começaram a levar o filme a sério depois que o primeiro corpo foi encontrado. Um link para um vídeo do YouTube foi enviado ao endereço de e-mail público do Departamento Nacional de Investigação Criminal. Era impossível rastrear o remetente. O secretário de polícia clicou no link, assistiu ao vídeo, supôs que se tratava de uma piada completamente desconcertante e o incluiu nos registros.

Por causa dessas imagens, três detetives reuniram-se dois dias depois em uma salinha no oitavo andar da sede do Departamento Criminal em Estocolmo.

O vídeo a que assistiam tinha apenas cinquenta e dois segundos de duração.

As imagens tremidas, filmadas com uma câmera de mão através da janela de um quarto, mostravam uma mulher na faixa dos trinta anos vestindo uma meia-calça preta.

Em um silêncio constrangedor, os três homens observaram os movimentos da mulher.

Ela dava passos largos sobre obstáculos imaginários e se agachava várias vezes para acomodar confortavelmente a meia.

Na manhã de segunda-feira, ela foi encontrada na cozinha de uma casa geminada na ilha de Lidingö, nos arredores de Estocolmo. Estava sentada no chão com a boca grotescamente escancarada. Havia respingos de sangue na janela e em uma orquídea branca plantada em um vaso. A mulher vestia apenas a meia-calça e um sutiã.

A autópsia concluiu que ela havia sangrado até a morte como consequência de múltiplas lacerações e facadas concentradas em sua garganta e seu rosto, uma demonstração de extraordinária brutalidade.

A palavra *stalker* existe desde o início do século XVIII . Naquela época, significava rastreador ou caçador ilegal.

Em 1921, o psiquiatra francês De Clérambault publicou o que é comumente considerada a primeira análise moderna de um stalker, o estudo de um paciente que sofria de erotomania. Hoje, um stalker é alguém que padece de fixação obsessiva, ou uma doentia obsessão em monitorar atividades de outro indivíduo.

Quase dez por cento da população será submetida a alguma forma de perseguição ao longo da vida.

A maior parte dos stalkers tem ou tinha um relacionamento com a vítima. Contudo, em um número impressionante de casos, a fixação é focada em estranhos ou pessoas em locais públicos, e a coincidência desempenha um papel fundamental.

Embora a grande maioria dos casos nunca requeira intervenção, a polícia trata o fenômeno com seriedade porque a obsessão patológica de um stalker carrega um perigo inerente. Assim como as nuvens que atravessam áreas de alta e baixa pressão podem se transformar em um tornado, as oscilações emocionais de um stalker entre a adoração e o ódio podem, de repente, se tornar extremamente violentas.

São quinze para as nove de sexta-feira, 22 de agosto. Após dias de um pôr do sol mágico e noites claras do alto verão, a escuridão avança a uma velocidade surpreendente. Já está anoitecendo fora da Autoridade de Polícia Nacional.

Margot Silverman sai do elevador e caminha em direção às portas de segurança no saguão. Ela está vestindo um cardigã preto, uma blusa branca bem ajustada em volta do peito e uma calça preta cuja cintura alta se estica por sua barriga protuberante.

A passos lentos ela se dirige para as portas giratórias na parede de vidro.

O cabelo de Margot é da cor do lustroso assoalho de bétula e está preso em uma grossa trança que desce pelas costas. Ela tem olhos úmidos e bochechas rosadas. Aos trinta e seis anos, está grávida do terceiro filho.

Ela está voltando para casa depois de uma longa semana. Fez horas extras todos os dias e recebeu duas advertências pelo excesso de esforço.

Ela é a nova policial especialista em assassinos em série, assassinos-relâmpago e stalkers. O homicídio de Maria Carlsson é o primeiro caso pelo qual ela é responsável desde sua nomeação.

Não há testemunhas nem suspeitos. A vítima era solteira e não tinha filhos. Trabalhava como consultora de produtos para a rede de lojas Ikea e herdou a casa geminada, livre de hipoteca, depois que o pai morreu e a mãe foi para uma clínica de repouso.

Na maioria dos dias, Maria ia para o trabalho de carona com uma colega. Elas se encontravam na estrada Kyrk. Como naquela manhã Maria não apareceu, a colega foi até a casa dela, tocou a campainha, olhou pelas janelas, deu a volta pelos fundos e a viu. Ela estava sentada no chão, o rosto coberto por ferimentos à faca, o pescoço cortado quase de um lado ao outro, a cabeça pendendo e a boca estranhamente escancarada.

De acordo com a autópsia, havia evidências que sugeriam que a boca fora posicionada daquela forma depois da morte.

Quando foi indicada para comandar a investigação, Margot sabia que não poderia parecer muito agressiva. Ela tem uma tendência a ser ansiosa demais.

Seus colegas teriam dado risada se ela lhes dissesse que tinha absoluta certeza de que estavam lidando com um assassino em série.

Ao longo da semana, Margot assistiu mais de duzentas vezes ao vídeo de Maria Carlsson vestindo a meia-calça. Todas as evidências sugerem que ela foi assassinada logo depois de a filmagem ser postada no YouTube.

Margot não consegue ver nada que torne esse vídeo especial. Não é incomum que pessoas tenham um fetiche por meia-calça, mas nada com relação ao homicídio indica esse tipo de inclinação.

O vídeo é simplesmente um breve momento da vida de uma mulher comum. Ela era solteira, tinha um bom emprego e fazia aulas de desenho em quadrinhos à noite.

Não há como saber por que o criminoso estava em seu jardim, se por puro acaso ou resultado de uma operação cuidadosamente planejada, mas nos minutos que antecederam o assassinato ele a registrou em vídeo.

Uma vez que enviou o link para a polícia, ele deve ter desejado mostrar-lhes alguma coisa. Queria destacar algo a respeito dessa mulher em particular, ou de um certo tipo de mulher. Talvez sobre todas as mulheres.

Mas, aos olhos de Margot, não há nada de incomum no comportamento ou na aparência da mulher. Ela está simplesmente se concentrando em colocar direito a meia-calça.

Margot visitou a casa na estrada Bredablicks duas vezes, mas passou a maior parte do tempo examinando o vídeo da cena do crime antes de estar contaminada.

O filme do assassino quase parece uma obra de arte carinhosamente criada em comparação ao vídeo da cena do crime gerado pela polícia. O registro minuciosamente detalhado que a equipe forense fez das evidências é implacável. A mulher morta é filmada de vários ângulos, sentada com as pernas esticadas no chão, rodeada por sangue escuro. Seu sutiã está em farrapos, pendendo de um ombro, e um seio branco está pendurado sobre a saliência da barriga. Não restou quase nada de seu rosto, apenas uma boca escancarada rodeada de uma massa vermelha.

Margot se detém como que por acaso ao lado da fruteira, olha de relance para o policial, que está falando ao telefone, depois vira as costas para ele. Por alguns segundos, observa o reflexo do policial na parede de vidro, depois pega seis maçãs da fruteira e as coloca na bolsa.

Seis é demais, ela sabe disso, mas não consegue se conter. Ocorreu-lhe que Jenny poderia querer fazer uma torta de maçã naquela noite, com muita manteiga, canela e açúcar.

Seus pensamentos são interrompidos quando o telefone toca. Ela olha para a tela e vê uma foto de Adam Youssef, um membro da equipe de investigação.

— Você ainda está no prédio? — Adam pergunta. — Por favor, me diga que você ainda está aqui, porque nós...

— Estou sentada no carro na estrada Klarastrands — Margot mente. — Do que você precisa?

— Ele postou um novo vídeo.

Margot sente um frio na barriga e coloca uma das mãos sob a pesada saliência.

— Um novo vídeo — ela repete.

— Você vai voltar?

— Vou parar e dar meia-volta — responde, e começa a refazer seus passos. — Certifique-se de arranjar uma cópia decente da gravação.

Margot poderia simplesmente ter ido para casa, deixando o caso nas mãos de Adam. Bastaria um telefonema para providenciar um ano inteiro de licença-maternidade remunerada. O destino dela está por um fio. Ela não sabe o que esse caso trará, mas pode sentir sua gravidade, sua atração sombria.

A luz no elevador faz seu rosto parecer mais velho no reflexo das portas reluzentes. A linha grossa e escura de rímel ao redor dos olhos quase desapareceu. Quando inclina a cabeça para trás, percebe que está começando a se parecer com o pai, o ex-comissário.

O elevador para no oitavo andar e ela caminha ao longo do corredor vazio o mais rápido que sua barriga volumosa permite. Ela e Adam mudaram-se para a antiga sala de Joona Linna na mesma semana em que a polícia realizou uma cerimônia fúnebre para ele. Margot nunca conheceu Joona pessoalmente e não teve nenhum problema em assumir sua sala.

— Você tem um carro rápido — Adam diz quando ela entra, e em seguida sorri, mostrando os dentes afiados.

— Bota rápido nisso — Margot responde.

Adam ingressou na força policial depois de um breve período como jogador de futebol profissional. Ele tem vinte e oito anos, cabelo comprido e um rosto jovem e redondo. Sua camisa de mangas curtas está para fora da calça.

— Há quanto tempo o vídeo está disponível? — ela pergunta.

— Três minutos — Adam diz. — Ele está lá agora. Parado do lado de fora da janela e...

— Não sabemos disso, mas...

— Eu acho que está — ele a interrompe.

Margot pousa a pesada bolsa no chão, senta-se na cadeira e liga para a equipe forense.

— É Margot. Você baixou uma cópia? Escute, preciso de uma localização ou um nome. Todos os recursos que tiver. Você tem cinco minutos — faça o que quiser,

droga —, apenas me dê alguma coisa, e prometo que te deixo ir curtir sua noite de sexta-feira.

Ela abaixa o telefone e abre a caixa de pizza sobre a mesa de Adam.

— Você já terminou de comer isto aqui? — ela pergunta.

Há um zunido anunciando a chegada de um e-mail, e Margot rapidamente enfia na boca um pedaço da massa da pizza. Uma ruga de preocupação se aprofunda em sua testa. Ela clica no arquivo de vídeo e maximiza a imagem na tela, empurra a trança por cima do ombro e impulsiona a cadeira giratória para trás para que Adam possa ver.

A primeira cena é uma janela iluminada brilhando na escuridão. A câmera se aproxima lentamente das folhas que roçam a lente.

Margot sente os pelos dos braços se arrepiarem.

Uma mulher está diante de uma televisão, tomando sorvete de um pote. Ela puxou a calça de moletom para baixo e está se equilibrando sobre um dos pés. O outro pé está descalço.

Ela dá uma olhada na televisão e ri de alguma coisa, depois lambe a colher.

O único som na sede da polícia é da ventoinha do computador.

Apenas me dê um detalhe para continuar, Margot pensa enquanto olha para o rosto da mulher, cujo corpo parece exalar calor. Ela acabou de voltar de uma corrida. O elástico da calcinha está frouxo depois de muitas lavagens, e seu sutiã é claramente visível através da camiseta manchada de suor.

Margot se inclina mais para perto da tela, a barriga pressionando as coxas, e sua pesada trança cai para a frente por cima do ombro.

— Tem mais um minuto de vídeo — Adam diz.

A mulher coloca o pote de sorvete na mesa de centro e sai da sala, a calça de moletom ainda pendurada em um dos pés.

A câmera a segue, passando lateralmente por uma porta estreita até chegar à janela do quarto, onde a luz se acende e a mulher aparece. Ela dá um chute para se livrar da calça, que voa pelo ar, bate na parede atrás de uma poltrona com uma almofada vermelha e cai no chão.

A câmera se aproxima em um lento zoom e depois para do lado de fora da janela, oscilando de leve como se flutuasse.

— Era só ela olhar para cima que o veria — Margot sussurra, sentindo o coração acelerar.

A luz do quarto lança um leve reflexo sobre a parte superior da lente.

Adam está sentado com a mão sobre a boca.

A mulher tira a blusa, a joga na poltrona, depois fica parada por um momento com a calcinha desbotada e o sutiã manchado. Ela olha para o celular carregando sobre a mesinha de cabeceira. Suas coxas estão retesadas e bombeadas com sangue após a corrida, e o cós de elástico da calça deixou uma linha vermelha em sua barriga.

Não há tatuagens nem cicatrizes visíveis em seu corpo, apenas algumas sutis estrias de uma gravidez.

O quarto se parece com milhões de outros. Não há nada que valha a pena tentar rastrear.

A câmera treme, depois recua.

A mulher pega o copo de água da mesinha de cabeceira e o leva à boca. E o vídeo termina abruptamente.

— Porra, porra — Margot repete, irritada. — Nada, merda nenhuma.

— Vamos assistir de novo — Adam diz.

— Podemos assistir milhares de vezes — Margot diz, arrastando a cadeira mais para trás. — Tudo bem, que merda, vamos lá, mas o vídeo não vai nos dar porra nenhuma.

— Eu consigo ver uma porção de coisas. Consigo ver...

— Você consegue ver uma casa isolada, do século XX, algumas árvores frutíferas, rosas, janelas com vidros triplos, uma televisão de quarenta e duas polegadas, o sorvete da Ben & Jerry — ela diz, apontando para a tela do computador.

Nunca ocorrera a Margot como somos todos tão parecidos uns com os outros. Visto através de uma janela, um amplo espectro de suecos amolda-se ao mesmo padrão, a ponto de se tornarem intercambiáveis. Olhando de fora, parece que

vivemos exatamente da mesma maneira. Temos a mesma aparência, fazemos as mesmas coisas, possuímos os mesmos objetos.

— Caralho, que bizarro — Adam diz, furioso. — Por que ele está fazendo isso? Que droga ele quer?

Margot olha para fora pela janelinha, onde a silhueta das copas negras das árvores do Parque Kronoberg contrasta com o brilho nebuloso da cidade.

— Não há dúvida de que se trata de um assassino em série — ela diz. — Tudo o que podemos fazer é traçar um perfil inicial, para que possamos...

— De que jeito isso pode ajudá-la? — Adam a interrompe, passando a mão pelo cabelo. — Ele está do lado de fora da janela dela e você está falando sobre traçar perfil!

— Pode ajudar a próxima.

— Que porra é essa? A gente tem que...

— Cale a boca por um minuto — Margot o corta, pegando o telefone.

— Cale a boca você — Adam rebate, levantando a voz. — Eu tenho todo o direito de dizer o que penso. Não tenho? Acho que a gente deve falar com os jornais para que publiquem nos sites deles a foto dessa mulher.

— Adam, escute. Por mais que gostemos da ideia de identificá-la, não temos nada com que seguir em frente. Vou falar com a perícia, mas duvido que encontrem algo a mais do que acharam da última vez.

— Mas se colocarmos a foto dela para circular...

— Eu não tenho tempo para isso agora — Margot vocifera. — Pense por um minuto. Tudo indica que ele postou o vídeo diretamente da casa dela, então há uma chance teórica de salvá-la.

— Isso é exatamente o que estou dizendo!

— Mas cinco minutos já passaram.

Adam se inclina para a frente e encara Margot. Os olhos dele estão injetados, e o cabelo, em pé.

— Então vamos simplesmente desistir?

— Temos que pensar antes de agir — ela responde. — Não podemos fazer movimentos errados.

— Eu sei — ele diz, irritado.

— O assassino está confiante. Ele sabe que está muito à frente de nós — Margot explica enquanto pega a última fatia de pizza. — Mas quanto mais conseguirmos conhecê-lo...

— Conhecê-lo? Tudo bem, mas não é bem nisso que estou pensando agora. — Adam enxuga o suor do lábio superior. — Não foi possível rastrear o vídeo anterior, não encontramos nada na cena do crime nem conseguiremos rastrear este aqui também.

— É improvável que tenhamos alguma evidência forense, mas podemos tentar identificá-lo analisando os vídeos e a brutalidade de seu modus operandi — Margot responde, sentindo o bebê se mexer dentro dela. — O que vimos até agora? O que ele nos mostrou e o que ele está vendo?

— Uma mulher que saiu para dar uma corrida e agora está tomando sorvete e assistindo à televisão — ele diz, hesitante.

— O que isso nos diz sobre o assassino?

— Que ele gosta de mulheres que tomam sorvete?!

Ele suspira e esconde o rosto nas mãos.

— Ora, vamos lá.

— Desculpe, mas...

— Estou pensando no fato de que o assassino envia um vídeo mostrando o período que antecede o assassinato — ela diz. — Ele não tem pressa, desfruta do momento e quer nos mostrar a mulher viva, quer preservá-la viva em vídeo. Talvez o interesse dele esteja na pessoa viva.

— Um voyeur.

Adam sente uma alfinetada de desconforto nos braços.

— Um stalker — ela sussurra.

Adam vira-se para o computador e acessa o banco de dados da polícia.

— Diga-me como devo filtrar essa lista de canalhas ex-condenados — ele diz.

— Um estuprador, estupros violentos, alguém com fixação obsessiva.

Ele digita rapidamente, clica no mouse e digita um pouco mais.

— Muitos resultados — ele diz. — O tempo está acabando.

— Tente o nome da primeira vítima.

— Sem resultados.

Ele passa a mão pelo cabelo.

— Um estuprador em série que tenha sido submetido a tratamento, possivelmente castração química — Margot diz, pensando em voz alta.

— Precisamos verificar e cruzar os bancos de dados, mas vai demorar muito — ele diz, levantando-se da cadeira e andando de um lado para o outro. — Isso não está funcionando. O que diabos vamos fazer?

— Ela está morta — Margot diz, inclinando-se para trás. — Ela pode até ter mais alguns minutos, mas...

— Podemos vê-la — Adam diz. — Podemos ver o rosto dela, a casa. Meu Deus, podemos ver a vida dela, mas não somos capazes de descobrir quem ela é até que alguém encontre seu cadáver.

Susanna Kern sente as coxas formigando por causa da corrida quando empurra a calça suada para baixo e a chuta na direção da cadeira.

Desde que completou trinta anos, ela corre cinco quilômetros três noites por semana. Depois da corrida de sexta-feira, geralmente toma sorvete e assiste à televisão, já que Björn só chega em casa lá pelas dez horas.

Quando Björn conseguiu o emprego em Londres, ela pensou que se sentiria solitária, mas rapidamente passou a apreciar as horas que tinha para si mesma nas semanas em que Morgan ficava com o pai.

Ela precisa desse tempo livre mais do que nunca desde que começou a fazer um exigente curso de neurologia avançada no Instituto Karolinska.

Ela tira o sutiã esportivo suado. Até onde sua memória alcança, não consegue se lembrar de um verão tão quente.

Um som rascante faz com que ela se volte para a janela.

O quintal está às escuras, e tudo o que ela consegue ver é o reflexo do quarto. Parece um cenário de teatro ou um estúdio de televisão. Ela acabou de fazer sua entrada em cena e está de pé sob os holofotes.

Só me esqueci de colocar uma roupa, pensa ironicamente.

Ela se detém por um momento, olhando para seu corpo nu. A iluminação é dramática e faz o seu reflexo parecer mais magro do que ela de fato é.

Ela ouve o barulho rascante novamente, como se alguém estivesse passando as unhas pelo parapeito da janela. Está escuro demais para ver se há alguém lá.

Susanna fita a janela e, cautelosa, caminha em direção a ela, tentando ver através do reflexo. Pega a colcha azul-escura e a ergue para se cobrir. Ela estremece.

Relutantemente, inclina o rosto contra o vidro. O quintal torna-se visível, como um mundo cinza-escuro.

Ela vê a grama, os arbustos altos, o balanço de Morgan agitando-se no vento e, atrás da casa de brinquedos, as vidraças para o solário que nunca chegaram a construir.

Sua respiração embaça a janela enquanto ela se endireita e fecha a cortina rosa-escuro. Ela deixa a colcha grossa cair no chão e caminha nua em direção à porta.

Um arrepio percorre sua espinha e ela se volta para a janela. Uma nesga de vidro está brilhando no espaço entre as cortinas.

Ela pega o telefone sobre a mesinha de cabeceira e liga para Björn, e enquanto espera a ligação se completar, não consegue evitar encarar a janela.

— Oi, querida — ele responde, em voz muito alta.

— Você está no aeroporto?

— O quê?

— Você está no...

— Eu estou no aeroporto, só comendo um hambúrguer no O’Leary, e...

A voz dele desaparece quando um grupo de homens ao fundo berra e aplaude.

— O Liverpool acabou de marcar de novo — ele explica.

— Uhu — ela diz, sem entusiasmo.

— Sua mãe me ligou para perguntar o que você quer ganhar de presente de aniversário.

— Que gracinha — ela diz.

— Falei que você gostaria de calcinhas transparentes — ele brinca.

— Obrigada.

Ela olha para o vidro tremeluzente entre as cortinas quando a linha telefônica estala.

— Está tudo bem em casa? — a voz de Björn diz no ouvido dela.

— Eu estava me sentindo um pouco assustada com a escuridão.

— O Ben está aí?

— Na frente da televisão — ela responde.

— E o Jerry?

— Os dois estão me esperando — ela sorri.

— Estou com saudade — ele diz.

— Cuidado para não perder o voo — ela sussurra.

Eles conversam mais um pouco, depois se despedem e mandam beijos um ao outro. A linha emudece e ela se pega pensando em um paciente que havia sido internado na noite anterior. Um jovem que bateu de moto e não estava usando capacete, o que resultou em graves ferimentos na cabeça. O pai dele foi direto do trabalho para o hospital, saindo do turno da noite. Ainda estava vestindo seu macacão sujo e uma máscara de respiração pendurada no pescoço.

Segurando o quimono rosa à frente do corpo, Susanna volta para a sala e fecha as pesadas cortinas.

O silêncio se instala na sala.

As cortinas balançam diante das janelas, e ela tem um calafrio ao se afastar delas.

Ela prova o sorvete. Está mais mole agora, na consistência certa. O encorpado sabor do chocolate enche sua boca.

Susanna coloca o pote no chão e vai até o banheiro. Tranca a porta e liga o chuveiro, depois solta o rabo de cavalo e coloca o elástico de cabelo na borda da pia.

Ela solta um suspiro à medida que a água quente cai e envolve seu corpo. Seus ouvidos estão retumbando, enquanto os ombros relaxam e os músculos se distensionam. Ela se esfrega e passa a mão entre as pernas, notando que os pelos já começaram a crescer desde a última vez que se depilou.

Susanna passa a mão no vidro do boxe para desembacá-lo e poder enxergar a maçaneta e a tranca da porta do banheiro.

Sua mente teima em voltar para o que ela achou ter visto na janela do quarto enquanto puxava a colcha em torno de si.

Descartou isso como um truque de sua imaginação. Nem sequer conseguia enxergar através do vidro.

O quarto estava muito claro e do lado de fora estava escuro demais.

Mas, no reflexo da colcha escura, pensou ter visto um rosto encarando-a.

No momento seguinte o rosto desapareceu, e ela percebeu que devia ter se enganado, mas agora era impossível não pensar que talvez tivesse sido real.

Não era uma criança, mas talvez fosse algum vizinho que tinha saído à procura de seu gato e parou para dar uma olhada nela.

Susanna fecha a água. Seu coração bate acelerado quando ela se dá conta de que a porta da cozinha está aberta. Como ela podia ter se esquecido disso? Ela vinha mantendo a porta aberta durante todo o verão para deixar entrar o ar frio da noite, mas geralmente a fecha e tranca antes de tomar banho.

Mais uma vez ela desembaca o vidro do boxe e verifica a fechadura na porta. Nada mudou. Pega a toalha e pensa em ligar para Björn e pedir que ele fique na linha enquanto ela vasculha a casa.

Ao sair do banheiro, Susanna pode ouvir aplausos na televisão. A fina seda do quimono adere a sua pele úmida.

Há uma corrente de ar frio ao longo do piso.

Seus pés deixam pegadas molhadas no desgastado assoalho de parquet.

Das janelas da sala de jantar vem um brilho sombrio. Vidro preto reluzindo atrás das samambaias penduradas. Susanna tem a sensação de que está sendo observada, mas se obriga a não olhar lá fora. Ela não quer se assustar ainda mais.

No entanto, enquanto se aproxima da cozinha, mantém distância da porta fechada que dá acesso ao porão.

Seu cabelo molhado encharca a parte de trás do quimono. De tão molhado, goteja dentro do tecido, escorrendo pelo traseiro.

Quanto mais perto Susanna chega da cozinha, mais frio fica o chão.

O coração dela bate com força.

Mais uma vez ela se flagra pensando no rapaz com graves ferimentos na cabeça. Ele estava sedado. Seu rosto inteiro foi esmagado, empurrado em direção às têmporas. O pai do rapaz insistia em repetir que não havia nada de errado com o filho. O homem precisava muito de alguém com quem conversar, mas Susanna não tinha tempo.

Agora ela está imaginando que aquele pai, um homem parrudo, a encontrou, que a culpa e que está de pé do lado de fora da porta da cozinha, vestindo seu macacão encardido.

Há uma música diferente na televisão. Ela reconhece como o tema de abertura de um popular concurso de canto.

Sopra uma brisa que atravessa toda a cozinha. A porta está escancarada e as persianas verticais tremulam no ambiente. Ela caminha devagar para a frente. É difícil enxergar alguma coisa por trás da cortina.

Ela estende a mão, empurra as persianas para o lado, seus dedos passam por elas e agarram a maçaneta.

O chão está frio por causa do ar da noite que inunda a cozinha.

Seu quimono escorrega.

Ela vê que o quintal está deserto. Os arbustos se agitam ao vento, o balanço oscilando de modo rítmico.

Ela rapidamente fecha a porta, sem se incomodar com o fato de que um pedaço da cortina ficou espremido, e, às pressas, consegue trancá-la, depois arranca a chave e se afasta.

Ela coloca a chave no pote de moedas e ajeita o quimono.

Pelo menos está trancada agora, ela pensa, quando ouve um rangido a suas costas.

Ela gira e então sorri da própria reação. Era apenas a janela da sala se assentando quando o fluxo de ar cessou.

Na televisão, a plateia está vaiando e assobiando, em protesto contra a decisão dos jurados.

Susanna pensa em pegar o telefone no quarto e ligar para Björn. A essa altura ele devia estar esperando no portão de embarque. Ela quer ouvir a voz dele enquanto esquadrinha a casa antes de se acomodar na frente da televisão. De outra forma ela não vai conseguir relaxar. O único problema é que no porão o telefone não funciona, lá não há sinal. Talvez ela possa colocar o telefone no viva-voz e deixá-lo no meio do caminho, nos degraus da escada.

Ela diz a si mesma que não tem que se esgueirar em sua própria casa, mas é inevitável mover-se em silêncio.

Passa pela porta fechada de acesso ao porão, vê pelo canto dos olhos as janelas escuras na sala de jantar e continua em direção à sala de estar.

Ela sabe que trancou a porta da frente, mas ainda assim quer ir até lá e checar.

A janela aberta na sala de estar faz um ruído de assobio, e a cortina está sendo sugada por entre a fresta.

Ela caminha em direção à sala de jantar e percebe que as flores silvestres no vaso sobre a pesada mesa de carvalho ficaram sem água. Então ela se detém abruptamente.

Seu corpo inteiro parece congelar.

As três janelas da sala de jantar funcionam como grandes espelhos. A luz do teto ilumina a mesa e as oito cadeiras, e atrás delas há um vulto.

Susanna fita o reflexo da sala, seu coração batendo com tanta força que quase a ensurdece.

Na porta de entrada há alguém empunhando uma faca de cozinha.

Ele está dentro. Está dentro de casa, Susanna pensa.

Ela trancou a porta da cozinha quando deveria ter fugido.

Devagar, Susanna se move para trás.

O intruso está completamente imóvel, de costas para a sala de jantar, encarando o corredor da cozinha.

A comprida faca está pendurada em sua mão direita, que se contrai, impaciente. Susanna se afasta, os olhos cravados na figura. Seu pé direito desliza pelo chão e o assoalho range de leve.

Ela tem que sair, mas se tentar chegar à cozinha, estará visível. Talvez consiga alcançar a chave, mas também pode ser que não.

Ela continua se afastando com cautela, mantendo os olhos no reflexo.

O piso range sob seu pé esquerdo e ela se detém e observa a figura virar-se para a sala de jantar. Ele olha para cima e a vê nas janelas escuras.

Susanna dá outro passo para trás. O intruso começa a andar em sua direção. Ela deixa escapar um gemido quando se vira e corre para a sala de estar.

Ela escorrega no tapete e bate o joelho no chão, usando as mãos como anteparo para amortecer a queda, arfando de dor.

Há o som de uma cadeira batendo na mesa de jantar.

Ao se levantar, Susanna esbarra em uma luminária. Ela atinge a parede antes de tombar com estrépito no chão.

Ela ouve passos rápidos atrás de si.

Sem olhar em volta, corre com ímpeto banheiro adentro e tranca a porta. O ar ali ainda está quente e úmido.

Isto não pode estar acontecendo, ela pensa, em pânico.

Passa correndo pela pia e pelo vaso sanitário e arranca a cortina da janelinha. Suas mãos estão tremendo enquanto se esforça para abrir um dos ferrolhos. Está emperrado. Ela tenta se acalmar. Fuça a tranca, puxa para o lado e consegue abrir a primeira lingueta no instante em que ouve um som rascante na fechadura da porta do banheiro. Susanna se arremessa de volta e agarra a maçaneta tão logo ela começa a girar. Aferra-se a ela com as duas mãos.

O intruso enfiou uma chave de fenda, ou possivelmente as costas da lâmina da faca, na pequena abertura do outro lado da fechadura. Susanna está segurando a maçaneta, mas treme tanto que está com medo de perder o controle e soltá-la.

— Deus, isto não pode estar acontecendo — ela sussurra para si mesma. — Isto não está acontecendo, não pode estar acontecendo...

Ela olha de relance na direção da janela. É pequena demais para que consiga se jogar através dela. Sua única esperança de escapar é correr até a janela, destravar o segundo ferrolho, abri-la por inteiro e depois empoleirar-se e deslizar para fora. Mas não pode soltar a maçaneta.

Ela nunca sentiu tanto medo. É um pavor profundo, mortal, além de qualquer controle.

A tranca parece quente e escorregadia sob os dedos tensos. Há um som metálico de raspagem do outro lado.

— Olá? — ela diz em direção à porta.

O intruso tenta abrir a porta com uma torção rápida, mas Susanna está preparada e consegue resistir.

— O que você quer? — ela pergunta, com o máximo de tranquilidade na voz que é capaz de demonstrar. — Você precisa de dinheiro? Se é isso, posso te ajudar. Isso não é problema.

Ela não recebe resposta, mas ouve o raspar de metal contra metal e sente a vibração através da fechadura.

— Você pode procurar, mas não há nada de muito valioso em casa. A televisão é relativamente nova, porém...

Ela para de falar, porque sua voz está tremendo tanto que é difícil entender o que está dizendo. Ela aperta a maçaneta com força. Precisa manter a calma. Seu medo é perigoso e pode provocar o intruso.

— A minha bolsa está pendurada na entrada — ela diz, e em seguida engole em seco. — Uma bolsa preta. Nela há uma carteira com algum dinheiro e um cartão Visa. Eu acabei de receber meu salário. Posso te dar a minha senha, se você quiser.

O intruso para de tentar virar a fechadura.

— Tá legal, escute, a senha é três-nove-quatro-cinco — ela diz para a porta. — Eu não vi seu rosto. Você pode pegar o dinheiro, e vou esperar até amanhã antes de avisar a operadora do cartão.

Ainda segurando com toda a força a maçaneta, Susanna encosta o ouvido à porta e acha que consegue ouvir passos pelo chão afastando-se, antes que um intervalo comercial na televisão abafe todos os outros sons.

Ela não sabe se foi uma decisão idiota dar ao intruso a sua senha verdadeira do cartão, mas ela só quer que isto acabe. Está mais preocupada com suas joias, especialmente o anel de noivado de sua mãe e o colar com as grandes esmeraldas que ganhou depois que Morgan nasceu.

Susanna espera atrás da porta e continua dizendo a si mesma que isto ainda não acabou, que ela não pode perder a concentração.

Com cuidado, ela troca de mão na maçaneta, sem soltá-la. Seu polegar e indicador direitos ficaram dormentes. Ela sacode a mão e aguça os ouvidos. Faz mais de meia hora que ela deu ao intruso o número de sua senha.

Provavelmente era apenas um drogado que viu uma porta de cozinha aberta e entrou para procurar objetos de valor.

O programa de TV está terminando. Mais comerciais e, depois deles, o noticiário. Ela muda de mão novamente e aguarda.

Depois de mais dez minutos, ela se deita no chão e espia por debaixo da porta. Não há ninguém do outro lado.

Ela pode ver um grande trecho do assoalho de parquet e consegue enxergar também debaixo do sofá. O brilho da televisão reflete o verniz do piso.

Tudo está quieto.

Arrombadores não são violentos. Eles só querem dinheiro.

Trêmula, ela se levanta e agarra de novo a maçaneta, depois fica imóvel com o ouvido colado à porta, escutando as notícias e a previsão do tempo.

Agarrando o rodinho de limpar o boxe do chuveiro como uma arma, ela se endireita e destranca com cautela a porta.

A porta se abre sem um único som.

Ela pode ver a maior parte da sala pelo corredor. Não há nem sinal do intruso. É como se ele nunca tivesse estado lá.

Com as pernas bambas de medo, ela sai do banheiro.

Todos os seus sentidos se aguçam à medida que se aproxima da sala de estar.

Ela ouve um cachorro latir ao longe.

Com cuidado, avança e vê a luz do televisor brincar nas cortinas fechadas, no sofá e na mesinha de centro de vidro com a caixa de sorvete.

Ela está planejando ir para o quarto e pegar o telefone, depois trancar-se no banheiro novamente e ligar para a polícia.

A sua esquerda, ela vê o armário com frente de vidro contendo a coleção de estatuetas de porcelana de Dresden que Björn herdou. Seu coração bate mais rápido. Está quase no final do corredor, de onde poderá enxergar o caminho todo até o vestíbulo.

Ela dá um passo para dentro da sala de estar, olha em volta e observa que a sala de jantar está vazia, antes de perceber que o intruso está bem ao seu lado, a um passo de distância.

A facada é tão rápida que ela não tem tempo para reagir. A lâmina afiada entra direto no peito.

Seus músculos se contraem em um profundo espasmo.

Seu coração nunca bateu com tanta força. O tempo está parado. Ela ainda não acredita que isto esteja acontecendo.

A faca é retirada. Ela pressiona com a mão o ferimento e sente o sangue quente esguichando por entre os dedos. O rodinho cai no chão enquanto ela cambaleia para o lado. Sua cabeça está pesada, e ela pode ver borrifos de sangue espalhados pelas capas de chuva penduradas no corredor da entrada. A luz parece bruxulear, e ela tenta dizer que deve ser algum tipo de mal-entendido, mas não tem voz.

Ela se vira e caminha em direção à cozinha. Sente estocadas rápidas nas costas e sabe que está sendo repetidamente esfaqueada.

Susanna tropeça e tomba de lado, fazendo com que o armário bata na parede e derrube todas as estatuetas de porcelana com um estrondo tilintante.

Seu coração está acelerado enquanto o sangue escorre por dentro do quimono. Ela sente uma dor terrível no peito.

Seu campo de visão encolhe para um túnel.

Seus ouvidos ribombam, e ela tem consciência de que o intruso está gritando alguma coisa, mas as palavras são ininteligíveis.

Seu queixo voa para cima quando o intruso agarra seu cabelo. Ela tenta se segurar numa poltrona, mas perde o controle.

Suas pernas cedem e ela desmorona, caindo de costas.

É tomada por uma sensação de queimação no peito e emite uma tosse fraca.

Sua cabeça pende de lado, e ela pode ver que há uma pipoca velha no meio da poeira debaixo do sofá.

Em meio ao rugido em sua cabeça, consegue ouvir gritos estranhos. Sente rápidas estocadas na barriga e no peito.

Ela esperneia tentando se desvencilhar, pensando que precisa voltar para o banheiro, mas o chão embaixo dela é escorregadio, e já não lhe resta mais energia.

Susanna tenta virar-se de lado, porém o intruso a agarra pelo queixo e crava a faca no rosto dela. Não dói mais. Sua cabeça está girando. Ela não consegue

acreditar que isso esteja acontecendo. O choque e a desorientação ofuscam a sensação precisa e íntima de ter o rosto cortado.

A lâmina penetra o pescoço, o peito e novamente o rosto. Os lábios e bochechas dela se enchem de calor e dor.

Susanna percebe que não vai sobreviver. Uma angústia fria como gelo se abre feito um abismo quando ela para de lutar por sua vida.

O psiquiatra Erik Maria Bark está recostado em sua poltrona de pele de carneiro cinza-clara. Ele tem um imenso escritório em casa, com piso de carvalho envernizado e estantes embutidas. Sua elegante residência de tijolos escuros fica na parte mais antiga do distrito de Gamla Enskede, ao sul de Estocolmo.

É o meio do dia, mas ele esteve de plantão na noite anterior e precisa muito de algumas horas de sono.

Fecha os olhos e pensa em quando Benjamin, seu filho, era pequeno e gostava de ouvir como a Mamãe e o Papai se conheceram. Erik se sentava na beira da cama e explicava que Cupido realmente existia. Ele vivia entre as nuvens e tinha a aparência de um menino gorducho com um arco e flecha nas mãos.

— Numa noite de verão, o Cupido olhou para baixo e me avistou aqui na Suécia — explicava Erik ao filho. — Eu estava em uma festa de faculdade, abrindo caminho através da multidão no terraço, quando o Cupido rastejou até a borda de sua nuvem e disparou uma flecha para baixo em direção à Terra.

“Eu estava perambulando pela festa, batendo papo com amigos, comendo amendoim e conversando com o chefe do departamento. E uma mulher de cabelo loiro-avermelhado e uma taça de champanhe na mão olhou na minha direção. Naquele exato momento, a flecha do Cupido me atingiu no coração.”

Depois de quase vinte anos de casamento, Erik e Simone concordaram em se separar, mas quem realmente quis foi ela.

Quando se inclina para a frente a fim de apagar a luz, Erik capta um vislumbre de seu rosto cansado no estreito espelho junto à estante de livros. As linhas em sua testa e os vincos em suas bochechas estão mais profundos do que nunca. Seu cabelo castanho-escuro está salpicado de cinza. Ele deveria cortar o cabelo. Alguns fios soltos estão pendurados na frente de seus olhos e ele os joga para longe com um movimento de cabeça.

Quando Simone lhe disse que tinha conhecido John, Erik percebeu que estava tudo acabado. Benjamin mostrou-se bastante tranquilo sobre a coisa toda, e costumava provocá-lo dizendo que seria legal ter dois pais.

Benjamin tem dezoito anos agora e mora no casarão em Estocolmo com Simone, o novo marido dela, seus meios-irmãos, meias-irmãs e os cachorros.

Erik desvia a atenção do espelho e olha para a velha mesa de fumar. Em cima dela está a mais recente edição do periódico *American Journal of Psychiatry* e uma cópia das *Metamorfoses* de Ovídio, com uma cartela pela metade de soníferos fazendo as vezes de marcador de página. Ele puxa a cartela de dentro do livro e coloca um comprimido na palma da mão, tentando descobrir quanto tempo seu corpo levaria para absorver a substância ativa, mas depois desiste. Só para ter certeza, ele quebra o comprimido ao meio ao longo do pequeno sulco, sopra o pó solto para se livrar do gosto amargo, depois engole uma metade.

A chuva escorre pelas janelas enquanto os sons suaves de “Dear Old Stockholm” de John Coltrane fluem pelos alto-falantes.

O calor químico do comprimido se espalha por seus músculos. Ele fecha os olhos e aprecia a música.

Erik é um psiquiatra especializado em trauma psicológico e aconselhamento pós-desastres.

Ele trabalhou para a Cruz Vermelha em Uganda por cinco anos. Passou quatro anos no Instituto Karolinska chefiando um inovador projeto de pesquisa em terapia de grupo envolvendo hipnose profunda. É membro da Sociedade Europeia de Hipnose e é considerado uma das principais autoridades internacionais em hipnoterapia clínica.

No momento, faz parte de uma pequena equipe que estuda pacientes gravemente traumatizados e pós-traumáticos. Ele e os colegas são chamados com frequência para ajudar a polícia e os promotores em interrogatórios com vítimas.

Erik usa a hipnose para ajudar as testemunhas a relaxar, de modo que possam lidar com situações traumáticas.

Em três horas, ele precisa estar em uma reunião no Karolinska, e até lá espera dormir o maior tempo possível.

Ele é arrastado para um sono profundo e começa a sonhar que está carregando um homem velho e barbudo por uma casa muito pequena. Simone está gritando com ele por trás de uma porta fechada, quando o telefone toca.

Erik dá um pulo e se atrapalha com o telefone. Seu coração está batendo forte por conta da ansiedade de ser arrancado de um estado de sono profundo.

— Simone — ele atende, grogue.

— Ah, olá, Simone — Nelly brinca. — Será que não é hora de desistir desses cigarros franceses? Pela sua voz, eu poderia jurar que você era um homem.

Erik sorri, sentindo o peso do sonífero em sua cabeça.

— Tudo bem, Nelly. Você me pegou.

Nelly Brandt é psicóloga e a colega mais próxima de Erik no Hospital Karolinska.

— Ouça, Erik — ela diz, e só então ele percebe o estresse em sua voz. — A polícia está no hospital, e eles estão bem nervosos. Trouxeram um novo paciente que está em estado de choque.

Erik esfrega os olhos e tenta ouvir o que Nelly está dizendo sobre o paciente. Ele aperta os olhos na direção da janela que fica de frente para a rua enquanto a água escorre pelo vidro.

— Estamos verificando o estado somático dele e realizando exames de rotina — ela diz. — Sangue e urina, estado do fígado, função renal e tireoide.

— Boa.

— Erik, o tenente pediu especificamente a sua presença. É minha culpa. Aconteceu de eu deixar escapar que você era o melhor.

— Bajulação não funciona comigo — ele diz, pondo-se de pé, mas cambaleante. Ele esfrega o rosto com a mão e em seguida escora-se na mobília enquanto avança em direção à escrivaninha.

— Eu odeio incomodar você, mas isso é urgente. Você pode vir o mais rápido possível? — ela pergunta.

— Sim, mas eu...

— Ótimo. Você é um super-herói. Eu vou dizer à polícia que você está a caminho.

Debaixo da escrivaninha há um par de meias pretas, um recibo de táxi e um carregador de celular. Quando ele se inclina para pegar as meias, o chão vem correndo para encontrá-lo, e ele quase cai, mas se detém a tempo.

Os objetos sobre a mesa se fundem e se espalham na visão dupla de Erik. As canetas de prata irradiam reflexos indistintos.

Ele estende o braço para pegar um copo meio vazio de água, toma um gole e diz a si mesmo para dar um jeito de se recompor.

O Hospital Universitário Karolinska é um dos maiores da Europa, com mais de quinze mil funcionários. A Clínica de Psicologia é separada do restante do vasto hospital. Embora não sobressaia para quem se aproxima a partir da rua, visto de cima o prédio se parece com um entalhe em pedra de um navio viking.

Os pneus do carro rangem suavemente quando Erik manobra para entrar no estacionamento.

Nelly está nos degraus esperando por ele com duas canecas de café. Ela é muito alta e magra. Seu cabelo descolorido é sempre impecável e sua maquiagem é sempre de bom gosto.

Erik com frequência se encontra com Nelly e o marido dela, Martin, o principal acionista do grupo de telecomunicações Datamatrix Nordic. Na verdade, Nelly não precisa trabalhar. Mas ela é boa no que faz, e certa vez confessou a Erik que, sem a própria carreira, ficaria inquieta.

Nelly observa o BMW de Erik parar na vaga do estacionamento e caminha até ele, uma caneca em cada mão. Sopra uma delas e beberica um cauteloso gole antes de colocá-la em cima do teto do carro enquanto abre a porta do passageiro.

— Eu não sei do que se trata. A tenente da polícia parece bastante tensa — ela diz, passando-lhe a outra caneca por cima do banco.

— Obrigado.

— Expliquei a ela que sempre colocamos nossos pacientes em primeiro lugar — Nelly diz entrando no carro e fechando a porta. — Merda! Deus, desculpe. Você tem algum lenço de papel? Derramei um pouco de café no banco.

— Não se preocupe.

O cheiro de café se espalha pelo carro, e Erik fecha os olhos por um momento. — Me conta o que eles disseram.

— Nada que eu não tenha dito a você. A vadia, quero dizer, adorável policial, quer falar diretamente com você.

— Há alguma coisa que eu deveria saber antes de entrar? — ele pergunta, abrindo a porta do carro.

— Eu disse à mulher que ela poderia esperar na sua sala e vasculhar suas gavetas.

— Obrigado pelo café. As duas canecas — ele diz, quando saem do carro.

Erik aciona a trava elétrica do carro, enfia as chaves no bolso, passa a mão pelo cabelo e vai em direção à clínica.

— Boa sorte! — ela diz em voz alta atrás dele.

Ele entra e passa o cartão de acesso pelo leitor eletrônico, depois percorre o corredor até sua sala. Ainda se sente grogue, e lhe ocorre que realmente precisa manter os comprimidos sob controle. Os soníferos o fazem cair em um sono profundo demais. É quase como se estivesse se afogando. Seus sonhos drogados começaram a parecer claustrofóbicos. Na noite anterior ele teve um pesadelo sobre dois cachorros que tinham se transformado um no outro, e na semana passada adormeceu na clínica e teve um sonho erótico com Nelly. Ele não consegue se recordar da maior parte, mas se lembra de que ela estava de joelhos na frente dele, entregando-lhe uma bola de vidro fria.

Seus pensamentos se dissipam quando ele vê a detetive sentada em sua cadeira com os pés apoiados sobre a lata de lixo. Ela está segurando com uma das mãos sua enorme barriga, e, com a outra, uma lata de coca-cola. Sua testa está franzida e ela está respirando pela boca entreaberta.

Seu distintivo está sobre a mesa, e ela se apresenta fazendo um gesto cansado na direção do documento.

— Margot Silverman. Departamento Nacional de Investigação Criminal.

— Erik Maria Bark — ele diz, apertando a mão dela.

— Obrigada por ter vindo assim tão de imediato — ela diz, umedecendo os lábios. — Temos uma testemunha traumatizada, e todo mundo me diz que você é a pessoa que preciso ter na sala comigo. Já tentamos interrogá-lo quatro vezes.

— Eu devo ressaltar — Erik diz — que somos cinco em nossa unidade, e que nunca participo de interrogatórios com criminosos ou suspeitos de crimes.

A luz da lâmpada do teto reflete os olhos claros da detetive. Seu cabelo encaracolado está tentando escapar da grossa trança.

— Tudo bem, mas Björn Kern não é um suspeito. Ele trabalha em Londres e estava a bordo de um avião voltando para casa quando alguém assassinou a esposa dele. — Ela aperta a lata de coca-cola, fazendo o metal fino ranger.

— Ah — Erik diz.

— Ele pegou um táxi no aeroporto de Arlanda e a encontrou morta — a tenente continua. — Não sabemos exatamente o que ele fez depois disso. Certamente esteve ocupado. Não temos certeza de onde ela estava originalmente caída, mas a encontramos aninhada e coberta na cama no quarto do casal. Ele limpou a bagunça também, limpou o sangue. Ele alega que não se lembra de nada, mas a mobília foi removida e o tapete encharcado de sangue já estava na máquina de lavar. Ele foi

encontrado a mais de um quilômetro da casa. Um vizinho quase o atropelou na estrada. Ele ainda estava usando o terno ensopado de sangue e estava descalço.

— Eu vou vê-lo. Mas devo dizer, desde já, que seria errado tentar arrancar informações dele à força.

— Ele tem que falar — Margot diz, teimosamente, apertando com mais força a lata.

— Eu entendo sua frustração, mas ele pode entrar em uma psicose se for submetido a pressão demais. Dê-lhe tempo e ele dirá tudo o que você precisa.

— Você já ajudou a polícia antes, não é?

— Muitas vezes.

— Mas desta vez... este é o segundo assassinato no que parece ser uma série — ela diz.

— Uma série?

O rosto de Margot parece envelhecer, e as finas rugas em volta dos olhos são enfatizadas pela luz.

— Estamos caçando um assassino em série.

— Tudo bem, eu entendo, mas o paciente precisa...

— Este assassino entrou em uma fase ativa e não vai parar por vontade própria — ela o interrompe. — E, do meu ponto de vista, Björn Kern é um desastre. Primeiro ele sai pela casa reorganizando tudo na cena do crime antes de a polícia chegar lá, e agora não conseguimos que nos diga como as coisas estavam quando ele chegou.

Margot deixa os pés caírem no chão, sussurra para si mesma que eles precisam ir agora, e depois fica ali sentada, ofegante, as costas rígidas.

— Se nós o pressionarmos agora, ele pode se calar para sempre — Erik diz, enquanto abre o armário e retira o estojo contendo sua câmera de vídeo.

Ela se põe de pé, colocando a lata sobre a mesa, pega o distintivo e anda pesadamente em direção à porta.

— É óbvio que eu sei que ele passou pelo inferno, mas vai ter que se recompor e...

— Sim, mas é mais que isso. Talvez seja realmente impossível para ele pensar nisso no momento. — Erik responde. — Porque o que você descreveu parece uma resposta crítica ao estresse e...

— Isso são apenas palavras — ela o interrompe, as bochechas ruborizadas de irritação.

— Um trauma mental pode ser seguido por um agudo bloqueio...

— Por quê? Eu não acredito nisso — ela corta.

— Como você deve saber, nossas memórias espaciais e temporais são organizadas pelo hipocampo, e essa informação é então enviada para o córtex pré-

frontal — Erik responde pacientemente, apontando para a testa. — Mas tudo isso muda em momentos de extrema agitação e em casos de choque. Quando a amígdala identifica uma ameaça, tanto o sistema nervoso autônomo quanto o que é conhecido como o eixo do cortisol são ativados e...

— Entendi. Um bocado de coisas acontece no cérebro.

— O importante é que esse grau de estresse significa que as memórias não são armazenadas da forma como normalmente costumam ser. Elas ficam congeladas, como cubos de gelo, separadas. Trancafiadas.

— Você está dizendo que ele está fazendo o melhor que pode — Margot rebate, colocando a mão sobre a barriga. — Mas talvez Björn tenha visto algo que possa nos ajudar a parar esse assassino. Você tem que fazer com que ele se acalme e comece a falar.

— Eu vou, mas não posso dizer quanto tempo isso vai levar. Trabalhei em Uganda com pessoas que sofreram traumas da guerra, pessoas cuja vida foi completamente destruída. É necessário proceder com cautela e usar segurança, sono, conversa, exercícios, medicação...

— Hipnose não? — ela pergunta, cortando-o com um sorriso involuntário.

— Claro, desde que ninguém tenha exagerado as expectativas quanto ao resultado. Às vezes a hipnose leve a moderada pode ajudar o paciente a reestruturar suas memórias para que elas possam ser acessadas.

— Neste momento, eu daria o sinal verde para um cavalo chutá-lo na cabeça, se isso ajudasse.

— Esse é um departamento diferente — Erik diz, secamente.

— Desculpe, fico impaciente quando estou grávida — ela diz, e ele pode ouvir o quanto ela está se esforçando para parecer razoável. — Mas tenho que identificar quaisquer paralelos com o primeiro assassinato. Preciso de um padrão para poder rastrear e capturar esse assassino e, neste exato momento, não tenho nada.

Eles chegaram ao quarto do paciente. Dois policiais uniformizados estão de guarda junto à porta.

— Entendo que isso é importante para você — Erik diz. — Mas tenha em mente que ele acabou de encontrar a esposa assassinada.

Erik segue Margot sala adentro. A mobília consiste de duas poltronas e um sofá, uma mesa baixa branca, duas cadeiras, um bebedouro com copos de plástico e uma lata de lixo.

Sobre o peitoril da janela há um vaso quebrado, e o piso de linóleo está coberto de terra.

O homem está parado no canto mais distante, como se estivesse tentando ficar o mais longe possível.

Assim que vê Erik e Margot, ele desliza em direção ao sofá com as costas contra a parede. Está extremamente pálido e tem um olhar de presa amedrontada. Sua camisa azul tem anéis de suor sob os braços e está para fora da calça.

— Olá, Björn — Margot diz. — Este é Erik. Ele é médico aqui.

O homem lança um olhar ansioso na direção de Erik e depois volta para o canto.

— Olá — Erik diz.

— Eu não estou doente.

— Não, mas mesmo assim o que você passou significa que tem direito a tratamento — Erik responde com naturalidade.

— Você não sabe o que eu passei — o homem diz; em seguida, sussurra algo para si mesmo.

— Sei que não te deram nenhum calmante — Erik diz. — Mas eu gostaria que você soubesse que a opção está disponível, se...

— Para que diabos eu quero comprimidos? — o homem o interrompe. — Comprimidos vão ajudar? Vão consertar as coisas?

— Não, mas...

— Vão me fazer ver a Sanna de novo? — ele pergunta, aos berros. — Isso não vai acontecer, vai?

— Nada pode mudar o que ocorreu — Erik responde, sério. — Mas a sua relação com o que aconteceu vai mudar, independentemente de você...

— Eu não entendo o que você está dizendo.

— Estou apenas tentando explicar que o jeito que você está se sentindo é parte de um processo, e eu gostaria de ajudá-lo com esse processo, se você me permitir.

Björn olha de relance para ele, depois desliza para mais longe ao longo da parede.

Margot coloca sobre a mesa seu pequeno dispositivo de gravação, depois diz em voz alta a data, o horário e os nomes das pessoas presentes na sala.

— Este ó quinto interrogatório com Björn Kern — ela conclui, e em seguida vira-se para ele, que está fuçando as costas do sofá. — Björn, você pode me falar em suas próprias palavras...

— Sobre o quê? — ele pergunta, rapidamente. — Sobre o quê?

— Sobre quando você chegou em casa — responde Margot.

— Para quê? — ele sussurra.

— Porque eu quero saber o que aconteceu e o que você viu — ela diz de forma seca.

— O que você quer dizer? Eu só cheguei em casa, isso não é permitido?

Ele coloca as mãos sobre as orelhas e fica lá parado, ofegante.

Erik observa que os nós dos dedos de ambas as mãos dele estão sangrando.

— O que você viu? — Margot pergunta, cansada.

— Por que você está me perguntando isso? Eu não sei por que você está perguntando para mim. Porra... — Björn balança a cabeça e esfrega a boca e os olhos.

— Eu quero que você se sinta seguro aqui nesta sala — Erik diz. — Sei que você acha que não tem permissão para relaxar, mas tem.

Björn usa as unhas para cutucar a borda de um pedaço de papel de parede, depois arranca uma pequena tira.

— Isto é o que eu estou pensando — ele diz sem olhar para os dois. — Estou pensando que tenho que fazer tudo de novo, mas fazer certo desta vez. Tenho que ir para casa e entrar pela porta, e aí tudo vai estar certo.

— O que você quer dizer com *certo*? — Erik pergunta, conseguindo chamar sua atenção.

— Sei o que parece, mas e se for verdade, não há como saber — ele diz, fazendo um gesto para que os dois fiquem quietos. — Eu posso entrar pela porta e chamar o nome da Sanna. Ela sabe que eu trouxe algo para ela, sempre trago, alguma coisa do free shop. E eu tiro meus sapatos e entro.

Ele parece completamente perturbado.

— Há terra no chão — ele sussurra.

— Havia terra no chão? — Margot pergunta.

— Cala a boca! — grita Björn, a voz embargada.

Ele caminha pelo chão salpicado de terra, pega o outro vaso de plantas e o arremessa contra a parede. O vaso se estilhaça, e a terra cai feito chuva atrás do sofá.

— Porra do CARALHO ! — ele diz em um um grito sufocado.

Ele se encosta à parede, e um filete de saliva escorre até o chão.

— Björn?

— Foda-se, é impossível — ele diz aos soluços.

— Björn — Erik diz lentamente —, Margot está aqui para descobrir mais sobre o que aconteceu. Esse é o trabalho dela. O meu trabalho é ajudar você. Estou aqui por você. Estou acostumado a ver pessoas que estão tendo problemas, pessoas que sofreram uma perda terrível e que vivenciaram coisas terríveis... coisas pela quais ninguém deveria ter que passar, mas que infelizmente fazem parte da vida de alguns de nós.

O homem não responde. Ele apenas soluça baixinho. Seus olhos são escuros, injetados, vítreos.

— Você quer ficar aí? — Erik pergunta com voz suave. — Você não preferiria sentar na poltrona?

— Eu não me importo.

— Nem eu.

— Que bom — Björn murmura, virando-se para ele.

— Eu já mencionei isto e sei o que você disse, mas é meu trabalho oferecer toda a ajuda que estiver disponível. Posso te dar um sedativo. Não vai servir para livrar você da coisa terrível que aconteceu, mas vai ajudar a acalmar o pânico que você está sentindo por dentro.

— Você pode me ajudar? — o homem sussurra depois de uma pausa.

— Posso ajudá-lo a dar os primeiros passos no sentido de... no sentido de superar a pior parte disso — Erik explica, com toda a calma.

— Eu começo a tremer quando penso na porta da frente da minha casa... porque devo ter entrado por uma porta diferente, a porta errada.

— Eu entendo por que você se sente assim.

Björn move os lábios com cautela, como se eles o estivessem machucando.

— Você quer que eu me sente? — Ele olha com ar ressabiado para Erik.

— Se isso fizer você se sentir mais confortável... — Erik responde.

Björn se senta pela primeira vez, e Erik percebe que Margot está olhando para ele, mas não retribui o olhar.

— O que acontece quando você entra pela porta errada?

— Eu não quero pensar nisso — ele responde.

— Mas você lembra?

— Você consegue... você consegue fazer o pânico ir embora? — o homem sussurra para Erik.

— Essa decisão é sua — Erik diz. — Mas fico feliz em me sentar aqui e conversar com você e Margot, ou você e eu podemos conversar sozinhos. E

também poderíamos tentar a hipnose, talvez isso te ajude a enfrentar a pior parte de tudo.

— Hipnose?

— Algumas pessoas acham que funciona bem — Erik dá uma resposta simples.

— Não. — Björn sorri.

— A hipnose é apenas uma combinação de relaxamento e concentração.

Björn dá uma risada silenciosa com a mão sobre a boca, depois se levanta e caminha novamente ao longo da parede até chegar ao canto e se vira para olhar para Erik.

— Acho que talvez os medicamentos que você mencionou possam ser uma boa ideia.

— Tudo bem. — Erik assente. — Eu posso te dar Stesolid, já ouviu falar? Vai fazer com que se sinta aquecido e cansado, mas também muito mais calmo.

— Certo, tudo bem.

Björn dá vários tapas na parede com uma das mãos espalmada; em seguida, caminha até o bebedouro.

— Vou pedir a uma enfermeira para lhe trazer o comprimido — Erik diz.

Ele sai da sala, confiante de que em breve Björn Kern solicitará a hipnose.

O design gótico do edifício situado no número 4 da Lill-Jans Plan difere dos prédios que o circundam. Tem uma fachada escura, alvenaria em tijolos ornamentais, janelas salientes, pilastras e arcos.

As cortinas do andar térreo estão fechadas.

Erik verifica o endereço no pedaço de papel, hesita por um momento e entra pela grande porta. Ele não contou a ninguém sobre isso.

Seu estômago revira. Na escada, pode ouvir uma suave música de piano. Consulta o relógio, vê que está um pouco adiantado e volta para a porta da frente a fim de esperar.

Na primavera, ele encontrou em sua caixa de correio um panfleto anunciando aulas de piano e, em uma atitude bastante precipitada, reservou uma vaga em um curso intensivo para seu filho Benjamin, que completaria dezoito anos no início do verão.

Nunca é tarde demais para aprender a tocar um instrumento, ele pensou. O próprio Erik sempre sonhara tocar piano, sentando-se sozinho para executar um melancólico noturno de Chopin.

No entanto, na véspera do aniversário de Benjamin, Nelly disse que não era preciso ser um psicólogo para ver que ele estava projetando no filho seu próprio sonho.

Erik rapidamente comprou um pacote com uma série de aulas de direção. Benjamin ficou feliz, e Simone achou que era um presente muito generoso.

Ele tinha certeza de que havia cancelado o curso de piano. Mas, naquela manhã, recebeu um e-mail lembrando-o de não perder a primeira aula.

Erik se sente ridiculamente envergonhado, mas mesmo assim decidiu participar da primeira aula, para dar uma chance.

A ideia de ir embora e enviar uma mensagem de texto dizendo que já havia cancelado as aulas está rodopiando em sua cabeça, mas ele volta para a porta, ergue o dedo e toca a campainha.

A música de piano não para, porém ele ouve alguém correndo a passos leves.

Uma criança pequena abre a porta, uma menina de uns sete anos, com grandes olhos claros e cabelo despenteado. Ela está usando um vestido de bolinhas e segura

um porco-espinho de brinquedo.

— A mamãe está com uma aluna — ela diz com voz suave.

A bela música flui pelo apartamento.

— Eu tenho um horário marcado para as sete horas. Estou aqui para uma aula de piano — ele explica.

— A mamãe diz que a pessoa tem que começar quando é pequena — a menina diz.

— Isso é para quem quer ser muito bom, mas não é o meu caso — ele sorri. — Se o piano não cobrir as orelhas nem gritar, já vou ficar feliz.

A menina não consegue conter um sorriso.

— Posso pegar o seu casaco? — ela se lembra de perguntar.

— Você consegue carregá-lo?

Ele coloca o pesado casaco sobre os braços magros da menina e a observa desaparecer em direção ao armário no final do corredor.

Uma mulher de trinta e poucos anos caminha em direção a ele. Ela parece absorta em profundos pensamentos, mas talvez esteja apenas ouvindo a música.

Seu cabelo é preto e cortado em um estilo curto e juvenil, e seus olhos estão escondidos atrás de pequenos óculos redondos. Ela tem lábios rosa-claros, e seu rosto parece estar completamente livre de maquiagem, mas ainda assim ela tem o semblante de uma estrela de cinema francesa.

Ele deduz que seja Jackie Federer, a professora de piano.

Está usando um folgado suéter de malha preto, uma saia de camurça e sapatilhas de balé.

— Benjamin? — ela pergunta.

— Meu nome é Erik Maria Bark. Eu marquei as aulas para meu filho, Benjamin, como presente de aniversário, mas nunca contei a ele sobre o presente. Vim no lugar dele, porque na verdade quem realmente quer aprender a tocar sou eu.

— O senhor quer aprender a tocar piano?

— A menos que eu seja velho demais — ele se apressa em dizer.

— Entre. Estou só terminando uma aula — a mulher diz.

Ele a segue pelo corredor e a vê roçar os dedos de uma das mãos ao longo da parede enquanto caminha.

— Comprei outro presente para o Benjamim, obviamente — ele explica para as costas dela.

Ela abre uma porta e a música fica mais alta.

— Sente-se — ela diz enquanto se senta na beira do sofá.

A luz jorra sala adentro através dos janelões com vista para um pátio interno arborizado.

Uma adolescente está sentada a um piano preto, as costas bem retas. Ela está tocando uma peça avançada e seu corpo balança suavemente. Ela vira uma página da partitura, depois os dedos correm pelas teclas e os pés pressionam habilmente os pedais.

— Mantenha o ritmo — Jackie diz, erguendo o queixo.

A menina enrubesce, porém continua tocando. Parece maravilhoso, mas Erik pode ver que Jackie não está feliz.

Ele se põe a imaginar se ela era alguma estrela, uma famosa pianista de concerto cujo nome ele deveria saber: Jackie Federer, uma diva que usa óculos escuros dentro de casa.

A peça chega ao fim, suas notas perdurando no ar até começarem a desvanecer. Antes de desaparecerem por completo, a menina tira o pé do pedal direito e o abafador sufoca as cordas.

— Bom, hoje estava muito melhor — Jackie diz.

— Obrigada — a menina diz, pegando a partitura e correndo para fora.

O silêncio desce sobre a sala. A imensa árvore no pátio está lançando sombras verdes no chão de madeira clara.

— Então o senhor quer aprender a tocar piano — Jackie diz, levantando-se do sofá.

— Sempre sonhei em aprender, mas nunca arranjei tempo. É claro que não tenho absolutamente talento nenhum — Erik se apressa em explicar. — Sou completamente não musical.

— É uma pena — ela diz baixinho.

— Sim.

— Bem, podemos muito bem tentar — ela fala, colocando a mão na parede.

— Mamãe, eu fiz um pouco de suco — a menina diz, entrando na sala com uma bandeja contendo copos de suco.

— Pergunte ao nosso convidado se ele está com sede.

— Você está com sede?

— Obrigado, é muito gentil da sua parte — Erik diz, e toma um gole. — Você toca piano também?

— Eu sou melhor do que a mamãe era quando tinha a minha idade — a menina responde, como se fosse uma frase que ela ouviu muitas vezes.

Jackie sorri e afaga desajeitadamente o cabelo e o pescoço da filha, antes de se voltar para Erik.

— O senhor pagou por vinte aulas.

— Eu tenho tendência a exagerar — Erik admite.

— Então, o que o senhor espera obter com o curso?

— Para ser sincero, eu fantasio sobre ser capaz de interpretar uma sonata ou um dos noturnos de Chopin. — Erik se sente corar. — Mas sei que vou ter que começar com “Carneirinho, carneirão”.

— Podemos trabalhar com Chopin, mas talvez um estudo em vez disso.

— Se houver um bem curto.

— Madeleine, você pode pegar para mim o Chopin? Opus 25, o primeiro estudo.

A menina procura na prateleira ao lado de Jackie, pega uma pasta e retira a partitura. Somente quando ela a coloca na mão da mãe é que Erik percebe que a professora é cega.

Erik sorri ao se sentar diante do lustroso piano preto com o nome C. BECHSTEIN, BERLIM gravado em letrinhas douradas.

— Ele precisa abaixar a banquetta — a menina diz.

Erik se levanta e abaixa o assento, girando-o algumas vezes.

— Começaremos com a mão direita, mas selecionaremos algumas notas com a sua esquerda.

Ele olha para o belo rosto da mulher, com o nariz reto e a boca entreaberta.

— Não olhe para mim, olhe para as notas e o teclado — ela diz, estendendo a mão por cima do ombro dele e pousando delicadamente o dedo mínimo sobre uma das teclas pretas. Uma nota alta ecoa dentro do piano.

— Isso é um mi bemol. Vamos começar com o primeiro compasso, que consiste em seis notas, seis dezesseis avos — ela diz, e toca as notas.

— Tudo bem — Erik murmura.

— Onde eu comecei?

Ele pressiona a tecla, produzindo uma nota dura.

— Use o seu dedo mínimo.

— Como você sabia...

— Porque é natural. Agora toque — ela diz.

Ele se esforça ao longo da aula, concentrando-se em suas instruções, enfatizando a primeira nota das seis, mas quando tem que adicionar algumas notas com a mão esquerda, perde o caminho. Algumas vezes ela toca a mão dele e diz para ele relaxar os dedos.

— Tudo bem, o senhor está cansado. Vamos parar por aqui — Jackie diz de forma neutra. — O senhor fez um bom trabalho.

Ela lhe dá notas para a aula seguinte, depois pede à menina que lhe mostre a saída. Eles passam por uma porta fechada com um grande cartaz e o aviso “ENTRADA PROIBIDA!” rabiscado em caligrafia infantil.

— Esse é o seu quarto? — Erik pergunta.

— Só a mamãe tem permissão para entrar — a criança diz.

— Quando eu era pequeno, eu não deixava nem a minha mãe entrar no meu quarto.

— Verdade?

— Eu desenhei uma enorme caveira e pendurei na porta, mas acho que ela entrava de qualquer jeito, porque às vezes apareciam lençóis limpos na cama.

O ar da noite está fresco quando ele sai. Parece que quase não respirou durante a aula. Suas costas estão tão tensas que chegam a doer, e ele ainda se sente estranhamente constrangido.

Quando chega em casa, toma uma demorada ducha quente. Depois liga para a professora de piano.

— Sim, é a Jackie.

— Olá, aqui é Erik Maria Bark. Seu novo aluno.

— Olá — ela diz, curiosa.

— Estou ligando para... pedir desculpas. Eu fiz você desperdiçar a noite toda e... bem, posso ver que é impossível, é tarde demais para eu...

— O senhor fez um bom trabalho, como eu disse. Faça os exercícios que eu passei e nos vemos novamente em breve.

Ele não sabe o que dizer.

— Boa noite — ela diz, e encerra a ligação.

Antes de ir dormir, Erik coloca para tocar o Opus 25 de Chopin a fim de ouvir o que ele está aprendendo. Quando as notas borbulhantes do pianista Maurizio Pollini enchem a sala, ele não consegue segurar as risadas.

O sol brilha alto acima das árvores, e a fita plástica azul e branca está adejando na brisa, sua sombra dançando no asfalto.

Os policiais de sentinela no cordão de isolamento deixam passar um sedã Lincoln Town Car preto, que desliza lentamente pela rua Stenhammars enquanto o reflexo dos jardins verdes corre por sua pintura negra como uma floresta à noite.

Margot Silverman encosta no meio-fio e desliza suavemente até parar atrás do veículo militar, depois permanece sentada por algum tempo com a mão pousada sobre o freio de mão.

Ela está pensando no quanto haviam se empenhado para tentar identificar Susanna Kern antes de o tempo se esgotar; mesmo depois de uma hora ter passado e eles perceberem que era tarde demais, continuaram tentando.

Ela e Adam tinham ido falar com os exaustos especialistas em TI e estavam sendo avisados de que não era possível rastrear o vídeo quando receberam a ligação.

Pouco depois das duas da manhã, a equipe forense estava no local, e toda a área entre a rua Bromma Kyrk e a rua Lillängs havia sido isolada.

A tarefa de examinar a cena do crime continuou ao longo do dia, enquanto novas tentativas eram feitas para interrogar o marido da vítima, com a ajuda do psiquiatra Erik Maria Bark.

A polícia realizou diligências na vizinhança, batendo de porta em porta e verificando gravações de câmeras de trânsito próximas, e Margot agendou uma reunião em que ela e Adam falariam com um perito forense chamado Erixon.

Ela respira fundo, pega sua sacola do McDonald's e sai do carro.

Do lado de fora do cordão de isolamento, a rua Stenhammars é uma pilha crescente de flores, e agora há três velas acesas. Alguns vizinhos, aturdidos, reuniram-se no salão da paróquia.

Não há suspeitos.

O ex-marido de Susanna estava jogando futebol no Esporte Clube Kristineberg com o filho deles quando a polícia o localizou. Eles já sabiam que ele tinha um alibi para o horário do assassinato, mas o levaram para um canto a fim de lhe dar a notícia.

Margot ficou sabendo que, depois de ser informado, ele voltou ao gol e defendeu várias cobranças de pênalti do menino, uma após a outra.

Naquela manhã, Margot elaborou um plano para a investigação, dada a ausência de testemunhas ou resultados forenses.

Estão planejando rastrear todas as pessoas que tenham sido internadas em uma instituição psiquiátrica ou frequentado uma clínica para tratamento de transtorno obsessivo-compulsivo nos últimos dois anos, dando atenção especial a pessoas condenadas por crimes sexuais ou postas em liberdade condicional e, em seguida, trabalhar em estreita colaboração com a unidade de perfis criminais.

Margot amassa a sacola de papel enquanto ainda está mastigando, depois a entrega a um policial uniformizado.

— Eu estou comendo por cinco — ela diz.

Cansada, Margot ergue por cima da cabeça a fita de isolamento da cena do crime, depois anda pesadamente em direção a Adam, que está esperando do lado de fora do portão.

— Só pra te avisar, não há assassino em série — ela diz em tom mal-humorado.

— Foi o que eu ouvi dizer — ele responde, deixando-a passar pelo portão a sua frente.

— Chefes — ela suspira. — Que diabos eles estão pensando? Os tabloides noturnos vão especular, não importa o que a gente diga. A imprensa sempre vai falar mal da polícia. Porra, para eles é tão fácil quanto um pirulito de criança.

— Tirar pirulito de criança — Adam a corrige.

— Não sabemos que efeitos a mídia pode ter sobre o criminoso — ela prossegue. — Talvez ele se sinta exposto e se torne mais cauteloso, depois saia de cena por algum tempo. Ou pode ser que toda a atenção alimente a vaidade dele e o torne mais confiante.

Um homem vestindo um macacão de proteção branco abre uma lata de coca-cola e se apressa em beber, como se houvesse alguma magia nas primeiras bolhas. Seu rosto brilha de suor, a máscara está enfiada sob o queixo e sua enorme barriga se estica a ponto de quase estourar as costuras do macacão.

— Estou procurando Erixon — Margot diz.

— É o cara que parece um marshmallow gigante — Erixon responde, estendendo a mão.

Enquanto Margot e Adam vestem seus macacões de proteção simples, Erixon os informa que conseguiu obter nos degraus externos a impressão de uma bota de solado de borracha, tamanho 43, mas todas as evidências dentro da casa estavam arruinadas ou contaminadas graças aos esforços do marido da vítima para limpar tudo.

— Estamos levando cinco vezes mais tempo — ele diz, enxugando o suor das bochechas com um lenço branco. — Não temos condições de tentar a reconstituição habitual, mas tenho algumas ideias dos acontecimentos sobre as quais podemos conversar.

— E o corpo?

— Vamos dar uma olhada em Susanna, mas ela foi tirada do lugar e... bem, vocês sabem.

— Colocada na cama — Margot diz.

Erixon a ajuda com o zíper de seu macacão, enquanto Adam enrola as mangas do dele.

— Poderíamos estrelar um programa infantil sobre três marshmallows — Margot diz, colocando as mãos na barriga.

Eles assinam seus nomes na lista de visitantes da cena do crime, depois seguem Erixon até a porta da frente.

— Prontos? — ele pergunta com repentina solenidade. — Uma casa comum, uma mulher comum, todos aqueles bons anos, e aí chega uma visita infernal por alguns breves minutos.

Eles entram. O plástico protetor farfalha e a porta se fecha atrás deles, as dobradiças rangendo como uma lebre presa numa armadilha. A luz do dia desaparece, e a súbita transição de um dia de fim de verão para a escuridão do corredor é ofuscante.

Eles se detêm enquanto seus olhos se ajustam.

O ar está morno e há marcas de mãos ensanguentadas no batente da porta e em volta da fechadura e da maçaneta.

Em cima de uma folha plástica no chão há um aspirador de pó sem bocal. Um fio de sangue escuro escorre da mangueira.

Adam respira pesadamente através de sua máscara, e gotas de suor surgem em sua testa.

Eles seguem Erixon ao longo das tábuas de proteção no chão até a cozinha. Há pegadas manchadas de sangue no linóleo. Alguém as limpou desajeitadamente, e depois outras pisadas deixaram o mesmo rastro. Um lado da pia está entupido com toalhas de papel molhadas, e um rodinho está flutuando na água escura.

— Encontramos impressões dos pés de Björn — Erixon diz. — Primeiro ele andou de um lado para o outro com as meias encharcadas de sangue e depois descalço. Encontramos as meias dele na lixeira da cozinha.

Ele fica em silêncio, e os três continuam no corredor que liga a cozinha às salas de jantar e de estar.

Uma cena de crime muda com o tempo e é gradualmente destruída à medida que a investigação avança. Assim, para não perder nenhuma evidência, os

investigadores forenses começam por resguardar latas de lixo e veículos estacionados na área, e notam cheiros específicos e outros elementos transitórios.

Além disso, realizam um exame geral da cena do crime de fora para dentro e lidam com bastante cautela com o corpo e a cena efetiva do homicídio.

Erixon leva Margot e Adam até a sala de estar, banhada pela luz do sol. O enjoativo cheiro de sangue é inevitável, mas o caos é estranhamente invisível porque a mobília foi limpa e colocada de volta na posição.

Na noite anterior, Margot viu Susanna em um vídeo enquanto ela estava ali comendo sorvete com uma colher, direto do pote.

Um avião se aproxima para aterrissar no aeroporto de Bromma com um rugido ensurdecido, fazendo tremer o armário com frente de vidro. Margot observa que todas as estatuetas de porcelana estão caídas, como se estivessem dormindo.

Há moscas zumbindo em torno de um esfregão ensanguentado que foi deixado atrás do sofá. A água no balde é vermelho-escura, o chão tem vestígios de sangue. É possível ver o rastro do esfregão pelas marcas úmidas deixadas nos rodapés e nos móveis.

— Primeiro ele tentou aspirar o sangue — Erixon diz. — Em seguida, eu não tenho certeza, mas parece ter limpado o chão, depois esfregou com um pano de prato e toalhas de papel.

— Ele não se lembra de nada — Margot diz.

— Quase todos os padrões de manchas de sangue originais foram destruídos, mas ele deixou passar algumas delas aqui — Erixon diz, apontando para um respingo fino em uma tira do papel de parede.

Ele usou uma técnica clássica e estendeu oito fios das marcas mais externas na parede para encontrar o ponto em que eles convergem — o ponto em que o sangue se originou.

— Este é um ponto preciso. A faca entra em um ângulo de cima, bastante profundo — Erixon diz, sem fôlego. — E, claro, este é um dos primeiros golpes.

— Porque ela está de pé — Margot diz, baixinho.

— Porque ela ainda está de pé — ele confirma.

Margot olha para o armário com as estatuetas de porcelana caídas e imagina que Susanna deve ter tropeçado e batido no móvel enquanto tentava escapar.

— Esta parede foi limpa — Erixon diz, mostrando a eles. — Então, estou tendo que adivinhar um pouco, mas ela provavelmente estava de costas para a parede e deslizou para baixo. Talvez tenha rolado uma vez e esperneado. De qualquer maneira, certamente ficou um bom tempo deitada com um pulmão perfurado.

Margot se inclina e vê o sangue que foi expectorado na parte de trás do sofá, de baixo, possivelmente enquanto Susanna tossia.

— Mas o sangue chegou até aqui também, não é? — ela diz, apontando. — Susanna lutou.

— E não sabemos onde Björn a encontrou? — Adam pergunta.

— Não, mas temos um grande volume de sangue ali — Erixon diz, apontando.

— E lá — Margot diz, apontando para a janela.

— Sim, ela estava ali, mas foi arrastada para lá. Ela esteve em vários lugares diferentes depois de morrer. Foi deitada no sofá e... no banheiro, bem como...

— E agora ela está no quarto — Margot diz.

A luz branca dos holofotes enche o quarto. Tudo está iluminado: cada fio, cada partícula espiralada de pó. Um rastro de gotas de sangue se estende ao longo do carpete cinza-claro até a cama, como minúsculas pérolas negras.

Margot entra e se detém logo junto à porta, mas os outros se dirigem para a cama. Então o farfalhar de seus macacões cessa.

— Deus — Adam diz com voz abafada.

Mais uma vez Margot pensa no vídeo, Susanna andando de um lado para o outro, a calça pendurada em um dos pés, o chute para jogá-la longe.

Ela abaixa os olhos e vê que as roupas de Susanna foram viradas para o lado certo e agora estão cuidadosamente empilhadas na cadeira.

— Margot? Você está bem?

Seu olhar encontra o de Adam. Ela vê as pupilas dilatadas dele, ouve o zumbido monótono das moscas e se força a olhar para a vítima.

As cobertas foram puxadas sob o queixo.

O rosto dela não passa de uma polpa vermelho-escura. O assassino o esfaqueou, cortou, picou e talhou.

Ela se aproxima e vê um único olho que fita, torto, o teto.

Erixon desdobra as cobertas. Estão rígidas com sangue coagulado; pele e tecido ficaram grudados. Há um leve ruído de trituração quando o sangue seco se solta e pequenas migalhas caem.

Adam leva uma das mãos até a boca.

A brutalidade estava concentrada em torno do rosto, pescoço e peito da mulher. A morta está nua e lambuzada de sangue. Seu corpo está salpicado de marcas de facadas, e Margot pode ver o sangue que se espalhou sob a pele.

Erixon fotografa o cadáver e Margot aponta para uma mancha verde sarapintada à direita da barriga da vítima.

— Isso é normal — Erixon diz.

Os pelos pubianos da mulher começaram a crescer ao redor do tufo loiro-avermelhado em sua genitália. Não há marcas visíveis ou ferimentos no interior de suas coxas.

Erixon tira várias centenas de fotografias do corpo, começando com a cabeça apoiada no travesseiro e descendo até as pontas dos dedos dos pés.

— Eu vou ter que tocar em você agora, Susanna — ele sussurra, e levanta o braço esquerdo dela.

Ele vira o braço e examina as feridas defensivas, cortes que indicam que ela tentou se desviar do ataque.

Com gestos experientes e habilidosos, ele raspa sob as unhas, o local mais comum para encontrar o DNA de um criminoso. Ele usa um tubo novo para cada unha, anexa um rótulo e faz uma anotação no computador sobre a mesinha de cabeceira.

Os dedos dela estão frouxos, não mais sob o efeito do rigor mortis.

Assim que termina com as unhas, puxa cuidadosamente um saco plástico sobre a mão dela e o prende com fita adesiva.

— Eu visito pessoas comuns toda semana — Erixon murmura. — Todas têm vidro quebrado, mobília virada e sangue no chão.

Ele anda ao redor da cama para continuar com as unhas da outra mão. Assim que está prestes a pegá-la, ele estaca.

— Há algo na mão dela — ele diz, pegando a câmera. — Estão vendo?

Margot se inclina para a frente e olha. Consegue distinguir um objeto escuro entre os dedos da mulher morta. Ela deve ter apertado com força, mas agora que a mão relaxou, está visível.

Erixon segura a mão da mulher e levanta cuidadosamente o objeto. É como se ela ainda quisesse continuar agarrada a ele, mas está cansada demais para lutar.

A estrutura parruda de Erixon bloqueia a visão de Margot, mas por fim ela vê.

A minúscula cabeça quebrada de um cervo de porcelana.

A cabeça é marrom-acastanhada, reluzente, e a superfície quebrada embaixo, branca como açúcar.

O assassino ou o marido colocaram isso na mão dela?

Margot pensa no armário de vidro. Ela tem quase certeza de que todas as estatuetas de porcelana estavam intactas, tinham apenas caído.

Ela recua para obter uma visão geral do quarto. Erixon está ao lado da mulher morta, fotografando a pequena cabeça marrom do cervo. Adam está sentado com as costas arqueadas em um sofá baixo na frente do guarda-roupa e dá a impressão de que está tentando não vomitar.

Margot anda de volta até o armário com portas de vidro e fica parada por alguns instantes diante das estatuetas caídas. Elas estão todas deitadas como se estivessem mortas, mas nenhuma delas está quebrada, em nenhuma delas falta a cabeça.

Por que a vítima está segurando na mão a cabeça de um pequeno cervo?

É de manhã, e Erik está comprando uma xícara de café na cantina da Clínica de Psicologia. Quando pega sua carteira para pagar, sente a dor nos ombros decorrente de sua aula de piano.

— Já foi pago — a operadora do caixa diz.

— Já foi pago por quem?

— Um amigo seu pagou por todos os seus cafés até o Natal.

— Ele disse qual era o nome dele?

— Nestor — ela responde.

Erik sorri e meneia a cabeça, pensando que realmente precisa falar com Nestor sobre sua gratidão excessivamente efusiva. É o trabalho de Erik ajudar as pessoas. Nestor não lhe deve nada.

Ele ainda está pensando nos modos amigáveis e cautelosos de seu ex-paciente quando ouve passos leves atrás de si e se vira. A tenente grávida está vindo em sua direção, acenando para ele um sanduíche embrulhado em filme plástico.

— Björn conseguiu dormir um pouco e parece estar se sentindo um pouco melhor — ela diz, sem fôlego. — Ele quer nos ajudar e está disposto a tentar a hipnose.

— Eu tenho uma hora, se pudermos começar agora — Erik diz, tomando rapidamente o café.

— Você acha que isso vai funcionar nele? — ela pergunta enquanto ambos se dirigem para a sala de tratamento.

— A hipnose é apenas uma maneira de fazer o cérebro dele relaxar, para que ele possa começar a classificar suas lembranças de uma forma menos caótica.

— Mas a promotoria provavelmente não vai conseguir usar declarações feitas sob hipnose — ela diz.

— Não. — Erik sorri. — Mas isso pode significar que Björn estará apto a depor mais tarde, e sem dúvida poderia ajudar a avançar com a investigação.

Quando entram na sala, Björn está de pé atrás de uma das poltronas, agarrando com as mãos o espaldar. Seu olhar está embotado.

— Eu só vi hipnose na televisão — ele diz num fiapo de voz. — Quero dizer, não tenho certeza se realmente acredito nisso.

— Basta pensar na hipnose como uma maneira de ajudá-lo a se sentir melhor.

— Mas eu quero que ela saia — ele diz, olhando para Margot.

— É claro — Erik diz.

— Você pode falar com ela?

Margot permanece sentada no sofá e não há mudança em sua expressão.

— Você terá que sair e esperar do lado de fora — Erik diz com firmeza.

Margot aponta para a própria barriga.

— Eu preciso me sentar.

— Você sabe onde fica a cantina — ele responde.

Ela suspira e se levanta, pega o celular e vai em direção à porta. Ao abri-la, ela se volta para Erik.

— Você se importaria de vir aqui fora por um momento? — ela diz com voz amável.

— Tudo bem — ele concorda e a segue para o corredor.

— Não temos tempo para bancar a babá dele — Margot sussurra.

— Eu sei que você está ansiosa para que ele fale, mas eu sou médico, e é meu trabalho ajudá-lo.

— Eu tenho um trabalho também — Margot diz com uma voz aguda de irritação. — E envolve parar um assassino. Isso é sério. Björn sabe coisas que...

— Isto não é um interrogatório — ele a interrompe. — Você sabe disso. Nós já conversamos.

Ele observa a tenente lutando contra a própria impaciência. Em seguida, ela balança a cabeça como se aceitasse suas palavras.

— Contanto que não faça mal a ele — ela diz. — Na minha opinião... bem, cada ínfimo detalhe pode ser de crucial importância para a investigação.

Erik fecha a porta, desdobra o tripé e acopla a câmera. Björn o observa, esfregando a testa com força com uma das mãos.

— Você tem que filmar? — ele pergunta.

— É só o caso de documentar o que eu faço — Erik responde. — E prefiro não ter que fazer anotações.

— Tá legal — Björn diz, como se não tivesse ouvido a resposta de Erik.

— Você pode começar deitando-se no sofá.

Erik vai até a janela e abre as cortinas.

A sala se enche de uma agradável meia-luz, e Björn recua um pouco, depois fecha os olhos.

Erik puxa uma cadeira para perto do sofá e se senta. Ele pode ver como Björn está tenso.

— Respire lentamente pelo nariz — Erik diz. — Relaxe a boca, o queixo e bochechas... sinta o peso da parte de trás da cabeça sobre o travesseiro, sinta o pescoço relaxar. Você não precisa levantar a cabeça agora, porque sua cabeça está apoiada no travesseiro... os músculos da sua mandíbula estão relaxando, sua testa está lisa e despreocupada, suas pálpebras estão se sentindo mais pesadas.

Sem pressa alguma, Erik percorre o corpo inteiro de Björn, da cabeça até os dedos dos pés, depois de volta às pálpebras cansadas e ao peso da cabeça.

Com monotonia soporífica, Erik passa furtivamente para a indução, falando em um tom de voz acalentador enquanto tenta reunir suas forças antes do que está por vir.

O corpo de Björn gradualmente começa a relaxar.

— A única coisa que você está ouvindo é a minha voz... se você ouvir qualquer outra coisa, isso só faz você se sentir mais relaxado e mais focado em minhas palavras. Estou prestes a começar a contar de trás para a frente, e para cada número que você ouvir, vai relaxar um pouco mais.

Erik pensa sobre o que está vindo, o que está esperando dentro da casa, o que Björn viu quando entrou pela porta: o momento em que o choque o atingiu.

— Novecentos e doze — ele diz. — Novecentos e onze...

A cada expiração, Erik diz um número, de modo lento e monótono. Depois de algum tempo, ele quebra a sequência lógica, mas continua a contagem decrescente. Björn está agora em uma profundidade perfeita. O vinco no cenho franzido relaxou e sua boca parece mais suave. Erik sente um curioso arrepio no estômago à medida que mergulha na ressonância hipnótica, um fenômeno no qual o médico entra em uma espécie de transe paralelo enquanto coloca um paciente em profunda hipnose.

— Agora você está profundamente relaxado. Você está descansando, tranquilo e sossegado — Erik diz devagar. — Daqui a pouco você vai visitar suas lembranças da noite da sexta-feira. Quando eu terminar de fazer a contagem regressiva e chegar a zero, você se encontrará do lado de fora da sua casa, mas completamente calmo, porque não há perigo algum. Quatro, três, dois, um. Agora você está na rua na frente da sua casa, o táxi está indo embora, os pneus esmagando o asfalto.

Björn abre os olhos, mas seu olhar é introspectivo, está em suas lembranças, e suas pálpebras pesadas se fecham mais uma vez.

— Você está olhando para a casa agora?

Björn está parado de pé no ar fresco da noite em frente a sua casa. Um estranho brilho ilumina o céu no mesmo compasso lento de seus batimentos cardíacos. A casa parece estar inclinada para a frente à medida que a luz se expande e as sombras se retraem.

— Ela está se movendo — ele diz com voz quase inaudível.

— Agora você está caminhando para a porta — Erik diz. — O ar da noite é ameno, não há nada desagradável...

Björn tem um sobressalto quando alguns corvos saem em revoada de uma árvore. As aves são visíveis em contraste com o céu, suas sombras se movem ao longo da grama, e depois desaparecem.

— Você está perfeitamente seguro — Erik diz ao ver a mão de Björn se remexer ansiosamente por cima do assento do sofá.

Em transe profundo, Björn aproxima-se lentamente da porta. Ele se mantém na trilha de pedras, mas alguma coisa no trêmulo brilho negro da janela chama sua atenção.

— Você chegou à porta. Você pega sua chave e a coloca na fechadura — Erik diz.

Björn empurra cuidadosamente a maçaneta, mas a porta está emperrada. Ele tenta com mais força e ouve um som abafado quando ela por fim se abre.

Erik vê que a testa de Björn está suada e repete com voz reconfortante que não há nada com que se assustar.

Björn tenta abrir os olhos e sussurrar alguma coisa. Erik inclina-se para a frente e sente a respiração de Björn contra sua orelha.

— O degrau da porta de entrada... há algo esquisito nele.

— Sim, este degrau sempre foi estranho — Erik responde calmamente. — Mas, assim que você passar por ele, tudo será exatamente como foi na sexta-feira.

Erik percebe que o rosto inteiro de Björn se recobre de suor quando o queixo dele começa a tremer.

— Não, não — ele sussurra, balançando a cabeça.

Erik percebe que precisa provocar nele uma hipnose mais profunda se quiser entrar na casa.

— Tudo o que você precisa fazer agora é ouvir a minha voz — Erik diz. — Porque em breve você estará em um estado ainda mais relaxado, em que não há nada com que se preocupar. Você está afundando ainda mais enquanto eu conto: quatro... você está afundando, três... ficando mais calmo, dois... um, e agora você está completamente relaxado e pode ver que o degrau da porta não é uma barreira.

O rosto de Björn suaviza. Sua boca está escancarada, um dos cantos molhado de saliva. Ele está em um estado mais profundo de hipnose do que Erik pretendia.

— Se você se sentir pronto, você pode... atravessar a soleira agora.

Björn não quer, mas ainda assim dá um passo para dentro. Ele olha ao longo do corredor em direção à cozinha. Tudo parece estar do jeito de sempre. Há um anúncio da Bauhaus no capacho, muitos sapatos empilhados na sapateira, e o

guarda-chuva que sempre cai faz isso de novo. As chaves dele tilintam quando ele as coloca sobre a cômoda.

— Tudo está como sempre, normal — ele murmura. — O mesmo de...

Ele se cala quando percebe pelo canto do olho um estranho movimento de algo rolando. Ele não ousa virar-se naquela direção e olha fixamente para a frente enquanto algo se move em seu campo de visão periférico.

— Há algo estranho... para o lado. Eu...

— O que você disse? — Erik pergunta.

— Está se movendo para o lado...

— Tudo bem, deixe para lá — Erik responde. — Continue em frente.

Björn caminha ao longo do corredor, mas seus olhos continuam sendo atraídos para o lado, na direção das roupas penduradas na passagem de entrada. Elas estão se mexendo lentamente na escuridão, como se um vento soprasse pela casa. As mangas do casaco de Susanna levantam-se em meio a uma rajada, depois caem para trás.

— Olhe para a frente — Erik diz.

A pessoa que sofre um trauma mental vivencia uma caótica confusão de lembranças que a pressionam de todos os lados. Elas desvanecem, depois ressurgem, todas misturadas.

Tudo o que Erik pode fazer é tentar conduzir Björn através dos cômodos, em direção à percepção fundamental de que não havia como ele ter evitado a morte de sua esposa.

— Eu estou na cozinha agora — ele sussurra.

— Continue — Erik diz.

Björn olha de relance na direção da sacola de jornais para reciclagem no corredor. Ele dá um cauteloso passo adiante, olhando diretamente para a frente, mas vê uma gaveta do armário da cozinha se abrir. Ela dá uma chacoalhada ao parar.

— Uma gaveta está aberta — ele murmura.

— Qual?

Björn sabe que é a gaveta de facas e sabe que é ele quem a abre, porque várias horas antes ele lavou uma faca grande.

— Oh, Deus... eu não posso... eu...

— Não há nada a temer. Você está em segurança, e estarei com você conforme avança casa adentro.

— Estou passando pela porta de acesso ao porão, em direção à sala de estar. Susanna já deve ter ido para a cama.

Está quieto. A televisão está desligada, mas há algo diferente. Os móveis parecem estar nos lugares errados, como se um gigante tivesse erguido a casa e

dado uma leve sacudida.

— Sanna? — Björn sussurra.

Ele estende o braço para alcançar o interruptor. A sala não se ilumina, mas o brilho enche as janelas com vista para o jardim. Ele não pode deixar de pensar que está sendo observado e sente o ímpeto de fechar as cortinas.

— Deus, oh, Deus, oh, Deus — ele de repente choraminga, o rosto trêmulo.

Erik percebe que Björn está lá agora, no meio de sua memória do evento traumático, mas mal consegue descrever o que quer que seja, ele está guardando para si mesmo.

Björn está se aproximando. Ele se vê na janela preta, vê os arbustos do lado de fora se mexerem ao vento, muito além dos reflexos.

Está ofegante, embora sob profunda hipnose. Seu corpo se enrijece e suas costas se arqueiam.

— O que está acontecendo? — Erik pergunta.

Björn estaca ao avistar alguém com um rosto cinza-escuro olhando para ele na janela. Bem ao lado do vidro. Ele dá um passo para trás e sente o coração batendo forte. Um ramo da roseira balança e raspa a borda da janela. Ele percebe que o rosto cinza não está do lado de fora. Há alguém sentado no chão em frente à janela. Ele pode ver o reflexo.

Uma voz calma repete que não há nada com que se assustar.

Ele se move para o lado e percebe que é Susanna. Ela está sentada no chão diante da janela.

— Sanna? — ele diz com voz suave, para não assustá-la.

Ele pode ver o ombro dela, parte do cabelo. Ela está encostada em uma poltrona, olhando para fora. Ele se aproxima com cautela e sente que o chão sob seus pés está molhado.

— Ela está sentada — ele murmura.

— Ela está sentada?

Björn se aproxima da poltrona junto à janela, e então a luz no teto se acende e a sala é banhada pela luz. Ele sabe que ele mesmo a acendeu, mas ainda assim sente medo quando a luz brilhante enche a sala.

Há sangue por toda parte.

Ele pisou no sangue. Há sangue respingado na televisão, no sofá e nas paredes, e há manchas de sangue no chão, escorrendo para os vãos entre a madeira.

Ela está sentada no chão em uma poça vermelho-escura. Uma mulher morta usando o quimono de Sanna. A poeira se instalou na poça de sangue ao redor dela.

Erik vê o rosto de Björn se tensionar e seus lábios ficarem brancos. Assim que Björn perceber que a mulher morta é sua esposa, Erik planeja tirá-lo da hipnose.

— Quem você pode ver? — Erik pergunta.

— Não... não — ele sussurra.
— Você sabe quem é — Erik diz.
— Susanna — ele diz lentamente, e abre os olhos.
— Você pode voltar agora — Erik diz. — Eu vou acordar você em um momento, e...

— Há muito sangue, Deus, eu não quero... o rosto dela foi destruído, e ela está sentada, completamente imóvel, com...

— Björn, ouça a minha voz, eu vou contar de...
— Ela está sentada com a mão sobre a orelha e há sangue pingando do cotovelo — ele diz, ofegante.

Erik sente um calafrio gelado, e os pelos de seus braços e da nuca se arrepiam. Com o coração acelerado, ele olha de relance na direção da porta fechada da sala de tratamento e ouve o estrépito de um carrinho hospitalar se afastando.

— Olhe para as suas próprias mãos — ele diz, tentando manter a voz firme. — Você está olhando para as próprias mãos e está respirando devagar. A cada respiração, você está se sentindo mais calmo.

— Eu não quero — Björn sussurra.

Erik sabe que está forçando a barra, levando Björn longe demais, mas tem que saber a posição em que a esposa de Björn estava sentada quando ele a encontrou.

— Antes de eu acordar você, precisamos ir mais fundo — ele diz, engolindo em seco. — Abaixo da casa em que você está há uma outra casa, idêntica. Mas lá embaixo é o único lugar em que você pode ver Susanna com clareza. Três, dois, um, e agora você está lá. Ela está sentada no chão, na poça de sangue, e você pode olhar para ela sem sentir medo.

— O rosto dela quase desapareceu, é só sangue — Björn diz, a voz arrastada. — E a mão dela está grudada na orelha...

— Continue — Erik diz, olhando de novo para a porta.

— A mão dela está enroscada... no cordão do quimono.

— Björn, vou levar você para cima agora, para a casa de cima, e a única coisa que você sabe é que Susanna está morta e que não havia nada que você pudesse ter feito para salvá-la. Essa é a única coisa que você vai levar com você quando eu te acordar. Todo o resto você vai deixar para trás.

Erik fecha a porta de sua sala e vai até a escrivaninha. Quando se senta, pode sentir o suor nas costas.

— Não é nada — ele sussurra ansiosamente para si mesmo.

Ele desloca o mouse para acionar o computador, depois faz o login. Com a mão trêmula, abre a primeira gaveta, espreme uma cartela de Nitrazepam até arrancar um comprimido e o engole sem água.

Rapidamente se conecta ao banco de dados de pacientes, notando como seus dedos estão frios.

Ele tem um sobressalto quando a tenente Margot Silverman abre a porta sem bater. Ela entra e para na frente dele com as mãos unidas em volta da barriga.

— Björn Kern diz que não consegue se lembrar do que vocês conversaram.

— Isso é natural — Erik responde, minimizando o documento na tela.

— Como foi a hipnose? — ela pergunta, passando a mão sobre o elefante de madeira da Malásia.

— Ele foi sem dúvida receptivo.

— Então você foi capaz de hipnotizá-lo?

Ela sorri.

— Acho que me esqueci de ligar a câmera — Erik mente. — Caso contrário, eu poderia mostrar a você. Ele entrou em transe quase instantaneamente.

— Você se esqueceu de ligar a câmera?

— Você sabe que não foi um interrogatório oficial — ele diz, com um quê de impaciência. — Foi um primeiro passo em direção ao que chamamos de estabilização afetiva, de modo que...

— Eu não dou a mínima para isso — ela o interrompe.

— De modo que mais tarde você possa ter uma testemunha funcional — ele conclui.

— Mais tarde quando? Ele terá condições de dizer algo mais tarde ainda hoje?

— Creio que em breve ele vai se dar conta do que aconteceu, mas ser capaz de falar sobre isso é outra questão.

— Então o que aconteceu? O que ele disse? Ele deve ter falado alguma coisa, certo?

— Sim, mas...

— Não me venha com nenhuma dessas merdas de juramento de confidencialidade agora — ela o corta. — Eu tenho que saber. Caso contrário, pessoas vão morrer.

Erik vai até a janela e se inclina no peitoril. Lá embaixo, há um paciente fumando, um homem magro e de costas curvadas em sua camisola hospitalar.

— Eu o levei de volta — Erik diz lentamente. — Para dentro de casa. Foi bastante complicado, porque era muito recente e cheio de fragmentos de lembranças terríveis.

— Mas ele viu tudo? Ele conseguiu ver tudo?

— Foi só para fazê-lo entender que ele não tinha como salvá-la.

— Mas ele viu a cena do crime e a esposa dele? Ele fez isso?

— Sim, ele fez — Erik responde.

— Então, o que ele disse?

— Não muito. Ele falou sobre sangue... e as feridas no rosto dela.

— Ela estava em uma posição específica? Uma postura com implicações sexuais?

— Ele não disse.

— Ela estava sentada ou deitada? Como estava a boca? Onde estavam as mãos dela? Ela estava nua? Violentada?

— Ele disse muito pouco — Erik responde. — Pode levar muito tempo para chegar a detalhes desse tipo.

— Eu juro, se ele não começar a falar, eu vou levá-lo sob custódia — ela diz em voz alta. — Vou arrastá-lo para o centro de operações da polícia e observá-lo feito um falcão até...

— Margot — Erik a interrompe em um tom de voz afável.

Ela olha para ele com uma expressão mais branda, meneia a cabeça e respira pela boca. Pega um cartão de visitas e coloca sobre a escrivaninha dele.

— Não sabemos quem será a próxima vítima dele. Pode ser sua esposa. Pense nisso — ela diz, e sai da sala.

Erik sente o rosto relaxar. Ele caminha lentamente de volta para a escrivaninha. O chão está começando a ficar macio sob seus pés. Quando ele se senta na frente do computador, há uma batida na porta.

— Sim?

— Aquela charmosa tenente deixou o prédio — Nelly diz, espiando pela porta.

— Ela só está fazendo o trabalho dela.

— Eu sei. Ela realmente parece adorável — Nelly diz ironicamente.

— Pare com isso — ele diz, mas sorri.

E descansa a cabeça sobre uma das mãos.

O rosto de Nelly fica sério e ela entra, fechando a porta.

— O que é? — ela pergunta. — O que aconteceu?

— Nada.

— Não parece nada — ela diz, sentando-se sobre a escrivaninha dele, no canto.

Seu vestido de lã vermelho crepita de eletricidade estática ao contato com as meias de nylon quando ela cruza as pernas.

— Eu não sei. — Erik suspira.

— Você pode me dizer — ela diz, gentilmente.

Erik se levanta, respira fundo e olha para ela.

— Nelly — ele diz, e ela pode ouvir o quanto a voz dele está vazia —, preciso te perguntar sobre um paciente. Antes de você começar a trabalhar aqui, Nina Blom montou uma equipe para um projeto de pesquisa complicado.

— Vá em frente — ela diz, olhando para ele com curiosidade.

— Eu sei que descrevi em linhas gerais os meus casos para você, mas pode ser que este não tenha sido incluído.

— Qual é o nome do paciente? — ela pergunta.

— Rocky Kyrklund. Lembra dele?

— Sim, espere um pouco — ela diz, hesitante.

— Ele era padre.

— Exatamente. Eu me lembro. Você falava um bocado sobre ele — ela diz enquanto pensa. — Você tinha um arquivo de fotos da cena do crime e...

— Você sabe onde ele foi parar? — ele a interrompe.

— Faz anos — ela responde.

— Mas ele ainda está preso, não é?

— É melhor torcermos para que sim — ela responde. — Ele matou pessoas, não é?

Erik faz que sim com a cabeça.

— Uma mulher.

— Isso mesmo, agora eu me lembro. O rosto dela foi completamente destruído.

Nelly posta-se atrás de Erik enquanto ele pesquisa em seu computador o banco de dados de pacientes. Ele digita o nome Rocky Kyrklund e descobre que ele foi enviado para o Hospital Distrital Karsudden.

— Karsudden — ele diz.

Ela afasta uma mecha de cabelo loiro da bochecha e olha para ele, estreitando os olhos.

— Por que estamos falando sobre esse paciente?

— A vítima de Rocky Kyrklund foi colocada em uma pose. Ela estava deitada no chão com o rosto horivelmente desfigurado e a mão em volta do pescoço. Eu apenas hipnotizei Björn Kern, e... e ele descreveu detalhes que eram muito semelhantes a esse antigo assassinato.

— O cometido pelo padre?

— Eu não tenho certeza, mas Björn Kern disse que o rosto de sua esposa havia sido completamente destruído, e ela estava sentada com a mão sobre a orelha.

— O que a polícia diz?

— Eu não sei — Erik murmura.

— Você contou para a tenente?

— Eu não contei nada a ela — Erik diz.

— Não contou?

— Bem, porque isso veio à tona enquanto ele estava sob hipnose.

— Mas ele concordou com isso, não é?

— Pode ser que eu tenha ouvido mal — Erik diz.

— Ouvido mal?

— É tão doentio. Eu não consigo mais pensar com clareza.

— Erik, talvez não seja nada — Nelly diz —, mas você tem que contar para os policiais. É por isso que eles estão aqui.

Ele caminha até a janela. A área onde os pacientes ficam e fumam está vazia agora, mas ele ainda pode ver as pontas de cigarro e embalagens de doces que foram jogadas no chão e um protetor plástico para sapatos azul que tinha sido enfiado na lata de lixo.

— Faz muito tempo, mas a meu ver... você sabe como foram aquelas semanas? Eu não queria que Rocky recebesse alta — Erik diz lentamente. — O crime todo... tudo. A brutalidade, os olhos, as mãos...

— Eu sei. Eu li tudo a respeito — Nelly diz. — Não me lembro dos detalhes da sua recomendação, mas sei que você disse que ele era extremamente perigoso e que havia um grave risco de reincidência.

— E se ele estiver à solta? Tenho que ligar para o Karsudden. — Erik pega o telefone e tecla o número de Simon Casillas, o psiquiatra-chefe de lá.

Nelly senta-se no sofá de Erik e meneia a cabeça em um gesto encorajador enquanto ele fala com o médico.

O sol passa por trás de uma nuvem e a escuridão se assenta na sala, como se uma figura colossal estivesse em pé na frente do prédio.

— Rocky ainda está na ala D-4 — Erik diz. — E ele nunca foi posto em liberdade condicional.

— Isso tranquiliza você?

— Não — ele sussurra.

— Você está se sentindo bem? — ela pergunta com tanta seriedade que ele não consegue evitar um sorriso.

Ele suspira e leva as mãos ao rosto, depois as abaixa bem devagar, pressionando suavemente as pontas dos dedos contra as pálpebras e as bochechas antes de olhar para Nelly de novo.

As costas de Nelly estão eretas, e uma ruga pequena e acentuada apareceu entre suas sobrancelhas finas enquanto ela esquadrinha o rosto de Erik.

— Tudo bem — Erik diz. — Eu sei que isto é completamente errado, mas em uma das últimas conversas que tive com Rocky, ele afirmou que tinha um álibi para a noite do assassinato. Eu não queria que ele fosse solto simplesmente porque tinha comprado uma testemunha.

— O que você está tentando dizer? — ela pergunta, alarmada.

— Eu nunca passei adiante essa informação.

— Não brinca — ela diz.

— Ele poderia ter sido libertado.

— Jesus, você não pode fazer isso!

— Eu sei, mas ele era culpado, e ele teria matado de novo — Erik alega.

— Isso não é da nossa conta. Somos psicólogos, não somos detetives, e definitivamente não somos juízes.

Ela dá alguns passos agitados, depois se detém e sacode a cabeça.

— Porra — ela diz, ofegante. — Isso é loucura, você é completamente...

— Você está furiosa.

— Sim, estou furiosa. Quero dizer, se isso vazasse, você perderia o emprego.

— Eu sei que o que fiz foi errado. Isso me atormenta desde então. Mas sempre estive totalmente convencido de que parei um assassino.

— Merda — ela murmura.

Ele pega o cartão de visita de sua mesa e começa a teclar o número da tenente.

— O que você está fazendo? — ela pergunta.

— Eu preciso contar a ela sobre o álibi de Rocky e toda a história sobre a mão e o ouvido, e...

— Vá em frente — ela o interrompe. — Mas e se você estivesse certo? E se o álibi dele não fosse de verdade? Então essas semelhanças são apenas coincidências.

— Eu não dou a mínima.

— Então pergunte a si mesmo o que você vai fazer com o resto da sua vida — ela diz. — Você terá que desistir de ser médico. Você perderá sua renda. Pode ser até que enfrente acusações, sem mencionar todo o escândalo e fofoca nos jornais...

— É minha própria culpa.

— Primeiro descubra se o álibi se confirma. Se bater, então eu mesma vou denunciar você.

— Obrigado.

Ele ri.

— Estou falando sério — ela diz.

Erik deixa o carro na frente da garagem, sobe correndo o caminho até sua casa às escuras e entra. Acende a luz na entrada, mas não tira o casaco, simplesmente continua descendo a íngreme escadaria até o porão onde, em armários de aço trancados, ele guarda seu arquivo. Todo o material escrito é armazenado ali — livros de registros, diários pessoais e uma ampla coleção de anotações. As gravações de suas sessões foram salvas em oito discos rígidos externos.

O coração de Erik está martelando no peito quando ele abre um dos armários e procura pelo ano em que sua vida se cruzou por acaso com a de Rocky Kyrklund.

Ele tira o arquivo de uma caixa preta e sobe às pressas para o escritório. Acende a lâmpada e abre o arquivo sobre a escrivaninha.

Foi há nove anos, e a vida era muito diferente. Benjamin ainda estava no ensino fundamental, e ele próprio acabara de começar a trabalhar no Centro de Crise e Trauma com o professor Sten W. Jakobsson.

Ele não se lembra mais dos detalhes exatos, mas sabe que estava ajudando sua amiga Nina Blom.

Erik se lembra de passar a noite em sua nova sala, lendo o material enviado pela promotoria. O homem que seria avaliado, Rocky Kyrklund, era o vigário da paróquia de Salem. Ele estava sob custódia por suspeita de ter assassinado Rebecka Hansson, uma mulher de quarenta e três anos que, no domingo anterior ao assassinato, havia assistido à missa e depois ficou até tarde na igreja para falar com ele em particular.

O assassinato fora extremamente agressivo, impulsionado pelo ódio. O rosto e os braços da vítima foram destruídos. Ela foi encontrada deitada no chão de linóleo do banheiro de casa, com a mão direita em volta do pescoço.

Havia provas forenses razoavelmente convincentes. Rocky enviara a Rebecka uma série de mensagens de texto ameaçadoras, suas impressões digitais e fios de cabelo foram encontrados na casa dela, e havia vestígios de sangue de Rebecka em seus sapatos.

Um mandado de prisão foi emitido e ele foi detido sete meses depois, por ocasião de um grave acidente de trânsito em uma rodovia em Brunnby. Ele havia roubado um carro em Finsta e se dirigia ao aeroporto de Arlanda.

No acidente, Rocky sofreu uma grave lesão cerebral, o que resultava em crises epiléticas em seus lobos frontais e temporais.

Ele sofreria episódios recorrentes de perda de memória, ação involuntária e epilepsia pelo resto de sua vida.

Quando Erik conheceu Rocky, o rosto dele estava riscado de cicatrizes vermelhas do acidente, seu braço estava engessado e seu cabelo tinha começado a crescer novamente após várias operações. Rocky era um homem grandalhão com uma voz estrondosa. Tinha quase dois metros de altura, ombros largos, mãos enormes e pescoço grosso.

Às vezes ele desmaiava, caindo da cadeira, derrubando a frágil mesa sobre a qual se apoiavam copos e uma jarra de água. Mas às vezes seus ataques epiléticos eram praticamente invisíveis. Ele apenas parecia um pouco quieto e distante, e depois não conseguia lembrar-se do que eles estavam falando.

Erik e Rocky davam-se muito bem. O padre era inegavelmente carismático. De alguma forma, conseguiu dar a impressão de estar falando com toda a sinceridade.

Erik folheia o diário particular no qual ele fazia anotações durante as conversas entre os dois. É possível rastrear os assuntos de uma sessão para a outra.

Rocky não havia admitido tampouco negado o assassinato; ele disse que não conseguia lembrar-se de Rebecka Hansson e não era capaz de explicar por que suas impressões digitais haviam sido encontradas na casa dela ou como o sangue dela estava nos sapatos dele.

Durante os melhores momentos de suas conversas, Rocky navegava em torno de suas pequenas ilhas de memórias e talvez discernisse um pouco melhor as coisas.

Certa vez Rocky disse que ele e Rebecka Hansson tiveram relações sexuais na sacristia, embora tivessem sido interrompidas. Ele conseguia lembrar-se de detalhes, como o tapete áspero em que se deitaram — um antigo presente das moças da paróquia. Rebecka começou a menstruar, deixando uma pequena mancha de sangue — como uma virgem, disse ele.

Nas conversas seguintes, ele não se lembrava de nada disso.

A conclusão do exame foi que o crime havia sido cometido sob a influência de graves perturbações mentais. A equipe acreditava que Rocky sofria de um distúrbio de personalidade grandioso e narcisista com elementos de paranoia.

Erik folheia uma nota circulada no diário, “pagando por sexo + abuso de drogas”, seguida por algumas ideias para medicação.

Naturalmente, Erik não deveria ter tido uma opinião sobre a questão da culpa, mas, com o passar do tempo, ele se convenceu de que Rocky era culpado e que seu transtorno mental constituía um grave risco para a população.

Durante uma de suas últimas sessões, Rocky estava falando sobre uma cerimônia para marcar o final do ano letivo em uma igreja adornada com plantas

primaveris, quando de repente declarou que não havia assassinado Rebecka Hansson.

— Eu me lembro de tudo agora. Eu tenho um álibi para aquela noite inteira — ele disse.

Ele escreveu o nome Olivia e um endereço, depois entregou a folha de papel a Erik. Eles continuaram conversando, e Rocky começou a falar em fragmentos descontínuos, depois ficou completamente em silêncio, olhou para Erik e sofreu um grave ataque epiléptico. Depois Rocky não se lembrou de nada, nem sequer reconheceu Erik, apenas ficava sussurrando sobre querer heroína, dizendo que seria capaz de matar uma criança por trinta gramas.

Erik jamais levou o álibi de Rocky a sério. Na melhor das hipóteses, era uma mentira; na pior, Rocky poderia ter subornado ou ameaçado alguém para corroborar o álibi.

Erik jogou fora o pedaço de papel, e Rocky Kyrklund foi considerado culpado e sentenciado a uma unidade psiquiátrica de segurança máxima.

E nove anos depois, uma mulher é assassinada em Bromma de uma maneira que lembra o assassinato de Rebecka Hansson, Erik pensa, fechando o arquivo.

Violência agressiva dirigida ao rosto, pescoço e peito.

Mas, por outro lado, assassinatos desse tipo não são de todo incomuns. Podem ser desencadeados por qualquer coisa, desde a inveja de um ex-marido, agressão associada ao uso de Rohypnol e esteroides anabolizantes, os chamados crimes de honra, ou um cafetão punindo exemplarmente uma prostituta que tenta livrar-se dele.

A única conexão concreta é que Susanna Kern foi deixada no local do crime com a mão cobrindo a orelha, assim como Rebecka Hansson foi encontrada no chão com a mão em volta do próprio pescoço.

Talvez Susanna Kern tenha apenas se enroscado no cinturão de seu quimono durante a luta.

Os paralelos certamente não são inequívocos, mas estão lá, e estão obrigando Erik a fazer algo que ele deveria ter feito havia muito tempo.

Ele coloca o arquivo em sua gaveta da escrivaninha e mais uma vez procura o número do psiquiatra-chefe Simon Casillas no Hospital Karsudden.

— Casillas — o homem atende com uma voz muito seca.

— Erik Maria Bark, do Karolinska.

— Olá de novo.

— Faz muito tempo, mas eu gostaria de saber se posso marcar uma visita.

— Uma visita?

O som de uma quadra de squash é audível ao fundo, uma bola batendo na parede, o rangido de sapatos.

— Estou participando de um projeto de pesquisa do Centro Osher no instituto que requer que acompanhemos antigos pacientes, de uma ponta à outra do espectro... o que significa que terei de entrevistar Rocky Kyrklund.

Erik fala um pouco mais sobre o projeto de pesquisa, em seguida termina a conversa e lentamente coloca o telefone sobre a escrivaninha. Ele observa a pequena tela escurecer ao entrar no modo de descanso.

O escritório está perfeitamente imóvel. Sua cadeira de couro range como um barco no atracadouro. Pela janela aberta ele ouve o chiado de um aguaceiro noturno avizinhando-se dos jardins.

Ele se inclina para a frente e apoia os cotovelos sobre a escrivaninha, apoia a cabeça nas mãos e se pergunta o que diabos está fazendo. O que eu acabei de dizer?, ele pensa.

Talvez fosse uma ideia maluca, ele sabe disso. Mas sabe também que não tem escolha. Se o álibi de Rocky fosse genuíno, ele deveria ser libertado, mesmo que isso significasse um frenesi na mídia e um erro judicial, uma decisão injusta do tribunal.

Erik passa os olhos pelo diário. Não há anotações sobre um álibi, mas, no final, uma página foi arrancada. Ele folheia adiante e para. Da última sessão com Rocky, há uma fraca anotação feita a lápis da qual Erik não se lembra. No meio da página está escrito “um padre com roupas sujas”. O restante do diário está em branco.

Saga Bauer está dirigindo devagar pelo vasto campus do Instituto Karolinska. Quando se aproxima do número 5 da rua Retzius, ela manobra de modo a entrar no estacionamento deserto e para em frente ao prédio vazio.

Ela está cansada. Não está usando maquiagem, não lavou o cabelo e está vestida com roupas folgadas, mas ainda assim a maioria das pessoas provavelmente diria que ela era a pessoa mais bonita que já viram.

Nos últimos tempos há algo de faminto e acossado em sua aparência: o azul brilhante de seus olhos faz com que sua pele branca leitosa pareça translúcida.

No chão do carro, na frente do banco do passageiro, há uma bolsa de viagem verde contendo roupas íntimas, um colete à prova de balas e cinco cartuchos de munição: calibre quarenta e cinco para pistola automática, com ponta oca.

Saga está de licença médica de seu trabalho na Polícia de Segurança há mais de um ano, e em todo esse tempo não visitou nem sequer uma única vez o clube de boxe.

O laboratório de patologia está fechado, e todas as luzes do edifício de tijolos vermelhos parecem estar apagadas, mas um Jaguar branco com um para-choque dianteiro danificado está estacionado no caminho em frente à entrada.

Saga inclina-se para o lado, abre o porta-luvas, pega o frasco de vidro e sai do carro. O ar está ameno e cheira a grama recém-cortada. Ela sente sua Glock 21 balançando sob o braço esquerdo, e, enquanto vai andando, pode ouvir um leve som de líquido chapinhando dentro do frasco.

Saga tem que se espremer pelo canteiro de flores para passar pelo carro de Nils “Agulha” Åhlén. Os espinhos da rosa-silvestre fazem um ruído quando roçam a calça dela. Os galhos balançam e algumas pétalas caem no chão.

A porta da frente se mantém aberta por um folheto dobrado.

Ela já esteve aqui vezes o suficiente para saber o caminho. À medida que percorre o corredor em direção à porta de vaivém, seus pés esmagam os grãos de poeira no piso que alguém limpou com descuido.

Ela não consegue evitar um sorriso quando olha para o frasco e para o líquido turvo, as partículas girando.

A lembrança passa por ela como um relâmpago, e a mão livre sobe involuntariamente para uma das cicatrizes que ele deixou em seu rosto, o corte profundo logo abaixo da sobrancelha.

Às vezes ela acha que ele deve ter visto algo especial nela, e essa foi a razão pela qual ele poupou sua vida, e às vezes ela acha que ele simplesmente considerava a morte muito fácil — queria que ela vivesse com as mentiras em que ele a fizera acreditar, no inferno que tinha criado para ela.

Ela nunca vai saber.

A única coisa que ela sabe com convicção é que ele escolheu não matá-la e ela escolheu matá-lo.

Ela pensa na escuridão e na neve profunda enquanto caminha pelo corredor vazio.

— Eu atirei nele — ela sussurra para si mesma.

Ela lambe os lábios e, em sua imaginação, se vê atirando e atingindo-o no pescoço, no braço e no peito.

— Três tiros no peito.

Ela trocou o pente da pistola e atirou nele novamente quando ele caiu nas corredeiras. Ela ergueu o sinalizador e viu a nuvem de sangue espalhada ao redor dele. Ela correu ao longo da margem, atirando no objeto escuro, e continuou atirando, embora o corpo tivesse sido carregado pela correnteza.

Eu sei que o matei, ela pensa.

Mas nunca encontraram o corpo. A polícia enviou mergulhadores sob o gelo e vasculhou as duas margens com cães farejadores.

Do lado de fora do escritório, há uma placa de metal em que se lê: NILS ÅHLÉN, PROFESSOR DE MEDICINA FORENSE .

A porta está aberta e a figura franzina está sentada à sua escrivaninha impecavelmente limpa lendo o jornal, com um par de luvas de látex nas mãos. Ele veste uma camisa polo branca sob o jaleco branco e seus óculos de avião reluzem quando ele olha para cima.

— Você está cansada, Saga — ele diz em tom amigável.

— Um pouco.

— Linda, no entanto.

— Não.

Ele abaixa o jornal, tira as luvas e percebe nos olhos dela a expressão intrigada.

— Para evitar que a tinta fique nos meus dedos — ele diz, como se fosse óbvio.

Saga não responde, apenas coloca o frasco na frente dele. O objeto se move devagar no álcool, em meio a uma nuvem de finas partículas. Um dedo indicador inchado e meio podre.

— Então você acha que esse dedo pertenceu a...

— Jurek Walter — Saga diz bruscamente.

— Como você conseguiu? — o Agulha pergunta.

Ele pega o frasco e o segura contra a luz. O dedo se mexe de encontro ao vidro como se estivesse apontando para ele.

— Passei mais de um ano procurando.

Para começar, Saga Bauer pegou emprestados cães farejadores e percorreu de cima a baixo as duas margens do rio, de Bergasjön até Hysingsvik, na costa do Báltico. Esquadrinhou o litoral, vasculhou as praias, estudou as correntes de Norrfjärden até Västerfladen e foi a todas as ilhas, conversando com qualquer um que fosse pescar na área.

— Vá em frente — o Agulha diz.

Ela ergue os olhos e encontra o olhar relaxado dele. As luvas de látex estão sobre a mesa, do avesso, em dois pequenos montes. Uma delas está tremulando, seja pela corrente de ar ou pela contração da borracha.

— Hoje de manhã eu estava andando pela praia em Högmarsö — ela explica. — Eu já tinha estado lá antes, mas resolvi tentar de novo. O terreno no lado norte é bastante traiçoeiro, um bocado de floresta nas falésias no promontório.

Ela pensa no velho caminhando em sua direção, vindo do outro lado, com uma braçada de madeira flutuante cinza-prateada.

— Você está quieta de novo.

— Desculpe. Topei com um sacristão aposentado. Ele disse que tinha me visto da última vez que eu tinha estado lá e perguntou o que eu estava procurando.

Saga foi com ele para a parte habitada da ilha. Menos de quarenta pessoas vivem lá. A casa do antigo sacristão da paróquia fica enfiada atrás da capela branca e de seu campanário independente.

— Ele disse que no fim de abril encontrou um cadáver na costa.

— Um corpo inteiro? — o Agulha pergunta em voz baixa.

— Não, apenas o torso e um braço.

— Sem cabeça?

— Ninguém consegue viver sem torso — ela diz, e pode ouvir como sua voz soa febril.

— Não — o Agulha responde.

— O sacristão disse que o corpo devia ter passado o inverno inteiro na água, porque estava muito inchado e muito pesado.

— Eles ficam com uma aparência terrível — o Agulha diz.

— Ele pôs o corpo no carrinho de mão e o trouxe de volta através da floresta, colocou-o no chão do depósito de ferramentas atrás da capela. Mas o cheiro enlouqueceu o cachorro, então ele teve que levá-lo para o velho crematório.

— Ele cremou o corpo?

Ela faz que sim com a cabeça. O crematório estava abandonado fazia décadas, mas no meio dos alicerces cobertos por vegetação havia um forno de tijolos fuliginosos com uma chaminé. O sacristão costumava queimar lixo no forno, então ele sabia que funcionava.

— Por que ele não ligou para a polícia? — o Agulha pergunta.

Saga pensa em como a casa do sacristão fedia a fritura e roupas velhas. O pescoço dele estava manchado de sujeira, e as garrafas de bebida caseira na geladeira tinham marcas sujas de seus dedos.

— Ele tinha um alambique em casa... eu não sei. Mas ele tirou algumas fotos com o celular, para o caso de a polícia aparecer e começar a fazer perguntas. E ele guardou o dedo no fundo da geladeira.

— Você tem as fotos?

— Sim — ela diz, e pega o telefone. — Deve ser ele. Veja os ferimentos de bala.

O Agulha examina a primeira foto. No chão de cimento do depósito de ferramentas jaz um tronco inchado e marmorizado com apenas um braço. A pele tinha rachado no peito e deslizado para baixo. Havia quatro buracos de bala no corpo. A água fez uma marca preta no chão cinza-claro — uma sombra que ficava mais estreita na direção do ralo.

— Isso é bom, muito bom — o Agulha diz, devolvendo o celular.

Há uma expressão tensa em seus olhos quando ele se levanta, pega o frasco de vidro sobre a mesa e olha para Saga como se estivesse prestes a dizer algo mais, mas em vez disso sai da sala.

Saga acompanha o Agulha por um corredor escuro até o laboratório de patologia mais próximo. As luzes fluorescentes frias bruxuleiam algumas vezes antes de se firmarem e iluminarem as paredes de azulejos brancos. Ao lado de uma das mesas de metal há uma escrivaninha com um computador e uma garrafa grande de Trocadero.

O cômodo recende a desinfetante e umidade. Há uma mangueira amarela brilhante presa a uma das torneiras, e um filete de água escorre dela em direção ao ralo no chão.

O Agulha caminha direto até a longa mesa de necropsia coberta de plástico.

Ele puxa uma cadeira para Saga e pousa o frasco de vidro sobre o tampo.

Ela o observa colocar o macacão de proteção, uma máscara e luvas de látex. Em seguida ele para, imóvel, diante do frasco, como uma pessoa idosa desaparecendo em uma lembrança. Saga está prestes a dizer algo quando o Agulha respira fundo.

— O dedo direito de um corpo encontrado em água salobra, preservado em álcool forte a uma temperatura de oito graus por quatro meses — ele diz para si mesmo.

Então fotografa o frasco de vários ângulos, depois desenrosca a tampa com as palavras GELEIA DE FRAMBOESA BOB .

Usando uma pinça de aço, ele remove o dedo, deixa escorrer por um tempo e o coloca sobre a mesa. A unha se descolou e ainda está mergulhada no líquido escuro. O cheiro nauseante de água do mar podre e carne em decomposição se espalha pela sala.

— Não há dúvida de que o dedo foi removido do corpo muito depois da morte — ele diz a Saga. — Com uma faca ou talvez um alicate ou tesoura.

O Agulha respira pelo nariz de forma audível enquanto vai virando cuidadosamente o dedo de modo a poder fotografá-lo de todos os ângulos.

— Podemos obter uma boa impressão digital disto — ele diz em tom sério.

Saga recuou e está de pé com a mão sobre a boca, observando o Agulha pegar o dedo morto e segurá-lo junto a um escâner de digitais.

A máquina pisca quando a impressão é digitalizada.

O tecido está inchado e rechonchudo, mas ainda assim a impressão digital que aparece na pequena tela é muito clara. Saga olha para a imagem oval contendo um labirinto de redemoinhos.

A sala se enche de expectativa.

O Agulha tira a roupa de proteção e vai para o computador, conecta o escâner e clica no ícone LIVESCAN .

— Eu tenho um Sistema de Identificação Automatizada de Impressões Digitais privado — ele diz ao clicar em outro ícone e digitar uma nova senha.

Saga o vê procurar por “Walter”, e depois clicar para acessar os registros de Jurek. As nítidas reproduções do polegar e das impressões digitais de ambas as mãos foram feitas a tinta no momento de sua prisão.

Saga tenta controlar a respiração.

O suor escorre pelas laterais de suas axilas.

O Agulha sussurra algo para si mesmo e arrasta a melhor imagem do LiveScan para a caixa de pesquisa do sistema, depois clica no ícone que diz ANÁLISE E COMPARAÇÃO , e imediatamente obtém um resultado.

— O que está acontecendo? — Saga engole em seco.

Reflexos das luzes fluorescentes deslizam pelos óculos dele. Ela vê a mão do Agulha tremer quando ele aponta para a tela.

— Os detalhes do nível inicial são bastante vagos. Basicamente apenas padrões — o Agulha explica, e limpa a garganta rápido. — O segundo nível são os chamados detalhes de Galton. Você pode ver a extensão das linhas papilares e a maneira como elas se relacionam umas com as outras. As diferenças são apenas o resultado da ruptura do tecido. E o terceiro nível, que diz respeito principalmente ao desenho dos poros — a correspondência é perfeita.

— Você quer dizer que encontramos Jurek? — ela sussurra.

— Vou enviar o DNA para o Laboratório Nacional de Medicina Legal em Linköping, mas apenas como uma formalidade — ele responde com um sorriso nervoso. — Você o encontrou. Não há dúvidas de que é ele. Acabou.

— Bom — ela diz, sentindo seus olhos marejarem de lágrimas quentes.

Seu alívio inicial dá lugar ao medo e a uma sensação quase que de vazio na boca do estômago.

— Você disse o tempo todo que tinha certeza de que tinha matado Jurek. Por que era tão importante encontrar o corpo dele? — o Agulha pergunta.

— Eu não conseguiria tentar encontrar Joona antes de encontrá-lo — ela responde esfregando as bochechas com a mão para enxugar as lágrimas.

— Joona está morto — o Agulha diz.

— Sim.

Ela sorri.

A jaqueta e a carteira de Joona foram encontradas com um morador de rua que perambulava por Strömparterren. Saga assistiu ao vídeo do interrogatório muitas vezes. O sem-teto identificou-se como Constantino I. Ele normalmente subia a bordo de um dos barcos de pesca e dormia junto a uma saída de aquecimento.

Ele tinha uma barba comprida e dedos sujos, lábios rachados e um olhar desconfiado. Sentou-se na sala de interrogatórios e, com uma voz estridente, contou-lhes sobre o finlandês grandalhão que lhe dissera para manter distância, antes de tirar a jaqueta e nadar água adentro. Ele o observou nadar em direção a Strömbron até alcançar a correnteza de fluxo rápido e desaparecer.

— Você não acredita que ele esteja morto? — o Agulha pergunta.

— Há vários anos ele me ligou. Queria que eu descobrisse algumas informações sobre uma mulher em Helsinque, em segredo — Saga diz. — Na época, achei que a mulher tinha algo a ver com o caso em Birgittagården.

— O que você descobriu sobre ela?

— Ela estava gravemente doente, internada no hospital para uma operação. O nome dela era Laura Sandin — Saga diz, sustentando o olhar do Agulha. — Mas na verdade ela era... Summa Linna, a esposa dele, não era?

— Sim.

Ele assente, balançando a cabeça.

— Tentei entrar em contato com Laura para lhe dizer que Joona estava morto — Saga explica. — Laura estava em um hospital para tratamento paliativo, mas, dois dias depois do suicídio de Joona, recebeu alta para passar seus últimos dias em casa. Mas nem Laura nem a filha estão no endereço delas na rua Elisabet.

— Sério? — As narinas finas do Agulha ficam pálidas.

— Elas não estão em parte alguma — Saga diz, dando um passo em direção a ele.

— Que bom ouvir isso.

— Eu acho que Joona forjou seu suicídio para que pudesse ir buscar a esposa e a filha e se esconder com elas.

Os olhos do Agulha estão vermelhos, e sua boca está se contraindo levemente quando ele fala:

— Joona era a única pessoa que acreditava que o raio de ação de Jurek se estendia para além da unidade de isolamento e, como sempre, ele estava certo. Se não tivéssemos feito isso, Jurek teria matado Summa e Lumi, assim como matou Disa.

— Nils, preciso encontrar Joona e contar a ele que Jurek Walter está morto — Saga diz. — Ele precisa saber que o corpo foi encontrado.

Ela coloca a mão no braço de Nils e vê os ombros dele se arquearem quando ele toma a decisão.

— Eu não sei onde elas estão — ele diz por fim. — Mas se Summa está morrendo, como você diz... sei onde você poderia tentar procurar.

— Onde?

— Vá ao Museu Nórdico — ele diz com a voz carregada, como se estivesse preocupado com a possibilidade de mudar de ideia. — Há uma pequena coroa nupcial, uma coroa de noiva sámi feita de raízes entrelaçadas. — Olhe com cuidado.

— Obrigada.

— Boa sorte — o Agulha diz com seriedade, depois hesita. — Ninguém quer abraçar um patologista, mas...

Saga dá um abraço apertado nele, depois sai da sala e se apressa ao longo do corredor.

Saga estaciona na frente da escadaria do Museu Nórdico, beberica um gole de café gelado da caneca da 7-Eleven e olha para as pessoas ao seu redor, todas vestidas para o verão. Ela está prestando atenção ao seu entorno pela primeira vez: adultos e crianças cansados do sol ou dos longos piqueniques, ou entusiasmados e ansiosos a caminho do parque de diversões ou de algum restaurante.

Saga mal notou o verão passando. Desde que Joona desapareceu, ela se retirou do mundo, à procura do corpo de Jurek.

Agora é hora de acabar com isso.

Saga sai do carro e sobe os degraus.

Ela passa pela imponente entrada, compra um ingresso, pega um folheto com o mapa do museu e segue adiante até o saguão.

Ela avança para a seção que abriga o artesanato sámi. Alguns visitantes estão estudando os armários de vidro contendo joias, facas com alças de chifre de rena, artefatos culturais e roupas.

Ela se detém em frente a uma tela com uma coroa nupcial. Deve ser aquela a que o Agulha se referiu. É um belo trabalho, feito de raízes de bétula entretecidas, com pontos parecidos com os dedos de duas mãos entrelaçadas.

Saga olha para o pequeno cadeado no mostruário e vê que seria fácil abri-lo, mas o gabinete tem alarme, e há o risco de que um guarda chegue antes que ela tenha tempo de pegar a coroa.

Uma senhora idosa para ao lado dela e diz algo em italiano a um homem empurrando um carrinho a uma curta distância.

O homem fala com o guarda e recebe ajuda para chegar aos elevadores. Uma menina de cabelo loiro e liso contempla os trajes cerimoniais do povo sámi.

Há um crepitar de velcro quando Saga puxa seu minúsculo punhal da bainha abaixo de sua axila esquerda. Com cuidado, ela desliza a ponta junto à lateral do cadeado da porta de vidro e empurra com um ligeiro solavanco. O vidro da porta se estilhaça, lascas caem no chão e um alarme dispara.

Espantada, a menina olha para Saga enquanto ela calmamente guarda de novo a faca, abre a porta e retira a coroa nupcial.

Ela parece menor fora do mostruário e não pesa praticamente nada. Saga fita a peça enquanto o alarme toca.

O Agulha lhe disse que a mãe de Summa havia tecido a coroa para o seu próprio casamento, e que Summa a usara no dela, depois doou a peça para o museu de artesanato de Luleå.

Saga vê o guarda correndo às pressas em sua direção e cuidadosamente vira a coroa nas mãos, olha dentro dela e vê que alguém usou um ferrete para marcar a ferro quente a inscrição “Nattavaara 1968”. Ela coloca a coroa de volta no mostruário e fecha a porta estilhaçada.

Ela sabia que havia algum tipo de conexão familiar com Nattavaara e deduz que é onde Joona está no momento.

Saga sente o coração inflar com o pensamento de ser capaz de dizer a Joona que tudo tinha acabado.

As bochechas do guarda estão ruborizadas. Ele estaca a cinco metros de distância e aponta para ela com o rádio, sem conseguir pronunciar uma única palavra.

O trem parte da Estação Central de Estocolmo, balançando ruidosamente enquanto se afasta da plataforma suja. À esquerda, imensos barcos brancos deslizam ao longo de Karlbergssjön, e à direita há um muro de concreto coberto por pichações mal pintadas por cima.

Como todos os vagões-dormitório estavam reservados, Saga teve que ocupar um assento comum. Ela mostra sua passagem ao fiscal, depois come um sanduíche com os olhos fixos na janela. Quando o trem passa por Uppsala, ela tira os coturnos militares, dobra a jaqueta em volta da pistola e a usa como travesseiro.

A viagem de trem até Nattavaara, a mais de mil quilômetros de distância, levará quase doze horas.

O trem avança com estrondo noite adentro. As luzes passam do lado de fora como pequenas estrelas, menos e menos delas quanto mais ao norte o comboio chega. Correntes de ar quente jorram do radiador escaldante junto ao painel ao lado do assento de Saga.

Mais tarde, a noite do lado de fora da janela se transforma em completa escuridão.

Ela fecha os olhos e pensa no que Nils lhe disse. Quando Joona e seu parceiro Samuel Mendel capturaram Jurek Walter muitos anos atrás, Jurek anunciou seu plano de vingança antes de ser internado na unidade de segurança máxima do Hospital Löwenströmska. Samuel julgou que se tratava de uma ameaça vazia, mas de alguma forma Jurek conseguiu estender seus tentáculos desde sua cela e agarrar a esposa de Samuel e os dois filhos dele.

Joona percebeu que a ameaça era séria. Com a ajuda do Agulha, ele tomou providências para que sua esposa e sua filhinha “morressem” em um acidente de carro. Summa e Lumi receberam novas identidades e não tiveram mais contato com Joona. Enquanto Jurek estivesse vivo, havia o risco de que sua ameaça fosse real. Em retrospectiva, Joona as salvou de uma morte terrível ao sacrificar a vida que eles tinham juntos.

Mas Saga pode libertar Joona agora. Jurek Walter está morto. Seus restos mortais foram encontrados e identificados.

Esse pensamento suscita nela um arrepio quase erótico, que percorre seu corpo inteiro. Ela se reclina em seu assento, fecha os olhos e adormece. Pela primeira vez em muito tempo, dorme profundamente.

Quando Saga acorda, o trem está parado e o ar frio da manhã flui vagão adentro. Ela se senta com a coluna reta e vê que agora está em Boden. Faz quase dez horas que ela está dormindo, e precisa trocar de trem para a última parte da jornada até Nattavaara.

Ela calça os coturnos, enfia a pistola no coldre e desce do trem. Compra um copo grande de café na estação e depois volta para a plataforma. Um grupo de jovens de fardas militares e boinas verdes entra em um trem na direção oposta. Uma locomotiva preta com o chassi vermelho se aproxima com um agudo guincho dos freios. O trem para e chia lentamente na plataforma deserta. Saga é a única pessoa que entra no trem para Gällivare, e tem o vagão inteiro para ela.

Em tese, a jornada para Nattavaara deve levar menos de uma hora. Saga bebe seu café, lava o rosto e, em seguida, se senta assistindo à paisagem passar, vastas extensões de floresta com um ou outro chalé vermelho esporádico.

O plano dela é ir ao mercadinho do vilarejo ou ao salão paroquial e perguntar sobre pessoas que tenham se mudado para lá recentemente — não devia haver tantas.

São quase onze da manhã quando ela pisa na plataforma. A estação é pouco mais que um barracão com uma placa sobre o telhado. Nas ervas daninhas em frente há um banco com a pintura descascada e braços enferrujados.

Saga começa a caminhar pela estrada através da floresta verde-escura e sussurrante. Não há sinal de pessoas, mas vez por outra ela ouve cachorros latindo.

A superfície da estrada é irregular e está rachada por causa da geada.

Ela continua por uma ponte que se estende por sobre o vale do Pikku Venetjoki, e então ouve atrás de si o som de um motor. Uma velha picape Volkswagen avança na direção de Saga, que acena pedindo que o veículo pare.

Um homem bronzeado na faixa dos setenta anos, vestindo um suéter cinza, abaixa o vidro da janela e acena em saudação. Ao seu lado está uma mulher da mesma idade, com um colete verde acolchoado e óculos de armação rosa.

— Olá — Saga diz. — Vocês moram em Nattavaara?

— Estamos apenas de passagem — ele responde.

— Nós somos de Sarvisvaara... outra metrópole — a mulher diz.

— Vocês sabem onde fica o mercadinho?

— Fechou no ano passado — o velho diz, mexendo no volante. — Mas temos uma nova loja agora.

— Isso é bom.

Saga sorri.

— Não é uma loja — a velha diz.
— Eu chamo de loja — ele resmunga.
— Mas isso está errado — ela diz. — É uma loja de conveniência.
— Então é melhor eu parar de fazer minhas compras lá — o homem suspira.
— Onde fica a loja? — Saga pergunta.
— No mesmo prédio do antigo mercadinho — a mulher responde com uma piscadela. — Pule aí atrás.

— Ela não tem cara de saltadora em altura — o homem retruca.
Saga se empoleira na lateral, apoiando-se no volante, agarra-se à borda da picape, balança o corpo e pega impulso para subir, depois se senta de costas para a cabine.

Durante a viagem, ela ouve o casal de velhos continuar a discussão, a ponto de em certo momento a picape quase cair dentro de uma vala. O para-choque bate com um baque surdo, e o cascalho voa sob o veículo, que é rodeado por uma nuvem de poeira.

O veículo entra no vilarejo e para em frente a um grande prédio vermelho com uma placa do lado de fora anunciando sorvetes. O estabelecimento serve também como agência dos correios e casa lotérica, bem como ponto de coleta de receitas médicas e suprimentos do monopólio estatal do álcool.

Saga desce com um pulo, agradece ao casal pela carona e sobe os degraus. Uma sineta na porta tilinta quando ela entra.

Ela encontra um saco de batatas fritas sabor endro e depois se dirige ao rapaz no balcão.

— Estou procurando um amigo que se mudou para cá há pouco mais de um ano — ela diz sem dar mais detalhes.

— Para cá? — ele pergunta, e em seguida a encara por alguns instantes antes de abaixar os olhos.

— Um homem alto com a esposa e a filha.

— Ah — ele diz, corando.

— Eles ainda moram aqui?

— Basta seguir a estrada Lompolovaara — ele diz, apontando. — Suba até a curva em Silmäjärvi.

Saga sai da loja e vai na direção indicada pelo rapaz. Pneus de trator sulcaram o chão, e o meio-fio é praticamente inexistente. Há uma lata de cerveja na grama. O som do vento nas árvores parece o de um mar distante.

Ela come algumas das batatas enquanto anda, depois coloca o resto na bolsa e limpa as mãos na calça.

Saga já caminhou por seis quilômetros no momento em que avista uma casa vermelho-ferrugem em um ponto onde a estrada faz uma curva em torno de um

amplo lago de montanha. Não há carro à vista, mas há fumaça saindo da chaminé. A casa é circundada por grama do prado alta.

Ela para e ouve insetos na vala.

Um homem sai da casa. Ela observa sua figura se mover através das árvores.

É Joona.

É ele, mas perdeu peso e está apoiado em uma bengala. Está com uma barba loira encaracolada, e fios de cabelo saem de sua touca de lã preta.

Saga caminha em sua direção. O cascalho range sob os coturnos.

Ela vê Joona parar ao lado de um depósito de madeira, encostar a bengala na parede, pegar um machado e rachar ao meio um enorme tronco. Em seguida ele pega outro e o parte ao meio também, descansa por um momento antes de recomeçar.

Ela não o chama porque sabe que ele já a viu, provavelmente muito antes de ela tê-lo avistado.

Ele está usando um casaco de lã verde-musgo sob uma grossa jaqueta de couro. As dobras racharam e o forro de pele de carneiro do colarinho ficou amarelado.

Ela caminha na direção dele e para a cinco metros de distância.

Joona endireita as costas, vira-se e a encara com seus olhos cinzentos.

— Você não deveria ter vindo — ele diz em voz baixa.

— Jurek está morto — ela diz, sem fôlego.

— Sim — ele responde, pega um novo tronco e o coloca sobre o cepo de cortar lenha.

— Eu encontrei o corpo dele — Saga diz.

O movimento de balanceio de Joona sai errado, o machado pende e ele perde o controle. Durante algum tempo, fica com a cabeça abaixada. Saga olha para o grande cesto de lenha e vê uma espingarda de cano serrado presa com fita adesiva a um dos lados.

Joona conduz Saga por um escuro corredor na entrada da casa. Ele não diz uma palavra, mas segura a porta aberta e a leva até uma pequena cozinha com painéis de cobre nas paredes.

Um rifle de caça de alces com mira telescópica está pendurado sob o peitoril da janela e há pelo menos trinta caixas de munição no chão.

O sol brilha através das cortinas fechadas. Sobre a mesa há uma cafeteira e duas xícaras.

— Summa morreu na primavera passada — ele explica.

— Eu sinto muito — ela murmura.

Ele coloca o cesto de lenha no chão e lentamente endireita as costas. Há um leve odor de fumaça na cozinha, e ela pode ouvir os troncos de pinheiro estalando atrás da portinhola fechada do fogão de ferro.

— Então você encontrou o corpo? — ele pergunta.

— Caso contrário eu não teria vindo — Saga responde, a voz séria. — Ligue para o Agulha se quiser confirmação.

— Eu acredito em você — ele diz.

— Ligue para ele de qualquer maneira.

Joona balança a cabeça, mas não diz nada; em seguida, apoiando-se no corredor de pratos, vai até a outra porta, abre-a com um cutucão e diz algo em finlandês escuridão adentro.

— Esta é minha filha, Lumi — Joona diz quando uma menina entra na cozinha.

— Olá — Saga a cumprimenta.

Lumi tem cabelo castanho liso e um sorriso simpático e curioso, mas seus olhos são tão cinzentos quanto os de Joona. Ela é alta e magra, vestida com uma camisa azul de algodão simples e uma calça jeans desbotada.

— Você está com fome? — Joona pergunta.

— Sim — Saga responde.

— Sente-se.

Ela se acomoda em uma cadeira e Joona pega pão, manteiga e queijo, depois pica tomates, azeitonas e pimentões. Lumi aquece um pouco de água e mói grãos de café em um moedor manual. Saga olha para a sala mal iluminada atrás deles e

vê um sofá e uma pilha de livros em cima de uma mesa. Pendurado em um suporte para soro há uma mira para visão noturna e uma base permitindo que a peça seja acoplada a um rifle para caça noturna.

— Onde ele estava? — Joona pergunta.

— Ele ficou à deriva e foi dar na praia em Högmarsö — Saga responde.

— Quem? — Lumi pergunta, olhando de relance para o painel de controle com cerca de vinte detectores de movimento que está conectado à parede por baixo da prateleira de especiarias.

— Jurek Walter — diz Joona, quebrando doze ovos na frigideira.

— Eu encontrei o corpo dele — Saga diz.

— Então ele está morto? — a menina pergunta com voz suave.

— Lumi, você pode assumir por um minuto? — Joona diz, e depois sai da cozinha.

Seus passos pesados ecoam pelo corredor, e então a porta da frente se fecha.

Lumi pega um pouco de manjerição seco e esfrega entre as palmas das mãos.

— O papai diz que ele teve que abandonar a mim e a mamãe — ela tenta manter a voz firme. — Ele diz que Jurek Walter teria nos matado se tivéssemos qualquer contato com ele.

— Ele fez a coisa certa. Ele salvou a vida de vocês duas... não havia outro jeito.

Lumi assente e se vira para o fogão. Algumas lágrimas pingam na faixa preta de metal a sua frente.

Lumi enxuga o rosto, abaixa o fogo e depois, com uma espátula, vira cuidadosamente a omelete.

Através das cortinas fechadas, Saga pode ver Joona em pé na estrada com um celular pressionado contra o ouvido. Ela sabe que ele está falando com o Agulha. Ele está franzindo a testa e os músculos de sua mandíbula estão tensos.

Lumi desliga o fogo e põe a mesa enquanto olha com curiosidade para Saga.

— Eu sei que você não está saindo com o papai — a menina diz depois de algum tempo. — Ele me contou sobre Disa.

— Nós trabalhávamos juntos. — Saga sorri.

— Você não parece uma policial.

— Polícia de Segurança — Saga diz, bruscamente.

— Você não se parece com um deles também — ela ri, sentando-se em frente a Saga. — Mas se você é da Polícia de Segurança, então você deve ser Saga Bauer.

— Sim.

— Pode comer. Vai esfriar.

Saga agradece a ela, serve-se de omelete, pão e queijo e enche duas xícaras de café para elas.

— Como está o Joona? — Saga pergunta.

— Ontem eu provavelmente teria dito que não está tão bem — Lumi diz. — Ele morre de frio a maior parte do tempo e quase não dorme. Vive de vigília, de olho em mim, e se obriga a ficar acordado. Eu não sei como ele faz isso.

— Ele é muito teimoso — Saga diz.

— Ele é?

Elas riem.

— Você sabe, estive muitos anos sem meu pai — a menina diz, e seus olhos ficam úmidos. — Eu mal me lembrava dele. Quero dizer, nada pode compensar isso, mas passamos mais de um ano sentados e conversando. Todos os dias, durante horas... eu contei a ele sobre mim e minha mãe, o que nós duas fazíamos e como passávamos o tempo. E ele falou a respeito de si. Não deve haver muitas pessoas que tenham conversado tanto com o próprio pai.

— Eu não, com certeza — Saga diz.

Lumi se levanta quando um sensor de movimento reage à aproximação de Joona. Ela desliga o alarme, e então eles ouvem a porta da frente se abrir, seguida por passos no corredor.

Joona entra na cozinha, abaixa a bengala, escora-se na mesa e se afunda numa cadeira.

— O Agulha tem certeza — ele diz, servindo-se de um pouco de comida.

— Estamos quites agora — Saga diz, olhando-o nos olhos. — Eu não me importo com o que você pensa, estamos quites. Eu o matei e encontrei o corpo.

— Você nunca me deveu nada.

Joona inclina-se um pouco para a frente, os braços em volta do corpo, engolindo pequenos bocados de comida.

Lumi ajeita um cobertor grosso em volta dos ombros do pai e depois se senta novamente.

— Lumi vai estudar em Paris — Joona diz, sorrindo para a filha.

— Não sabemos disso — Lumi se apressa em dizer.

Um sorriso passa voando pelo rosto pálido dela. Saga vê as mãos de Joona tremerem quando ele pega a xícara e bebe um pouco de café.

— Vou assar filé de veado hoje à noite — ele diz.

— Meu trem sai em duas horas — Saga diz.

— Com cantarelos e creme — ele acrescenta.

Ela sorri.

— Eu tenho que ir.

Erik chega cedo para a aula de piano e fica parado do outro lado da rua diante do número 4 da Lill-Jans Plan. As cortinas do andar térreo estão abertas e ele pode olhar diretamente dentro do apartamento de Jackie Federer. Ela está na cozinha. Ela desliza a mão ao longo dos armários de parede, pega um copo e depois coloca o dedo sob a torneira. Está vestindo uma saia preta e uma blusa desabotoada. Ele atravessa a rua para ter uma visão melhor, aproxima-se da janela e pode ver agora que o cabelo molhado dela escorreu pela parte de trás da blusa de seda. Ela bebe a água, enxuga a boca e depois se vira.

Erik se estica e tem um vislumbre da barriga e do umbigo dela através da abertura da blusa desabotoada. Uma mulher com um carrinho de bebê para na calçada e olha fixamente para ele, e de repente Erik percebe que impressão aquela situação deve estar causando. Ele entra às pressas no prédio. Ele se detém no escuro do lado de fora da porta e então aperta a campainha.

Desde a sessão de hipnose, ele tem pensado que o álibi de Rocky pode ter sido genuíno, e teve que dobrar sua dose noturna de Stilnox para conseguir dormir um pouco. O mais breve que ele conseguiu agendar uma visita ao Hospital Karsudden foi para o dia seguinte, de manhã bem cedo.

Quando Jackie abre a porta, sua blusa está abotoada. Ela sorri para ele, e a luz na escada reflete em seus óculos escuros.

— Estou um pouco adiantado — ele diz.

— Erik. — Ela sorri. — Bem-vindo.

Eles entram e ele vê que a filha dela colou o desenho de uma caveira sob o aviso de “ENTRADA PROIBIDA”.

Erik segue Jackie pelo corredor, observando como a mão direita dela roça a parede, e fica impressionado com o fato de que ela parece deslocar-se sem medo. A blusa brilhante está pendurada do lado de fora da saia preta, cobrindo o cóccix.

Quando a mão dela alcança o batente da porta, ela acende a luz e atravessa a sala até chegar ao tapete, onde para e se vira para ele.

— Vamos ouvir o que é capaz de fazer — ela diz, apontando para o piano.

Ele se senta, abre a partitura e afasta o cabelo da testa. Coloca o polegar direito sobre a tecla certa e abre os dedos.

— Opus 25 — ele diz com solenidade brincalhona.

Ele começa a tocar as notas que Jackie lhe passara como dever de casa. Mesmo que ela tenha dito para ele não fazer isto, ele não consegue deixar de olhar para as próprias mãos o tempo todo.

— Deve ser terrível para você ter que ouvir isso — ele diz. — Quero dizer, você está acostumada com música bonita.

— Eu acho que se saiu muito bem — ela responde.

— Você consegue ler partituras em braille? Você deve conseguir, certo? — ele pergunta.

— Louis Braille era músico, então isso aconteceu de forma bastante natural. Mas no fim é preciso memorizar tudo de qualquer maneira, porque é claro que a pessoa precisa das duas mãos quando está tocando — ela explica.

Ele pousa os dedos sobre as teclas e respira fundo. Então a campainha toca.

— Desculpe, vou lá atender. — Jackie se levanta.

Erik a observa sair para o corredor e abrir a porta. Sua filha está do lado de fora, ao lado de uma mulher alta em roupas de ginástica.

— Como foi o jogo? — Jackie pergunta.

— Um a um — a menina responde. — A Anna marcou o nosso gol.

— Mas o passe foi seu — a mulher diz gentilmente.

— Obrigado por trazer Maddy para casa — Jackie diz.

— O prazer é meu. No caminho, falamos sobre não ter que ser a melhor em tudo e que talvez ela pudesse ser um pouco mais confiante.

Erik não ouve a resposta de Jackie, mas a porta se fecha e, em seguida, Jackie se ajoelha na frente da filha e, com delicadeza, sente pelo toque seu cabelo e seu rosto.

— Então você vai ter que ser um pouco mais confiante — ela diz suavemente.

Ela retorna para Erik e pede desculpas pela interrupção. Depois ela se senta e explica o que ele deve fazer a seguir.

Erik se esforça para colocar suas mãos para trabalhar independentemente uma da outra e sente suas costas começarem a suar.

Depois de um tempo, a menina entra na sala. Ela trocou de roupa e agora usa um vestido informal e se senta no chão para ouvir.

Erik tenta tocar o trecho, mas erra no quarto compasso. Ele recomeça, porém comete o mesmo erro e ri do próprio fracasso.

— O que é tão engraçado? — Jackie pergunta.

— Só que eu estou tocando feito um velho robô — Erik responde.

— Meu porco-espinho também comete erros — Madeleine diz para consolá-lo, segurando seu brinquedo de pelúcia.

— Minha mão esquerda é a pior — Erik diz. — É como se meus dedos não quisessem pressionar as coisas certas.

Madeleine pisca, mas consegue manter a cara séria.

— Teclas, quero dizer — Erik se corrige rapidamente. — Talvez seu porco-espinho diga “coisas”, mas eu digo “teclas”.

A menina olha para baixo com um largo sorriso.

Jackie se levanta da cadeira.

— Vamos fazer uma pausa para você descansar do teclado — ela diz para Erik.

— Vamos repassar um pouco de teoria musical antes de terminar a aula.

— Vou encher a máquina de lavar louça — a menina diz.

— Maddy, você sabe que daqui a pouco é hora de dormir. Você precisa começar a se preparar.

A menina sai e Erik e Jackie se sentam à mesa. Erik pega o jarro e despeja dois copos de água. Parece impossível não olhar furtivamente para Jackie enquanto ela explica a clave de sol, a clave de fá e os diferentes tons. A blusa dela está enrugada na cintura e seu rosto está pensativo. Ele consegue entrever o sutiã simples dela e os seios sob a seda.

Ele sente uma tentação nervosa em poder olhar para ela sem que ela saiba.

Erik muda cuidadosamente de posição de modo que consiga ver entre as coxas dela e ter um vislumbre de sua calcinha branca.

O coração dele bate mais rápido quando ela separa ligeiramente as pernas. Ele tem a sensação de que ela sabe que está sendo vigiada.

Ela toma um gole de água.

Os olhos abertos dela são apenas visíveis atrás de seus óculos escuros.

Ele olha entre as coxas de novo e se inclina um pouco mais perto, mas no momento seguinte ela cruza as pernas e abaixa o copo.

Jackie sorri e diz que ela imagina que ele trabalha como professor ou padre. Erik responde que a verdade está em algum lugar no meio disso e conta a ela sobre seu trabalho na Clínica de Psicologia, sua pesquisa sobre hipnose, depois fica em silêncio.

Ela reúne os vários papéis de teoria musical, bate-os sobre a mesa para arrumá-los e os coloca na frente dele.

— Posso perguntar uma coisa? — Erik diz.

— Sim.

— Você vira seu rosto para mim quando fala. Isso vem naturalmente ou é um aprendizado?

— É uma concessão a algo que as pessoas com visão acham agradável — ela responde com honestidade.

— É o que pensei — Erik diz.

— Como acender a luz quando você entra em uma sala para alertar as pessoas com visão de que você está lá.

Ela para de falar e seus dedos finos contornam a borda do copo.

— Desculpe, estou sendo terrivelmente rude, perguntando sobre essas coisas.

— A maioria das pessoas com deficiência visual prefere não falar a respeito. E eu entendo — Jackie diz. — Todos nós preferimos ser vistos como indivíduos e tal. Mas acho que é melhor falar.

— Que bom.

Ele olha para o suave batom cor-de-rosa, a curva das maçãs do rosto, o corte de cabelo estilo joãozinho e a veia matizada de verde pulsando no pescoço.

— Não é estranho ser capaz de hipnotizar outras pessoas e ver os pensamentos secretos e particulares delas? — ela pergunta.

— Eu não espiono as pessoas.

— Não?

O céu brilhante reflete o celofane que cobre o maço de cigarros no banco ao lado de Erik enquanto ele passa lentamente por uma placa avisando que o acesso é proibido e que todas as visitas devem ser anunciadas com antecedência.

O Hospital Distrital Karsudden é a maior instalação psiquiátrica de segurança na Suécia, com espaço para cento e trinta criminosos, todos eles condenados a tratamento, e não à prisão, em decorrência de doença mental.

Erik sente o estômago revirar de ansiedade. Em breve ele ficará frente a frente com Rocky Kyrklund, para perguntar a ele sobre seu suposto álibi.

Se for legítimo, então Rocky é inocente. O assassinato de Susanna Kern poderia estar ligado ao de Rebecka Hansson, e não seria coincidência Susanna ter sido encontrada com a mão amarrada ao ouvido. Então Erik teria que contar tudo à polícia.

— Não é certo que perderei meu emprego — diz a si mesmo. — Isso dependerá de a polícia decidir entregar o caso a um promotor.

Diante da entrada do edifício principal, há uma placa mostrando uma câmera com uma risca transversal. No entanto, esse lugar é repleto de câmeras de vigilância, Erik pensa.

Ele pega os cigarros e começa a caminhar em direção ao prédio branco. Uma trilha de muco de uma lesma reluz ao longo do caminho em frente à área da recepção. Sob a intensa luz do sol no lado de dentro das portas, a poeira é claramente visível enquanto flutua na direção da mobília danificada e do chão gasto.

Erik mostra sua identificação, recebe um crachá, e mal chega ao porta-revistas junto à sala de espera quando um homem com luzes loiras no cabelo entra.

— Erik Bark?

— Sim — Erik responde.

O homem estica os lábios em uma expressão semelhante a um sorriso e se apresenta como Otto. Há algo de exausto no rosto dele, uma tristeza que é impossível de esconder.

— Casillas gostaria de estar aqui, mas...

— Eu entendo, não se preocupe — Erik diz, e sente o rosto corar enquanto pensa em suas mentiras.

Eles saem, e o homem explica que é um assistente hospitalar e trabalha no Karsudden há anos.

— Nós vamos pelo caminho mais longo. Ninguém gosta dos túneis — Otto murmura enquanto saem.

— Você conhece Rocky Kyrklund? — Erik pergunta.

— Ele estava aqui quando eu comecei. — Otto gesticula em direção às altas cercas e lúgubres edifícios marrons.

— O que você acha dele?

— Muitas pessoas morrem de medo de Kyrklund — Otto responde.

Eles passam pela Entrada D e vão até um vestiário, onde Erik tem que deixar seus pertences pequenos.

— Posso levar o cigarro comigo? — ele pergunta.

Otto faz que sim com a cabeça.

— Eles provavelmente serão úteis.

O assistente coloca as chaves, a caneta, o telefone e a carteira de Erik dentro de uma sacolinha plástica, lacra e lhe entrega um recibo.

Em seguida ele destranca uma pesada porta que leva a outra com uma fechadura codificada. Eles passam por ela e percorrem um corredor com piso de linóleo cinza e portas de segurança que levam a pequenos quartos com camas.

O ar ali é pesado, estagnado de desinfetante e fumaça de cigarro.

De um quarto vem o som de um filme pornô. A porta está aberta, e Erik vê um homem gordo sentado em uma cadeira de plástico inclinar-se para a frente e cuspir no chão.

Eles passam por outra câmara de segurança e se veem em um escuro pátio de exercícios. Cercas de seis metros de altura ligam dois prédios de tijolos, formando uma gaiola em torno de um trecho amarelado de grama contornado por veredas de concreto.

Um homem magro de vinte e poucos anos está sentado num banco do parque, com o rosto tenso. Dois funcionários do hospital estão conversando junto a um dos muros de tijolos, e na outra extremidade um homem corpulento está de pé em frente à cerca.

— Você quer que eu vá com você? — Otto pergunta.

— Não há necessidade.

O ex-padre está de frente para a cerca alta, fumando. Seus olhos vagueiam pela grama do parque em direção às árvores frondosas. Aos pés dele há uma caneca de café instantâneo.

Erik caminha ao longo da vereda, apinhada de guimbas de cigarro e nacos de tabaco para mascar descartados. A poeira do caminho rodopia em torno de suas pernas, e ele sabe que Rocky pode ouvi-lo se aproximando.

— Rocky? — ele diz.

— Quem quer saber?

— Meu nome é Erik Maria Bark.

Rocky esquece a cerca e se vira. Ele é alto, e seus ombros são ainda mais largos do que Erik se lembra. Ele tem uma barba cheia e grisalha, e cabelo penteado para trás. Seus olhos são verdes e seu rosto irradia um orgulho gélido. Ele está usando um suéter verde camuflado com os cotovelos puídos. Seus braços musculosos estão pendurados ao lado do corpo, um cigarro apertado entre os dedos.

— O psiquiatra-chefe disse que você gostava de Camel — Erik diz, tentando lhe dar os cigarros.

Rocky ergue o queixo e olha para ele. Não responde nem faz nenhum movimento para aceitar o presente.

— Eu não sei se você se lembra de mim — Erik diz. — Eu estava envolvido no seu julgamento há nove anos, fiz parte do grupo que conduziu a avaliação psicológica.

— A que conclusão você chegou? — Rocky pergunta em uma voz sombria.

— Que você precisava de tratamento neurológico e psiquiátrico — Erik responde calmamente.

Com um peteleco, Rocky arremessa o cigarro aceso em Erik. O cigarro bate no peito dele e cai no chão. Algumas faíscas voam.

— Vá em paz — Rocky diz, e em seguida crispa os lábios.

Erik apaga o cigarro e vê que dois funcionários estão se aproximando pelo gramado.

— O que está acontecendo aqui? — um deles pergunta assim que chegam.

— Foi um acidente — Erik diz.

Os homens permanecem lá por alguns momentos, mas nem Erik nem Rocky dizem nada. No final, os funcionários voltam ao seu café.

— Você mentiu para eles — Rocky diz.

— Eu faço isso às vezes — Erik responde.

O rosto de Rocky permanece impassível, mas agora há uma centelha de interesse em seus olhos.

— Você recebeu tratamento neurológico e psiquiátrico? — Erik pergunta. — Você tem direito a isso. Eu sou médico. Você quer que eu veja as anotações do seu processo e o plano de reabilitação?

Rocky balança a cabeça devagar.

— Você está aqui há muito tempo, mas nunca solicitou liberdade condicional.

— Por que eu faria isso?

— Você não quer sair?

— Eu aceito minha punição — Rocky diz em sua voz gutural.

— Você teve dificuldade de se lembrar naquela época. Esse ainda é o caso? —

Erik pergunta.

— Sim.

— Mas eu me lembro de nossas conversas, e às vezes parecia que você achava que era inocente.

— Naturalmente. Eu me cerquei de mentiras em uma tentativa de escapar. Elas se amontoaram em volta de mim feito um enxame de abelhas e eu tentei evitar a responsabilidade culpando alguém.

— Quem?

— Isso não importa. Eu era culpado, mas deixei as mentiras fervilharem sobre mim.

Erik se inclina e coloca os cigarros aos pés de Rocky, depois dá um passo para trás.

— Você quer falar sobre a pessoa que você queria culpar?

— Não me lembro dos detalhes, mas sei que o considerava um pregador, um pregador impuro.

O padre fica em silêncio e se volta para a cerca. Erik avança, se posta ao lado dele e fita as árvores.

— Qual era o nome dele?

— Eu não me lembro mais de nomes, nem me lembro do rosto deles, espalhado como cinzas.

— Você o chamou de pregador. Ele era um colega seu?

Os dedos de Rocky agarram a cerca, e o peito dele sobe e desce enquanto ele respira.

— Eu só me lembro de que estava com medo. Foi provavelmente por isso que tentei colocar a culpa nele.

— Você estava com medo dele? O que ele fez? Por que você estava...

— Rocky! Rocky! — um paciente que veio andando por trás deles chama. — Olha só o que eu tenho para você!

Eles se viram e veem o homem magro segurando um biscoito de geleia num guardanapo.

— Pode comer você mesmo — Rocky diz.

— Eu não quero — o outro preso diz ansiosamente. — Eu sou um pecador, Deus e Seus anjos me odeiam e...

— Cale a boca! — Rocky ruge.

— O que eu fiz? Por que você está...

Rocky agarra o homem pelo queixo, olha nos olhos dele e depois cospe em seu rosto. O homem perde o equilíbrio quando Rocky se desvencilha dele e o biscoito cai no chão.

Mais uma vez os funcionários se aproximam pela grama.

— E se alguém aparecesse e te desse um álibi? — Erik pergunta rapidamente.

Os olhos verdes de Rocky olham para os dele sem piscar.

— Então essa pessoa estaria mentindo.

— Você tem certeza quanto a isso? Você não se lembra de nada sobre...

— Eu não me lembro de um álibi porque não havia um — interrompe Rocky.

— Mas você se lembra do seu colega. E se foi ele quem assassinou Rebecka?

— Eu matei Rebecka Hansson — Rocky diz.

— Você se lembra disso?

— Sim.

— Você conhece alguma Olivia?

Rocky balança a cabeça, depois olha para os guardas que se aproximam e levanta o queixo.

— E antes de você chegar aqui?

— Não.

Os seguranças empurram Rocky contra a cerca, o obrigam a dobrar os joelhos para levá-lo ao chão e algemá-lo.

— Não o machuquem! — o outro paciente choraminga.

O funcionário mais robusto coloca o joelho sobre as costas de Rocky, enquanto o outro segura seu cassete contra a garganta dele.

— Não o machuquem — o outro paciente soluça.

Enquanto segue um dos funcionários para longe da ala D, Erik sorri consigo mesmo. Não há álibi. Rocky assassinou Rebecka Hansson, e não há conexão entre os assassinatos.

No estacionamento, ele para e respira fundo várias vezes enquanto seu olhar passa além das árvores e chega ao céu luminoso. Um sentimento de libertação está se espalhando por seu corpo. Um fardo de longa data foi tirado de seus ombros.

Nils “Agulha” Åhlén, professor de medicina forense, manobra e coloca seu Jaguar branco entre duas vagas do estacionamento.

O Departamento Nacional de Investigação Criminal quer que ele dê uma olhada em dois homicídios.

Ambos os corpos já passaram por autópsias. Agulha leu os relatórios. São irrepreensíveis, muito mais completos do que o estritamente necessário. Mesmo assim, o chefe da investigação pediu-lhe para dar uma segunda olhada. Eles ainda estão tateando no escuro e querem que ele tente identificar semelhanças, assinaturas ou mensagens sutis.

Margot Silverman acredita que está lidando com um assassino em série narcisista e acha que o matador está tentando se comunicar.

O Agulha sai do carro e respira o ar da manhã. Quase não há vento hoje, e o sol está brilhando.

Há algo ao lado da entrada. No começo, o Agulha acha que alguém jogou alguma coisa atrás do corrimão dos pequenos degraus de concreto, mas então constata que é um ser humano. Um homem de barba está dormindo no asfalto, encostado aos alicerces de cimento da parede de tijolos. Está enrolado em um cobertor, sua testa apoiada em seus joelhos dobrados.

É uma manhã quente, e o Agulha espera que deixem o homem dormir em paz. Ele ajusta os óculos de aviador e caminha em direção à porta, mas se detém quando percebe as mãos limpas do homem e a cicatriz branca que atravessa os nós dos dedos da mão direita.

— Joona? — ele pergunta com voz suave.

Joona levanta a cabeça e olha para ele, como se estivesse apenas esperando que lhe dirigissem a palavra.

Nils fita seu velho amigo. Joona perdeu muito peso e ostenta uma barba grossa e bonita. Seu rosto pálido está cinza, há anéis escuros sob seus olhos e seu cabelo está comprido e bagunçado.

— Eu quero ver o dedo — ele diz.

— Eu deveria ter adivinhado. — O Agulha sorri. — Como você está?

Joona agarra o corrimão e se levanta, depois pega a bolsa e a bengala.

— Você veio de avião ou carro? — o Agulha pergunta.

Joona observa a luz acima da porta. Na parte de baixo da cúpula de vidro sob a lâmpada há um pequeno punhado de insetos mortos.

Após a visita de Saga, Joona foi com sua filha Lumi visitar o túmulo de Summa em Purnu. Depois caminharam até uma pequena praia de areia e conversaram sobre o futuro.

Ele sabia o que ela queria fazer, sem ela ter que dizer nada.

Para que Lumi não perdesse sua vaga na Escola de Arte de Paris, ela tinha que estar lá para se matricular em dois dias. Joona tomou providências para que a filha fosse morar com a irmã de uma amiga no Oitavo Arrondissement. Não tiveram tempo para fazer muitos outros preparativos, mas ele deu a Lumi dinheiro suficiente para sobreviver.

E muitas dicas úteis sobre combate corpo a corpo e armas automáticas.

Ele a levou ao aeroporto, e precisou fazer um tremendo esforço para não desmoronar. Ela o abraçou e sussurrou que o amava.

— Ou você pegou o trem? — o Agulha pergunta com toda a paciência.

Ele voltou para a casa em Nattavaara, desmantelou o sistema de alarme, trancou as armas no porão e enfiou roupas em uma mochila. Depois de desligar a água e fechar a casa, foi até a estação ferroviária, pegou o trem para Gällivare, dirigiu-se ao aeroporto, voou para Arlanda e pegou o ônibus até Estocolmo. Percorreu a pé os últimos cinco quilômetros até o campus do Instituto Karolinska.

— Eu vim andando — ele responde, sem notar o olhar de surpresa no rosto do Agulha.

Joona espera com uma das mãos no corrimão de ferro preto enquanto o Agulha destrava a porta azul. Eles andam juntos pelo corredor com suas cores suaves e piso desgastado.

Joona não consegue andar depressa com a bengala.

Eles passam pela porta do banheiro e estão se aproximando de uma janela com um grande vaso de plantas que parece consistir principalmente de raízes. Sementes de dente-de-leão flutuam no ar sob os raios de sol do lado de fora. Algo se move inesperadamente lá. O instinto de Joona é abaixar-se e sacar sua arma, mas ele se obriga a caminhar até a janela. Uma senhora idosa está de pé na calçada, esperando um cachorro que corre de um lado para o outro entre os dentes-de-leão.

— Como você está? — o Agulha pergunta.

— Eu não sei.

Joona está tremendo, entra no banheiro, inclina-se sobre a pia e bebe um pouco de água diretamente da torneira. Ele se endireita e seca o rosto com uma toalha de papel, depois volta para o corredor.

— Joona, eu guardei o dedo trancado a chave no armário no laboratório de patologia, mas vou me encontrar com Margot Silverman daqui a meia hora. Você pode esperar na minha sala, se não estiver se sentindo bem-disposto...

— Estou bem — Joona o interrompe.

O Agulha abre a porta do laboratório e a segura para Joona. Juntos, entram na sala iluminada com seus azulejos brancos cintilantes. Joona tira a mochila e a encosta na parede.

Um nauseante fedor de putrefação paira sobre a sala, apesar dos ventiladores que giram zunindo. Há dois cadáveres sobre as mesas de necrópsia. O mais recente está coberto, e o sangue escorre devagar pela calha de aço inoxidável.

Eles vão até a escrivaninha com o computador e Joona espera pacientemente enquanto o Agulha destrava uma porta pesada.

— Sente-se — ele diz ao colocar o frasco de vidro sobre a mesa.

De dentro de uma caixa ele tira uma pasta, abre e coloca na frente de Joona os resultados dos testes do laboratório criminal, os documentos de identificação, a análise de impressões digitais e ampliações das imagens do celular de Saga.

Joona se senta e olha para o frasco. Depois de alguns segundos, pega o recipiente, ergue-o para a luz, examina-o de perto e meneia a cabeça.

— Guardei tudo aqui porque tinha a sensação de que você apareceria — o Agulha diz. — Mas, como eu disse ao telefone, você verá que tudo confere. O velho que encontrou o corpo cortou o dedo, como você pode ver pelo ângulo do corte, e isso aconteceu muito depois da morte, assim como expliquei a Saga.

Joona lê cuidadosamente o relatório do laboratório. Eles elaboraram um perfil de DNA baseado em trinta regiões do Registro de Gêmeos da Suécia (RGS). A correspondência foi de 100%, confirmando assim os resultados da análise de impressões digitais.

Nem mesmo gêmeos idênticos têm as mesmas impressões digitais.

Joona arruma numa certa ordem as fotografias do corpo mutilado a sua frente e examina os ferimentos de entrada.

Ele se inclina para trás e fecha as pálpebras ardentes.

Tudo confere.

Os ângulos dos tiros são exatamente conforme Saga descreveu. O tamanho e a complexão do corpo, o tamanho da mão, o DNA , a impressão digital.

— É ele — o Agulha diz, em voz baixa.

— Sim — Joona sussurra.

— O que você vai fazer agora? — o Agulha pergunta.

— Nada.

— Você foi declarado morto — Nils diz. — Houve uma testemunha do seu suicídio, um sem-teto que...

— Sim, sim — Joona o corta. — Eu vou resolver isso.

— Seu apartamento foi vendido quando seu patrimônio foi liquidado — o Agulha explica. — Eles arrecadaram quase sete milhões de coroas. O dinheiro foi doado para caridade.

— Que bom — Joona diz, sem rodeios.

— Como Lumi encarou a coisa toda?

Joona olha para a janela, observando a luz oblíqua e as sombras da sujeira no vidro.

— Lumi? Ela está em Paris — ele responde.

— Quero dizer, como ela lidou com o fato de você voltar depois de tantos anos? Como ela lidou com a perda da mãe e...

Joona para de ouvir à medida que as lembranças desabrocham. Mais de um ano atrás, ele foi em sigilo para a Finlândia. Ele pensa na tarde em que chegou à sombria Clínica de Radioterapia e Câncer em Helsinque para encontrar Summa. Naquela época ela ainda era capaz de se mover com um andador. Ele consegue se lembrar exatamente como a luz incidia sobre o saguão, refletindo-se no piso, nas janelas e no claro madeiramento, bem como na fileira de cadeiras de rodas. Caminhando a passos lentos, eles passaram pela chapelaria deserta e pela máquina de doces e saíram no ar fresco do inverno.

O telefone do Agulha vibra e ele empurra os óculos escuros sobre o nariz e lê a mensagem de texto.

— Margot está aqui. Eu vou abrir a porta para ela — ele diz, dirigindo-se à porta.

Summa tinha optado por receber cuidados paliativos em seu apartamento na rua Elisabet, mas Joona a levou junto com Lumi para a casa da avó em Nattavaara, onde passaram seis meses felizes. Depois dos anos de quimioterapia, radioterapia, cortisona e transfusões de sangue, tudo o que restou foi o alívio da dor. Colavam ao corpo de Summa adesivos de morfina que duravam três dias, e além disso ela tomava mais oitenta miligramas de oxicodona diariamente.

Summa adorava a casa e a região campestre ao redor, o ar e a luz que jorravam quarto adentro. Sua família estava finalmente reunida. Ela emagreceu, perdeu o apetite e todos os pelos do corpo. Sua pele ficou fina como a de um bebê.

Perto do fim, ela pesava quase nada, e todo o seu corpo doía. Mas ainda gostava quando Joona a carregava e a sentava em seu colo para que pudessem se beijar.

Joona permanece sentado imóvel, encarando o frasco de vidro que contém o dedo amputado. As partículas no líquido amontoaram-se no fundo.

Ele realmente está morto.

Joona sorri para si mesmo enquanto repete a frase em sua cabeça.

Jurek Walter está morto.

Ele se perde em meio às lembranças de seu suicídio encenado, e ainda está ali sentado quando Margot Silverman e o Agulha entram no laboratório de patologia.

— Joona Linna. Todos disseram que você estava morto — Margot diz com um sorriso. — Posso perguntar o que diabos realmente aconteceu?

Joona encontra o olhar dela, pensando em cada passo que ele foi forçado a dar nos últimos catorze anos.

Margot se detém e fica imóvel, encarando Joona, enquanto Nils retira a capa protetora de suas ferramentas esterilizadas.

— Eu voltei — Joona responde com um forte sotaque finlandês.

— Tarde demais — Margot diz. — Já peguei o seu emprego e sua sala.

— Você é uma boa detetive — ele responde.

— Não boa o suficiente, de acordo com Nils — ela diz alegremente.

— Eu acabei de dizer que você deveria deixar Joona dar uma olhada no caso — o Agulha resmunga, esticando as luvas de látex antes de colocá-las.

Enquanto Nils começa sua inspeção externa do corpo de Maria Carlsson, Margot tenta explicar o caso para Joona. Ela conta todos os detalhes sobre a meia-calça e a qualidade do vídeo, mas não recebe a reação nem as perguntas de acompanhamento que esperava, e depois de algum tempo começa a se preocupar, achando que ele nem sequer está ouvindo.

— De acordo com a agenda da vítima, ela estava prestes a ir para uma aula de desenho — Margot diz, olhando de relance para Joona. — Nós verificamos, e é verdade, mas há um pequeno “h” na parte inferior da página da agenda que não entendemos.

O lendário tenente envelheceu. Sua barba loira está hirsuta e seu cabelo emaranhado pende sobre as orelhas, tufos encaracolados na nuca, por cima da gola acolchoada de sua jaqueta.

— Os vídeos sugerem narcisismo, obviamente — Margot continua, sentando-se com as pernas bem separadas em um banquinho de aço inoxidável.

Joona pensa no criminoso observando a mulher pela janela. Ele pode chegar o mais perto que quiser, porém ainda há uma lâmina de vidro entre eles. É íntimo, mas ele ainda está excluído, barrado do lado de fora.

— Ele quer comunicar alguma coisa — Margot diz. — Quer provar alguma coisa... ou competir, medir forças com a polícia, porque com certeza se sente muito forte e esperto, enquanto a polícia ainda está a quilômetros de distância dele. E esse sentimento de invencibilidade significa que ele vai matar de novo.

Joona olha para a primeira vítima, e algo chama sua atenção, a mão dela pousada ao lado de seu quadril, fechada em copa como uma pequena tigela, como uma concha de mexilhão.

Ele se levanta com esforço, usando a bengala como esteio, pensando que algo atraiu o assassino para Maria Carlsson, o fez ultrapassar seu limite como observador.

— E é por isso — Margot continua. — Esse forte senso de superioridade é a razão pela qual acho que talvez possa haver algum tipo de assinatura que não vimos.

Ela fica em silêncio quando Joona se afasta, indo em direção à mesa de autópsia. Ele para na frente do corpo. Sua pesada jaqueta de couro está aberta, o forro de pele de carneiro visível. Quando ele se inclina sobre o cadáver, seu coldre e sua Colt Combat aparecem.

Ela se levanta e percebe que a criança dentro de seu ventre acordou. O bebê adormece quando ela se move e acorda se ela se senta ou se deita. Margot pousa uma das mãos sobre a barriga enquanto caminha até Joona.

Ele está olhando atentamente para o rosto devastado da vítima. É como se não acreditasse que ela está morta, como se quisesse sentir o hálito úmido dela contra sua boca.

— O que você está pensando? — Margot pergunta.

— Às vezes acho que nossa ideia de justiça ainda está na infância — Joona responde, sem tirar os olhos da mulher morta.

— Certo — ela diz.

— Então, isso faz com que a lei seja o quê? — ele pergunta.

— Eu poderia lhe dar uma resposta, mas estou supondo que você tenha uma diferente em mente.

Joona se endireita. Ele está pensando que a lei se esforça para encontrar a justiça do mesmo jeito que Lumi costumava perseguir vaga-lumes quando era pequena.

Nils segue o relatório da autópsia original enquanto realiza o seu próprio. O objetivo comum de um exame externo é descrever lesões visíveis, como inchaços,

descoloração, pele arranhada, sangramento, feridas e cortes. Mas dessa vez ele está à procura de algo que possa ter sido negligenciado entre duas observações, algo além do óbvio.

— A maioria dos ferimentos provocados pelas facadas não é fatal, e o assassino nunca pretendeu que fossem — ele diz a Margot e Joona. — Se fossem, não teriam tido como alvo o rosto dela.

— O ódio é mais forte do que o desejo de matar — Margot diz.

O Agulha faz que sim com a cabeça.

— Ele queria destruir o rosto dela.

— Ou mudá-lo — Margot sugere.

— Por que a boca está escancarada assim? — Joona pergunta.

— A mandíbula dela está quebrada — o Agulha diz. — Há vestígios de sua própria saliva em seus dedos.

— Havia alguma coisa na boca ou garganta dela? — Joona pergunta.

— Nada.

Joona está pensando no assassino no lado de fora da casa filmando a mulher enquanto ela veste a meia-calça. Nesse ponto, ele é um observador que precisa, ou pelo menos aceita, o limite apresentado pelo fino vidro da janela.

— *Mas há algo nesse limite que o atrai* — ele repete para si mesmo, enquanto pega emprestada a fina lanterna do Agulha. Ele aponta o fecho de luz dentro da boca da mulher morta. A saliva secou e a garganta dela está pálida. Não há sinal de nada em sua garganta. Sua língua se retraiu e o interior de suas bochechas está escuro.

No meio da língua, na parte mais grossa, há um pequeno orifício de uma peça de joalheria. Quase poderia ser parte da dobra natural da língua, mas Joona tem certeza de que a língua foi perfurada.

Ele vai consultar o primeiro relatório e lê a descrição da boca e do estômago.

— O que você está procurando? — o Agulha pergunta.

As únicas anotações sob os itens 22 e 23 são as lesões nos lábios, dentes e gengivas, e no item 62 há uma alusão ao fato de que a língua e o osso hioide não estão danificados. Mas não há menção ao buraco.

Joona continua lendo, porém não há menção a nenhum item de joalheria encontrado no estômago ou intestino.

— Eu quero assistir ao vídeo — ele diz.

Margot registra Joona como seu convidado, e ele precisa colocar um crachá de visitante antes de passarem pelas portas de segurança.

— Muitas pessoas vão querer ver você — Margot diz enquanto caminham em direção aos elevadores.

— Eu não tenho tempo — ele alega, tirando o crachá e jogando-o em uma lata de lixo.

— Talvez seja uma boa ideia preparar-se para apertar algumas mãos. Você dá conta de lidar com isso?

Joona pensa nas minas que ele espalhou atrás da casa em Nattavaara. Ele as fez com nitrato de amônio e nitrometano, de modo que tinha uma substância explosiva secundária estável. Joona já havia armado duas minas com três gramas de tetranitrato de pentaeritritol como detonador, e estava voltando para o galpão a fim de fazer o terceiro detonador quando todo o saco do PETN explodiu. A pesada porta foi pelos ares e arrancou sua perna direita do encaixe na articulação.

A dor tinha sido como um bando de melros, gralhas pesadas pousando sobre seu corpo e cobrindo o chão onde ele estava deitado. Os pássaros saíram em revoada, como se tivessem sido carregados para longe pela ação do vento, no instante em que Lumi correu para ele e segurou sua mão na dela.

— Pelo menos eu ainda tenho minhas mãos — ele diz.

— Isso facilita as coisas.

Margot segura a porta do elevador aberta e espera que ele a alcance.

— Eu não sei o que você acha que vai ver no vídeo — ela diz.

Ele a segue.

— Você parece bem esquisitão — ela diz com um sorriso —, mas acho que gosto disso.

Quando saem do elevador, o corredor já está cheio de colegas. Todo mundo sai de suas salas de trabalho.

Joona não olha ninguém nos olhos, não retribui o sorriso de ninguém e não responde a perguntas de ninguém. Ele sabe como está sua aparência: barba comprida, cabelo sujo, e ele está mancando e apoiando-se na bengala.

Ninguém parece saber como lidar com o retorno de Joona; eles querem vê-lo, mas parecem ter medo de se aproximar.

Alguém está segurando uma pilha de papéis, outra pessoa, uma caneca de café. São pessoas que ele viu todos os dias durante anos. Ele passa por Benny Rubin, que está comendo uma banana com uma expressão neutra no rosto.

— Vou embora assim que eu assistir ao vídeo — Joona diz a Margot ao passarem pela porta de sua antiga sala.

— Estamos trabalhando na sala 822 — Margot diz, apontando corredor adiante.

Joona se detém por um momento a fim de recuperar o fôlego. Sua perna machucada dói e ele pressiona a bengala no chão para dar uma folga ao joelho.

— Em que caçamba de lixo você o encontrou? — Petter Näslund pergunta com um sorriso.

— Idiota — Margot diz.

O chefe do Departamento Nacional de Investigação Criminal, Carlos Eliasson, vem caminhando na direção de Joona. Seus óculos de leitura estão balançando em uma corrente em volta do pescoço.

— Joona — ele diz calorosamente.

— Carlos — Joona responde.

Eles trocam um aperto de mãos, e aplausos irregulares irrompem no corredor.

— Eu não acreditei quando disseram que você estava no prédio — Carlos diz, incapaz de conter o sorriso. — Quero dizer, é difícil a ficha cair.

— Eu quero apenas dar uma olhada em uma coisa — Joona diz, tentando andar em frente.

— Venha me ver depois, e vamos falar sobre o futuro.

— O que há para dizer a respeito? — Joona pergunta, e sai andando.

Seu trabalho parece distante agora, ainda mais do que sua infância. Não me restou razão nenhuma para voltar, ele pensa.

Ele não estaria aqui agora se a mão da primeira vítima não estivesse fechada em concha feito uma pequena tigela junto ao quadril.

Isso fez uma pequena faísca começar a arder dentro dele.

Os dedos finos da mulher poderiam ter sido os de Lumi. Uma curiosidade visceral despertou dentro de Joona, e ele de repente se sentiu obrigado a chegar mais perto do corpo.

— Precisamos de você aqui — Magdalena Ronander diz enquanto apertam as mãos.

Não é mais o trabalho de Joona, mas quando ele se viu diante da primeira vítima, sentiu uma conexão que gostaria de controlar. Talvez possa dar uma ajuda a Margot logo no início, só até ela se orientar.

Joona tropeça quando a dor dispara ao longo de sua perna.

— Eu posteí um recado na intranet para que as pessoas soubessem que você estava vindo — Margot diz quando eles param do lado de fora da sala 822.

Anja Larsson, a antiga assistente de Joona, está parada de pé na porta da sala. O rosto dela está vermelho. Seu queixo começa a tremer, e lágrimas brotam em seus olhos quando Joona para na frente dela.

— Eu senti sua falta, Anja — ele diz.

— Sentiu?

Joona assente e a olha diretamente nos olhos. Os olhos cinza-claros dele têm um brilho sombrio, como se ele estivesse com febre.

— Todo mundo disse que você estava morto, que você... mas eu não podia acreditar nisso. Eu não queria, eu... acho que sempre pensei que você era teimoso demais para morrer. — Ela sorri enquanto lágrimas escorrem por suas bochechas.

— Apenas não era a minha hora — ele responde.

O corredor começa a se esvaziar quando todos voltam para suas salas, eles já viram o suficiente do herói decaído.

— Você parece... — Anja não completa a frase, e limpa o nariz na manga da blusa.

— Eu sei — ele diz simplesmente.

Ela dá um tapinha carinhoso em sua bochecha.

— É melhor você ir, Joona. Estão esperando por você.

Joona entra na sala de operações e fecha a porta. Na longa parede há um enorme mapa de Estocolmo com as cenas de crime marcadas. Ao lado do mapa foram afixadas fotografias das cenas: pegadas, corpos, padrões de respingos de sangue. Há uma foto grande da cabeça do cervo de porcelana, com sua pelagem esmaltada castanho-avermelhada e olhos como ônix preto. Joona olha para a cópia da agenda de Maria Carlsson. No dia em que foi assassinada, ela escreveu: “aula 19 horas — papel quadriculado, lápis, tinta”, e por baixo rabiscou a letra “h”.

Em outra parede, tentaram mapear os perfis das vítimas. Começaram a identificar conexões familiares e outros relacionamentos. Seus movimentos — locais de trabalho, amigos, supermercados, academias, aulas, ônibus, cafés — foram marcados com alfinetes.

Adam Youssef vai até Joona, aperta a mão dele e, com um alfinete, prende na parede a foto de uma faca de cozinha.

— Acabaram de confirmar que essa faca foi a arma do crime. Björn Kern a lavou e colocou de volta na gaveta. Mas constatamos várias facadas através do esterno, por isso foi bastante fácil reconstruir o tipo de lâmina que estávamos procurando, e se descobriu que ainda havia pequenos vestígios de sangue nela.

Youssef recupera o fôlego, coça a cabeça com força algumas vezes, depois avança até a ampliação da cabeça do cervo.

— A estatueta é feita de porcelana Meissen — ele diz, deixando seu dedo demorar-se sobre o olho negro brilhante do animal. — Mas o restante do cervo não estava na cena do crime. Björn Kern não foi capaz de dar nenhum tipo de declaração coerente ainda, então não sabemos se ele foi o único a colocar na mão dela.

Joona se detém e examina a fotografia do corpo de Maria Carlsson. A mulher morta está sentada, encostada a um aquecedor debaixo de uma janela, usando uma meia-calça.

Ele lê o relatório do exame da cena do crime. Não há menção a nenhum piercing na língua ou item de joalheria similar encontrado na casa da vítima.

Adam lança um olhar interrogativo para Margot atrás das costas de Joona.

— Ele quer ver o vídeo de Maria Carlsson — ela diz.

— Certo. Para quê?

Ela sorri.

— Deixamos passar alguma coisa despercebida.

— Provavelmente. — Ele ri e coça o pescoço.

— Você pode pegar meu computador emprestado — Margot diz, em tom gentil.

Joona agradece e se senta na cadeira, ajusta o programa multimídia para tela inteira e inicia a reprodução do vídeo. Exatamente como na descrição de Margot, mostra uma mulher de trinta anos, filmada em segredo pela janela do quarto, enquanto veste uma meia-calça preta.

Ele vê o rosto dela, completamente alheio: os olhos voltados para baixo e a expressão calma da boca, que então muda para algo que se aproxima da letargia. Seu cabelo pende por cima do rosto — parece que acabou de lavá-lo. Ela está usando um sutiã preto e tenta fazer com que a meia-calça fique bem assentada.

Há na janela uma luminária com um quebra-luz branco translúcido e uma base de alabastro, e sua sombra se desloca ao longo da cômoda e do papel de parede florido. Ela desliza a mão entre as coxas e tenta puxar o fino material de nylon em direção a sua virilha. Joona pode vê-la respirar pela boca no momento em que o vídeo termina.

— Você viu o que estava procurando? — Adam pergunta, inclinando-se sobre o ombro.

Joona permanece sentado na frente da tela; em seguida, reproduz o vídeo novamente, observa a luta da mulher com a meia-calça e congela a imagem após trinta e cinco segundos e clica para avançar quadro a quadro.

— Nós fizemos isso também — Adam diz, sufocando um arrote.

Joona chega mais perto da tela e observa Maria Carlsson enquanto ela se move muito devagar, respirando com a boca aberta. Os olhos dela piscam e seus cílios compridos lançam sombras sobre suas bochechas. Sua mão direita afunda sem peso entre as coxas e a virilha.

— Não podemos fazer isso — Adam diz para Margot. — Temos trabalho a fazer.

— Dê a ele uma chance — responde Margot.

Maria Carlsson faz um movimento brusco na direção da câmera, e a sombra cinza cruza seu rosto. Seus lábios se abrem, a luz da lâmpada na janela a ilumina no rosto, fazendo seus olhos brilharem, e há um bruxuleio em sua boca. Então o vídeo termina.

Atrás de Joona, Adam e Margot começaram a falar sobre investigar as pessoas na aula de desenho de Maria; eles já tentaram descobrir se o nome de alguma delas começa com “h”, mas ainda não tiveram sucesso.

Joona move o cursor e reproduz novamente os últimos cinco segundos. A luz brinca no cabelo da mulher, suas orelhas e bochechas, fazendo seus olhos brilharem, e por um átimo sua boca reluz.

Ele amplia a imagem o máximo que pode, sem causar muito desfocamento, e em seguida muda a área aumentada para cobrir a boca e estudar mais uma vez os últimos quadros. Os lábios entreabertos da mulher preenchem a tela, a luz brilha e a ponta rosada de sua língua torna-se visível. Ele clica para avançar a imagem, quadro a quadro. A curva de sua língua aparece, fica mais clara e, na cena seguinte, parece que um sol branco enche toda a boca. O sol se contrai. E no penúltimo quadro o brilho encolheu até um ponto branco em uma ervilha cinza.

— Ele levou as joias — Joona diz.

Os dois detetives param de falar e se viram para olhar para ele e para a tela do computador. Demora alguns instantes para interpretarem a imagem ampliada: a língua rosa e o pininho indistinto.

— Certo, não percebemos o fato de que a língua dela foi perfurada — Adam diz em uma voz rascante.

Margot, de pé com as pernas afastadas e as mãos em volta da barriga, olha para Joona quando ele se levanta.

— Você viu que ela tinha um buraco na língua e queria assistir ao vídeo para ver se o piercing estava lá — ela diz, pegando o telefone.

— Eu apenas achei que a boca era importante — Joona diz. — O queixo foi quebrado, e na mão dela havia sua própria saliva.

— Impressionante — Margot diz. — Vou pedir à perícia que faça uma ampliação imediatamente.

Joona continua imóvel, olhando para as fotos e os mapas na parede enquanto Margot fala ao telefone.

— Estamos trabalhando em colaboração com a BKA * — Margot explica ao desligar o telefone. — Os alemães estão muito à frente quando se trata desse tipo de coisa, todas as formas de aprimoramento de imagem. Você conheceu Stefan Ott? Cara bonito, cabelo encaracolado. Ele desenvolveu seus próprios programas, que o laboratório...

— Certo, então temos um item de joalheria no vídeo — Adam diz, pensando em voz alta. — O grau de violência é agressivo, alimentado pelo ódio, provavelmente por ciúmes e...

A caixa de entrada de Margot faz um bipe e ela abre o e-mail e clica na imagem para que preencha toda a tela.

A fim de melhorar o contraste do piercing em si, o software de aprimoramento de imagem mudou todas as cores. A língua e as bochechas de Maria Carlsson estão azuis agora, e o pininho é claramente visível.

— Saturno — Margot sussurra.

Na extremidade do piercing, a língua de Maria é uma esfera prateada com um anel em torno de seu equador, exatamente como o planeta Saturno.

— Isso não é um “h” — Joona diz.

Eles se viram e veem que ele está olhando para a fotografia da agenda de Maria, no trecho em que se lê — “aula 19 horas — papel quadriculado, lápis, tinta”, e depois, na linha de baixo, a letra “h”.

— É o símbolo de Saturno — ele diz. — Representa uma foice ou ceifadeira. Por isso é ligeiramente curva e, às vezes, cruzada no topo.

— Saturno... o planeta. O deus romano — Margot diz.

[*](#) A Bundeskriminalamt, também conhecida como BKA, é uma agência federal de investigações dos governos da Alemanha e da Áustria. (N. T.)

Joona e Margot estão descalços, olhando através de um painel de vidro. O interior do recinto é quente e úmido.

— Eu fiz um teste de detecção de alérgenos e, ao que parece, sou alérgica ao estado de atenção plena — ela diz.

Cerca de trinta mulheres suadas estão se mexendo com simetria mecânica em suas esteiras de ioga ao som da melodia da música indiana.

Margot conseguiu mais uma vez mobilizar cinco agentes para pesquisar as atividades de Maria Carlsson na internet: suas contas de e-mail, Facebook e Instagram. O piercing em sua língua é visível apenas em algumas fotos e é mencionado somente por uma de suas amigas no Facebook antes que toda a comunicação entre as duas cessasse: “Tem que lambe antes de comer. Eu também estou a fim de furar a minha língua”.

A mulher que tinha postado isso era Linda Bergman, instrutora de Bikram ioga no centro de Estocolmo. Linda e Maria estiveram em contato muito regular durante seis meses, até que de repente ela se desinteressou de Maria.

Linda Bergman sai da sala dos instrutores vestindo calça jeans e um suéter cinza. Ela é bronzeada, e parece que rapidamente tomou banho e se maquiou um pouco.

— Linda? Meu nome é Margot Silverman — ela diz, apertando a mão da mulher.

— Você não disse sobre o que se tratava, e sinceramente não faço a menor ideia.

Eles caminham pela calçada na direção de Norra Bantorget, enquanto Margot tenta fazer Linda relaxar com uma série de perguntas sobre a Bikram ioga.

— É uma forma de hatha ioga, mas ocorre em uma sala com alta umidade, a uma temperatura de quarenta graus — Linda explica.

Eles entram no velho parquinho em frente à antiga Escola Norra Latin. O chafariz esférico reluz prateado, e o vento continua espalhando jatos de minúsculas gotas.

— O nome do fundador é Bikram Choudhury — ela continua. — Ele criou uma série de vinte e seis posições que são as melhores que já experimentei.

— Vamos nos sentar — Margot diz, segurando a barriga.

Elas se sentam em um banco de parque vazio.

— Você era amiga de Maria Carlsson no Facebook — Joona diz, desenhando uma profunda linha vertical na trilha, o que faz levantar uma pequena nuvem de poeira.

— O que aconteceu? — ela pergunta, com cautela.

— Por que você desfez a amizade com ela?

— Porque não temos mais nada a ver uma com a outra.

— Mas parece que durante vários meses vocês tiveram um contato muito próximo — Margot diz.

— Ela veio para algumas aulas e começamos a conversar e... — Linda para de falar, e seu olhar voa ansiosamente de Margot para Joona.

— Sobre o que vocês conversavam? — Margot pergunta.

— Posso saber se sou suspeita de alguma coisa?

— Você não é — Joona diz.

— Você sabia que Maria tinha um piercing, um piercing na língua? — Margot continua.

— Sim — Linda diz, abrindo um sorriso um tanto constrangido.

— Ela tinha vários piercings diferentes?

— Não.

— Você se lembra de como era o dela?

— Sim.

Antes de responder, Linda fita por um momento o antigo prédio da escola e a brincadeira das sombras sob as árvores.

— Tinha uma minúscula miniatura de Saturno no topo.

— Uma miniatura de Saturno — Margot repete com muita delicadeza. — O que isso significa?

— Eu não sei — Linda diz, impassível.

— Tem algo a ver com astrologia?

Linda olha de novo para as árvores e chuta o chão.

— Você sabe onde ela conseguiu? Não parece estar à venda em lugar nenhum.

— Eu não entendo para onde isto está indo — Linda diz. — Eu tenho outra aula em breve e...

— Maria Carlsson está morta — Margot a interrompe com bastante seriedade. — Ela foi assassinada na semana passada.

— Assassinada? Ela foi assassinada?

— Sim, ela foi encontrada em...

— Por que você está me contando? — Linda a interrompe e se levanta.

— Por favor, sente-se — Margot diz.

— Maria está morta? — Linda afunda no banco, seus olhos vagam em direção ao chafariz, e ela começa a chorar. — Mas eu... eu...

Ela balança a cabeça e esconde o rosto entre as mãos.

— Você deu a ela o piercing? — Joona pergunta.

— Por que diabos você continua falando sobre aquele piercing de língua? — ela pergunta. — Em vez disso, encontre o assassino. Que coisa mais doentia!

— Você deu a ela o piercing? — Joona repete, desenhando uma linha curta em cima da primeira.

— Não, eu não dei. — Ela enxuga as lágrimas das bochechas. — Ela ganhou de um cara.

— Você sabe o nome do cara? — Margot pergunta.

— Eu não quero me envolver — Linda sussurra.

— Nós respeitamos isso. — Margot assente.

Linda olha para ela com os olhos vermelhos e franze os lábios.

— O nome dele é Filip Cronstedt — ela diz.

— Você sabe onde ele mora?

— Não.

— Maria estava saindo com ele?

Linda não responde, apenas crava os olhos no chão enquanto as lágrimas começam a cair novamente. Com a ponta da bengala, Joona adiciona a última curva ao símbolo e se inclina para trás.

— Por que ela tinha uma miniatura de Saturno no piercing de língua? — Margot pergunta, com cuidado. — O que quer dizer?

— Eu não sei. Porque era legal — ela diz, quase sem força na voz.

— Na agenda de Maria há um símbolo escrito em dez lugares diferentes. É o antigo símbolo de Saturno — Margot diz, apontando para o chão.

As bochechas de Linda ficam vermelhas quando ela olha para o símbolo desenhado no cascalho em frente aos pés de Joona. O vento já começou a apagar a foice estilizada. Ela não diz nada, mas sua testa está brilhando de suor.

— Desculpem, mas estou esperando um telefonema — Joona diz, e se levanta com a ajuda da bengala.

Margot o observa mancar em direção aos degraus e pegar o celular. Ele as deixou sozinhas para que ela possa criar uma atmosfera mais íntima.

— Linda, mais cedo ou mais tarde eu vou descobrir do que se trata, mas prefiro que você me diga.

A jovem tem marcas de suor cinza-escuro nos braços e, lentamente, afasta o cabelo do rosto.

— É só que é algo pessoal. — Ela passa a língua nos lábios.

— Eu compreendo isso.

— Eles chamam de saturnália — Linda diz, olhando para o chão.

— Isso é algum tipo de dramatização? — Margot pergunta, calmamente.

— Não, é uma orgia — Linda responde com a maior firmeza de que é capaz.

— Sexo grupal?

— Sim, embora sexo grupal dê a impressão... sei lá, não é algo como um trágico e velho clube de suingue.

Ela sorri, constrangida.

— Você parece saber do que está falando — Margot diz.

— Eu fui com Maria algumas vezes — ela responde, balançando a cabeça de maneira quase imperceptível. — Eu sou solteira, não havia nada de estranho. A pessoa não precisava dormir com todo mundo só porque estava lá.

— Mas não é esse o ponto?

— Não me arrependo de ter tentado, mas também não é exatamente algo de que eu sinta orgulho.

— Conte-me sobre as saturnálias — Margot pede.

— Eu não sei o que dizer. — Linda cruza as pernas. — Eu me empolguei pela atitude de Maria, sei lá, fui na onda dela, que era completamente aberta com relação a sexo. Bem, achei que eu também fosse assim.

— Você estava apaixonada por ela?

— Eu fiz isso por mim mesma — Linda diz, sem responder à pergunta. — Para tentar algo novo, sem compromisso, apenas me soltar e permitir que não significasse nada além de sexo.

— Eu entendo. — Margot abre um sorriso amigável.

— Na primeira vez — Linda diz, lançando um olhar sombrio na direção de Margot —, todo o seu corpo simplesmente treme. Você pensa, *não é possível que eu esteja fazendo isso*. Vários homens ao mesmo tempo... e há uma tonelada de drogas, e você faz sexo com outras mulheres, e a coisa toda dura horas. É uma loucura.

Ela olha na direção de Joonas e usa o dedo indicador para enxugar o suor do lábio superior.

— Mas você parou de ir — Margot diz.

— Eu não sou como a Maria. Eu queria estar com ela e tentei fazer do jeito dela. E depois de um tempo, me senti diferente, ousada e tudo mais. Mas, depois da terceira vez, comecei a pensar em muitas coisas... não que eu tivesse me arrependido. Estava mais para *Tá legal, mas por que eu estou fazendo isso?* Eu não tenho que me sentir envergonhada, tenho o direito de fazer isso — mas por quê?

— Essa é uma boa pergunta.

— Ir foi decisão minha, mas a coisa meio que não era do meu jeito. Acho que me senti um pouco explorada.

— Foi por isso que você parou?

Linda esfrega a ponta do nariz e abaixa a voz.

— Alguém filmou uma das saturnálias. Não era para isso acontecer, ninguém deveria entrar com celulares. Maria ligou e me contou. Ela estava realmente com raiva, mas a situação só me deixou preocupada. Tive a sensação de estar doente. O vídeo estava em um site pornô de vídeos amadores, era tremido e escuro, mas eu ainda podia me ver, e não foi exatamente um sentimento maravilhoso, posso garantir.

Algumas gotas do chafariz as alcançam, e Linda se afasta da esfera nevoenta e balança a cabeça.

— Eu não posso acreditar que ela está morta — ela sussurra.

— Essas saturnálias, como são organizadas?

— São dois caras de Östermalm, Filip e alguém chamado Eugene. Provavelmente começou como festas regadas a muita cocaína e ecstasy. E depois havia maconha sintética, drogas como pó de macaco, mosca-espanhola e todo o resto... e agora já vem acontecendo faz pelo menos uns dois ou três anos. Há talvez duas saturnálias por mês. Exclusivas, apenas para convidados.

— Sempre aos sábados?

— Você sabe de onde vem a palavra inglesa *saturday*, o “dia de Saturno”? — Linda responde.

Margot faz que sim com a cabeça, e Linda chuta novamente o chão.

— Eu só gostaria de dizer que nunca tomei droga nenhuma — ela diz.

— Bom para você — Margot diz com voz impassível.

— Eu bebia champanhe demais, em vez disso. — Ela sorri.

— Onde elas acontecem?

— Quando eu estava envolvida, eles tinham uma suíte no Hotel Birger Jarl. Tudo de que me lembro são quartos realmente esquisitos e psicodélicos.

— Conte-me sobre o piercing que Maria tinha em sua língua.

— Filip e Eugene deram os piercings para todas as meninas que pertenciam ao círculo íntimo.

— Maria queria cair fora também? Você sabe?

— Acho que não. Bem, eu... — Ela para e joga o cabelo por cima do ombro.

— O que você ia dizer?

— Só que o Filip se apaixonou por ela, ele queria vê-la a sós, não queria que ela dormisse com outros homens. Ela apenas ria. Era assim que ela era, a Maria.

Margot mostra uma fotografia de Susanna Kern.

— Você reconhece essa mulher? Dê uma boa olhada.

Linda examina o rosto sorridente de Susanna Kern, os intensos olhos castanho-claros, seu cabelo lustroso, e balança a cabeça.

— Não — ela responde.

— Ela estava nas saturnálias?

— Eu não a reconheço — Linda diz, pondo-se de pé.

Margot permanece sentada. Eles ainda não encontraram uma conexão entre as vítimas. Estão lidando com um assassino em série que espreita suas vítimas, mas não têm ideia de onde ele as encontra ou como as escolhe.

Madeleine Federer está caminhando ao longo de uma trilha que corta em diagonal o Parque Humlegården. Depois da aula ela vai com a mãe para a Igreja de São Jacó. Jackie aceita todo trabalho extra que consegue como organista, para que as duas consigam sobreviver financeiramente.

Agora Madeleine está andando ao lado da mãe, conversando e mantendo um olho no caminho, mesmo sabendo que a mãe não precisa de ajuda.

Sua mãe caminha com um pé cutucando a borda da grama, para poder sentir as plantas roçando a perna e ao mesmo tempo ouvir a bengala dobrável batendo de leve na trilha.

Um compressor começa a roncar do lado de fora da Biblioteca Real, e ela escuta o gemido de poderosas brocas escavando o asfalto. O barulho faz a mãe perder o rumo, e Madeleine segura seu braço.

Elas passam pelo playground com o escorregador espiral que ela amava quando era mais nova. Tinha um cheiro tão bom, de plástico e areia quente.

Quando chegam à rua, sua mãe agradece pela ajuda e elas seguem em frente em direção à faixa de pedestres.

Madeleine consegue ouvir como a batida da bengala dobrável contra a calçada de pedra tem um som mais forte do que na rua, mas não sabe identificar a mudança do som quando elas passam por um poste junto ao meio-fio.

— É apenas uma lacuna momentânea no barulho dos carros — explica sua mãe, e se detém.

Como de costume, Jackie coloca a ponta da bengala sobre a borda da calçada em preparação para se orientar pelo meio-fio quando os carros pararem e o dispositivo sonoro da faixa de pedestres começar a emitir seu bipe.

Elas atravessam e andam diante de um grande prédio amarelo, onde a mãe se vira na direção de uma porta aberta da garagem e estala a língua. Muitas pessoas com deficiências visuais fazem isso para ouvir o eco e, assim, identificar potenciais perigos.

Assim que chegam em casa, Jackie fecha a porta, tranca e prende a corrente de segurança. Madeleine pendura a jaqueta e observa a mãe entrar na sala de estar sem acender a luz e colocar as partituras sobre a mesa.

Madeleine vai até o quarto, diz olá para seu porco-espinho de pelúcia Porquinho e só tem tempo de vestir roupas mais confortáveis antes de ouvir a voz de sua mãe.

— Maddy? — a mãe está chamando em voz alta de seu quarto.

Quando Madeleine entra no quarto bem iluminado, vê sua mãe apenas de calcinha e sutiã, tentando fechar as cortinas em frente à janela. Do lado de fora da janela há uma bicicleta de criança cor-de-rosa caída na grama. A cortina ficou presa na porta do guarda-roupa e sua mãe passa os dedos pelo tecido e consegue soltá-la antes de se virar.

— Você acendeu a luz aqui?

— Não.

— Quero dizer, hoje pela manhã.

— Acho que não — a menina responde.

— Você precisa verificar para não deixarmos nenhuma luz acesa quando sairmos de casa.

— Desculpe — a menina diz, embora realmente ache que não foi ela quem fez isso.

Sua mãe estende o braço para pegar a camisola azul sobre a cama. Suas mãos tateiam e a localizam ao lado do travesseiro.

— Talvez o Porquinho tenha ficado com medo do escuro e entrou e acendeu a luz.

— Talvez — ela diz.

Sua mãe vira a fina camisola do lado certo, veste-a, depois se ajoelha e cobre o rosto de Madeleine com as duas mãos.

— Você é a menina mais linda do mundo? Você é, eu sei que você é.

— Você não tem nenhum aluno hoje, mamãe?

— Só o Erik.

— Você não vai vestir alguma roupa?

— Obrigada pela sugestão — ela diz, envolvendo em torno do corpo a camisola de seda.

— Coloque a saia prateada. Ela é bonita.

— Você vai ter que me ajudar a encontrar alguma coisa.

Sua mãe tem um leitor de cores, mas sempre pergunta a Madeleine se suas roupas parecem certas, se as cores combinam.

— Devo ir buscar a correspondência?

— Traga para a cozinha.

Madeleine percorre o corredor, onde pode sentir o cheiro de terra úmida e urtigas enquanto pega a correspondência do chão em frente à porta. Sua mãe já está sentada à mesa da cozinha quando a menina entra e para ao lado dela.

— Há alguma carta de amor? — Jackie pergunta, como sempre faz.

- Há... um anúncio de um corretor de imóveis.
- Jogue fora. Jogue todos os anúncios fora. Algo mais?
- Um lembrete sobre a conta de telefone.
- Que gracinha.
- E... uma carta da minha escola.
- O que eles têm a dizer? — Jackie pergunta.

Madeleine abre o envelope e lê a carta, que foi enviada a todos os pais. Alguém vem escrevendo palavrões nas paredes do corredor e no banheiro. A diretora pede que os pais e responsáveis falem com seus filhos sobre o assunto e lhes diga quanto custa limpar a sujeira, o que reduz o dinheiro disponível para a manutenção do playground.

- Você sabe quem está fazendo isso? — a mãe pergunta.
- Não, mas eu vi a pichação. É muito estúpida. Realmente infantil.

Sua mãe se levanta e começa a tirar da geladeira tomates-cereja, *crème fraiche* e aspargos.

- Eu gosto do Erik — Madeleine diz.

— Mesmo que ele tenha chamado as teclas de “coisas”? — a mãe dela pergunta, enchendo com água uma espagueteira.

- Ele disse que tocou feito um velho robô. — Madeleine ri.
- O que é absolutamente verdade.

Madeleine não consegue evitar um sorriso e vê a mãe sorrir enquanto liga o cooktop.

— Um robozinho bonito — Madeleine continua. — Eu não posso ficar com ele? Meu próprio robozinho. Ele poderia dormir na caminha da boneca.

- Ele é bonito mesmo?

— Eu não sei — ela responde, pensando no rosto agradável de Erik. — Acho que sim. Ele parece um daqueles atores de que todo mundo fala.

Sua mãe balança a cabeça, mas parece feliz enquanto acrescenta sal à água.

Erik parece satisfeito consigo mesmo por ser capaz de tocar até o décimo oitavo compasso com a mão direita, embora sua mão esquerda consiga apenas seis. Jackie sorri para si mesma por alguns segundos, mas decide não fazer nenhum elogio. Em vez disso, ela pergunta se ele está praticando da forma como ela o havia instruído.

— Sempre que posso — ele garante.

— Posso ouvir?

— Eu tenho praticado, mas não parece certo.

— Não há nada de errado em cometer erros — Jackie observa.

— Mas você não vai me querer como aluno se eu não conseguir tocar bem.

— Erik, não há o perigo de...

— E eu realmente adoro estar aqui — ele continua.

— É bom ouvir isso, mas se você quer aprender a tocar, precisa...

Jackie para no meio da frase e enrubesce, antes de levantar o queixo novamente.

— Você está flertando comigo? — ela pergunta com um sorriso cético.

— Eu estou? — ele ri.

— Tudo bem — ela diz, com seriedade.

— Vou tentar tocar a peça que eu pratiquei, se você prometer não rir.

— O que vai acontecer se eu rir? — ela pergunta.

— Isso só vai provar que você tem senso de humor.

Ela abre um largo sorriso no momento em que Madeleine entra vestida com seu pijama e chinelos.

— Boa noite, Erik — a menina diz.

Ele sorri.

— Boa noite, Madeleine.

Jackie se levanta e segue a filha até o quarto dela. Erik as observa e, no instante em que pousa a mão esquerda sobre as teclas, vê que Madeleine esqueceu na poltrona seu porco-espinho de pelúcia.

Ele o pega e vai atrás delas, virando à direita corredor adentro. A porta do quarto da menina está entreaberta e a luz está acesa. Ele pode ver as costas de Madeleine e Jackie puxando as cobertas.

— Maddy — ele diz, abrindo a porta. — Você esqueceu...

Antes que ele consiga dar mais um passo, a porta bate com força em seu rosto. Madeleine está dando gritos histéricos e mais uma vez empurra violentamente a porta contra ele. Erik tomba para trás na parede do corredor e leva a mão ao nariz enquanto o sangue começa a escorrer.

Madeleine ainda está gritando em seu quarto, e ele ouve alguma coisa cair no chão e se quebrar.

Erik entra no banheiro, coloca o porco-espinho no chão e aperta o nariz. Ele ouve Jackie acalmando a menina.

Minutos depois, Jackie bate suavemente na porta do banheiro.

— Você está bem? Eu não entendo o que...

— Diga a ela que eu sinto muito — Erik a interrompe. — Eu esqueci o cartaz. Eu só queria entregar a ela o porco-espinho.

— Ela perguntou onde ele está.

— Está no armário aqui — Erik diz, abrindo a porta. — Eu não queria que respingasse sangue nele.

— Você está sangrando?

— Apenas uma leve hemorragia nasal.

Jackie pega o porco-espinho e vai levá-lo para a filha enquanto Erik enxágua o rosto. Ele volta para o piano quando Jackie reaparece.

— Desculpe — ela diz, abrindo os braços. — Eu não entendo o que deu nela.

— Não se preocupe. Ela é maravilhosa — Erik diz.

Jackie meneia a cabeça.

— Sim, ela realmente é.

— Meu filho tem dezoito anos e até hoje nunca ligou a lava-louça. Mas agora ele está morando com a mãe dele, que é um pouco mais dura do que eu.

Eles ficam em silêncio. Jackie está no meio da sala. Ela pode sentir o cheiro de Erik, suas roupas limpas e o quente amadeirado de sua loção pós-barba. O rosto dela está sombrio quando puxa o cardigã de malha com mais força junto ao corpo, como se estivesse com frio.

— Você gostaria de uma taça de vinho? — ela pergunta.

Erik e Jackie estão sentados de frente um para o outro à mesa da cozinha. Ela pegou vinho, taças e pão.

— Você usa óculos escuros o tempo todo? — ele pergunta.

— Meus olhos são sensíveis à luz. Eu não consigo ver nada, mas a luz os machuca.

— Está quase completamente às escuras aqui — ele diz. — Apenas a pequena luminária atrás da cortina está ligada.

— Você quer ver meus olhos?

— Sim — ele confessa.

Ela mordisca o pão e mastiga devagar, como se estivesse pensando a respeito.

— Você sempre foi cega?

— Eu tive retinite pigmentosa quando nasci. Enxergava bastante bem nos primeiros anos, mas aos cinco já estava completamente cega.

— Não recebeu nenhum tratamento?

— Apenas vitamina A, mas...

Ela para de falar e tira os óculos escuros. Seus olhos são tristes, brilhantes e azuis como os da filha.

— Você tem olhos lindos — ele diz com voz suave.

É uma sensação estranha que não estejam encarando-se, apesar de ele estar olhando dentro dos olhos dela. Ela sorri e quase os fecha.

— Quem é cego sente medo do escuro? — ele pergunta.

— Na escuridão, o cego é rei — ela diz. — Mas você sente medo de se machucar, de se perder.

— Isso faz sentido.

— E hoje cedo eu de alguma forma enfiei na cabeça que alguém estava olhando para mim através da janela do meu quarto — ela diz com uma risada curta.

— Sério?

— Você sabe, janelas são coisas estranhas para pessoas cegas. Uma janela é como uma parede, uma parede fria e lisa. Quero dizer, sei que a maioria das pessoas pode ver através de uma janela. Então, aprendi a fechar as cortinas, mas ao mesmo tempo você nem se lembra.

— Estou olhando para você agora. É desconfortável ter alguém te observando?

— É, não deixa de ter as suas dificuldades — ela diz, com um breve sorriso.

— Você não recebe ajuda? E o pai da Madeleine?

— O pai de Maddy era... não foi bom.

— Como assim?

— Ele era... estragado. Descobri mais tarde que ele tentou obter ajuda psiquiátrica, mas foi recusado.

— Uma pena — Erik diz.

— Para nós foi.

Ela balança a cabeça e toma um gole de vinho, limpa uma gota do lábio e coloca a taça de volta sobre a mesa.

— Existem diferentes maneiras de ser cego — ela continua. — Ele era meu professor na faculdade de música, e não percebi o quanto ele estava doente até que engravidei. Ele começou dizendo que o filho não era dele, me chamando de todo tipo de coisa horrível. Ele quis me forçar a fazer um aborto e disse que fantasiava em me empurrar na frente de um trem do metrô.

— Você deveria tê-lo denunciado.

— Sim, mas eu estava com muito medo.

— O que aconteceu?

— Um dia, coloquei Maddy no carrinho dela e saí caminhando até a casa da minha irmã em Uppsala.

— Você foi a pé até lá?

— Eu estava feliz por ter acabado — Jackie diz. — Mas para a Maddy... obviamente, é impossível saber com quanta saudade uma criança é capaz de viver. Com que dose de fantasia e pensamento mágico uma criança consegue lidar para explicar por que o pai dela nunca entra em contato.

— Todos esses pais ausentes...

— Quando Maddy tinha quase quatro anos e já conseguia atender ao telefone, um dia ele ligou e foi ela quem tirou o fone do gancho. Ela ficou encantada. Ele prometeu vir no aniversário dela e trazer um filhotinho de cachorro e...

Os lábios de Jackie começam a tremer e ela fica em silêncio. Erik se serve um pouco mais de vinho e coloca a mão na taça, sentindo o calor dela.

— Mas você não é um pai ausente?

— Não, não sou. Mas quando o Benjamin era pequeno, tive um problema com medicamentos prescritos e as coisas ficaram bem ruins — ele responde com honestidade.

— E a mãe dele?

— Simone e eu fomos casados por quase vinte anos.

— Por que vocês se separaram?

— Ela conheceu um arquiteto dinamarquês. Eu não a culpo, na verdade gosto do John. E estou genuinamente feliz por ela.

— Eu não acredito nisso. — Ela sorri.

Ele ri.

— Às vezes você só precisa fingir que é uma pessoa crescida e fazer o que se espera que você faça, dizer as coisas que os adultos dizem.

Ele pensa em Simone e na cerimônia reversa em que devolveram as alianças um para o outro, retiraram seus votos e depois, na festa, cortaram um bolo de divórcio e dançaram juntos uma última vez.

— Você já conheceu mais alguém? — Jackie pergunta, baixinho.

— Tive alguns relacionamentos desde o divórcio — ele admite. — Conheci uma mulher na academia e...

— Você frequenta uma academia?

— Você deveria ver meus músculos — ele brinca.

— Quem era ela?

— O nome dela era Maria. Não deu em nada. Ela provavelmente era um pouco aventureira demais para mim.

— Mas você nunca dormiu com sua professora?

— Não. — Erik ri. — Mas quase. Eu acabei na cama com uma colega minha.

— Opa.

— Não, foi tudo bem, na verdade. Estávamos bêbados, eu tinha me divorciado e me sentia abandonado. Ela me disse que ela e seu marido estavam dando um tempo, então não foi nada demais.

— E os pacientes?

— Dez vez em quando você acha uma ou outra atraente — Erik responde com sinceridade. — Isso é inevitável. A terapia é uma situação extremamente íntima. Mas a atração e a sedução são apenas uma maneira de o paciente evitar pensar em algo doloroso.

Ele pensa em como Sandra costumava parar no meio de uma frase e deslizar o dedo pelo rosto bonito e inteligente dela enquanto as lágrimas brotavam em seus olhos verde-floresta. Ela queria que ele a abraçasse e, quando ele fez isso, ela se dissolveu nos braços dele, como se estivessem fazendo amor.

Ele não sabe se as ações de Sandra foram premeditadas, mas ainda assim pediu a uma colega que a aceitasse como paciente depois. Sandra já a conhecia, e parecia a solução natural.

— Então, quem você está vendo no momento? — Jackie quer saber.

Erik olha para o sorriso dela, para o formato do rosto na luz suave, para o cabelo curto e escuro e o pescoço branco. As preocupações sobre Rocky Kyrklund que o vinham consumindo nos últimos tempos parecem subitamente muito distantes.

— Eu não sei até que ponto é uma coisa séria, mas... bem, nós nos vimos apenas algumas vezes — ele diz. — Mas eu me sinto feliz sempre que estou com ela.

— Isso é bom — Jackie murmura, corando.

Ela pega outro pedaço de pão.

— Quando estou com ela, nunca quero ir para casa. E eu já gosto da filha dela, e também estou aprendendo a tocar piano como um robô. — Ele coloca a mão sobre a dela.

— Você tem mãos macias — ela diz com um grande sorriso.

Ele acaricia as mãos dela, os pulsos e braços, desliza os dedos até o rosto, seguindo a pele. Ele se inclina para a frente e a beija suavemente na boca, várias vezes.

Ela sorri enquanto espera para ser beijada novamente, e quando eles se beijam, abrem suas bocas e sentem a língua um do outro, hesitantes, a respiração trêmula e entrecortada, e de repente a campainha toca.

Ambos se sobressaltam e permanecem em completa imobilidade, prendendo a respiração.

A campainha toca de novo.

Jackie se apressa em se levantar, e Erik faz o mesmo, mas quando ela abre a porta, não há ninguém lá. A escada está totalmente às escuras.

— Mamãe! — Madeleine chama de seu quarto. — Mamãe!

Jackie estende a mão e toca o rosto de Erik.

— Talvez seja melhor você ir embora agora — ela sussurra.

Uma senhora idosa com sacolas de plástico enroladas nas roupas lança um olhar aflito para Joona enquanto ele cambaleia ao lado dela na fila de desabrigados.

Joona tentou descansar na linha verde do metrô, depois encontrou um cigano que lhe ofereceu um lugar para dormir. Ele ficou deitado no chão de um trailer em Huddinge, envolto em um cobertor, com os olhos fechados, à espera do sono, mas seus pensamentos não o deixam em paz.

Ele não come nem dorme desde que Lumi partiu. Deu a ela todo o dinheiro que tinha, mantendo para si apenas o suficiente para custear a jornada para ver o Agulha.

Falta de sono significa enxaquecas cada vez mais frequentes. A dor é como uma fina haste de aço queimando atrás de um dos olhos, e seu quadril está piorando ainda mais.

Um iraniano com uma expressão simpática nos olhos está pacientemente servindo café para os famintos e dando-lhes sanduíches.

Joona está com tanta fome que já não consegue senti-la no estômago. Em vez disso, parece um peso que deixa as pernas fracas. Quando recebe o café e o sanduíche, sente que vai desmaiar. Ele se move para um lado, desembulha o pão, dá uma mordida e engole, mas seu estômago começa a ter espasmos, tentando rejeitar a comida. Ele coloca a mão sobre a boca e vira as costas para os outros. A tontura o força a ficar de joelhos. Ele derrama o café no chão, dá outra mordida, tosse e cospe. O suor irrompe na testa.

— Como você está? — o iraniano pergunta.

— Faz algum tempo que eu não como nada.

— Um homem ocupado. — O iraniano sorri gentilmente.

— Sim — Joona diz, tossindo de novo.

— Se você precisar de ajuda, é só me dizer.

— Obrigado, mas estou bem — Joona resmunga, depois se afasta.

— À uma da tarde, o sopão comunitário da Igreja de Santa Clara abre as portas — o homem diz em voz alta atrás dele. — Venha, você está precisando de um lugar para se sentar e se aquecer.

Joona atravessa a ponte em direção à prefeitura, alimenta os cisnes com o sanduíche e sobe a passos pesados a longa ladeira da rua Hantverkar. Ele para e descansa por um tempo, apalpando a pedrinha em seu bolso, depois continua em direção ao quartel de bombeiros antes de virar para entrar no Parque Kronoberg. A folhagem acima é encharcada pela luz do sol, mas a grama embaixo das árvores é sombria, um suave verde-musgo.

Joona caminha lentamente colina acima, abre o portão e entra no antigo Cemitério Judaico.

— Desculpe-me por estar com esta aparência — ele diz, colocando a pedra no túmulo da família de Samuel Mendel.

Com a bengala, Joona empurra para longe uma embalagem de bombom e diz ao ex-parceiro que Jurek Walter finalmente está morto. Em seguida, fica em silêncio, ouvindo o vento através das árvores e os sons das crianças no parquinho próximo.

— Eu vi as provas — ele sussurra, dando um tapinha na lápide antes de sair.

Margot pediu a Joona para participar de uma reunião extraoficial hoje. Ele acha que ela provavelmente está tentando ser legal com ele, deixando-o brincar de detetive por um tempo.

A caminho da rua Fleming, Joona pensa nas orgias que Maria Carlsson frequentava.

Saturnálias, orgias e farras regadas a álcool sempre fizeram parte da vida humana. Cada respiração nos leva para mais perto da morte, e nos consolamos com o trabalho e as rotinas, mas de vez em quando temos que virar nossa vida de cabeça para baixo, ao menos para provar a nós mesmos que somos livres.

Maria Carlsson, evidentemente, planejava participar de uma saturnália no dia em que foi assassinada. É impossível dizer se as orgias são o elo entre as vítimas, mas, em sua agenda, Susanna Kern tinha circulado o mesmo sábado de julho.

Filip Cronstedt e Eugene Cassel são coproprietários da Croca Comunicações Ltda., que no ano anterior havia registrado um faturamento bruto de 95 milhões de euros.

Nenhum dos dois visitara o escritório na rua Sibylle nos últimos seis meses, e fazia um bom tempo que não participavam das reuniões do conselho. O diretor administrativo mantinha contato com Eugene, o mais recente na semana anterior, mas não tem notícias de Filip desde o começo do ano.

Linda Bergman diz que ainda estava em contato com Maria Carlsson quando Filip de repente sumiu das saturnálias.

Mas as orgias continuaram, com a presença de Maria e Eugene.

Parece haver um número de participantes regulares que vão a todas, enquanto um número limitado de novas pessoas é convidado com base em um processo de seleção.

De acordo com Linda, os cartões magnéticos das suítes de hotel fazem as vezes de ingressos.

A equipe de investigação tem pouca expectativa de encontrar Filip no hotel, mas os agentes estão relativamente confiantes de que Eugene estará lá. De acordo com a agenda de Maria Carlsson, há uma orgia planejada para o sábado seguinte e outra em três semanas. Essas duas datas podem ser sua única esperança de encontrar Eugene e localizar o paradeiro de Filip.

Adam, Margot e Joona estão sentados em um bar. A televisão exibe uma partida de futebol. Margot está comendo um imenso hambúrguer e tomando água. Adam e Joona estão bebendo café preto.

— Filip não parece ter saído da Suécia — Adam diz, organizando sobre a mesa algumas páginas impressas. — Ele está aqui, mas não há registro de que esteja morando aqui e não parece ter estado em nenhuma das casas de propriedade da empresa.

O rosto de Filip Cronstedt no papel sobre a mesa olha para eles. A fotografia mostra um homem de quarenta anos com cabelo loiro penteado para trás e sobrancelhas claras. Ele parece um banqueiro amigável e atencioso. A testa franzida e a combinação de bochechas e queixo sugerem uma vida difícil, mas isso só o faz parecer mais simpático.

— Eu não sei se acredito que ele matou Maria Carlsson — Adam acrescenta, apontando o dedo para a foto. — Não faz sentido. Quero dizer, ele não tem um histórico de violência. Não tem antecedentes criminais, nunca foi suspeito de nada. E não há menção dele nos registros do Serviço Social.

— Ele tem condição de pagar bons advogados — Margot diz.

— Sim, mas mesmo assim — Adam rebate.

Uma mulher está arrastando um barril de cinquenta litros de cerveja pelo bar. Uma família com três meninas passa pela janela arranhada com vista para a rua Tule.

— Tudo o que sabemos é que Filip Cronstedt começou a sentir ciúmes — Margot diz, colocando algumas batatas fritas na boca. — Ele queria que Maria parasse de frequentar as saturnálias, mas ela continuou indo. E agora ela está morta, e falta um pedaço do piercing em sua língua.

— Sim, mas...

— Eu estava pensando em uma coisa — ela continua —, estou achando que ele era obcecado por Maria Carlsson, que ficava lá nos bastidores, assistindo-a nas orgias. Até aí, tudo bem... mas será que ele é um assassino em série?

— Ou um assassino-relâmpago — Adam diz. — Nós só temos dois homicídios, e isso não é suficiente para...

— Estamos caçando um assassino em série — ela o interrompe.

— Isso na verdade não importa — Joonas diz. — Mas Margot está certa, porque...

Ele fecha os olhos quando a enxaqueca irrompe atrás do olho e lentamente leva a mão à cabeça. Assim que a dor se abrandava, ele se sentia absolutamente imóvel e tenta se lembrar do que ia dizer sobre os assassinos-relâmpago. O termo refere-se a um assassino que matou pelo menos duas pessoas em lugares diferentes, com quase nenhum intervalo entre eles. Um assassino-relâmpago não tem a atitude sexualizada e duradoura do assassino em série em relação ao homicídio, mas comete seus crimes como uma resposta direta a uma crise.

— Tá legal — Adam diz depois de um tempo.

— Ainda é cedo para dizer alguma coisa sobre Filip — Margot fala com a boca cheia. — Pode ser ele. Acho que é uma possibilidade, mas...

— Nesse caso, as orgias fazem parte de sua fantasia sobre matar — Joonas diz, abrindo os olhos.

— Vamos seguir em frente com o que temos — Margot declara. — O que sabemos hoje é onde Eugene Cassel vai estar. E se alguém pode nos dizer onde Filip está, é Cassel.

— Lembre-se, nós não podemos simplesmente invadir uma orgia privada. — Adam sorri.

— Apenas um de nós precisa entrar, encontrar Eugene e conversar com ele — Margot diz, depois dá uma grande mordida em seu hambúrguer.

— Você não pode fazer trabalho de campo — Adam diz. — Você está grávida.

— Está dando para ver? — ela pergunta enquanto mastiga.

— Tá legal, que se dane, eu vou fazer isso — Adam diz.

— Isso não é uma batida policial — Margot diz. — Não há ameaça óbvia. Vamos chamar de reunião com um informante anônimo. Assim, não precisamos passar com antecedência pela chefia.

Adam suspira e se recosta na cadeira.

— Então isso significa que agora eu vou ter que estar em uma mesma sala com um monte de... — Ele para no meio da frase, fitando o espaço com olhos vidrados, depois balança a cabeça.

— Obviamente, é um pouco complicado falar com as pessoas em uma situação como essa, mas o que podemos fazer? — Margot diz.

— Eu não entendo. Que tipo de pessoa gostaria de ir a uma orgia?

— Eu não sei. Não faço sexo em grupo há pelo menos dez anos. — Margot mergulha algumas batatas fritas no ketchup.

Adam olha para ela boquiaberto enquanto mastiga, um leve sorriso no rosto. Ela limpa os dedos em um guardanapo e depois olha para ele.

— Eu estava brincando — ela diz com um sorriso. — Eu sou uma garota comportada, juro, mas me envolvi em uma incursão a um clube de suíngue quando trabalhei em Helsingborg. Pelo que me lembro, eram principalmente homens em seus sessenta anos, com barrigas imensas e pernas finas...

— Chega — Adam diz, encurvando-se na cadeira.

— Vou ligar para a sua esposa amanhã e perguntar a que horas você chegou em casa.

— Tudo bem — Adam suspira, depois sorri.

— Pense nisso como um trabalho, nada mais — Joona diz. — As outras pessoas são irrelevantes. Você simplesmente entra e vai direto falar com o Eugene, faz com que ele te diga onde está o Filip e o prende assim que tiver certeza de que obteve a informação.

— Prendê-lo?

— Para impedi-lo de avisar Filip — Joona diz, olhando Adam nos olhos.

— Se você descobrir alguma coisa sobre o Filip — Margot diz —, aí você...

— Aí eu ligo para você — Adam completa a frase.

— Não, eu vou estar dormindo. — Ela coloca na boca o último bocado de comida. — Se você descobrir alguma coisa, passe para a equipe de resposta rápida.

Os dois homens permanecem sentados depois que Margot sai. Alguns clientes idosos levantam-se de sua mesa e vão fumar lá fora.

— Onde você vai ficar? — Adam olha para Joona.

— Há um acampamento nos arredores de Huddinge.

— Os ciganos?

Joona não responde, toma um gole de café e olha pela janela.

— Fiz uma pesquisa a seu respeito — Adam diz. — Eu vi que... um ano antes de se machucar, você era instrutor de krav maga militar na unidade de Operações Especiais. Desculpe, mas olhando para você agora, é difícil acreditar que era um paraquedista.

O quarto psicodélico do Hotel Birger Jarl é na verdade conhecido como o Quarto Retrô e pode ser reservado como qualquer outro.

O hotel passou por uma reforma completa no ano 2000. Todos os quartos foram desfeitos, e a decoração foi completamente alterada. Quando os operários saíram, descobriu-se que o quarto 247 havia sido esquecido.

O quarto foi de alguma forma ignorado durante cada uma das remodelações desde a construção do hotel em 1974.

Ainda está intacto, como uma pequena cápsula do tempo de uma época passada.

Em 2013, um assassinato foi cometido no hotel, depois de um sofá no quarto 247 ter sido trocado. É claro que não havia ligação real entre os dois eventos, mas agora a equipe de funcionários se recusa a fazer qualquer ajuste na decoração do cômodo.

Adam está sentado há cinco horas em seu carro, observando a entrada do hotel. Joona está do lado de fora, enrolado no cobertor, segurando uma xícara com algumas moedas.

Trinta e cinco convidados entraram durante esse meio-tempo, mas nada de Eugene.

Mais abaixo na rua, um garçom de cabelo grisalho está agachado do lado de fora de um restaurante italiano, fumando.

Quando os sinos da igreja batem lentamente anunciando as onze horas, Joona vai mancando até o carro.

— É melhor você entrar — ele diz para Adam.

— Você não pode vir comigo?

— Vou esperar aqui — Joona diz.

Adam tamborila os polegares no volante.

— Tá legal — ele diz, e esfrega o queixo algumas vezes.

— Vá com calma lá dentro — Joona diz. — Só porque estão lá não quer dizer que sejam criminosos. É provável que você veja muitas drogas, mas ignore. Você só deve intervir se vir sinais de atividade sexual forçada ou se houver alguém menor de idade.

Adam faz que sim com a cabeça e sente o estômago se revirar quando sai do carro e entra no hotel.

O balcão da recepção suavemente curvado está vazio, exceto por um homem falando ao telefone.

Adam vai até lá e mostra sua identidade. Ele recebe um cartão magnético e continua em direção aos elevadores. O Quarto Retrô fica no final do corredor, e na maçaneta da porta há uma placa de plástico em que se lê: “NÃO PERTURBE”.

Adam hesita, depois abaixa o zíper da jaqueta de couro preta. A camiseta branca está enfiada no jeans preto, e sua Sig Sauer está em um coldre sob a axila esquerda.

— Tudo o que eu tenho que fazer é entrar, com calma e tranquilidade — ele diz a si mesmo. — Encontrar Eugene, levá-lo para um canto e fazer perguntas.

Adam pigarreia e passa o cartão pelo leitor. Ouve o clique da fechadura eletrônica e uma pequena luz verde se acende. Ele entra em um corredor escuro e fecha a porta.

Ele pode ouvir música, vozes abafadas e uma cama rangendo.

A luz é fraca, mas o lugar não está completamente às escuras. Adam olha em volta. Ele está em um pequeno saguão onde as pessoas deixaram suas roupas.

Uma mulher loira com um corte de cabelo de menino sai do banheiro e pisca para ele na escuridão. Ela não está usando nada além de uma minúscula calcinha de seda preta, e ela é tão bonita que o coração dele começa a bater mais rápido.

Ela tem vestígios de pó branco grudado no brilho labial em um canto da boca. Ela olha para Adam; suas grandes pupilas negras estão contornadas por um anel estreito de azul-gelo. Ela passa a língua nos lábios e diz algo que ele não escuta, antes de voltar para o quarto.

Ele a segue, incapaz de não olhar para a bunda reluzente da mulher.

No quarto mal iluminado, há um cheiro doce e esfumaçado.

Adam se detém e olha para a cama, depois desvia o olhar novamente. Desajeitado, arrasta os pés para o lado da parede, passando por um homem nu com uma taça de champanhe na mão, e se detém.

Ninguém reagiu à sua presença.

Uma mulher força passagem, os olhos cravados no chão. O papel da parede é cor-de-rosa e ondulado, o desenho do carpete marrom é uma explosão de estrelas. Não há lâmpadas acesas, mas a luz da cidade lá fora alcança as cortinas, espalhando-se pelo teto.

O quarto inteiro está pesado com o cheiro de pessoas excitadas. Para onde quer que olhe, Adam pode ver genitais lustrosos, bocas abertas, seios, línguas, nádegas.

Além da música, há muito pouco som. As pessoas que fazem sexo estão concentradas no ato, absortas no próprio prazer ou no do parceiro. Outras estão descansando, observando a orgia com uma das mãos entre as pernas.

A pulsação de Adam lateja em seus ouvidos e ele se sente corar.

Precisa tentar encontrar Eugene.

Adam passa por uma mulher bonita na faixa dos trinta anos. É inevitável olhar para ela, que veste uma blusa de batique e está sentada à mesa com os olhos fechados. Sua virilha exposta parece mármore polido, com uma linha desenhada em giz rosa.

Nada disso é tão desesperado ou imundo como ele imaginava. É mais introvertido, mais autoconsciente.

Ele caminha ao redor da cama, imaginando se tudo ali é simplesmente parte do estilo de vida moderno dessas pessoas.

Ele tem a mesma idade que a maioria delas, mas está ali para fazer seu trabalho e depois voltar para casa, para a esposa, e sem dúvida vai se lembrar para sempre do que viu. Ele já sabe que não poderá falar com ela sobre isso — não a sério. Ele vai acabar fazendo piada ou transformando em algo nojento.

Ele diz a si mesmo que as pessoas ao seu redor estão arruinadas, que sente pena delas, mas isso não é verdade, não é certo.

Uma pontada de inveja o perpassa.

Adam segue pela porta aberta que leva até o quarto seguinte. O papel de parede é mais escuro ali, com padrões grandes e arrojados, como cristais verde-claros.

A música também é mais alta. Dois homens nus colocaram uma poltrona de plástico alaranjada em cima da cama. Uma mulher com cabelo liso e negro está sentada nela, rindo enquanto os outros balançam o colchão. Mais homens se juntam, e alguém agarra os pés da mulher, que dá gargalhadas ainda mais barulhentas.

A mulher com o corte de cabelo joãozinho está ajoelhada em frente a uma mesa com tampo de vidro, recolhendo os restos de algum pó branco e esfregando o dedo nas gengivas.

Adam se afasta e quase pisa num enorme tubo de lubrificante caído no chão. Poeira e fios de cabelo estão grudados na gosma derramada.

Na janela há dez taças cheias de champanhe. Gotas de condensação escorrem e formam pequenas poças no peitoril de mármore.

Mais para dentro do quarto, Adam chega a um corredor sem janelas contendo armários e um compartimento para malas. A porta do banheiro está entreaberta. Uma mulher nua está sentada de ombros encurvados em cima da tampa do vaso sanitário, a barriga arqueada e um dos braços tensionado.

— Você está bem? — Adam pergunta com voz suave.

Ela levanta a cabeça e olha para ele. Seus olhos são escuros e úmidos, e Adam tem a forte sensação de que deveria ir embora do hotel.

— Me ajude — ela sussurra.

— Como você está se sentindo?

— Eu não consigo ficar de pé — ela murmura.

Um homem magro vem do quarto até eles e se detém na porta. Seu pênis ereto balança enquanto ele se move.

— A Paula está aqui? — ele pergunta.

Ele olha para eles com os olhos semicerrados, depois desaparece por onde tinha vindo.

— Me ajude a ficar de pé — a mulher diz, respirando pela boca.

Adam pega a mão dela e a coloca de pé. Ele se afasta e ela sai cambaleando do banheiro, conseguindo puxar uma toalha para baixo. Só agora ele percebe que ela tem uma cinta peniana afivelada em torno do quadril. A mulher desaba na direção de Adam e coloca a mão em volta do pescoço dele.

O hálito da mulher recende a álcool, e o dildo desliza entre suas coxas. As pernas dela começam a ceder, e ele a segura, sentindo seus seios pesados contra o corpo.

— Você consegue ficar de pé?

— Eu não sei se pus direito esta coisa — ela murmura contra o pescoço dele. — Você pode verificar a cinta na parte de trás?

Ela se vira e encosta uma mão na parede, batendo em um relógio de parede de plástico marrom e fazendo sua tampa chacoalhar.

— Você viu o Eugene? — Adam pergunta.

A cinta de couro preto entre as nádegas dela está torcida, e ela a tateia com dedos cansados.

— Está torcida — Adam diz.

Ele não sabe o que fazer, hesita, depois tenta ajudá-la. Ele endireita a cinta duas vezes, mas percebe que está emaranhada mais abaixo também.

A pele dela está quente e suada. Ele está tremendo e pode sentir como seus dedos estão frios enquanto vai deslizando correia abaixo no meio da bunda da mulher.

Um homem nu passa esquivando-se às pressas e entra no banheiro. Ele urina sem fechar a porta, nem sequer olhar para eles.

Adam não pode deixar de notar que a correia de couro entre as pernas está molhada e escorregadia. A mulher pisa em falso novamente e encosta a bochecha na parede, enquanto o relógio de plástico balança em seu gancho.

Uma mulher no quarto ao lado está choramingando. Dois homens atravessam o corredor, e então ele avista no vão da porta a linda mulher com o corte de cabelo curto. Agora ela está sem calcinha, andando devagar em direção ao quarto no instante em que o vê. Ela ergue a taça de champanhe para ele em um brinde, e ele vê as marcas claras de lábios na borda.

A mulher na frente dele apoia o ombro na parede, depois desliza para o chão e encosta a bochecha no carpete.

A mulher com o corte curto, estilo joãozinho, se aproxima de Adam. O pescoço dela parece vermelho, e ela se inclina pressionando a testa no peito de Adam, depois olha para ele com um sorriso.

Adam não consegue se conter. Ele a beija e ela retribui, e ele pode sentir a língua dela em sua língua.

É errado, e ele já sabe que vai se arrepender, mas tudo o que ele quer agora é fazer sexo com ela.

A mulher deitada no chão murmura algo sobre cair e puxa a perna, fazendo-o balançar.

Quando a mulher com o cabelo curto abre o zíper da calça dele, um medo gélido o percorre.

Isto é muito fácil, muito tentador, ele pensa.

Mas suas mãos estão tocando os seios dela, que são cálidos, rijos e salpicados de algo áspero e brilhante.

Ele nunca viu uma mulher tão bonita.

Ele a agarra, a pressiona contra a parede e a penetra. Angústia e luxúria rodopiam em seu corpo. Ele geme e vê a boca aberta da mulher, em cuja língua Saturno lampeja. O corpo da mulher balança e seus seios estremecem a cada estocada. Ela está sorrindo, olhos fechados, mas não emite som nenhum, e não parece de fato interessada no que está acontecendo. Talvez esteja drogada demais.

Dois mulheres surgem no corredor e os observam durante algum tempo antes de seguirem em frente.

A mulher com o dildo está em pé. Ela está atrás de Adam e de repente enfia as mãos sob a camiseta dele, acariciando sua cintura e suas costas. Ele tenta se desvencilhar. Não sabe se ela sentiu sua arma, mas de súbito a mulher para, afasta-se dele, murmura algo e entra no quarto.

Adam sabe que talvez sua identidade tenha sido revelada, mas não pode parar agora. A mulher diz algo em seu pescoço, e ele sente o cheiro de framboesas. Ela coloca a mão no peito dele, tentando fazê-lo desacelerar, mas ele afasta a mão dela e empurra a mulher com força contra a parede.

Assim que entra no terceiro quarto, Adam imediatamente vê Eugene Cassel. Ele está usando uma cartola preta, mais nada. Cinco pessoas estão fazendo sexo na imensa cama. A sombra de uma luminária paira, oblíqua, e treme no ritmo dos movimentos. Eugene está de joelhos atrás de uma mulher de quatro.

O colar de pérolas da mulher balança entre os seios.

A mulher com a cinta peniana entra cambaleando no quarto, atrás de Adam. Ele a observa sentar-se na beirada da cama, quase cair, depois endireitar-se de novo. Outra mulher agarra o dildo, diz alguma coisa e ri. Ela responde, depois tosse cobrindo a boca com o braço.

— O que você disse?

— Trá-lá-lá-láa — ela sorri.

— Tá legal.

— A polícia está aqui, trá-lá-láa — ela repete, e tosse de novo.

Eugene ouve suas palavras e se detém, senta-se na cama, apoia um dos braços sobre a bunda da mulher e depois se vira para fitar Adam.

— Esta é uma festa privada — ele diz com um olhar de decepção.

— Existe algum lugar em que possamos conversar em particular? — Adam mostra sua identificação de policial.

— Deixe seu cartão, e peço aos meus advogados que te liguem na segunda-feira — Eugene diz, levantando-se da cama.

Eugene tem cerca de quarenta anos, provavelmente a pessoa mais velha da suíte. Seu corpo nu e sem pelos está em boa forma, apesar da barriga saliente. Sua ereção murchou. Sob a aba do chapéu, um piercing de ouro reluz em sua sobrancelha, e suas pupilas estão dilatadas.

— Preciso encontrar Filip Cronstedt — Adam diz.

— Boa sorte. — Eugene levanta ligeiramente o chapéu. — Ele não está aqui, mas posso te dar uma pista: siga o coelho branco.

— Escute — Adam diz —, podemos sair do hotel numa boa, discretamente, mas, se for preciso, vou algemar você aqui dentro e te arrastar até o carro.

Uma mulher de pele branca cintilante, o cabelo castanho-avermelhado em duas tranças sobre os seios, entra no quarto e se aproxima de Eugene.

— Devo pedir alguma comida? — ela pergunta, colocando um baseado entre os lábios.

— Ainda com fome? — ele pergunta, flertando.

Ela balança a cabeça e sorri, depois exala uma estreita pluma de fumaça e caminha em direção ao telefone ao lado da cama.

— Certo, vou ter que prender você de acordo com o capítulo 24, parágrafo 7 do código penal — Adam diz.

— Não é minha culpa que você estudou em uma escola ruim e acabou tendo que entrar pra polícia — Eugene diz, em tom ríspido. — O mundo é injusto e...

— Você conhece Maria Carlsson, não é? — Adam o interrompe.

— Eu a amo — Eugene responde devagar.

— Dê um beijo nela. — Adam tira do bolso uma foto da cena do crime.

Sob a luz forte do flash, o rosto devastado da mulher morta, a boca escancarada e a mandíbula quebrada são brutalmente visíveis.

Eugene choraminga, cambaleia para trás e derruba um abajur de mesa, cuja base de cerâmica marrom se espatifa.

Eugene veste suas roupas e Adam chama uma viatura. Eles caminham juntos pelo corredor do hotel.

— Eu realmente sinto muito. Estou chocado. Apenas me diga o que posso fazer. Eu quero ajudar, é uma questão de honra... mas tenho que falar com meu advogado primeiro.

Eugene lavou o rosto, mas suas bochechas estão brancas e brilhantes de suor.

— Eu preciso encontrar Filip — Adam diz.

— Ele não fez isso — Eugene diz no mesmo instante.

— Filip não está em nenhum de seus endereços habituais. Onde ele está?

— Ele não anda muito bem. — Eugene coça a testa com o chapéu. — Olha, eu não vou espalhar merdas sobre Filip, mas do jeito que as coisas estão agora, eu realmente não quero ter nada a ver com ele. Tentei fazer com que buscasse ajuda, mas...

— Ajuda com o quê? — Adam quer saber.

A porta do elevador se abre, e antes de entrar eles ficam de lado para deixar uma mulher de casaco laranja sair.

— Ele está usando um pouco demais.

Eugene sorri, acenando com a mão em direção à têmpora.

— Ele é viciado?

— Sim, mas o problema de tomar saís de banho demais é que... não funciona. Você simplesmente fica paranoico, e aí tem *bad trips* e acaba se sentindo tão mal que quer morrer.

— Isso torna a pessoa agressiva? — Adam pergunta enquanto saem do elevador para o andar térreo.

— Quero dizer, você fica aterrorizado o tempo todo, mas meio que ultrafocado ao mesmo tempo. Você pensa rápido demais, não dorme de jeito nenhum. A última vez que encontrei Filip, ele estava completamente lunático, disse que tinha sido captado por milhares de imagens de satélite no Google, continuou falando sobre Saturno sendo forçado a comer os próprios filhos. Ele não conseguia ficar parado, continuou esbravejando, sacudindo uma faquinha de um lado pro outro. Ele cortou

minha mão e gritou que eu deveria ser grato. E depois ele se cortou no braço, de fora a fora. Pingando sangue, saiu correndo para o metrô.

Eles passam pelo saguão e saem pela porta que dá para a rua Tule no exato momento em que uma viatura da polícia encosta no meio-fio.

— Neste momento eu só preciso saber onde posso encontrá-lo — Adam repete, parando Eugene.

— Tá bom. Eu me sinto um traidor, mas ele disse que nos armazéns ninguém seria capaz de encontrá-lo.

— Armazéns?

— Ele aluga uma porrada de depósitos na rua Vanadis, você sabe, aquele lugar de boxes de armazenamento pessoal. Acho que ele tem mais da metade das unidades lá.

Dois policiais uniformizados se aproximam. Um deles conduz Eugene ao banco de trás do carro enquanto o outro ouve as instruções de Adam.

— Leve-o para a sala de custódia — Adam diz. — Não o deixe telefonar para ninguém. Vamos ganhar algum tempo. Quando o advogado dele aparecer, não teremos como mantê-lo detido.

Joona ignora o sinal vermelho e vira à esquerda na rua Oden, dirigindo rápido.

Uma moradora de rua empurrando dois carrinhos de supermercado abarrotados de tralhas está dormindo do lado de fora da 7-Eleven.

Adam conta a Joona como Filip vinha sofrendo uma série de overdoses de diferentes variedades de sais de banho já havia algum tempo, e que Eugene acha que ele entrou numa psicose paranoica.

A droga sintética tinha causado várias mortes recentemente e foi mencionada nos tabloides noturnos como a “droga canibal” depois que um homem que a tomou tentou comer o rosto de um mendigo.

— Nós não temos muito tempo — Adam diz, tenso. — Não vão conseguir segurar Eugene lá por muito tempo. Ele vai sair em breve e acho que vai avisar Filip.

Joona ultrapassa um táxi, corta por dentro, depois dá uma guinada para entrar nas pistas de saída e vira na rua Vanadis.

O para-choque bate com um ruído seco no meio-fio quando Joona para na calçada diante de um prédio marrom-claro cujas garagens têm portas vermelhas.

Na região central de Estocolmo, as empresas de armazenamento tiveram que se contentar com os porões existentes, de modo a não mudarem a aparência da cidade. Enormes áreas de pequenos boxes trancados espalham-se logo abaixo da superfície, como velhas catacumbas sob a cidade.

Joona e Adam saem do carro e vão até o escritório fechado, com vista para o pequeno estacionamento. Na penumbra através da janela, conseguem distinguir pilhas achatadas de caixas de papelão, um balcão de recepção e um grande monitor de segurança na parede.

— Eu quero olhar o mapa do depósito de armazenamento e quero dar uma olhada naquelas câmeras — Joona diz.

— Está fechado. Teremos que passar por um promotor — Adam responde.

Joona assente, batendo de leve a bengala na borda da calçada e pensando na sensação de afundar no gelo quebrado. É quando você se aquece que começa a congelar. Ele pega uma pedra pesada e a joga contra a janela. Há um estrondo quando o vidro se estilhaça, e uma luz vermelha começa a piscar na recepção.

— O alarme vai disparar na empresa de segurança deles — Adam diz, a voz quase inaudível.

Joona usa a bengala para empurrar algumas lascas soltas de vidro do caixilho da janela, depois entra. Adam olha ao redor e o segue.

Há um mapa pendurado na parede, mostrando um sistema de grades com uma malha de corredores largos e estreitos.

Cada unidade de armazenamento é numerada e está organizada em blocos. Uma lista de códigos de barras para os boxes está meticulosamente afixada ao lado.

Joona se senta diante do computador. Os corredores entre os espaços de armazenamento são monitorados por câmeras de segurança. Vinte e cinco pequenos quadrados cobrem a tela. Todas as câmeras estão filmando escuridão sem janelas. É noite, e as luzes foram todas desligadas.

— Veja se você consegue encontrar uma lista de clientes — Adam diz.

Joona minimiza as câmeras de segurança e tenta abrir vários programas, mas não consegue chegar a lugar nenhum. Exceto pelas câmeras, tudo requer uma senha.

Ele rapidamente retorna para as câmeras, amplia o primeiro quadrado e fita a quietude cinza-escura. Depois a seguinte. A única coisa que a câmera capta é o breu. Adam anda arrastando os pés, nervoso, atrás dele. Ele examina o mapa na parede.

Tudo está quieto.

A terceira câmera está apontada para uma saída de emergência. Uma placa verde acima da porta lança um brilho como o de algas ao longo do piso de cimento salpicado e nas paredes de metal corrugado.

Há um pouco de lixo do lado de fora de um dos depósitos e a luz subaquática da saída de emergência ilumina um carrinho de transporte abandonado.

Joona dá mais uma olhada no mapa na parede e localiza a saída de emergência, depois descobre onde a câmera está instalada. Tudo ainda está quieto. Um cansaço entorpecedor o arrebatava como uma onda, forçando-o a fechar os olhos por alguns segundos.

A escuridão na tela do computador é monótona. Algumas câmeras registram a luz das fechaduras codificadas, mas nada mais.

— Que breu — Adam diz.

— Sim — Joona diz, ampliando o quadrado número 14.

Ele está prestes a fechá-lo quando vê um rápido movimento cintilante no canto inferior.

— Espere aí — ele diz.

Adam se inclina para a frente e observa a imagem escura. Não há nada à vista, tudo está imóvel, mas a pequena luz no canto pisca novamente.

— O que foi isso? — Adam sussurra, inclinando-se para mais perto da tela.

A minúscula luz bruxuleia novamente. É fraca, mas consegue iluminar uma pequena área do chão, revelando o desenho do cimento.

Joona clica para ampliar a imagem seguinte da câmera, depois a próxima, e espera um pouco, mas elas mostram apenas escuridão. Ele olha para o panorama geral, o mosaico com todas as vinte e cinco câmeras ao mesmo tempo. O número 14 pisca novamente, mas os outros permanecem inertes.

— A fonte da luz deveria estar aqui, ou aqui. — Joona aponta para o mapa. — Mas esse pedaço não é alcançado por nenhuma câmera, o que não faz sentido.

— Onde estamos? — Adam pergunta, olhando para o mapa.

— A câmera 14 deve estar na extremidade do corredor C — Joona diz.

Ele amplia as imagens uma por uma. Tudo está preto e parado, mas de repente ele se detém.

— Você viu alguma coisa? — Adam pergunta.

Ambos olham para a imagem preta estática.

— É isso que eu quero dizer — Joona responde. — Onde está a luz verde? Esta é a câmera apontando para a saída de emergência.

— Experimente aquela ali — Adam diz, apontando. — Essa deve pegar a luz da fechadura que leva à seção seguinte.

Joona aumenta rapidamente a imagem. Também escuridão total. Não dá para ver a porta nem a fechadura codificada.

Há algo errado com a câmera. Parece haver uma porção de câmeras defeituosas lá embaixo.

— Há uma enorme área faltando, abarcando várias câmeras — ele diz, olhando para Adam.

— Onde?

— Esta área toda, ao longo dos corredores C, D e E. Isso equivale talvez a uns cinquenta boxes.

Joona olha de novo para a imagem da câmera 14.

A luz fraca pisca no chão irregular e persiste por um momento. Ele consegue apenas vislumbrar a parte de baixo das portas de metal antes que a luz se apague e, em seguida, se acenda novamente.

— Essa luz é um sinal de emergência — Joona diz, levantando-se da cadeira. — Mais abaixo no corredor, onde as câmeras não estão funcionando, alguém está piscando uma luz. Três clarões rápidos seguidos por três mais longos, depois três curtos novamente. É o sinal internacional de SOS.

A porta automática da garagem se fecha com estrépito atrás deles. A dor no quadril por descer a rampa faz com que Joona comece a suar. Sua pesada pistola está balançando contra as costelas, e o som de sua bengala ecoa no estreito túnel que desce até a área de armazenamento.

— Deveríamos pedir reforço. — Adam saca sua Sig Sauer.

Ele tira o pente, verifica se está cheio, empurra-o de volta e encaixa a primeira bala na câmara.

— Não há tempo, mas posso entrar sozinho — Joona diz.

— Eu estava pensando em dizer para você esperar do lado de fora. Você não é mais um policial, e eu não posso me responsabilizar por você — Adam explica.

Eles entram em uma garagem subterrânea, com portas de metal que levam à área de armazenamento. Grandes dutos de ventilação percorrem o teto.

— Eu geralmente consigo me virar — Joona diz.

Ele puxa a pistola de grosso calibre. É uma Colt Combat, com alça de mira nova e controle de recuo aperfeiçoado. Ele limou um dos lados da empunhadura de paurosa para que a arma se encaixe com firmeza em sua mão esquerda.

Adam vai até o teclado da fechadura codificada e pega a lista de códigos de barra. A pequena tela projeta uma luz azul sobre a mão dele e ao longo da parede de concreto branco.

— Fique atrás de mim — sussurra; em seguida, abre a porta.

Eles entram, fechando com cuidado a porta de aço, e seguem por uma passagem escura. As monótonas paredes de metal cinza, cobertas pelas portas das unidades de armazenamento, se estendem escuridão adentro.

Eles estão se aproximando de um corredor mais amplo que, de acordo com o mapa, percorre toda a extensão do porão.

Eles se movem pelo chão de cimento. Os únicos sons são a respiração de Adam e a leve batida da bengala de Joona.

Adam, seguindo na frente, desacelera quando chega à junção com o corredor principal. Seu ombro direito roça a parede de metal. Ele se detém, depois faz a curva rapidamente, a pistola em punho.

Há um zumbido quando as luzes do teto surgem a dez metros de distância. Adam abaixa a arma e tenta respirar pelo nariz.

O cano de sua pistola se move levemente no ritmo de sua pulsação acelerada.

A luz repentina faz a enxaqueca de Joona irromper atrás do olho, e ele tem que se encostar na parede por um momento antes de seguir Adam.

As luzes nos corredores principais parecem ter sido ativadas por sensores de movimento.

Joona olha para uma das câmeras de segurança. A lente escura emite uma luz fraca.

Os canos que percorrem o teto estalam, mas o porão está em completo silêncio.

Eles chegam a uma passagem lateral e viram à esquerda, passam por fileiras de compartimentos lacrados e dois sofás puídos enquanto as luzes se apagam atrás deles.

— Devemos chegar à área dele em breve — Adam sussurra.

A luz indireta de uma fechadura eletrônica à frente faz com que os boxes pareçam se inchar, projetando-se corredor adentro.

Adam estaca e apura os ouvidos.

Há um som de tamborilar, um chacoalhar em algum lugar. Eles podem ouvir algo batendo contra metal.

Em seguida, tudo fica em silêncio novamente.

Eles esperam vários segundos antes de continuar a se mover na escuridão.

De repente, um som rascante, depois um ruído metálico ao longe. Joona aponta para uma câmera no teto: a lente foi coberta com fita isolante.

Adam para antes de chegar ao próximo corredor, limpa a palma da mão direita na calça, dá uma sacudidela na mão e novamente segura com firmeza a arma. Ele percebe que ainda resta um pouco do glitter dourado da mulher do quarto do hotel preso à manga de sua jaqueta e olha para Joona. Depois se concentra e dobra a esquina.

O teto produz cliques e estalidos ao longo do corredor enquanto as luzes se acendem em rápida sucessão.

As paredes, o chão e o teto são banhados em luz forte, mas, fora as luzes, não há nada além de escuridão. Embora o corredor se estenda por mais ou menos cinquenta metros, apenas os dez primeiros são visíveis.

— Pare — Joona diz atrás de Adam.

Ambos ficam completamente imóveis. Uma gota de suor escorre da ponta do nariz de Adam. Joona se apoia na bengala, sentindo-se estranhamente tonto.

O frágil som de batida recomeça em um ponto distante, um zumbido metálico de alta frequência.

As luzes do corredor principal se apagam porque os sensores não conseguem detectar nenhum movimento. Os dois homens estão imóveis, encarando a escuridão. À frente há um brilho fraco no chão, de uma das passagens laterais.

A luz desaparece e retorna na mesma sequência: três clarões mais longos, seguidos por três curtos.

O estranho som tamborilado ecoa novamente, seguido por algo que atingiu uma parede de metal. Está muito mais perto agora.

— O que a gente faz? — Adam sussurra.

Joona não tem tempo para responder antes que as luzes do teto no final do corredor principal se acendam.

Há uma moça parada no meio do corredor, seu corpo balançando. Ela não está vestindo nada além de uma calça de moletom suja e uma surrada jaqueta acolchoada. Está descalça e seu cabelo parece todo emaranhado.

Ela está amarrada pela cintura com um grosso cabo de aço que serpenteia para a passagem lateral ao lado dela. Toda vez que ela dá um passo à frente, o cabo faz um tinido metálico contra as paredes atrás dela.

Seu braço direito se move estranhamente, contraindo-se e, em seguida, afastando-se dela. Há uma faixa preta em volta de seu pulso, e parece que alguém está puxando a faixa.

Ela dá alguns passos na direção deles. Seu braço afunda, e depois surge uma imensa sombra atrás dela. Um cachorro enorme com uma orelha ensanguentada aparece ao seu lado. Uma guia preta pende, frouxa, da mão da moça e se estende atrás dela até o pescoço do cachorro.

O cachorro enorme é um dogue alemão. É tão alto que chega à altura do peito da jovem e deve pesar duas vezes mais do que ela.

O cachorro se remexe nervosamente, contorcendo a cabeça.

A mulher diz alguma coisa e depois joga a guia no chão. O cachorro dá um salto para a frente e rapidamente pega velocidade no corredor. O enorme animal está se aproximando de Joona e de Adam com movimentos poderosos e silenciosos. Seus músculos ondulam nas costas e nos quadris enquanto as luzes vão se acendendo, seção por seção.

Eles se afastam e levantam as armas no momento em que as luzes se apagam no final do corredor.

Já não é possível ver a mulher.

Os sons das garras do animal e sua respiração ofegante estão ficando mais altos.

Eles correm para uma passagem lateral, passando por cadeados que brilham à luz do corredor principal. Mas, a quinze metros de distância, o caminho é bloqueado por uma barricada de móveis e caixas de papelão.

Agora eles podem ouvir latidos de outra direção.

Uma pontada de dor aguda é deflagrada atrás do olho de Joona. É como se uma faca quente estivesse sendo empurrada para dentro de sua cabeça, e quando ela é puxada para fora novamente, durante alguns segundos ele não consegue enxergar.

A dor de sua enxaqueca quase o faz soltar a arma.

Virando a esquina, o cachorro desliza no chão de cimento, depois os vê e acelera de novo.

Joona ergue a pistola e pisca com força para enxergar direito, mas a mira sobre o cano está tremendo demais.

Está muito escuro, mas mesmo assim ele atira. O som do disparo ecoa nas paredes de metal e no concreto. A bala erra o alvo e ricocheteia entre as paredes.

O cachorro está se aproximando com saltos poderosos.

Joona pisca e consegue distinguir apenas uma série de imagens tremeluzentes: orelhas pontudas e músculos luzidios, ombros e coxas fortes. Sua bengala cai com estrépito no chão enquanto ele apoia o ombro na porta de metal corrugado e mira de novo.

— Joona! — Adam dá um berro.

A mira treme e passa do ponto ao tentar se fixar na cabeça da fera. Ele aperta o gatilho. A mira desliza para baixo na direção do torso escuro do cão, o tiro estrondeia e a bala bate no peito do cachorro, logo abaixo da garganta. O coice da pistola joga Joona cambaleando para trás. Ele tenta manter o equilíbrio e estende o braço, batendo o cano da arma na porta.

As pernas do cachorro se dobram. Seu corpo pesado dá uma batida seca no chão, a força cinética impelindo-o para a frente. Ele desliza pelo piso de cimento e atinge as pernas de Joona, que afunda sobre um joelho e solta um suspiro, sua visão ardendo.

As pernas do cachorro ainda estão se contorcendo em espasmos quando Joona se levanta e pega a bengala.

A certa distância, Adam está escalando a barricada de móveis antigos, tapetes enrolados e caixas. Ele se enrosca em uma bicicleta e desaba do outro lado, batendo a cabeça contra uma porta de metal.

Na frente de Joona há uma cama emborcada que foi empurrada contra uma parede. Ele faz força para impulsioná-la por cima do restante da barricada e se espreme através do espaço entre o obstáculo e a parede. Ele vê Adam se levantar no exato momento em que o segundo cão se lança sobre ele.

Adam grita de dor enquanto Joona abre caminho pelo vão entre a cama e a parede. Ele ouve algo feito de vidro se quebrar sob a pressão. As luzes do corredor principal se apagam, mas Joona ainda pode ver que o enorme cão cravou suas mandíbulas no braço de Adam. O animal dá puxadas bruscas, rosnando enquanto as unhas raspam no piso de cimento.

Adam está ofegando e tentando acertar o animal.

Joona não pode atirar no escuro, então tenta abrir caminho à força até eles. Um abajur com a cúpula quebrada se enrosca em suas roupas.

O cachorro não solta o braço de Adam. Eles colidem juntos contra a parede de metal, e sangue do braço de Adam escorre das mandíbulas travadas do cão.

O cachorro dá um repentino puxão para baixo, e quando Adam tropeça para a frente, o cão solta o braço e tenta abocanhar o pescoço. Erra a mordida e só pega parte do colarinho da jaqueta. A bocada rasga o tecido, e o cão tenta morder novamente. Adam se joga para trás e desfere um pontapé. O cachorro morde o pé dele e o puxa para mais perto.

Joona tropeça e desaba no chão, derrubando uma caixa de livros. Ele corre com a pistola levantada, mas o cão de repente solta Adam e desaparece.

— Cachorros grandes — Joona diz, apoiando-se na bengala.

Adam pega a pistola do chão e fica de pé.

Joona fecha os olhos cansados por um momento e não consegue refrear a sensação de que está prestes a se despedaçar.

Eles seguem em direção ao corredor principal seguinte. As luzes se acendem à frente e o som do clique está de volta.

— Lá — Adam diz.

Eles vislumbram alguém que desaparece em uma passagem lateral e ouvem o tinido do fio metálico batendo nas paredes.

— Você viu? Era a mesma mulher?

— Acho que não — Joona responde, notando o rosto pálido e suado de Adam.

— Como você está?

Adam não responde, apenas sacode o sangue que corre do dorso da mão para o chão. Seu braço está ferido, mas sua jaqueta de couro o protegeu de danos mais

graves.

Eles se mantêm no lado direito do corredor para poderem ver a passagem lateral à esquerda.

Há uma moça de pé no corredor, seu corpo oscila de um lado para o outro. Não é a mesma de antes. Sua calça jeans branca e camisa xadrez são muito mais sujas.

— Ele disse que você viria — a jovem murmura em uma voz quebradiça.

— Somos policiais — Adam diz.

Ela cambaleia e fuça um pequeno apito de cachorro preso a um cordão em volta do pescoço.

— Não faça isso — Adam diz quando vê o segundo cachorro grande se aproximar, agachando-se com as orelhas dobradas.

A moça andou chorando. Sua maquiagem escorreu pelo rosto e seu cabelo está solto em cachos desgrenhados.

Há sangue em sua blusa ao redor da cintura.

Ela gira o apito entre os dedos, depois o leva aos lábios.

Adam levanta a pistola, aponta e atira na testa do cachorro. O animal cai e o eco desaparece aos poucos.

Ela sorri para eles através dos lábios rachados, depois cambaleia para trás quando alguém puxa o fio metálico em volta de sua cintura.

— Nós vimos um sinal de sos — Adam diz.

— Eu sou inteligente, não sou? — ela diz, exausta.

Ela se move de volta pelo corredor, o arame ainda puxando-a para trás, batendo com estrondo contra as paredes e o chão.

— Quantas de vocês estão aqui embaixo? — Adam pergunta enquanto a seguem.

Eles passam por cima do cachorro e da poça de sangue escuro que se espalha pelo chão.

— Aonde você está indo?

Ela não responde, e eles continuam em frente até dobrar uma esquina. Mais adiante, ao longo do corredor sombrio, há uma luz fraca. Eles passam por um compartimento aberto e, na penumbra, podem ver um colchão no chão, caixas, alguns esquis velhos e pilhas de enlatados.

Alguém puxa com mais força o arame e a jovem segue tropeçando. Ela abre a porta ao lado e cambaleia boxe adentro.

A luz brilha, e a sombra da moça dança sobre as portas e paredes lisas.

Há um cheiro cada vez mais forte de lixo putrefato.

Joona e Adam seguem a jovem com suas pistolas apontadas para o chão. A luz vem de uma lanterna pendurada no teto, iluminando parte do grande

compartimento. Em meio a uma massa de engradados e porta-retratos há um homem macilento vestindo um casaco de pele de vison desabotoado.

É Filip Cronstedt.

Joona e Adam levantam suas armas.

Ele está imundo e tem espuma branca nos cantos da boca. Seu peito nu está coberto de sangue de uma colcha de retalhos.

A mulher com a surrada jaqueta acolchoada está sentada em uma caixa na frente dele, comendo com os próprios dedos cogumelos de um pote.

Filip ainda não os viu. Ele está cuidadosamente enrolando o arame retrátil em torno de um imenso eixo. Então ele coça o pescoço e puxa a mulher da camisa quadriculada para perto sem nem sequer levantar os olhos.

— Filip — ela sussurra.

— Eu preciso de você em guarda, Sophia. Não quero ter que encarcerar você, mas eu já te disse antes, você só pode acender a luz quando a porta estiver fechada.

— Filip Cronstedt? — Adam diz em voz alta.

Filip ergue o rosto e fita Adam com olhos cansados e pupilas dilatadas.

— Eu sou o chapeleiro — ele diz em voz baixa.

O suor escorre pelas costas de Joona e ele não consegue mais segurar a pistola.

A lanterna pendurada no teto balança em uma rajada de ar, fazendo com que as sombras deslizem pelas paredes. Sua luz reflete um imenso espelho.

Joona se move para o lado, pisca e vê pelo espelho que há uma faca exposta na caixa na frente de Filip.

— Precisamos falar com você — Adam diz, avançando com cautela.

— Em quantos vídeos você aparece todos os dias? — pergunta Filip, olhando para o chão. — Para onde tudo isso vai? A que decisões isso leva?

— Podemos conversar sobre isso se você deixar as garotas irem embora.

— Eu não dou a mínima para Snowden e nervos ópticos — ele diz lentamente, apontando para o teto.

— Apenas solte as garotas e...

— Isto aqui não é um programa de vigilância tipo Prism ou XKeyscore ou Echelon — Filip o interrompe em voz ainda mais alta. — É muito maior do que isso.

Joona coloca a pistola de volta no coldre e caminha devagar em direção à mulher cujo nome é evidentemente Sophia. Suas últimas forças estão se esvaindo, da mesma forma como a água gelada torna tudo vagaroso.

A mão de Filip está se aproximando da faca saliente na caixa.

Sophia cambaleia, e o arame sacode suavemente.

— Saturno devorou seus filhos — Filip continua, depois dá uma risadinha. — Quero dizer, a ANS, a Agência Nacional de Segurança, é muito maior. E nós somos os filhos dela.

Joona consegue vê-lo pondo a mão na faca, antes de sua visão arder novamente, obrigando-o a apoiar a mão na parede para não cair.

Pequenos pontos flutuam diante dos olhos de Joona enquanto ele solta o cabo grosso ao redor da cintura de Sophia. Ele tem que descansar a testa contra o ombro dela por algum tempo antes de continuar, e pode ouvir sua respiração entrecortada.

Sem mostrar nenhum sinal externo de ansiedade, ele desenrola o cabo cerca de vinte voltas até que ela esteja livre.

— Há mais de vocês aqui embaixo? — Joona pergunta em voz baixa enquanto a conduz para fora do compartimento.

— Só eu e minha irmã.

— Nós vamos tirar vocês daqui. Qual o nome da sua irmã?

— Carola.

O fio de metal desemaranhado cai no chão de cimento com um som rascante.

Filip puxa a faca, fazendo a lateral da caixa se avolumar antes de perder o controle.

— Estamos aqui agora, mas quem acaba em Guantánamo? Vocês não sabem, não é? — ele diz, sem olhar para os outros.

— Carola — Joona diz em um tom normal de voz —, você poderia vir aqui, por favor?

A irmã de Sophia coloca a tampa de volta no pote de cogumelos e balança a cabeça sem erguer os olhos.

— Carola, venha aqui — Sophia diz.

Ela fica lá sentada cutucando o pote, enquanto Filip olha para ela e coça o pescoço.

— Venha — Joona sente a fricção de sua arma contra o peito.

— Eugene está com eles, sabe, o Quartel-General de Comunicações do Governo britânico... QGCG... ANS . Mesma coisa. Estão me enganando faz anos. Todo mundo está nu, todo mundo está se divertindo... mas como você pode se proteger se estiver completamente nu, se todos puderem te filmar por trás, porra?

A lanterna gira ao redor, e sombras escuras roçam os rostos e ombros de todos.

— A Sophia quer que você venha até aqui — Joona diz.

Carola levanta os olhos e sorri para a irmã. Sophia limpa as lágrimas das bochechas e estende a mão.

— Podemos ir para casa agora? — Carola sussurra, e por fim se levanta.

Ela está prestes a começar a andar quando Filip a agarra pelo cabelo e a puxa para trás, arranca a faca da caixa e a encosta em sua garganta.

— Espere aí, espere aí, calma agora — Adam diz. — Olha, eu estou colocando minha arma no chão.

— Vá para o inferno! — Filip berra, e golpeia a faca contra a própria testa antes de colocá-la contra a garganta de Carola novamente.

— Faça alguma coisa! — Sophia choraminga.

O sangue do corte na testa de Filip escorre por uma sobrancelha e respinga bochecha abaixo.

— Eu sei que você está apenas tentando protegê-la — Joona diz calmamente.

— Sim, mas você...

— Escute — Adam o interrompe, a respiração acelerada. — Você precisa colocar a faca no chão.

Sophia está chorando com a mão sobre a boca.

Filip sorri para Adam.

— Eu sei de onde você é — ele diz, e aperta a faca com mais força contra o pescoço de Carola.

— Abaixе a faca agora — Adam grita, movendo-se para o lado de modo a obter uma linha de fogo clara.

Filip observa Adam e lambe os lábios nervosamente. A sala está na penumbra, mas dá para ver com nitidez o sangue escorrendo pela lâmina.

— Filip, você a está machucando — Joona diz, tentando dominar a tontura. — Você não precisa fazer isso. Não somos uma ameaça para você.

— Cala a boca!

— Estamos aqui para...

— Cala a boca!

— Estamos aqui para perguntar sobre Maria Carlsson — Joona completa a frase.

— Maria? Minha Maria? — ele diz em voz baixa. — Por quê...?

Joona meneia a cabeça, pensando que poderia atirar no ombro de Filip e desarmá-lo, e depois finalmente deitar-se no chão. Ele esperou demais. Mal consegue enxergar qualquer coisa agora, em meio à intensa dor que sente atrás dos olhos.

— Olhe, eu estou tirando minha arma e dando para você.

Com cuidado, Joona saca sua Colt.

Filip o encara com olhos injetados.

— A Maria disse que a ANS começou a espreitar o jardim da casa dela — ele explica. — Eu fui até lá e vi com meus próprios olhos. Um homem muito magro com uma capa de chuva amarela de oleado, como os pescadores de Lofoten de quando eu era criança. Ele estava filmando pela janela e...

Joona limpa um pouco de sangue do nariz e depois sua cabeça explode e suas pernas cedem.

Sophia grita quando ele se curva bruscamente ao lado dela, desaba de costas e fica lá deitado com as pálpebras trêmulas.

Ela vai até ele e se ajoelha. Uma sensação efervescente e pulsante atrás de um dos olhos faz Joona prender a respiração. Antes de tudo ficar completamente escuro, ele a sente puxar a pistola de sua mão.

Sophia se levanta, endireita as costas, ofega algumas vezes e depois aponta a pistola para Filip.

— Solte a minha irmã! — ela vocifera. — Apenas solte!

— Ponha a arma no chão — Adam diz, trêmulo, e se posiciona entre os dois. — Eu sou policial. Você precisa confiar em mim.

— Saia do caminho! — ela grita. — O Filip não vai deixar a minha irmã ir embora!

— Não faça nada estúpido — Adam diz, estendendo a mão.

— Não toque em mim, eu vou atirar!

Ela está segurando a pistola com ambas as mãos, mas o cano ainda está tremendo.

— Me dê a arma e...

Há uma explosão ensurdecadora quando a pistola dispara. A bala atinge de raspão o torso de Adam e bate em Filip na parte de cima do braço.

A faca cai no chão, e Filip olha para Sophia com espanto enquanto o sangue escorre por entre os dedos.

— Saia do caminho! — ela grita de novo.

Adam cambaleia para o lado e sente o sangue quente pulsando sob as roupas. Sophia atira novamente e acerta Filip no peito. O sangue salpica as caixas atrás dele e o vidro do espelho. O cartucho vazio cai no chão com um som tilintante.

Carola, ainda de pé com a cabeça inclinada, leva lentamente a mão ao pescoço. Sophia abaixa a arma e crava os olhos em Filip, que cai no chão, recostando-se em uma caixa.

Com indiferença, ele toca o ferimento no peito à medida que o sangue verte, e seus olhos se reviram, desvairados, enquanto ele tenta dizer alguma coisa.

A caminho da aula de piano, Erik para no supermercado ICA ao lado da arena multiesportiva Globe. Ele sabe que Madeleine adora pipoca, então está pensando em comprar alguns saquinhos de milho. Caminhando no estabelecimento, ele avista um antigo paciente, Nestor, na seção de laticínios. O homem alto e magro está vestindo calça cáqui bem passada e um suéter cinza por cima de uma camisa branca. Parece o mesmo de sempre, o rosto fino e barbeado e a cabeça pequena com o cabelo branco repartido de lado.

Nestor o vê e sorri, surpreso, mas Erik apenas acena de longe e continua fazendo compras.

Ele pega os saquinhos de milho e está a caminho do caixa quando nota uma máquina de fazer pipoca em oferta especial. Sabe que tem tendência a exagerar, mas a pipoqueira não pesa muito e não é exatamente cara.

Quando entra no estacionamento com os saquinhos de milho e a máquina de pipoca, vê Nestor de novo. O homem alto aguarda na faixa de pedestres do cruzamento, a caminho do metrô. Com os braços nas laterais do corpo, carrega seis sacolas cheias de compras. São tão pesadas que ele consegue andar apenas alguns metros de cada vez.

Erik abre o porta-malas do carro e coloca a caixa dentro. Ele tem certeza de que Nestor não o viu. O homem tímido resmunga para si mesmo e pega as sacolas, arrasta-se alguns metros, depois as coloca no chão de novo.

Nestor está parado, soprando as mãos magras quando Erik vai falar com ele.

— Isso aí parece pesado — ele diz.

— Erik? Não, está tu-tudo bem. — Nestor sorri.

— Onde você mora? Eu te dou uma carona.

— Eu não quero ser um incômodo — ele sussurra.

— Incômodo nenhum. — Erik pega quatro sacolas.

Assim que entra no carro, Nestor repete que poderia ter dado conta. Erik responde que sabe disso e sai devagar com o carro da vaga do estacionamento.

— Obrigado pelo café, mas você não deveria comprar coisas para mim — Erik diz.

— Você salvou a mi-minha vida — Nestor responde.

Erik se lembra de como o surto psicótico de Nestor aconteceu quando o cachorro dele teve que ser sacrificado, três anos antes.

Na época em que Nestor foi encaminhado para ele como paciente, Erik leu as anotações do prontuário do hospital em que Nestor havia sido internado. Ele costumava conversar com pessoas mortas: uma senhora grisalha que escovava o cabelo para arrancar a caspa e um velhinho malvado que torcia os braços em diferentes direções.

Durante as conversas com ele, Erik descobriu que Nestor estava obcecado com a morte de seu cão. Ele falava muito sobre como a seringa tinha ficado presa na pata dianteira direita do cachorro e de como o fluido tinha sido injetado. O cachorro estremeceu e a urina se espalhou pelo banco à medida que seus músculos relaxavam. Ele sentiu que tinha sido enganado pelo veterinário e pela esposa do veterinário.

Nestor respondeu bem ao tratamento, mas quando tentou reduzir sua dose diária de Risperdal, começou a ouvir vozes estranhas de novo.

Erik nunca teve certeza se realmente tinha conseguido hipnotizar Nestor — talvez ele pertencesse ao pequeno grupo que não era receptivo —, mas durante aquelas sossegadas sessões à meia-luz na sala de tratamento, eles pelo menos começaram a entender certas coisas.

Nestor crescera com a mãe, o irmão mais novo e um labrador preto. Quando tinha sete anos, seu irmão de cinco anos ficou gravemente doente com uma infecção no pulmão, o que exacerbou sua asma já preocupante. A mãe dos meninos disse a Nestor que seu irmão morreria, a menos que o cachorro fosse sacrificado. Nestor levou o cachorro para o lago Söderbysjön e o afogou dentro de uma mochila de equipamento de hóquei cheia de pedras.

Mas o irmão dele morreu mesmo assim.

Na mente de Nestor, os dois eventos tornaram-se interligados. Ele sempre sofreu com a convicção de que tinha afogado seu irmão em uma mochila, e não tinha lembrança alguma do cachorro.

Nas sessões, os dois trabalharam a raiva de Nestor por conta da danosa manipulação de sua mãe, e depois de um mês ele finalmente deixou de lado a ideia de sua própria culpa e a noção de que sua mãe, mesmo do além-túmulo, às vezes era capaz de controlar as ações dele.

Agora Nestor leva uma vida normal de novo. Não precisa tomar nenhum remédio e sente uma incrível gratidão para com Erik.

Eles passam pela Igreja de São Marcos em Björkhagen e param em frente ao número 53 da rua Axvalls.

Nestor desafivela o cinto de segurança e Erik o ajuda a carregar as sacolas até a porta do seu apartamento no térreo.

— Obrigado por tudo — o ex-paciente diz com voz trêmula. — Eu tenho sorvete e tempo para...

— Eu preciso ir — Erik diz.

— Mas eu tenho que te dar a-algo — Nestor diz, abrindo a porta.

— Nestor, tenho compromisso com hora marcada.

— Andam por entre os mortos sem r-ruído. Andam em meio aos mortos e seus murmúrios ressoam nos ouvidos.

— Eu não tenho tempo para enigmas agora — Erik diz, saindo pela porta do prédio.

— Folhas! — Nestor diz em voz alta.

Jackie e Madeleine estão sentadas juntas no sofá comendo pipoca enquanto Erik tenta tocar seu estudo.

Toda vez que ele comete um erro, Madeleine diz que está muito bom. Ela está cansada e seus bocejos estão ficando cada vez maiores.

Jackie tenta explicar o significado de colcheias e semibreves e o padrão rítmico. Ela se levanta e coloca a mão direita em cima da dele.

Ela pede que ele comece do vigésimo segundo compasso com a mão esquerda, e em seguida para de falar abruptamente, volta até a filha e ouve a respiração dela.

— Você poderia levá-la para a cama? — Jackie pergunta. — Meu cotovelo não está muito bem hoje.

Erik se levanta do piano e pega a criança. Jackie anda à frente deles, abre a porta do quarto da menina, apaga a luz e puxa as cobertas para Erik.

Erik coloca Madeleine na cama e afasta o cabelo do rosto dela.

Jackie ajeita e cobre a filha e beija sua bochecha, sussurra algo em seu ouvido e acende a pequena luz noturna cor-de-rosa sobre a mesinha de cabeceira.

Só agora Erik vê que as paredes do quarto da criança estão forradas de palavrões e obscenidades.

Algumas palavras estão escritas em rabiscos infantis em giz, com grafia incorreta, ao passo que em outras a caligrafia é mais confiante. Erik supõe que Madeleine vem fazendo isso há vários anos. A mãe dela é a única pessoa incapaz de ver.

— O que foi? — Jackie diz, percebendo seu silêncio.

— Nada. — Ele fecha a porta suavemente.

Enquanto caminham pelo corredor, Erik se pergunta se deveria contar a Jackie sobre o que viu ou simplesmente deixar pra lá.

— Devo ir embora? — Erik pergunta.

— Eu não sei.

Ela estende as mãos e sente o rosto dele, acariciando suas bochechas e queixo.

— Vou pegar um pouco de água — ela diz com voz rouca, depois vai até a cozinha e abre um armário.

Ele fica perto dela, enchendo o copo e passando-o para as mãos dela. Ela bebe e então ele beija sua boca fria antes que ela tenha tempo de limpar o queixo.

Eles se abraçam, ela fica na ponta dos pés, e eles se beijam profundamente, as testas batendo.

As mãos de Erik deslizam pelas costas e os quadris de Jackie. O tecido da saia dela farfalha como papel fino.

Ela se afasta um pouco, vira o rosto e coloca uma das mãos no peito dele.

— Nós não temos que fazer isso — ele diz.

Ela balança a cabeça e coloca a mão na nuca de Erik novamente, puxa-o para si, beija seu pescoço e se atrapalha com os botões de sua calça, depois se detém.

— As cortinas estão fechadas? — Jackie sussurra.

— Sim.

Ela vai até a porta e apura os ouvidos, atenta a qualquer som no corredor, depois a fecha com cuidado.

— Talvez não devêssemos fazer isso aqui. Não agora.

— Tudo bem — ele diz.

Ela para de costas para o corredor de pratos, uma das mãos sobre o balcão, a boca entreaberta.

— Você pode me ver? — ela pergunta, tirando os óculos escuros.

— Sim — Erik responde.

As roupas dela estão desalinhadas, a blusa pendurada para fora da saia, e seu cabelo curto está todo bagunçado.

— Desculpe, estou sendo difícil.

— Não há pressa — Erik murmura, e caminha até ela, agarra seus ombros e a beija novamente.

— Vamos tirar nossas roupas. Vamos? — ela sussurra.

Eles se despem na cozinha, e Jackie começa lentamente a descrever uma reportagem que ouviu no rádio sobre a perseguição a cristãos no Iraque.

— Agora a França está oferecendo asilo para todos eles. — Ela sorri.

Ele desabotoa a calça e olha para Jackie, que está tirando as roupas e colocando peça após peça dobrada na cadeira; ela abre o sutiã.

Completamente nu, Erik vai para o lado dela, pensando que se sente estranhamente à vontade. Ele nem sequer tenta murchar a barriga.

Os dentes de Jackie brilham na luz fraca enquanto ela vai abaixando a calcinha e por fim sacode as pernas para tirá-la de vez.

— Eu não sou uma pessoa tímida — Jackie diz.

Ela tem mamilos marrom-claros, e na escuridão seu corpo parece luminoso. Um rendilhado marmóreo de veias é levemente visível sob sua pele clara. Seus pelos pubianos escuros dão à parte interna de suas coxas um aspecto frágil.

Erik segura a mão estendida dela e a beija. Jackie recua até a cadeira e se senta. Ele se inclina para a frente, beija de novo os lábios dela, depois se ajoelha e beija seus seios e barriga. Ele a puxa cuidadosamente para a borda da cadeira e separa as pernas dela. As roupas dobradas caem no chão.

Jackie já está molhada, e para Erik ela tem gosto de açúcar quente. Suas coxas tremem contra as bochechas dele e sua respiração fica mais pesada.

O saleiro cai rolando sobre a mesa e traça um semicírculo.

Ela segura a cabeça dele entre as pernas, ofegando mais rápido, a cadeira desliza para trás, e, com um sorriso, ela escorrega suavemente para o chão.

— Eu não tenho certeza se sou muito boa em relacionamentos — ela diz, pousando a nuca desconfortavelmente contra o assento da cadeira.

— Eu sou apenas um aluno — ele sussurra.

Ela fica de bruços e começa a rastejar por baixo da mesa. Ele a segue e agarra sua bunda no exato instante em que ela se vira de costas para o chão.

Ela puxa Erik delicadamente para si, entre suas coxas, ouve quando ele bate a cabeça na mesa e sente o calor de sua pele nua contra a dela.

Jackie agarra com firmeza as costas dele e respira fundo enquanto ele a penetra lentamente, e depois faz uma pausa.

— Não pare — ela sussurra.

O coração dela está martelando no peito, e a torrente de pensamentos dentro dela finalmente fica em silêncio. Ela remexe os quadris, pressiona o corpo em direção ao dele e sente o calor sedoso da virilha de Erik.

O chão duro desaparece atrás dela, suas coxas tremem e se estendem, e Erik se move mais rápido. Ela tensiona as nádegas e dedos dos pés e geme no ombro dele quando o orgasmo pulsa através de seu corpo.

Erik acorda na escuridão ao som de uma suave música de piano. A melodia parece estranhamente abafada, como um piano enterrado sob o solo. No começo, ele pensa que está sonhando. Estende a mão, mas não consegue sentir Jackie. O luar filtra o tecido das cortinas, lançando compridas e estranhas sombras pelo quarto. Com um arrepio, ele se arrasta para fora da cama e vai para a sala de estar. Jackie está sentada, nua, na banquetta do piano. Ela colocou um cobertor fino sobre o instrumento para abafar o som.

Em meio à penumbra, ele vê o corpo de Jackie balançando suavemente. Na escuridão, suas mãos elegantes parecem flutuar na água. Seus pés descalços se movem sobre os pedais de latão. Ela está sentada na borda da banquetta, e ele pode ver sua cintura fina e o sulco sombreado no centro das costas eretas.

— *Nam et si ambulavero in medio umbrae mortis* — ela murmura para si mesma.

Erik acha que ela sabe que ele está ali, mas ainda assim ela toca até o final da peça antes de se virar para ele.

— Os vizinhos reclamaram — ela diz. — Mas preciso aprender uma peça bastante difícil para um casamento amanhã.

— Achei maravilhoso.

— Volte para a cama — ela sussurra.

Ele volta para a cama e está prestes a pegar no sono quando se vê pensando em Björn Kern. A polícia ainda não sabe que a mulher morta estava sentada com a mão no ouvido. O pensamento faz Erik despertar de repente quando ele se dá conta de que pode estar atrapalhando a investigação policial.

Depois de uma hora, a música silencia, e Jackie volta para o quarto. Já está claro lá fora quando ele adormece novamente.

De manhã, a cama está vazia. Erik vai ao banheiro, toma uma chuveirada e se veste. Quando sai, pode ouvir Jackie e Madeleine na cozinha.

Ele entra e pega uma xícara de café. Madeleine está comendo cereal com leite e framboesas frescas.

Jackie explica que precisa estar dali a pouco na Igreja Adolf Fredrik para ensaiar a apresentação da cerimônia de casamento.

Assim que ela sai da cozinha para se trocar, Madeleine pousa a colher e se vira para Erik.

— A mamãe disse que você me levou para a cama.

— Ela me pediu para ajudá-la.

— Estava escuro no meu quarto? — ela pergunta, olhando para ele com os olhos insondáveis.

— Eu não disse nada para a sua mãe. Seria melhor se viesse de você.

A menina balança a cabeça, e lágrimas escorrem por seu rosto.

— Não é tão ruim quanto você pensa — Erik diz, com toda delicadeza.

— A mamãe vai ficar triste de verdade. — Ela chora.

— Vai ficar tudo bem. Mas você tem que conversar com sua mãe se tiver alguma coisa lhe afligindo.

— Eu não sei por que fiz isso. Eu não sei por que tenho que estragar tudo.

— Você não estraga nada.

— Sim, eu estrago, e não consigo parar com isso — ela diz, enxugando as bochechas.

— Eu fiz coisas muito piores quando tinha a sua idade.

— Não — ela funga.

— Maddy, escute agora — ele diz. — Nós podemos... por que você e eu não pintamos as paredes do seu quarto?

— Você saber fazer isso?

— Sim.

Ela olha para ele e faz que sim com a cabeça várias vezes, o queixo trêmulo.

— De que cor você gostaria?

— Azul... azul, como a camisola da mamãe. — Ela sorri.

— Isso é azul-claro?

— Do que vocês estão falando? — Jackie pergunta.

Ela está parada no vão da porta, já vestida com sua saia e jaqueta preta, uma blusa rosa-clara, óculos de sol redondos e batom cor-de-rosa.

— A Maddy acha que é hora de pintar o quarto dela, e eu disse que ficaria feliz em ajudar.

— Certo — Jackie diz, com uma expressão um pouco confusa.

Margot vê Adam esperando por ela na garagem subterrânea da sede da polícia. A camiseta está esticada por causa do curativo em volta do peito. Ela caminha em direção a ele, mas tem que parar quando o bebê chuta.

Outro colega se aproxima da direção oposta, e ela o ouve dizer algo elogioso para Adam antes de seguir adiante rumo aos elevadores.

Adam está com a barba por fazer e seu rosto parece cansado e fragilizado sob a luz forte.

Atrás dele, Margot pode ver pessoas catalogando a vasta quantidade de material. As mesas de cavalete revestidas de plástico estão cobertas com objetos apreendidos do boxe de armazenamento de Filip Cronstedt, alinhados e numerados, prontos para análise. Na primeira mesa, há uma armação de cama dourada, uma caixa de madeira contendo linho dobrado engomado, livros surrados e três pares de tênis.

— Como você está se sentindo? — Margot quer saber.

— Não é nada — ele responde, colocando a mão nas costelas. — Mas a minha cabeça está girando. Eu continuo revivendo a coisa. Eu estaria morto se ela tivesse inclinado a arma um pouquinho mais, três milímetros para a esquerda.

— Você nunca deveria ter ido lá sem reforço.

— Eu tomei a decisão de entrar, mas não acho que realmente avaliei o estado em que Joona estava. Ele desabou no chão e deixou cair a arma.

— Ele não deveria estar lá.

— Foi uma cagada. — Ele balança a cabeça. — Vai haver uma sindicância interna, obviamente, já que fui baleado.

Margot olha para um dos itens retirados de um armário do armazenamento — um desbotado pôster escolar da anatomia feminina. Os olhos foram pintados com giz azul.

— Mas, sem Joona, jamais teríamos pegado Filip — ela diz.

— Eu peguei Filip. Joona estava deitado no chão.

O intenso clarão das luzes fluorescentes e das lâmpadas de aumento reflete o plástico entre os objetos sobre as mesas. Margot se detém ao lado de três câmeras de vídeo com lentes trituradas.

— Alguém está tentando combinar as câmeras de Filip com os vídeos das vítimas? — ela pergunta.

— Suponho que sim.

— Mas vocês não encontraram o piercing nem o restante do cervo?

— Dá um tempo. — Adam sorri. — Este é apenas o material do boxe de armazenamento. Não há pressa. O importante é que acabou. Nós o pegamos.

Eles passam por uma pilha de soldadinhos de chumbo pintados à mão, e Margot não pode deixar de pensar que o restante do cervo de porcelana e o piercing de Saturno deveriam estar ali.

— Quanta certeza nós temos de que é ele? — ela pergunta.

— Filip está na sala de cirurgia no Karolinska, mas assim que ele puder falar, vamos obter uma confissão.

— Você mandou alguém ficar de guarda lá? — ela pergunta.

— Ele foi baleado no peito, e um pulmão está arruinado, então acho que não é necessário.

— Em todo caso, faça isso, por via das dúvidas.

Em uma pequena pasta de plástico há cerca de vinte polaroides de jovens mulheres com os seios à mostra.

— Se vai acalmá-la, faço isso assim que eu subir — Adam responde.

— Falei com Joona no hospital. Ele parece pensar que não foi Filip quem cometeu os assassinatos e...

— Que porra é essa? — Adam a interrompe com um sorriso irritado. — Eu deixei Joona ir comigo porque senti pena dele. Foi um erro que não pretendo repetir. Nós não podemos deixá-lo brincar de ser detetive.

— Eu concordo — ela diz rapidamente.

— Ele fez merda e estragou tudo, e não vai chegar nem perto desta investigação de novo.

— Eu só estou tentando dizer que parece fácil demais. — Margot anda entre as mesas.

— Filip estava a ponto de confessar quando foi baleado. Ele disse que estava espreitando as janelas de Maria Carlsson. — Adam se vira para ela com um sorriso. — Ele não tem álibi para as noites dos assassinatos. É extremamente violento, paranoico e completamente obcecado por câmeras e vigilância...

— Eu sei, mas...

— Ele se trancou lá dentro com duas mulheres. Você deveria estar lá para ver, ele as amarrou com um fio de aço.

Embora Adam esteja exausto e com os olhos encovados, há uma chama oculta em seu olhar, e suas bochechas estão coradas.

Ele para e recobra o fôlego, apoiando os nós dos dedos sobre a mesa mais próxima, os olhos fechados.

Os acontecimentos da noite anterior voltam como um pesado pêndulo. Ele pensa no zumbido em seus ouvidos após o último tiro, e o sangue escorrendo por seu flanco e sob o cós de sua calça jeans, antes de conseguir desarmar Sophia.

Adam pensa no enorme cachorro que tentou despedaçá-lo e na orgia no Hotel Birger Jarl, o sexo desprotegido que ele fez com uma mulher desconhecida.

Lágrimas brotam em seus olhos enquanto ele pensa sobre como é precário seu autocontrole, em como ele se conhece pouco.

De repente ele sente um intenso desejo de ir para casa e ficar com sua esposa, enrodilhar-se em sua cama quente atrás de Katryna, sentir o cheiro do creme para as mãos que ela usa, e ver suas meias feias e as verrugas em suas costas, que se parecem com a Ursa Maior.

Margot passa por um antiquado gramofone e para na frente de algumas joias sobre um pedaço de papelão. Pega uma caneta e fuça os anéis de prata enegrecidos, broches, correntes e crucifixos quebrados. Com a caneta ela levanta um talismã em formato de coração, e nesse instante seu celular toca.

Margot deixa o coração cair de volta sobre o papelão e atende.

Alguma coisa na voz dela faz Adam se virar.

Para sempre Margot se lembrará desse momento, de como eles estavam sob a luz brilhante entre os pertences de Filip e como, por alguns segundos, seus batimentos cardíacos abafaram absolutamente todo o resto.

— O que foi? — Adam pergunta.

Margot olha fixamente para ele. Ela não consegue falar, sua garganta está tão seca e ela percebe que sua mandíbula está tremendo.

— Um vídeo — Margot responde com um sibilo. — Recebemos outro vídeo.

À frente de Margot, Adam anda às pressas ao longo do corredor. Filip Cronstedt foi sedado no início daquela manhã, quando foi levado para a sala de emergência, e desde então vem sendo mantido assim.

O verdadeiro assassino ainda está à solta.

Margot segue Adam até a sala deles e através das pequenas janelas vê as copas das árvores do Parque Kronoberg sob a pálida luz do sol.

— Nós temos uma cópia?

— Parece que sim — ele responde.

Sem fôlego, Margot afunda em uma cadeira ao lado do computador enquanto Adam localiza o arquivo de vídeo. Ela sente uma dor latejante na base da espinha e se inclina para trás, sua camisa subindo por sobre a barriga protuberante.

— O vídeo está on-line há dois minutos — ele sussurra.

A câmera se move rapidamente por entre as bordas externas de um azereiro. As folhas da árvore obscurecem a visão por um momento, então uma janela do quarto surge na tela, com condensação ao longo da parte inferior.

O jardim está às escuras, mas o céu branco bruxuleia no peitoril da janela.

A câmera se move para trás quando uma mulher vestindo calcinha e sutiã entra no quarto. Ela pendura no espaldar de uma cadeira uma toalha branca manchada com velhos borrões de tintura de cabelo, depois se detém e apoia uma das mãos na parede.

— Resta um minuto — Adam diz.

O quarto se enche com a luz suave de uma lâmpada no teto. Eles conseguem distinguir impressões digitais no espelho e um pôster emoldurado ligeiramente inclinado da exposição de Picasso no Moderna Museet.

A câmera se desloca para o lado, e ambos podem ver um cervo de porcelana marrom-avermelhado sobre a mesinha de cabeceira.

— O cervo — Margot diz, inclinando-se para a tela enquanto sua trança cai por cima do ombro.

A cabeça do cervo que Susanna Kern estava segurando na mão deve ter vindo de um ornamento exatamente igual àquele.

A mulher no quarto está com uma das mãos sobre a boca e caminha lentamente até a mesinha de cabeceira. Ela abre a gaveta e tira algo de dentro. Seu rosto fica mais visível perto do brilho do abajur do criado-mudo. Ela tem sobrancelhas claras e nariz reto, mas os olhos estão escondidos atrás do reflexo nos óculos de armação escura e a boca está relaxada. Seu sutiã é vermelho e surrado, e sua calcinha é branca, com algum tipo de absorvente íntimo. Ela esfrega algo em uma das coxas e, em seguida, pega um pequeno bastão branco e o pressiona contra o músculo.

— O que ela está fazendo? — Adam pergunta.

— Isso é uma injeção de insulina.

A mulher segura um cotonete contra a coxa e fecha os olhos por um momento, depois os abre. Ela se inclina para colocar a seringa de volta na gaveta e derruba o pequeno cervo. A cabeça da estatueta se solta e cai no chão, fazendo voar para cima pequenos fragmentos sob a penetrante luminosidade.

— Que diabos é isso? — Adam murmura.

Com a aparência exausta, a mulher se inclina e pega a cabeça de porcelana. Ela a coloca sobre a mesinha de cabeceira, depois dá a volta na cama na direção da janela embaçada. Algo a faz parar e espiar, perscrutando a escuridão além.

A câmera se afasta lentamente e algumas folhas roçam a lente.

A mulher parece preocupada. Ela abaixa as persianas, mas as placas da cortina ficam tortas. Ela puxa o cordão e deixa que caiam de novo, depois desiste. Através das persianas danificadas, ela pode ser vista virando-se para o quarto e coçando a nádega direita antes que o vídeo termine abruptamente.

— Tá legal, sei que estou um pouco cansado — Adam diz com voz hesitante e se levanta. — Mas isso é loucura, não é?

— É total e foddidamente insano. — Margot esfrega o rosto.

— Então, o que fazemos? Assistimos ao vídeo de novo?

O telefone de Margot toca em cima da escrivaninha. Ela vê que é alguém da equipe forense.

— O que temos? — Margot diz ao atender.

— Mesma coisa. Impossível rastrear o vídeo ou o link.

— Então, estamos esperando alguém encontrar o corpo — Margot diz, e encerra a ligação.

— Ela tem talvez um metro e setenta, pesa menos de sessenta quilos — Adam diz. — O cabelo dela é provavelmente loiro-escuro quando está seco.

— Ela tem diabetes tipo 1, foi ver a exposição de Picasso no outono passado, é solteira e com frequência tinge o cabelo — acrescenta Margot em tom monótono.

— Persianas quebradas — Adam diz. — Não há muito mais que isso.

Depois de alguns minutos, ele imprime uma fotografia colorida em tamanho grande que ilumina o rosto da mulher.

Ele vai até a parede e afixa a foto o mais alto que consegue.
— Vítima número três — ele diz, num fiapo de voz.

Sandra Lundgren sai do quarto, e um calafrio percorre sua espinha, como se alguém a estivesse observando.

Ela aperta o cinto do robe, que é tão comprido que chega ao chão. Sua medicação a deixa sonolenta durante a maior parte do dia. Ela vai até a cozinha, abre a geladeira, pega o resto do bolo de chocolate e coloca sobre o balcão.

Ajeita os óculos e o robe se abre novamente, deixando à mostra sua barriga e a calcinha caída. Ela se arrepia, puxa do suporte para facas uma de lâmina larga, corta uma fatia pequena de bolo e a coloca na boca sem se dar ao trabalho de pegar uma colher ou prato.

Ela começou a usar o robe listrado de Stefan, embora isso a faça se sentir triste. Mas ela gosta do jeito como ele pesa sobre seus seios, os ombros caídos, os fios pendurados nas mangas.

Ao lado do castiçal sobre a mesa dobrável está a carta da Universidade de Södertörn. Ela olha de novo o papel, embora já o tenha lido trinta vezes. Ela estava na lista de espera para o curso de escrita criativa. Sua mãe a ajudou a preencher o formulário de inscrição. Naquela época, ela não se sentia capaz de fazer isso sozinha, mas sua mãe sabia como era importante para ela ser aceita no programa.

Ela chorou na primavera, quando foi informada de que não havia sido aprovada. Provavelmente foi uma reação um tanto exagerada. Afinal, nada mudaria. Ela apenas permaneceria no programa de aconselhamento de carreira.

Ela não sabe há quanto tempo a carta estava ali em meio a toda a correspondência antiga no chão — talvez nunca a visse se não tivesse recebido um e-mail de boas-vindas do diretor de admissões.

Ela decide ligar para a mãe e contar a novidade.

Sandra olha de relance pela janela e vê dois homens caminhando em direção à baía de Vinterviken, do outro lado da estrada. Ela mora no andar térreo e ainda não se acostumou com o fato de que as pessoas às vezes param e olham diretamente através de suas janelas.

O piso de madeira no corredor range. Ela acha que parece o som de um adulto tentando se esgueirar furtivamente.

Sandra tecla o número enquanto se senta em uma das cadeiras da cozinha.

— Oi, mamãe, sou eu.

— Olá, querida, eu ia mesmo ligar para você. Já pensou melhor a respeito de hoje à noite?

— O quê?

— Sobre vir para o jantar.

— Ah, sim... acho que não me sinto capaz.

— Você ainda tem que comer, não é? Posso te buscar de carro. Te dou uma carona de ida e de volta.

De repente Sandra ouve algo farfalhando e olha na direção do corredor escuro, com os casacos pendurados e pilhas de sapatos.

— Você vai me deixar fazer isso? Querida?

— Tudo bem — Sandra sussurra, olhando para a carta em sua mão.

— O que você gostaria de comer?

— Eu não sei.

— Devo fazer carne *à la* Rydberg? Você costuma gostar disso, sabe, cubos de carne e...

— Tá legal, mãe — ela a interrompe e vai para o banheiro.

A cartela de Prozac está na borda da pia. As cápsulas verdes e brancas brilham em suas fileiras de plástico.

Sandra olha para o próprio reflexo no espelho. A porta do banheiro está aberta atrás dela, e ela pode ver a entrada. Parece que há alguém em pé ali. Seu coração dispara, mesmo sabendo que é apenas sua capa de chuva preta.

— As três mosqueteiras foram almoçar juntas hoje...

Sandra sai do banheiro, ouvindo meio desatenta enquanto a mãe lhe conta que ela e as irmãs foram ao Hotel Waxholms e comeram arenque do Báltico com purê de batatas e geleia de mirtilo-vermelho, manteiga derretida e uma boa cerveja gelada.

— Como está a Malin? — Sandra pergunta.

— Ela é incrível — a mãe responde. — Eu não sei como ela consegue ser tão positiva o tempo todo. Ela acabou de fazer a última sessão de radioterapia e se sente muito bem. Isso deixa a gente feliz por viver na Suécia. Ela nunca teria condição de pagar sozinha pelo tratamento.

— Tem mais alguma coisa que eles podem fazer agora?

— A Karolina acha que todas deveríamos nos mudar para a Jamaica e ficar fumando maconha e comendo boa comida até que o dinheiro acabe.

— Eu vou com vocês — Sandra diz, sorrindo.

— Vou contar para ela. — A mãe ri.

O telefone parece quente e pegajoso contra sua bochecha. Sandra passa o aparelho para a outra orelha e vai até o quarto, mas se detém de repente. Ela olha

para a janela. A grande ameixeira está se movendo por entre as persianas quebradas.

— Dei uma olhada na lista de leituras obrigatórias para o seu quarto semestre — a mãe diz. — É tudo sobre a política do mercado de trabalho.

— Sei — Sandra diz, hesitante.

Ela não sabe por que não conta à mãe sobre sua aceitação na Södertörn.

Lentamente ela se força a desviar o olhar da janela e se vê no espelho. Seu robe se abriu de novo. Ela fica ali parada, de calcinha, encarando sua pele pálida, os seios redondos, a barriga reta e a longa cicatriz rosada na coxa direita.

Ela e Stefan haviam alugado um chalé em Åre durante o feriado de Páscoa. Ela estava dirigindo e Stefan dormia no banco do passageiro quando chegaram nas imediações de Östersund. Estava escuro e a caixa de esquis no teto do carro fazia muito barulho. Eles tinham ficado presos atrás de um caminhão carregado de madeira por vários quilômetros enquanto atravessavam a escura floresta de abetos. Os largos pneus traseiros da carreta faziam a neve da beira da estrada rodopiar no ar em massas encrespadas. Ela pisou fundo para ultrapassar a carreta, depois viu as luzes de um ônibus que se aproximava na direção oposta e diminuiu de novo.

Atrás do ônibus vieram três carros e depois mais nada. Sandra acelerou novamente. Eles haviam acabado de chegar a uma longa e íngreme descida, e o caminhão estava indo mais rápido. Ela emparelhou com a imensa carreta, segurando o volante com ambas as mãos, e sentiu o carro balançar em meio à turbulência do vento.

Sandra acelerou um pouco demais tentando deixar o caminhão para trás, e suas rodas deslizaram na crista de neve no meio da pista. Ela perdeu o controle do carro e acabou debaixo do caminhão. Eles ficaram presos e foram arrastados, o metal guinchando e tremendo. Ela tinha sangue nos olhos, mas viu as batidas, com os ruídos secos das enormes rodas contra a lateral do carro. O metal cedeu e se retorceu por cima de Stefan. Ergueu-se um redemoinho de vidro, e o caminhão se dobrou quando o motorista freou e a carreta deu um solavanco para a frente com um guincho.

Sandra estava viva, mas Stefan morreu. Ela tinha visto as fotografias e lido o pouco que havia sido noticiado sobre a noite em que sua vida saiu dos eixos.

— Você está tomando seus comprimidos direitinho? — sua mãe pergunta em tom gentil, e Sandra percebe que mais uma vez devia ter parado de falar.

— Mamãe, eu não posso falar agora.

— Mas você vem hoje à noite? — a mãe pergunta rapidamente, incapaz de esconder a preocupação.

— Eu não sei.

Sandra está sentada na cama e fechando os olhos com toda a força de que é capaz.

— Seria ótimo se você viesse. Eu vou te buscar, e se mudar de ideia, posso te levar de volta a hora que quiser.

— Vamos conversar mais tarde — Sandra diz, e encerra a ligação.

Ela coloca o telefone sobre a mesinha de cabeceira, ao lado do monitor de glicemia.

Do lado de fora da janela, os arbustos estão balançando.

Sandra tira o robe e o coloca em cima da cama, veste a calça jeans e abre a cômoda. A estatueta de cervo está ao lado da pilha de roupas cuidadosamente dobradas. Falta a cabeça. Ela tira os óculos e veste uma camiseta limpa. Mais uma vez ela tem a sensação de que está sendo observada e olha para as persianas quebradas, o jardim sombrio, as folhas balançando no vento.

Ela ouve um baque no corredor de entrada e tem um sobressalto. Provavelmente são apenas mais anúncios, apesar da placa na porta. Ela pega o telefone a fim de ligar para a mãe e pedir desculpas, e explicar que está feliz, mas que ser feliz também traz à tona muita tristeza.

Vai de novo até a cozinha, olha para a carta sobre a mesa e caminha até o balcão para cortar outra fatia de bolo, mas a faca não está lá.

Ela acha que a medicação a deixou confusa, que deve ter colocado a faca no banheiro ou no quarto, quando alguém vestido de amarelo se lança na direção dela a passos largos.

Sandra fica paralisada. Isto não pode estar acontecendo.

Ela não diz uma palavra, apenas ergue a mão esquerda para se proteger.

A faca vem de cima e a atinge no peito. Suas pernas desmoronam, e a faca é arrancada com um puxão abrupto enquanto ela desaba para trás e cai sentada com força no chão. Ela bate a cabeça contra a mesa, removendo do suporte uma das velas, que vai rolando sobre a borda.

Sandra sente o sangue quente pulsando em sua barriga. Está com uma dor terrível no fundo do peito. Parece que o coração dela está tremendo.

Ela fica simplesmente sentada, incapaz de se mover, incapaz de entender, até que sente um golpe na cabeça e cai para trás. Tudo fica escuro e quente. Ela pode ouvir água borbulhando, e em seguida sente uma dor ardente nos pulmões. Ela volta a si e começa a tossir sangue, olha para o teto por alguns segundos e sente a lâmina da faca dentro do peito.

Tudo fica quieto. É como se ela estivesse chafurdando em água morna. Um rio cinza-prateado que flui suavemente noite adentro.

A polícia obteve o terceiro vídeo apenas oitenta minutos antes que a central de emergências recebesse o telefonema de uma mulher dizendo que a filha fora assassinada.

Às quatro e quarenta e cinco, Margot estaciona seu Lincoln Town Car diante da esvoaçante fita de isolamento da cena do crime.

O policial que tinha entrado para ver se a vítima poderia ser salva está sentado nos degraus da casa ao lado. Seu rosto está cinzento e seus olhos têm um aspecto sombrio. Um paramédico coloca um cobertor em volta dos ombros do homem e verifica sua pressão enquanto Adam fala com ele. A mulher que encontrou a filha está no hospital com a irmã. Margot faz uma anotação mental para ir conversar com ela depois, quando os tranquilizantes já tiverem amenizado a dor e o choque.

Enquanto estava no carro, dirigindo rumo a Hägersten, ela ligou para Joona no hospital e contou sobre o terceiro assassinato. Ele parecia muito cansado, mas ouviu atentamente a tudo o que ela disse, e por alguma estranha razão isso fez com que ela se sentisse mais calma.

Margot passa pelo cordão interno e entra no corredor da área comum do prédio. Holofotes iluminam a escada, provocando reflexo no vidro por cima da lista com os nomes dos moradores.

Margot calça os protetores de sapatos plásticos e passa pelos policiais da cena do crime.

Ela se detém sob o brilho frio dos holofotes. As lâmpadas de metal estalam quando se aquecem. O cheiro de sangue e urina quentes é acre e opressor. Um perito filma a sala. Caída no chão de linóleo há uma mulher com o rosto totalmente devastado, o peito inteiramente aberto. Seus óculos caíram na poça de sangue ao seu lado.

Ela está deitada com a mão sobre o seio esquerdo. A pele macia brilha, perolada e branca, sob sua mão enegrecida pelo sangue.

É evidente que ela foi colocada nessa posição depois de morta.

Por alguns momentos Margot fica imóvel, fitando a cena.

Eles sabem muito pouco sobre o segundo assassinato, mas este parece seguir exatamente o padrão do primeiro. O nível de brutalidade é inconcebível e parece

ter se estendido muito além do momento da morte.

Tão logo a fúria do ataque diminuiu, o assassino cuidou da disposição do corpo antes de ir embora.

No primeiro caso, os dedos da vítima foram inseridos em sua boca, e desta vez a mão dela está cobrindo o seio.

Margot dá um passo para o lado de modo a abrir caminho para um dos policiais, que está colocando tábuas no chão.

Com a mão em cima da barriga protuberante, ela anda até o quarto e, dentro da gaveta aberta, vê o cervo de porcelana marrom-acastanhada, exceto pelo vazio onde a cabeça deveria estar. Algum tempo depois, ela retorna para a vítima.

Margot esquadrinha mais uma vez o arranjo cuidadosamente planejado da mão sobre o seio, e um pensamento passa, veloz, por sua cabeça.

Há algo que ela reconhece.

Margot para e pensa por alguns minutos, depois sai do apartamento e vai para o carro. Liga o motor e mantém uma das mãos no volante e a outra sobre a barriga, movendo-a para baixo para contrabalançar com as pontas dos dedos os movimentos rápidos do bebê, os pequenos cutucões do outro lado, o começo da vida.

Ela tenta se sentir mais confortável, mas o volante pressiona sua barriga.

Do que é que não estou conseguindo me lembrar? , ela pensa. Talvez tivesse sido cinco anos antes, em um distrito policial diferente, mas sem dúvida tinha lido alguma coisa.

Algo sobre as mãos ou o cervo.

Ela sabe que não vai dormir esta noite se não se lembrar do que é.

Margot vira na rua Polhems e estaciona no meio-fio.

Seu celular toca e ela vê na tela a foto de Jenny com seu chapéu de caubói de Tucson.

— Oi — Margot atende.

— Noite, policial — Jenny diz, galanteadora. — Eu tenho um crime para denunciar.

— Bem, se é urgente, você deve ligar para o número de emergência — Margot diz, estacionando direito. — Mas se for outra coisa...

— É um crime contra a decência pública — Jenny interrompe.

— Você pode ser um pouco mais específica? — Margot abre a porta do carro.

— Se você vier aqui, eu posso te mostrar...

Margot precisa tirar o telefone do ouvido enquanto sai do carro e o tranca.

— Desculpe, o que você disse?

— Só liguei para descobrir onde você estava — Jenny diz em um tom de voz diferente.

— Estou em Kungsholmen. Tenho que...

— Você não tem tempo. Você precisa voltar para casa imediatamente.

— O que aconteceu?

— Sério, Margot? Você é impossível. Pelo amor de Deus, você foi quem escolheu o domingo. Todo mundo vai estar aqui a qualquer minuto...

— Não fique irritada comigo. Eu simplesmente não posso deixar este caso...

— Você não vem? — Jenny a interrompe. — É isso que está dizendo?

— Eu pensei que fosse no próximo fim de semana — responde Margot.

— Como diabos você foi pensar isso?

Margot se esquecera completamente do jantar com a família. A ideia era que ela e Jenny agradecessem a todos pelo apoio durante a Parada do Orgulho. Todos tinham marchado com cartazes dizendo “PAIS E PARENTES ORGULHOSOS”.

— Você só tem que explicar que vou chegar um pouco atrasada — ela diz, a dez metros da entrada da sede da polícia.

— Olha, isso não está certo — Jenny diz, em seguida respira fundo. — Você está realmente me decepcionando. Sei que é uma grande oportunidade de carreira para você e fico feliz de te apoiar, mas...

— Você disse que lidaria com isso numa boa.

— Mas você está trabalhando o tempo todo, caramba, e...

— Tenho que estar — Margot a interrompe.

Ela caminha até a entrada enquanto um colega sai e destrava a corrente pesada ao redor da roda traseira de uma motocicleta.

— Tudo bem — Jenny diz, baixinho.

— Volto para casa assim que...

Margot para de falar quando percebe que Jenny desligou. Ela passa pelo saguão e vai na direção dos elevadores.

Maria Carlsson, a primeira vítima, estava com a mão na boca, Margot pensa novamente.

Isso não era suficiente para Margot discernir um padrão. Mas quando ela viu Sandra Lundgren deitada com a mão sobre um dos seios, teve a fugaz sensação de uma conexão.

Ela caminha pelo corredor vazio até sua sala, fecha a porta, senta-se diante do computador e procura crimes nos quais os corpos foram dispostos de forma encenada.

Margot pode ouvir sirenes.

Ela chuta para longe os sapatos enquanto clica nos resultados. Não encontra semelhança com seus assassinatos em nenhum dos casos. Sente um aperto na barriga e tira o cinto.

Ela expande a pesquisa para cobrir todo o país e, quando a lista de resultados aparece, ela sabe que encontrou o que estava procurando.

Um assassinato em Salem.

A vítima foi encontrada com a mão em volta do próprio pescoço.

O corpo tinha sido colocado nessa posição depois da morte.

O Distrito Policial de Södertälje conduziu a investigação preliminar.

Enquanto lia, Margot lembrou-se de mais detalhes. Muita coisa havia vazado para a imprensa. Um nível extremo de brutalidade tinha se concentrado principalmente no rosto e na parte superior do corpo da vítima.

A mulher morta foi encontrada no banheiro com a mão em volta da garganta.

O nome da vítima era Rebecka Hansson. Ela estava usando calça de pijama e um suéter, e de acordo com a autópsia, não havia sofrido agressão sexual.

O coração de Margot martela enquanto ela lê as informações sobre Rocky Kyrklund, um padre. A justiça emitiu um mandado de prisão, e posteriormente ele foi preso por implicações em um acidente de trânsito. As provas forenses contra ele eram convincentes. Rocky Kyrklund foi submetido a um exame psiquiátrico forense e encaminhado para o Hospital Distrital Karsudden.

Encontrei o assassino, Margot pensa, e sua mão está tremendo quando ela liga para o Hospital Karsudden.

Quando descobre que Rocky Kyrklund está trancafiado e jamais foi solto, ela exige uma reunião imediata com o chefe da segurança.

Duas horas depois, Margot está sentada no escritório do chefe da segurança, Neil Lindegren, no branco e reluzente prédio principal, discutindo os arranjos de segurança para a Seção D-4.

Neil é um homem atarracado com a testa carnuda e mãos bem cuidadas e grossas. Ele se recosta em sua cadeira enquanto explica as cercas de segurança do perímetro, o sistema de alarme, a câmara de ar de segurança e as senhas.

— Tudo isso parece muito bom — Margot diz quando Neil termina. — Mas a questão é: Rocky Kyrklund poderia ter conseguido sair mesmo assim?

— Você é bem-vinda para falar pessoalmente com ele, se isso a fizer sentir melhor — Neil diz com um sorriso.

— Você tem plena certeza de que teria notado se ele escapasse e voltasse no mesmo dia?

— Ninguém escapou.

— Mas apenas como hipótese — Margot continua. — Se ele saísse imediatamente depois de vocês fazerem sua ronda às oito horas ontem à noite, a que horas ele teria que voltar hoje para que sua ausência não fosse notada?

O sorriso de Neil desaparece e as mãos dele caem sobre o colo.

— Hoje é domingo — ele diz devagar. — Ele não precisaria estar de volta antes das cinco horas, mas você sabe... as portas estão trancadas e equipadas com alarme, e toda a área é monitorada por câmeras de vigilância.

Em um monitor grande, trinta quadrados mostram o que é captado pelas câmeras de segurança da unidade.

Um técnico de sessenta anos de idade mostra a Margot o sistema de segurança e as câmeras ativadas por movimento, sua localização e os sensores óticos de barreiras de laser e de infravermelho.

As gravações são armazenadas por no máximo trinta dias.

— Esta é a Seção D-4 — ele diz, apontando. — O corredor, sala de recreação, pátio de exercícios, cerca, área de fora da cerca, fora do prédio. E estas mostram o parque e a entrada de carros.

O monitor exhibe uma imagem do hospital como estava às cinco da manhã. O brilho estático das lâmpadas faz com que o parque pareça estranhamente sem vida. O relógio no canto da tela se move, mas tudo permanece perfeitamente parado.

Quando o homem acelera o replay, algumas árvores parecem balançar no vento. O segurança do turno de fim de noite caminha pelo corredor e desaparece na sala de funcionários.

De repente, o técnico para a fita e aponta para uma área de grama que se espalha como um pedaço de água cinza. Margot se inclina para a frente e vê uma série de vultos escuros contra os arbustos e árvores.

O técnico amplia a imagem e reproduz a filmagem. Três cervos aparecem no clarão de uma lâmpada. Eles caminham pela grama, todos param ao mesmo tempo, imóveis com o pescoço esticado, depois se afastam, saltitando.

Ele encolhe a imagem e avança de novo. A luz do dia chega e as sombras transparentes ficam mais nítidas à medida que o sol vai raiando.

Carros chegam e a equipe de funcionários entra e se espalha pelos corredores e túneis.

O técnico interrompe a gravação para mostrar a chegada da equipe da noite. Margot observa em silêncio o turno da manhã em várias seções.

Há pouca atividade, já que é domingo. Não há sinal de Rocky Kyrklund entre os pacientes que optaram por ir para o pátio de exercícios.

Eles continuam avançando as imagens, parando vez por outra para examinar mais detidamente qualquer pessoa nos corredores, mas tudo parece calmo à medida

que as horas passam.

— E aí está você — o técnico diz com um sorriso.

Ele amplia um quadrado para mostrar que ela se esforça para sair do carro, e o vestido dela se abre, revelando sua calcinha rosa.

— Ops — ela murmura.

Margot se vê atravessando o estacionamento com sua grande bolsa de couro por cima do ombro, as mãos em volta da barriga. Ela contorna a quina do prédio e desaparece de vista, mas a câmera seguinte a registra do lado de fora da entrada. Ao mesmo tempo, ela é visível de outro ângulo em uma câmera acima da recepção no saguão.

— Eu desapareci por alguns segundos enquanto dava a volta na quina do prédio — ela diz.

— Não — ele diz.

— Parecia — ela insiste.

Ele volta para a imagem dela saindo do carro, mostrando rapidamente sua calcinha, a segue ao longo do estacionamento e congela a gravação enquanto ela vira na quina do prédio e some da tela.

— Temos uma câmera aqui que deveria...

Ele amplia outro quadrado, mostrando a extremidade do edifício e uma porção de folhas, mas não Margot. Ele reproduz a filmagem lentamente, e ela aparece em frente à entrada.

— Tá legal, você sumiu por alguns segundos — ele por fim admite. — Sempre vai haver pequenas lacunas no sistema.

— Alguém poderia tirar proveito delas para escapar?

O técnico se inclina para trás, e o chumaço de tabaco que ele está mascando sob o lábio desliza sobre um de seus dentes quando ele balança a cabeça.

— Nem mesmo na teoria — ele diz com firmeza.

— Qual é o seu grau de certeza com relação a isso?

— Basicamente cem por cento.

— Tudo bem — Margot diz.

A duras penas ela se levanta da cadeira e o agradece pela ajuda.

Se não havia como Rocky ter escapado, ela teria que pensar de novo. O assassinato que ele cometeu tinha que ter alguma ligação com os assassinatos recentes.

Não existem coincidências nesse nível.

O padre devia ter alguém que o estava ajudando, um aprendiz do lado de fora, ela pensa. A menos que estejam lidando com um imitador completamente independente, ou alguém com quem Rocky Kyrklund estava se comunicando.

O técnico a leva de volta pelos corredores desertos até a sala de Neil Lindegren. O chefe da segurança está falando com uma mulher de jaleco branco quando Margot entra.

— Eu preciso falar com Rocky Kyrklund — ela diz.

— Mas pode ser que ele nem seja capaz de se lembrar do que está fazendo hoje — Neil diz, apontando para a médica.

— Kyrklund tem uma lesão neurológica grave — a médica explica. — As memórias dele só voltam como fragmentos minúsculos, e às vezes ele faz coisas sem estar ciente delas.

— Ele é perigoso?

— Ele já estaria se preparando para a reabilitação de volta à sociedade se tivesse mostrado qualquer indicação de que queria isso — Neil diz.

— Ele não quer sair, é isso que você está dizendo? — Margot pergunta.

— Começamos a ressocializar a maioria dos nossos presos bem cedo — a médica diz. — Eles têm a chance de conhecer pessoas de fora do hospital e fazem saídas supervisionadas, mas na maior parte do tempo ele é reservado e calado, e não aceita visitas. Ele nunca telefona para ninguém, não escreve cartas e não usa a internet.

— Ele fala com os outros pacientes?

— Às vezes, pelo que sei — Neil responde.

— Eu preciso saber quais pacientes tiveram alta da Seção D-4 durante o tempo em que ele esteve lá — ela diz, sentando-se.

Ela observa o escritório arrumado de Neil enquanto ele procura em seu computador. Ele não tem fotografias à mostra, nem livros ou ornamentos.

— Achou alguma coisa? — ela pergunta, e pode ouvir o tom de ansiedade em sua voz.

Neil vira a tela para mostrar a ela.

— Não muito — ele diz. — Essa seção tem uma rotatividade muito baixa de pacientes. Há alguns que foram transferidos para outras instituições psiquiátricas, mas só tivemos dois detentos libertados durante o período em que Rocky está aqui.

— Dois em nove anos?

— Isso é normal — diz o médico.

Margot abre a bolsa de couro, pega o caderninho e escreve os nomes.

— Agora eu quero ver Rocky Kyrklund — ela diz.

Dois guardas com botões de pânico, cassetetes e *tasers* nos cintos acompanham Margot através das câmaras de ar de segurança e pelo corredor onde está localizada a seção de Rocky Kyrklund.

Ele está sentado no beliche do quarto assistindo a uma corrida de Fórmula 1 na televisão fixada na parede.

Os carros cintilantes se movem pela pista como libélulas, com suas rajadas de velocidade e cores metálicas.

— Meu nome é Margot Silverman. Eu sou detetive do Departamento Nacional de Investigação Criminal — ela explica, encostada na cadeira junto à escrivaninha.

— Adão trepou com a Eva, e aí ela engravidou e deu à luz Caim — Rocky diz, olhando para a barriga de Margot.

— Eu vim de Estocolmo para conversar com você.

— Você não está observando o dia de descanso — Rocky declara, depois olha para a televisão.

— Você está? — Ela puxa a cadeira para fora e se senta. — O que você fez hoje?

O rosto dele está calmo. Seu nariz parece ter sido quebrado em algum momento, as bochechas estão cobertas por uma barba grisalha, e há dobras em seu pescoço grosso.

— Você saiu hoje? — Ela espera um momento antes de continuar. — Você não esteve no pátio de exercícios, mas talvez haja outras maneiras de sair.

Rocky Kyrklund não demonstra nenhuma reação. Seus olhos estão seguindo os carros na tela. Um dos guardas junto à porta desloca o peso do corpo de um pé para o outro, e as chaves em seu cinto balançam.

— Com quem você esteve em contato lá fora? — Margot pergunta. — Amigos, parentes, outros pacientes?

Os motores rugem na televisão. O barulho parece o de motosserras cortando madeira seca.

Margot olha para as meias nos pés dele — uma delas com um desajeitado cerzido, os calcanhares gastos.

— Eles me disseram que você não recebe visitas.

Rocky não responde. Sua barriga sobe e desce em ritmo uniforme sob a camisa jeans. Uma das mãos está descansando entre as pernas e ele está encostado em dois travesseiros.

— Mas você tem contato pessoal com os funcionários? Alguns deles trabalham aqui faz muitos anos. Você deve ter feito amizade com um ou outro. Certo?

Rocky Kyrklund permanece em silêncio.

Na televisão, um piloto da Ferrari entra nos boxes em alta velocidade. Antes mesmo de o carro parar, a equipe de mecânicos está pronta para trocar os pneus.

— Você faz suas refeições com pacientes de outras seções e compartilha o pátio de exercícios. De quem você mais gosta, se tivesse que dizer um nome?

Sobre a mesinha de cabeceira, ao lado de um copo de leite sujo, há uma Bíblia com cerca de sessenta marcadores feitos de pedaços de linha vermelha. A luz filtrada pelas árvores passa através das barras verticais da janela.

Margot muda de posição desconfortavelmente na cadeira e tira da bolsa o caderninho com os nomes dos dois pacientes.

— Você se lembra de Jens Ramberg? Marek Semiovic? — ela pergunta. — Você se lembra, não é?

Um carro colide com outro e gira em torno de uma nuvem de fumaça enquanto partes dele voam pela pista.

— Você tem alguma lembrança do que estava fazendo hoje cedo?

Ela espera um pouco, depois se levanta de novo quando o acidente é repetido na tela, o brilho da imagem refletindo no rosto e no peito de Rocky.

Os guardas não a encaram nos olhos quando saem da sala juntos. Rocky parece nem sequer notar sua partida.

Enquanto caminha de volta para o estacionamento, Margot pode sentir que o técnico a observa em uma das trinta câmeras.

Antes de ir embora, ela fica sentada no carro e lê o material sobre o assassinato de Rebecka Hansson. Rocky Kyrklund deve estar envolvido de alguma forma nos novos assassinatos.

Margot vê que Erik Maria Bark fez parte da junta que conduziu a avaliação psiquiátrica de Kyrklund. As conclusões da equipe, que formaram a base da sentença, foram baseadas em longas conversas entre Erik e Rocky. Erik, evidentemente, conseguiu ganhar a confiança dele.

Adam Youssef está sentado em seu carro ao lado de sua esposa, Katryna. Ela está massageando as mãos, e o cheiro do seu creme hidratante se espalha pelo carro. Está começando a escurecer e o tráfego na rua Valhalla é bastante leve. Eles foram ao Instituto de Artes Dramáticas para assistir à performance do irmão dela, Fuad, em uma peça sobre a banda The Cure. Adam para em um sinal vermelho e olha para Katryna. Ela exagerou um pouco na hora de tirar as sobrancelhas e seu rosto está com um aspecto bastante cruel. Ela não disse uma palavra desde que entraram no carro.

— O que você está pensando? — ele pergunta.

Ela encolhe os ombros.

Ele olha para as unhas dela. Ela as pintou de tal forma que a cor muda de violeta para rosa nas pontas. Seria bom ele dizer alguma coisa agradável sobre elas.

— Katryna. O que foi?

Ela o encara com uma seriedade que o deixa assustado.

— Eu não quero ter o bebê — ela explica.

— Você não quer?

Ela balança a cabeça, e a luz vermelha desaparece de seu rosto. Ele se volta de novo para o semáforo. A luz está verde, mas ele não é capaz de seguir em frente.

— Eu não tenho certeza se quero ter filhos — ela sussurra.

Ele engole em seco. Um carro buzina algumas vezes antes de passar pela direita, e o semáforo volta a ficar vermelho. Ele olha para o botão que aciona o pisca-alerta, porém não se dá ao trabalho de apertá-lo.

— Mas você acabou de engravidar — ele diz, impotente. — Você não pode esperar, ver se depois muda de ideia?

— Já marquei uma consulta. Vou fazer o aborto na semana que vem.

— Você quer que eu vá com você?

— Não há necessidade.

Ele olha fixamente para os carros que atravessam o cruzamento à frente deles e, em seguida, para alguns pássaros pretos voando bem alto em um amplo arco diante do Estádio Olímpico de Estocolmo.

Ele a está perdendo. Isso já está acontecendo.

A luz muda para verde e ele pressiona o pé no acelerador.

Recentemente, ele vem tentando mostrar a ela todos os dias que a ama. Eles se amam, afinal, realmente se amam. Ou pelo menos ele achava que sim. Ela está dizendo a verdade quando diz que sai com seus colegas de trabalho da Sephora toda quinta à noite? Ela nunca fala a respeito, e ele percebe que não está interessado o suficiente para perguntar ou se oferecer para ir junto.

— Olha, Katryna, eu posso mudar. Estou tentando... — Ele para no meio da frase quando o celular toca.

Katryna pega o aparelho no porta-treco junto ao câmbio e o vira para olhar a tela.

— É a sua chefe.

Adam solta um suspiro e desvia os olhos do tráfego para Katryna. Eles se entreolham por um segundo antes de Katryna aceitar a ligação e colocar o telefone no ouvido dele.

— Alô? — ele atende, a voz baixa.

— É o mesmo cervo — Margot diz.

A borda quebrada do cervo no quarto de Sandra é compatível com a cabecinha encontrada na mão de Susanna Kern.

— Parecia completamente insano quando o vimos no vídeo — Margot diz, aparentemente ofegante. — Mas significa que os assassinatos são planejados muito antes de acontecerem, que alguém gravou as vítimas e depois esperou — possivelmente durante semanas.

— Mas por quê? — Adam pergunta, a mão suando no volante.

Os assassinatos estão se sucedendo um ao outro como um colar de pérolas, um rosário, ele pensa. A ordem da morte é determinada muito antes de o assassino atacar. Isso em teoria deveria nos dar mais tempo, mas não dá, porque o assassino só carrega os vídeos quando já é tarde demais para localizarmos a mulher.

— Encontrei algumas semelhanças com um caso antigo — Margot diz.

— O que você disse?

— Você está ouvindo?

— Sim. Desculpe.

Ele olha para o rosto de Katryna, que está virado para o outro lado, enquanto Margot fala sobre o antigo assassinato em Salem, sobre o padre que foi considerado culpado, sobre o rosto destroçado de Rebecka Hansson e sobre como a postura do corpo dela foi encenada.

Ela explica que checkou os procedimentos de segurança no Karsudden, e parece impossível que algum paciente de lá pudesse sair sem ser descoberto.

— Então ele deve ter um cúmplice, um discípulo... a menos que seja um imitador.

— Certo — Adam diz, hesitante.

— Você acha que estou exagerando?

— Talvez.

— Mesmo que eu esteja, agora não importa. Você vai entender o que quero dizer quando der uma olhada.

— Você quer que a gente vá falar com o padre? — Adam pergunta.

— Estou voltando de lá agora.

— Você e Jenny não tinham marcado um grandioso jantar para hoje?

— Isso é no próximo fim de semana — ela diz secamente.

— O que ele disse?

— Nada. Ele nem sequer olhou para mim. Parece que sou completamente desprovida de interesse.

— Que bom — Adam diz.

— Isso parece ser o comportamento normal dele — ela diz. — Foi por isso que trouxeram Erik Maria Bark para ajudar a conduzir o exame psiquiátrico forense. Ele faz com que as pessoas falem.

— Não a nossa testemunha — aponta Adam.

— Toda a investigação foi praticamente baseada nas conversas dele com Kyrklund — Margot explica. — É uma quantidade enorme de material. Vamos ter que arranjar pessoal para examinar cada detalhe.

— Quanto tempo isso vai levar?

— É por isso que estou indo ver o Bark agora — Margot diz.

— Agora?

— Bem, eu já estou no carro, então...

— Eu também estou. — Adam ri. — Mas certamente não estou planejando...

— Bem, seria ótimo ter você lá — ela o interrompe.

Erik está sentado em sua cadeira com a cópia de um periódico psiquiátrico no colo, pensando no jantar na casa de Nelly e Martin. Eles o convidam com bastante frequência para ir a sua imensa casa modernista, com janelas curvas e um terraço que parece a ponte de comando de um velho iate.

Dessa vez, depois do jantar Martin tirou a gravata e os levou pela casa segurando uma taça de conhaque Calvados. Em seu estúdio, mostrou uma pequenina pintura a óleo que acabara de receber de sua tia na Vestfália. Era um anjo de aspecto taciturno. Nelly achou horrível e tentou oferecer a tela a Erik. Martin disse que concordava com ela, mas Erik recusou porque estava óbvio que Martin queria ficar com a pintura.

Depois disso Martin teve que atender a uma ligação de Sydney, então Erik e Nelly foram para a sala de jogos. Nelly serviu mais vinho, apesar de já estar bastante bêbada. Seus olhos estavam úmidos, e ela se encostou na beirada da mesa.

— Martin assiste à pornografia — ela balbuciou com a fala arrastada.

— Por que você acha isso? — Erik perguntou, fazendo rolar uma bola ao longo do feltro verde da mesa de bilhar.

— Eu não me importo. Não é nada perverso.

— Isso te deixa enciumada?

— Enciumada não, mas... eu não sei, você deveria ver as mulheres. Elas são jovens e bonitas, e fazem coisas que eu nunca ousaria tentar.

Ela estendeu a mão e tocou seus lábios.

— Fale com ele.

— A juventude é a única coisa que conta? — ela disse, pausadamente.

— Não para mim.

— O que importa, então? O que você quer? O que qualquer homem quer de verdade? — O corpo dela estava balançando levemente.

Ele a ajudou a ir até o quarto.

Quando Nelly ligou para ele a fim de discutir o caso de dois pacientes iranianos, Erik agradeceu pelo jantar. Ela apenas riu e disse que ele deveria ser grato por ela não ter ficado bêbada e constrangedora.

Agora Erik se recosta em sua poltrona e pensa na garrafa de champanhe que está na geladeira; ele a abriu mais cedo, sozinho, e depois a selou; se tomasse um gole agora, o gosto seria tão bom quanto o de uma garrafa aberta na hora.

A champanhe eliminaria minha dor de cabeça, ele pensa, ao ver os faróis do carro entrarem pelo janelão de vidro.

Com um suspiro curto, ele se levanta e vai abrir a porta. Ele observa Margot pelejando para sair do carro e acenando para ele, e em seguida outro carro entra na garagem.

Um homem mais jovem, de cabelo escuro e curto, corre até Margot e troca algumas palavras com ela. Atrás deles está uma bela jovem de olhos claros e rosto sério.

Erik aperta a mão de Margot e do jovem, a quem ela apresenta como um colega trabalhando com ela na investigação do assassinato.

A jovem hesita na porta. Seu casaco preto reluz com as gotas da chuva e ela parece congelada.

— Eu não tive tempo de levar a minha esposa para casa — Adam explica, parecendo inesperadamente desajeitado. — Esta é Katryna.

— Adam não queria que eu esperasse no carro — ela diz com voz suave.

— Você é mais do que bem-vinda para entrar — Erik diz, apertando a mão dela.

— Obrigada.

— Que unhas maravilhosas — ele diz, segurando a mão dela para olhá-las de perto por alguns segundos.

Ela sorri, surpresa, e seus olhos escuros se aquecem instantaneamente.

Erik os convida a tirar seus casacos, depois sobe até a varanda para fechar a porta da frente. A chuva suave está pingando ritmicamente através das folhas do lilás. A rua cintila sob as luzes dos postes e, de repente, ele imagina ter visto a silhueta de uma figura alta em seu próprio jardim. Ele acende a luz do lado de fora, pensando que deve ter sido o mirrado junípero ao lado do carrinho de mão.

Erik fecha a porta e os conduz até a biblioteca, onde Katryna se detém, parecendo um pouco constrangida.

— Eu provavelmente não deveria ouvir a conversa de vocês — ela comenta.

— Você pode se sentar aqui, se quiser — Erik diz, puxando um calhamaço da prateleira. — Eu não sei quanto a você, mas sou um pouco viciado em Caravaggio.

Ele coloca o livro de arte sobre a mesa e mostra aos detetives o caminho até seu escritório. Adam fecha a porta depois que passam.

— Encontramos uma terceira vítima hoje — Margot diz imediatamente.

— Uma terceira vítima — Erik repete.

— Já estávamos esperando, mas ainda assim é um golpe e tanto.

Ela olha para baixo, na direção da própria barriga, e os cantos de sua boca se contraem de leve, possivelmente por exaustão. Está com um profundo sulco na testa que se estende por entre as sobrancelhas.

— Em que posso ajudá-los? — Erik pergunta, a voz neutra.

— Você conhece um homem chamado Rocky Kyrklund? — Margot pergunta, olhando para ele.

— Eu deveria?

— Você deveria saber que ele foi condenado a atendimento psiquiátrico após uma avaliação de nove anos atrás.

— Certo — Erik diz em tom suave.

Assim que ela mencionou o nome de Rocky, ocorreu a Erik que ela talvez soubesse de tudo.

— Você fazia parte da equipe — Margot explica.

— Faço parte de muitas equipes — Erik diz.

Ele havia passado horas imaginando diferentes cenários nos quais era confrontado com o que aconteceu, depois concebia possíveis reações e respostas que não o incriminariam, mas também não seriam, tecnicamente, consideradas mentiras.

— E nós temos razões para acreditar que ele confiou em você.

— Eu não me lembro disso, mas...

— Ele matou uma mulher em Salem de uma forma que lembra os assassinatos que estou investigando — Margot diz, sem dar mais detalhes.

— Se ele foi solto e está matando de novo, então houve algo muito errado com o processo de liberdade condicional — Erik responde, exatamente como havia planejado.

— Ele não foi libertado. Ainda está no Karsudden, e em momento algum deixou a unidade — ela diz. — Acabo de sair de lá e falei com o chefe da segurança.

Margot abre a bolsa de couro e entrega a Erik uma cópia do veredicto e da avaliação psiquiátrica. Ele se senta de frente para Adam à pequena mesa octogonal, folheia o material, meneia a cabeça e olha para cima.

— Sim, eu me lembro dele.

— Achamos que ele tem um aprendiz, um discípulo. Talvez um imitador.

— Isso é possível. Se as semelhanças são tão fortes... bem, eu não posso emitir uma opinião.

Margot sacode o pulso para colocar o relógio no lugar certo.

— Falei com ele hoje — ela conta. — Fiz muitas perguntas, mas ele ficou sentado em silêncio na cama, olhando para a televisão.

— Ele sofreu danos cerebrais graves — Erik diz, apontando para a antiga avaliação.

— Ele podia ouvir e entender tudo o que eu disse. Ele só não quis responder — Margot sorri.

— Muitas vezes é difícil começar quando você está lidando com esse tipo de paciente.

Ela se inclina para a frente, de modo que sua barriga acaba descansando sobre suas coxas.

— Você pode nos ajudar?

— Como?

— Fale com ele. Ele confiou em você antes e você o conhece.

A frequência cardíaca de Erik começa a aumentar. Ele não pode demonstrar nenhuma emoção, então lentamente segura as mãos para impedi-las de tremer.

Eles provavelmente vão encontrar as gravações das sessões nas quais Rocky fala sobre seu álibi, ele pensa.

Mas como Rocky é culpado, Erik sempre pode dizer que não levou a sério a ideia de um álibi.

— O que vocês querem saber?

— Queremos saber com quem ele pode estar trabalhando.

Erik faz que sim com a cabeça, pensando que finalmente estará livre depois disso. Não precisará mais carregar o fardo do conhecimento do qual não consegue

se desvencilhar. Ele poderia contar a eles quem era a pessoa que Rocky culpava, independentemente se Rocky ficasse ou não sentado lá em silêncio. Erik poderia até mesmo hipnotizar Björn Kern de novo e depois contar a eles sobre a mão agarrada à orelha de Susanna.

— Naturalmente, isso é um pouco fora da minha área de atuação habitual.

— Claro que nós pagaríamos.

— Não foi isso que eu quis dizer. Preciso conhecer os parâmetros da tarefa, de modo que eu saiba o que dizer ao instituto.

Margot assente, com os lábios entreabertos, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas decide se conter.

— E preciso saber o que dizer ao paciente — Erik continua. — Ou seja, estou autorizado a dizer a ele que vocês acham que o ex-comparsa dele começou a matar de novo?

Margot acena com a mão. Erik nota que o colega dela, que está lá sentado de braços cruzados, parece ter se enrijecido um pouco.

— Teremos que ver se podemos abrir alguma margem de negociação — Margot diz. — Ainda não sabemos, é claro, mas talvez você possa oferecer a ele saídas supervisionadas para fora do hospital.

Ela para de falar abruptamente, como se estivesse sem fôlego. Sua mão vai para a barriga. Sua aliança de casamento fina está bem apertada ao redor do dedo inchado.

— O que você disse a ele hoje? — Erik pergunta.

— Eu perguntei com quais pessoas ele tinha mais contato.

— Ele sabia por que você estava perguntando isso?

— Não. Ele não reagiu a nada do que eu disse.

— O cérebro dele registra atividade epiléptica que afeta sua memória e, de acordo com o diagnóstico, ele sofre de uma desordem narcisista e paranoica. Mas todas as evidências sugerem que ele é inteligente — Erik diz.

Ele fica em silêncio.

— O que você está pensando? — Margot quer saber.

— Eu gostaria de ter a autoridade de poder dizer a ele por que razão eu estou lhe fazendo essas perguntas.

— Contar a ele sobre o assassino em série?

— De outra forma ele provavelmente vai descobrir que eu estou mentindo.

— Margot — Adam diz. — Eu tenho que...

— O quê?

Ele parece perturbado e fala em voz baixa.

— Isso é trabalho da polícia — ele diz.

— Nós não temos escolha — ela diz secamente.

— Eu só acho que você está indo longe demais — Adam diz.

— Estou?

— Primeiro você envolve Joona Linna na história, e agora vai deixar um hipnotista fazer o trabalho da polícia.

— Joona Linna? — Erik pergunta.

— Eu não estou falando com você — Adam diz.

— Ele está de volta — Margot diz.

— Onde?

— “*De volta* ” provavelmente não são as palavras certas — Adam diz. — Ele está morando com os ciganos em Huddinge. Ele é alcoólatra e...

— Nós não sabemos disso — Margot se intromete.

— Ah, certo, Joona é o melhor — Adam diz.

O olhar de Margot encontra a expressão intrigada de Erik.

— Joona desmaiou e acabou na sala de emergência do St. Göran — ela diz.

— Quando? — Erik pergunta, pondo-se de pé.

— Ontem.

Erik imediatamente pega o celular e liga para um colega na unidade de tratamento intensivo do hospital e espera enquanto a ligação é completada.

— Quando você pode falar com Rocky? — Margot pergunta, levantando-se.

— É a primeira coisa que vou fazer amanhã cedo — Erik diz quando o colega atende.

Após uma breve conversa com o médico do Hospital St. Göran, Erik acompanha os dois detetives até a porta. Katryna e Adam não se olham enquanto saem para o vestíbulo, e Erik tem a nítida impressão de que tiveram uma briga.

Os três saem da casa e são engolidos pela escuridão assim que se afastam da porta. Erik ouve os passos deles no caminho de cascalho que leva à entrada da garagem, e eles voltam à vista quando o interior de seus carros se acende. Ele retorna ao escritório e vê que o fax do hospital chegou. O nome e o número de identificação do paciente foram adulterados.

O relatório diz que Joona chegou de ambulância depois de uma chamada de prioridade máxima do centro de comando de emergência. Erik dá uma rápida olhada nos registros.

Ele estava sofrendo de desnutrição, febre, confusão mental e má circulação.

A enfermeira da triagem tomou a decisão correta a partir das evidências disponíveis quando suspeitou que ele estava com envenenamento do sangue.

Depois de checar seus gases sanguíneos e ácido láctico, ela o encaminhou para a UTI.

Por causa de seus sinais vitais instáveis, Joona Linna foi colocado em uma sala sob supervisão e conectado a um monitor.

Enquanto aguardavam os resultados de sua análise sanguínea, deram-lhe antibióticos de amplo espectro e uma solução coloidal para ajudar na circulação e no equilíbrio de fluidos.

Mas Joona desapareceu antes que os antibióticos completassem seu ciclo e pudessem surtir efeito.

Ele não tinha fornecido um endereço.

Erik sai do escritório e pega o paletó no corredor. Ele não se dá ao trabalho de apagar as luzes.

Já não está chovendo. O ar da noite é frio e as janelas do carro estão cobertas de condensação. Ele aciona os limpadores de para-brisa e sai assim que consegue enxergar através do vidro.

É quase meia-noite, e as ruas estão praticamente vazias. Além do brilho amarelo dos postes de luz, a noite de fim de verão é tão escura quanto veludo pesado.

Ele dirige até uma área industrial com cercas altas, depois entra em um pequeno bosque.

Não costumava haver mendigos na Suécia, mas, nos últimos anos, imigrantes da União Europeia tornaram-se visíveis nas grandes e pequenas cidades do país. Vinham para pedir ajuda, ajoelhados na neve, nas calçadas dos supermercados, as mãos estendidas e copos de papel vazios.

Em diversas ocasiões causou estranheza a Erik que os suecos modernos reagissem com inesperada generosidade a essa mudança.

Há luzes tênues entre as árvores. Ele desacelera e dirige rumo a elas, virando para pegar uma trilha de cascalho, e a macaquinha presa à sua chave de ignição sacoleja para cima e para baixo.

Em uma clareira ele pode ver lençóis adejando em uma corda amarrada entre duas árvores. Pedacos de compensado foram pregados juntos e cobertos com lonas e plástico.

Erik dá a volta e estaciona nos limites do bosque. Tranca as portas do carro e vai a pé até as árvores.

O ar recende a batatas e a gás liquefeito. Quatro trailers velhos estão em fila, e entre eles há barracos de madeira desajeitados. Fumaça sobe de um tambor de gasolina amassado, e brasas incandescentes voam ao sabor do vento, alastrando o fedor de plástico queimado.

Joona está aqui em algum lugar, Erik pensa. Ele tem envenenamento do sangue e vai morrer a menos que receba os antibióticos certos muito em breve. Nenhuma outra pessoa no planeta fez tanto por Erik quanto o detetive grandalhão.

Uma mulher com um xale enrolado na cabeça encara Erik com olhar desconfiado e sai correndo quando ele se aproxima dela.

Ele vai até o primeiro trailer e bate na porta. Em cima de um bonito tapete debaixo do trailer há cinco pares de tênis surrados de vários tamanhos.

— Joona? — Erik chama em voz alta, e bate novamente.

O trailer balança um pouco, e então um homem idoso com os olhos enevoados pela catarata abre a porta. Atrás dele uma criança está sentada em um colchão. No chão há uma mulher dormindo, completamente vestida, com chapéu de lã e casaco de inverno.

— Joona — Erik diz, a voz abafada.

Um homem corpulento em uma túnica acolchoada aparece de repente atrás dele e, em um sueco precário, pergunta o que ele quer.

— Estou procurando um amigo meu. O nome dele é Joona Linna.

— Não queremos problemas — o homem diz, com um olhar ansioso.

— Eu vou perguntar a outra pessoa.

Erik caminha até o segundo trailer e bate na porta, que está coberta de marcas chamuscadas circulares, como se as pessoas tivessem apagado cigarros ali.

Uma moça de óculos abre cautelosamente. Ela veste um suéter grosso e uma calça de moletom folgada.

— Estou procurando um amigo doente — Erik diz.

— Casa ao lado — ela sussurra, com um olhar assustado.

Uma criança se aproxima e cutuca Erik com um crocodilo de plástico.

Erik passa por cima de duas muletas caídas no chão e caminha até o terceiro trailer. As janelas estão quebradas e cobertas com pedaços de papelão.

Na escuridão entre as árvores, um homem barbado e de aparência cansada está fumando um cigarro.

Erik bate na porta e, sem obter resposta, decide abri-la. No brilho de um radiorrelógio, ele vê seu amigo. Joona está deitado em um colchão úmido, usando um cobertor dobrado como travesseiro. Uma mulher idosa em uma antiquada jaqueta acolchoada está sentada ao lado dele, tentando fazê-lo beber um pouco de água de uma colher.

— Joona — Erik diz, baixinho.

O chão range quando ele sobe no trailer, sacudindo um balde de plástico cheio de água. O tapete no piso está molhado da chuva e há um forte cheiro de umidade e fumaça de cigarro. Pedaços de pano cinza-azulado cobrem as janelas remendadas com papelão. Assim que se embrenha mais para dentro, Erik vê um crucifixo na parede.

O rosto de Joona está macilento, coberto por uma barba grisalha, e seu peito parece afundado de um jeito anormal. Seu olhar está tão fora de foco que Erik não tem certeza se ele está realmente consciente.

— Vou te dar uma injeção antes de irmos embora — Erik diz, colocando a bolsa no chão.

Joona mal reage quando Erik levanta a manga de sua camisa, esfrega a dobra do braço com um cotonete, procura uma veia e injeta uma mistura de benzilpenicilina e aminoglicosídeo.

— Você consegue se levantar? — ele pergunta enquanto coloca uma bandagem no ponto onde enfiou a agulha.

Joona levanta ligeiramente a cabeça e tosse. Erik o ajuda a se levantar apoiado em um joelho. Uma latinha rola pelo chão. Joona tosse de novo, aponta para a mulher e tenta dizer alguma coisa.

— Eu não consigo ouvir — Erik diz.

— Crina precisa ser paga — Joona sussurra e se põe de pé. — Ela... me ajudou.

Erik assente, tira a carteira e dá à mulher uma nota de quinhentas coroas. Ela acena de volta e sorri com os lábios fechados.

Erik abre a porta e ajuda Joona a descer os degraus. Um homem careca de terno amarrotado segura a porta do trailer aberta para eles do lado de fora.

— Obrigado — Erik diz.

Um homem loiro de jaqueta preta e brilhante está se aproximando. Ele esconde algo nas costas.

Ao lado do trailer mais próximo há um terceiro homem segurando uma panela manchada de fuligem. Ele está vestindo calça de brim e um colete jeans, e seus braços nus são escuros de tatuagens.

— Você tem um carro legal — ele grita, com um sorriso.

Erik e Joona caminham em direção à estrada, mas o loiro bloqueia o caminho.

— Precisamos de algum dinheiro pro aluguel — ele diz.

— Eu já paguei — Erik responde.

O careca grita para dentro do trailer, e a velha vem até a porta e mostra o dinheiro que acabou de receber. O homem pega a nota, diz alguma coisa furiosa, depois cospe na mulher.

— Nós temos que cobrar aluguel de todo mundo aqui — o homem loiro explica, mostrando o tamanho do cano de metal que ele segura nas mãos.

Erik murmura algo evasivo para mostrar que está de acordo, pensando que seria melhor apenas tentar chegar ao carro, quando Joona se detém.

— Devolva o dinheiro para ela — ele diz, apontando para o careca.

— Eu sou o dono de todos os trailers — o loiro responde. — Tudo aqui é meu, todos os colchões, todas as painéis, porra.

— Eu não estou falando com você — Joona diz, e tosse cobrindo a boca com a dobra do braço.

— Não vale a pena — Erik sussurra, o coração acelerado.

— Pelo amor de Deus, temos um acordo com eles — o homem tatuado berra.

— Erik, entre no carro — Joona diz, e vai mancando na direção dos homens.

— Custa mais caro agora — o loiro diz.

— Eu tenho um pouco mais de dinheiro — Erik diz, pegando a carteira.

— Não faça isso — Joona diz.

Erik dá mais algumas notas para o homem loiro.

— Isso não é suficiente — ele diz.

— Devolva tudo — Joona diz ao loiro, a voz quase inaudível.

— É só dinheiro — Erik se apressa em dizer, e tira da carteira as últimas notas.

— Não para Crina — Joona diz.

— Volte correndo para casa e se esconda antes que a gente mude de ideia.

O homem loiro abre um sorriso largo, apontando para eles o cano de metal.

Joona fica imóvel com os braços ao redor do próprio corpo, inclinando-se ligeiramente para a frente. Ele vê o loiro apertar com mais força o cano de metal e se deslocar para o lado. O careca tira a jaqueta e a pendura sobre uma cadeira de plástico.

Joona ergue lentamente a cabeça e fita o homem careca nos olhos.

— Devolva o dinheiro para Crina — ele repete.

O careca ri, surpreso, e caminha de lado escuridão adentro. Há um clique quando ele abre um canivete.

— Eu vou te machucar se você não deixar essa navalha cair no chão agora — Joona diz em seu melancólico sotaque finlandês, e dá um passo à frente.

O careca se agacha e se move para o lado, segurando o canivete em um clássico aperto de martelo; em seguida, estende o braço e tenta desferir algumas punhaladas.

— Tenha cuidado — Joona diz, tossindo suavemente.

A lâmina do canivete é afiada e brilha na luz fraca. Joona observa e tenta ler os movimentos irregulares do homem.

— Você quer morrer? — o homem grunhe.

— Eu posso parecer lento — Joona diz —, mas vou pegar a faca e quebrar seu braço na altura do cotovelo. E se você não parar depois disso, vou perfurar seu pulmão direito.

— Fura o finlandês! — o homem loiro berra. — Fura o finlandês de merda!

— E eu vou lidar com você em seguida, quando eu estiver com o canivete — Joona avisa, tropeçando em uma bicicleta enferrujada.

O careca balança o canivete inesperadamente para o lado, e a lâmina acerta Joona nas costas da mão, que começa a sangrar.

O homem loiro recua com um sorriso forçado.

Joona limpa na calça o sangue da mão. O careca grita algo para o loiro. Um bebê começa a chorar em um dos trailers.

O homem loiro se move pelas costas de Joona. Joona percebe, mas está fraco demais para se mexer.

Quando Joona olha por cima do ombro, o careca desfere um ataque. Ele mira baixo, na direção dos rins de Joona. A lâmina branca avança feito a língua de um lagarto.

Acontece rápido, mas tudo ainda está lá na memória muscular. Joona não pensa enquanto se desvia da lâmina, agarra a mão do homem e fecha os dedos sobre os frios nós dos dedos do outro.

Joona dobra o pulso do homem, coloca sua outra mão sob o cotovelo dele e empurra para cima.

Quando o braço do homem se quebra, há um som de estalo, como alguém pisando um galho seco. O homem cai de joelhos, gritando, e se dobra de dor no chão.

— Atrás de você! — Erik grita.

Joona se vira. Subitamente tonto, tropeça em uma poça de água, mas consegue manter o equilíbrio.

Ele gira o canivete entre os dedos, muda o jeito com que aperta o cabo e o esconde atrás do corpo quando se aproxima do homem loiro.

— Me deixa em paz, porra! — o homem pede aos gritos, brandindo no ar o cano.

Joona parte para cima, recebe uma pancada no ombro, corta o loiro na testa e golpeia com o antebraço em gancho sua axila, desencaixando o braço da junta e obrigando o homem a soltar o cano no chão.

O loiro fica ofegante quando Joona agarra a parte de cima de seu braço e a move para trás, mas não consegue ver nada por causa do sangue escorrendo em seus olhos. Tropeça em uma pilha de madeira e fica lá deitado de costas.

O homem com a panela desapareceu na escuridão atrás do acampamento. Joona, arfando, se inclina e pega o dinheiro dos dois homens.

Ele bate na porta do trailer, apoiando-se para não cair. Erik corre e o segura quando ele cambaleia.

— Dê o dinheiro para Crina — Joona diz, e se senta no degrau.

Erik abre a porta do trailer, vê a mulher na penumbra, no canto, e mostra a ela onde ele está escondendo o dinheiro — debaixo do tapete.

Joona desliza na grama com a cabeça apoiada em um dos blocos de concreto que sustentam o trailer.

O homem tatuado surge de trás do primeiro trailer. Está segurando uma espingarda e se aproxima a passos largos.

Erik percebe que Joona não está em condições de correr, então ele rasteja para baixo do trailer e tenta arrastá-lo.

— Tente ajudar — ele sussurra.

Joona agita as pernas e vai deslizando lentamente para baixo do trailer. O cascalho gruda em sua jaqueta, e eles podem ouvir passos próximos.

Eles ouvem o homem com a arma abrir a porta do trailer e gritar com a velha. O chão acima deles troveja quando o homem entra.

— Vamos — Erik diz, rastejando mais à frente.

Ele bate a cabeça em um conduíte.

Joona se arrasta atrás dele, mas sua jaqueta se enrosca numa escora. Erik sai do outro lado do trailer e se esconde em meio a algumas urtigas.

Debaixo do trailer, Joona observa o homem tatuado sair.

Eles ouvem vozes e de repente o homem se abaixa, coloca as mãos no chão e olha diretamente para Joona, que jaz sob o trailer.

— Pega eles! — o homem loiro grita.

Joona tenta se soltar, e as costuras da jaqueta começam a se rasgar. O homem tatuado começa a andar ao redor do trailer, em meio à áspera vegetação rasteira.

Às pressas, Erik se enfia de novo debaixo do trailer, rasteja até Joona e solta a jaqueta dele.

Eles rolam para o lado, rastejam entre os blocos de concreto, saem mato adentro, tiram do caminho uma enferrujada folha de latão e se abrigam junto a um barraco.

O homem tatuado dá a volta no trailer, escorregando no chão molhado. Ele levanta a arma e faz pontaria.

Erik puxa Joona para fora da linha de fogo.

O homem os segue com a arma em riste. Eles se agacham ao lado de uma pia de cozinha instalada entre duas árvores.

A arma dispara e uma pilha de louças no corredor de pratos explode. Uma chuva de estilhaços cai sobre eles.

Há gritaria, e vozes ecoam pelas árvores. Erik leva Joona para trás do barraco. O homem tatuado os segue, esmagando sob os pés os cacos de pratos quebrados. A arma clica quando ele expele o cartucho e carrega um novo.

Erik sente as pernas tremerem enquanto arrasta Joona floresta adentro.

Eles se precipitam pelo terreno irregular, avançando com dificuldade por entre as cerradas moitas de arbustos de pinheiro e se enroscando em galhos.

As costas de Joona estão encharcadas de suor. Seu quadril está ardendo e ele perdeu toda a sensibilidade de um dos pés.

Erik o segura com firmeza pelo braço enquanto eles se movem pela margem da floresta em direção ao carro. Entre as árvores, podem ver a luz bruxuleante de lanternas de bolso, e uma dúzia de imigrantes discutindo depois de desarmar o homem tatuado.

Joona tem que descansar um pouco antes de ele e Erik atravessarem a estrada até o carro.

As pernas de Joona cedem, e ele praticamente cai no banco do passageiro e fecha os olhos, tossindo tanto que seus pulmões queimam.

Erik dá a volta no carro apressadamente, entra e tranca as portas, pois há um ruído estranho no para-brisa. O homem loiro com o rosto lambuzado de sangue é iluminado pelos faróis. Ele está segurando um pesado galho e o levanta quando Erik liga o motor e pisa fundo no acelerador. A roda da frente gira no gramado, e cascalho e pedrinhas voam sob o veículo.

Há outro estrondo, e o retrovisor lateral se solta e fica dependurado pelos fios enquanto o carro, com guinadas bruscas, volta para a estrada. Eles já podem ouvir o som de veículos de emergência além do trecho da floresta.

Nessa noite, Erik toma uma dose dupla de comprimidos para poder dormir, mas ainda assim acorda cedo e sai da cama ao raiar do dia. Ele achou que tinha pendurado uma camisa azul no espaldar da cadeira na noite anterior, mas não consegue encontrá-la e tem que pegar outra em seu guarda-roupa.

Joona ainda está dormindo no quarto de hóspedes quando Erik deixa a casa, usa um pouco de fita isolante para improvisar um conserto no retrovisor e sai com o carro.

Ao passar por um reboque transportando um cavalo, Erik pensa em como ajudou Joona a ir para a cama no quarto de hóspedes. A toalha acabou coberta de sangue depois que ele limpou o ferimento à faca na mão do finlandês e fechou o corte. Joona estava acordado o tempo todo, olhando para ele com calma. Erik aplicou-lhe uma injeção intramuscular antitetânica, um pouco de penicilina, fez com que ele bebesse um copo de água e em seguida examinou a lesão no quadril. A antiga ferida havia causado uma grande quantidade de hemorragia interna, que desceu pela perna sob a pele. Nada foi quebrado. Erik injetou um pouco de cortisona no músculo logo acima de seu quadril e o cobriu.

No caminho de volta do Hospital Karsudden, ele precisaria parar em uma farmácia e comprar topiramato para as enxaquecas de Joona.

As ruas e estradas estão tranquilas, e ainda é bem cedo quando ele passa por Katrineholm e se aproxima da enorme instituição.

Casillas está de pé nos degraus do lado de fora da recepção, batendo o cachimbo contra o corrimão. Ele estende a mão para cumprimentar Erik, que se aproxima pelo caminho.

— Realizamos exames neurológicos — ele explica, enquanto os dois se dirigem para os sombrios prédios de tijolos. — A cirurgia foi descartada. Disseram que o dano ao tecido cerebral dele é permanente. Pode ser que tenha uma vida funcional, ele só tem que aceitar os apagões e a memória errática.

Depois de passarem pelo registro na Seção D-4, eles são atendidos por uma funcionária com pés de galinha ao redor dos olhos.

— Rocky Kyrklund está esperando pelo senhor na sala calma — ela diz, apertando as mãos de Erik.

Não importa o que aconteça durante essa reunião, Erik contará a Margot sobre o pregador impuro, o homem que Rocky tentou culpar nove anos atrás.

Eles param, e Casillas explica à mulher que ela deve esperar do lado de fora da sala e, quando terminar, escoltar Erik até a saída.

Erik empurra para o lado a cortina de contas e entra. Rocky está sentado no meio de um dos sofás com os braços estendidos ao longo das costas do móvel, como se tivesse sido crucificado. Há uma caneca de café e um pãozinho de canela sobre a mesinha baixa a sua frente. Música clássica suave está tocando de dois alto-falantes.

Rocky roça a nuca na parede, depois olha para Erik com uma expressão completamente relaxada.

— Nada de cigarros hoje? — ele diz depois de algum tempo.

— Eu posso providenciar — Erik responde.

— Em vez disso, me arranje uma caixa de Nitrazepam — Rocky diz, ajeitando o cabelo atrás das orelhas.

— Nitrazepam?

— Aí Jesus vai perdoar você pelos seus pecados.

— Eu posso falar com o seu médico se...

— Você tomou alguma coisa, não? — Rocky o interrompe. — Nitrazepam? Rohypnol?

Erik enfia a mão no bolso interno da jaqueta e dá a ele uma cartela inteira.

Rocky tira um comprimido e engole sem beber nada.

— Da última vez que estive aqui, perguntei a você sobre alguém, um colega seu — Erik diz, sentando-se em uma poltrona.

— Eu não tenho colega nenhum — Rocky diz, em tom sinistro. — Porque Deus me perdeu em algum lugar ao longo do caminho e nunca voltou para me procurar.

Ele move a caneca branca de plástico e pega com o dedo indicador um torrão de açúcar.

— Você tem alguma lembrança de ser ajudado por um cúmplice no assassinato?

— Por que você está perguntando?

— Nós conversamos sobre isso da última vez.

— Eu disse que tinha um cúmplice?

— Sim — Erik mente.

Rocky fecha os olhos e acena devagar a cabeça.

— Você sabe... eu não posso confiar na minha memória — ele diz, e abre de novo os olhos. — Eu posso acordar no meio da noite e me lembrar de um dia de vinte anos atrás e anotar tudo. Uma semana depois, quando leio o que escrevi, parece que inventei tudo, como se nunca tivesse acontecido. E é claro que eu realmente não sei. É a mesma coisa com a minha memória de curto prazo. Metade

dos meus dias desaparece. Eu tomo meu remédio, jogo sinuca, converso com alguns idiotas, almoço, e aí tudo some.

— Você ainda não me disse se tinha um cúmplice quando assassinou Rebecka.

— Eu não dou a mínima para isso. Você me diz que esteve aqui, mas eu nunca te vi mais gordo...

— Eu acho que você se lembra de que eu estive aqui.

— Você acha?

— E acho que você mente às vezes — Erik diz.

— Você está dizendo que eu conto mentiras?

— Ainda agora você se referiu aos cigarros que te dei da última vez.

— Eu queria ver se você estava acompanhando — Rocky diz com um sorriso.

— Então, do que você se lembra?

— Por que eu deveria te dizer? — ele toma um gole de café; em seguida, lambe os lábios.

— Seu cúmplice começou a matar por conta própria.

— Bem feito, neste caso — resmunga Rocky, e de repente começa a tremer.

A caneca cai de sua mão, derramando o resto de café no chão, e seu queixo estremece. Seus olhos reviram para trás, as pálpebras se fecham e se contraem. O ataque epilético dura apenas alguns segundos. Em seguida ele se endireita, enxuga a boca e olha para cima, aparentemente sem ter consciência do que acabou de acontecer.

— Você me falou antes sobre um pregador — Erik diz.

— Eu estava sozinho quando matei Rebecka Hansson — Rocky diz em voz baixa.

— Então, quem é o pregador impuro?

— Que diferença faz?

— Apenas me conte a verdade.

— O que eu ganho com isso?

— O que você quer?

— Eu quero heroína pura. — Rocky encara Erik.

— Você pode obter permissão para sair, se me ajudar — Erik diz.

— Eu não me lembro. De qualquer forma, tudo acabou. Isso não tem sentido.

Erik se inclina para a frente na poltrona macia.

— Eu posso ajudar você a se lembrar — ele diz depois de uma pausa.

— Ninguém pode me ajudar.

— Não no sentido neurológico, mas posso te ajudar a se lembrar do que aconteceu.

— Como?

— Eu posso hipnotizar você.

Rocky inclina a cabeça e a encosta na parede. Seus olhos estão meio fechados e sua boca está levemente franzida.

— Não há nada com que se preocupar. A hipnose é apenas uma maneira de acessar outro nível de consciência através do relaxamento profundo.

— Eu li um periódico, *Córtex* , e me lembro de um longo artigo sobre neuropsicologia e hipnose — Rocky diz, acenando com a mão.

Eles foram para o quarto de Rocky, com a porta fechada e a iluminação diminuída. A luz fraca da lâmpada reflete um calendário da *Playboy*. Erik montou o tripé, conectou a câmera de vídeo e ajustou o ângulo e a exposição, e fez questão de verificar se o microfone estava apontando na direção certa.

Um pequeno ponto vermelho indica que a câmera está gravando.

Kyrklund está sentado em uma cadeira. Seus ombros largos estão relaxados, arredondados como os de um urso. Sua cabeça está tombada. Ele rapidamente entrou em um profundo estado de relaxamento e respondeu bem à indução.

A parte difícil não é realizar o ato da hipnose, mas encontrar o nível certo e colocar o paciente num estado em que o cérebro esteja o mais relaxado possível, mas ainda capaz de distinguir entre lembranças reais e sonhos.

Erik está de pé logo atrás de Rocky, e lentamente conta de trás para a frente enquanto prepara Rocky para examinar suas memórias.

— Duzentos e doze — Erik diz com voz monótona. — Duzentos e onze... você logo vai se ver do lado de fora da casa de Rebecka Hansson.

Erik reconhece que está entrando em um estado de ressonância hipnótica. Ele sabe que precisa ser cuidadoso, especialmente com um paciente volátil como Rocky. É fundamental que Erik consiga diferenciar entre o seu eu da vida real e o seu eu observador.

O eu observador, no transe pessoal de Erik, está sempre embaixo d'água. Essa tornou-se sua imagem interna de imersão hipnótica.

Enquanto seus pacientes são conduzidos através de suas memórias, Erik afunda em um mar quente, passando por penhascos íngremes e corais.

Aferrando-se a essa imagem, Erik pode permanecer totalmente presente na experiência do paciente, mas ainda assim manter uma distância de proteção.

— Oitenta e oito, oitenta e sete, oitenta e seis — Erik continua a sonolenta contagem regressiva. — A única coisa que existe é minha voz e o seu desejo de ouvi-la. A cada número você mergulha mais e mais no relaxamento... oitenta e cinco, oitenta e quatro... Não há nada perigoso aqui, nada com que se preocupar.

Enquanto conta, Erik se sente afundando na água rosada com Rocky Kyrklund. Eles estão seguindo a corrente de uma âncora. Os elos enferrujados estão cobertos

de algas fibrosas. Acima deles, na superfície prateada, o casco de um imenso navio com propulsores imóveis.

Eles vão mais para o fundo.

Os olhos de Rocky estão fechados e pequenas bolhas de ar sobem de sua barba. Seus braços estão ao lado do corpo, mas a água passando por eles faz com que suas roupas balancem.

— Cinquenta e um, cinquenta, quarenta e nove...

Erik avista, em meio à escuridão violeta, o topo de uma vasta montanha submarina, preto-acinzentada, como um monte de cinzas.

Rocky ergue o rosto e tenta olhar, mas apenas o branco de seus olhos é visível. Sua boca se abre e seus olhos se fecham novamente. Seu cabelo está flutuando acima da cabeça quando bolhas brotam de suas narinas.

— Onze, dez, nove... você será capaz de se lembrar de todas as suas memórias reais de Rebecka Hansson quando eu te disser para fazer isso.

Enquanto Erik afunda na água, simultaneamente observa Rocky na cadeira em seu quarto. Um fio de saliva está pendurado em sua boca e as costuras de seu colete branco estão se soltando sob seus braços.

— Três, dois, um... agora você abre os olhos e pode ver Rebecka Hansson do jeito que ela estava quando a viu pela última vez.

Rocky está em pé na frente dele em cima da montanha submersa, suas roupas se movendo na suave correnteza, seu cabelo flutuando feito lentas chamas acima de sua cabeça. Ele abre a boca, e bolhas grandes escorrem e flutuam bem na frente de seu rosto.

— Diga-me o que você pode ver — Erik o instrui.

— Eu a vejo... estou no jardim nos fundos da casa. Através da porta da varanda eu a vejo sentada no sofá assistindo à televisão. Suas agulhas de tricô estão se movendo, e uma bola de lã azul se desfaz lentamente ao lado de seu quadril. Ela disse que não quer me ver, mas acho que ela vai abrir as pernas de qualquer maneira.

— O que está acontecendo?

— Eu bato na porta de vidro. Ela tira os óculos e me deixa entrar. Ela diz que tem que ir para a cama porque vai trabalhar de manhã cedo, mas que eu posso passar a noite se quiser.

Erik não interrompe, apenas aguarda o próximo segmento de mensagens, espera que as imagens se juntem.

— Eu me sento no sofá e toco o colar dela. Há um antigo molde de tricô em uma revista feminina no chão... Rebecka coloca a agulha e a linha sobre a mesa, e eu deslizo a mão entre suas coxas. Ela se afasta, diz que não quer, mas eu levanto a camisola de novo...

Rocky está respirando pesadamente.

— Ela resiste, mas eu sei que mudou de ideia, posso ver nos olhos dela, ela quer isso agora... eu a beijo e coloco minha mão entre suas pernas.

Ele está sorrindo para si mesmo na cadeira, depois fica sério.

— Ela diz que temos que ir para o quarto dela, e eu coloco um dedo em sua boca, e ela chupa, e... do lado de fora.

Rocky para e apenas olha, com os olhos bem abertos.

— Tem alguém do lado de fora! Eu posso ver um rosto. Há alguém na janela.

— Do lado de fora da casa? — Erik pergunta.

— Era um rosto. Eu vou até a porta de vidro, mas não vejo nada... apenas a escuridão e a sala refletida no vidro. E então vejo alguém em pé atrás de mim. Eu giro, pronto para atacar, mas é só Rebecka. Ela fica com medo e me diz para ir embora... ela está falando sério, então vou para a entrada e pego todo o dinheiro que ela tem na bolsa e...

Ele se cala, respirando com mais força, e a energia na sala muda, lentamente se torna mais perigosa.

— Rocky, eu quero que você fique com Rebecka — Erik diz. — É a mesma noite, você está em casa com ela e...

— Eu fui para a Zona — Rocky o interrompe em uma voz arrastada.

— Mais tarde naquela noite, você quer dizer?

— Eu ignoro as dançarinas de striptease no palco principal — ele sussurra. — Eu ignoro os traficantes, porque o que estou procurando...

— Você volta para Rebecka?

— Não, nós nos sentamos no banheiro de pessoas deficientes, para podermos ficar sozinhos.

— De quem você está falando?

— Minha namorada... a mulher que eu amo. Tina, que... ela me faz um boquete sem camisinha, ela não se importa. Ela está com pressa agora, está toda suada.

Erik se pergunta se é melhor tirar o paciente da hipnose. Ele pode sentir Rocky se deslocando rapidamente através de suas memórias, e não sabe mais se é possível mantê-lo no nível certo.

— Tina tosse na pia e olha para mim no espelho com medo nos olhos. Sei que ela não está bem, mas...

— Tina é sua cúmplice? — Erik olha para a expressão transparente de Rocky.

— Puta que pariu, eles me devem cem mil, eu vou conseguir na semana que vem — ele murmura. — Mas agora eu só posso pagar... umas merdas marrons que eu tenho que dissolver em ácido para poder injetar.

Rocky começa a balançar a cabeça ansiosamente e respira de forma descompassada pelo nariz.

— Não há perigo aqui — Erik diz com toda a calma possível. — Você está bem seguro, você pode falar sobre tudo o que acontece.

O corpo de Rocky relaxa de novo, mas seu rosto está enrugado e suado.

— Eu me sento lá e a deixo pegar a colher. Eu não estou mais a fim, mas me sinto ótimo e começo a cochilar. Eu a vejo amarrar um torniquete de borracha em torno do braço... a borracha está ficando emaranhada e ela não consegue ajeitar. Eu estou chapado demais para ajudá-la. Eu a ouço pedir ajuda com um soluço na voz...

Rocky choraminga ligeiramente, e a atmosfera parece se contrair em uma única pontada escura.

— O que está acontecendo agora? — Erik pergunta.

— A porta se abre — Rocky responde. — Algum desgraçado arrombou a fechadura. Eu fecho os olhos. Tenho que descansar, mas sei que é o pregador, o pregador me achou...

— Como você sabe disso?

— Eu posso dizer por causa do cheiro imundo de bagulho velho. É abstinência, cheira a metal, a tripas de peixe.

Rocky balança a cabeça novamente. Sua respiração está ficando rápida demais, e Erik acha que deveria começar a tirá-lo da hipnose, mas se contém.

— O que está acontecendo? — ele sussurra.

— Eu abro os olhos, e o pregador está um caco — ele diz. — Hepatite, provavelmente, olhos completamente amarelos... O pregador funga um pouco e começa a falar muito alto.

A respiração de Rocky é superficial, ele se remexe na cadeira e geme de angústia entre as palavras.

— O pregador vai até Tina. Ela injetou, mas não consegue soltar o garrote... querido Deus no céu, tenha piedade de minha alma, querido Deus no céu...

— Rocky, eu vou começar a acordar você e...

— O pregador está segurando um facão, e o som parece o de quando você enfia uma pá na lama...

Rocky começa a vomitar. Está muito ofegante agora, mas continua falando.

— O pregador decepa o braço dela na altura do ombro, afrouxa o torniquete e bebe...

— Ouça a minha voz agora.

— E bebe o sangue do braço dela... enquanto Tina está sangrando até a morte no chão... querido Deus no céu... Querido Deus...

— Três, dois, um... agora você está acima do banheiro para deficientes, você está bem acima dele e nada que você possa ver vai te machucar...

— Querido Deus — Rocky soluça, pendendo a cabeça.

— Você ainda está em um estado de profundo relaxamento e vai me dizer o quanto do que você acabou de me contar foi um sonho. Você tomou drogas e estava tendo pesadelos. Você está se olhando no chão do banheiro. O que realmente está acontecendo?

— Eu não sei — Rocky diz, devagar.

— Quem é ele?

— O rosto do pregador está coberto de sangue... me mostra uma foto polaroide de Rebecka... como Tina na semana anterior e...

Sua voz rouca desaparece, mas sua boca continua se movendo por um tempo até parar. Ele inclina a cabeça grande para o lado e olha diretamente para Erik com os olhos vazios.

— Eu não ouvi o que você disse — Erik diz.

— É minha culpa... eu deveria arrancar meu olho, pois ele me faz pecar, seria melhor arrancar meu olho do que isso.

Rocky tenta se levantar, mas Erik o segura com uma mão delicada sobre seu ombro e sente o corpanzil vibrar, tremendo de medo.

— Você está em um estado de profundo relaxamento — Erik diz, o suor escorrendo pelas costas. — Mas antes de você acordar, quero que olhe diretamente para o pregador e... me diga o que você vê.

— Estou deitado no chão. Eu posso ver botas... consigo sentir o cheiro de sangue e fecho os olhos.

— Volte um pouco.

— Eu não consigo mais — Rocky diz, e começa a sair de sua hipnose.

— Fique aí, só por um segundo. Não há perigo, você está relaxado, está me contando sobre a primeira vez que viu o pregador impuro.

— Foi na igreja.

Ele abre os olhos por um momento, depois os fecha novamente e murmura algo inaudível.

— Conte-me sobre a igreja — Erik diz. — O que está acontecendo?

— Eu não sei — Rocky engasga. — Não é um sermão...

— O que você pode ver?

— Ele está usando maquiagem por cima da barba por fazer, e seus braços estão tão fodidamente repletos de buracos que...

Rocky tenta se levantar, mas sua cadeira cai, e ele desaba e bate com a nuca no chão.

Rocky rola para o lado e Erik o ajuda a se levantar. Ele endireita as costas, esfrega a boca com a mão, depois empurra Erik para longe e vai até a janela.

— Você se lembra de alguma coisa de quando estava hipnotizado? — Erik pergunta, pegando a cadeira do chão.

Rocky se vira e olha para ele com os olhos apertados.

— Eu estava engraçado?

— Você falou muito sobre o pregador. Você sabe qual é o nome verdadeiro dele, não sabe?

Rocky franze os lábios e balança a cabeça devagar.

— Não.

— Eu acho que você sabe, e eu não entendo por que você o está protegendo.

— O pregador é apenas um bode expiatório, um...

— Dê-me um nome, então — Erik insiste.

— Eu não me lembro — Rocky diz.

— Um lugar, então. Onde ele está? Onde fica a Zona?

A luz do sol por trás brilha através de sua barba em suas bochechas vincadas.

— Esta foi a primeira vez que você me hipnotizou? — Rocky pergunta.

— Eu nunca o hipnotizei antes.

— No que me diz respeito, a avaliação foi uma perda de tempo — Rocky diz sem ouvir. — Mas eu gostei de falar com você.

— Você se lembra disso? Foi quase dez anos atrás.

— Eu me lembro de sua jaqueta de veludo cotelê marrom que já naquela época devia ser retrô pra caramba. Costumávamos nos sentar de frente um para o outro a uma mesa... de compensado, com verniz de bétula, dá para dizer pelo cheiro. Copos de papel com água, gravador, bloco de notas... e a minha cabeça estava doendo de novo. Eu precisava de morfina, mas primeiro queria falar sobre meu álibi.

— Eu não me lembro disso — Erik diz, dando um passo para trás.

Rocky fuça a janela entre as barras.

— Eu anotei o endereço de Olivia, mas isso nunca foi mencionado no tribunal.

— Mas você confessou ter assassinado...

— Apenas me diga o que aconteceu com o meu álibi — Rocky o interrompe.

— Para falar a verdade, eu não levei aquilo a sério.

Rocky se vira, se aproxima, se inclina um pouco e abaixa a cabeça, como se para ver Erik melhor.

— Então você nunca mencionou isso para o meu advogado de defesa?

Erik olha de relance por cima do ombro e vê que a mulher que estava de guarda do lado de fora desapareceu.

Com o pé, Rocky empurra para longe as cadeiras entre eles.

— Não me lembro de ter recebido um endereço — Erik se apressa em dizer. — Mas se eu tivesse recebido, tenho certeza que teria repassado à sua equipe de defesa.

— Você jogou fora, não foi? — Rocky pergunta em tom sinistro e chega mais perto.

— Calma. — Erik se move em direção à porta.

— Você me condenou a isto! — Rocky grita. — Foi você! Você fez isto comigo!

Erik está de costas para a porta e ergue as mãos para conter Rocky, mas não tem chance de se defender. Rocky apenas empurra os braços dele para o lado e lhe dá um soco no peito. O golpe parece uma marretada. Todo o ar sai dos pulmões de Erik e ele não consegue respirar. O murro seguinte atinge exatamente o mesmo lugar, e a cabeça de Erik bate contra a porta com um baque surdo.

Ele está se esforçando para ficar em pé. O zíper da jaqueta raspa o papel de parede texturizado quando ele se move para o lado para fugir. Ele levanta a mão para se defender de Rocky, tosse e tenta respirar.

— Você quer que eu investigue o seu álibi? — ele sussurra.

— Mentiroso! — Rocky ruge, agarrando Erik pelo queixo e apertando sua boca fechada.

Rocky puxa Erik e acerta um tapa na lateral de sua cabeça com tanta força que sua visão fica preta. Ele cambaleia com a potência da pancada, cai sobre a cadeira de plástico e se encosta na armação de metal da cama. O impacto faz suas costas estalarem. Ele puxa as cobertas da cama enquanto desliza para o chão, sua bochecha queimando.

— Já chega agora — Erik suspira, arrastando-se para trás.

— Cala a boca — Rocky grita, empurrando para o lado a cadeira de plástico.

Quando ele se inclina para a frente, Erik aplica um chute que o acerta no peito. Rocky agarra o pé dele e Erik chuta com o outro. Seu sapato sai, e Rocky tropeça para trás assim que o guarda entra segurando um *taser*.

— Fique de pé contra a parede, Rocky! Mãos atrás da cabeça, pés afastados.

Erik fica de pé lentamente e ajeita suas roupas. Com as mãos trêmulas, ele recolhe as cobertas do chão e as coloca de volta na cama.

— Pode parecer um pouco estranho — ele engasga, sentindo o gosto de sangue na boca —, mas eu tive uma câibra na perna e Rocky estava me ajudando a tirar meus sapatos.

O guarda olha para ele.

— Uma câibra?

— Já está melhor.

Rocky está ao lado, imóvel e em silêncio, os dedos entrelaçados atrás do pescoço. A parte de trás do colete branco está molhada de suor.

— O que você tem a dizer, Rocky?

Ele abaixa as mãos e se vira devagar, coça a barba e faz que sim com a cabeça.

— Eu estava ajudando o médico com o sapato — ele diz rispidamente.

— Nós gritamos, mas ninguém ouviu — Erik explica. — Eu tentei me deitar na cama, mas escorreguei no chão.

— Está se sentindo melhor agora? — Rocky pergunta, pegando o sapato de Erik do chão.

— Muito melhor, obrigado.

O guarda fica lá segurando o *taser*, olha para eles, depois assente, embora algo obviamente não esteja certo.

— A visita acabou — o guarda diz.

— Se você puder apenas me dizer o sobrenome de Olivia, eu posso encontrá-la — Erik diz, fitando Rocky nos olhos.

— O nome dela é Olivia Toreby — ele diz simplesmente.

Erik sai com o guarda, segue-o ao longo do corredor e vê que Casillas está falando com o chefe de seção na sala de recreação onde os pacientes passam o dia.

— Foi tudo bem? — Casillas pergunta.

Erik se detém na porta, a bochecha ainda ardendo com a força do golpe.

— Eu tenho que dizer: você fez um trabalho extraordinário com o paciente — ele responde.

— Obrigado. — Casillas sorri. — Tenho certeza de que ele teria sido solto se tivesse entrado com pedido de liberdade condicional, mas parece que ainda não cumpriu sua penitência.

Erik pega o celular e tecla o número de Margot para contar a ela sobre Olivia Toreby.

Joona abre os olhos e fita o teto branco. A luz do dia se infiltra no quarto pelas beiras das persianas de rolo azul-escuras. A janela está ligeiramente entreaberta e o ar puro entra, refrescando os lençóis limpos.

Melros cantam no jardim.

Ele olha para o despertador e vê que dormiu por treze horas seguidas. Erik deixou-lhe um telefone e, sobre a mesinha de cabeceira, duas cápsulas cor-de-rosa e três comprimidos em cima de um bilhete em que ele lê: “Engula-nos agora, beba uma tonelada de água e dê uma olhada na geladeira”.

Joona engole os medicamentos, esvazia o copo de água e geme enquanto se levanta. Mas consegue pelo menos aguentar algum peso em sua perna. A dor ainda está lá, porém é muito mais leve. A náusea e a dor no estômago desapareceram como se nunca tivessem existido.

Ele vai até a janela e olha para as macieiras enquanto tecla o número de Lumi.

— É o papai — Joona diz, sentindo o coração apertar.

— Papai?

— Como vai você? Está gostando de Paris?

— É um pouco maior que Nattavaara — a filha responde com uma voz que poderia ser de Summa.

— Como está a faculdade?

— Eu ainda acho um pouco confuso às vezes, mas no geral estou achando muito bom.

Joona certifica-se de que ela tem tudo de que precisa, e Lumi lhe diz para raspar a barba e voltar para a polícia, e então eles encerram a ligação.

Erik deixou-lhe uma calça de moletom preta e uma camiseta branca. As roupas são muito pequenas — a calça tremula ao redor de suas panturrilhas e a camiseta é apertada no peito. Ao lado da cama há um par de chinelos brancos, do tipo que se recebe em hotéis.

Joona pensa em como mistérios são apenas mistérios até que você tenha descartado todas as impossibilidades.

Quando ele estava no hospital, Margot lhe disse que os vídeos tinham sido gravados muito antes de os assassinatos acontecerem.

Maria Carlsson não estava vestindo nada além de roupa íntima preta, mas as costuras da meia-calça que usava quando morreu eram diferentes das que apareciam no vídeo. A colher encontrada no pote de sorvete na casa de Susanna Kern não era a mesma que estava no vídeo, e a autópsia provavelmente mostrará que Sandra Lundgren não havia injetado insulina na coxa no dia em que foi assassinada.

Espreitamento clássico. As mulheres foram observadas, e o comportamento delas mapeado por um longo período.

Joona se apoia nas paredes enquanto caminha em direção à cozinha. Ele diz a si mesmo que vai ligar para a polícia em Huddinge e acompanhar os eventos do dia anterior assim que conseguir alguma coisa para comer.

Bebe mais um pouco de água, prepara café e olha para a geladeira, onde encontra meia pizza e um pote de iogurte.

Sobre a mesa da cozinha, ao lado da xícara de café vazia de Erik, há papéis impressos relativos a um caso de quase dez anos atrás que havia sido julgado no Tribunal Distrital de Södertälje.

Joona come a pizza fria enquanto lê o veredicto, a análise da autópsia e todo o relatório da investigação.

O assassinato antigo tem extraordinárias semelhanças com os homicídios recentes.

O vigário da paróquia de Salem, Rocky Kyrklund, foi preso e condenado pela morte de uma mulher chamada Rebecka Hansson.

Joona estava bem fora de órbita no dia anterior, quando Erik cuidou dele, mas consegue lembrar-se do que Erik disse. Margot pediu-lhe que fosse conversar com um sujeito condenado a tratamento psiquiátrico. Ela queria que Erik descobrisse se ele tinha algum cúmplice ou discípulo.

Ela deve ter se referido a Rocky Kyrklund.

O raciocínio de Margot está na linha certa, Joona pensa, apoiando os braços na mesa enquanto se levanta de novo. Ele anda descalço até o quintal e se senta no sofá-balanço do jardim, que está sem as almofadas. Em seguida, caminha até o galpão.

De um lado, há um alvo de dardos danificado pela água. Joona abre a porta e pega as almofadas do sofá-balanço. Volta até o galpão para fechar a porta, mas para e olha para a cuidadosa arrumação das ferramentas e utensílios de jardinagem na parede.

Na ponta da rua sem saída, um caminhão de sorvete começa a tocar sua musiquinha. Joona pega uma velha faca com cabo de madeira vermelho e testa seu peso, depois pega uma faca menor em uma capa de plástico, sai e fecha a porta.

Ele coloca a faca menor no chão ao lado do balanço, depois se posiciona no meio do gramado e avalia o peso da outra faca na mão direita. Segura em um ponto diferente do cabo, tentando encontrar algum tipo de equilíbrio, uma sensação de leveza, depois coloca a faca no quadril e estica o outro braço, sentindo um puxão na ferida.

Cautelosamente ele tenta executar com a faca um *kata* contra dois adversários. Não completa todos os elementos e ainda sente as pernas frustrantemente pesadas quando termina.

Joona torce o corpo e move as pernas na ordem inversa, deixando desprotegido o torso do primeiro atacante. Ele executa um corte diagonal, começando na parte inferior, bloqueia a mão do segundo atacante e desvia a força do ataque enquanto sua faca se move para baixo e, em seguida, desliza para fora do perigo.

Ele repete o padrão dos movimentos, lentamente, com perfeito equilíbrio. Seu quadril dói, mas seu nível de concentração é o mesmo de antes.

Os diferentes elementos do *kata* são complicados apenas porque não são naturais, mas contra oponentes não treinados podem ser extremamente eficazes. Em nove movimentos coordenados, os atacantes são desarmados e se tornam inofensivos. Funciona como uma armadilha — se alguém escolhe atacar, a armadilha é acionada.

Katas e treinos de sombras contra oponentes imaginários nunca podem substituir ataque e defesa com gente de carne e osso e o combate da vida real, mas acostumam o corpo aos movimentos e, por repetição, o treinam para pensar que certos movimentos lhe pertencem.

Joona encolhe os ombros, encontra o equilíbrio, dá alguns golpes, segue com o cotovelo e repete o *kata*, mais rápido dessa vez. Ele executa o corte vertical, desvia o ataque imaginário e muda a forma de segurar o cabo, mas deixa a faca cair na grama.

Ele para e endireita as costas. Ouve o canto dos pássaros e o vento nas árvores. Respira fundo algumas vezes, inclina-se, pega a faca, sopra para tirar um pouco de grama dela e encontra seu centro de gravidade. Em seguida, pega a faca na mão direita e a arremessa contra o alvo, que balança. Os velhos dardos se soltam e caem na grama.

Alguém bate palmas suavemente. Joona se vira e vê uma mulher no jardim. Ela é alta e loira e o está observando com um sorriso.

A mulher que olha para Joona tem uma postura inibida, mas relaxada, lembrando um manequim. Os braços são finos e as mãos, muito sardentas. Ela usa pouca maquiagem e enrubesce ligeiramente.

Joona se abaixa e pega a segunda faca no chão, avalia seu peso e depois a joga por cima do ombro em direção ao alvo. Ela acaba nos galhos da bétula e cai na grama ao lado do galpão. A mulher aplaude de novo e caminha até ele, sorrindo.

— Joona Linna? — ela pergunta.

— Não é fácil dizer com uma barba assim, mas acho que sim.

— Erik disse que você estava confinado à cama e...

A porta da varanda se abre e Erik surge no quintal com um olhar preocupado.

— É melhor você ter cuidado com esse quadril até fazermos um raio X.

— Tudo bem — Joona diz.

— Eu dei a ele cortisona em...

— Você me disse — a sorridente mulher o interrompe —, e parece ter funcionado.

— Esta é Nelly — Erik diz. — Ela é uma colega, uma das melhores psicólogas do país para crianças traumatizadas.

— Eu não iria tão longe — ela diz, apertando a mão de Joona.

— Como você está se sentindo? — Erik pergunta.

— Bem — Joona responde em voz baixa.

— A penicilina vai fazer efeito de verdade amanhã, e você vai se sentir muito mais forte — Erik diz.

Joona solta um gemido ao se abaixar para acomodar-se no sofá-balanço. Os outros dois sentam-se ao seu lado, e eles se balançam gentilmente. As molas rangem e as almofadas emitem um cheiro úmido e mofado.

— Você leu as anotações do relatório sobre a investigação? — Erik pergunta depois de um tempo.

— Sim — Joona diz, olhando para ele.

— Eu fui falar com Rocky hoje de manhã. Ele vem tendo terríveis problemas de memória desde o acidente, mas estava disposto a tentar a hipnose.

— Você o hipnotizou? — Joona pergunta, com interesse.

— Eu não tinha certeza se funcionaria, dada a quantidade de danos ao tecido cerebral e os ataques epilépticos dele.

— Mas ele foi receptivo? — Joona inclina a cabeça para trás e olha para o céu.

— Sim, mas não foi fácil descobrir quais das lembranças eram reais. Rocky consumia um bocado de drogas naquela época, e algumas das coisas que ele disse sob hipnose — que deveriam ser memórias — soaram mais como pesadelos ou delírios.

— Deus, isso parece difícil — Nelly diz, esticando os tornozelos.

Erik se levanta, fazendo o balanço do sofá se mover novamente.

— Na verdade, eu só ia perguntar sobre o assassinato de Rebecka Hansson para descobrir se ele tinha um cúmplice. Mas, sob hipnose, Rocky parecia ser completamente inocente.

— De que maneira? — Joona pergunta.

— Ele continuou voltando a um homem que ele chama de pregador. O pregador impuro.

— Isso é um pouco assustador — Nelly diz.

— E agora, de repente, ele se lembra de que tem um álibi para a noite do assassinato — Erik diz em voz baixa.

— Ele disse isso sob hipnose? — Joona pergunta.

— Não. Nesse momento ele estava acordado.

— Existe alguém que possa confirmar o álibi?

— O nome dela é Olivia Toreby. Ele se lembrou disso na época, mas provavelmente esqueceu de novo — Erik diz, desviando o olhar.

— Interessante — Nelly diz.

— Vale a pena checar, de qualquer maneira — Erik diz.

— Você falou com Margot sobre isso? — Joona pergunta.

— Claro.

— Os psicólogos estão ganhando, um a zero — Nelly diz.

Erik se senta ao lado dela de novo, e eles passam algum tempo balançando, dormitando ao sabor do lento ranger das molas de metal, o canto dos pássaros e os sons de crianças brincando em um jardim próximo.

Então o telefone de Erik vibra na almofada. É Margot.

Joona atende.

— Suponho que você tenha verificado os registros criminais e o banco de dados da polícia?

— É bom saber que você está se sentindo melhor — Margot diz com voz áspera.

— Pode ser que o assassino tenha cumprido pena ou estado fora do país todos esses anos — Joona continua. — Tenho bons contatos na Europol e...

— Joona, eu não posso discutir a investigação com você — ela o interrompe.

— Não, mas eu estava apenas tentando dizer que nove anos é um longo período de calma para um...

— Eu entendo o que você quer dizer, mas o álibi de Rocky Kyrklund não se sustenta.

— Você a encontrou?

— Olivia Toreby não tinha ideia do que estávamos falando. Ela estava morando em Jönköping na época, e não encontramos nenhuma conexão entre ela e Rocky Kyrklund.

— Então você ainda acha que ele tinha um aprendiz? Que ele está envolvido nos assassinatos?

— É por isso que estou ligando para o Erik — Margot diz. — Eu quero que ele volte e pergunte a Rocky diretamente sobre cúmplices.

— Aqui está ele — Joona entrega o telefone.

Enquanto Erik está conversando com Margot, Joona pega as facas e as leva de volta ao galpão. Por um momento ele descansa apoiado ao guidom de um cortador de grama. Há um pequeno vespeiro no telhado.

Quando ele sai de novo, Erik não está mais ao telefone e se esticou ao lado de Nelly.

— Você normalmente liga para testemunhas a fim de perguntar sobre álibis? — Erik pergunta.

— Depende — Joona responde.

— É só que... você não sabe se as pessoas estão prontas para se envolver — Erik diz. — Você não sabe se as pessoas dizem a verdade quando a polícia as procura muitos anos depois.

— Não — Joona diz.

— Eu preciso falar com ela se quiser ter condições de voltar até Rocky e olhar nos olhos dele — Erik diz.

Joona quer ir com Erik falar com Olivia Toreby, mas aceita que é cedo demais. Erik lhe dá mais penicilina, outra injeção de cortisona no quadril e faz questão de instruí-lo a tomar cinquenta miligramas de topiramato para evitar novas enxaquecas.

Nelly senta no banco do passageiro e, ao sair com o carro, Erik olha pelo retrovisor e vê Joona sentado de novo no balanço.

— Devo te levar para casa? — Erik pergunta.

— Você não disse que ela morava em Jönköping?

— Aparentemente ela se mudou para Eskilstuna há cinco anos.

— Fica a apenas uma hora de distância, não é?

— Sim.

— Martin disse que vai ficar trabalhando até tarde hoje — Nelly diz. — Eu não quero ter que me sentar em casa sozinha com todas aquelas janelas. Continuo com a sensação de que alguém está me espionando.

— Você acha que alguém pode estar te observando?

— Não. — Ela ri. — Eu só estou com medo do escuro.

Eles descem a estrada Enskede em direção a Södertälje e ficam em silêncio enquanto passam por uma comprida cerca cinza à prova de ruído.

— Você disse que tinha certeza de que o padre era culpado — Nelly diz depois de algum tempo, olhando para ele.

— Ele mesmo disse. Falou que tinha matado Rebecka. Mas, depois da hipnose, de repente se lembrou.

— Mas se lembrou do quê? Do nada ele se lembrou de uma mulher que poderia confirmar o álibi dele? — ela pergunta, com ceticismo.

— Ele se lembrou de me contar sobre o álibi.

— Merda — ela diz. — O que aconteceu? Ele ficou com raiva?

— Ele me deu dois socos no peito.

— Vocês brigaram? Você está machucado?

— Não.

— Posso ver? — Ela estende o braço e puxa a camisa dele para cima.

Ele segura o volante com a mão esquerda enquanto a contém com a direita.

— Nós vamos acabar na valeta. — Ele ri.

Ela solta o cinto de segurança e se vira no banco para poder ver o peito machucado.

— Deus, olhe só para você. — Ela se inclina para perto dele. — O que diabos ele fez?

Ela beija Erik no pescoço e, em seguida, rapidamente na boca, antes de ele virar o rosto.

— Desculpe — ela diz.

— Eu não posso, Nelly.

— Eu sei. Eu não tinha a intenção... mas é que às vezes penso naquela noite que passamos juntos.

— Nós dois estávamos muito bêbados — Erik lembra.

— Eu não me arrependo de nada. — O rosto dela está bem ao lado do dele.

— Nem eu — ele responde.

Eles dirigem ao longo da E20 por alguns minutos em silêncio. Dois veículos de emergência passam correndo com suas sirenes estridentes. Nelly pega a bolsa, desdobra a pala de proteção contra o sol do carro para usar o espelho e retocar o batom.

— Às vezes penso em como as coisas poderiam ter sido diferentes, em outro universo.

— Todas as vidas que não vivemos — Erik diz.

— Isso deve significar que estou ficando velha.

— A mais ínfima das escolhas fecha mil portas e abre outras mil — Erik diz. — Eu ignorei um álibi, e nove anos depois essa omissão me alcança.

— Você se comportou como um idiota — Nelly diz, recostando-se. — E me colocou em uma situação complicada. Pessoalmente, não acredito nesse álibi, mas se essa mulher confirmar, vou ter que denunciar você. Não quero fazer isso, mas como médica...

— Eu sei — Erik a interrompe.

— Por causa da sua mentira, faz nove anos que Rocky está trancado e medicado.

— Por favor, Nelly. Eu sinto muito, mas não posso lidar com essa conversa agora. Eu não vou te pedir nada. Você pode fazer o que achar certo.

— O certo seria denunciar você.

— Então vá em frente.

— Mas seria muito mais fácil se você não ficasse tão bonitinho quando fica bravo. — Ela sorri.

— Talvez eu precise de terapia.

— Você precisa de medicação.

Ela pega na bolsa uma cartela de Nitrazepam e a pressiona para tirar duas cápsulas. Toma uma e dá a outra a Erik.

— Obrigado — ele murmura, joga a cabeça para trás e engole.

Quando Erik estaciona o carro ao lado da escola onde Olivia Toreby leciona, Nelly hesita, a mão na maçaneta da porta.

— Você quer que eu vá? — ela pergunta.

— Eu não sei... não, talvez seja melhor você esperar aqui.

— Assim você pode usar o seu charme? — Ela sorri.

— Vou tentar.

— Eu vou ficar aqui com a mulher dos seus sonhos. — Ela aponta para a macaquinha de saia cor-de-rosa pendurada na chave de ignição.

Erik atravessa o parquinho e pergunta a um zelador por Olivia Toreby. Ele aponta para ela.

Olivia está na faixa dos cinquenta, é uma mulher magra com um rosto pálido e cansado. Ela está de pé com os braços cruzados, observando as crianças no trepa-trepa. De vez em quando um deles a chama pelo nome ou chega correndo para pedir ajuda com alguma coisa.

— Olivia? Meu nome é Erik Maria Bark e eu sou médico. — Ele lhe entrega o cartão.

— Um médico — ela repete, colocando o cartão no bolso.

— Eu preciso falar com você sobre Rocky Kyrklund.

O rosto magro da mulher se enrijece por um momento, depois volta a uma expressão neutra.

— A polícia de novo — ela diz, simplesmente.

— Eu falei com Rocky, e ele...

— Eu já disse que não conheço ninguém com esse nome — ela o interrompe.

— Eu sei — ele diz com toda a paciência. — Mas ele falou sobre você.

— Eu não tenho ideia de como ele conseguiu meu nome.

Ela percebe que algumas crianças estão brincando de cavalinho com cordas de pular ao redor do pescoço e se apressa em ir até lá para colocar as cordas em volta da cintura delas.

— Eu tenho trabalho a fazer — ela diz a Erik quando retorna.

— Só me dê alguns minutos.

— Desculpe, eu tenho que chegar em casa e preparar avaliações para vinte e duas crianças. — Ela começa a andar em direção ao prédio da escola.

— Acredito que Rocky Kyrklund foi condenado por um assassinato que não cometeu — Erik diz, correndo atrás dela.

— Eu sinto muito ouvir isso, mas...

— Ele era padre, mas também era viciado em heroína. Ele explorava as pessoas ao redor dele.

Ela se detém na sombra em frente aos degraus e se vira para Erik.

— Ele era totalmente implacável — ela diz, sem emoção.

— Eu entendo — Erik responde. — Mas ele não merece ser condenado por um assassinato que não cometeu.

O cabelo grisalho de Olivia cai sobre a testa e ela o afasta com um sopro.

— Alguma coisa de ruim vai acontecer comigo por ter mentido para a polícia antes?

— Só se você mentiu sob juramento em um tribunal.

— Certo — ela diz, a boca fina tremendo nervosamente.

Eles se sentam nos degraus. Olivia olha para os tênis, usa a mão para tirar algo da calça jeans e limpa a garganta.

— Eu era uma pessoa diferente e não quero me meter nisso de novo — ela diz calmamente. — Mas é verdade, eu o conheci.

— Ele diz que você pode fornecer um álibi.

— Eu posso — ela admite, engolindo em seco.

— Você tem certeza?

Ela acena com a cabeça. Seu queixo treme e ela olha para baixo de novo.

— Já faz nove anos — Erik diz.

Ela tenta engolir o nó que se formou em sua garganta, esfrega o lábio superior, depois olha para Erik com olhos brilhantes e engole em seco mais uma vez.

— Estávamos na residência paroquial em Rönninge... é onde ele morava — ela diz com voz instável.

— Estamos falando da noite de 15 de abril — Erik lembra.

— Sim — ela responde, enxugando as lágrimas que rolam pelas bochechas.

— Como você é capaz de se lembrar disso?

A boca de Olivia treme e ela morde o lábio inferior para se recompor.

— Nós estávamos fazendo uma farra — Olivia sussurra. — Começamos na sexta-feira e... a pior parte foi na noite de domingo.

— Você tem certeza quanto às datas?

Ela assente com a cabeça e perde o controle da voz.

— Meu filhinho morreu no berço no dia 15. Eu o encontrei no dia seguinte. Síndrome da morte súbita do lactente, foi o que os médicos disseram. Não tive

culpa, mas se ele estivesse comigo, poderia não ter acontecido.

— Lamento que...

— Ah, Deus — ela soluça, e fica de pé.

Olivia vira as costas para o parquinho, envolve o corpo com força com os braços e se obriga a se acalmar, a impedir que sua dor se derrame. Erik tenta lhe dar um lenço, mas ela não vê. Ela exala respirações trêmulas e enxuga mais lágrimas.

— Durante muitos anos depois disso eu só queria morrer — ela diz, engolindo em seco novamente. — Mas nunca toquei em drogas desde então e não fiz sexo com ninguém. Eu nunca mais posso engravidar, não tenho o direito, eu... ele tirou tudo de mim. Eu o odeio por me fazer experimentar heroína. Eu o odeio por tudo.

Eles são interrompidos por uma bola que vem rolando sob o banco e uma criança que corre para pegá-la. Erik entrega a Olivia seu lenço.

— Não se preocupe, Marcus — ela diz afetuosamente para o menino, que está olhando para ela com a bola debaixo do braço. — Eu só preciso assoar meu nariz.

O menino assente e sai em disparada.

Erik pensa na memória errática de Rocky. Em vários momentos durante seus anos no Karsudden, ele devia ter sabido que havia sido erroneamente condenado por causa da traição de Erik.

— Olivia, eu reconheço que isso não é fácil, mas você está preparada para declarar sob juramento que estava com Rocky quando o assassinato ocorreu?

— Sim — ela diz, olhando-o diretamente nos olhos.

Antes que a tinta seque por completo, Erik e Madeleine arrancam cuidadosamente a fita crepe dos rodapés e das molduras das portas e janelas, dobram o rígido papel protetor e puxam o plástico da mobília empilhada no meio da sala. Embora tenha tomado dois tranquilizantes, Erik ainda se sente esmagado de remorso toda vez que pensa que, por causa de sua mentira, o padre ficou encarcerado por mais tempo do que Madeleine tem de vida.

Eles continuam limpando até que o entregador de pizza toca a campainha. Madeleine segura a mão de Erik enquanto saem para abrir a porta.

— Que tal? — Jackie pergunta quando eles entram na cozinha.

— Ótimo — Madeleine diz, olhando para Erik.

Lá fora, na rua, a chuva cai através da fina luz do sol e o dia está agradavelmente vagaroso, como um dia da infância. Erik corta a pizza e coloca fatias nos pratos.

— Robôs comem pizza — Madeleine diz, feliz da vida.

O rosto dela está totalmente relaxado. Ela está tão aliviada que canta uma música do filme da Disney, *Frozen*, embora Jackie diga a ela várias vezes para não cantar à mesa de jantar.

— Robô inteligente — Madeleine continua dizendo a Erik.

— Mas e se ele ficar enferrujado? — Jackie diz, sorrindo enquanto sente algo contra o pé.

— Ele não vai ficar — a menina diz.

— Maddy, o que é isso?

Jackie está agitando com cuidado uma cartela plastificada de sulfato de morfina. Deve ter caído do paletó de Erik, pendurado no encosto da cadeira.

— Isso é meu — ele diz. — São só alguns comprimidos para dor de cabeça. — Ele pega a cartela da mão dela e coloca de novo no bolso.

— Erik — Jackie diz —, posso te pedir um favor? A Maddy tem um jogo na quarta-feira e eu vou tocar no culto noturno na igreja de Hässelby. Não gosto de pedir, mas a Rosita, que normalmente traz a Maddy para casa, ficou doente a semana toda.

— Você quer que eu a busque?

— Eu posso voltar a pé sozinha, mãe. É logo ali em Östermalm — Madeleine se apressa em intervir.

— É claro que você não vai voltar andando sozinha — Jackie diz.

— Eu vou buscá-la — Erik diz.

— É uma rua perigosa — Jackie diz, séria.

— A Lidingö e a Valhalla são ruas completamente loucas — Erik concorda.

— Ela tem a própria chave, e você não precisa ficar se não puder. Eu volto às oito.

— Talvez eu tenha tempo de assistir ao jogo — Erik diz, esperançoso, para Madeleine.

— Erik, eu fico incrivelmente grata e prometo que não vou pedir isso de novo.

— Não diga isso. Fico feliz em ajudar.

Jackie sussurra um silencioso obrigado a ele.

Assim que ele se levanta para limpar a mesa, seu celular vibra no bolso da camisa. É Casillas, do Hospital Distrital Karsudden. Após seu encontro com Olivia Toreby, Erik ligou para ele a fim de discutir as chances de Rocky Kyrklund receber autorização para sair do hospital e começar sua reabilitação.

— Eu falei com o tribunal — Casillas diz. — E você não ficará surpreso ao saber que você e eu estamos completamente de acordo.

— Isso é ótimo — Erik diz.

— O grande problema é que Rocky se recusa a assinar. Ele diz que matou uma mulher e não merece ser livre.

— Eu posso falar com ele — Erik se voluntaria rapidamente.

— A questão é que não há muito tempo se a coisa vai ser avaliada na próxima reunião trimestral.

Uma hora e meia depois, Erik passa pelas portas de segurança da Seção D4 , é conduzido pelo corredor e sai para o pátio de exercícios circundado por cercas.

Ele se aproxima da cerca alta junto da qual Rocky está de pé. Do outro lado há uma sebe baixa. Os arbustos fazem pressão contra a cerca, como se quisessem entrar no pátio.

Rocky Kyrklund olha para ele sob o sol nebuloso.

— Nada de comprimidos bacanas hoje, doutor?

— Não.

Um homem ao longe grita algo para Rocky, que o ignora.

— Eu falei com Olivia Toreby — Erik começa.

— Quem é ela?

— Nós conversamos sobre ela da última vez... e ela confirma seu álibi.

— Meu álibi para quê?

— Para o assassinato de Rebecka Hansson.

— Bom — Rocky sorri, passando a mão enorme pelo cabelo cinza como aço.

— Ela era viciada em heroína na época, e eu não acho que o testemunho dela teria afetado o veredicto contra você, mas eu queria que soubesse que tudo isso prova que você é inocente.

— Isso está realmente acontecendo? — ele pergunta, com ceticismo.

— Sim.

— Um álibi — Rocky repete para si mesmo.

— Olivia Toreby está vivendo uma vida diferente hoje em dia e ela tem certeza do que diz. Você estavam juntos no momento do assassinato.

Rocky crava os olhos em Erik.

— Então eu não matei Rebecka Hansson? — ele pergunta baixinho.

— Eu acho que não — Erik responde sem desviar o olhar.

— Até que ponto ela tem certeza? — Os músculos do maxilar de Rocky estão tensos.

— Ela tem plena certeza, porque vocês estavam chapados na noite do assassinato e foi na mesma noite em que o filhinho dela morreu de síndrome da morte súbita do lactente.

Rocky assente e fita diretamente o céu.

— O atestado de óbito do filho dela confirma a data — Erik conclui.

— Então toda esta merda foi para nada. — Rocky tira do bolso um maço de cigarros amarrotado.

— Ela era uma viciada em drogas, e eu não acho que o tribunal teria acreditado no depoimento dela na época — Erik repete.

— Talvez eu ainda tivesse acabado aqui, mas teria me sentido completamente diferente se soubesse...

As correntes de ar entre os prédios levantam poeira e partículas soltas no parque banhado de sol. Um homem atravessa o pátio caminhando na direção deles, depois passa sussurrando consigo mesmo. Seu rosto está coberto de tatuagens canhestras e parece inchado de medicação.

— É hora de você dar seu consentimento para o pedido de liberdade condicional.

— Talvez.

— O que você vai fazer quando sair? — Erik pergunta.

— O que você acha? — Rocky sorri, puxando do maço um cigarro fumado pela metade.

— Eu não sei.

— Eu vou cair de joelhos e agradecer a Deus — ele diz sarcasticamente.

— Você vai ser um homem livre, mas o seu álibi também significa outra coisa sobre a qual eu preciso falar com você.

— Eu sabia que você não estava aqui apenas para dar boas notícias.

— A razão de eu ter vindo aqui é que a polícia está caçando um assassino em série cujos métodos são parecidos com os que foram usados no assassinato de Rebecka Hansson.

— Como é que é?

Rocky cerra os dentes e se inclina contra a cerca, de modo que a luz que brilha através dos elos se altera.

— A polícia está caçando um assassino em série — Erik repete. — E os assassinatos lembram o de Rebecka Hansson.

— Eu ainda estou tentando entender o fato de que sou inocente — Rocky diz em voz alta. — Ainda estou tentando entender que não matei uma pessoa.

— Eu sei.

— Faz nove anos que tenho vivido como a porra de um assassino. — Ele aponta para o próprio coração.

— Rocky? — um guarda se aproxima e o chama.

— Não é permitido que uma pessoa seja feliz?

— O que está acontecendo? — o guarda pergunta, parando na frente deles. — Você vai voltar para dentro?

— Você sabia que eu fui injustamente condenado?

— Então temos de novo cem por cento de inocentes aqui no Karsudden — o guarda diz, e entra.

Rocky o observa com um sorriso e coloca o maço de cigarros no bolso.

— Diga-me por que motivo eu deveria ajudar a polícia — ele pergunta, fechando as mãos em concha em torno de um fósforo.

— Pessoas inocentes estão morrendo.

— Isso é discutível — ele resmunga.

— O verdadeiro assassino foi responsável por você acabar aqui — Erik diz. — Você entende? Ele fez isso com você, ninguém mais.

Rocky inala a fumaça e limpa os cantos da boca com o enorme polegar manchado de nicotina. Erik olha para o rosto extenuado e os olhos encovados de Rocky.

— Você pode acabar recebendo um perdão no tribunal de apelações — Erik diz, hesitante. — E talvez a Igreja possa encontrar um lugar para você novamente.

Rocky fuma por algum tempo, e depois, com um peteleco, joga o cigarro na direção de outro paciente, que, agradecido, o pega do chão.

— O que eu poderia fazer pela polícia? — ele pergunta.

— Você pode ser uma testemunha — Erik diz. — É possível que você conheça o assassino. Pelo que você disse, parece que ele pode ser um colega seu.

— Como assim?

— Você falou sobre um pregador. — Erik observa Rocky de perto. — Um pregador impuro, que talvez fosse viciado em heroína como você.

O padre parece perdido em pensamentos. Uma van de serviço do presídio é visível ao longe, passando pela estrada entre os troncos das árvores.

— Eu não me lembro disso — Rocky diz devagar.

— Você parecia com medo dele.

— As únicas pessoas de quem a gente tem medo são os traficantes. Alguns são completamente loucos. Havia um cuja boca era cheia de dentes de ouro... eu me lembro dele porque ele amava o fato de eu ser padre, então eu sempre tinha que fazer um monte de merda. Dinheiro não bastava, ele me queria de joelhos, negando a existência de Deus, antes de me deixar comprar heroína, esse tipo de coisa.

— Qual era o nome dele?

Rocky balança a cabeça e encolhe os ombros.

— Sumiu — ele diz em voz baixa.

— Há a chance de “o Pregador” ser o nome que você deu ao traficante?

— Não faço ideia... mas eu costumava me sentir como se estivesse sendo perseguido naqueles dias. Provavelmente era um sintoma de abstinência, mas você sabe... uma vez, quando eu estava encarregado de pegar algumas vestes litúrgicas novas... era de manhã e a luz entrava pelos vitrais do batistério. Havia mil cores no corrimão do altar e ao longo da nave central da igreja...

Rocky fica em silêncio.

— O que aconteceu?

— O quê?

— Você estava falando sobre a igreja.

— Sim, as vestes tinham sido jogadas na frente do altar lateral. Alguém havia mijado em cima delas, a urina escorreu pelo chão, nas rachaduras ao redor das lajotas.

— Parece que você tinha um inimigo.

— Eu costumava achar que havia pessoas espreitando do lado de fora da casa paroquial à noite. Eu apagava as luzes, mas nunca vi ninguém. Porém, uma vez encontrei enormes pegadas na neve do lado de fora da janela do quarto.

— Você tinha algum inimigo que...

— O que você acha? — Rocky pergunta com impaciência. — Eu conheci alguns idiotas e praticamente todos eles teriam matado os próprios irmãos ou irmãs em troca de drogas. Eu tinha contrabandeado um monte de anfetaminas de Vilnius e estava aguardando o dinheiro.

— Sim, mas esse é um assassino em série — Erik persiste. — O motivo não é dinheiro ou drogas.

Os olhos verde-claros de Rocky o encaram.

— Pode ser que eu conhecesse o assassino, como você diz. Mas como eu ia saber? Você não está me dizendo nada. Me dê algum detalhe, talvez possa acionar minha memória.

— Eu não estou envolvido na investigação.

— Mas você sabe mais do que eu.

— Eu sei que uma das vítimas se chamava Susanna Kern. Antes de se casar, ela era Susanna Ericsson.

— Não me lembro de ninguém com esse nome — o padre responde.

— Ela foi esfaqueada. No peito, pescoço e rosto.

— Como disseram que eu fiz com Rebecka.

— E o corpo foi posicionado de modo que a mão dela estava cobrindo a orelha.

— E as outras?

— Eu não sei.

— Bem, não posso ajudar a menos que eu saiba mais. A minha memória precisa ter algo a que se apegar.

— Eu entendo, mas eu não...

— Quais eram os nomes das outras vítimas?

— Eu não tenho acesso à investigação — Erik conclui.

— Então, o que diabos você está fazendo aqui? — Rocky rosna, e sai marchando pelo gramado.

São cinco horas quando Erik percorre o corredor da clínica psiquiátrica com uma xícara de café. Uma figura alta aguarda, completamente imóvel, junto ao painel de vidro fosco da escadaria. Enquanto puxa do bolso as chaves da porta de sua sala, Erik percebe que é seu ex-paciente, Nestor.

— Você está me esperando? — Erik pergunta, caminhando até ele.

— Obrigado pela carona.

— Você já me agradeceu.

A mão fina se movendo em seu peito se detém.

— Eu só queria di-dizer que estou pensando em pegar outro ca-cachorro — ele diz em voz baixa.

— Isso é ótimo, mas você sabe, você não tem que me dizer.

— Eu sei. — Nestor cora um pouco. — Mas eu estava aqui de qualquer maneira, checando o túmulo da ma-mãe, então...

— Como foi?

— Seria po-possível enterrá-la mais fu-fundo, você acha?

Ele se cala e dá um passo para trás quando Nelly surge no corredor. Ela acena para Erik, mas quando vê que ele está ocupado, para do lado de fora da própria sala e vasculha as chaves na bolsa.

— Podemos marcar uma consulta para você vir e conversar, se quiser — Erik diz, olhando de relance para a porta.

— N-não há necessidade, é só que... um ca-cachorro é um grande passo para mim, então...

— Você está melhor agora. Você pode fazer o que quiser.

— Eu sei como eu e-estava quando cheguei até você. Eu... pode contar comigo para qualquer coisa, Erik.

— Obrigado.

— Você precisa entrar — Nestor diz.

— Sim.

— Eu andei e andei e de repente me o-ocorreu — Nestor diz com uma intensidade inesperada. — Eu me abaixei e...

— Nada de charadas agora — Erik o interrompe.

— Não, desculpe — o homem alto diz, e sai.

Erik consulta o relógio. Tem alguns minutos antes do horário marcado para se encontrar com Margot e talvez tenha tempo para uma rápida conversa com Nelly antes disso. Ele vai até a sala dela e bate na porta aberta.

Nelly já está sentada diante do computador com seus óculos de leitura. Ela veste uma blusa branca com bolinhas pretas que é amarrada no pescoço e uma saia justa cor de vinho.

— O que Nestor queria? — ela pergunta sem tirar os olhos da tela.

— Ele vai arranjar um cachorro e queria falar sobre isso.

— Talvez ele precise cortar o cordão umbilical.

— Ele é bonzinho.

— Eu não tenho tanta certeza — Nelly diz.

Erik não consegue reprimir um sorriso quando caminha até a janela e diz a ela que sua ideia de reestruturar a terapia de grupo está funcionando bem.

— Obrigada. Eu me sinto bem com isso — ela diz, tirando os óculos.

— Eu tenho uma reunião daqui a pouco com Margot, mas...

Ela sorri.

— Eu gostaria de poder me juntar a você.

— Nelly, eu só queria dizer que você estava certa antes. Sempre há problemas quando a gente começa a contar mentiras.

— Podemos fazer isso mais tarde? — ela pergunta.

— Eu quero que você saiba que vou fazer tudo o que puder para tirar Rocky do Karsudden o mais rápido possível e...

— Escute, Erik, eu não vou denunciar você. Mas essa coisa toda realmente me aborreceu.

— Eu sinto muito — ele diz, indo para a porta.

Assim que sai da sala de Nelly, Erik vê Margot e o colega dela esperando do lado de fora de sua própria sala. Eles o seguem até uma sala de reuniões, que tem uma parede de vidro de frente para o corredor e cadeiras novas com cheiro de plástico. Erik abre a janela para deixar entrar o ar e os convida a se sentar. Margot enche uma caneca de água do bebedouro, bebe e enche de novo.

— Bem, vocês sabem que Olivia Toreby mudou de ideia — Erik começa a falar.

— Rocky se lembra de um álibi de nove anos atrás, mas não consegue se lembrar de uma única maldita coisa que possamos usar de verdade — Margot diz, sentando-se pesadamente.

— Vocês queriam que eu perguntasse sobre um cúmplice, mas acabamos com algo completamente diferente. Rocky foi erroneamente condenado e...

— E se ele estiver apenas fingindo sua perda de memória?

— Ele não está, mas...

— Ele está envolvido. Ele está metido nisso de alguma forma.
— Se eu pudesse apenas continuar. — Erik passa a mão sobre o tampo da mesa.
— O verdadeiro assassino nunca foi pego, e de repente começou a matar de novo. Tanto em conversas quanto sob hipnose, Rocky continua voltando para um pregador que...

— Um padre? — Adam pergunta.

— Um pregador que há boas razões para se levar a sério, à luz do álibi.

— Mas você não tem um nome, nem localização.

— Leva tempo encontrar um caminho em meio ao caos, mas sob hipnose ele descreveu de que modo o pregador matou uma mulher cortando o braço dela. O problema é que não tenho completa certeza de que porção disso é memória genuína.

— Mas você acredita que há alguma verdade nisso? — Adam se inclina para a frente.

— Ele mencionou o pregador várias vezes, mesmo quando não estava hipnotizado.

— Mas nada sobre o assassinato?

— Rocky diz que está preparado para ajudar a polícia, se puder — pelo menos ele estava preparado para fazer isso mais cedo. Eu estou tentando ajudá-lo a lembrar, mas não sei nada sobre a investigação.

— Tudo é estritamente confidencial — Margot explica.

— Se você quiser a ajuda de Rocky — Erik diz —, então vai ter que ir vê-lo e lhe dar alguns detalhes: nomes, locais, coisas que possam acionar a memória dele.

— Provavelmente é melhor se você continuar a falar com ele — Margot diz.

— Eu posso fazer isso, mas...

— O que você precisa para avançar? — Margot diz.

— Essa decisão é sua.

— Ainda estamos tentando manter a mídia à distância, embora nosso assessor de imprensa ache que isso passou a ser insustentável — Adam diz.

— É que... não temos ideia de como o assassino em série reagirá à publicidade — Margot diz. — Ele pode simplesmente desaparecer ou...

— Então precisamos agir rápido — Adam diz.

— Você pode ter acesso a algumas fotos das vítimas para mostrar a Rocky — ela diz. — Elaboramos um perfil do criminoso, e posso te contar sobre o modus operandi e características específicas dele.

— Você vai incluir alguma informação falsa?

— Claro — ela diz.

— Desde que eu saiba — Erik diz.

Margot respira fundo, depois começa a descrever os métodos do assassino e a escolha das vítimas.

— Até agora, foram mulheres que estavam sozinhas em casa — ela diz. — Primeiro ele as filma através de uma janela. Depois planeja o ataque. E, por fim, assim que decide matá-las...

— Ele envia o vídeo para nós — Adam diz, a voz carregada. — O assassino encontra sua arma do crime no local e sempre a deixa para trás.

Ele se inclina, tira três fotos da pasta e as coloca sobre a mesa, com as imagens viradas para baixo.

— Assim que mostrar estas fotos para Rocky, precisamos que você as destrua.

Erik olha para o verso das fotografias, em que estão escritos os nomes das vítimas: Maria Carlsson, Susanna Kern e Sandra Lundgren.

— Sandra Lundgren? — Erik vira a foto e engasga.

— O que é isso? — Margot pergunta.

— Ela é nossa paciente... Deus, ela está morta?

— Você a conhecia?

A boca de Erik fica completamente seca enquanto encara a fotografia colorida de tamanho grande. É uma foto recente, e ele percebe que Sandra está se esforçando para parecer feliz. A luz reflete nos óculos dela, mas seus olhos verdes são visíveis. Seu cabelo loiro-escuro é um pouco mais comprido do que na lembrança dele, pousando nos ombros.

— Deus... — ele repete. — Ela sofreu um acidente de carro. O namorado dela morreu e... nós demoramos um pouco para começar o tratamento dela. Ela estava muito deprimida, com culpa de sobrevivente, continuava tendo ataques de pânico...

— Ela era sua paciente? — Margot pergunta, lentamente.

— No início. Mas uma colega assumiu o caso.

— Por quê?

Ele se força a tirar os olhos do rosto simétrico de Sandra Lundgren e olha de novo para Margot.

— Isso acontece com frequência — ele tenta explicar. — Diferentes médicos trabalham com o paciente em diferentes estágios do tratamento.

Ele vira a foto seguinte e sua frequência cardíaca acelera quando vê Maria Carlsson. Ele a reconhece também. Antes de conhecer Jackie, ele teve um breve caso amoroso com Maria. Eles frequentavam a mesma academia. Caminhavam juntos até o ponto de ônibus, iam ao cinema e dormiram juntos uma vez. Ele se lembra de sua língua furada com piercing e da risada rouca que ele achava tão atraente.

Por causa de um súbito nó na garganta, Erik tem dificuldade de respirar. Se ele não tivesse tomado um Nitrazepam antes, não seria capaz de esconder o quanto está chateado agora.

— Eu acho que também a vi na academia... isso está começando a parecer um pouco assustador — ele diz, tentando sorrir para Margot.

— Que academia você frequenta? — Adam pega uma caderneta.

— SATS, na rua Mäster Samuels — ele responde, e engole em seco, mas o nó de ansiedade continua se avolumando.

Adam olha para ele com o rosto inexpressivo.

— E você a viu lá? — ele pergunta, apontando para a foto de Maria Carlsson.
— Eu tenho uma boa memória para rostos — Erik diz, com ar de fingimento.
— É um mundo pequeno — Margot diz sem tirar os olhos dele.
— Você conhecia Susanna Kern também? — Adam pergunta, pegando a última foto.

— Não. — Erik ri nervosamente.

Mas quando Adam vira a foto, ele tem certeza de já tê-la visto em algum lugar. Não sabe onde.

Erik sacode a cabeça e tenta entender isso.

— Você tem certeza? — Adam segura a fotografia da mulher sorridente.

— Sim — Erik responde.

Erik tira a foto de Adam e olha para o rosto de Susanna. Sua mente está acelerada e a sala se encolhe ao seu redor.

Ele percebe que está à beira de um ataque de pânico. Sua boca está seca, e ele coloca as mãos no colo para impedi-las de tremer.

— Falem-me sobre... sobre o perfil — Erik diz com uma voz que parece pertencer a outra pessoa.

Ele se força a ficar quieto enquanto os dois explicam que o perfil sugere que o assassino é divorciado, com um status socioeconômico relativamente alto.

Erik tenta se concentrar no que estão dizendo, mas seus pensamentos estão dispersos. Como isso é possível? Ele teve um breve caso com Maria Carlsson, Sandra Lundgren era sua paciente e ele sabe que conheceu Susanna Kern.

Três fotografias de três mulheres que ele conheceu.

É como um pesadelo recorrente. O que ele reconhece nessa situação terrível? Ele não consegue enxergar. Do outro lado da mesa, Margot atende o celular. Adam vai até a janela, em cujo peitoril alguém deixou uma xícara de café.

De repente, Erik percebe que o sentimento de semelhança tem a ver com Rocky.

Rocky descreveu como o pregador impuro lhe mostrara imagens de Tina e Rebecka.

Rocky culpara a si mesmo, berrando de dor e repetindo palavras da Bíblia: *eu deveria arrancar meu olho, pois ele me levou a pecar*.

E agora Erik mentiu para a polícia novamente. Parece impossível dizer que ele conhecia as três.

Quando Erik sente que é capaz de controlar a voz e o corpo, ele se levanta.

— Eu tenho uma consulta com um paciente agora — ele diz.

— Quando você pode falar com Rocky de novo? — Margot pergunta.

— Amanhã, eu acho.

— Não se esqueça das fotos — Adam o lembra, passando-as para ele.

Quando estende a mão para pegar as fotos, Erik vacila um pouco. Ele tem a impressão de ser a imagem espelhada de Rocky. De repente, ele se sente condenado e, por um momento, se vê olhando através da cerca de seis metros de altura que circunda o pátio de exercícios no Karsudden.

Joona está praticando suas técnicas de combate com a faca, seus golpes e cotoveladas, além de pular corda, levantar pesos e correr. Seu quadril doeu depois da corrida de cinco quilômetros, e ele teve que ir caminhando o último trecho. Ainda está muito longe de seu antigo nível de condicionamento físico, mas vem ficando cada vez mais forte.

São sete horas quando o BMW de Erik entra na garagem. Joona coloca a carne no forno e serve duas taças de Pomerol enquanto a porta da frente se fecha e ele ouve as chaves sendo colocadas sobre a cômoda.

Joona leva as taças para a biblioteca, abre a porta com o pé e entra.

A jaqueta de Erik está no chão. Ele está no escritório, procurando algo entre os papéis em sua mesa.

— A comida estará pronta em quarenta minutos — Joona diz.

— Ótimo — Erik murmura, levantando os olhos com uma expressão aflita. — Você se barbeou. Boa.

— Senti que era hora.

— Como você está? — Erik pergunta, ligando o computador.

— Eu me sinto melhor — Joona diz, caminhando mais para dentro do escritório.

— Como está o seu quadril? — Erik pergunta, olhando para a tela.

— Fiz um pouco de exercício e estou...

— Acabo de ter uma reunião com Margot e Adam — Erik o interrompe, olhando Joona diretamente nos olhos. — Não sou propenso a paranoias, mas conheci todas as três vítimas. É uma loucura e eu não entendo, mas isso não pode ser uma coincidência, pode?

— Como você conheceu...

— Quais são as chances de isso acontecer? — Erik encara Joona.

— Como conheceu as vítimas? — Joona pergunta, colocando as taças de vinho sobre a escrivaninha.

— Parece que isso é direcionado a mim.

— Sente-se — Joona diz gentilmente.

— Desculpe, eu estou apenas... estou chocado.

Erik afunda na cadeira e respira fundo.

— Como você conheceu as vítimas? — Joona repete a pergunta pela terceira vez.

— Tive uma breve aventura com Maria Carlsson no início deste verão. Sandra Lundgren era uma paciente na clínica. E reconheço Susanna Kern... eu a conheci, mas não sei onde.

— O que Margot diz?

— Bem, fiquei tão surpreso que não falei nada sobre Susanna Kern, mas vou falar, obviamente.

O telefone toca, o que faz Erik ter um sobressalto.

— É trabalho — ele murmura.

Ele clica na opção de rejeitar a chamada, depois larga o telefone.

— E não consegui dizer a ela que eu tinha dormido com Maria — ele continua, pegando o telefone de volta. — Só disse que frequentávamos a mesma academia.

— Algo mais?

— Eu disse que Sandra tinha sido uma paciente minha... ainda não acho que isto seja relevante — ele sorri, coçando a testa. — Mas vou dizer assim mesmo. Não é incomum que os pacientes tentem seduzir o terapeuta. Há uma conexão intensa, isso é natural, mas nesse caso a paciente foi tão longe que a passei para Nelly.

— Mas nada aconteceu entre vocês?

— Não.

A mão de Erik está tremendo quando ele pega a taça de vinho, leva-a aos lábios e toma vários goles grandes.

— Poderia ser um paciente descontente?

— Acho que não. Eu não trabalho mais com pacientes perigosos.

— Mas quando você estava pesquisando sobre...

— Isso foi há quinze anos.

— Até onde vão os seus registros?

— Eu arquivo tudo.

— Você pode vasculhar seus arquivos?

— Só se eu souber o que procurar.

— Algum tipo de paralelo, uma conexão, qualquer coisa. Perseguição, violência dirigida ao rosto, a disposição dos corpos. E provavelmente alguém que coleciona troféus de algum tipo.

Erik se levanta e começa a andar de um lado para o outro no escritório. Ele passa a mão pelo cabelo e murmura para si mesmo:

— Isso é loucura. É completamente doentio.

— Sente-se e me diga o que...

— Eu não quero me sentar. Eu tenho que...

— Ouça — Joona diz. — Eu tenho que saber o máximo possível, e, para ser sincero, parece que você precisa se sentar.

Erik pega sua taça, bebe de pé, depois pega do bolso interno uma cartela de comprimidos. Tira dois e engole com mais vinho.

— Merda — ele suspira.

— Você está tomando pílulas de novo? — Joona olha para ele com olhos cinzentos afiados.

— Estou de olho nisso. Tudo bem.

— Certo — Joona diz, hesitante.

Erik se senta na cadeira da escrivania, enxuga a testa e tenta controlar a respiração.

— Eu não consigo organizar meus pensamentos — ele murmura. — Eu tenho tentado descobrir se Rocky teve um cúmplice ou um aprendiz.

— O que você acha?

— Não tenho certeza. Hipnotizar Rocky foi excepcionalmente complexo. Consegui superar sua amnésia orgânica, mas acabei em um mundo de delírio e entorpecimento de heroína.

— O que aconteceu?

— Eu realmente não sei como interpretar isso — Erik diz, vacilante. — Mas hoje, quando estava reunido com Margot e Adam e percebi que eu conhecia as três vítimas quando vi as fotografias... comecei a pensar na hipnose.

— Estou ouvindo — Joona diz, bebericando o vinho.

Erik estreita os olhos enquanto tenta descrever o que aconteceu.

— Rocky estava em hipnose profunda quando disse que o pregador lhe mostrara a foto de uma mulher que mais tarde ele matou na frente de Rocky... e depois o pregador mostrou a ele uma foto de Rebecka Hansson. Eu poderia jurar que foi apenas um pesadelo.

— Mas é o mesmo assassino — Joona diz. — O pregador está de volta. É o mesmo padrão.

O rosto de Erik ficou cinzento.

— Neste caso, estou desempenhando o papel de Rocky desta vez — ele sussurra.

— Rocky tinha relacionamentos com as duas mulheres?

— Sim.

— Ligue para Simone imediatamente — Joona diz em tom sério.

Erik pega o telefone, limpa a garganta e se levanta, ansioso.

— Simone — a voz conhecida diz em seu ouvido.

— Simone, é Erik.

— O que aconteceu? Você parece chateado.

- Eu preciso te pedir um favor. Benjamim e John estão aí?
- Sim, mas por que...
- Eu acho que um dos meus pacientes está me perseguindo e não quero que você e Benjamin fiquem em casa sozinhos até que isso seja resolvido.
- O que aconteceu?
- Eu não posso te dizer.
- Você está em perigo?
- Eu não quero correr nenhum risco. Por favor, faça o que eu digo.
- Tá bom, vou tentar ter isso em mente — Simone diz.
- Promete.
- Você está me assustando, Erik.
- Que bom — ele responde.

Na cozinha, Erik relata tudo o que Rocky disse sobre o pregador impuro — que ele usava maquiagem por cima da barba por fazer, era viciado em heroína e lhe mostrava fotos — enquanto Joona coloca a comida na mesa.

Joona assou cordeiro com legumes e alho. Ele espalha algumas ervas sobre o prato; em seguida, despeja mais vinho nas taças.

— Obrigado por isto — Erik diz, tomando seu lugar.

— Você sabe... os últimos meses de vida de Summa — Joona começa, olhando para ele. — Tivemos meio ano juntos, toda a família. Isso não teria sido possível sem você, Erik, sem a medicação que você prescreveu para ela e tudo o mais. Eu sabia que podia confiar em você e nunca vou me esquecer disso.

Eles tilintam as taças, bebem e depois conversam sobre como se conheceram, mas logo voltam ao assunto de Rocky e das fotografias.

— Margot precisa levar o pregador a sério — Erik diz.

— Ela vai levar — Joona garante. — Os peritos em elaboração de perfis da polícia apresentaram um...

— Eu vi isso.

— Eu não estou envolvido no caso, mas Anja me disse que eles fizeram uma primeira varredura. Ela começou com a paróquia de Salem, depois com paróquias e congregações próximas. — Joona empurra o prato na direção de Erik. — Católicas romanas, assírias, russas e gregas ortodoxas... os cientologistas, a Igreja da Missão, o Exército de Salvação, as Testemunhas de Jeová, os Santos dos Últimos Dias, os metodistas, os pentecostais. E agora estão expandindo a pesquisa para abarcar todos os sacerdotes do país que trabalham com viciados em drogas, em prisões, instituições e hospitais.

As mãos de Erik quase pararam de tremer, mas ele está se movendo devagar, como se não confiasse em si mesmo enquanto se serve de um pouco de comida.

— Quantos nomes estão na lista? — ele pergunta, empurrando o prato de volta para Joona.

— Mais de quatrocentos. Mas se você conseguir fazer com que Rocky se lembre do nome do pregador... até mesmo um primeiro nome, uma descrição, uma paróquia, então...

— É que é tão difícil — Erik o interrompe. — A lesão cerebral e o vício...
— Por que não falamos sobre isso amanhã? — Joona diz, e começa a comer.
— A memória dele segue seus próprios padrões — Erik diz, cortando a carne.
— Mas ele parece se lembrar muito melhor sob hipnose.
— Sim, embora a linha entre seus pesadelos e memórias pareça se tornar muito tênue.

— Mas algumas coisas que ele lhe contou devem ser baseadas em memórias reais.

— Tudo deve ser real, em teoria — Erik ressalta. — É só que parece psicótico.
— Se Rocky concordar em ser hipnotizado novamente, faça isso logo de cara. Tente obter detalhes concretos, como nomes e lugares.

— Eu posso fazer isso. Eu sei que posso.

— Se você puder, eu serei capaz de parar esse assassino em série.

— Eu vou para lá amanhã cedo — Erik diz.

Eles comem em silêncio. Os legumes glaceados dão uma doçura terrosa à acidez do molho de groselha, a salada é temperada com vinagre balsâmico e azeite trufado, e o cordeiro, levemente rosado, é condimentado com pimenta-do-reino moída em grãos grossos.

— Você realmente parece muito melhor — Erik diz, enquanto Joona se serve de mais comida. — Foram necessárias apenas seis injeções de penicilina e um pouco de cortisona.

Ele para de falar quando o telefone toca no bolso. É Margot.

— Sim, Erik falando.

— Joona está aí? — ela pergunta, a voz trêmula.

— O que aconteceu?

— Rocky Kyrklund escapou.

Erik passa o telefone para Joona, depois cobre o rosto com as mãos, tentando organizar os pensamentos.

Margot diz a Joona que o psiquiatra-chefe do Karsudden decidiu que Rocky deveria começar sua reabilitação o mais rápido possível.

Rocky deveria tentar pedir comida na Pizzaria Primavera, na rua Stor, em Katrineholm. Dois guardas estavam sentados a uma outra mesa, a uma curta distância, para não deixá-lo desconcertado. Rocky comeu a pizza, bebeu um copo grande de água e pediu café. Depois entrou no banheiro e fugiu pela janela.

Alguns rapazes o viram correndo ao longo da linha férrea em direção à floresta, mas desde então não há sinais dele.

— Não vamos fazer um apelo público — Margot diz. — O tribunal administrativo já decidiu que ele é elegível para se candidatar à liberdade condicional, então o pessoal do Karsudden está cuidando disso sozinho.

— Como? — Joona pergunta.

— Não fazendo nada — ela responde. — Eu falei com o chefe, e ele está tão relaxado que quase cochilei. Aparentemente, não é incomum que os pacientes fujam na primeira oportunidade que têm. Quase sempre voltam espontaneamente quando percebem o quanto as coisas mudaram, que seus amigos, apartamento e esposa já se perderam.

Joona encerra a ligação e encontra o olhar cansado de Erik.

— Fui eu quem recomendou que ele fosse solto em saídas supervisionadas — Erik diz, passando a mão pelo cabelo. — Mas ele vai voltar. Eles quase sempre voltam.

— Não temos tempo para ficar sentados esperando — Joona diz. — Temos que encontrá-lo e convencê-lo a falar antes que o pregador mate novamente.

— Ele não tem família e nunca mencionou amigo nenhum. E a casa paroquial não está mais lá.

— Ele não poderia se esconder na própria igreja ou em algum lugar próximo?

— Tenho certeza de que ele tentará chegar a um lugar chamado Zona. Era lá que costumava arranjar heroína, e me pareceu que ele achava que alguém lhe devia dinheiro.

— Eu não sei nada a respeito dessa Zona.

— Parece um lugar para comprar drogas pesadas. Um lugar razoavelmente grande. Há um palco e muitas prostitutas.

— Eu vou descobrir onde fica — Joona diz, e se põe de pé.

— Obrigado pelo jantar.

— Tem sorvete de sobremesa — Joona diz, indo em direção ao corredor.

Erik começa a limpar a mesa, mas a exaustão o vence e ele cambaleia a caminho do escritório. O estojo de prata de seus óculos não está mais ao lado da pilha de livros sobre a mesa de fumar. Ele estremece e se vira para olhar pela janela, cujo trinco está sacudindo. Ainda há luz lá fora, mas logo estará escuro, ele pensa enquanto afunda na poltrona de couro e fecha os olhos.

Ele precisa se recompor se quiser compreender o que está acontecendo com ele.

Sem abrir os olhos, ele pega um sonífero da cartela em cima da mesa, segura o comprimido na palma da mão suada por um momento, depois o coloca na boca.

Uma enevoadá quietude se assenta sobre seus pensamentos e ele sente o sono se elevando como uma onda pesada — quando o telefone toca. Ele não consegue focar seus olhos o suficiente para ver quem está ligando e quase deixa cair o aparelho, mas de alguma forma o pega e coloca no ouvido.

— Alô — ele diz, a voz rouca.

— Você não vai esquecer a Maddy, vai?

— O quê?

- Erik, qual é o problema? — Jackie pergunta em tom sério.
- Nada, eu estava apenas sentado... e... — Ele perde sua linha de raciocínio e limpa a garganta em vez disso.
- Você vai buscar a Maddy, mas você se lembra disso, certo?
- Claro, não há problema. Está na agenda.
- Obrigada — ela diz, em tom caloroso.
- Eu tenho praticado — ele diz, engolindo as palavras, e fecha os olhos.
- Ligue para mim se houver algum problema e eu vou embora na hora. Eles vão ter que se virar sem um organista. Prometa que você vai me ligar.

Joona está no carro de Erik, dirigindo rumo ao centro de Estocolmo, enquanto espera que Anja retorne sua ligação. Ele está quase nos túneis abaixo do distrito de Södermalm quando a tela de seu telefone se ilumina.

Ele pode ouvir as unhas de Anja batendo no teclado enquanto ela diz que ainda não conseguiu encontrar nada.

— A Zona não está no nosso registro. Nunca esteve — ela diz, em tom resignado.

— E se o nome verdadeiro do lugar for algo diferente?

— Eu tentei a agência de controle de fronteiras, a seção de segurança, a TI e a Vigilância. Comecei a fazer perguntas em vários fóruns on-line e sites sobre sexo realmente muito bacanas.

— Você consegue entrar em contato com o Milan? — ele pergunta.

— Eu prefiro não fazer isso — Anja responde sem rodeios.

As janelas do carro embaçam quando Joona entra no túnel estreito.

— Temos que encontrar Rocky Kyrklund — ele diz, sem saber se a conexão foi perdida.

— Espere junto à porta da frente — a voz dela diz, distante. — Eu vou descer e...

Então, silêncio, e Joona pensa em tudo o que Erik lhe disse.

Dez minutos depois, ele estaciona no topo da íngreme ladeira que leva ao parque e desce até a entrada da sede da Autoridade de Polícia Nacional.

Através da parede de vidro na entrada, ele vê Margot caminhando a passos pesados e se junta a ela na rua Bergs.

— Acontece que por acaso ouvi dizer que Anja arranhou uma reunião entre você e Milan — Margot diz.

— Você vai ter que manter distância.

Eles passam pela sólida fachada da piscina do Kronoberg e atravessam o portão de metal que leva ao presídio.

— Quando posso ter minha pistola de volta? — Joona diz.

— Eu não tenho nem sequer permissão para falar com você — ela ressalta.

Ao passarem pelas partes mais antigas da sede da polícia, Margot diz a ele que Björn Kern começou a falar. Aparentemente, a hipnose teve o efeito que Erik esperava.

— Björn diz que a mulher dele estava sentada no chão com a mão por cima da orelha quando a encontrou.

— O mesmo padrão. — Joona faz que sim com a cabeça.

— Ainda não temos nada além dos assassinatos em si e do *modus operandi* recorrente. Reunimos um bocado de perguntas, mas não temos respostas.

Eles atravessam o Parque Rådhusparken. Joona está mancando um pouco, e Margot segura com ambas as mãos sua volumosa barriga.

— O ato de filmá-las através das janelas é decisivo — Joona diz depois de algum tempo.

— Em que você está pensando? Estou estagnada, não consigo chegar a lugar algum — ela admite, olhando de lado para Joona.

As árvores cintilam de umidade, as copas salpicadas de folhas amarelas.

Joona está pensando que o assassino é um voyeur, um stalker que conhece suas vítimas e escolhe captar em seus vídeos um momento recorrente na vida delas.

— E as mãos — ele murmura.

— Sim, que droga é essa com as mãos?

— Eu não sei — ele responde, pensando que as mãos são usadas para marcar lugares diferentes no corpo.

Não foi Filip Cronstedt quem tirou de Maria o piercing de língua de Saturno. Foi o assassino, a pessoa que Filip entrevistou no jardim, filmando na chuva.

Talvez o piercing da língua dela tenha sido a razão pela qual o pregador atacou, o gatilho que o levou a cruzar a fronteira.

Eles passam por uma 7-Eleven. Os tabloides expostos na vitrine oferecem aos leitores um teste para verificar se o seu chefe é um psicopata.

Joona acha que o pregador mata a mulher, tira as joias dela e marca com a mão da vítima o lugar de onde surrupiou a lembrança, para que a polícia saiba por quê. É uma espécie de irônica acusação, como aquela que foi pendurada na cruz de Jesus.

Rebecka Hansson foi encontrada sentada com a mão em volta do pescoço, Maria Carlsson com a mão na boca, Susanna Kern com a mão sobre a orelha e Sandra Lundgren com a mão sobre o seio.

— Ele pegou algo de cada uma delas. Pode ter sido uma joia ou outra coisa — Joona diz.

— Mas por quê? — Margot pergunta.

— Porque elas quebraram as regras.

— Joona, sei que você faz as coisas do seu jeito — Margot diz. — Mas, cá entre nós, em caráter extraoficial, precisamos de toda a ajuda que pudermos neste momento. Se você rastrear Rocky e descobrir alguma coisa, seria bom se compartilhasse a informação.

— Vou ligar para você em particular — ele responde após uma breve pausa.

— Eu não me importo com a forma como você lida com isso — ela diz. — Mas eu realmente gostaria de parar esse maldito assassino antes de termos mais vítimas, e de preferência sem perder meu emprego.

Enquanto cruzam a rua Fleming e se aproximam do local combinado para o encontro de Joona com Milan, ele diz a ela para esperar.

— Mantenha distância.

— Quem diabos é esse Milan, afinal?

Milan evitou a sede da polícia nos últimos seis anos. A única vez que Joona o viu foi em imagens de câmeras de vigilância. Ele aparecia em segundo plano em um confronto da máfia, agindo estranhamente e depois atirando em um homem nas costas.

Milan Plašil trabalha para o esquadrão antidrogas, geralmente em missões de vigilância e infiltração a longo prazo, e tem a maior rede de informantes em toda a cidade de Estocolmo.

— Ele é muito esperto — Joona responde.

Há rumores de que ele tem um filho com uma mulher na máfia bósnia, mas ninguém sabe ao certo. Milan tornou-se uma figura sombria, de fato vivendo no limiar do mundo do infiltrado, mantendo sempre a própria pauta de intenções ocultas, um estranho para todos.

— Pode parecer que ele está desarmado, mas provavelmente tem uma Beretta Nano amarrada no tornozelo — Joona diz.

— Por que você está me contando isso?

— Porque ele nos sacrificaria se oferecêssemos um risco para o trabalho secreto dele.

— Devo ficar preocupada? — Margot pergunta.

— Milan é meio que incomum. É melhor não chegar muito perto — Joona repete.

Ele a deixa do outro lado da rua e segue em frente. Passando pelos prédios imponentes, chega ao final da ponte, depois desce os degraus até o lugar onde os viciados costumam ficar de bobeira.

O ar está denso com o cheiro de urina velha, e o chão está coberto de guimbas de cigarro e estilhaços de uma garrafa de vidro verde.

Os arcos de aço da ponte estão cobertos de pontas afiadas para impedir que os pombos pousem, mas ainda assim os alicerces de concreto estão escondidos sob

uma espessa camada de excrementos.

Uma sombra se aproxima ao longo da passarela. Joona percebe que é Milan, apoia a bengala contra a parede e espera que ele suba até o patamar.

Milan Plašil tem trinta anos, cabeça raspada e olhos caninos e escuros. É magro como um adolescente e veste um agasalho preto reluzente e tênis caros.

— Eu ouvi falar de você, Joona Linna — Milan diz, olhando de relance para a água lá embaixo.

— Eu preciso encontrar um lugar chamado Zona.

— Você geralmente carrega uma quarenta e cinco.

— Colt Combat.

— Ela não pode ficar lá em cima. — Milan meneia a cabeça na direção dos degraus.

Joona suspira quando percebe que Margot o seguiu.

— Margot? Desça aqui!

Ela olha para o corrimão, hesita, depois desce os degraus com a mão na grade.

— A Zona — Milan repete.

— Existe há mais de dez anos, em algum lugar provavelmente ao sul de Estocolmo, mas não temos certeza.

— Você pode parar aí — Milan diz na direção de Margot assim que ela chega perto do patamar.

— É um lugar onde você pode comprar drogas pesadas e sexo — Joona diz.

— Se eu disser alguma coisa, quero um beijo na boca. — Milan sorri.

— Tá legal — Joona diz.

— Ela também. Ela vai precisar fazer isso também.

— O quê? — Margot pergunta, olhando para eles.

— Eu quero um beijinho — Milan diz, apontando para os lábios.

— Não. — Ela ri.

— Então você vai ter que dar uma olhada no meu pau — ele diz a sério, e puxa a calça e a cueca para baixo.

— Bonitinho — ela diz sem pestanejar.

— Merda, eu só estou zoando com você. Eu sei, você é da Investigação Criminal, não é?

— Sim.

— Armada? — Ele puxa a calça de volta para cima.

— Glock.

Milan ri em silêncio e olha para a passarela. Um enxame de minúsculos insetos paira no ar ao lado dos degraus.

— O único lugar que corresponde à sua descrição costumava ser em Barkarby — ele diz, olhando para Joona. — Club Noir, esse era o nome. Mas agora já era.

Este não é o país nem o tempo para grandes bordéis. Hoje em dia, geralmente é um apartamento com algumas garotas do Leste Europeu, negócios feitos pela internet, muitos elos na cadeia, ninguém nunca é culpado de porra nenhuma.

— Mas esse lugar existiu? — Joona diz.

— Antes do meu tempo. Não está mais lá. Não pode estar. Ninguém nunca nem menciona isso aí.

— A quem nós perguntamos?

Milan se vira para ele. Uma leve sombra de bigode faz seus lábios parecerem ainda mais finos. Seus olhos pequenos e pretos são profundos, próximos.

— A mim. Se fosse possível comprar heroína lá, eu saberia a respeito, a menos que seja um pequeno enclave russo.

— Então, onde as pessoas compram heroína? — Margot pergunta.

Erik está com uma terrível dor de cabeça há dois dias. Passou a manhã lendo poemas de Rainer Maria Rilke enquanto um homem rabugento afina o piano de cauda que acaba de ser trazido pelas portas da varanda.

Erik olha para cima quando Jooná sai do escritório. Ele vestiu um agasalho e desapareceu no corredor quando a campainha tocou.

— Erik comprou um piano de cauda — uma animada voz de menina diz.

— Você deve ser Madeleine — Jooná sugere.

Erik abaixa o livro assim que ouve as vozes e rapidamente vai ao banheiro e enxagua o rosto. Suas mãos estão tremendo, e ele sente uma pontada de angústia enquanto encara os próprios olhos injetados. Pensa nas três fotografias e no cheiro de plástico na sala de reuniões, nos olhos verdes de Sandra e no generoso sorriso de Maria.

Quando entra na sala, Jackie e Madeleine já estão na frente do piano, sussurrando e rindo.

Jackie dobra a bengala branca e coloca a mão no ombro da filha.

— Você está tentando me impressionar? — ela pergunta.

— É realmente lindo — Madeleine comenta.

— Experimenta — Erik diz, a voz trêmula.

— Foi afinado depois da mudança? — Jackie pergunta.

— Isso foi parte do negócio — ele responde.

Madeleine senta-se na banquetta e começa a tocar um dos noturnos de Satie. Ela move os dedos com delicadeza, e seu corpo pequeno está ereto e concentrado. Assim que termina a última nota, ela se vira com um grande sorriso.

Erik aplaude e pode quase sentir lágrimas em seus olhos.

— Maravilhoso. Como você pode ser tão boa?

— Vai ser necessário afinar de novo em breve — Jackie diz.

— Tudo bem.

Ela sorri e corre os dedos por sobre o preto reluzente da tampa fechada. A mão dela parece feita de pedra no reflexo do verniz.

— Mas o som é muito bom.

— Que bom — Erik diz.

Madeleine puxa o braço dele.

— Agora eu quero ouvir o robô tocar — ela diz.

— Não — Erik protesta.

— Sim! — Madeleine e Jackie riem em uníssono.

— Você definiu um padrão muito alto — Erik resmunga e se senta.

Ele pousa os dedos sobre as teclas, sente o próprio corpo tremer e para antes mesmo de começar.

— Quero dizer, Maddy, estou tão impressionado — ele diz.

— Você é bom também — ela afirma.

— Você é tão boa assim no futebol?

— Não.

— Eu aposto que é — ele diz carinhosamente. — Eu estava pensando em chegar cedo amanhã, assim eu vou ter tempo para ver você marcar um gol.

O rosto da menina se enrijece e ela parece chateada.

— O quê? — Jackie pergunta.

— Quando eu buscar a Maddy depois do jogo dela — Erik responde.

O rosto de Jackie fica pálido e tenso.

— Isso foi ontem — ela diz, a voz carregada.

— Mamãe, eu... eu posso fazer isso sozinha...

— Você foi embora andando sozinha? — Jackie pergunta.

— Eu não entendo — Erik diz. — Eu pensei...

— Fique quieto — ela o interrompe. — Maddy, o Erik não apareceu depois do jogo?

— Foi tudo bem, mamãe — a menininha diz, e começa a chorar.

Erik simplesmente fica sentado lá com as mãos penduradas, sentindo sua dor de cabeça latejar. Ele se sente subitamente doente.

— Eu sinto muito — ele diz baixinho. — Eu não entendo como...

— Você me prometeu!

— Mamãe, pare — Madeleine chora.

— Jackie, eu estava com uma absurda quantidade de...

— Não importa! — ela grita. — Eu não quero ouvir!

— Pare de gritar — Madeleine diz, soluçando.

Erik se ajoelha na frente de Jackie e olha nos olhos dela.

— Maddy, pensei que fosse amanhã. Eu entendi errado.

— Está bem...

— Não fale com ele! — Jackie vocifera.

— Por favor, eu só quero...

— Eu sabia — ela diz, e seus olhos escuros piscam com raiva. — Aqueles comprimidos... não eram aspirinas, eram?

— Eu sou médico — Erik tenta explicar, levantando-se. — Eu sei o que estou fazendo.

— Certo — Jackie murmura, puxando Madeleine em direção à porta.

— Mas desta vez...

Ela esbarra em uma mesa que precisou ser movida para dar espaço ao piano. Um vaso de flores secas cai e se quebra em três pedaços grandes.

— Mamãe, você quebrou...

— Eu não estou nem aí! — Jackie esbraveja.

Madeleine parece assustada enquanto segue a mãe, chorando e soluçando.

— Jackie, espere! — Erik implora, tentando segui-las. — Estou tendo alguns problemas com meus comprimidos. Eu não sei como isso aconteceu, mas...

— Você acha que eu dou a mínima? Eu deveria sentir pena de você agora? Porque você toma drogas e coloca minha filha em perigo? Eu não posso confiar em você. Você deve saber disso, com certeza. Eu não quero que você chegue perto dela.

— Vou chamar um táxi — Erik diz com voz pesarosa.

— Mamãe, não foi culpa dele. Por favor, mamãe...

Jackie não responde. Lágrimas escorrem por seu rosto enquanto conduz a filha porta afora.

— Eu sinto muito. Eu estrago tudo — Madeleine soluça.

No cruzamento das ruas Mäster Samuels e Malmskillnads, os prédios altos formam um túnel de vento. Poeira e lixo rodopiam, inquietos, em torno da pequena estátua de bronze de uma menina cujos olhos virados para baixo estão cercados de prostitutas há mais de três décadas.

Erik veio acompanhado de Joona, para que ele esteja por perto caso encontrem Rocky. Ele está sentado no Restaurante Mozzarella e acabou de pedir uma xícara de café.

Erik já ligou para Jackie e deixou duas mensagens, tentando explicar que talvez haja um paciente no encalço dele.

Ele toma um gole de café e vê seu rosto preocupado refletido na janela da rua. Não consegue entender como conseguiu arruinar tudo. Estar sozinho depois que Simone foi embora não o assustou, mas então ele recebeu outra chance. O Cupido chegou de mansinho no canto de sua nuvem e disparou outra flecha em seu caminho.

Ele pega o celular, olha a hora e liga mais uma vez para Jackie. Quando a voz gravada dela pede que ele deixe uma mensagem, Erik fecha os olhos e fala:

— Jackie... eu sinto muito, de verdade. Eu já disse isso, mas as pessoas cometem erros. Não vou dar desculpas, mas estou aqui. Eu vou esperar por você. Vou praticar meu estudo. E estou disposto a fazer o que for preciso para que você comece a confiar em mim novamente.

Ele coloca o telefone sobre a mesa.

Do lado de fora, Joona para ao lado de duas mulheres em frente a uma parede de concreto branca. Apoiando-se na bengala, ele tenta puxar assunto com elas, mas quando percebem que ele não é um cliente, as mulheres lhe dão as costas e começam a conversar entre si em voz baixa.

— Vocês conhecem algum lugar chamado Zona? — ele pergunta. — Pago bem se puderem me dizer onde fica.

Elas começam a se afastar, e Joona vai mancando atrás delas, tentando explicar que a Zona talvez tenha outro nome.

Ele se detém e caminha na direção oposta. Mais adiante, perto das torres da rua Kungs, uma mulher magra entra em uma van branca.

Joona passa por alguns andaimes e vê uma pilha de luvas de látex descartadas e preservativos ao lado da parede.

Uma mulher de quarenta e poucos anos está sentada na porta ao lado. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo bagunçado, e ela está enrolada em uma jaqueta grossa. Usa um short vermelho manchado e as pernas estão cobertas de crostas de feridas.

— Com licença — Joona diz.

— Estou indo — a mulher diz, a fala arrastada.

Ela se levanta, da maneira resignada de uma pessoa que está acostumada a ser expulsa de um lugar para o outro. Seu casaco se abre, revelando sua camiseta cortada.

— Liza? — Joona diz.

Os olhos dela estão lacrimejantes e seu rosto está enrugado e cansado.

— Eles me disseram que você estava morto — ela diz.

— Eu voltei.

— Você voltou. — Ela ri com voz rouca. — Não é o que todo o mundo faz? — ela esfrega os olhos com força, manchando a maquiagem.

— E o seu filho? — Joona diz, apoiando-se na bengala. — Ele estava com uma família adotiva, e você ia começar a vê-lo novamente.

— Você está decepcionado comigo? — Ela vira o rosto.

— Eu só pensei que você tinha desistido dessa vida — ele responde.

— Eu também, mas que se dane...

Ela dá alguns passos trôpegos, depois para e se encosta em uma lixeira transbordante.

— Posso te pagar um café e um enroladinho de queijo? — Joona pergunta.

Liza balança a cabeça.

— Você tem que comer, não é?

Ela ergue os olhos e sopra alguns fios de cabelo do rosto.

— Apenas me diga o que você quer saber.

— Você conhece um lugar chamado Zona? Parece que muitas garotas trabalham lá. É russo, existe há uns dez anos, e dá para comprar heroína com bastante facilidade lá.

— Costumava haver um lugar em Barkarby. Qual era mesmo o nome, porra?

— Club Noir. Esse já era.

Um bando de pardais alça voo das árvores.

— Há a casa de massagens em Solna, mas...

— Essa aí é muito pequena — Joona diz.

— Experimente a internet — sugere ela.

— Obrigado, eu vou fazer isso — ele diz, e começa a se afastar.

— A maioria dos homens está bem — ela murmura.

Joona se detém e olha para ela novamente. Ela está de pé, sem muita firmeza, as mãos na lata de lixo, lambendo os lábios.

— Você sabe por onde Peter Dahlin tem andado ultimamente? — ele pergunta.

— No inferno, eu espero.

— Eu sei... mas e se ele não chegou lá ainda?

Ela se inclina e começa a coçar a perna.

— Ouvi dizer que ele se mudou de volta para a casa da mãe no edifício Fältöversten, em Karlaplan — ela diz, olhando para as unhas.

Erik para o carro no estacionamento no subsolo do shopping center em Fältöversten e, enquanto caminham em direção aos elevadores, Joona explica que tecnicamente ele não está autorizado a estar ali.

— Há uma medida cautelar contra mim — ele diz, e seu sorriso faz Erik estremecer.

No sexto andar, eles andam por um corredor sem graça, com nomes em caixas de correio, capachos empoeirados, carrinhos de bebê e tênis.

Joona toca a campainha em uma porta com uma placa de latão ornamentada com o nome Dahlin.

Depois de alguns minutos, uma mulher na faixa dos vinte anos abre a porta. Há uma expressão assustada em seus olhos, ela tem a pele maltratada e seu cabelo está enrolado em bobes antiquados.

— Peter está assistindo à televisão? — Joona pergunta, entrando.

Erik entra atrás dele e fecha a porta. Ele olha em volta da enfadonha entrada, com bordados florais nas paredes, além de retratos coloridos de uma mulher idosa com dois gatos no colo.

Joona empurra uma porta com a bengala, caminha direto para a sala de estar e para na frente de um homem mais velho sentado em um sofá de couro marrom com dois gatos malhados. O homem usa óculos de lentes grossas, camisa branca e gravata vermelha, e seu cabelo ondulado foi penteado sobre um trecho careca no meio da cabeça.

A televisão exibe um velho episódio de *Columbo*. Peter Falk coloca as mãos nos bolsos da capa de chuva amarrotada e sorri para si mesmo.

O homem no sofá olha de relance para Joona, tira de um saco empoeirado uma guloseima de gato, joga no chão e depois cheira os dedos.

Os dois gatos saltam para o chão sem muito entusiasmo e cheiram o petisco. A jovem vai mancando até a cozinha e torce um pano de prato.

— Você fez o seu de sempre? — Joona pergunta.

— Você não sabe de nada — Peter Dahlin responde com voz anasalada.

— Ela tem alguma ideia de que isso é apenas o começo?

Peter Dahlin sorri para ele, mas os cantos dos seus olhos estão se contraindo nervosamente.

— Eu passei por esterilização voluntária, você sabe disso — ele diz. — Minha condenação foi anulada, recebi indenização por danos e você não tem permissão de chegar perto de mim.

— Eu vou embora assim que você responder à minha pergunta.

— Pode apostar que eu vou denunciar isso — ele diz, coçando a virilha.

— Eu preciso encontrar um lugar chamado Zona.

— Boa sorte.

— Peter, você esteve em todos os lugares aonde as pessoas não deveriam ir e...

— Estou muito, muito mal — o homem diz sarcasticamente.

A mulher na cozinha coloca a mão na barriga e fecha os olhos por um momento.

— Ela não está usando calcinha nem sutiã. — Peter coloca os pés na ponta do sofá. — A lingerie dela está embebida em vinagre debaixo da cama.

— Erik — Joona diz —, tire-a daqui. Explique a ela que estamos com a polícia. Talvez ela precise consultar um médico.

— Eu vou encontrar outra — Peter diz, indiferente.

Erik leva a jovem até a entrada do apartamento. Ela segura a mão sobre a barriga, e seu corpo balança enquanto ela calça as botas e pega a bolsa.

Antes mesmo de fecharem a porta ao sair, Joona agarra um dos tornozelos de Peter e começa a andar em direção à cozinha.

O homem mais velho consegue agarrar o braço do sofá, que se move junto com ele, amarrotando o tapete persa.

— Me solta, você não tem permissão...

O sofá enrosca na soleira da cozinha, e Peter desliza por cima do braço do sofá e solta um sonoro gemido quando bate no chão. Joona o arrasta pelo chão da cozinha de linóleo. Há um ruído de patas de gatos quando os bichanos saem correndo às pressas. Peter tenta agarrar uma perna da mesa, mas não consegue alcançá-la.

Joona encosta a bengala no canto, abre a porta da sacada e puxa Peter com força para a grama verde de plástico antes de soltá-lo.

— Qual é a sua? Eu não sei de nada e você não é...

Joona o agarra e o ergue por cima do parapeito, e ele bate com um baque seco contra o exterior da tela de proteção da sacada vermelha. Ele não solta até ver que Peter está se segurando firme.

— Eu estou escorregando, estou escorregando! — Peter berra.

Os nós de seus dedos estão ficando brancos e seus óculos caem no chão, bem lá embaixo.

— Diga-me onde fica a Zona.

— Eu nunca ouvi falar disso — ele diz, a voz entrecortada.

— Um lugar grande, talvez seja russo... com prostitutas, um palco, muita droga circulando.

— Eu não sei — Peter soluça. — Você tem que acreditar em mim!

— Então eu vou embora. — Joona se afasta.

— Tá legal, eu ouvi o nome, Joona! Eu não aguento mais. Eu não sei onde é, eu não sei de nada.

Joona olha para ele de novo e o puxa por sobre o parapeito. O corpo inteiro de Peter está tremendo enquanto ele tenta entrar na cozinha.

— Isso não é suficiente — Joona diz, empurrando-o de volta para o parapeito.

— Alguns anos atrás... havia uma garota. Ela mencionou alguns sujeitos de Volgogrado — ele se apressa em dizer, movendo-se ao longo do parapeito para a parede. — Não era um bordel, parecia mais como um ringue... você sabe, barra-pesada feito o inferno, todos assistindo uns aos outros.

— Onde era?

— Eu não faço ideia, eu juro — ele sussurra. — Eu diria a você se soubesse.

— Onde posso encontrar a mulher que te contou sobre isso?

— Foi em um bar em Bangcoc. Ela passou alguns anos em Estocolmo. Eu não sei qual é o nome dela.

Joona volta para a cozinha.

Peter Dahlin vai atrás dele e fecha a porta da sacada.

— Você não pode fazer isso — ele diz, recompondo-se e enxugando as lágrimas com uma toalha de papel.

— Você vai ser demitido e...

— Eu não sou mais policial — Joona diz, pegando sua bengala no canto. — Então eu tenho muito tempo para ficar de olho em você.

— Como assim ficar de olho em mim? O que isso quer dizer? O que você quer?

— Se você fizer o que eu digo, você vai ficar bem — Joona responde, virando a bengala nas mãos.

— O que você quer que eu faça? — Peter Dahlin pergunta.

— Assim que você for ao hospital, você vai à polícia e...

— Por que eu iria ao hospital?

Joona golpeia o rosto de Peter Dahlin com a bengala. Ele cambaleia para trás, segurando as duas mãos no nariz, tropeça em uma cadeira, cai de costas e bate a cabeça no chão com tanta força que o sangue respinga na comida de gato dentro das tigelas.

— Depois de ir ao hospital, você vai à polícia e confessa todas as agressões — Joona diz, apertando a bengala contra o buraco da garganta dele. — Mirjam tinha catorze anos quando se matou. Anna-Lena perdeu os ovários. Liza foi parar na prostituição, e a menina que estava aqui ainda agora...

— Tá legal! — Peter grita. — Tá legal!

Erik leva a jovem a um ginecologista que ele conhece no Hospital Sophia e depois pega Joona na rua Valhalla.

— Agora sabemos que a Zona existe — Joona diz ao entrar no carro. — Mas parece ser um esquema russo em que a pessoa compra a adesão contribuindo com atividades ilegais.

— E assim o sócio é obrigado a se manter calado — Erik diz, tamborilando os dedos no volante. — É por isso que ninguém sabe de nada.

— Nunca conseguiremos rastrear isso, e levaríamos vários anos para infiltrar alguém.

Joona olha para o celular e vê que o Agulha ligou três vezes na última hora.

— Agora temos apenas uma pista a seguir, se quisermos encontrar a Zona — Joona diz. — E é a mulher que Rocky chamou de Tina.

— Mas ela não está mais viva, está?

— Ela não consta do banco de dados, então ninguém foi assassinado dessa maneira na Suécia. Ter um braço decepado não é o tipo de coisa que passaria despercebido.

— Talvez tenha sido apenas um pesadelo.

— Você acredita nisso? — Joona pergunta.

— Não.

— Certo, então vamos ver o Agulha.

O setor do patologista-chefe tem várias salas de aula, mas apenas uma para a exibição de corpos. O salão lembra um teatro de anatomia. A sala é circular, com filas de cadeiras subindo cada vez mais alto ao redor do pequeno palco com a mesa de autópsia.

Do saguão eles podem ouvir a voz aguda do Agulha através das portas fechadas enquanto ele termina uma palestra. Eles entram fazendo o mínimo de ruído possível e se sentam.

Nils veste o jaleco branco e está de pé ao lado do corpo enegrecido de um homem que morreu congelado.

— E, de tudo que eu disse hoje, há uma coisa específica da qual vocês nunca devem se esquecer — o Agulha diz. — Um ser humano não está morto até que esteja ao mesmo tempo morto e quente.

Ele coloca uma mão enluvada no peito do cadáver e faz uma reverência, e os estudantes de medicina aplaudem.

Joona e Erik esperam até que os alunos saiam da sala para descer ao púlpito. O cadáver exala um forte cheiro de levedura e putrefação.

— Eu verifiquei nossos registros — o Agulha diz —, mas não há menção a esse tipo de ferimento. Vasculhei os bancos de dados cobrindo crimes violentos, acidentes e suicídio. Ela não existe.

— Mas você também me procurou quando eu sumi — Joona diz.

— Então a resposta óbvia é que o corpo não foi encontrado — o Agulha murmura, tirando os óculos e lustrando as lentes.

— Claro, mas...

— Alguns nunca são encontrados — Nils o interrompe. — Outros são encontrados muitos anos depois, e alguns são encontrados, mas nunca identificados. Nós tentamos com registros dentários e DNA e mantemos os corpos por uns dois anos. Nossos patologistas são bons, mas até mesmo eles têm que enterrar alguns cadáveres não identificados todo ano.

— Os ferimentos ainda assim teriam que ser registrados, não é? — Joona continua.

Há um estranho brilho nos olhos do Agulha quando ele abaixa a voz.

— Eu pensei em outra possibilidade — ele diz. — Costumava haver um grupo de patologistas que colaboravam com certos detetives. Eles eram conhecidos como “Poupadores de Impostos” e acreditavam ser capazes de identificar de antemão os casos que nunca levariam a lugar algum.

— Você nunca me contou sobre isso — Joona diz.

— Foi nos anos 1980. Os Poupadores de Impostos não queriam que os contribuintes suecos fossem sobrecarregados com o custo de investigações policiais inúteis e tentativas desesperadas de identificar cadáveres. Não foi um escândalo de grandes proporções, apesar de algumas pessoas terem ficado enfurecidas, e o grupo foi dissolvido. Mas quando você descreveu Tina como uma viciada em heroína, uma prostituta, possivelmente uma vítima de tráfico humano...

— Você ficou se perguntando se os Poupadores ainda estariam na ativa? — Joona diz.

— Não haveria papelada — Nils diz. — Nenhuma investigação, nada de Interpol. O corpo teria sido enterrado como indigente e os recursos usados em outro lugar.

— Mas neste caso Tina ainda estaria no banco de dados do Instituto Nacional de Medicina Forense — Erik diz.

— Tente procurar um corpo não identificado, causa natural de morte, doença — o Agulha diz.

— Com quem eu falo? — Joona pergunta.

— Fale com Johan na genética forense, mencione o meu nome. Ou eu poderia ligar para ele, já que estamos aqui.

Ele pega o celular e desliza na tela a lista de contatos; em seguida, coloca o aparelho no ouvido.

— Olá, aqui é o professor Nils Åhlén. Eu... não, obrigado, foi muito agradável. Apenas um tanto inusitado, eu diria.

O Agulha anda duas vezes em volta do cadáver enquanto fala. Assim que termina a ligação, fica em silêncio por um momento. Sua boca se contorce levemente. Os bancos vazios se espalham ao redor deles como os anéis de crescimento de uma enorme árvore.

— Há apenas uma mulher desconhecida de Estocolmo que corresponde à idade de Tina durante o período em questão — o Agulha diz, por fim. — Ou é ela, ou o corpo dela nunca foi encontrado.

— Então pode ser ela? — Erik pergunta.

— O atestado de óbito diz ataque cardíaco. Há uma referência a outro arquivo, mas esse arquivo não existe.

— Não há descrição do corpo?

— Obviamente, eles mantiveram uma amostra de DNA , impressões digitais, registros odontológicos — o Agulha responde.

— Onde ela está agora? — Joona pergunta.

— Ela está em Skogskyrkogården, enterrada entre as árvores do Cemitério da Floresta — o Agulha diz. — Sem nome, número da sepultura 32 2 53 332.

Skogskyrkogården, ao sul de Estocolmo, é um patrimônio mundial da Unesco e contém mais de cem mil túmulos. Erik e Joona caminham pelas veredas bem cuidadas, passam pela Capela do Bosque e observam as rosas amarelas diante da lápide vermelha de Greta Garbo.

O bloco número 53 está localizado mais longe, perto da cerca de frente para a estrada Gamla Tyresö. Os funcionários do cemitério descarregaram de um caminhão uma retroescavadeira e já cavaram a terra acima do caixão. A grama jaz ao lado do monte de terra, um emaranhado de raízes fibrosas e minhocas roliças.

O Agulha e seu assistente Frippe se aproximam pelo outro lado, e os quatro se cumprimentam em voz baixa. Frippe cortou o cabelo, e seu rosto parece um pouco mais redondo, mas ele ainda está usando o mesmo cinto e camiseta desbotada com um logotipo preto de Hammerfell em que Joona sempre o viu.

A cabine da retroescavadeira gira suavemente, e o sistema hidráulico assobia à medida que o balde afunda e avança, raspando com cuidado a terra da tampa do caixão.

Como de costume, o Agulha está dando uma breve palestra a Frippe, dessa vez sobre como a amônia, o sulfeto de hidrogênio e os hidrocarbonetos são liberados quando as proteínas e os carboidratos se quebram.

— O estágio final do processo de decomposição deixa o esqueleto totalmente exposto.

Nils sinaliza para o operador da retroescavadeira recuar. Torrões de solo argiloso caem da lâmina do balde da máquina. Ele desliza para dentro da cova com a mão na borda. A tampa do caixão cedeu sob o peso da terra.

Ele raspa com uma pá ao redor da borda do caixão, depois limpa com as mãos, insere a lâmina da pá sob a tampa e tenta forçá-la a abrir, mas o compensado se rompe. Não resta mais força nela. É como papelão molhado.

O Agulha sussurra algo para si mesmo, joga a pá de lado e, lentamente, começa a retirar a tampa, pedaço por pedaço, com as mãos. Ele passa as partes para Frippe, até que o conteúdo da sepultura esteja totalmente exposto.

O esqueleto no caixão não é nem um pouco desagradável. Parece apenas indefeso. É pequeno, quase como o corpo de uma criança, mas o Agulha assegura-

lhes que pertencia a uma mulher adulta.

— Um metro e sessenta e oito — ele murmura.

Ela foi enterrada de camiseta e calcinha. O tecido está agarrado ao esqueleto. A curva da caixa torácica está intacta, mas o material afundou pélvis adentro.

A imagem de um anjo azul-cobalto ainda é visível na camiseta.

Frippe caminha ao redor da sepultura, tirando fotografias de todos os ângulos. O Agulha tirou um pequeno pincel que ele usa para remover terra e fragmentos de compensado do esqueleto.

— O braço esquerdo foi decepado perto do ombro — o Agulha declara.

— Encontramos o pesadelo — Joona diz em voz baixa.

Eles observam o Agulha virar cuidadosamente o crânio. A mandíbula se soltou, mas de resto a caixa óssea está inteira.

— Incisões profundas na frente do crânio — o Agulha diz. — Testa, osso zigomático, maçãs do rosto, maxilar superior. As incisões continuam na clavícula e no esterno.

— O pregador está de volta — Erik diz com uma sensação agourenta na boca do estômago.

O Agulha continua a usar o pincel para escovar a terra do corpo. Ao lado do osso do quadril, encontra um relógio de pulso com o mostrador arranhado. A pulseira de couro sumiu, converteu-se em pó cinza.

— Parece um relógio de homem — ele diz, pegando-o e virando-o.

Na parte de trás há uma inscrição com letras em alfabeto cirílico. O Agulha pega o celular e fotografa as letras.

— Vou mandar isso para Maria no Instituto Eslavo — ele murmura.

Joona acabou de receber outra injeção de cortisona e está no jardim dos fundos da casa de Erik praticando técnicas de combate com um longo bastão de madeira.

O Agulha está tentando localizar o paradeiro do colega que assinou o atestado de óbito de Tina enquanto eles aguardam a tradução da inscrição no relógio, para descobrir se isso pode ajudá-los a avançar nas investigações.

Erik está sentado ao piano de cauda, observando o padrão repetitivo de bloqueios e ataques de seu amigo enquanto as sombras cruzam a fina cortina de linho.

Parece o teatro de sombras chinês, ele pensa, depois olha para as teclas do piano a sua frente.

Ele estava planejando praticar seu estudo, mas não tem forças para tentar. Sua mente está muito fora de foco. Ele ainda não conseguiu falar com Jackie, e Nelly ligou do trabalho uma hora atrás para perguntar se ela poderia ir vê-lo.

Lentamente, Erik pousa seu dedo mindinho sobre uma tecla e a aperta, fazendo a primeira nota ecoar quando seu celular toca.

— Erik Maria Bark — ele atende.

— Alô — uma voz bem aguda responde. — Meu nome é Madeleine Federer e...

— Maddy? Como você está? — Erik diz, ofegante.

— Tudo bem — a menina sussurra. — Eu peguei emprestado o telefone de Rosita... eu só queria dizer que era legal quando você estava aqui com a gente.

— Eu adorava estar na sua companhia e na da sua mãe — Erik diz.

— A mamãe sente sua falta, mas ela é boba e finge que...

— Você precisa ouvi-la e...

— *Maddy* — alguém chama no fundo —, *o que você está fazendo com o meu telefone?*

— Desculpe por ter estragado tudo — a menina diz rapidamente, e então a ligação se encerra.

Erik escorrega da banqueta do piano e se senta no chão com as mãos no rosto. Depois de algum tempo, ele se deita e olha para o teto, pensando que é hora de se controlar e parar de tomar comprimidos.

Ele está acostumado a ajudar os pacientes a seguir em frente.

— Quando as coisas chegam ao seu ponto mais obscuro, só podem ficar mais claras — ele diz para si mesmo.

Então se levanta com um suspiro, enxágua o rosto, depois se senta nos degraus do lado de fora da porta de vidro.

Com um gemido, Joona se vira, aplica um golpe baixo com o bastão, depois lança um ataque atrás de si antes de parar e olhar para Erik.

O rosto dele está molhado de suor, os músculos estão injetados de sangue e ele respira com dificuldade, mas não está exatamente sem fôlego.

— Você teve tempo de analisar os registros de seus velhos pacientes?

— Encontrei alguns que eram filhos de padres — Erik diz.

Ele ouve um carro parar e estacionar na frente da casa.

— Passe os nomes para Margot.

— Mas eu só comecei a fuçar os arquivos.

Nelly dá a volta pela lateral da casa e vai até eles. Ela está vestindo uma jaqueta de motociclista justa e calça preta apertada.

— Supostamente estamos na palestra de Rachel Yehuda — ela diz, sentando-se ao lado de Erik.

— Isso é hoje?

O telefone de Joona toca e ele caminha na direção do galpão antes de atender.

Erik acha que Nelly parece cansada e calada. A pele fina abaixo dos olhos dela está cinza e ela está com a testa franzida.

— Você parece preocupada — ele diz.

Ela apenas balança a cabeça e olha para ele com uma expressão exausta.

— Você acha que minha boca é feia? — ela pergunta. — Os nossos lábios ficam mais finos conforme a gente envelhece. E Martin, ele é muito sensível quando se trata de bocas.

— Então, como está a aparência de Martin? Ele não envelheceu?

— Não ria, mas estou pensando em fazer uma cirurgia. Não estou pronta para envelhecer. Não quero que ninguém pense que ele está dormindo comigo por pena.

— Você é linda, Nelly.

— Eu não estou cavando elogios. É que já não é assim, não parece mais a mesma coisa. — Ela para de falar e seu queixo treme.

— O que aconteceu?

— Nada. — Ela esfrega suavemente sob os olhos antes de olhar para cima.

— Você precisa falar com o Martin sobre a pornografia, se isso está incomodando você.

— Não é isso — ela diz.

Joona terminou sua ligação e caminha na direção deles com o telefone na mão.

— O Instituto Eslavo conseguiu decifrar o texto naquele relógio. É bielorrusso, aparentemente.

— O que diz? — Erik pergunta.

— “Em homenagem às grandes realizações de Andrej Kaliov, Faculdade Militar, Universidade Yanka Kupala.”

Eles seguem Joona até o escritório. Ele consegue rastrear o nome em menos de cinco minutos através da Interpol. A unidade de cooperação policial internacional transfere a ligação para o Escritório Central Nacional em Minsk.

Ele descobre que não há indicação alguma de que Andrej Kaliov tenha sumido, mas uma mulher chamada Natalia Kaliova, de Gomel, foi dada como desaparecida.

Em inglês com sotaque britânico, a mulher ao telefone explica que a suposição era a de que Nátaia — a mulher a quem Rocky chamou de Tina — tinha sido vítima de tráfico humano.

— A família diz que uma amiga dela ligou da Suécia e a incentivou a ir até aí via Finlândia, sem visto de residência.

— Isso é tudo? — Joona pergunta.

— Você poderia tentar falar com a irmã dela — a mulher diz.

— A irmã dela?

— A irmã mais nova foi para a Suécia à procura dela e ainda está aí. Aqui diz que ela nos liga regularmente para descobrir se há alguma notícia.

— Qual é o nome da irmã?

— Irina Kaliova.

A cozinha central no distrito de Kungsholmen, em Estocolmo, cheira a batatas cozidas. As cozinheiras estão trabalhando diante de seus fogões, vestidas com aventais brancos e redes de cabelo. O som de uma máquina de fatiar ecoa nas paredes de azulejos e nas bancadas de metal.

Erik pediu a Nelly que fosse com eles encontrar pessoalmente Irina Kaliova. Poderia ser útil ter uma psicóloga por perto quando a mulher descobrisse que sua irmã tinha sido uma vítima da indústria de tráfico sexual antes de ser assassinada.

Irina está vestida como todas as demais funcionárias, com uma rede de cabelo e avental branco. Ela está de pé ao lado de uma fileira de enormes panelas penduradas em ganchos. Ela se concentra em um painel de exibição, em seguida, aciona um comando e puxa uma alavanca para abaixar uma das panelas.

— Irina? — Joona pergunta.

Ela levanta a cabeça e olha com curiosidade para os três estranhos. Suas bochechas estão vermelhas, a testa está suada pelo vapor que sobe da água fervente, e uma mecha de cabelo solto está pendurada na testa.

— Você fala sueco?

— Sim — ela diz, e continua trabalhando.

— Nós somos da Investigação Criminal.

— Eu tenho um visto de residência — ela se apressa em dizer. — Está tudo no meu armário, meu passaporte e todos os meus documentos.

— Há algum lugar aonde poderíamos ir conversar?

— Eu preciso perguntar ao meu chefe primeiro.

— Já falamos com ele — Joona diz.

Irina diz algo para uma das mulheres, que sorri de volta. Ela põe a rede de cabelo no bolso, depois os conduz pela cozinha barulhenta, passa por uma fila de carrinhos de comida e entra numa salinha de descanso de funcionários com uma pia cheia de canecas sujas. Há seis cadeiras ao redor de uma mesa com uma tigela de maçãs no centro.

— Eu pensei que estava prestes a ser demitida — ela diz com um sorriso nervoso.

— Podemos nos sentar? — Joona pergunta.

Irina faz que sim com a cabeça e se senta em uma das cadeiras. Ela tem um rosto bonito e redondo, como um menino de catorze anos. Joona olha para os ombros magros dela no avental branco e se vê pensando no esqueleto branco da irmã na sepultura.

Natalia usava o nome Tina como prostituta, e foi assassinada e enterrada como lixo porque estava sozinha e não tinha documentos nem alguém para ajudá-la. Ela foi usada pela Suécia e depois disso não valeu nem sequer o custo de uma identificação adequada.

Não há nada mais difícil do que ter que informar um parente sobre a morte de um ente querido. Não há como se acostumar à dor que você inflige a outrem, ao modo como toda a cor escoa do rosto de quem recebe a notícia. Qualquer tentativa de ser sociável, rir e brincar, desaparece.

Com a mão trêmula, Irina junta algumas migalhas sobre a mesa. Esperança e medo passam rapidamente por seu rosto.

— Receio que tenhamos más notícias — Joona diz. — Sua irmã Natalia está morta. Os restos mortais dela acabam de ser encontrados.

— Agora? — A voz dela tem um tom inexpressivo.

— Ela está morta há nove anos.

— Eu não entendo.

— O corpo acaba de ser descoberto.

— Na Suécia? Eu a procurei. Eu não entendo.

— Ela tinha sido enterrada, mas não pôde ser identificada antes. É por isso que demorou tanto tempo.

As mãos pequenas continuam a juntar as migalhas, depois escorregam para o colo.

— Como isso aconteceu? — ela pergunta, os olhos arregalados e vazios.

— Não temos certeza ainda — Erik responde.

— O coração dela sempre foi... ela não queria nos deixar preocupados, mas às vezes ele parava de bater, parecia uma eternidade antes de... — O queixo de Irina começa a tremer.

Ela esconde a boca com a mão, olha para baixo e engole em seco.

— Você tem alguém com quem conversar depois do trabalho? — Nelly pergunta.

— O quê? — Ela rapidamente enxuga as lágrimas das bochechas e engole em seco. — Tudo bem — ela diz, mais focada. — O que eu tenho que fazer? Tenho que pagar alguma coisa?

— Você não precisa fazer nada. Gostaríamos apenas de fazer algumas perguntas — Joona diz. — Tudo bem?

Ela assente e mais uma vez começa a pegar as migalhas sobre a mesa. Eles ouvem um som metálico da cozinha e alguém tenta abrir a porta.

— Você teve algum contato com sua irmã enquanto ela estava na Suécia?

Irina balança a cabeça. Sua boca se move ligeiramente, depois ela olha para cima.

— Eu era a única pessoa que sabia que ela estava vindo para Estocolmo, mas prometi não dizer nada. Eu era jovem, não entendia. Ela foi muito dura comigo, disse que queria surpreender a mamãe com seu primeiro salário. Nunca chegou dinheiro nenhum, mas falei com ela pelo telefone uma vez. Ela só disse que tudo ficaria bem.

Irina fica em silêncio e parece se perder em seus pensamentos.

— Ela disse onde estava morando?

— Não temos irmãos — ela responde. — Papai morreu quando éramos pequenas. Eu não me lembro dele, mas a Natalia se lembrava. E depois que ela partiu, ficamos apenas eu e a mamãe... a mamãe sentia tanta falta dela que costumava chorar e se preocupar com o coração fraco da Natalia, e disse que sabia que alguma coisa terrível havia acontecido. Então eu pensei que se conseguisse encontrar minha irmã e levá-la de volta para casa, tudo ficaria bem. A mamãe não queria que eu fosse embora e morreu sozinha.

— Eu sinto muito — Joona diz.

— Obrigada. Bem, agora eu sei que Natalia está morta. — Irina se levanta. — Acho que eu já desconfiava disso, mas agora eu sei.

— Você sabe onde ela estava morando?

— Não.

Ela dá um passo em direção à porta, claramente ansiosa para se afastar de toda a situação.

— Por favor, sente-se por um momento — Erik pede.

— Eu preciso voltar ao trabalho.

— Irina — Joona fala com uma ressonância sombria que faz com que a jovem escute com atenção —, sua irmã foi assassinada.

— Não, eu acabei de dizer, o coração dela...

O avental de Irina prende no encosto da cadeira, arrastando-a consigo. Tão logo assimila a verdade, ela perde o controle do rosto. As bochechas ficam brancas, os lábios tremem e as pupilas se dilatam.

— Não — ela choraminga.

Ela se apoia na bancada, balança a cabeça e tateia a porta da geladeira à procura de algo a que se agarrar.

Nelly tenta acalmá-la, mas ela se desvencilha.

— Irina, você precisa...

— Deus, não, não a Natalia! — Irina grita. — Ela prometeu — diz, e segura a alça da geladeira, e a porta se abre quando ela cai, tirando do lugar uma prateleira repleta de ketchup e geleia.

Nelly corre até ela e segura seus ombros delicados.

— *Nie maja siastra* — Irina diz, a voz entrecortada. — *Nie maja siastra* .

Ela se encurva no colo de Nelly e segura a mão sobre a boca enquanto chora, gritando na palma da mão e tremendo incontrolavelmente.

Depois de alguns minutos ela se acalma e se senta, mas ainda está respirando de forma irregular e soluçando. Ela enxuga as lágrimas e, sem forças, limpa a garganta, tentando controlar a respiração.

— Alguém a machucou? — ela pergunta, a voz abafada. — Bateram nela? Bateram na Natalia?

Seu rosto se contorce enquanto ela tenta conter as lágrimas, que mesmo assim escorrem por suas bochechas.

Joona pega alguns guardanapos de um pacote no balcão e os entrega a Irina, depois puxa uma cadeira e se senta de frente para ela.

— Se você sabe de alguma coisa, qualquer coisa, é muito importante que nos conte — ele diz.

— O que eu poderia saber? — ela pergunta, confusa.

— Estamos apenas tentando encontrar a pessoa que fez isso. — Nelly afasta o cabelo do rosto de Irina.

— Você falou com sua irmã por telefone — Joona continua. — Ela disse a você onde morava ou qual era o trabalho que ela fazia?

— Há homens que enganam meninas de países pobres, dizem que elas vão conseguir bons empregos, mas Natalia era inteligente, ela disse que não tinha nada a ver com isso, que era real. Ela jurou. Mas eu fui à fábrica de móveis. Ninguém lá tinha ouvido falar da Natalia, *durnaja dziaŭtjynka* . Eles não estão contratando ninguém, não fazem isso há anos.

Os olhos dela estão vermelhos de tanto chorar, e pequenas manchas vermelhas apareceram na pele clara de sua testa.

— Qual é o nome da fábrica? — Erik pergunta.

— Zona do Sofá. Fica lá em Högdalen.

Nelly permanece sentada no chão com Irina, acariciando sua cabeça e prometendo ficar com ela pelo tempo que ela quiser. Erik troca um olhar de relance com Nelly, depois ele e Joona atravessam de novo a barulhenta cozinha.

Margot está sentada na frente de um computador na sala de investigação, assistindo mais uma vez ao vídeo que Erik gravou de sua sessão de hipnose de Rocky.

A cabeça grande de Rocky se inclina para a frente enquanto ele descreve com voz lânguida sua visita à Zona. Ele fala sobre os traficantes, as strippers e o fato de que pensou que poderia pegar algum dinheiro lá.

Enquanto Margot ouve, seus olhos vagueiam pelas paredes da sala até um grande mapa, em que os padrões de movimento das vítimas estão marcados em três cores diferentes. Todos os lugares, todas as ruas onde poderiam ter entrado em contato com o pregador estão assinalados com alfinetes.

Na tela, Rocky balança a cabeça enquanto diz que o pregador cheira a tripas de peixe.

Margot vê o alfinete marcando no mapa a casa de Rebecka Hansson em Salem.

Assassinos em série geralmente se mantêm em seu território, mas neste caso os locais estão espalhados pelo distrito metropolitano de maior densidade populacional da Escandinávia.

O pregador funga um pouco e começa a falar muito alto, Rocky diz, respirando de forma errática.

Margot estremece e observa o homenzarrão se contorcer em sua cadeira e uivar de raiva enquanto descreve a maneira como o pregador decepa o braço da mulher.

O som parece o de quando você enfia uma pá na lama...

Após a descoberta em Skogskyrkogården, ninguém duvida que o pregador impuro é o assassino em série que todos estão procurando.

Ela sabe que Joona persuadiu o Agulha a pedir a exumação do corpo. Teria sido muito mais fácil se ela pudesse trabalhar com Joona abertamente, mas Benny Rubin e Petter Näslund estão apoiando Adam, resistindo ao envolvimento de Joona no caso.

Margot não tem autoridade para integrar Joona à investigação, mas com certeza não vai impedi-lo de conduzir as próprias diligências.

Rocky balança a cabeça e sua sombra se move por sobre a lustrosa imagem da coelhinha da *Playboy* na parede atrás dele.

O pregador decepa o braço dela na altura do ombro, afrouxa o torniquete e bebe...

Ouçã a minha voz agora , Erik diz.

E bebe o sangue do braço dela... enquanto Tina está sangrando até a morte no chão... querido Deus no céu... Querido Deus...

Dentro do útero de Margot, o bebê se mexe com tanta violência que ela tem que se inclinar para trás e fechar os olhos por um momento.

A investigação está em andamento e avança da forma rotineira, mas ninguém acredita de verdade que isso vá impedir outro assassinato.

A polícia bateu nas portas e interrogou centenas de vizinhos. Foram examinadas filmagens de todas as câmeras de vigilância e tráfego nas cenas dos crimes.

A menos que Rocky volte logo para o Hospital Karsudden para que Erik possa interrogá-lo, eles terão que fazer um apelo público pedindo informações sobre ele.

Margot desliga o vídeo. Ela tem a forte sensação de que está sendo observada, e se levanta e fecha as cortinas que protegem as janelas com vista para o parque.

Ela abre a bolsa e tira o pó compacto. Ela se examina no pequeno espelho e coloca um pouco mais de pó. Seu nariz está brilhante e os anéis sob seus olhos parecem escuros. Ela reaplica o batom, seca o excesso dos lábios em uma carta do sindicato da polícia, ajeita o cabelo e liga para Jenny no Skype.

Ela pode se ver na tela, e quando a chamada é conectada, abre um botão na blusa e se move um pouco para trás de modo que suas bochechas fiquem mais bem emolduradas.

Jenny responde quase imediatamente. Ela parece zangada, mas está atraente, o cabelo preto bagunçado caindo sobre os ombros magros. Ela veste uma camisa desbotada, e o coraçãozinho de ouro reluz junto ao seu pescoço.

— Oi, meu bem — Margot diz.

— Você já pegou o vilão?

— Achei que o vilão da história era eu — Margot diz.

Jenny sorri e abafa um bocejo.

— Você ligou para o banco sobre aquela cobrança ridícula?

— Sim, e aparentemente não há nada de errado com ela — Jenny responde.

— Isso não pode estar certo.

— Então, ligue você mesma.

— Eu apenas quis dizer... tá legal, não se preocupe. É tão irritante quando eles deduzem pagamentos por... ah, que se dane.

— O que você queria? — Jenny pergunta, cutucando a axila.

— Como estão as meninas? — Margot pergunta.

— Tudo bem. — Jenny olha de relance para o lado. — Mas a Linda ainda está um pouco para baixo. Ela precisa aprender a fazer novos amigos. Ela é boazinha

demais.

— Ser boazinha é uma coisa boa, não é? — Margot diz.

— Mas ela não sabe o que fazer quando sua melhor amiga diz que está de saco cheio dela. Ela fica chateada e se torna passiva.

— Ela vai aprender.

Margot gostaria de poder contar a Jenny sobre a investigação, sobre o inexplicável ódio que alimentava os assassinatos e sobre a sensação de que o pregador está por perto, observando todos eles.

Ela está preocupada porque continua esquecendo todas as coisas que as pessoas normais sabem, e que vai ter um bebê, e que as pessoas podem ser felizes e seguras.

— Você está bonita — Margot diz, inclinando a cabeça.

— Não, não estou. — Jenny sorri, em seguida boceja em voz alta. — Bem, acho que vou voltar a assistir à TV .

— Tá legal. Eu te ligo mais tarde. — Ela faz uma pausa. — Jenny, você sabe que eu te amo.

Jenny manda um beijo e encerra a ligação, deixando Margot olhando para o próprio rosto. *Eu tenho o nariz do meu pai e aquelas sobrancelhas grossas e sem viço. Pareço a tia de alguém* , ela pensa. *Igual ao meu pai, só que mulher.*

O pensamento de que tem de fazer alguma coisa para compensar Jenny está serpenteando pela cabeça de Margot quando Adam entra e abre a janela que dá para o parque.

Ele estava em uma reunião com Nathan Pollock e Elton Eriksson, da Comissão de Homicídios, em uma tentativa de reduzir a lista de potenciais criminosos e fazer a investigação avançar.

— Pollock foi um dos meus professores quando eu estava em treinamento na academia de polícia — Margot diz.

— Sim, ele me contou — Adam responde enquanto se senta e folheia uma batelada de papéis.

— Você está com o novo perfil aí? — Margot pergunta.

Em sinal de frustração, Adam enterra as mãos no cabelo espesso.

— Eles continuam repetindo coisas que já sabemos.

— É assim que funciona, estabelecer como parâmetros coisas que parecem óbvias — ela responde, recostando-se.

— “Os assassinatos são caracterizados por um elevado grau de exposição a risco, conscientização forense e brutalidade excessiva” — ele lê. — “As vítimas são mulheres em idade fértil e as cenas do crime são as casas das vítimas. O motivo pode ser instrumental, mas a violência é provavelmente expressiva.”

Margot ouve as generalizações e pensa no fato de que a lista de nomes de Anja cresceu ainda mais.

Há uma quantidade altíssima de padres e pastores na Suécia, considerando que se trata do país mais secular do mundo. Agora quase quinhentas pessoas com conexões diretas com organizações religiosas na área de Estocolmo correspondem ao perfil geral.

Essa investigação parou por completo, ela se pega pensando. Se pelo menos tivessem um testemunho ocular, uma informação decente para servir de ponto de partida.

Eles precisam colocar as coisas em foco. Não há tempo suficiente para verificar mais de quinhentos homens. Dado o ritmo impetuoso do assassino, o vídeo de sua próxima vítima poderia aparecer a qualquer momento.

Para limitar a pesquisa, precisamos adicionar alguns novos parâmetros, ela pensa. Crimes violentos anteriores, por exemplo, ou transtornos de personalidade.

— Há quarenta e dois homens que foram suspeitos em outros casos. Nove deles condenados por crimes violentos, nenhum por crime de perseguição, nenhum por homicídio e nenhum por brutalidade que tenha alguma semelhança com o de um assassino em série — Adam diz. — Onze têm condenações por crimes sexuais, trinta por drogas.

— Apenas me dê alguém em quem atirar — ela diz, cansada.

— Eu tenho três nomes. Nenhum deles é uma correspondência perfeita, mas dois foram investigados por crimes violentos contra mais de uma mulher.

— Isso já é um começo.

— O primeiro é Sven Hugo Andersson, vigário da paróquia de Danderyd. O outro é Pasi Jokala, que costumava ser ativo na Igreja Filadélfia, mas agora tem sua própria congregação, conhecida como Revivalistas de Gärtuna.

— E o terceiro?

— Não tenho certeza, mas é o único dos quinhentos com um distúrbio de personalidade documentado que corresponde ao perfil. Um diagnóstico de vinte anos de psicose limítrofe. Mas ele não tem antecedentes criminais e não aparece nos registros policiais ou de serviço social. E é casado há dez anos, o que não se encaixa no perfil.

— Melhor que nada — ela diz.

De qualquer forma, o nome dele é Thomas Apel e ele é o assim chamado presidente da estaca da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em Jakobsberg.

— Vamos começar com os violentos — ela diz, levantando-se.

Adam vai até sua sala a fim de ligar para a esposa e dizer que vai trabalhar até tarde, e Margot para na cozinha, olha no armário e, antes de sair, enfia na bolsa o

pacote de biscoitos de geleia de Petter Näslund.

O relato de Adam sobre o perfil do assassino fez com que Margot pensasse no stalker e serial killer Dennis Rader, sobre quem escreveu um ensaio quando estava na academia de polícia. Ele costumava ligar para a polícia e a mídia para contar sobre seus assassinatos. Chegava até mesmo a enviar às autoridades objetos que tirava das vítimas.

No caso dele, o perfil traçado estava completamente errado. Eles tinham procurado um divorciado solitário e impotente, enquanto Rader era casado, tinha filhos e era ativo tanto na igreja quanto no movimento dos escoteiros.

Margot e Adam estão sentados no Lincoln de Margot. A fim de abrir espaço para sua barriga, ela teve que mover o assento tão para trás que agora seus pés mal alcançam os pedais.

Eles acabaram de checar Sven Hugo Andersson. Acontece que ele estava internado no Hospital Danderyd para uma cirurgia de ponte de safena quando Sandra Lundgren foi assassinada. Agora restam apenas dois dos três nomes. Margot coloca um biscoito na boca e mastiga, saboreando a mistura farelenta de açúcar e manteiga, depois a geleia.

— São os biscoitos do Petter? — Adam pergunta.

— Ele os deu para mim. — Ela enfia outro na boca.

— Ele não ofereceria um nem para a mulher dele.

— Mas ele insistiu bastante para que você aceitasse uns dois — ela diz com uma piscadela, passando-lhe o pacote.

Adam pega um biscoito e come com um sorriso, mantendo a mão sob a boca para não deixar migalhas caírem no carro de Margot.

À medida que avançam, a estrada fica mais estreita, o cascalho sobe voando atrás deles e Margot tem que desacelerar. De vez em quando eles conseguem entrever um ou outro chalé à beira do lago.

Pasi Jokala foi condenado por agressão qualificada, estupro e tentativa de estupro.

— Você acha que ele é perigoso? — Adam pergunta.

Os dois sabem que não deveriam ter ido até lá sem a força-tarefa. Margot trouxe sua Glock e mais quatro pentes de munição.

— Ele tem problemas com agressividade e falta de controle de impulsos — ela diz. — Mas quem diabos não tem?

Nos registros consta que Pasi Jokala reside no mesmo endereço da Igreja Revivalista de Gärtuna.

Margot entra numa estreita estradinha de cascalho que serpeia através da floresta esparsa e logo depois consegue avistar o lago novamente. Há cerca de cinquenta carros estacionados na beira da estrada, mas ela segue em frente e só para junto à cerca.

— Não precisamos fazer isso agora — Adam diz.

— Eu só vou dar uma olhada. — Margot checa a arma, em seguida a coloca de volta no coldre e se esforça para sair do carro.

Eles estão na frente de uma casa de campo vermelho-ferrugem, com uma cruz branca feita de luzes de LED que cobre a extremidade da cumeeira. A luz de dentro da casa se infiltra através de estreitas lacunas na madeira. Atrás do chalé, um prado selvagem se estende em direção ao lago.

As janelas estão cobertas do lado de dentro.

Uma voz alta pode ser ouvida através das paredes.

Um homem grita alguma coisa, e Margot sente uma súbita pontada de desassossego.

Ela continua andando, o coldre se esfregando contra seu corpo. Está posicionado alto demais, agora que a barriga dela cresceu. Eles passam por um barril de água da chuva, cardos de um metro de altura e um cortador de grama enferrujado. Dezenas de lesmas espreitam na grama sombreada rente à parede.

— Talvez devêssemos esperar aqui até eles terminarem — Adam sugere.

— Eu vou entrar — Margot diz secamente.

Eles abrem a porta e entram no corredor, mas agora tudo fica completamente silencioso, como se todos estivessem esperando sua chegada.

Na parede há um cartaz sobre reuniões às margens do lago e uma excursão em grupo ao Alabama. Sobre uma mesa, um monte de impressos a respeito de arrecadação de fundos para a nova igreja dos Revivalistas de Gärtuna, ao lado de um cofre metálico amassado e vinte exemplares do Hinário da Redenção.

Adam está hesitante, mas Margot acena para que a acompanhe. Eles podem estar em uma igreja, mas ela o quer em posição para o caso de haver problemas.

Margot segura a barriga com uma das mãos enquanto passa pela porta seguinte.

Ela pode ouvir o murmúrio de vozes.

Um salão da igreja ocupa todo o edifício. Pilares sustentam as vigas do telhado e tudo é pintado de branco brilhante. Há fileiras de cadeiras brancas no chão branco, e na frente há um pequeno palco.

Duas dúzias de pessoas levantaram-se de seus assentos. Seus olhos estão fixos no homem no palco.

Margot percebe que o homem é Pasi Jokala. Ele está vestindo uma camisa vermelho-sangue cujos punhos abertos estão pendurados por cima de suas mãos. Seu cabelo está arrepiado de um lado, o rosto, suado. Sua cadeira está caída atrás dele. Os membros do pequeno coro estão em silêncio, olhando para ele boquiabertos. Pasi levanta a cabeça, cansado, e contempla a congregação.

— Eu era a lama sob os pés Dele, a poeira no olho Dele, a sujeira sob as unhas Dele. Eu pequei, e pequei de propósito. Vocês sabem o que eu fiz comigo mesmo e

para os outros, vocês sabem o que eu disse para o meu pai e para a minha mãe.

A congregação suspira e se remexe, inquieta.

— A doença do pecado grassava dentro de mim.

— Pasi — uma mulher choraminga, olhando para ele com olhos úmidos.

Todos eles murmuram orações.

— Vocês sabem que eu assaltei um homem e o espanquei com uma pedra — Pasi continua com intensidade crescente. — Vocês sabem o que eu fiz com Emma. E quando ela me perdoou, abandonei a ela e a Mikko. Vocês sabem que eu bebi tanto que acabei no hospital.

A congregação se agita, apreensiva. Cadeiras raspam o chão, algumas caem, e um homem se prostra de joelhos.

A atmosfera fica mais tensa e a voz de Pasi está rouca por causa da cantoria. A reunião se intensifica e parece estar chegando a um crescendo. Margot se dirige para a porta, quando vê duas mulheres segurando as mãos uma da outra e falando uma língua estranha: palavras incompreensíveis e repetitivas, cada vez mais rápidas.

— Mas eu coloquei minha vida nas mãos do Senhor e fui batizado no Espírito Santo — Pasi prossegue. — Agora eu sou a gota de sangue que escorre pela face de Cristo. Eu sou a gota de sangue.

A congregação urra e aplaude.

O pequeno coro começa a cantar com força total:

— As correntes do pecado estão quebradas, eu sou livre, sou livre, sou liberto do meu pecado, sou livre, salvo e livre, aleluia, aleluia, Jesus morreu por mim! Aleluia, aleluia, eu sou livre, sou livre.

A assembleia se junta ao coro, batendo palmas, e Pasi Jokala fica lá de pé com os olhos fechados, o suor escorrendo pelo rosto.

Margot e Adam esperam do lado de fora da igreja e observam a congregação sair. Os fiéis estão sorrindo e conversando, ligando os celulares e lendo mensagens enquanto se dirigem a seus carros, acenando e se despedindo.

Depois de algum tempo, Pasi sai sozinho.

Sua camisa vermelha está desabotoada, e o tecido está escuro de suor sob os braços. Ele segura uma sacola plástica enquanto tranca cuidadosamente a porta.

— Pasi? — Margot diz, dando alguns passos em sua direção.

— Os paletes estão na garagem, mas preciso ir para a cooperativa antes que fechem — ele diz, caminhando em direção aos portões.

— Somos da Investigação Criminal — Adam diz.

Pasi continua a se afastar.

— Você poderia, por favor, parar? — Margot diz, o tom de voz mais ríspido.

Ele se detém de repente com uma das mãos num dos mourões da cerca e se vira para Margot.

— Pensei que estivessem aqui por causa do anúncio. Tenho cinco paletes do polidor Mr. Músculo que estou tentando desovar. Eu costumo vender para uma ponta de estoque, mas eles diminuíram o pedido.

— Você mora aqui?

— Há um pequeno chalé nas proximidades.

— E uma garagem — Margot acrescenta.

Ele não responde, apenas cutuca um cano enferrujado enfiado no chão.

— Podemos dar uma olhada? — Adam pergunta.

— Não — diz Pasi.

— Nós vamos ter que pedir para você vir com a gente.

— Eu não vi nenhum documento de identificação — ele diz, quase em um sussurro.

Adam ergue o distintivo bem na frente de Pasi, que mal olha para ele. Apenas meneia a cabeça para si mesmo e arranca o cano do chão.

— Largue isso aí agora! — Margot diz.

Segurando o cano com ambas as mãos, Pasi caminha lentamente na direção dela. Adam se afasta e saca a Sig Sauer.

— Eu pequei — Pasi diz suavemente. — Mas eu...

— Pare! — Adam grita.

Algo se rompe no tenso estado de ânimo de Pasi. Ele se detém bruscamente e joga o cano na grama.

— Eu procurei ativamente o pecado, mas estou perdoado — ele diz, exausto.

— Por Deus, talvez — Margot responde. — Mas eu preciso saber onde você esteve nas últimas duas semanas.

— Eu estive no Alabama — ele explica.

— Nos Estados Unidos?

— Estávamos visitando uma igreja na cidade de Troy. Ficamos lá por dois meses e cheguei em casa anteontem. Houve um encontro revivalista em uma ponte de madeira com teto. — Pasi sorri. — Como o cano de um canhão cheio de oração e cânticos, e isso em si fez toda a viagem valer a pena.

Margot e Adam se demoram com Pasi enquanto confirmam sua história junto ao Departamento de Passaportes. Tudo confere, e eles pedem desculpas por incomodá-lo, voltam para o carro e saem dirigindo pela floresta escura.

— E então, você viu a luz? — Adam diz depois de algum tempo.

— Quase.

— Eu preciso ir para casa.

— Tudo bem. Eu posso falar com Thomas Apel sozinha.

— Não — Adam diz.

— Nós sabemos que ele não é violento.

Dos quinhentos nomes em sua lista, Thomas Apel é o único que sofre de transtorno de personalidade limítrofe.

— Vamos fazer isso amanhã — Adam implora.

— Tudo bem — ela mente.

Ele olha de relance para ela.

— É que a Katryna não gosta de ficar em casa sozinha — ele confessa.

— Entendi. E recentemente você tem estado muito ausente.

— Não é isso.

Ela dirige devagar ao longo da sinuosa estradinha da floresta. O bebê na barriga se mexe e se estica.

— Eu posso falar com Jenny — Margot diz. — Tenho certeza de que ela poderia ir até lá e ficar com Katryna.

— Acho que não — ele diz.

— O quê? — ela ri.

— Bem...

— Você está preocupado que algo aconteça?

— Pare com isso — Adam diz, se contorcendo no banco do passageiro.

Margot pega um biscoito e espera que ele diga o que quer que esteja querendo dizer.

— É só que eu conheço Katta, e ela não ia querer que eu arranjassem alguém para fazer companhia para ela. Ela só quer que eu prove que me importo com o nosso relacionamento. Eu vou para casa assim que a gente falar com Thomas Apel.

— Tudo bem — Margot não pode deixar de se sentir aliviada por Jenny não ter que passar a noite com Katryna.

Acontece que a Zona do Sofá fica na estrada Kvicksunds, perto da estação de trem.

Erik e Joona estão passando de carro ao lado de uma cerca de arame farpado, na direção de uns trinta caminhões de lixo estacionados. Cai uma garoa cinzenta que cintila como areia.

A macaquinha balança sob a chave de ignição.

Ao longe, uma coluna de fumaça branca se ergue de uma chaminé além de uma alta torre de transmissão.

Eles passam por ruas largas e vazias entre prédios industriais baixos. Cercas de arame farpado cintilam em frente a estacionamentos. Os limpadores de para-brisa removem a chuva para as laterais, deixando um triângulo sujo além do alcance das palhetas.

— Pare o carro — Joona diz.

Erik desvia de um pneu velho junto ao meio-fio, desacelera e para.

Eles olham fixamente para o grande edifício de metal corrugado. A ferrugem escorreu dos parafusos que fixavam a enorme placa: ZONA DO SOFÁ .

— Isto aqui é a Zona, não é? — Erik pergunta, sério.

— Sim — Joona diz, e se perde em pensamentos.

Assim que os limpadores param de funcionar, minúsculas gotas de chuva formam pequenos riachos no para-brisa.

A única janela da Zona é a do escritório na frente; está suja e é coberta por barras de metal. Nas vagas de estacionamento ao lado da cerca há nove carros e duas motos.

— O que vamos fazer? — Erik pergunta depois de algum tempo.

— Se Rocky estiver aqui, tentamos tirá-lo — Joona diz. — E se ele não concordar com isso, você vai ter que interrogá-lo aqui, só que... precisamos de outras informações além do fato de o pregador usar drogas, maquiagem e...

— Eu sei, eu sei.

— Precisamos de um endereço, um nome — ele conclui.

— Então, como vamos entrar?

Joona abre a porta, e o ar frio traz para dentro do carro o cheiro de grama molhada. Por cima da chuva que se intensifica, ele pode ouvir o ruído de um trem.

Eles saem do carro e atravessam a rua. Enquanto a chuva esfria o solo, uma névoa sobe do asfalto.

— Como está o seu quadril? — Erik pergunta.

— Bem.

Eles passam pelos portões. Há papelão molhado no chão, com etiquetas esfaceladas de sofás de três lugares e poltronas reclináveis. Através da janela imunda, eles podem ver que o escritório está às escuras.

Um carro para no estacionamento, e um homem de terno cinza-escuro sai e contorna a esquina do prédio.

Eles esperam alguns instantes, depois o seguem ao longo da fachada sem janelas. Ao passarem pelo carro, Joona saca o celular e tira uma foto da placa.

Na ponta do depósito há uma plataforma de carregamento de mercadorias de concreto com degraus de metal. Ao lado da enorme porta da garagem do compartimento de carga há uma porta menor de aço. O homem desapareceu.

Erik e Joona trocam olhares, depois continuam e dobram a esquina.

Peças de embalagens de poliestireno rodopiam por todo o chão molhado.

Na parte de trás do armazém há uma lixeira rodeada de cardos. Ao longo de todo o caminho até a cerca há montes de areia molhada.

Os pés de ambos deixam pegadas na areia. O homem que estavam seguindo não passou por ali.

A porta de aço do compartimento de carga deve ser a entrada do edifício.

Eles atravessam a areia, sentindo a chuva escorrer pescoço abaixo. Perto do canto mais distante há outra porta de metal no fundo de um lance de degraus, com trilhos de metal cujo propósito é ajudar a movimentar as lixeiras para cima e para baixo.

— Me dê as chaves do carro.

Erik entrega o chaveiro para Joona, que remove da argola de metal a macaquinha e as chaves e as devolve. Ele endireita o metal e faz um gancho na ponta. Tira do bolso uma caneta esferográfica, arranca a tampa, enfia-a na fechadura, depois insere a argola metálica esticada, empurra a tampa para cima e vira a fechadura.

A lâmpada pendurada no teto está queimada. O chão está manchado de lixo entornado, e as quatro lixeiras exalam um fedor de comida rançosa. Os resquícios de uma lista de regras e regulamentos estão pendurados na parede. À fraca luz que vem do lado de fora, Joona pode ver outra porta na extremidade do recinto.

— Vamos lá — ele diz para Erik.

Com cautela, ele abre a porta e espia uma pequena cozinha com um escorredor de pratos amassado. Batidas rítmicas ecoam pelas paredes. A lâmpada do teto está acesa, mas não há ninguém por perto. Em uma mesa há uma tábua de picar carne com um saco de papel manchado de gordura, rodeado por migalhas e cristais de açúcar.

Há duas portas de madeira fechadas no extremo oposto da cozinha. A primeira está trancada, mas a segunda não.

Atrás da segunda porta há um vestiário vazio, onde eles podem ouvir música através das paredes.

Eles passam por três cubículos de chuveiro, uma penteadeira espelhada e uma fileira de armários. Alguém aciona a descarga atrás da porta fechada.

Eles passam às pressas pelo espaço e se encontram em um corredor estreito margeado por dez portas. Os quartos ao longo do corredor não têm janelas e são guarnecidos de camas finas com reluzentes colchões de plástico.

Atrás de uma porta fechada alguém está gemendo mecanicamente.

A única luz vem de fios de pisca-piscas pendurados pelo teto. Pequenos corações e flores iluminam as paredes em cores fracas e bruxuleantes.

O corredor leva a um grande depósito com dutos de ventilação revestidos por folhas metálicas que cobrem o teto de ponta a ponta.

Nas luzes piscantes de um palco, eles conseguem distinguir cerca de trinta homens e talvez dez mulheres. Há sofás e poltronas em todos os lugares. Ao longo de uma das paredes há uma fileira de paletes repletos de mobília e cobertos com plástico. Está quase escuro demais para discernir rostos.

A música pulsante continua se repetindo.

Em cima do palco, uma mulher nua dança em torno de um poste de metal.

Joona e Erik caminham com cuidado sob a luz fraca. O ambiente tem cheiro de umidade.

Eles estão de olhos bem abertos tentando avistar o corpo volumoso de Rocky. Ele deve ser facilmente visível contra a luz do palco se acaso se levantar.

Eles sabem que é uma aposta. Pode ser que Rocky já tenha estado aqui e ido embora. Mas, se conseguiu arranjar algum dinheiro, deve ter comprado heroína, e nesse caso provavelmente ficaria na Zona.

Um bêbado está tentando negociar com uma mulher. Um dos seguranças aparece rapidamente e diz algo que faz o homem fazer que sim com a cabeça.

A música muda, integrando-se a um ritmo diferente. A mulher no palco se agacha com as coxas bem abertas de ambos os lados do poste.

Um segurança está ao lado do bar, fitando o ambiente com um rosto imóvel.

Joona vê um pastor-alemão preto se movendo entre os móveis. Ele parece acostumado a estar lá enquanto come algo do chão, fareja e segue em frente.

Um homem parrudo surge do corredor. Ele assoa o nariz e se dirige ao bar. Joona se afasta e tenta ficar de olho nele.

— Não é ele — Erik diz.

Eles param junto à parede não muito longe do palco. Ali a escuridão é quase completa, mas o brilho refletido das luzes penduradas no teto ilumina uma variedade de camisas e rostos.

Um homem de óculos de aros pretos senta-se diante do palco em uma poltrona vermelha em cujo braço há uma etiqueta pendurada. Nas costas da mão do homem está tatuada uma cruz com uma estrela brilhante no centro.

Sobre uma mesa baixa, duas garrafas tilintam juntas no ritmo do baixo. Há poucas drogas à vista. Alguém está cheirando cocaína, com mais algumas pílulas entre os lábios, mas o sexo é claramente o principal produto comercializado ali.

Uma jovem de biquíni de látex preto e uma coleira cravejada de pinos de metal aproxima-se de Erik, sorri e diz algo que ele não consegue entender. Ela passa a mão pelo cabelo loiro e curto enquanto abre e fecha os olhos piscando para ele. Quando ele balança a cabeça, ela se dirige ao próximo homem.

Uma tela atrás do bar exhibe um filme: um homem agressivo anda por um quarto, batendo nas portas e abrindo as gavetas. Uma mulher é empurrada para dentro do quarto, se vira e tenta abrir a porta novamente. O homem vai até ela, puxa-a para trás pelo cabelo e bate no rosto com tanta força que ela cai no chão.

Bem ao lado de Erik e Joona está um homem com rosto grosseiro e testa carnuda. Os ombros de seu casaco cinza estão molhados da chuva.

— Anatoly? Eu entreguei meu dinheiro quando fui revistado — ele diz rispidamente.

— Eu sei, bem-vindo — diz uma voz que parece a de um adolescente.

Joona se move para o lado e vê que a voz pertence a um homem alto e muito jovem, com pele amarelada e círculos escuros sob os olhos.

— Eu estava pensando em ir para o quarto. Posso comprar dois papelotes de heroína?

— Você pode comprar o que quiser — o jovem responde. — Temos uma de qualidade superior do sul de Helmand, a de sempre do Irã, Tramadol ou...

A conversa fica inaudível assim que eles se afastam entre os sofás e as pessoas.

O cachorro trota atrás deles e lambe a mão do jovem. Joona os acompanha e os vê virar à direita ao lado do palco.

Erik acaba tropeçando em uma mesa baixa. Uma garrafa de cerveja tomba e rola para o chão. Ele segue por um caminho diferente, espremendo-se para circundar um sofá de couro.

O segurança ao lado do palco o observa.

Uma moça de bochechas redondas e esburacadas está sentada com as pernas abertas sobre um homem de colete de couro. Ele enrola uma mecha do cabelo preto no dedo indicador enquanto fala ao telefone.

Na escuridão, Joona não consegue mais ver o jovem que estava vendendo a heroína. Há gente demais agora. Ele olha em volta e vê o cachorro preto passar furtivamente por uma cortina de contas. As contas balançam e se acomodam por tempo suficiente para formar brevemente o rosto da Mona Lisa, até que se separam de novo e por ela sai uma jovem com os seios à mostra e uma calça de couro apertada.

As continhas tilintam quando Erik e Joona passam pela Mona Lisa. O ar fica subitamente espesso com fumaça doce, suor e roupas sujas. A sala está repleta de sofás e poltronas surrados. Eles ainda podem ouvir os baques do pesado som de baixo do palco.

Pessoas seminuas estão sentadas nos sofás ou no chão. A maioria parece estar dormindo, ao passo que outras se remexem, letárgicas.

Todas se movem lentamente, à deriva no reino dos chapados.

Erik e Joona passam por uma mulher de meia-idade sentada em um sofá manchado sem almofadas. Ela está usando uma calça jeans grande demais e um sutiã cor da pele. Seu rosto magro está muito concentrado enquanto ela segura um isqueiro aceso sob um pedaço de papel alumínio amassado, e então apressadamente inala a fumaça através de um canudinho de plástico. Um fio de fumaça sobe em espiral em direção ao telhado de metal corrugado.

O piso de cimento está atulhado de guimbas de cigarro, embalagens de doces, garrafas de plástico, seringas, preservativos, embalagens de comprimidos vazias e um punhado de amostras de tecido.

Em meio à fumaça, Joona pode ver o homem chamado Anatoly sentado com o novo convidado em um sofá rasgado, o estofamento pendurado para fora.

Joona e Erik ziguezagueiam entre a mobília.

Um homem magro em seus setenta anos está sentado com duas moças em um sofá de estampa florida.

No chão atrás dele, um homem de cueca e meias brancas jaz inconsciente. Parece quase uma criança, mas seus olhos e maçãs do rosto estão afundados. A seringa se foi, porém a agulha com a pequena ponta de plástico está visível em uma veia nas costas da mão. Em uma poltrona a seu lado está sentada uma mulher com uma expressão vazia. Depois de um tempo, ela se inclina para a frente, puxa a agulha da mão dele e a deixa cair no chão.

Um segurança arrasta um homem que vomitou. Joona não pode deixar de pensar que o lugar é o extremo oposto das saturnálias dos jovens ricos.

Nenhum desejo se torna realidade na Zona. Aqui só há prisioneiros e escravos, e o dinheiro flui em apenas uma direção. Todos estão sozinhos em seu vício, sendo

lentamente drenados de tudo o que têm até morrerem.

Ele olha de relance para trás e vê Anatoly se levantar e caminhar pela sala. O cachorro preto vai atrás dele.

Um homem gordo de calça camuflada e jaqueta preta afasta uma mulher de calcinha rosa e salto alto. Ela volta e tenta beijar as mãos dele enquanto implora por um pico de heroína. O homem, impaciente, diz a ela para se recompor, que ela não ganhou dinheiro suficiente.

— Eu não posso, eles me machucam, eles...

— Cala a boca, estou pouco me fodendo. Você precisa fazer mais três clientes — ele diz.

— Mas, querido, eu não me sinto bem, eu preciso...

Ela tenta acariciar a bochecha do homem, mas ele agarra a mão dela, puxa seu dedo mindinho e o inclina para trás. Acontece tão rapidamente que a princípio a mulher parece não perceber o que está ocorrendo. E encara com os olhos arregalados o dedo quebrado.

Um homem de bigode grisalho caminha até eles, troca algumas palavras com o outro, depois puxa a chorosa mulher em direção à cortina. Ela tropeça e perde um sapato. Ele bate na mulher e ela cai, arrastando consigo uma lâmpada.

Joona e Erik saem do caminho.

O homem arrasta a mulher a seus pés, e a lâmpada sai rolando e brilha diretamente no rosto de um homenzarrão de barba comprida.

É Rocky Kyrklund.

Ele está sentado, completamente nu, em uma poltrona vermelha, dormindo. Sua cabeça está inclinada para a frente, e a barba parece ter se mesclado aos pelos do peito. Ele se injetou na perna direita, e um sangue escuro escorre pelo tornozelo.

Rocky não está sozinho. Ao lado dele, em um sofá-cama sem colchão, está sentada uma mulher com cabelo loiro descolorido, usando um sutiã marrom. Sua calcinha azul-clara está no chão ao lado dela, e em seu joelho está pendurado um Band-aid.

Ela segura um isqueiro debaixo de uma colher enegrecida e fita com os olhos vidrados as pequenas bolhas que se formam no líquido. Ela lambe os lábios enquanto espera o pó se dissolver, deixando a colher cheia de um líquido amarelo-claro.

Erik passa por cima de um banquinho e caminha até eles, sentindo o cheiro acre de heroína e do metal quente. Ele para de repente.

— Rocky? — Erik diz em voz baixa.

Rocky ergue lentamente a cabeça. As pálpebras estão pesadas, as pupilas são como minúsculos furinhos de tinta preta.

— Judas Iscariotes — ele murmura quando vê Erik.

— Sim — Erik diz.

Rocky sorri feliz e fecha devagar os olhos. A mulher ao lado dele coloca uma bola de algodão na solução, segura a seringa em cima para sugar o líquido e, em seguida, acopla uma agulha à seringa.

Joona percebe que o homem de calça camuflada está novamente sentado em uma cadeira do lado de fora da sala dos funcionários, olhando para o celular. Na outra extremidade do recinto, o homem de bigode grisalho desaparece com a mulher pela cortina de contas.

— Você se lembra de que me contou sobre o pregador impuro? — Erik pergunta, agachando-se na frente de Rocky.

Rocky abre os olhos cansados e balança a cabeça.

— Supostamente esse sou eu? O pregador?

— Acho que não. Acho que você quis dizer outra pessoa. Você falou sobre um homem maquiado com veias marcadas.

Ao lado deles, a mulher usa a calcinha como torniquete em volta do braço, apertando-a com o máximo de força de que é capaz e torcendo uma caneta no meio um par de vezes.

— Você se lembra dele matando uma mulher aqui na Zona?

— Não. — Rocky sorri.

— Ela era conhecida como Tina, mas o nome verdadeiro dela era Natalia — Erik continua.

— Sim, esse... era ele, esse era o pregador — Rocky murmura.

A mulher no sofá-cama procura uma veia nos lugares habituais, um ponto macio sem muitas cicatrizes.

— Eu preciso saber. Estamos falando de um pregador de verdade, um padre?

Rocky assente e fecha os olhos.

— Qual igreja? — Erik pergunta.

Rocky sussurra alguma coisa, e Erik se inclina para a frente até sentir seu hálito rançoso.

— O pregador é ciumento, assim como Deus — sussurra.

A mulher insere a agulha, e uma gota de sangue se mistura ao líquido amarelo antes de ela se injetar. Ela desata o torniquete e solta um longo gemido quando o entorpecimento a arrebatava. Ela estica as pernas, tensiona os tornozelos, depois relaxa enquanto seu corpo fica completamente suave.

— Acreditamos que o pregador assassinou pelo menos cinco mulheres e precisamos de um nome, uma paróquia ou um endereço — Erik diz.

— O que você está dizendo? — Rocky murmura, fechando os olhos novamente.

— Você ia me contar sobre o pregador — Erik insiste. — Eu preciso de um nome ou...

— Pare de encher o saco dele — a mulher diz, recostando-se na coxa peluda de Rocky.

— Diga olá para a Ying — Rocky murmura, acariciando desajeitadamente a cabeça dela.

Enquanto Erik tenta fazer Rocky lembrar, Joona está de olho nos arredores. O homem gordo de calça camuflada levanta-se da cadeira do lado de fora da sala dos funcionários e espia o ambiente. Ele coloca o telefone no bolso e sai andando por entre os sofás, parando ao lado de um homem deitado de olhos fechados, com um cigarro aceso entre os lábios. Depois ele retorna ao seu lugar.

— Você quer que eu te diga coisas — Rocky diz. — Mas tudo que eu lembro do purgatório é que estava sentado em uma jaula de macacos... e havia longos postes de madeira com pontas incandescentes...

— Blá-blá-blá — Ying o interrompe.

— Eu uivava, tentava fugir, tentava me proteger com a minha tigela de comida... blá-blá-blá. — Ele sorri.

— Estou falando sério — Erik diz mais alto. — Eu vou te deixar em paz se você puder me dizer alguma coisa que nos ajude a encontrá-lo.

Parece que Rocky pegou no sono. Sua boca se abre alguns milímetros, e um fio de saliva escorre em sua barba.

O homem de bigode grisalho volta do outro lado da sala. A cortina balança atrás dele, deixando uma luminosidade amarela na sala antes de o rosto da Mona Lisa se formar de novo.

— Não podemos ficar aqui por muito mais tempo — Joona diz a Erik.

Ying tenta colocar a calcinha, mas ela fica enroscada entre os dedos dos pés, e ela se inclina para trás e descansa com os olhos fechados.

— Meu cérebro é mingau — Rocky balbucia. — Você precisa...

— Blá-blá-blá — diz Ying.

— Dê-me um nome — Erik insiste.

— Você provavelmente vai ter que me hipnotizar se...

— Você consegue se levantar? — Erik pergunta. — Deixe-me ajudá-lo.

Joona vê o gordo com a calça camuflada se levantar de novo da cadeira. Ele está falando ao telefone enquanto se dirige a eles.

A mulher com a coleira cravejada de pinos de metal está no vão da porta que leva ao palco, segurando a cortina aberta. Ela parece estar hesitante em entrar.

Atrás dela, Joona entrevê uma figura alta, encapuzada, com uma folgada capa de chuva de oleado amarela, do tipo que os pescadores costumavam usar.

No começo ele não entende como sabe que está olhando para o pregador, mas sua mente de súbito coloca em nítido foco um momento do passado.

— Erik — Joona diz em voz baixa —, o pregador está aqui. Está ali atrás da cortina, com uma capa de oleado amarela.

A mulher com o colar de pinos acena para alguém e entra no quarto. As contas da cortina balançam para trás e se agitam na frente da figura vestida de amarelo.

E agora Joona se lembra. A última coisa que ouviu antes de desmaiar no boxe de armazenamento foi Filip Cronstedt descrevendo o homem magro que vinha filmando Maria Carlsson. O homem da câmera usava uma capa de chuva de oleado amarela, como os pescadores de Lofoten.

Joona começa a andar, mas o homem da calça camuflada contorna o sofá de estampa florida e o detém.

— Eu tenho que pedir a você e seu amigo para virem comigo — ele diz.

— Erik — Joona diz —, você o viu, não é? Ali junto da cortina. Aquele é o pregador. Você tem que segui-lo, tente dar uma olhada no rosto dele.

— Este clube é apenas para membros — o homem diz.

— Estávamos pensando em comprar um sofá — Joona diz, enquanto Erik vai depressa na direção da cortina.

Aos gritos, o homem gordo manda Erik parar, mas ele segue em frente, ziguezagueando rapidamente entre os sofás. O homem grita com Joona para que saia do caminho. Uma poltrona é empurrada para trás, fazendo um som rascante no chão.

— *Pyydän anteeksi* — Joona diz em finlandês, parando-o novamente.

O gordo afasta a mão de Joona, recua e saca um *taser*.

— *Nyt se pian sattutaa* — Joona avança com um sorriso.

Ele dá um passo para a frente e sai da linha de fogo, empurra o *taser* para o lado e chuta o gordo no joelho, fazendo com que sua perna se dobre. O homem suspira e dispara dois projéteis com fios espirais, que atingem as costas de um sofá. Joona arranca a arma da mão do homem e com ela o golpeia na clavícula, depois enrola os fios em volta do pescoço e puxa. O homem desmorona no chão, rola para o lado e tenta se levantar. Joona usa o pé para forçá-lo a ficar deitado, enrola os fios ao redor de sua mão e os puxa com mais força até o homem perder a consciência e desmoronar bruscamente.

Erik desaparece através da cortina de contas ao lado do palco.

A porta da sala dos funcionários do outro lado do recinto se abre. Um homem de ombros largos em uma jaqueta brilhante surge com um celular no ouvido e olha em volta.

Joona se agacha para ficar fora de vista, mas sabe que tem que impedir o homem de ir atrás de Erik.

Rocky ainda está com os olhos fechados e um cigarro entre os lábios.

A prostituta com a coleira de pinos enfia um lenço usado entre as almofadas de um sofá e, com seus saltos altos, caminha até Joona.

— Quer ir para um quarto? A gente pode se divertir à beça — ela diz, aproximando-se.

— Fique fora do caminho — ele responde abruptamente.

Ela limpa a boca e sai andando na direção da cortina de contas.

O homem de jaqueta brilhante viu Joona e se dirige a ele, derrubando uma cadeira no caminho. Joona se levanta e vê que o homem está escondendo uma arma no quadril, uma pistola de alto calibre com um cano curto.

O gordo está deitado de costas, desembaraçando os fios do pescoço, tossindo e tentando se levantar.

O homem de jaqueta brilhante para na frente de Joona, o sofá de estampa florida entre eles, e atarraxa um silenciador na sua Sig Pro.

— Vou atirar em seus dois joelhos, a menos que venha comigo — ele diz.

Joona levanta uma das mãos em um gesto para pedir calma e tenta se afastar, mas o gordo no chão agarra as pernas dele.

— Eu não sabia que este era um clube privativo — Joona diz, tentando desvencilhar as pernas.

O homem armado terminou de encaixar o silenciador. Ele levanta a arma e aperta o gatilho. Joona se joga para o lado, aterrissa em cima do ombro e bate a têmpora no chão.

Não há som algum quando a arma dispara, mas a pólvora está suspensa no ar, e um homem nu atrás de Joona se levanta com o sangue escorrendo de um buraco de bala no estômago. Uma mulher grita e corre para longe dele.

— Eu vou matar você — o homem ofega com a arma, subindo no sofá.

Joona pega o abajur tombado e balança a base pesada em um semicírculo. Com ela, atinge o homem no ombro e ele cambaleia. O fio do abajur se arrasta com estrépito. O homem se inclina contra o encosto do sofá. Antes que tenha tempo de disparar, Joona chega até ele, derruba a pistola com uma pancada e lhe dá um soco diretamente na garganta.

Joona agarra o cano morno da pistola e sente um violento golpe na bochecha no instante em que inclina a arma para cima.

O homem recua, agarrando a própria garganta. Ele não consegue respirar, e de sua boca escancarada escorre saliva.

Joona dá um passo para trás, gira a arma e atira no homem, atingindo o pulmão direito. Em vez de um estrondo alto, o único som é um clique agudo. A cápsula vazia ricocheteia no piso de cimento.

O homem cambaleia, tentando cobrir com a mão o buraco de entrada da bala, tosse, depois desaba de novo no sofá.

Cambaleante, o gordo fica de pé empunhando uma faca. Um de seus ombros está caído, e o *taser* ainda está pendurado nos fios enrolados em volta de seu pescoço.

Joona olha para a cortina de contas.

O gordo dá alguns passos e desfere facadas. Joona se recosta em uma mesa quando a ponta da lâmina toca sua jaqueta. Ele acompanha os movimentos da faca, usa a pistola para desviá-la, torce o corpo e, com imensa força, arremessa o cotovelo direito feito um aríete contra a bochecha do homem. A cabeça do homem chicoteia para o lado, espalhando gotas de suor na direção do golpe. Joona se move

com ele, dá um passo comprido para manter o equilíbrio e sente uma pontada de dor no quadril.

Assim que o homem desaba inconsciente no chão, Joonas sai do caminho e esquadrinha o recinto.

Muito em breve será impossível sair. Agachando-se, ele se dirige para a cortina com a pistola apontada para o chão.

O novo cliente que comprou heroína de Anatoly está deitado, inerte, ao lado de seu sofá. Seus lábios estão cinzentos e seus olhos, abertos.

Joonas contorna uma mesa baixa de vidro e vê a mulher com a coleira de pinos caminhar na direção dele por entre os sofás.

— Me tira daqui com você — ela sussurra, com desalento nos olhos. — Por favor, estou te implorando, eu tenho que sair daqui.

— Você consegue correr?

Ela sorri para ele, e então a cabeça dela dá um súbito solavanco. Uma cascata de sangue jorra de sua têmpora.

Joonas gira quando uma bala atinge o encosto da poltrona ao lado dele e o estofamento se espalha pelo chão. O homem de bigode grisalho se aproxima com uma pistola erguida.

Há fumaça subindo da boca do cano.

Joonas mira, abaixa o cano alguns milímetros e depois dispara três vezes. Pelo som, parece que a arma não está carregada, mas uma nuvem de sangue explode atrás do homem.

O homem dá mais dois passos antes de desmoronar em cima de duas mulheres, largando a pistola e estendendo a mão na direção de um banquinho.

A mulher com a coleira de pinos ainda está de pé. O sangue jorra de sua têmpora e escorre pelo corpo. Ela olha para Joonas e sua boca se abre como se estivesse tentando falar.

— Eu vou buscar ajuda — ele diz.

Desnorteada, ela toca o cabelo ensanguentado, depois cai de lado em uma poltrona e se encolhe como se fosse dormir.

Ao longe, um homem de ombros arredondados está se aproximando agachado, usando os sofás como cobertura. Joonas corre a última parte do caminho. Uma bala atinge a parede ao lado dele, provocando uma chuva de gesso. Ele se abaixa para atravessar a cortina de contas, acomoda a pistola junto do corpo e caminha o mais rápido que consegue em direção ao corredor estreito.

Um homem gordo está dançando no palco com a camisa para fora das calças.

Não há sinal de Erik. Joonas começa a correr assim que chega ao corredor.

Ele pode ouvir os perseguidores no seu encalço quando entra no vestiário e rapidamente tranca a porta. Alguém está no chuveiro e o chão range com o peso.

Joona passa correndo por duas mulheres paradas em frente à penteadeira espelhada.

Na cozinha, um homem baixinho está fritando almôndegas congeladas no fogão. Ele mal tem tempo de pegar uma faca antes que Joona atire em sua coxa.

O homem cai no chão e Joona ouve seus gritos enquanto passa pelas velhas caixas de papelão no depósito de lixo e sai na parte de trás do prédio. Correndo o mais rápido que pode, circunda o armazém por entre arbustos altos, depois através dos portões, ao longo de uma cerca de arame farpado até chegar a uma van.

O carro de Erik sumiu. Mancando um pouco, Joona parte em direção a Högdalsplan para alertar a polícia e os serviços de emergência.

Quase não há tráfego, e Erik se certifica de manter uma distância segura entre seu carro e o carro à frente. O pregador está dirigindo um Peugeot azul tão sujo que é impossível ver a placa. O único plano de Erik é segui-lo enquanto puder sem ser visto.

O brilho âmbar da iluminação da rua enche o carro, depois desaparece entre os postes de luz, como uma respiração lenta.

Erik se pergunta se o pregador estava na Zona para comprar drogas ou se encontrar com Rocky.

O que aconteceu com Joona? A preocupação se agita em seu peito.

Na casa noturna, Erik não olhou para trás, apenas fez o que tinha que fazer. Ele passou pela cortina de contas e abriu caminho em meio à multidão. À luz bruxuleante do palco, ele de repente viu a capa de oleado amarela. O pregador se dirigia para a saída, e Erik o seguiu pela porta de metal e saiu para o compartimento de cargas.

Joona parecia tão convicto do que ele havia dito que a única coisa na cabeça de Erik era que não deveria perder o pregador de vista agora que estavam tão perto.

A capa de oleado amarela reluzia na escuridão junto aos carros, e Erik foi atrás dela o mais rápido que pôde sem ser ouvido. O pregador saiu pelos portões e parou em frente ao Peugeot azul.

Havia quinze minutos que Erik estava no encalço das luzes traseiras vermelhas. Ele acelera um pouco em um trecho com uma longa reta depois de uma escola. As luzes esparsas de um enorme prédio de apartamentos cintilam na folhagem.

Um ônibus noturno sai de uma parada e Erik tem que diminuir a velocidade. Ele perde a visão do pregador, depois pisa no acelerador e ultrapassa o ônibus do lado errado de uma linha amarela dupla.

O semáforo à frente fica vermelho. Erik acelera, dá uma brusca guinada e passa raspando pela parte traseira de um carro que cruza seu caminho.

Mas já é tarde demais. O Peugeot azul virou à direita. Suas luzes bruxuleiam entre as casas.

Não há tempo para pensar. Erik não quer perder de vista o pregador.

Ele entra na rua seguinte, tentando adivinhar a provável direção que o Peugeot tomou, enquanto passa por jardins exuberantes e casas escuras.

Ele freia e vira à esquerda, olhando de relance para o lado de uma caixa de correio, depois acelera com força e passa por várias casas. Percebe que há um beco sem saída à frente, depois do cruzamento seguinte, e freia, fazendo os pneus derraparem pelo asfalto. Ele vira com força o volante e dá uma abrupta guinada para a direita.

As rodas traseiras perdem a aderência, e há um estrondo quando a traseira atinge um poste de eletricidade.

Ele acelera colina acima, chega ao topo e consegue avistar o pregador entrando em um túnel.

Diminui a velocidade e sente as mãos tremendo no volante. O retrovisor lateral se soltou novamente e está pendurado pelos fios.

Alguém pichou “Outro mundo é possível” nas paredes de concreto do túnel.

Tudo fica escuro e, segundos depois, ele sai em uma área de encantadores edifícios de quatro andares.

O Peugeot azul passa um caminhão de lixo, e Erik fica imaginando se o pregador mora ali.

A ideia de que o pregador tem uma vida normal parece inacreditável: um homem que esfaqueia o rosto das vítimas depois que elas morrem, e vai para sua linda casa com macieiras e irrigadores de jardim e se senta para assistir à televisão com a família.

Erik segue o carro azul, que vira à direita da rua Korpmosse e entra na rua Klensmeds. Logo após a terceira rua lateral, o pregador desacelera e para.

Sem alterar a velocidade, Erik passa pelo carro azul e olha no retrovisor assim que a luz dentro do carro se apaga. Ele passa por um pequeno trecho de floresta, vira na rua seguinte, para e volta às pressas. A capa de oleado amarela está desaparecendo na floresta à esquerda da rua.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está localizada na estrada Järfalla, ao lado de um amplo estacionamento. É um edifício baixo com paredes de cor de terracota, um telhado apainelado e uma torre vermelha erguendo-se do centro de um alicerce circular de pedra.

O presidente da estaca, Thomas Apel, vive com a esposa e duas crianças em uma casa de campo cinza muito próxima ao templo. A torre vermelha é visível acima das árvores e telhados.

Adam e Margot estão sentados na sala de estar com copos de limonada. Thomas e a esposa, Ingrid, estão de frente para eles. Thomas é um homem magro, vestido com calça cinza, camisa branca e gravata cinza-clara. Seu rosto está barbeado e magro, e ele tem sobrancelhas loiras e uma boca estreita e torta.

Thomas disse a Margot que estava em casa com a família quando os assassinatos foram cometidos.

— Há alguém que possa confirmar isso? — Margot pergunta, olhando para Ingrid.

— Bem, é claro, as crianças estavam em casa — a esposa de Thomas responde em tom amável.

— Ninguém mais? — Adam pergunta.

— Levamos uma vida tranquila — Thomas responde, como se isso explicasse tudo.

— Vocês têm uma casa linda — Margot diz, olhando ao redor da sala.

Uma máscara africana está pendurada na parede ao lado de uma pintura mostrando uma mulher em um vestido preto com um livro vermelho no colo.

— Obrigada — Ingrid diz.

— Cada família é um reino — Thomas diz. — Ingrid é minha rainha, as meninas são as princesas.

— Naturalmente. — Margot sorri.

Ela olha para o rosto de Ingrid, sem maquiagem, para as pequenas pérolas nos lóbulos das orelhas e para o vestido comprido que cobre até o pescoço e metade das mãos.

— Você provavelmente acha que nos vestimos de uma maneira muito antiquada e enfadonha — Ingrid diz quando vê Margot olhando.

— Vocês estão ótimos — Margot mente, enquanto tenta encontrar uma posição confortável no fundo sofá cujo encosto e braços são cobertos por um tecido de crochê.

Thomas inclina-se para a frente e despeja mais limonada em seu copo, e Margot o agradece em silêncio.

— Nossa vida não é chata — Thomas diz. — Não há nada de chato em não consumir drogas, álcool ou tabaco, café ou chá.

— Por que não café? — Adam pergunta.

— Porque o corpo é um presente de Deus — ele responde simplesmente.

— Então vocês nunca tomaram café? — Adam pergunta.

— É claro que não é algo definitivo ou imutável — Thomas diz, a voz suave. — É apenas uma orientação.

— Certo — Adam faz que sim com a cabeça.

— Mas se você der ouvidos a essa orientação, o Senhor promete que o anjo da morte passará ao largo do nosso lar e não nos matará. — Thomas sorri.

— Com que rapidez o anjo vem se você cometer um erro? — Margot resmunga.

— Você disse que queria olhar a minha agenda? — Thomas pergunta, as veias em suas têmporas escurecendo um pouco.

— Eu vou pegar — Ingrid se voluntaria, pondo-se de pé.

— Vou buscar um pouco de água — Margot diz, e a segue.

Thomas faz um movimento para se levantar, mas Adam o interrompe perguntando sobre o papel do presidente da estaca.

Ingrid está em pé diante de uma escrivaninha, procurando a agenda, quando Margot entra na cozinha imaculadamente arrumada.

— Posso tomar um pouco de água? — Margot pergunta.

— Sim, claro.

— Vocês estavam aqui no último domingo?

— Sim — Ingrid responde, e um ligeiro franzir enruga seu nariz. — Nós estávamos em casa.

— O que vocês fizeram?

— Nós fizemos... o habitual. Jantamos e assistimos à televisão.

— O que estava passando na televisão?

— Nós só assistimos à televisão mórmon — Ingrid diz, verificando se a torneira está devidamente fechada.

— Seu marido sai sozinho à noite?

— Não.

— Nem mesmo para o templo?

— Eu vou dar uma olhada no quarto — a mulher diz, as bochechas corando quando ela sai da cozinha.

Margot bebe a água, depois coloca o copo sobre o balcão e volta para a sala de estar. Ela pode ver a tensão no rosto de Adam e um brilho de suor acima do lábio superior.

— Você está tomando algum medicamento? — Adam pergunta.

— Não — Thomas responde, enxugando as palmas das mãos na calça cinza-clara.

— Nada de drogas psicoativas, nenhum antidepressivo? — Margot pergunta, sentando-se no sofá novamente.

— Por que vocês querem saber disso? — ele pergunta, olhando para ela com olhos calmos e vazios.

— Porque você recebeu tratamento para doença mental vinte anos atrás.

— Foi um período difícil para mim, antes de ouvir a Deus.

Ele fica em silêncio e olha afetuosamente para Ingrid, que acaba de voltar. Ela está parada na porta com uma agenda vermelha na mão.

Margot pega a agenda, coloca os óculos de leitura e folheia as páginas.

— Vocês têm uma câmera de vídeo? — Adam pergunta enquanto Margot examina a agenda.

— Sim — ele responde com um olhar inquisitivo.

— Posso dar uma olhada nela?

O pomo de adão de Thomas palpita acima do nó de sua gravata quando ele engole em seco.

— Para quê? — ele pergunta.

— Apenas rotina — Adam responde.

— Bem, infelizmente está no conserto. — Thomas sorri, esticando a boca torta.

— Onde?

— Um amigo está consertando para mim — ele diz suavemente.

— Pode me dizer o nome do amigo, por favor?

— Claro — Thomas murmura.

O telefone de Adam toca dentro da jaqueta.

— Com licença — ele diz, de pé e olhando para a tela do telefone enquanto vira as costas para Thomas.

Pela janela, avista um vizinho do outro lado da cerca olhando para eles. No reflexo ele também pode ver a si mesmo, seu cabelo grosso e sobrancelhas pesadas. Ele encontra seu telefone: Adde, um técnico de TI do Departamento Nacional de Investigação Criminal, que por acaso também mora em Hökmossen.

— Outro vídeo! — Adde praticamente grita.

— Estaremos aí assim que...

— É sua esposa no vídeo, é Katryna...

Adam não ouve nada depois disso. Ele sai caminhando direto para a entrada, cambaleia e bate o ombro na parede, derrubando uma fotografia emoldurada de duas meninas sorridentes.

— Adam? — Margot o chama em voz alta. — O que está acontecendo?

Ela deixa a agenda no sofá, se levanta e acidentalmente derruba um copo de limonada na mesinha de centro.

Adam já chegou à porta da frente. Margot não consegue ver o rosto dele. Ela se sente mal, agarra a barriga e o segue.

Ele desce correndo o caminho até o carro.

Ele ligou o carro antes mesmo de Margot sair pela porta da casa. Ela para, ofegante, e o observa acelerar o motor, fazer um retorno em U na rua, derrapar e arrancar em disparada passando por cima de uma trave de hóquei que algumas crianças haviam erguido junto ao meio-fio. Ela desce a rua e está gesticulando para ele parar quando o celular toca.

Katryna Youssef está sentada no sofá branco em frente à televisão. Ela está usando sua calça de moletom Hollister azul e uma camiseta cor-de-rosa.

Ela sabe que o esmalte de suas unhas novas secou há muito tempo, mas ainda assim estica os dedos quando pega a taça de vinho. Como Adam não está em casa, ela pode fazer as unhas. Caso contrário, ele sai e vai se sentar no carro para evitar uma dor de cabeça por causa do cheiro.

Ela toma um gole de vinho, depois olha para o iPad no colo. Caroline ainda não atualizou o status dela. Agora já faz uma hora que ela não diz nada, e não pode ter estado no chuveiro todo esse tempo, certo?

Katryna está assistindo a um filme antigo chamado *A outra face*, mas está achando a história um tanto absurda.

Ela tem que trabalhar no dia seguinte, então não deve esperar por Adam acordada.

E não vou esperar mesmo, ela pensa, olhando para a janela enquanto um arbusto no jardim se esfrega com força contra o vidro.

Ela desliza a mão para dentro da calça folgada e começa a se masturbar, fecha os olhos por alguns segundos, depois olha para o quintal, ainda se masturbando. Mas para quando lhe ocorre que talvez o vizinho esteja trazendo de volta o ancinho que pediu emprestado horas antes naquela noite. Ela não se dá ao trabalho de fechar as cortinas e, de qualquer maneira, está mais entediada do que excitada.

Katryna boceja e coça o tornozelo. Embora tenha comido uma salada de atum mais cedo, está com fome. Ela continua olhando para o iPad, desce a tela para ler os próprios comentários e depois escreve outro.

Ela olha para as fotos mais recentes de Caroline Winberg, a mulher que ela está praticamente perseguindo.

Caroline foi descoberta no metrô a caminho do treino de futebol e agora é uma supermodelo. Há rumores de que ela não sai da cama por menos de vinte e cinco mil dólares.

Katryna a segue nas mídias sociais e sempre sabe onde ela está e o que está fazendo. Ela pega a taça de vinho novamente e sente um calafrio quando percebe que as luzes de fora não estão funcionando. Os arbustos parecem pretos em

contraste com o vidro. Ela não tem certeza se as luzes estavam funcionando a noite toda. Não é a primeira vez que dão defeito. Adam terá que verificar a caixa de fusíveis. De jeito nenhum ela vai descer ao porão. Não depois do arrombamento.

Ela vê seu reflexo na janela escura, bebe um pouco mais de vinho e olha para as unhas.

Alguém entrou na casa na quinta-feira passada, quando ela e Adam estavam no trabalho, e agora a fechadura do porão está quebrada. Eles amarraram um pedaço de corda em volta da maçaneta, de modo que a porta pareça estar trancada se alguém a puxar. Nada de valor foi roubado — não levaram o sistema de home theater, o aparelho de som ou o Xbox.

É estranho. Talvez tenham percebido que Adam é um detetive e mudaram de ideia.

Adam acha que foram apenas alguns adolescentes entediados.

Mas ainda é um pouco estranho, Katryna pensa. Eles poderiam ter levado seu uísque e vinho, ou suas joias ou a bolsa Prada que Adam lhe deu dois anos atrás.

Ela só descobriu um objeto desaparecido. Um paninho bordado por sua avó. Adam não acredita em Katryna. Ele acha que o pano vai aparecer e se recusou a mencioná-lo no relatório da polícia.

Lamassu, a divindade protetora que a avó de Katryna bordou com uma linha vermelho-clara sobre um tecido branco, sempre ficou na estante de livros ao lado do crucifixo de prata.

Katryna sabe que alguém o pegou.

O bordado em ponto de cruz retratava um homem com uma barba trançada, o corpo de um touro e as enormes asas de um anjo arqueando-se de suas costas. Quando era pequena, Katryna não gostava nem um pouco do pano. Sua mãe dizia que Lamassu vigiava a casa deles, mas ela só conseguia ver um monstro.

Mais uma vez ela pensa no pedaço de corda que Adam enrolou em volta da maçaneta da porta do porão e depois amarrou no cano de água. Ela o fez vasculhar a casa várias vezes.

Além do porão, a parte da casa que ela acha mais assustadora é o grande armário de produtos de limpeza entre a sala e a cozinha.

É como um camarim, com duas portas de madeira excepcionalmente grossas. Costumava ser trancado por fora com um ferrolho de madeira giratório, mas essa trava ficou frouxa. Agora ela e Adam apenas fecham as portas, mas elas se movem, esfregando-se uma contra a outra e abrindo um pouco, como se alguém estivesse tentando espiar lá de dentro. Toda casa tem seus cantos assustadores, ela pensa, com um calafrio. Salas e espaços que armazenaram medos da infância ao longo dos tempos.

Katryna bebe o último gole de vinho e se levanta para ir à cozinha.

Katryna move a caixa de vinho para a borda do balcão e reabastece a taça sob a torneirinha, derramando na mão algumas gotas vermelhas minúsculas.

O vento faz chacoalhar o duto de ar da cozinha. Através da porta de vidro, ela pode ver a rua vazia.

As duas portas de madeira do grande armário entrechocam-se, depois se fecham mais cerradas.

Ela coloca a taça em cima de um panfleto da Sephora, lambe as gotas de vinho das costas da mão e decide levar a gravidez adiante e não fazer o aborto.

A decisão não deve depender de Adam.

Se ele não mudar, ela pode abandoná-lo.

Seria bom mandar uma mensagem de texto para Adam, explicando o que ela sente, e que isso poderia ser um novo começo para eles? Ela anda devagar, mantendo os olhos cravados nas pesadas portas de madeira. Ela se sente quase compelida a olhar para elas — e se detém quando a outra se abre ligeiramente. Katryna respira fundo e passa por ela às pressas. Ela se obriga a não correr, mas o movimento da porta gera um arrepio em sua espinha. Ela pensa no vizinho. Ele olhou para ela de um jeito esquisito quando lhe pediu emprestado o ancinho, e Katryna se pergunta se ele sabia que ela estava sozinha em casa.

Seu iPad está escuro; ela coloca o dedo sobre ele e se vê apontando diretamente para o rosto sorridente de Caroline quando a tela volta à vida.

Katryna sabe que, se virar a cabeça para a esquerda, verá as portas do armário refletidas na janela dos fundos da casa.

Ela precisa parar com isso, está se tornando uma obsessão.

E se foi o vizinho que arrombou a casa e roubou o paninho bordado?

Se alguém soubesse que a porta do porão estava fechada apenas por uma corda, poderia entrar sem fazer barulho algum.

Katryna se levanta e vai até a janela, e está fechando as cortinas quando julga ter visto alguém correndo pela grama.

Ela se inclina mais para perto.

É difícil enxergar no escuro.

Um cervo, deve ter sido um cervo, ela pensa, e fecha as cortinas com o coração acelerado.

Ela se senta no sofá, desliga a televisão e começa a escrever uma mensagem para Adam. No meio de uma frase, o telefone toca, e ela se sobressalta tanto que dá um pulo de medo.

Ela não reconhece o número.

— Katryna — ela diz com cautela.

— Olá, Katryna — a voz de um homem fala rapidamente. — Sou um dos colegas de Adam no Departamento Nacional de Investigação Criminal e...

— Ele não está...

— Ouça agora — o homem a interrompe. — Você está em casa?

— Sim, eu estou...

— Vá até a porta da frente e saia de casa. Não se preocupe com roupas ou sapatos, vá direto para a rua e continue andando.

— Posso perguntar por quê?

— Você já está saindo?

— Eu estou indo agora.

Ela se levanta e começa a atravessar a sala, olhando para as portas do armário enquanto dá a volta no sofá e se vira para a porta da frente.

Uma pessoa vestindo uma capa de chuva amarela está de pé no capacho de costas para ela, fechando a porta da frente.

Katryna se move rapidamente para trás, vai para o canto e para.

— Tem alguém aqui — ela sussurra. — Eu não tenho como sair.

— Tranque-se em um quarto e deixe o telefone ligado.

— Deus, não há lugar algum para...

— Não fale, a menos que seja absolutamente necessário. Vá para o banheiro.

Com as pernas bambas ela anda em direção à cozinha quando vê que as portas do armário de produtos de limpeza se abriram um pouco. Ela não consegue pensar direito e abre uma delas, enfia-se rapidamente dentro do armário e fica parada ao lado do aspirador de pó. Ela fecha a porta.

É difícil fechar a porta corretamente quando os dedos dela não se encaixam na brecha. Ela tenta agarrar a borda com as unhas e puxá-la.

Katryna prende a respiração quando ouve passos do lado de fora. Eles se afastam na direção da cozinha, enquanto as portas batem uma contra a outra e se abrem alguns milímetros.

Ela espera na escuridão com os olhos arregalados e ouve uma gaveta da cozinha sendo aberta. Há um tinido metálico e ela está respirando em curtos suspiros, e de repente pensa na relíquia da igreja em Södertälje. Adam não quis ir com ela, mas mesmo assim ela foi lá olhar. Era um fragmento de osso pertencente a Tomé, um

dos apóstolos. O padre alegou que o Espírito Santo ainda estava presente na relíquia, no fragmento amarelo de osso dentro do tubo de vidro sobre a mesa de mármore.

Ela estende a mão e tenta fechar a porta, mas não consegue se controlar — as unhas dela simplesmente deslizam sobre a madeira. Ela se move com cuidado para o lado, porém o esfregão e o balde estão no caminho. A alça do esfregão toca seu casaco de inverno, e alguns cabides vazios chocalham de leve.

Ela consegue fechar a porta do armário, mas depois perde o controle. A porta se abre ligeiramente e ela pode ver um vulto escuro parado bem do lado de fora.

A porta é aberta com um violento puxão, e um homem empunhando uma pistola dá um passo para trás. A boca dele está meio aberta, e seus olhos castanho-escuros estão olhando fixamente para ela. Um cheiro de suor a atinge. Ela registra todos os detalhes daquele momento: a calça jeans surrada do homem com as barras dobradas, a mancha de grama no joelho direito, sua jaqueta de nylon acolchoada preta e o logotipo do time de beisebol New York Yankees mal costurado em seu boné.

— Eu sou policial — ele suspira e abaixa a arma.

— Ah, Deus — Katryna sussurra, e sente as lágrimas começarem a escorrer.

Ele pega a mão de Katryna e a leva em direção à entrada enquanto relata pelo rádio:

— Katryna está ilesa, mas o suspeito fugiu pela porta da cozinha... sim, prepare os bloqueios e envie algumas unidades de cães para cá.

Ela caminha ao lado do policial, encostando-se na parede, roçando o diploma do curso de estética.

— Espere um momento — o policial diz, e abre a porta da frente para garantir uma saída segura.

Katryna se abaixa para calçar o tênis, e uma cascata de sangue borrifava o espelho do corredor. Em seguida ela ouve o agudo estalo de um tiro e o eco da casa do outro lado da rua.

O policial à paisana joga os braços pra cima, consegue agarrar os casacos e os puxa para baixo ao cair. Ele desaba de costas entre os sapatos. Os cabides sacodem enquanto o sangue jorra do buraco de bala em sua jaqueta preta.

— Esconda-se — ele suspira. — Vá e se esconda de novo.

Mais dois tiros são disparados, e Katryna se move para trás. Alguém está gritando feito um animal do lado de fora. Ela olha para o policial ferido, para o sangue que se infiltra por entre as rachaduras no piso de ladrilhos. Uma vidraça se despedaça quando outro tiro ecoa pela vizinhança.

Katryna corre agachada pela sala de estar. Ela desliza sobre o tapete persa e bate o ombro contra a parede, mas consegue manter o equilíbrio. No corredor, ela abre uma das portas do armário. O cabo do esfregão cai, derrubando junto o balde

vermelho, e o coador de metal se solta e faz barulho no chão. Katryna pega o esfregão e tenta colocá-lo em pé entre as roupas. Um casaco cai, e a grossa mangueira do aspirador de pó empurra a outra porta fazendo com que ela se abra.

Katryna ouve mais dois tiros, sai do armário e vai correndo em direção à cozinha. Ela vê a porta de vidro e a escuridão lá fora, abre a porta do porão e começa a descer a íngreme escadaria.

Ela está tão assustada que mal consegue respirar. Deve ser um crime de ódio. Os racistas estão chateados por Adam ter comprado um Jaguar novo.

Através das paredes de pedra ela pode ouvir os carros da polícia e acha que pode se esconder na sala da caldeira até eles pegarem o intruso.

A ansiedade de Katryna aumenta à medida que ela desce mais, escuridão adentro.

Ela se agarra ao corrimão frio, pisca e abre bem os olhos, mas mal consegue enxergar o quer que seja. Ela anda com cuidado, porém os degraus ainda rangem sob seu peso. Finalmente ela alcança o chão de ladrilhos. Ela pisca e consegue entrever a máquina de lavar roupa, uma silhueta mais clara na escuridão, ao lado da porta com a corda ao redor da maçaneta. Ela se vira e se move na direção oposta, passa pela antiga máquina de fliperama de Adam e entra na sala da caldeira. Com cuidado, fecha a porta e ouve um som choroso.

Katryna fica imóvel com os dedos na maçaneta da porta, escutando. Os canos estalam com um clique fraco, mas de resto tudo está quieto.

Ela segue mais para dentro, afastando-se da porta, pensando que vai simplesmente se sentar ali. Não vai demorar, agora que a polícia chegou.

Ela ouve o som de choramingo novamente. Muito perto dela.

Ela vira a cabeça, mas não consegue ver nada.

A lamúria se torna um leve chiado.

Está vindo da válvula de segurança do tanque de água quente.

Tateando, Katryna abre caminho e encontra a escadinha de mão manchada de tinta encostada na parede. Ela a desdobra em silêncio e a leva para a parede sob a janela rente ao teto.

Alguém roubou o Lamassu, ela pensa. O pano bordado com sua divindade tutelar, seu protetor — é por isso que isto está acontecendo.

Ela não pode ficar na casa. Torce as duas travas da janela e está empurrando a janelinha contra o mato quando sente uma corrente de ar frio ao redor dos tornozelos.

Alguém está vindo por trás dela, ela está convencida disso.

Alguém entrou pela porta do porão, cortou a corda que a mantinha fechada e está avançando para dentro.

É impossível abrir direito a janela. Ela tenta de novo, mas a janela continua batendo em alguma coisa. Ofegante, ela estende o braço, toca o mato e descobre que o cortador de grama está encostado perto demais da parede.

Ela tenta afastá-lo com a mão, embora possa sentir a escadinha deslizando para trás debaixo dela. Ela usa a mão para girar a roda do cortador de grama e consegue fazê-lo rolar alguns centímetros. A janela se abre e ela começa a se arrastar para fora.

A porta da sala da caldeira se abre de repente e a luz se acende. A velha chave de partida faz o tubo fluorescente piscar. Ela tenta escapar arrastando-se janela afora, mas a escada é arrancada e desmorona com estrépito no chão. As pernas dela batem com um baque seco contra a parede, seus joelhos ardem, porém ela se agarra e luta para se levantar.

O primeiro golpe da faca atinge suas costas com tanta força que ela ouve a ponta raspar a parede de concreto a sua frente.

Adam Youssef está deitado de bruços no caminho pavimentado do lado de fora de sua casa, as mãos algemadas atrás das costas. Sua coxa está latejando e sua calça jeans preta está molhada de sangue, mas o ferimento superficial do tiro não dói muito. Luzes azuis de vários veículos pulsam em um ritmo peculiar sobre o verde-escuro do jardim.

Um policial pressiona o joelho contra as omoplatas de Adam e, aos gritos, o manda ficar quieto enquanto explica a situação para a equipe operacional.

— Katryna ainda está lá — Adam diz, arfante.

O oficial no comando da equipe operacional está em contato direto com o chefe da Unidade de Resposta Rápida de Estocolmo, tentando coordenar seus esforços. A primeira equipe está forçando janelas e portas, protegendo a entrada e deixando os paramédicos passarem.

O policial que foi baleado é colocado em uma maca.

Adam tenta se libertar, mas é atingido com tanta força nos rins que perde o fôlego. Ele tosse e sente o policial pressionar o joelho contra sua nuca, agarrando sua jaqueta e rosnando para ele ficar imóvel.

— Eu sou investigador de polícia e...

— Cala a boca!

O segundo policial pega a carteira de Adam e se afasta um pouco. Seus sapatos esmagam o cascalho enquanto ele examina o distintivo da polícia e o documento de identidade de Adam.

— Investigação Criminal — ele confirma.

O primeiro policial retira o joelho das costas de Adam e se levanta, respirando com dificuldade. Quando a pressão é removida do pescoço e dos pulmões, Adam recupera o fôlego e tenta rolar para o lado.

— Você atirou em um policial à paisana — o policial diz.

— Ele estava com minha mulher, eu a vi com ele e pensei...

— Ele foi o primeiro policial a chegar à cena do crime e estava saindo da casa com ela. Todos receberam essa informação.

— Apenas tire-a daqui! — Adam implora.

— Que diabos vocês estão fazendo? — uma mulher grita.

É Margot. Adam vê as pernas dela através dos arbustos de amoreira na calçada quando ela entra pelo portão e para.

— Ele é investigador de polícia — ela diz, e respira fundo várias vezes. — É a esposa dele quem...

— Ele atirou em um colega — um dos policiais diz.

— Foi um acidente — Adam diz. — Eu pensei...

— Não diga mais nada — Margot o interrompe. — Onde está Katryna?

— Eu não sei. Eu não sei de nada. Margot...

— Eu vou entrar — ela diz, e seus pés se movem ao longo do caminho.

— Diga a ela que eu a amo — Adam sussurra.

— Ajudem-no a se levantar — Margot diz aos dois policiais. — E tirem essas algemas. Coloquem-no em um dos carros por enquanto.

Ela se dirige para a casa com as mãos ao redor da barriga.

Um jovem policial da Unidade de Resposta Rápida sai pela porta da frente carregando seu capacete. Ele passa por Margot, vomita nos degraus da frente e segue pelo jardim com um olhar vidrado. Ele desafivela o colete à prova de balas e o deixa cair no chão, chega à rua e se apoia no capô de um dos carros.

Os dois policiais seguram Adam pelos braços, levantam-no e o levam para longe da casa. Ele sente o sangue escorrendo pela coxa. Eles o levam até uma viatura e o colocam no banco traseiro, mas deixam as algemas.

Outra ambulância passa pelo cordão e é encaminhada adiante pela polícia. Ouvindo o ruído agudo de um helicóptero, Adam olha para a porta da frente para ver se Margot está saindo com Katryna.

Quando o Departamento Nacional de Investigação Criminal recebeu o quarto vídeo, o sistema entrou em ação instantaneamente, da forma como deveria.

Um dos técnicos era muito amigo de Adam. Ele reconheceu Katryna no vídeo e de imediato expediu informações de emergência para toda a Investigação Criminal e depois ligou para Adam.

O policial mais próximo da casa era um detetive à paisana. Ele chegou à cena do crime apenas sete minutos depois de a polícia receber o vídeo.

A sensação é a de que passou uma eternidade antes de Adam ver Margot novamente. Ela está andando devagar, segurando o corrimão, depois para com a mão em volta da barriga. O nariz dela está pálido e sua testa brilha de suor ao se aproximar dele na rua.

— Tirem essas algemas de merda, porra! — ela diz com raiva incontida para os policiais.

Eles abrem a porta do carro e se apressam em libertar Adam. Ele massageia os pulsos e olha para as pupilas dilatadas de Margot. Ele sente uma onda de náusea avolumar-se em seu estômago.

— O que está acontecendo? — Adam pergunta, assustado.

Ela sacode a cabeça, olha para a casa e depois olha para ele.

— Adam, me desculpe. Eu não posso te dizer o quanto eu sinto muito.

— Por quê? — ele pergunta, tenso.

— Sente-se — ela diz.

Mas ele sai do carro e para na frente dela, sentindo-se estranhamente sem peso.

— É a Katryna? Apenas me diga. Ela está ferida?

— Katryna está morta.

— Eu a vi na porta, eu a vi...

— Adam — implora ela.

— Você tem certeza? Você falou com os paramédicos?

Ela o abraça, mas ele se solta e dá um passo para trás.

— Eu sinto muito, muito — ela diz de novo.

— Você tem certeza de que ela está morta? Quero dizer, a ambulância... o que a ambulância está fazendo aqui se ela está...?

— Katryna vai ficar aqui até a análise forense terminar.

— Você pode me dizer onde ela está?

— Na sala da caldeira. Ela deve ter se escondido lá.

A dor na coxa de Adam repentinamente lateja e se espalha. Ele observa todos os policiais saírem da casa e se reunirem junto ao veículo de comando.

Um lampejo de percepção passa por sua mente. Sua esposa estava quase segura, mas ele atirou no policial que estava saindo da casa com ela.

— Eu atirei em um colega — ele diz.

— Não pense nisso agora. Você vai dormir na minha casa hoje à noite. Vou ligar para o chefe. — Ela tenta segurar o braço dele, mas ele se afasta.

— Eu preciso ficar sozinho. Desculpe, eu...

O helicóptero paira a uma curta distância.

— Eles conseguiram pegar o pregador? — ele pergunta.

— Adam, nós vamos pegá-lo. Ele está na área e estamos mobilizando tudo o que temos. Absolutamente tudo.

Adam meneia a cabeça algumas vezes, depois se afasta.

— Só me dê um segundo — ele sussurra.

Ele dá alguns passos e mexe no galho de um arbusto.

— Você tem que ficar aqui — Margot diz.

Adam olha para ela por alguns segundos e depois sai lentamente perambulando pelo jardim. Ele cobre o rosto com as mãos, fingindo tentar assimilar o que Margot disse, mas sabe que precisa ver Katryna, porque não acredita nela. Não pode ser verdade, não é verdade, Katryna não tem nada a ver com isso.

Adam começa a contornar a casa. A mangueira verde está caída sobre a relva que precisa ser aparada. Um enxame de mosquitos é visível na luz azul cintilante. Fica mais escuro quando ele chega aos fundos da casa.

Ele se vê como uma silhueta negra na cúpula vermelha da churrasqueira redonda. Ele dá a volta e vê que a porta do porão está aberta. A corda foi cortada. Ele entra. As luzes estão todas acesas.

Ele pode ouvir as pessoas andando no andar de cima. Um perito forense está colocando tábuas de proteção no chão.

Adam dá outro passo para dentro, e é quando vê Katryna na fria luz de neon da sala da caldeira. Há sangue por toda parte, na calça de moletom dela, na regata, no chão. O cabelo dela está enfiado atrás de uma das orelhas, mas a maior parte do rosto desapareceu, arrancada. Sangue escuro cintila em sua caixa torácica, e sua mão esquerda parece estar apertando os dedos da mão direita.

Adam cambaleia para trás, ouve o som da própria respiração, tropeça em suas galochas e volta para o jardim.

Ele está ofegante, mas não consegue aspirar ar suficiente para dentro dos pulmões.

Nada mais faz sentido. Ele se vira para ir até o carro da polícia e está passando pela pilha de compostagem quando ouve um galho estalar na floresta. Um policial chega à esquina da casa e chama por ele, mas Adam segue adiante e se embrenha entre as árvores, seguindo o som de alguém que está se movendo lá.

Atrás dele, os holofotes se acendem, banhando de luz a casa e o jardim. Os troncos das árvores brilham em um matiz cinzento, como se estivessem cobertos

por uma camada de cinzas. Como se ele estivesse em uma floresta subterrânea.

A vinte metros há um homem de pé olhando para ele. Os olhos de ambos se encontram entre os caules delicadamente brilhantes, e Adam leva alguns segundos para reconhecê-lo.

O psiquiatra Erik Maria Bark.

É como um relâmpago em sua cabeça quando ele compreende tudo. A consciência o atinge como um machado golpeando um tronco.

Adam se abaixa e puxa do tornozelo a pequena pistola. Há um som áspero quando o velcro se solta. Ele alimenta uma bala na câmara, levanta a pistola e dispara.

O tiro atinge um galho na frente do rosto de Erik e é desviado, estilhaços voando para cima. O psiquiatra se esquiva.

A mão de Adam está tremendo enquanto ele tenta mirar mais baixo. O psiquiatra recua, e Adam dispara de novo. O tiro simplesmente desaparece, enquanto galhos escuros balançam entre os dois.

Ele vê o psiquiatra se agachar e correr, em seguida descer uma encosta e desaparecer atrás de um grosso tronco de árvore. Adam o segue, mas não consegue mais vê-lo e corre diretamente para alguns galhos de abetos. Os policiais que ouviram seus tiros saem correndo do jardim, e de súbito a margem da floresta se enche de luz brilhante.

— Abaixе a sua arma! — alguém berra. — Adam, abaixe sua arma!

Adam se vira e levanta os braços.

— O assassino está na floresta! — ele diz, arfando. — É o hipnotista, é a porra do hipnotista!

Erik respira fundo e fita o céu noturno. Ele deve ter desmaiado depois de cair. Suas costas doem muito. Ele se ralou enquanto rolava morro abaixo.

Ele se levanta e estende a mão para a superfície molhada da pedra. Pode sentir o cheiro de musgo e samambaia, e um clarão de luzes brilhantes cintila através das árvores acima.

Ele se agacha e empurra a vegetação rasteira, tirando um galho do caminho.

O distante latido de cães se funde com o barulho de um helicóptero que se aproxima.

Erik seguiu o pregador por uma trilha estreita, mas as árvores tornaram-se mais densas, e ficou tão escuro que ele acabou perdendo o rastro do outro. Por algum tempo Erik permaneceu imóvel e apurou os ouvidos, mas escutou apenas o vento através dos galhos acima. No fim, decidiu voltar para o carro e esperar lá. Então as sirenes de vários veículos de emergência pareceram convergir para a rua do outro lado da floresta.

Ele começou a andar nessa direção. Talvez a polícia estivesse cercando o pregador.

A floresta era pedregosa e estava coberta com muito mato, então ele demorou para abrir caminho no escuro, mas depois de algum tempo conseguiu avistar luzes azul-acinzentadas piscando entre as árvores. De repente, estava na frente de Adam Youssef, do Departamento Nacional de Investigação Criminal.

Adam me olhou nos olhos e atirou em mim, Erik pensa.

Pedras soltas deslizam sob seus pés, e ele quase cai, então agarra um galho, cortando a mão em alguma coisa. Sua palma fica molhada de sangue e ele se detém, ofegante, tentando acalmar a respiração enquanto ouve novamente o helicóptero acima das copas das árvores.

A polícia descobriu que ele não contou toda a verdade? Eles acham que ele está envolvido nos assassinatos?

Erik pensa em como ele mentiu para a polícia, em como escondeu para si a informação do álibi de Rocky e manteve silêncio sobre o que Björn Kern disse sob hipnose.

O helicóptero continua fazendo voos rasantes sobre as árvores, esquadrinhando com holofotes a floresta, chegando cada vez mais perto. Ele precisa se esconder.

Isto é completamente insano, Erik pensa, sentindo uma lufada de ar puxar suas roupas. Eu quase fui baleado.

O helicóptero se desloca e o holofote se move pela floresta, cintilando pelos troncos das árvores.

Ele é a pessoa que estão caçando.

A vinte metros de distância, ele vê dois oficiais fortemente armados com capacetes, coletes e rifles de assalto. Um deles se vira na direção de Erik, no exato instante em que a luz do helicóptero o ilumina através da copa das árvores.

A adrenalina dispara pelo sangue de Erik como uma injeção de gelo.

Um tiro é disparado assim que tudo escurece de novo. Ele vê o clarão do cano. A bala atinge o tronco da árvore imediatamente acima de sua cabeça.

Erik corre agachado através de uma clareira sem olhar para trás, escorregando de costas, correndo através da densa vegetação rasteira até conseguir ver as luzes dos postes da rua por entre os galhos.

Com cautela, ele se aproxima da rua. Um carro passa e, a alguma distância, ele vê uma barreira na estrada, perfuradores de pneus, carros de patrulha e policiais de uniforme preto.

Erik se esconde atrás de alguns arbustos, as costas encharcadas de suor. Os policiais uniformizados estão próximos agora. Ele pode ouvi-los falando em seus radiocomunicadores, depois eles andam na outra direção.

O coração de Erik está batendo com tanta força que machuca sua garganta.

Ele chega à rua, sem olhar para a polícia, e atravessa o asfalto. A cada metro, a distância entre ele e a polícia está aumentando. Ele passa pela estação de metrô Telefonplan e ainda está se afastando da operação policial quando seu telefone toca, e é Joona.

— O que está acontecendo? — Erik tenta manter a voz firme. — A polícia está me caçando com um helicóptero. Eles atiraram em mim. Isso é loucura. Eu não fiz nada, eu estava apenas seguindo o pregador...

— Espere, Erik, apenas espere. Onde você está agora? Você está a salvo?

— Eu não sei, estou andando por uma rua vazia, depois da Telefonplan. Não estou entendendo nada.

— Você seguiu o pregador até a casa de Adam — Joona diz. — A mulher dele é a vítima mais recente. Ela está morta.

— Não... — Erik suspira.

— Eles estão todos em pânico — Joona diz em tom sombrio. — Parece que estão pensando que você é culpado porque...

— Então fale com eles! — Erik o interrompe.

— Você foi visto perto da casa logo após o assassinato.

— Sim, mas se eu... — Erik ouve um carro se aproximando, se esquiva para dentro de um vão de porta e vira as costas para a rua. — Eu não posso me entregar? — ele pergunta depois que o carro passa.

— Não agora — Joona responde.

— Você não confia na polícia? — Erik pergunta.

— Eles acabam de tentar atirar em você — Joona diz. — Há pessoas na força policial que estão a fim de vingança.

Erik passa as mãos pelo cabelo molhado, lutando para entender todas as coisas improváveis que aconteceram nos últimos dias.

— Quais são minhas opções? — ele pergunta. — O que você acha que eu devo fazer?

— Se puder me dar algum tempo, vou tentar descobrir o que está acontecendo — Joona diz. — Vou descobrir o que eles estão dizendo internamente sobre você e se há uma maneira segura de você se entregar.

— Certo.

— Mas você precisa se esconder e esperar o momento certo — Joona diz.

— Como eu faço isso? O que eu faço?

— Eles estão com o seu carro, então você não pode ir para casa. Você não pode procurar nenhum de seus amigos. Livre-se do seu celular depois desta conversa, porque eles podem rastreá-lo mesmo quando estiver desligado. Provavelmente estão rastreando agora, então não temos muito tempo.

— Compreendo.

O suor escorre pelo rosto de Erik enquanto ele ouve o conselho de Joona.

— Encontre um caixa eletrônico e saque algum dinheiro agora. Tire o máximo que puder, porque será sua única chance de fazer isso. Mas, antes de retirar o dinheiro, você precisa descobrir como chegar rapidamente a uma outra parte da cidade, porque eles estarão prontos se você cometer o menor erro.

— Certo.

— Compre um celular pré-pago e me ligue para que eu tenha o número — Joona continua. — Não entre em contato com mais ninguém. Durma em um abrigo que não peça documento de identificação.

— Todo mundo vai acreditar que sou culpado — Erik diz.

— Só até eu encontrar o pregador — Joona responde.

— Se eu puder hipnotizar Rocky, sei que posso descobrir detalhes que...

— Isso não é mais possível — Joona o interrompe. — Ele está de novo sob custódia.

Quando Joona volta a sua antiga sala na manhã seguinte, Margot está sentada atrás de sua escrivaninha usando uma camiseta que diz A CABEÇA É UMA MERDA . Sua trança grossa está quase desfeita, e ela tem círculos escuros sob os olhos e linhas profundas ao redor da boca.

— Participei de uma reunião de emergência com oficiais superiores — ela diz, servindo-se de um saco de doces. — Agora a investigação é prioridade máxima. Estamos recebendo muito mais recursos. Um alerta nacional foi emitido e eles estão se preparando para uma coletiva de imprensa amanhã.

— Como está o Adam? — Joona pergunta.

— Eu não sei. Ele foi dispensado do trabalho e não quer ver um psicólogo. Ele tem a família ao redor, mas...

— Terrível — Joona diz.

Ele espera que Erik tenha seguido seu conselho e destruído o celular.

A vasta operação policial e de serviços de emergência na Zona do Sofá teve que fretar um ônibus para levar até a unidade de custódia de Huddinge todos os indivíduos que foram detidos, enquanto aguardavam por uma decisão do promotor sobre as prisões. Os muitos mortos e feridos foram considerados vítimas de uma sangrenta disputa por poder do tráfico de heroína.

Rocky Kyrklund foi levado sob custódia por posse de narcóticos. Ele tinha consigo, escondidas em suas roupas, onze cápsulas, cada uma contendo duzentos e cinquenta miligramas de heroína trinta por cento.

— Nós vimos o assassino na Zona. Erik o seguiu até Katryna — Joona diz, inclinando-se para a frente.

— Como você sabe?

— Erik não fez isso — Joona diz.

— Joona — Margot suspira —, você pode falar sobre isso comigo. Sei que vocês dois são amigos, mas tenha cuidado com os outros.

— Eles precisam saber que ele é inocente.

— Você não quer que seja Erik, mas talvez ele esteja enganando você — ela diz pacientemente.

— Eu vi um homem com uma capa de chuva amarela na Zona, e me lembrei do que Filip Cronstedt disse sobre capas de oleado amarelas. Erik o seguiu e foi parar na casa de Adam.

— Então, como você explica o fato de que ele conhecia todas as vítimas, incluindo Katryna? — Margot pergunta, mantendo o olhar fixo.

— Quando ele conheceu Katryna?

— Ela estava conosco quando Adam e eu fomos à casa dele. E Susanna Kern trabalhou como enfermeira no Karolinska. Ela fez um curso no qual Erik era um dos palestrantes. Temos gravações de câmeras de segurança dele conversando com ela.

Joona gesticula com a mão como se dissesse que a informação é irrelevante.

— Então, por que Erik seria conhecido como o pregador? — ele pergunta.

— Ele é esperto. Ele enganou você. Ele pode fazer Rocky se lembrar de qualquer coisa que ele queira.

— Por quê?

— Joona, eu não sei tudo ainda, mas Erik esteve próximo da investigação e tem obstruído nosso progresso. Nós finalmente obtivemos o depoimento de Björn Kern, que se lembrou claramente de que, sob hipnose, disse a Erik que o corpo de Susanna estava em uma pose encenada, com a mão sobre o ouvido.

— E daí?

— Erik sabia que a informação sobre a orelha nos levaria a Rocky e depois a ele e...

— Isso realmente não faz sentido, Margot.

— E Erik visitou Rocky no Karsudden alguns dias antes de pedirmos a ele para fazer isso.

Os olhos de Joona ficam frios como gelo enquanto ele coloca a mão sobre a pasta de papéis.

— Isso tudo é circunstancial — ele diz. — Você sabe disso, não sabe?

— É o suficiente para levá-lo sob custódia e o suficiente para um mandado de busca, o suficiente para um alerta nacional — ela responde, inflexível.

— A mim parece que ele está conduzindo a própria investigação, o resto é apenas coincidência.

— Ele se encaixa no perfil. É divorciado, mora sozinho, tem um histórico de abuso de substâncias e...

— Metade da força policial também — Joona a interrompe.

— Os assassinatos são extremamente voyeurísticos. Sabemos que Erik é obcecado por filmar seus pacientes, mesmo sob hipnose.

— Isso é só para ele não precisar fazer anotações.

— Mas ele tem milhares de horas em seu arquivo, e... um stalker é quase sempre lento, metódico. O investimento de tempo faz parte do processo de tomar posse, é parte do relacionamento que eles criam com a vítima.

— Margot, entendo o que você está dizendo, mas você poderia ao menos cogitar a possibilidade de Erik ser inocente?

— Isso é possível, certamente — ela responde com sinceridade.

— Nesse caso, você também deve considerar a possibilidade de que estamos perdendo de vista o verdadeiro assassino, aquele que chamamos de pregador.

Ela se obriga a desviar o olhar e consulta o relógio.

— Tenho uma reunião prestes a começar — ela diz, pondo-se de pé.

— Eu posso encontrar o pregador, se você quiser — Joonas diz.

— Nós já o encontramos — ela responde.

— Eu preciso da minha arma e preciso de todo o material, os relatórios das cenas de crime, as autópsias.

— Eu não deveria concordar com isso — ela diz, abrindo a porta.

— E você pode mexer os pauzinhos e marcar um encontro entre mim e Rocky Kyrklund na prisão?

— Você não desiste, não é? — ela diz com um sorriso.

Juntos eles percorrem lentamente o corredor. Margot para Joonas do lado de fora da sala de reunião.

— Tenha em mente que as pessoas que estão ali dentro são colegas de Adam — ela diz com os dedos na maçaneta da porta. — O tom da reunião provavelmente vai ser bem hostil, eles precisam extravasar sua raiva. É a maneira deles de mostrar seu apoio a ele e à polícia como um todo.

Joona entra com Margot na espaçosa sala de reuniões. Ela faz um gesto que é ao mesmo tempo um cumprimento a todos e uma ordem para que permaneçam sentados.

— Antes de começarmos... eu sei que as emoções estão à flor da pele no momento, mas ainda assim eu gostaria de pedir a todos que mantenham um tom civilizado. A investigação está entrando em uma nova fase, e a promotora agora assumirá a liderança enquanto nos concentramos em fazer uma prisão rápida.

Ela para e recupera o fôlego.

— Carlos me pediu para trazer Joona Linna porque ele é o detetive de homicídios com os melhores resultados. Não há nem comparação, francamente.

Alguns dos oficiais batem palmas enquanto outros olham fixo para a mesa.

— Naturalmente, ele não estará envolvido de forma oficial na investigação, mas espero que possa dar ao restante de nós, meros mortais, algumas dicas ao longo do caminho — ela brinca, apesar de claramente não estar se divertindo.

Joona dá um passo à frente e olha para os ex-colegas sentados ao redor da mesa de madeira clara antes de falar:

— Erik não é um assassino.

— Que porra é essa? — Petter murmura.

— Vamos ouvi-lo — Margot diz secamente.

— Eu admito que há muitas evidências apontando para Erik, e certamente ele deve ser levado para interrogatório. Mas me pediram para dizer o que eu penso...

— Joona, tive uma reunião com a promotora — Benny diz. — A opinião dela é que temos provas muito convincentes.

— O quebra-cabeça não está terminado só porque três peças se encaixam.

— Pelo amor de Deus, Erik estava lá — Benny continua —, do lado de fora da casa. Nós encontramos o carro dele, ele conhece as vítimas, ele mentiu para a polícia etc. etc.

— Eu soube que você atirou nele — Joona diz.

— Ele é considerado extremamente perigoso e provavelmente está armado — Benny diz.

— Mas posso afirmar a vocês que se trata de um erro — Joona diz.

Ele puxa uma cadeira, se senta e se inclina para trás, fazendo a cadeira ranger.

— Vamos prender Erik — Margot diz. — E ele será colocado sob detenção preventiva e vai receber um julgamento justo.

— Eu não acho que isso vá acontecer — Joona murmura, pensando que a lei está fadada a nunca alcançar a justiça.

— Do que ele está falando? — Benny pergunta.

— Vocês estão direcionando sua raiva contra um homem inocente.

— Você tem razão. Estamos putos da vida — Petter o interrompe.

— Acalme-se — Margot diz.

— Eu não vou ficar aqui sentado ouvindo isso.

— Petter — ela o adverte.

A sala de reuniões fica em silêncio.

Magdalena Ronander enche seu copo de água e encara Joona.

— Joona, talvez você esteja pensando nas coisas de uma forma um pouco diferente, já que não é mais um policial — ela diz. — Eu não quero ofender, mas talvez seja por isso que não estamos entendendo o que você quer dizer.

— Todos nós queremos pegar a pessoa que fez isso, e eu estou dizendo que vocês estão deixando o verdadeiro assassino escapar — Joona responde.

— Certo, já chega dessa conversa fiada — Benny vocifera, batendo as mãos sobre a mesa.

— Ele está bêbado? — alguém sussurra.

— Joona não dá a mínima para a polícia e não dá a mínima para nós — Petter diz em voz alta. — Há muito exagero com relação a ele, eu não entendo. Olhem só para ele, ele deixou cair a porra da arma! Foi por culpa dele que Adam levou um tiro e agora...

— Talvez seja melhor você ir embora — Margot diz, pondo a mão no ombro de Joona.

— E agora ele vem aqui e tenta nos dizer como conduzir uma investigação — Petter conclui.

— Mais uma coisa — Joona diz, levantando-se.

— Apenas cale a boca — Petter rosna.

— Deixe-o falar — Magdalena diz.

— Eu já vi isso muitas vezes — Joona avisa. — Quando familiares, amigos ou colegas são diretamente afetados, é fácil começar a pensar em vingança.

— Você está tentando dizer que não vamos agir com profissionalismo? — Benny pergunta com um sorriso frio.

— Estou dizendo que há uma chance de Erik entrar em contato comigo e eu gostaria de poder oferecer a ele um salvo-conduto — Joona diz muito seriamente — para que ele se entregue e tenha sua inocência comprovada no tribunal.

— Claro — Magdalena responde, olhando para os outros.

— Mas se vocês já dispararam contra ele, como vou convencê-lo a se entregar?

— Apenas diga a ele que garantimos a segurança dele — Benny diz.

— E se isso não for suficiente? — Joona pergunta.

— Minta melhor.

Benny dá uma risadinha.

— Joona, você viu as fotos da Katryna? — Petter pergunta, agitado. — Eu não consigo nem acreditar que é ela mesma. O que eu digo para a minha esposa? Isso é tão doentio. Quer dizer, pense no Adam. Pense no que ele está passando agora. Eu tenho que dizer, eu pessoalmente não dou a mínima para o que acontecer com o seu amigo.

— Todo mundo está chateado — Margot diz. — Obviamente, queremos facilitar as coisas para ele se entregar, e, é claro, ele terá um julgamento justo.

— Supondo que ele não se enforque na cela antes disso — um jovem policial que até agora estava quieto é quem fala.

— Já chega — Magdalena diz.

— Ou engula um caco de vidro — Benny murmura.

Joona empurra a cadeira para trás e meneia a cabeça para os outros.

— Entrarei em contato quando encontrar o verdadeiro assassino e, acreditem, não é o hipnotista — ele diz, e sai da sala.

— Porra, ele é totalmente patético — Petter murmura enquanto seus passos desaparecem no corredor.

— Antes de continuarmos, quero dizer algo — Margot começa. — Como vocês, eu acredito que Erik é o assassino, mas se todos nós dermos um passo atrás... será que podemos pelo menos cogitar a possibilidade de estarmos errados, que Erik é realmente inocente?

— Você não tem que dar à luz em breve? — Benny pergunta sarcasticamente.

— Eu vou dar à luz depois que terminar este caso — ela responde secamente.

— Vamos voltar ao trabalho — Magdalena diz.

— Certo. É assim que as coisas estão no momento — Margot diz. — Nós emitimos um alerta nacional, mas sabemos que Erik tem dinheiro suficiente para deixar o país. Começamos nossas buscas na casa de Erik e em seu local de trabalho. Estamos tentando rastrear o celular dele. Seus cartões de crédito foram bloqueados, mas ele conseguiu sacar uma grande quantia na noite passada. A área ao redor do caixa eletrônico está sendo vasculhada. Estamos vigiando cinco endereços e...

Ela para de falar quando há uma batida na porta. Anja Larsson entra na sala de reuniões. Sem se importar com a presença dos demais, ela se inclina e tem uma conversa sussurrada com Margot.

— Certo — Margot diz depois de um tempo. — Parece que conseguimos rastrear o celular de Erik. Ele está em algum lugar perto de Växjö, em Småland. Parece que está indo para o sul.

Erik está deitado, enrolado na capa cinza que pegou de uma motocicleta estacionada. Ele acorda, congelando. Está claro agora, e ele percebe que está debaixo de uma sorveira em um matagal de arbustos ornamentais. Deve ter dormido talvez por cerca de três horas, e seu corpo parece endurecido de frio, todo dolorido, quando ele se senta e olha em volta.

O sol reluz nas folhas verdes, cintilando no frio.

Ele passa por cima de uma cerca vermelha e vai para o lado da rua coberto de sombras. Enquanto anda, vai se aquecendo lentamente. Não é capaz de acreditar no que aconteceu desde que falou com Joona.

Ele encontrou um ônibus estacionado em frente a uma loja de bicicletas na rua Hägerstens. Um grupo de jovens de aparência cansada, com roupas amarrotadas, estava reunido na calçada, e seus pais e mães ajudavam a descarregar mochilas e sacos de dormir dos bagageiros abertos do veículo.

Erik entrou no ônibus, fingindo procurar algo que tinha deixado para trás, e enfiou o celular entre dois bancos.

Ele saiu pela porta de trás, pegou um boné de uma mochila, enfiou-o dentro da jaqueta e depois continuou em direção à estação de metrô. Colocou o boné na cabeça e parou no caixa eletrônico em frente ao Banco Nordea. Não olhou para cima, mas estava muito ciente da câmera de segurança enquanto retirava de sua conta a maior quantia possível.

Agora Erik corre os dedos pelo cabelo para achatá-lo. Suas roupas estão vincadas, mas não sujas o suficiente a ponto de atrair a atenção. Ele precisa ficar escondido até poder falar com Joona. Não pode se dar ao luxo de correr riscos, mesmo que, com sorte, a essa altura o mal-entendido já tenha sido esclarecido.

Erik começa a atravessar a rua, mas para entre dois carros estacionados quando vê uma loja de conveniência.

Seu estômago gorgoleja com inquietação.

Entre os resultados da loteria e anúncios de apostas esportivas, as manchetes dos tabloides noturnos gritam: POLÍCIA CAÇA ASSASSINO EM SÉRIE SUECO .

Ele se reconhece na fotografia pixelada. De acordo com a ética da imprensa, ocultaram sua identidade. É apenas uma questão de tempo, mas no momento suas

feições estão escondidas por uma massa de quadrados granulados.

A primeira edição de outro tabloide não estampa nenhuma foto, mas a manchete cobre toda a página em letras maiúsculas: ALERTA NACIONAL – PSQUIATRA SUECO PROCURADO POR QUATRO ASSASSINATOS .

Sob o título, o conteúdo da matéria está enumerado: vítimas, fotos, brutalidade, polícia.

Ele volta para a calçada e passa pela loja quando lhe ocorre que a polícia realmente acredita que ele assassinou Katryna e as outras mulheres.

Erik vira numa rua lateral, mas suas pernas tremem tanto que ele tem que desacelerar até parar de vez. Ele fica lá, com a mão trêmula na boca e sussurando:

— Ah, Deus.

Quando lerem as matérias, todas as pessoas que Erik conhece vão descobrir que ele é o homem de quem os jornais estão falando.

Benjamin vai saber que não é verdade, Erik pensa, e começa a andar de novo. Mas Madeleine vai ficar com medo.

Ele pega uma cartela contendo quatro comprimidos de Nitrazepam e a aperta até pegar um em sua mão; em seguida, muda de ideia e joga a cartela inteira no lixo.

Na rua Östgöta ele encontra uma lojinha que vende celulares de segunda mão. Enquanto espera para ser atendido, ouve as notícias no rádio. Uma voz neutra explica friamente que a busca pelo homem suspeito de ser um assassino em série está agora em seu segundo dia.

Erik quase vomita quando ouve a voz dizer que um mandado de prisão foi emitido para um psiquiatra do Hospital Karolinska sobre quem recaem suspeitas razoáveis de ter matado quatro mulheres na área de Estocolmo. A polícia está dizendo pouca coisa, em respeito à investigação em andamento, mas espera receber mais informações de denúncias públicas anônimas.

O homem atrás do balcão, cujos óculos estão colados com um pedaço de fita, pergunta como ele pode ajudar, e Erik tenta sorrir enquanto explica que gostaria de um telefone pré-pago.

No rádio, um oficial de polícia de alta patente está discutindo os resultados de suas buscas e os recursos que estão sendo mobilizados.

Erik muda de direção assim que sai da loja. Ele troca de rua várias vezes, mas tem como objetivo deixar o centro da cidade via Danvikstull.

Ele não ousa parar e tirar do bolso o telefone enquanto não passa pelo Museu do Bonde. Só então se detém diante de um prédio de tijolos amarelos e liga para Joona.

— Joona, isto é impossível — ele diz rapidamente. — Você viu os jornais? Eu não posso continuar me escondendo.

— Você tem que me dar mais tempo.

— Não, eu já me decidi. Quero que você me prenda e me leve para a polícia.

— Não posso garantir sua segurança.

— Eu não me importo — ele diz.

— Eu nunca vi a polícia tão agitada, tão furiosa — Joona diz —, e não são apenas os colegas de Adam. É todo mundo, e todos os escalões. Uma coisa é um policial arriscar a própria vida, ele sabe dos riscos quando entra para a polícia, mas uma violência como essa, dirigida contra a esposa de um policial...

— Você tem que dizer a eles que eu não fiz isso, você...

— Eu disse, mas eles estabeleceram uma ligação entre você e cada uma das vítimas, e você foi visto na cena do crime.

— O que eu faço? — Erik sussurra.

— Fique escondido até eu encontrar o pregador. Eu vou falar com Rocky. Ele está no Presídio de Huddinge.

— Eu mesmo poderia me entregar a um dos tabloides noturnos — Erik diz, desesperado. — Eu poderia contar minha própria história, minha versão, e levaria jornalistas comigo quando me apresentasse à polícia.

— Erik, mesmo que isso fosse possível, eles já estão falando sobre o seu suicídio em custódia, sobre você se enforcar na cela ou engolir um pedaço de vidro antes do julgamento. Pode até ser tudo papo-furado, mas não quero que você corra o risco agora.

— Eu vou ligar para a Nelly. Ela me conhece, ela sabe que não cometi esses crimes...

— Você não pode fazer isso. A polícia está vigiando a casa dela. Você tem que encontrar outra pessoa, alguém mais distante, inesperado.

O Presídio de Huddinge é um dos maiores da Suécia. Rocky é suspeito apenas de delito leve de posse de entorpecentes, portanto não está sujeito a nenhuma restrição em particular, mas é considerado um detento com alto risco de fuga.

O presídio é um vasto edifício de tijolos marrons em forma de V, com uma entrada ladeada por altos pilares. Na parte de trás há duas alas em formato de leques, e cada um dos andares superiores contém oito áreas individuais para a prática de exercícios.

Rocky é a única pessoa que sabe quem é o pregador impuro. Ele o conheceu, falou com ele e o viu matar.

Joona tem que entregar as chaves e o celular na verificação de segurança. Os guardas usam um bastão magnético com sensor de raio X para examinar seus sapatos e seu paletó, e ele é revistado depois de passar pelo detector de metais. Um cocker spaniel preto e branco o rodeia, farejando explosivos e drogas.

O agente penitenciário à espera de Joona na porta se apresenta como Arne Melander. Enquanto se dirigem aos elevadores, ele diz a Joona que é pescador, um praticante de pesca competitiva, que ficou em terceiro lugar no campeonato nacional no início do verão e que está indo para o rio Fyris naquele fim de semana.

— Competi na pesca de fundo — Arne explica, apertando o botão do elevador.
— Como iscas usei minhocas cor-de-rosa e bronze.

— Isso é inteligente — Joona diz.

Arne sorri, suas bochechas se levantam e ficam mais redondas. Ele tem uma barba grisalha hirsuta e está usando óculos e um suéter azul-escuro esticado sobre a volumosa barriga.

Seu cassete e alarme balançam em seu cinto quando eles saem do elevador e passam pelas portas de segurança. Enquanto Joona espera, o agente penitenciário desliza seu cartão pelo leitor e digita o código.

Eles cumprimentam o guarda de serviço, um homem de cabelos brancos, olhos preguiçosos e lábios finos.

— Estamos um pouco atrasados hoje — o guarda de plantão diz. — Kyrklund acabou de sair para respirar um pouco de ar fresco. Mas podemos verificar se ele quer voltar para dentro.

— Por favor — Joona diz.

Depois do assassinato da agente penitenciária Karen Gebreab, as regras ficaram mais rígidas, e nenhum membro da equipe está autorizado a ficar sozinho com um prisioneiro. Os reclusos muitas vezes entram em desespero, em estado de revolta após a sua detenção.

Joona observa Arne Melander um pouco distante, falando em um rádio. Ele olha fixamente para as paredes nuas, as portas, o piso de linóleo brilhante e as trancas e travas de segurança.

O Presídio de Huddinge é de alta segurança, totalmente blindado, com portas e paredes reforçadas, controles de entrada e vigilância monitorados por câmeras. Mas a equipe está armada apenas com cassetetes. Talvez os agentes penitenciários tenham gás lacrimogêneo ou spray de pimenta, mas Joona acha que não dispõem de armas.

Alguns anos antes de ingressar na academia de polícia, Joona foi escolhido para se juntar à recém-formada Unidade de Operações Especiais dos paraquedistas, onde recebeu treinamento em krav maga militar, com foco específico em guerra urbana e armamento inovador.

O antigo treinamento está profundamente arraigado em Joona. Sempre que entra em um recinto, ele ainda se vê automaticamente procurando possíveis armas.

Joona já percebeu os rodapés de aço inoxidável e os lintéis das portas. As ranhuras nas cabeças dos parafusos foram projetadas de modo que não possam ser removidos com ferramentas comuns, mas os dos rodapés começaram a cair com o passar do tempo. Talvez os carrinhos de comida tenham enroscado neles.

Joona nota que alguns dos rodapés poderiam ser arrancados com os pés. Se a pessoa envolvesse as mãos em algum tecido, conseguiria arrancar o rodapé em todo o seu comprimento, dobrá-lo duas vezes e, em vinte segundos, criar uma espécie de laço, que por sua vez poderia ser enrolado no pescoço do oponente e apertado usando-se os pedaços salientes de metal.

Joona se lembra do tenente holandês Rinus Advocaat, um homem sinuoso com rosto marcado por cicatrizes e olhos mortos, que apresentou essa técnica e mostrou como controlar os movimentos do inimigo e basicamente decapitá-lo apertando o laço.

— Ele está a caminho — Arne diz amigavelmente.

Rocky vem andando atrás de dois guardas do presídio. Está vestindo macacão e chinelos verde-claros e tem um cigarro enfiado atrás da orelha.

— Obrigado por interromper seu tempo lá fora — Joona diz, caminhando em direção a ele.

— Eu não gosto muito de jaulas, de qualquer forma — Rocky responde, e limpa a garganta.

— Por que não?

— Boa pergunta. — Ele lança um olhar interessado para Joona.

— Vocês usarão uma sala de interrogatórios monitorada, número 11. Isso significa que eu vou estar sentado do outro lado do vidro — Arne avisa a Joona.

— Talvez seja porque as jaulas me fazem pensar nas armadilhas de lagosta que eu usava quando era pequeno — Rocky diz. — Eu as pegava à noite, nesta época do ano.

Eles param do lado de fora enquanto Arne a destranca.

— Eu costumava apontar o facho da minha lanterna nos lagostins, e usando apenas a luz, conseguia forçá-los a entrar nas armadilhas.

A sala de interrogatórios 11 é desleixada e contém uma mesa, quatro cadeiras e um telefone interno para chamar o pessoal da prisão.

Em tese as pernas das cadeiras são inquebráveis, Joona pensa, mas se alguém colocar uma delas no chão, subir na mesa e pular em cima do encosto curvo, o laminado se despedaçará e será possível fazer um canivete.

— Então o guarda pode me ver através do vidro? — Rocky pergunta, apontando para a janela escura.

— É apenas uma precaução de segurança.

— Mas você não tem medo de mim? — Rocky sorri.

— Não.

O padre parrudo se senta e sua cadeira range embaixo dele.

— Já nos conhecemos pessoalmente? — ele pergunta, franzindo a testa.

— Na Zona — Joona diz, sem alterar a voz.

— Na Zona — Rocky repete. — Eu deveria saber onde é isso?

— É onde a polícia prendeu você.

Rocky espreme os olhos e fita o espaço.

— Eu não me lembro de nada disso. Eles dizem que eu estava com uma boa quantidade de heroína comigo, mas como eu poderia ter pagado por isso?

— Você não se lembra da Zona? A Zona do Sofá em Högdalen?

Rocky franze os lábios e balança a cabeça.

— Uma unidade industrial com toneladas de sofás e poltronas, prostitutas, pessoas comprando e vendendo abertamente drogas, armas...

— Bem, eu sofri uma lesão neurológica em um acidente de carro. Tenho dificuldade de me lembrar das coisas — Rocky explica.

— Eu sei.

— Mas você quer que eu confesse o delito da posse de drogas?

— Eu não me importo com isso — Joona diz, sentado a sua frente. — Você deveria apenas dizer que não era o seu casaco, que você pegou um casaco qualquer que encontrou no chão.

Por um breve período, nenhum deles fala.

Rocky estica as longas pernas.

— Então você quer outra coisa — ele diz com cautela.

— Você mencionou várias vezes uma pessoa que você chama de “pregador impuro”. Eu preciso da sua ajuda para identificá-lo.

— Eu conheci esse pregador?

— Sim.

— Ele é um padre?

— Não sei.

Rocky coça a barba e o pescoço.

— Eu não faço ideia — ele diz depois de um tempo.

— Você descreveu como ele matou uma mulher chamada Natalia Kaliova. Ele decepcionou o braço dela.

— Um pregador...

— Foi ele quem assassinou Rebecka Hansson.

— Que diabos você está tentando fazer? — Rocky ruge e se levanta de repente, derrubando a cadeira. — Eu matei Rebecka Hansson. Você acha que sou idiota ou algo assim? — Ele se afasta, tropeça na cadeira virada e quase cai, estende o braço e coloca a enorme mão sobre o vidro reforçado.

O agente penitenciário entra, mas Joona ergue a mão em um gesto de quem pede calma. Ele vê vários outros guardas correndo pelo corredor.

— Não acreditamos que você fez isso — Joona diz. — Você se lembra de Erik Maria Bark?

— O hipnotista? — Rocky lambe os lábios e alisa o cabelo para trás.

— Ele encontrou uma mulher que pode te dar um alibi.

— E eu devo acreditar nisso?

— O nome dela é Olivia — Joona diz.

— Olivia Toreby — Rocky diz lentamente.

— Você começou a se lembrar sob hipnose. Tudo indica que você foi condenado por um assassinato cometido pelo pregador.

Rocky se aproxima dele.

— Mas você não sabe quem é esse pregador?

— Não — Joona responde.

— Porque tudo está trancado dentro do meu cérebro esmagado — Rocky diz, seco.

— Você concordaria em ser hipnotizado novamente?

— Você não concordaria se estivesse na minha posição? — ele pergunta, e se senta mais uma vez.

— Sim — Joona responde, com sinceridade.

Rocky abre a boca para dizer algo, mas em vez disso se cala e coloca a mão na testa. Um de seus olhos começou a tremer, a pupila parece estar vibrando, e ele se inclina para a frente, segurando-se na mesa e respirando com dificuldade.

— Cristo — ele diz depois de um tempo, e olha para cima.

Sua testa está coberta de suor. Ele olha para Joona e os agentes penitenciários que entraram na sala com uma expressão de perplexo devaneio.

Joona detém a promotora distrital Sara Nielsen nos degraus da entrada do tribunal. Uma vez que não pode trazer Erik para a prisão, ele precisa convencer a promotora a libertar Rocky sob fiança antes do julgamento.

— Eu liguei para a senhora a respeito de Kyrklund — ele diz, em pé diante da promotora. — Ele não pode ficar na prisão.

— Isso cabe ao tribunal distrital decidir.

— Mas eu não entendo por que — Joona persiste.

— Compre um livro sobre a lei sueca.

Uma mecha de cabelo loiro passa pelo rosto de Sara e ela a afasta com um dedo. Ela levanta as sobrancelhas quando Joona começa a falar.

— De acordo com o capítulo 24, parágrafo 20 — Joona diz —, um promotor pode revogar a decisão de manter um suspeito sob custódia se essa decisão não for mais justificável.

— Bravo — ela sorri. — Mas há um claro risco de que Kyrklund fuja da justiça e um perigo tangível de ele cometer outros crimes.

— Mas estamos falando apenas de delitos menores de posse de entorpecentes, punidos com um ano de detenção no máximo, e é extremamente duvidoso que a posse possa ser comprovada.

— Você disse ao telefone que o casaco não era dele — ela diz, de modo intenso.

— E que a razão para mantê-lo sob custódia não autoriza, de forma alguma, tamanho grau de intromissão na vida dele.

— De repente parece que estou na escadaria do tribunal, negociando com um ex-policial os novos termos da custódia.

— Eu posso providenciar supervisão — Joona diz, seguindo-a degraus abaixo.

— Não funciona assim, como você bem sabe.

— Eu entendo, mas ele está doente e precisa de atenção médica constante — Joona diz.

Ela para e deixa os olhos vagarem pelo rosto dele.

— Se Kyrklund precisar de um médico, o médico pode ir ao presídio.

— E se eu disser que esse tratamento não pode ser realizado no presídio...

— Então eu diria que você está mentindo.

- Eu posso obter um atestado médico — Joona persiste.
- Vá em frente, mas apresentarei a acusação na próxima terça-feira.
- Eu vou recorrer.
- Boa sorte — a promotora diz, sorrindo.

Joona está sentado em um dos bancos das últimas fileiras da Igreja Adolf Fredrik. Um coro de meninas ensaia para uma apresentação. O líder do coro lhes dá a nota e as adolescentes começam a cantar “*O viridissima virga*”.

Joona mergulha nas lembranças das longas e leves noites em Nattavaara após a morte de Summa, e no modo como a luz do sol inundava as janelas arcadas da igreja e se mesclava às folhas de outono e aos vitrais.

Depois de alguns minutos o coro faz uma pausa. As meninas pegam seus celulares, se reúnem em grupos e caminham pelas coxias conversando.

A porta do adro se abre e se fecha rapidamente. O sacristão da igreja tira os olhos da página de seu livro e depois continua lendo.

Margot entra carregando duas pesadas sacolas plásticas, que batem no banco enquanto ela se espreme ao lado de Joona. Sua barriga inchou tanto que faz pressão contra o suporte para hinários.

— Eu realmente sinto muito — Margot diz em um meio sussurro. — Eu sei que você não quer acreditar, mas olhe para isto.

Com um suspiro, ela apoia uma das sacolas no colo e tira uma folha de papel mostrando uma impressão digital. Joona rapidamente examina os vários parâmetros da comparação, depois verifica os detalhes e vê as semelhanças nas linhas e nos padrões.

Há três impressões digitais perfeitamente definidas, e a correspondência com Erik Maria Bark é de cem por cento.

— Onde as impressões foram encontradas? — Joona pergunta.

— Na cabeça do pequeno cervo de porcelana que estava na mão de Susanna Kern.

Joona olha para a nave da igreja. O coro está se reunindo mais uma vez, o regente batendo palmas para chamar a atenção das meninas.

— Você me pediu provas — Margot continua. — Estas impressões digitais são provas, não são?

— Em um sentido judicial — ele diz em voz baixa.

— As buscas ainda estão em andamento — ela diz. — Nós encontramos o nosso assassino em série.

— Encontraram?

Margot coloca no colo de Joona a sacola contendo material da investigação.

— Eu realmente queria acreditar em você e na ideia do pregador — ela diz, inclinando-se para trás e respirando com dificuldade.

— Você deveria — Joona responde.

— Você se encontrou pessoalmente com Rocky. Tomei providências para que pudesse interrogá-lo — ela diz com uma pitada de impaciência. — Você disse que precisava fazer isso antes de conseguir encontrar o tal pregador impuro.

— Ele não se lembra de nada agora.

— Porque não há nada do que se lembrar — ela conclui.

O coro começa a cantar, e as vozes das meninas enchem a igreja. Margot tenta se acomodar em uma posição mais confortável e coloca sua trança por cima do ombro.

— Você rastreou Erik em Småland — Joona diz.

— A equipe de resposta rápida invadiu um ônibus fretado e encontrou o celular dele enfiado entre dois assentos.

— Opa — Joona diz secamente.

— Ele não cometeu nenhum erro, não deu nenhum passo em falso até agora. Sumiu feito um profissional. É quase como se tivesse recebido conselhos.

— Eu concordo — Joona diz.

— Ele entrou em contato com você? — Margot pergunta.

— Não — Joona responde curto e grosso.

Ele olha para a outra sacola, ainda no chão entre eles.

— Essa é a minha pistola?

— Sim. — Ela empurra a sacola em direção a ele com o pé.

— Obrigado — Joona diz, olhando para baixo.

— Se você vai continuar procurando o pregador, eu tenho que te lembrar que não está fazendo isso sob minhas ordens — Margot diz, começando a se espremer para sair fora do banco. — Você não recebeu nenhum material meu e nós nunca nos encontramos aqui. Entendeu?

— Vou encontrar o assassino — Joona diz.

— Tudo bem, mas não podemos ter mais nenhum contato oficial.

Joona pega a pistola. Sob o disfarce do banco, ejeta o pente em seu colo, puxa o ferrolho para trás, verifica o mecanismo, o gatilho e o martelo, recoloca o fecho de segurança e reinsere o pente.

— Quem diabos usa uma Colt Combat? — Margot pergunta. — Eu teria dor nas costas depois de uma semana.

Joona apenas coloca a pistola no coldre de ombro e enfia o pente de reserva no bolso da jaqueta.

— Quando você vai aceitar que Erik pode ser culpado? — ela pergunta em tom áspero.

— Você vai ver que eu estou certo — ele diz, encarando com gélida tranquilidade o olhar dela.

Nelly Brandt está sentada diante da tela do computador, digitando. Veste uma saia de camurça bege e um suéter dourado que se ajustam à perfeição em torno de seu corpo.

Quando Joona chega e diz olá, ela não responde, apenas se levanta, vai até a janela e pega uma flor de um cor-de-rosa intenso do lado de fora.

— Aqui, pra você — ela diz, entregando a flor para Joona. — Com meus sinceros agradecimentos pelo magnífico trabalho de detetive...

— Eu sei como você se sente...

— Espere — ela o interrompe. — Eu preciso colher outra.

Ela estende a mão, pega uma segunda flor e a entrega a Joona.

— Para toda a força policial sueca — ela diz. — Impressionante pra caralho. Não, eu vou ter que sair e arrancar o arbusto inteiro.

— Nelly, eu sei que a polícia acusou o homem errado.

É como se todo o ar saísse dela. Ela se senta à escrivaninha e descansa a cabeça nas mãos, tenta dizer alguma coisa, mas não consegue pronunciar as palavras.

— Eu ainda estou tentando encontrar o verdadeiro assassino — Joona continua. — Mas preciso de alguém que possa assumir de onde Erik parou.

— Eu ficaria feliz em ajudar — ela diz, olhando para ele.

— Você consegue hipnotizar as pessoas?

— Não. — Ela ri, surpresa. — Eu pensei... essa não é a minha área. Eu realmente acho a experiência um pouco inquietante.

— Você conhece alguém que possa me ajudar?

Ela torce a aliança de noivado no dedo sardento algumas vezes e inclina a cabeça.

— Hipnose é algo complicado — ela diz sem rodeios. — Mas há algumas pessoas com boa reputação. Não que isso seja o mesmo que ser brilhante.

— Você quer dizer que não há ninguém tão bom quanto Erik?

Ela ri, mostrando os dentes brancos.

— Ninguém chega nem perto de ser tão bom quanto ele.

— Há alguém com quem eu possa conversar?

— Anna Palmer, que trabalha aqui, é supostamente muito boa. Depende do que você precisa. Ela não tem a experiência de Erik quando se trata de traumas psicológicos e estados de choque, é claro.

Nelly conduz Joona ao longo do corredor, mas depois de um tempo ela diminui a velocidade e pergunta se está em perigo.

— Eu não sou capaz de responder isso — Joona diz com sinceridade.

— Meu marido está trabalhando até tarde a semana toda.

— Você deveria pedir proteção policial.

— Não, não — ela diz, rechaçando a ideia —, isso parece extremo. Mas tudo isto parece demais. Percebemos que a fechadura na parte de trás da casa foi danificada ontem.

— Você tem alguém com quem possa ficar?

— Sim, claro — ela diz, corando levemente.

— Faça isso, até que a coisa toda termine.

— Vou pensar a respeito.

Anna Palmer recebe Joona em uma salinha repleta de livros. Há uma escrivaninha e uma janela estreita com vista para o terreno do hospital. Ela é uma mulher alta com cabelo grisalho curto e veias visíveis sob os olhos.

— Conheço alguém que sofreu um acidente de carro há dez anos — Joona começa. — Ele teve danos cerebrais bastante severos. Não sou especialista, mas segundo me explicaram, ele é acometido de atividade epiléptica contínua nos lobos temporais de ambos os lados do cérebro.

— Isso certamente pode acontecer — ela diz, anotando o que Joona relata.

— O grande problema dele é a memória — Joona continua. — De curto e de longo prazo. Às vezes ele se lembra de cada detalhe de um acontecimento, mas às vezes esquece que já ocorreu. Eu tenho a esperança de que a hipnose possa ajudá-lo a romper as barreiras.

Anna abaixa o bloco de anotações e cruza as mãos sobre a escrivaninha. Joona percebe pequenas cicatrizes vermelhas de eczema nas articulações dos dedos.

— Não quero desapontá-lo — ela diz, cansada —, mas muitas pessoas têm expectativas irrealistas sobre o uso da hipnose.

— É muito importante que essa pessoa se lembre — Joona responde.

— A hipnose clínica gira em torno de fazer sugestões e ajudar pacientes a organizar suas memórias. Não tem nada a ver com revelar verdades — ela explica, desculpando-se.

— Mas esse tipo de lesão cerebral não significa que a memória da pessoa foi apagada. Está tudo lá, só que o caminho para as lembranças está bloqueado. A hipnose não conseguiria ajudá-lo a encontrar um caminho diferente?

— Certamente seria possível chegar a esse ponto, se o hipnotista fosse muito hábil — ela admite, coçando as marcas vermelhas em suas mãos. — Mas o que o terapeuta faz quando chega lá? Ninguém seria capaz de diferenciar as memórias reais da imaginação do paciente, porque seu cérebro não consegue dizer a diferença.

— Você tem certeza? Nós achamos que somos capazes de dizer a diferença entre memória e imaginação. Estamos convencidos de que podemos.

— Porque armazenamos certas informações com a consciência de que elas refletem memórias genuínas, como uma espécie de código.

— Então esse código ainda não deveria estar no cérebro da pessoa? — Joona persiste.

— Mas extrair isso ao mesmo tempo em que extraímos as memórias... — ela diz, balançando a cabeça.

— Existe alguém que seria capaz de fazer isso?

— Não — ela responde, fechando o bloco de anotações.

— Erik Maria Bark afirma que consegue.

— Erik é muito bom em... ele é provavelmente a melhor pessoa do mundo para colocar os pacientes em um estado de hipnose profunda, mas a pesquisa dele não é baseada em provas — ela diz lentamente, e há um lampejo de algo em seus olhos.

— Você acredita no que os jornais têm dito sobre ele? — Joona pergunta.

— Não tenho como julgar, mas ele gravita em direção ao perverso, ao psicótico... — Ela se obriga a parar de falar. — Esta conversa é sobre ele? — ela pergunta sem rodeios.

— Não.

— Mas não é sobre um amigo seu, é?

— Nunca é. Eu sou um detetive do Departamento Nacional de Investigação Criminal e preciso interrogar uma testemunha que sofre de perda de memória orgânica.

Os cantos da boca de Anna Palmer se contorcem.

— Isso seria antiético. Qualquer coisa dita sob hipnose não pode ser considerada confiável e não tem validade em um contexto legal — ela diz secamente.

— Isso diz respeito ao trabalho de detetive, não...

— Eu posso assegurar a você que nenhum praticante sério de hipnose clínica faria isso — ela diz, levantando a voz e olhando-o nos olhos.

Com o boné puxado para baixo e a cabeça abaixada, Erik avança pelo alto da área de esqui de Hammarbybacken e se dirige floresta adentro.

É praticamente impossível mover-se em Estocolmo sem ser registrado por câmeras. Há câmeras de tráfego ao longo das ruas e estradas e câmeras de vigilância em cruzamentos, túneis e pontes. Há câmeras de segurança em lojas, trens, ônibus, balsas e táxis. Vinte e quatro horas por dia postos de gasolina, estacionamentos, portos, terminais, estações ferroviárias e plataformas são monitorados. Bancos, lojas de departamentos, shopping centers, praças, ruas de pedestres, embaixadas, delegacias de polícia, prisões, hospitais e postos de bombeiros são todos vigiados.

Erik está exausto, e as bolhas nas solas dos pés explodem enquanto ele atravessa a floresta rumo a Björkhagen.

O céu está ficando escuro, e as pernas de Erik tremem quando ele para no pequeno parque atrás do prédio onde mora Nestor, seu ex-paciente.

Erik segue o caminho até uma porta de madeira com caixas de correio de bronze manchadas e sem brilho. A cor do edifício o faz se lembrar de massa de vidraceiro.

Há uma luz acesa na cozinha no apartamento do andar térreo. Dali ele pode ver diretamente a sala de estar de Nestor. Erik troca de janela e vê Nestor sentado em uma poltrona. Não há sinal de mais ninguém no apartamento.

Erik tem a sensação de que não consegue dar um passo a mais, e suas mãos tremem quando ele toca a campainha de Nestor.

— Posso entrar? — ele pergunta assim que Nestor abre a porta.

— Isto é inesperado — Nestor resmunga. — Vou fazer um pouco de café. — Ele deixa Erik entrar, fecha e tranca a porta e depois desaparece lá dentro.

Com um suspiro, Erik tira os sapatos, pendura a jaqueta amarrotada e cheira o próprio suor. Suas meias grudaram nos calcanhares ensanguentados e as pontas dos dedos frios estão coçando no calor do corredor de entrada.

Ele sabe que Nestor mora no mesmo apartamento em que passou a infância. Os tetos são baixos e o chão de carvalho é tão velho que o verniz está gasto. Há ornamentos em formato de cachorro por toda parte.

Erik caminha pela sala de estar. A única almofada no sofá está puída e, sobre a mesa baixa, há óculos e palavras cruzadas, ao lado de uma grande estatueta de cães de caça e faisões mortos.

Na cozinha, Nestor arruma as xícaras e um prato de biscoitos. Em cima do fogão há uma frigideira contendo salsicha e batatas.

— Você me disse que eu poderia pedir um favor, qualquer coisa — Erik diz, sentando-se à mesa.

— Sim — Nestor diz, assentindo enfaticamente.

— Posso ficar aqui por alguns dias?

— Aqui? — Um sorriso cético e juvenil percorre o rosto de Nestor. — Por quê?

— Tive uma briga com a minha namorada — Erik mente, recostando-se.

— Você tem na-namorada?

— Sim — Erik responde.

Nestor despeja café nas xícaras e diz que ele tem um quarto vago com uma cama de hóspedes já arrumada.

— Posso comer as sobras de comida?

— Cla-claro, me desculpe — Nestor diz, acendendo uma das bocas do fogão.

— Você não precisa aquecer para mim — Erik diz.

— Você não quer...?

— Não, está bom.

Nestor raspa a comida em um prato e o coloca diante de Erik antes de se sentar de frente para ele.

— Você pensou mais a respeito de arranjar um cachorro? — Erik pergunta.

— Eu pre-preciso economizar algum dinheiro — Nestor responde, levantando a colher de café alguns milímetros e olhando sub-repticiamente para o reflexo.

— É claro — Erik diz enquanto come.

— Eu trabalho lá na i-igreja — Nestor aponta para a janela.

— Na igreja? — Erik pergunta, um arrepio se espalhando por sua espinha.

— Sim... Bem, na verdade não. — Nestor sorri, segurando uma mão na frente de sua boca. — Eu tra-trabalho no cemitério de animais de estimação.

— O cemitério de animais de estimação. — Erik meneia a cabeça educadamente, olhando para as mãos finas de Nestor.

Erik termina de comer e toma o café enquanto escuta Nestor contar sobre o mais antigo cemitério de animais domésticos em atividade na Suécia, em Djurgården. Foi criado no século XIX, quando o autor August Blanche enterrou seu cachorro lá.

— Estou entediando você — Nestor diz, pondo-se de pé.

— Não, estou cansado, é só isso.

Nestor vai até a janela e olha para fora. Vultos negros estão se movendo em contraste com o céu mais claro, árvores e arbustos balançando para a frente e para

trás.

— Daqui a pouco vai ficar escuro — ele sussurra para seu reflexo.

Há dois galgos de cerâmica no peitoril da janela, ao lado de um vaso de plantas. Nestor toca a cabeça das estatuetas, fora da visão de Erik.

— Posso usar o banheiro? — Erik pergunta.

Nestor o leva através da sala de estar e aponta para uma porta extra atrás de uma cortina.

— Este é o apartamento do antigo ze-zelador, mas eu penso naquela porta como uma saída de emergência — ele diz.

O banheiro tem azulejos até o meio das paredes, com uma banheira funda e uma cortina de chuveiro com desenhos de cavalos-marinhos. Erik tranca a porta e tira a roupa.

— A escova de dentes vermelha é da mãe — Nestor diz em voz alta do outro lado da porta.

Erik fica de pé sobre o tapetinho mofado dentro da banheira arranhada, lava e limpa as feridas em seu corpo. Em cima do armário sobre a pia há uma velha caixa de lâmpadas com alguns batons e um tubo de rímel.

Quando Erik sai do banheiro, Nestor está em pé no corredor esperando. Seu rosto vincado parece preocupado.

— Eu gostaria muito de falar sobre algo... é algo que... — ele começa.

— O que é?

— Eu... o que eu fa-faço se o novo cachorro morrer?

— Podemos conversar sobre isso amanhã.

— Eu vou te mostrar o qua-quarto de hóspedes — Nestor sussurra, virando o rosto.

Eles voltam para a sala de estar, depois passam de novo pela cozinha, até uma porta fechada que Erik não tinha notado antes.

Acima da cama no quarto de hóspedes há um grande cartaz de Björn Borg beijando o troféu de Wimbledon. Na parede oposta há uma prateleira apinhada de cachorrinhos de porcelana.

Há um antigo armário de canto pintado num estilo tradicional de arte popular. A porta de cima é decorada com um motivo pintado à mão: as idades do homem, do berço ao túmulo. Um homem e uma mulher estão lado a lado em uma ponte em que cada degrau representa uma década. No degrau mais alto, o par aparece confiante de cabeça erguida aos cinquenta anos, mas a morte espreita sob a ponte na forma de um esqueleto com uma foice na mão.

— É muito bonito — Erik diz, olhando para Nestor, que ainda está na sala de estar.

— Eu durmo no... quarto da ma-mãe. Eu me mudei para lá quando... — Nestor estica o pescoço estranhamente, como se quisesse olhar para alguém atrás dele.

— Boa noite — Erik diz.

Ele começa a fechar a porta, mas Nestor coloca a mão sobre ela e olha para ele com expressão ansiosa.

— Os ri-ricos precisam disso, os pobres já o têm, mas você te-teme isso mais do que a morte — Nestor sussurra.

— Estou um pouco cansado demais para enigmas, Nestor.

— Os ricos precisam disso, os po-pobres já o têm, mas você teme isso mais do que a morte — Nestor repete, depois lambe os lábios.

— Vou pensar na resposta — Erik diz, e fecha a porta. — Bem, boa noite.

Ele se senta e olha para o horroroso papel de parede. O padrão repetido é parecido com brasões ornamentados, guirlandas, penas de pavão e centenas de olhos.

As persianas já estão fechadas e ele apaga a luz e detecta um leve cheiro de lavanda ao dobrar as pesadas cobertas e se deitar na cama.

Erik está tão exausto que seus pensamentos se desgarram e perdem a forma. Ele está prestes a cair no sono quando ouve um ligeiro rangido no quarto. Sem alarde, alguém está tentando abrir a porta.

— O que foi, Nestor? — Erik pergunta.

— Uma pista — a voz suave diz. — Eu posso te dar uma pista.

— Estou muito cansado e...

— Os padres acham que é ma-maior que o próprio Deus — Nestor o interrompe.

— Você pode fechar a porta, por favor?

A maçaneta clica quanto Nestor a solta e atravessa o parquet da sala de estar.

Erik adormece e, em seus sonhos, a pequena Madeleine está de pé ao lado de sua cama, soprando em seu rosto e sussurrando a resposta para o enigma de Nestor.

— *Nada* — ela sussurra, soprando sobre ele. — *Os ricos não precisam de nada, os pobres não têm nada... e você não teme nada mais do que a morte.*

Erik é despertado por uma brisa em seu rosto. Alguém está sussurrando algo freneticamente, mas para no momento em que ele abre os olhos. A escuridão é quase impenetrável e ele leva alguns segundos para perceber onde está.

O velho colchão de crina de cavalo range quando ele rola.

Mesmo que Erik estivesse dormindo, alguma parte dele estava alerta, uma força que o arrancou do sono.

Talvez ele apenas tenha ouvido a água correndo pelos canos do prédio, ou o vento fustigando a janela.

Não há ninguém sussurrando no quarto, tudo está quieto e escuro.

Era este o lugar onde Nestor dormia quando descambava para a psicose?, Erik se pergunta. Quando o barulho dos canos se transformava em vozes, na velha escovando sua longa cabeleira grisalha para tirar a caspa e que lhe dizia que ele não deveria olhar nos olhos as pessoas mais próximas e mais queridas quando as matasse?

Erik sabe que tudo se originou do cachorro que Nestor foi obrigado a sacrificar quando era criança, mas ele ainda tremia toda vez que Nestor imitava a voz rangente da mulher.

Ele pensa no modo como Nestor costumava se sentar com as mãos entrelaçadas sobre o colo e a cabeça abaixada. Um sorrisinho brincava em seus lábios, e ele enrubescia um pouco enquanto dava conselhos sobre como matar uma criança.

O velho armário range, e as sombras rente à porta são difíceis de interpretar. Ele fecha os olhos ardentes e volta a dormir, mas acorda de novo quando a porta do quarto de hóspedes se fecha.

Erik tem que dizer a Nestor para deixá-lo em paz quando estiver dormindo, que ele não precisa ficar verificando se está tudo bem, mas não pode se dar ao trabalho de se levantar da cama agora.

Um carro passa na rua do lado de fora, e a luz de seu farol trespassa a persiana, desliza pelo papel de parede estampado e desaparece.

Erik encara a parede. Uma réstia da luz parece permanecer na parede depois que o carro passa. Ele acha que deve haver na prateleira alguma lâmpada fraca que ele não viu.

Ele pisca, olha para a luz azul imóvel e percebe que há um olho mágico na parede entre os cômodos.

A luz vem do outro quarto, Erik pensa. Em seguida, tudo fica subitamente escuro.

Pelo buraco, Nestor está espiando o quarto dele agora.

Erik fica absolutamente imóvel. Está tudo tão quieto que ele consegue ouvir a si mesmo engolindo em seco.

A luz azul torna-se visível de novo, e ele pode ouvir sussurros intensos através da parede.

Erik rapidamente se veste na escuridão e se aproxima da luz.

O olho mágico está entre duas estantes de livros baixas. Seria invisível se os animais de porcelana na prateleira inferior estivessem dispostos de maneira diferente.

O buraco para espiar está posicionado na parte mais escura do papel de parede, tão pequeno que Erik percebe que terá que apertar o rosto contra a parede e colocar o olho bem ao lado do buraco para conseguir enxergar alguma coisa.

Ele desloca um filhotinho de porcelana para uma cesta, pressiona as mãos contra a parede e, com cuidado, coloca a cabeça entre as prateleiras, sentindo a madeira contra o cabelo e o papel de parede tocando a ponta do nariz.

Quando se posiciona bem ao lado do olho mágico, Erik pode ver diretamente o interior do quarto contíguo.

Há um telefone celular sobre a mesinha de cabeceira. A tela está acesa, iluminando o despertador e o padrão oval no papel de parede. Erik vê de relance uma cama cuidadosamente arrumada e o retrato emoldurado de uma criança em um vestido de batizado, depois a luz do telefone se apaga.

Erik ouve passos rápidos em algum lugar do apartamento e tenta puxar a cabeça para trás, mas seu cabelo se enrosca em uma lasca na madeira. As estatuetas de porcelana tilintam ameaçadoramente.

Erik levanta a mão e tenta soltar o cabelo quando a porta se abre atrás dele. Ele puxa com força a cabeça e ouve as estatuetas chacoalharem na prateleira.

Nestor vem caminhando na direção de Erik, que se afasta.

— Eu liguei para a po-polícia, eu vo-voltei para te contar — Nestor sussurra. — É a sua vez de procurar a-ajuda agora. Eu falei com eles várias vezes. Eles estão aqui agora.

— Nestor, você não entende — Erik diz, desolado.

— Não, não, você não entende — Nestor o interrompe em uma voz amigável, e acende a lâmpada na janela. — Eu disse que é a sua vez de tomar remédio e...

Há um barulho repentino, como uma pedra batendo na janela. A persiana escura treme à luz da lâmpada, e uma cachoeira de vidro estilhaçado cai por trás dela e

tilinta sobre o aquecedor.

Nestor cambaleia. Ele foi baleado, o corpo trespassado por uma arma de alta velocidade. O sangue esguicha pelo buraco de saída da bala em seu ombro.

Nestor olha para o sangue, surpreso.

— Eles pro-prometeram...

Ele tropeça, desaba e olha para cima com uma expressão confusa.

— Sa-saia pela porta extra — ele sibila. — Desça até a lavanderia, siga direto e você vai sair no prédio ao lado.

Ele apoia os nós dos dedos no chão, como que para empurrar-se para cima.

— Deite-se — Erik sussurra. — Apenas fique deitado de costas.

— Corra pelo pátio da escola, depois siga o muro da igreja até a floresta e o cemitério de animais de estimação.

— Fique deitado e imóvel — Erik repete, e em seguida corre agachado em direção à porta.

Quando chega à sala de estar, há alguém tentando arrombar a porta do apartamento. Ouve-se um estrondo, e lascas e pedaços de metal da fechadura espalham-se com estrépito pelo piso.

— Esconda-se na casinha ve-vermelha — Nestor engasga atrás dele.

Erik se vira e vê que Nestor se levantou. O vidro em frente ao rosto sorridente de Björn Borg explode, e o eco do tiro ressoa entre os prédios. Nestor está com uma das mãos em um dos lados do pescoço enquanto uma torrente de sangue palpita em golfadas por entre os dedos.

Três das janelas do apartamento se despedaçam, e granadas atordoantes explodem, piscando com tamanha ferocidade que o tempo parece ter parado.

Erik cambaleia para trás.

O silêncio é como a água em uma praia arenosa. Ondas lentas vêm rolando e depois recuam com um estalo.

Ele tateia às cegas abrindo caminho pela sala de estar, incapaz de ver qualquer coisa além da imagem congelada do quarto com a silhueta de Nestor contra a janela.

A audição de Erik foi nocauteada, mas ele sente ondas de pressão em seu peito. Ele tropeça no sofá surrado e apalpa o encosto.

Nesse instante o choque se eleva, seus olhos estão trabalhando de novo, e ele contorna a mesa e o porta-revistas, mas ainda se sente tonto, como se estivesse muito bêbado.

Uma varredura de luzes de armas roça o corredor de entrada e a cozinha.

Os ouvidos de Erik começam a zumbir, mas ele ainda não consegue ouvir nada.

Ele localiza a porta extra atrás da cortina, a destrava e se arrasta furtivamente para a escada dos fundos.

Erik desce as escadas a passos trôpegos, depois caminha até chegar a uma porta de metal e se vê na lavanderia do porão. Ele avança tocando a parede até que seus dedos fazem contato com o interruptor de luz. Ele acende as luzes e passa pelas máquinas de lavar enquanto tenta se lembrar do que Nestor lhe dissera.

Sua cabeça parece estranhamente alheia, como se nada daquilo realmente dissesse respeito a ele.

Ele ainda não consegue ver com clareza. Pontos prateados flutuam em sua linha de visão, e tudo parece um pouco fora de sincronia.

No final do longo corredor há uma porta, e ele sobe um estreito lance de degraus e se vê em uma escada diferente.

Ele sai para o ar fresco da noite. Não há veículos de emergência nesse lado do quarteirão. Provavelmente a equipe de resposta rápida está longe.

Erik percorre correndo o pequeno parque. No frio, pode sentir que uma de suas orelhas está molhada. Ele toca a bochecha e percebe que está sangrando. Sem olhar em volta, atravessa a rua Karlskrona e passa por um estacionamento e algumas latas de reciclagem sujas. Seus pés esmagam cacos de vidro.

O pátio da escola está vazio. O vento faz rolar uma lata de cerveja, e os aros da cesta de basquete não têm redes.

Bem acima, um helicóptero está se aproximando. Erik ouve os rotores e percebe que sua audição está voltando.

Ele anda mais devagar, ofegante, depois se arrasta ao redor do prédio e se esconde entre as árvores. É quase um breu ali.

O medo está começando a alcançá-lo enquanto segue ao longo do muro em meio às urtigas altas.

Nas profundezas da floresta, ele chega a uma súbita concentração de minúsculos túmulos, decorados por crianças. Vê lápides com coleiras de cães penduradas, túmulos com brinquedos, desenhos, fotografias, flores, cruzes caseiras ou pedras pintadas, velas queimadas e lanternas enegrecidas pela fuligem.

Passam das duas da manhã, mas Joona está de pé no meio do quarto. O chão está coberto com fotografias das cenas do crime. Uma vez que a casa de Erik foi cercada por um cordão de isolamento como parte das buscas, a polícia o enviou para um hotel.

A jaqueta e a pistola estão em cima da cama intocada, e as sobras do serviço de quarto que ele pediu estão sobre a mesinha de centro.

Enquanto lê as análises das cenas do crime, Joona as compara com as fotos, relatórios de autópsias e resultados de testes de laboratório.

Os pesadelos de Rocky eram memórias genuínas. Tudo o que ele disse sob hipnose era verdade. O pregador impuro começou a matar novamente. Após o assassinato de Rebecka Hansson, o assassino em série entrou em um longo período de calmaria até o início da nova escalada de crimes.

Para um stalker, seguir alguém é um vício — é impossível parar. Ele tem que se aproximar, fazer contato, dar presentes e, à medida que o tempo passa, desenvolve dentro da própria cabeça um relacionamento real com a vítima. Externamente ele pode demonstrar gratidão, mas na realidade é ressentido e ciumento.

A polícia tem uma lista de quase setecentos nomes que se encaixam no perfil básico do assassino: bispos, pastores, padres e membros de suas famílias, diáconos, sacristãos, zeladores, agentes funerários, pregadores e curandeiros.

Joona acredita que o autor dos crimes está intencionalmente tentando fazer com que pareça que Erik é culpado, mas não consegue encontrar uma conexão entre Erik e qualquer um desses homens.

O que Joona está procurando agora é algo concreto que lhe permita eliminar a maior parte dos nomes da lista.

Nada se destaca no material, mas talvez elementos do quebra-cabeça possam ser combinados de uma maneira inesperada.

Ele se detém na frente da fotografia da arma do assassinato de Sandra Lundgren. A faca manchada foi fotografada no local onde foi encontrada, no chão ao lado do corpo dela. O flash da câmera brilha como um sol escuro no sangue marrom.

Ele lê que é uma faca de chef de cozinha, com uma lâmina de aço inoxidável de vinte centímetros de comprimento. Em seguida, examina a cuidadosa reconstrução

que Erixon fez do brutal ataque a partir de traços de sangue e padrões de respingos.

Em todas as ocasiões o assassino usou o mesmo calçado: botas para trilha, tamanho 43.

Joona tenta identificar pistas que foram perdidas, coisas que não correspondem ao quadro geral. Ele se debruça sobre fotografia após fotografia e se detém em uma foto numerada, a 311: um fragmento de cerâmica azul que se assemelha ao crânio de um pássaro, com bolhas brancas ao longo de uma das bordas e uma ponta afiada que é lisa como gelo.

Ele avança para o item no relatório de Erixon e lê que o fragmento estava enfiado entre as rachaduras no chão da casa de Sandra. De acordo com a análise laboratorial, o fragmento de dois milímetros de comprimento é composto de vidro, ferro, areia e chamota.

Joona passa para o relatório sobre a casa de Adam Youssef. Apesar do tiroteio, o assassino optou por seguir adiante com o plano, e, de acordo com o relatório preliminar, haviam desaparecido as unhas postiças de ambas as mãos de Katryna.

O pregador leva consigo troféus e depois marca com as mãos da vítima os lugares de onde os pegou.

Às três e quinze da madrugada, Anja liga para dizer que acabou de ser informada de que a polícia recebeu uma pista altamente confiável. Um homem alega que Erik está dormindo no quarto de hóspedes de seu apartamento. Erik foi psiquiatra dele anos atrás.

— O homem foi instruído a sair do apartamento.

— Quem está comandando a operação? — Joona pergunta.

— Daniel Frick.

— Ele é um dos melhores amigos de Adam.

— Sei o que você quer dizer — Anja diz. — Mas não acho que haja motivo de preocupação. A operação está sendo liderada pela Unidade de Resposta Rápida.

Joona vai até a janela e olha para o carro alugado. É um Porsche cinza-chumbo com seis cilindros e quinhentos e sessenta cavalos de potência que ele pagou com o dinheiro que lhe restava.

— Onde é o apartamento?

— Todo mundo sabe que sou leal a você, então Margot decidiu me excluir da investigação em andamento. Ela fez bem e tem razão, porque se eu soubesse o endereço, eu lhe diria.

Embora não saiba o local exato, ela deduziu que deve ficar em algum lugar ao sul de Estocolmo. Ela diz que a unidade recebeu permissão para levar armamento pesado.

Depois da ligação, Joona se põe de pé e olha fixamente para o interior do quarto de hotel. Centenas de fotos, alinhadas em fileiras, de parede a parede.

Ele dá continuidade à leitura da análise da cena do crime feita por Erixon, mas sua mente insiste em vaguear para Erik.

Ele lê um laudo laboratorial sobre um pedaço de folha pisada deixado no chão da cozinha na casa de Maria Carlsson. No fim se descobriu que era um fragmento de urtiga.

Ele examina a ampliação da fotografia. O minúsculo pedaço de folha parece uma língua verde pontiaguda.

O dia raiou, e o céu no leste fica claro. Estreitas riscas de luz do sol infiltram-se pelas chaminés e cumeeiras, por sobre os telhados e os ornamentos de cobre.

A operação deve ter terminado a essa altura, Joona pensa, e liga para Erik no novo celular dele.

Ele tenta uma segunda vez, mas não há resposta.

Mesmo que ainda sejam apenas cinco e meia da manhã, ele decide ligar para Margot. Ele tem que saber se pegaram Erik, mas não pode fazer perguntas diretas sobre a operação, porque não quer colocar Anja em apuros.

— E então, vocês já conseguiram prender um suspeito inocente?

— Joona, estou dormindo.

— Vamos lá, o que está acontecendo?

— O que está acontecendo? — ela responde, cansada. — Você na verdade não pode perguntar, mas, já que perguntou, um ex-paciente de Erik ligou e disse que Erik estava no apartamento dele.

— Posso saber o nome?

— Confidencial. Eu não posso falar com você, eu te disse isso.

— Basta você dizer se é algo que eu deveria saber.

— O ex-paciente disse à polícia que deixou Erik sozinho no apartamento. A Unidade de Resposta Rápida entrou, viu um homem armado e disparou munição viva. Acontece que a pessoa na janela era o paciente, que havia retornado.

— E Erik não estava lá?

Ele pode ouvi-la tentando se sentar na cama.

— Nós nem sequer sabemos se ele esteve de fato lá, e o paciente está em uma mesa de operações agora e não pode ser interrogado ou...

— E se for ele o pregador? — Joona a interrompe.

— Erik é o culpado. Mas talvez o paciente saiba onde ele está. Nós vamos interrogá-lo assim que pudermos.

— Você deveria colocar guardas armados no hospital.

— Joona, encontramos sangue no carro de Erik. Pode não significar nada, mas foi enviado para análise.

— Você procurou uma capa de chuva amarela no apartamento do paciente?

— Não encontramos nada de especial — ela responde.

— Há urtigas fora do apartamento?

— Não, acho que não — ela diz em um tom perplexo.

Joona se senta pela primeira vez em muitas horas e lê mais sobre os passos do assassino no apartamento de Sandra Lundgren. Ele examina os esboços e acha que há algo de extraordinariamente agitado e frenético nos assassinatos. São atos planejados, mas não são racionais.

Joona compara isso com a descrição na autópsia da agressão teatral do assassino. É inevitável pensar que o grau de preparação controlada é na verdade uma pose, e que a agressividade em si é o estado natural do criminoso.

Ele está prestes a fazer uma anotação para investigar o histórico médico de ex-pacientes de Erik quando seu telefone toca.

— Joona, sou eu — Erik sussurra. — Eles tentaram me matar. Eu estava me escondendo no apartamento do Nestor, um antigo paciente meu. A polícia deve ter pensado que eu era a única pessoa que eles podiam ver na janela. Atiraram nele duas vezes. Foi como uma execução. Eu não achei que a polícia sueca era capaz de fazer algo assim. É completamente insano.

— Você está em algum lugar seguro agora?

— Sim, acho que estou. Sabe, ele só voltou para me dizer o que tinha feito, para dizer que a polícia havia prometido não me machucar, e aí eles atiraram pela janela.

— Já lhe ocorreu que pode ser ele o pregador?

— Não é ele — Erik responde instantaneamente.

— Qual foi o problema dele quando estava...

— Joona, isso não importa, eu só quero um julgamento, eu não me importo se me condenarem, eu não posso ficar...

— Erik, não acho que estou sendo monitorado, mas não me diga onde você está

— Joona o interrompe. — Eu só quero saber por quanto tempo você consegue ficar escondido onde está.

O telefone range quando Erik se move.

— Eu não sei, vinte e quatro horas, talvez — ele sussurra. — Há uma torneira aqui, mas nada para comer.

— Qual é a chance de você ser encontrado?

— Provavelmente não há muito risco disso — Erik responde, e em seguida a linha emudece.

— Erik?

— Eu não entendo como posso ter acabado nesta situação — ele diz, balançando a cabeça. — Tudo o que eu faço só piora as coisas.

— Eu vou encontrar o pregador — Joona diz.

— É tarde demais para isso agora. Eu só quero me entregar sem que me matem!

Joona pode ouvir a respiração agitada de Erik.

— Mesmo que consigamos entregar você e mantê-lo vivo na cadeia, esses crimes recebem prisão perpétua.

— Mas eu não acho que seria condenado. Eu posso hipnotizar Rocky antes do julgamento.

— Eles nunca deixariam você fazer isso.

— Não, talvez não, mas...

— Eu fui ver Rocky — Joona diz. — Ele está no Presídio de Huddinge por posse de drogas. Ele se lembrou de você, mas nada sobre a Zona ou o pregador.

— Não tenho chance — Erik diz.

Joona inclina-se contra a janela e sente o vidro frio na testa. Na rua, um táxi estaciona em frente ao hotel. O motorista de rosto cinzento dá a volta no carro para tirar a bagagem do porta-malas.

Joona olha de relance para seu carro alugado, observa o táxi e, quando levanta os olhos de novo, toma uma decisão.

— Vou tentar encontrar uma maneira de tirar Rocky da cadeia hoje. E em seguida nos encontraremos para que você possa hipnotizá-lo — ele diz.

— Esse é o seu plano? — Erik pergunta.

— Você disse que seria capaz de desenterrar detalhes específicos sobre o pregador se tivesse a oportunidade de hipnotizar Rocky novamente.

— Sim, tenho total certeza de que consigo.

— Nesse caso, poderei encontrar o verdadeiro assassino enquanto você se mantém escondido.

— Eu só quero me entregar e...

— Você será considerado culpado se for a julgamento.

— Isso é ridículo. Aconteceu de eu por acaso estar nas imediações quando...

— Não é só isso — Joona o interrompe. — Suas impressões digitais estavam em um objeto encontrado na mão de Susanna Kern.

— Que objeto? — Erik pergunta, espantado.

— Um pedaço de um animal de porcelana.

— Eu não entendo. Isso não significa nada para mim.

— Mas a impressão digital é cem por cento compatível.

Joona ouve Erik andar para cima e para baixo, como se estivesse em um assoalho de madeira.

— Então tudo aponta para mim — ele diz em voz baixa.

— Você tem uma foto do Nestor?

Erik ensina a Joona como acessar os registros médicos da Clínica de Psicologia. Em seguida, eles encerram a ligação. Joona coloca o coldre e a jaqueta, depois desce até a recepção para imprimir a foto de Nestor.

Depois de sair a pé do hotel, ele passa por seu carro alugado e vira na rua Frej, mais estreita. Diante da porta de uma casa há um velho Volvo. Joona olha rapidamente ao redor. A rua está deserta. Ele dá um passo para trás e chuta o vidro da janela traseira do carro.

O alarme de outro carro rua abaixo dispara.

Joona abre a porta da frente por dentro, move o banco para trás, tira do bolso a chave de fenda, arranca a tampa em volta da ignição e solta os painéis da coluna de direção. Ele se inclina e insere a chave de fenda na parte superior da coluna e quebra cuidadosamente a trava da direção.

Com rapidez, coloca um par de luvas, solta os fios vermelhos no cilindro de ignição e remove suas capas de plástico. Assim que torce as pontas juntas, a música começa a tocar no rádio, e a luz interna se acende. Ele fecha a porta, puxa os fios marrons e os agrupa, e o motor dá a partida.

As ruas ainda não estão movimentadas enquanto ele dirige rumo a Huddinge. Um rosário de plástico está pendurado no espelho retrovisor. Há caminhões na estrada, mas as pessoas que diariamente percorrem um longo trajeto até o trabalho ainda estão tomando café em casa.

Em Huddinge, ele passa pelo imponente prédio da penitenciária e continua adiante na direção sul, entra com o carro em uma trilha que leva aos meandros da floresta, estaciona e, em seguida, começa a caminhar de volta para Estocolmo.

Joona desce do táxi na rua Surbrunns, paga e a atravessa em direção ao seu carro cinza alugado. O motor liga com um zumbido suave. Ele se recosta no banco de couro e se afasta do meio-fio.

Quando chega ao Presídio de Huddinge, ele estaciona em frente à entrada, ao lado de uma cerca de metal, e liga para o número de Erik.

— Como você está? — ele pergunta.

— Bem, mas estou com fome.

— Eu mudei o meu cartão SIM, então você pode me dizer onde está agora.

— Atrás da Igreja de São Marcos, do lado de fora do muro. Há um cemitério de animais de estimação na floresta. Estou me escondendo em uma choupana de madeira vermelha.

— Isso é bem perto do apartamento de Nestor, não é?

— Sim, eu ouvi a ambulância ontem à noite — Erik diz.

— Vou levar o Rocky para você em uma hora. — Joona olha para o imponente edifício da penitenciária.

Ele coloca a pistola e o celular no porta-luvas, deixa a chave na ignição, sai do carro e entra.

Ele compra três sanduíches no quiosque do saguão, pede uma sacola e se aproxima da recepção para dizer por que motivo está lá.

Depois de passar pelos procedimentos de segurança habituais, Joona é conduzido presídio adentro. Arne, o mesmo agente penitenciário de antes, está esperando por ele.

Joona repara que Arne tem um bastão telescópico da marca Bonowi. É feito de aço de mola e projetado para atingir os músculos dos braços e coxas.

O crachá com o nome de Arne está ligeiramente torto em seu suéter de lã. As algemas estão penduradas no cinto na base de suas costas largas.

No elevador, Arne tira os óculos e limpa as lentes no suéter.

— Como vai a pesca? — Joona pergunta.

— Estou indo para Älvkarleby com meu cunhado no final deste outono.

Uma das paredes da sala de interrogatórios consiste em um painel de vidro, o que possibilita que pessoas na sala ao lado observem tudo o que acontece lá dentro.

Joona se senta em uma cadeira e espera com as mãos descansando sobre o tampo da mesa até ouvir vozes se aproximando pelo corredor.

— Ele é chamado de “chef nu” porque estava pelado quando começou — o oficial de serviço está dizendo quando a porta se abre, e Rocky é levado para a sala.

— Não — Arne diz —, isso não está certo...

— Minha esposa e eu vimos o Jamie Oliver na feira do livro em Gotemburgo quinze anos atrás. Ele estava completamente pelado. Ficou lá fazendo espaguete *alle vongole* .

— Meus ombros doem — Rocky suspira.

— Apenas fique quieto — Arne diz, empurrando-o para baixo na cadeira.

— Assine aqui, e ele é todo seu — o oficial de serviço diz quando eles saem da sala.

Rocky parece mais pálido hoje, e sob seus olhos há manchas escuras — provavelmente está sofrendo de abstinência. Arne Melander senta-se na sala adjacente e os observa, mas não consegue ouvir o que dizem. O vidro com isolamento acústico é destinado a proteger a confidencialidade das conversas entre advogados e seus clientes, e permitir que a polícia interrogue suspeitos sem que vazem o conteúdo das conversas.

— Eles disseram que podem me manter trancafiado nesta porra de lugar por seis meses — Rocky diz numa voz rouca e rude, esfregando o nariz.

— Você falou sobre um pregador — Joona diz, numa derradeira tentativa de evitar colocar seu plano em prática.

— Eu tenho problemas com a minha memória depois da...

— Eu sei — Joona o interrompe. — Mas tente se lembrar do pregador. Você o viu matar uma mulher chamada Tina.

— Isso é possível — Rocky diz, estreitando os olhos.

— Ele arrancou o braço dela com um facão. Você se lembra disso?

— Eu não me lembro de nada — Rocky sussurra.

— Você conhece alguém chamado Nestor?

— Acho que não.

— Olhe para esta foto. — Joona lhe entrega a fotografia impressa.

Rocky estuda cuidadosamente o rosto fino de Nestor, depois meneia a cabeça.

— Ele estava no Karsudden, eu acho.

— Você o conheceu?

— Eu não sei, havia seções diferentes.

— Você está disposto a se encontrar com Erik Maria Bark e se deixar hipnotizar?

— Tudo bem — Rocky diz, encolhendo os ombros.

— O problema é que a promotora está se recusando a deixar você sair — Joona diz lentamente.

— O Erik sempre pode me hipnotizar aqui.

— Isso não é possível, porque a polícia acha que Erik cometeu os assassinatos.

— O Erik?

— Mas ele é tão inocente quanto você.

— *Vanitas vanitatum* — Rocky diz com um sorriso largo.

— Erik encontrou Olivia, que...

— Eu sei, eu sei. Eu me ajoelho e agradeço a ele todas as noites. Mas o que você espera que eu faça a respeito disso?

— Nós vamos sair daqui juntos, você e eu — Joona responde calmamente. — Vou levar um dos guardas como refém, e tudo o que você tem a fazer é vir comigo.

— Refém?

— Vamos dar o fora daqui em sete minutos, muito antes de a polícia chegar.

Rocky olha para Joona e depois para Arne, sentado atrás do vidro.

— Eu faço isso se puder ter meus papelotes de volta. — Rocky se inclina para trás e estica as pernas.

— Que tipo de heroína era? — Joona pergunta.

— Branca, de Nimroz... mas a de Kandahar também seria muito bom.

— Certo — Joona diz, tirando do bolso um rolo achatado de fita adesiva.

Com os olhos meio fechados, Rocky observa o ex-policia! enrolar a fita adesiva em volta das mãos.

— Tenho certeza de que você sabe o que está fazendo — Rocky diz.

— Traga a sacola de sanduíches — Joona diz, apertando o botão do interfone para indicar que a conversa acabou.

Alguns segundos depois, Arne abre a porta e deixa Joona sair no corredor. A ideia é que ele conduza Joona para fora do presídio e depois leve Rocky de volta à cela.

Enquanto o agente penitenciário tranca Rocky na sala de interrogatórios, Joona vai para a outra porta, cujo rodapé de madeira está frouxo. Ele se inclina, enfia os dedos dentro do vão e dá um puxão para cima. Os parafusos se soltam da parede de concreto.

— Você não pode fazer isso! — Arne exclama.

Uma chuva de migalhas de cimento cai no chão quando Joona puxa com força o rodapé para cima. Os parafusos superiores emperram, e Joona tenta arrancar tudo com movimentos bruscos, torcendo o metal até que há um estrondo quando os últimos parafusos se soltam.

— Você está ouvindo? — Arne diz, sacando o bastão. — Estou falando com você.

Joona o ignora. Ele segura o rodapé a sua frente, pisoteia com força, inclina-o, vira-o e depois calca os pés de novo.

— Que diabos você está fazendo? — Arne pergunta com um sorriso nervoso, aproximando-se.

— Sinto muito — Joona diz simplesmente.

Joona sabe que tipo de treinamento Arne recebeu e que ele vai atacá-lo com a mão esquerda estendida, tentando refreá-lo enquanto golpeia Joona nas coxas e braços com um amplo movimento em curva do bastão.

Joona investe contra Arne a passos largos, golpeia seu braço e depois poussa o cotovelo sobre o pesado peito do homem, fazendo-o cambalear para trás. Os joelhos dele cedem, mas ele estende uma das mãos para se escorar e consegue cair sentado no chão.

O ímpeto do golpe faz Joona tropeçar, mas ele se mantém de pé e agarra o alarme do agente penitenciário antes que Arne tenha tempo de reagir. Ele corta o antebraço ao colocar a parte dobrada do rodapé em volta do pescoço de Arne, depois puxa as algemas do cinto dele e prende uma argola no ponto onde as duas extremidades do rodapé se cruzam.

— Levante-se e deixe Rocky sair — ele diz.

Arne tosse e se vira pesadamente, rasteja até a parede e se encosta nela para se levantar.

— Destrave a porta.

As mãos de Arne estão livres, mas Joona o está guiando por trás com as extremidades salientes do rodapé. O pescoço do agente penitenciário está preso na curva em forma de laço, as bordas afiadas do metal pressionando contra ele.

— Não faça isso — Arne arqueja.

O suor escorre pelo rosto e suas mãos tremem quando ele destranca a porta da sala de interrogatórios. Rocky sai, pega o bastão retrátil e o pressiona no chão para fazê-lo encolher novamente.

— Arne, se você nos ajudar, sairemos daqui em quatro minutos, e aí eu soltarei você — Joona diz.

O agente penitenciário manca à frente de Joona e continua tentando enfiar os dedos sob o laço de metal.

— Use seu cartão de acesso e digite o código. — Joona o conduz em direção ao elevador.

Enquanto percorrem o interior do prédio, Arne ergue uma das mãos contra o espelho e fica olhando para a câmera na esperança de que alguém o veja.

O metal já cortou uma camada da fita adesiva ao redor das mãos de Joona.

Quando eles entram no saguão, leva apenas alguns segundos para o restante do pessoal da prisão perceber o que está acontecendo. Como uma onda de pressão, a atmosfera vai do relaxado ao intenso. Alguma espécie de alarme silencioso foi evidentemente ativada. Uma luz piscou embaixo de uma escrivaninha, e guardas da prisão que estavam sentados conversando momentos antes levantam-se às pressas. Cadeiras raspam o piso, papéis caem no chão.

— Deixem-nos passar! — Joona berra, levando Arne para a saída.

Sete guardas aproximam-se ansiosamente desde o corredor. É evidente que estão tendo problemas para ler a situação. Joona diz a Rocky para tomar cuidado.

Rocky estende o bastão e caminha de costas atrás de Joona em direção à câmara de ar de segurança.

O encarregado da vigilância que estava sentado no centro de comando de segurança se apressa. Sua tarefa é desacelerar as coisas e atrasar a fuga pelo maior tempo possível.

— Eu não posso deixar vocês saírem — ele diz. — Mas se vocês se entregarem, então...

— Olhe para o seu colega — Joona o interrompe.

Arne choraminga quando Joona puxa as pontas do metal. O laço aperta em volta do pescoço dele. Arne tenta segurar o metal com as mãos, mas não tem chance.

— Pare! — o encarregado da vigilância grita. — Pelo amor de Deus, pare!

Arne tropeça de lado em um expositor de informações para visitantes, derrubando folhetos pelo chão.

— Eu vou soltá-lo quando estivermos lá fora — Joona diz.

— Tudo bem, recuem todos — o encarregado da vigilância diz. — Podem deixá-los passar, podem deixá-los ir.

Eles passam pelo estridente detector de metais. A equipe de guardas e outros funcionários saem do caminho. Um agente penitenciário está gravando tudo no celular.

— Em frente — Joona diz.

Arne geme enquanto se aproximam da saída.

— Ah, Deus — ele sussurra.

Um cachorro está latindo freneticamente do outro lado da câmara de ar de segurança, enquanto os guardas correm para fora das portas de vidro e entram em formação.

— Vamos deixá-los passar! — o agente penitenciário grita, seguindo-os através da câmara de ar de segurança. — Eu vou junto, para assegurar que vocês saiam.

Ele pega o cartão, digita o código e abre a porta.

— Quem diabos é você? — ele pergunta, ofegante, olhando para Joona Linna.

Do lado de fora da prisão, o sol está brilhando e o céu está radiante de azul enquanto caminham pela área de entrada pavimentada em direção ao Porsche cinza de Joona.

Joona dá a volta no veículo, empurra Arne para o chão e pede desculpas ao prender a outra algema à cerca de metal atrás do carro. O encarregado da vigilância está de pé e os observa enquanto os guardas da prisão se amontoam e andam confusamente de um lado para o outro dentro das portas de vidro, a uma dúzia de metros de distância.

Joona entra rapidamente e liga o carro.

Antes que Rocky tenha tempo de fechar a porta, Joona sobe no meio-fio, desce a encosta gramada, passa pelos blocos de cimento e pega a estrada, onde pisa fundo e acelera na direção da floresta onde o velho Volvo está à espera.

Nestor foi levado para o Karolinska, onde uma equipe o operou e conseguiu estancar o sangramento. Nestor teve sorte, sua condição já é estável e ele foi retirado da unidade de terapia intensiva.

Margot colocou dois policiais uniformizados do lado de fora do quarto.

Nestor está consciente de novo, mas em grave estado de choque. Ele está recebendo oxigênio extra através de um tubo no nariz, e um dreno pleural foi inserido acima do diafragma. Sangue borbulhante escorre através do tubo.

Nelly falou com o psiquiatra de Nestor e sugeriu um sedativo de baixo nível por causa de seu histórico médico.

Nestor chora enquanto Margot tenta explicar a sucessão de eventos do ponto de vista da polícia, até o violento ataque a seu apartamento.

— Mas Erik não estava lá, então onde ele está? — ela pergunta.

— Eu não sei — Nestor soluça.

— Por que você ligou e disse que...

— Nestor, você tem que entender que nada do que aconteceu é culpa sua. Foi apenas um acidente — Nelly diz, segurando a mão dele.

— Erik entrou em contato com você? — Margot pergunta.

— Eu n-não sei — ele repete, olhando para ela.

— Claro que você sabe.

— Eu n-não quero falar com vocês. — Ele vira o rosto.

— Em que você trabalha? — Margot pergunta, tirando da bolsa grande um sanduíche de presunto.

— Estou aposentado... mas fa-faço um pouco de trabalho de jardinagem.

— Onde?

— Para a câmara municipal... di-diferentes lugares.

— Você tem muitos problemas com ervas daninhas? — Margot pergunta.

— Na verdade, não — ele diz, curioso.

— Urtigas?

— Não — ele diz, mexendo em um dos tubos.

— Nestor — Nelly diz com voz suave —, você sabe que Erik e eu somos bons amigos e, como você, acho que seria melhor que ele se entregasse à polícia.

Os olhos de Nestor se enchem de lágrimas mais uma vez, e Margot vai até a janela para não vê-lo chorar.

— Estou crivado de ba-balas — ele diz em voz alta, e coloca a mão em cima do curativo cobrindo a ferida no peito.

— Foi um acidente terrível — Nelly diz.

— Deus quer me ma-matar — ele diz, arrancando o tubo de oxigênio do nariz.

— Por que você pensa isso?

— Eu não posso suportar — ele choraminga.

— Você sabe, os judeus dizem que um homem justo pode cair sete vezes e se levantar novamente, mas o ímpio tropeça quando a calamidade ataca. E você vai se levantar.

— Eu sou ju-justo?

— Me diga você.

— Foi isso que você quis di-dizer, não foi?

Nelly pode ver que a oxigenação do sangue dele está caindo e reconecta o tubo ao nariz.

— Erik me salvou, e eu só queria salvá-lo — ele sussurra.

— Você está se referindo a ontem? — ela pergunta hesitante.

— Ele ve-veio até mim e eu lhe dei comida e hospedagem — Nestor diz, tossindo de leve. — Eles prometeram não machucá-lo.

— Como estava a aparência dele quando foi procurar você?

— Usando um bo-boné feio, e a mão dele estava sangrando. Ele estava su-sujo e barbudo e tinha arranhões no rosto.

— E você só queria ajudá-lo — Nelly diz.

— Sim. — Ele balança a cabeça.

Margot está de pé junto à janela comendo seu sanduíche, mas ainda consegue ouvir as respostas cuidadosas de Nestor. A descrição que ele faz de Erik corresponde a uma pessoa em fuga.

— Você sabe onde Erik está agora? — ela pergunta lentamente, virando-se.

— Não.

Margot e Nelly entreolham-se, e Margot sai do quarto para colocar uma operação policial em grande escala em movimento.

— Estou ficando ca-cansado — ele diz.

— É um pouco cedo para o medicamento começar a fazer efeito.

— Você é a na-namorada do Erik? — Nestor pergunta, olhando para ela.

— Isso não é da sua conta — Nelly diz, mas não consegue evitar um sorriso. — Antes de ir embora o Erik te contou os planos dele? Você acha que ele está planejando se entregar?

— Você não deve ficar zangada com o Erik.

— Eu não estou.

— Minha mãe diz que ele é m-mau, mas... é melhor ela calar a boca, eu acho.

— Descanse um pouco agora.

— Ele é o cara mais legal que se pode arranjar — continua Nestor.

— Eu também acho — ela diz, e dá um tapinha de leve na mão dele.

— Nós nos encontramos às vezes... mas você não consegue me ver — diz Nestor. — Você não consegue me ouvir, e não consegue me cheirar. Eu nasci antes de você e estarei esperando por você quando você morrer. Eu posso te abraçar, mas você não consegue me segurar.

— Escuridão — ela responde.

— Boa — Nestor meneia a cabeça. — Se um homem carregasse meu fa-fardo, ele... ele iria...

Nestor fecha os olhos e respira fundo.

— Estou indo para casa agora — Nelly diz calmamente, enquanto se levanta com cuidado da beira da cama.

Quando sai da unidade de pós-operatório, ela percebe que os policiais não estão mais vigiando a porta.

O sino da Igreja de São Marcos está tocando. O pesado badalo bate no metal, e o repique atravessa a parede do adro da igreja, chega entre as árvores e alcança o cemitério de animais de estimação.

O vidro sujo da única janela da choupana onde Erik está escondido chacoalha. O casebre vermelho do cemitério de animais consiste de finas paredes de madeira e um piso de aglomerado manchado. Nos últimos anos, somente Nestor esteve aqui, no papel do guardião solitário, mas zeloso, do local da última morada dos animais.

Em uma parede há uma torneira de água fria acima de uma grande calha de zinco.

Erik forrou o chão com cinco sacos de compostagem para formar uma cama.

Ele está deitado de lado ouvindo o sino da igreja. O cheiro da terra ao seu redor é penetrante, como se ele já estivesse deitado em sua sepultura.

Ele assiste à luz da manhã brilhar através da cortina cinza e vagar lentamente pelos sacos de sementes de grama, cascalho e pás, depois ao longo do chão até um machado com uma lâmina enferrujada.

Seu olhar permanece no machado, no gume rombudo com profundas serrilhas, e ele pensa que Nestor deve usar a ferramenta para cortar raízes quando está cavando as sepulturas.

Erik se revira na cama improvisada, tentando se sentir mais confortável. Ele passou as primeiras horas enrodilhado no canto atrás dos sacos. Teve náuseas e estava tremendo.

Por fim, o silêncio o envolveu.

Depois de algumas horas, ele começou a se sentir um pouco mais seguro, atreveu-se a se levantar e foi até a torneira, onde bebeu um pouco de água fria e lavou o rosto. A água espirrou em uma capa de plástico pregada na parede. As gotas escorreram por uma tabela de preços da Associação de Cemitérios de Animais de Estimação de Estocolmo.

Ele ligou para Joona e lhe contou o que havia acontecido, ciente de que seu relato era incoerente e repetitivo, e percebeu que estava em choque. Deitou-se de novo sobre os sacos, mas não conseguiu dormir — seu coração estava batendo rápido demais.

Seu ouvido parou de sangrar agora, mas ainda está zumbindo, como se estivesse ouvindo tudo através de um pedaço de tecido fino. Gradualmente, o halo de luz denteado e ofuscante desaparece e ele fecha os olhos.

Erik pensa em Jackie e Madeleine e ouve vozes de crianças ao longe. Ele se aproxima da janela. Provavelmente estão brincando na floresta atrás da escola.

Erik não tem ideia do que faria se elas viessem aqui. Seu rosto talvez esteja nas primeiras páginas de todos os jornais de hoje. Uma onda de ansiedade perpassa seu corpo, deixando-o completamente gelado.

Teias de aranha farfalham quando ele afasta a cortina alguns centímetros a mais.

O cemitério de animais de estimação é um lugar bonito, com muita grama e árvores de folhas decíduas. Uma pequena vereda leva da igreja a uma ponte de madeira ladeada por urtigas altas.

Em um túmulo, várias pedras redondas formam uma cruz, e alguma criança fez uma lanterna com um pote de geleia e corações vermelhos pintados na parte de fora.

Erik pensa em sua conversa com Joonas. Ele sabe que é capaz de encontrar o caminho para as lembranças de Rocky se tiver a chance. Ele já o hipnotizou, mas não estava procurando o pregador.

Mas quanto tempo ele pode ficar aqui? Ele está com fome, e mais cedo ou mais tarde alguém vai encontrá-lo. Ele está perto demais da escola, da igreja e do apartamento de Nestor.

Ele engole em seco, toca delicadamente o ferimento em sua perna e tenta mais uma vez descobrir como suas impressões digitais foram parar na casa de Susanna Kern. Tem que haver uma explicação simples. Joonas parece pensar que alguém está tentando incriminá-lo, mas o pensamento é tão ridículo que ele não pode levá-lo a sério.

Tem que haver uma explicação racional.

Eu não tenho medo de um julgamento, Erik pensa. A verdade virá à tona, se eu puder me defender.

Ele tem que se entregar.

Erik acha que poderia procurar refúgio na igreja. A polícia não pode atirar em mim dentro de uma igreja, ele pensa. Ele decide se esgueirar e ver se a igreja está aberta, mas então ouve alguém atravessar a pequena ponte de madeira em direção ao cemitério de animais de estimação.

Erik se abaixa no canto. Alguém está andando pela vereda, gemendo estranhamente. Há um som tilintante, como se a pessoa, quem quer que seja, tivesse chutado a lanterna feita de pote de geleia do túmulo.

Os passos cessam e tudo fica em silêncio. Será que a pessoa parou para colocar flores na sepultura de algum cachorro? Ou talvez esteja aguçando os ouvidos para

escutar dentro da choupana.

Erik se senta no canto pensando no cachorro que Nestor foi forçado a matar afogado. Em sua imaginação, ele vê as pernas do animal se debatendo, as tentativas do cão de nadar enquanto o saco se enchia de água.

O homem lá fora cospe ruidosamente e continua andando. Erik o ouve se aproximar, caminhando em meio aos arbustos mortos.

Ele está do lado de fora da choupana agora, Erik pensa, perscrutando o entorno à procura de uma arma, olhando de relance para as pás, depois para o machado com o cabo curto e a lâmina cega.

Alguma coisa começa a escorrer pela parede da choupana, respingando na grama alta. O homem do lado de fora está urinando, balbuciando para si mesmo enquanto se alivia.

— Você faz o seu melhor — a voz profunda murmura. — Você chega em casa, agradável e sossegado, mas... nada é bom o suficiente.

O homem se inclina sobre a janela e espia dentro. Há um ruído de raspagem na grama, e a sombra dele incide sobre a parede com as pás. Erik se espreme contra a parede ao lado da janela, ouvindo claramente a respiração do homem, primeiro com a boca aberta, depois pelas narinas apertadas.

— Trabalho honesto — ele murmura, passando pelos baixos arbustos de mirtilo.

Erik decide esperar que o bêbado desapareça antes de ir à igreja e se entregar.

Ele tenta mais uma vez imaginar que Nestor é o assassino, mas não consegue acreditar nisso com sinceridade.

O sol se põe atrás de uma nuvem e a cortina cinza escurece novamente.

Numa prateleira há uma garrafa térmica empoeirada, com um saco de plástico entre ela e a parede, uma pequena urna cinzenta e um buldogue de gesso pintado.

Erik só tem tempo de ver o espelho de barbear de Nestor tremer na parede, enviando um lampejo de reflexo ao longo do chão, antes que a porta da choupana se abra.

Erik se arrasta para trás e uma cadeira dobrável verde tomba com estrépito no chão. A porta bate na parede e depois volta para colidir com um ombro imenso. A poeira gira em torno da figura volumosa, que entra ofegante na choupana. Rocky Kyrklund tosse e bate a cabeça na lâmpada pendurada. Ele está vestido com roupas de presidiário, seu rosto está suado e seu cabelo claro e grisalho balança ao redor de sua cabeça grande.

Joona vem atrás dele, fecha a porta e segura com a mão a lâmpada oscilante.

— *Viihtyisä* — Joona diz.

Erik tenta dizer alguma coisa, mas mal consegue respirar. Quando a porta se abriu, ele ficou tão assustado que suas bochechas pareciam estar queimando.

Rocky murmura consigo mesmo, pega a cadeira dobrável e se senta. Ele está sem fôlego enquanto examina a choupana.

— Você veio — Erik diz com voz fraca.

— Atravessamos a floresta de Nacka Gård — Joona diz, tirando três sanduíches de queijo de uma sacola.

Eles comem em silêncio. Rocky está suando de abstinência e respirando com dificuldade a intervalos irregulares. Quando termina de comer, vai até a torneira e bebe um pouco de água.

— É mais caro enterrar pessoas — ele diz, apontando para a tabela de preços.

Gotas de água reluzem em sua barba.

Sombras dançam atrás da cortina.

— Acho que estamos razoavelmente seguros aqui — Joona diz, removendo das mãos a última camada de fita adesiva.

— A operação já deixou de ter status de prioridade. Publicamente, estão alegando que receberam informações imprecisas porque Nestor queria cometer suicídio.

— Mas ele ainda está vivo, não é?

— Sim — Joona encontra o olhar de Erik.

Seu cabelo loiro está arrepiado e seus olhos recuperaram o cinza gélido de um céu de outubro.

Erik mastiga o último naco do pão.

— Se isso não funcionar, pensei em me entregar dentro da igreja — ele diz, tentando manter a voz firme.

— Bom — Joonas responde em voz baixa.

— Não podem atirar em mim dentro de uma igreja — ele acrescenta.

— Não, não podem — Joonas responde, embora ambos saibam que isso não é verdade.

Rocky está fumando junto à tabela de preços e resmungando para si mesmo.

— Eu estou pronto para começar — Erik diz, amassando a embalagem de seu sanduíche até formar uma bola.

— Certo — Rocky assente e se senta na cadeira.

Erik olha para ele, as pupilas dilatadas, a cor do rosto, e ouve sua respiração.

— Você marchou através da floresta, seu corpo ainda está trabalhando duro — ele diz.

— Talvez não funcione, então? — Rocky pergunta, apagando com o pé a guimba do cigarro.

— Eu gostaria de começar com um pouco de relaxamento. O fato de o cérebro estar ativo não é problema. Você não deve estar dormindo, afinal. O que queremos fazer é reunir toda essa atividade e foco.

— Certo. — Rocky se inclina para trás.

— Sente-se confortavelmente — Erik continua. — Você pode mudar de posição tanto quanto quiser durante a hipnose, não se preocupe com isso, mas toda vez que se mexer, mergulhará mais fundo em um estado de relaxamento.

Joonas e Erik sabem que esta é a chance pela qual estavam esperando. Eles não precisam de muito, apenas um nome, um local, algum detalhe decisivo. Se conseguirem isso, certamente serão capazes de encontrar o pregador.

Erik não pode forçar a mão no processo. Ele tem que ir devagar, sem pressa, para levar Rocky a um transe muito profundo a fim de alcançar suas memórias mais inacessíveis.

— Descanse as mãos sobre o seu colo — Erik diz em voz baixa. — Junte as mãos com bastante força, depois relaxe. Sinta como são pesadas, sinta-as afundar. Elas estão sendo puxadas para baixo em direção às suas coxas. Seus pulsos estão mais soltos.

Erik se concentra em manter a voz neutra enquanto lentamente percorre o corpo de Rocky, observando o gradual relaxamento de seus ombros. Ele fala um pouco sobre o pescoço, sobre o quanto a cabeça dele parece pesada e sobre a respiração expandir o diafragma, à medida que, quase imperceptivelmente, se aproxima do momento da indução.

Em um tom monótono, ele descreve uma ampla praia, com ondas suaves marulhando e lambendo a areia branca, que cintila como porcelana.

— Você está andando na beira da água em direção a um pontal — Erik diz. — A areia molhada parece sólida sob seus pés. É fácil seguir em frente. Ondas quentes batem nas suas pernas e grãos de areia giram ao redor de seus pés. — Ele descreve as minúsculas e sulcadas conchas e os corais rolando na espuma borbulhante das ondas.

Rocky está afundando na cadeira dobrável, que range sob seu peso. Sua mandíbula relaxou e suas pálpebras parecem pesadas.

— Tudo o que você está fazendo é ouvir a minha voz, e você se sente bem, tudo é bom e seguro...

Joona está de pé ao lado da janela, olhando para o cemitério de animais de estimação. Sua jaqueta está aberta e a coronha da pistola brilha contra o peito.

— Daqui a pouco — Erik diz —, eu vou contar de trás para a frente a partir de duzentos, e a cada número você vai afundar mais e mais em um estado de relaxamento. E quando eu te disser, você abrirá seus olhos e se lembrará de cada detalhe desde a primeira vez que viu o homem a quem você chama de pregador impuro.

Rocky permanece imóvel, o lábio inferior ligeiramente caído e as mãos enormes sobre as coxas. Ele dá a impressão de estar dormindo, sonhando.

Erik faz a contagem regressiva com uma voz grave e soporífica, seus olhos monitorando a respiração de Rocky, o movimento de sua barriga protuberante.

Em paralelo ao processo de hipnose, Erik se vê afundando em águas turvas. Tudo é tão enlameado e escuro que ele mal consegue enxergar Rocky a sua frente. Bolhas de ar sobem de sua barba e seu cabelo balança na correnteza.

Erik quebra a sequência de números, pulando alguns, mas continua fazendo uma contagem regressiva a uma velocidade que diminui de forma imperceptível.

Ele sabe que precisa encontrar memórias precisas.

A água fica ainda mais escura, quanto mais fundo ele vai. A correnteza está mais forte, puxando suas roupas. O tempo todo parece que Rocky está passando por grotescas metamorfoses na água barrenta, como se seu rosto fosse feito de um frouxo tecido rústico.

— Dezoito, dezessete... treze, doze... logo você vai abrir os olhos — Erik diz, e observa a respiração de Rocky desacelerar. — Não há nada com que se preocupar aqui, nada perigoso.

Rocky entrou em um transe tão intenso que sua frequência cardíaca é menor do que durante o sono profundo. Sua respiração é como a de um animal hibernando, mas ao mesmo tempo partes de seu cérebro estão em um estado de extrema concentração.

— Quatro, três, dois, um. E agora você abre seus olhos e se lembra exatamente de onde conheceu o pregador impuro.

Através do jorro de água marrom, Erik vê Rocky balançar a cabeça, embora na realidade ele esteja sentado na cadeira com os olhos abertos, tentando umedecer os lábios com a língua.

Sua barriga está se mexendo no mesmo compasso de sua respiração lenta. Seu queixo se ergue e seus olhos se voltam fixamente para a frente, sem ver.

— Assim que você se sentir pronto, você pode... *me dizer o que você vê*.

Rocky lambe os lábios rachados.

— A grama é branca... faz ruído ao ser esmagada sob os pés — ele diz devagar.
— Um véu negro tremula no topo do mastro... e pequenos flocos de neve estão caindo ao sabor do vento no chão.

Ele murmura algo que Erik não consegue entender.

— Ouça a minha voz e me diga do que você se lembra — Erik reitera.

A testa de Rocky está molhada de suor. Ele estica uma perna, e a cadeira range novamente sob seu peso.

— A luz é da cor do giz — ele murmura —, caindo através das janelas nas alcovas profundas... em contraste com um teto folheado a ouro está crucificado o salvador derrotado... juntamente com os outros criminosos.

— Você está dentro de uma igreja agora?

No fundo das corredeiras de água suja, Rocky assente em resposta. Seus olhos estão bem abertos e seu cabelo flutua ao lado de sua cabeça.

— Que igreja é essa? — A voz de Erik treme, e ele tenta se forçar a ficar calmo, a encontrar tranquilidade dentro da ressonância hipnótica.

— A igreja do pregador.

— Como se chama? — Erik sente seu coração bater mais rápido.

A boca de Rocky se move ligeiramente, mas o único som que sai é de alguns estalidos de seus lábios. Erik se inclina para a frente e ouve a lenta exalação, e depois a voz que vem do fundo da garganta dele.

— Sköld-inge — Rocky diz, grogue.

— Igreja de Sköldinge — Erik repete.

Rocky assente, inclina a cabeça para trás e forma uma palavra silenciosa com os lábios.

Erik troca um olhar com Joonas. Eles têm a informação de que precisam. Ele deveria tirar Rocky de seu transe profundo agora, mas não consegue deixar de perguntar:

— O pregador impuro está lá?

Rocky sorri, sonolento, e levanta a mão cansada como se apontasse para as ferramentas na parede da choupana.

— Você consegue vê-lo? — Erik insiste.

— Na igreja — Rocky sussurra enquanto sua cabeça pende para a frente.

Junto à janela manchada, Joonas parece agitado. Talvez alguns visitantes tenham chegado ao cemitério de animais de estimação.

— Conte-me o que você consegue ver — Erik diz.

Rocky estremece, e uma gota de suor cai da ponta do nariz.

— Eu vejo o velho padre... com ruiva sobre a barba por fazer em suas bochechas caídas... o batom e sua expressão idiota, sombria e silenciosa...

— Continue.

— *Ossa... ipsius in pace...* — Rocky sussurra para si mesmo, seu rosto se contorcendo, e ele se remexe inquieto na cadeira dobrável, que range.

Flocos de tinta verde caem no piso de aglomerado.

Joonas se move para trás e, em silêncio, saca sua pistola.

— Você sabe qual é o nome dele? — Erik pergunta. — Diga o nome dele, alto o suficiente para eu ouvir.

— O padre velho e feio... com seus braços esqueléticos, cobertos de marcas de tanta droga que ele injetou ao longo dos anos, porra — Rocky diz, e sua cabeça sacode para o lado. — Manchado de tanto sangrar sob a pele e veias destruídas, mas agora ele está usando sua sobrepeliz branca como a neve, ninguém viu nada, ninguém sabe o que está acontecendo... a irmã e filha dele ao seu lado, seus colegas mais próximos...

— Há outros padres na igreja?

— Os bancos estão cheios de padres, fileiras e fileiras.

Apesar de Joonas estar sinalizando para que ele acabe com a sessão de hipnose, Erik instiga Rocky a ir mais fundo:

— Vá a um lugar onde só há lembranças reais... eu vou contar a partir de dez... e quando chegar a zero, você estará na Igreja de Sköldinge e...

Rocky se põe de pé, sacode a cabeça, seus olhos reviram e ele desaba sobre a cadeira. Caído no chão, sua cabeça bate nos sacos de compostagem e seus pés se contraem com espasmos. O corpo dele se arqueia. Sua camisa desliza para cima, e ele emite gorgolejos guturais de dor enquanto sua boca se abre gradualmente e seu pescoço dá um solavanco para trás. Ouve-se um rangido em sua espinha.

Às pressas, Erik corre para tirar do alcance de Rocky as ferramentas e os equipamentos.

Há um baque seco no chão quando Rocky rola para o lado e, um instante depois, seu ataque epiléptico se converte em espasmos musculares.

Erik se ajoelha e segura com as duas mãos a cabeça grande de Rocky para evitar que ele se machuque.

Suas pernas escoiceiam e dão violentos trancos, ele bate os calcanhares no chão. Joona está segurando sua arma junto ao corpo e olhando para Erik com olhos cinza-gelo.

— Você precisa encontrar um novo esconderijo — ele diz. — Eu vi policiais na floresta perto da escola. Eles provavelmente receberam outra denúncia anônima, caso contrário não estariam aqui. Eles vão trazer cães, se é que ainda não fizeram isso, e vasculhar a área com helicópteros.

O ataque de Rocky está arrefecendo, mas ele ainda está respirando rápido, e uma de suas pernas dá mais algumas sacudidas.

Com delicadeza, Erik o coloca de lado.

Rocky pisca. Encharcado de suor, ele deixa escapar uma tosse cansada.

— Você teve um ataque epiléptico enquanto estava hipnotizado — Erik explica.

— Meu Deus — Rocky suspira.

— Erik, você tem que ir. Vá para o mais longe que puder e se esconda — Joona diz de novo.

Com cautela, Erik abre a porta e olha para o cemitério de animais de estimação, depois sai da choupana. Sem olhar para trás, percorre o caminho entre as árvores e as pequenas sepulturas. Quando entra na floresta, começa a andar mais depressa. Chega a uma trilha mais ampla e começa a correr.

Ele pode ouvir cachorros latindo na direção da escola. Ele sai da trilha e entra na mata mais fechada. Abre caminho à força através de moitas de pinheiros, arranhando a bochecha e uma pálpebra, que ardem. Ele se agacha e avança em meio a árvores, teias de aranhas e cogumelos e fungos brilhantes.

Ele está tão sem fôlego que seu corpo pinga de suor. A sua frente o chão se inclina em um abrupto declive. Os latidos estão se aproximando, e Erik pode ouvir os policiais gritando instruções para os cães.

Erik corre ao longo da floresta, que de repente se abriu. Ele pode ver juncos e bambus entre as árvores, e só tem tempo para detectar o cheiro acre de um pântano antes que um de seus pés afunde no musgo. Ele pode ouvir o ruído de um helicóptero ao longe, por sobre as copas das árvores.

Erik tem pressa e tenta avançar, mas o chão parece estar balançando. A água sobe e cobre seus pés, chega acima de seus tornozelos, e ele percebe que não consegue atravessar o charco. Precisa voltar, mas afunda mais e quase cai. Ele apoia uma das mãos no tronco de uma árvore. A umidade fria está subindo do chão, e há um som de sucção quando ele livra o pé do musgo. Ele tem que rastejar, o que deixa seus joelhos ensopados e gelados. Finalmente chega à terra firme e começa a correr.

Os galhos crepitam sob os pés de Erik, e, depois de algum tempo, ele já não consegue correr; em vez disso, anda o mais rápido que pode.

Os cachorros sentiram seu cheiro. Logo vão alcançá-lo.

Um forte impulso para se entregar à polícia o domina. Imagine, isto tudo poderia simplesmente acabar, ele poderia se aquecer de novo.

Então ele se lembra da bala transpassando o peito de Nestor. Os gritos estão se aproximando, uma equipe de caça cercando sua presa.

Erik gela por dentro.

Ele precisa se mover em torno do pântano em um amplo arco, depois abrir caminho através da floresta.

Ele começa a correr novamente.

Está tão ofegante que sua garganta parece em carne viva, e ele sabe que não tem chance de escapar dos cães se eles forem soltos.

Uma rocha alta coberta de musgo e líquen se eleva entre as árvores. Ele faz força para escalar o pedregulho, mas o musgo escorrega e ele desliza para baixo. Acaba usando as mãos para arranhar a rocha e impedir sua queda.

Quando finalmente chega ao topo, ele se deita. Seu coração bate contra a rocha. Ele enxuga o suor dos olhos e vê os arranha-céus cor de ocre de Björkhagen acima das árvores. Lá embaixo, nas margens do pântano, os policiais estão circulando, seus cães puxando as coleiras. Os policiais falam em seus rádios e gritam um para o outro, apontando para o pântano. De repente, um cão sinaliza que sentiu um cheiro. Ele volta para a floresta, seguindo o rastro de Erik através das árvores. Sua guia se estica e o cão começa a latir alto.

Erik recua arrastando os pés, ciente de que precisa colocar alguma distância entre ele e a patrulha canina. Suas pernas tremem com o intenso esforço enquanto ele corre para baixo pela lateral da encosta. Ele segue uma vereda e sai numa pista de corrida coberta de lascas úmidas de cascas de árvore. Uma mulher com um agasalho cor-de-rosa está parada, alongando os músculos, e ele hesita um pouco antes de passar por ela. O pescoço e o peito da mulher estão suados. Ela tem um olhar distante, e Erik vê que ela está ouvindo música em seus fones de ouvido. No exato momento em que ele passa por ela, a mulher olha para ele. O rosto dela fica tenso, e ela desvia o olhar rapidamente. Erik percebe que a mulher o reconheceu e, pelo canto do olho, vê que ela se afasta na direção oposta.

Erik corre até a curva seguinte e se detém na frente de um mapa da reserva natural. Ele olha ao longo da rota da Trilha Sörmland e decide descer em direção à água em Sicklasjön.

Erik passa correndo por uma árvore caída e atravessa a floresta enquanto ouve o latido dos cachorros ecoando entre os troncos das árvores.

Depois de meio quilômetro, ele alcança um riacho. O fundo é coberto com pedras vermelhas, e a água cintila em marrom-ferro.

Erik entra na água gelada e caminha ao longo do regato, na esperança de que os cães percam seu rastro por alguns minutos.

Ele deseja poder ligar para Jackie e dizer que é inocente. Não suporta pensar nela acreditando que ele é um assassino. Os noticiários devem estar repletos de acusações exageradas, detalhes da vida dele, coisas de muito tempo atrás que agora estão sendo desencavadas como prova de sua culpa.

Erik tenta atravessar mais rápido, mas escorrega em uma pedra, cai e bate o joelho no fundo do riacho. Ele solta um suspiro. O frio e a dor disparam através de seus ossos, atingem sua espinha e pescoço.

As margens são mais íngremes ali, o canal de água mais estreito e mais rápido a sua frente.

As árvores inclinam-se sobre a água e ele precisa se curvar sob os galhos. Ele continua vadeando ao longo do riacho que agora percorre a parte mais cerrada da floresta. Não consegue mais ouvir os cães, apenas a água lambendo suas pernas.

Ele sai da água com dificuldade e corre pela floresta, os sapatos chapinhando. A exaustão e suas roupas grudadas fazem com que continue tropeçando.

É impossível, ele pensa. Acabou. Eu não tenho para onde ir. Não tenho ninguém a quem possa pedir ajuda.

Ele tem muitos conhecidos, pessoas com quem se relaciona, colegas de muitos anos e alguns bons amigos, mas ninguém para quem possa ligar agora.

Ele tem certeza de que Simone estaria disposta a ajudar, mas ela provavelmente está sendo observada. E Benjamin faria tudo o que pudesse, ele sabe disso, mas Erik preferiria morrer a colocar o filho em perigo.

Há algumas poucas pessoas para quem ele sabe que pode ligar. Joona, Nelly e talvez Jackie.

Se Jackie foi visitar a irmã, talvez ele possa até mesmo pegar emprestado o apartamento dela — supondo que ela não acredite no que os jornais estão dizendo.

Erik olha para o celular — restam apenas quatro por cento da carga da bateria. Ele não quer colocar Nelly em risco, mas mesmo assim liga para o número dela.

Se o telefone dela estiver sendo monitorado, já era, acabou, mas se ele quer ter alguma chance, precisa correr o risco. Ele está cercado aqui, não tem outra opção.

O telefone vibra, ele ouve o toque, e então há um clique.

— Nelly — ela atende calmamente.

— Sou eu — ele diz. — Você pode falar?

— Erik? Onde você está? O que diabos está acontecendo?

— Nelly, escute, eu preciso de ajuda. Eu não fiz as coisas que eles estão dizendo a meu respeito. Não tenho ideia do que está havendo.

— Erik, eu sei que você é inocente. Mas você precisa se entregar à polícia. Renda-se, e eu vou apoiar você, serei uma testemunha, qualquer coisa.

— Eles vão atirar em mim no segundo em que me avistarem. Você não faz ideia do que...

— Eu entendo como você se sente — ela o interrompe. — Mas não vai ficar ainda pior quanto mais você esperar? A polícia está por toda parte.

— Nelly...

— Eles pegaram seu computador, colocaram todo o seu escritório dentro de caixas, eles estão na frente da nossa casa em Bromma, eles estão no Karolinska e...

— Nelly, eu preciso ficar escondido por um tempo. Não há outra opção. Mas eu entendo se você não puder me ajudar. Eu não quero causar nenhum problema.

— Isto é loucura — ela diz.

— Por favor, Nelly, não há mais ninguém a quem eu possa pedir.

Ele pode ouvir os cachorros latindo novamente, mais perto agora.

— Para mim seria um desastre me envolver — ela diz. — Isso arruinaria minha carreira e arruinaria a do Martin também, mas eu...

— Desculpe por pedir — Erik diz, o desespero rastejando sobre ele.

— Mas eu tenho um velho lugar — ela continua. — Eu já te falei sobre Solbacken? Era dos pais do papai. Fica bem longe, bem fora de mão.

— Como eu chego lá?

— Eu... eu não acredito que estou fazendo isso. Eu não sei, talvez eu possa alugar um carro na Statoil ou algo assim.

— Você faria isso por mim?

— Onde posso encontrá-lo?

— Você conhece a praia pública em Sickla Strand? — Erik pergunta.

— Não, mas tenho certeza de que consigo chegar lá.

— Há uma escola ao lado da praia. Espere lá até eu aparecer.

Erik se agacha e atravessa a densa vegetação rasteira na beira da água, depois tira os sapatos e a calça pesada. Ele embrulha as roupas em uma trouxa e se

esconde nos arbustos enquanto um helicóptero sobrevoa baixo.

Seus perseguidores estão se aproximando.

Vestindo apenas cueca e camiseta, ele entra no lago Sicklasjön. O frio apunhala seus pés e pernas.

Ele vê luzes azuis piscando na estrada Älta, na ponte sobre a enseada que leva a Järlasjön. São pelo menos três carros da polícia. As luzes dos veículos refletem as hastes de sustentação de metal da ponte e atravessam as copas das árvores em ambas as margens.

Ele afunda rapidamente na água. Prende a respiração, mas pode sentir claramente a mudança na correnteza quando o helicóptero passa. A água do lago forma pequenas ondas que se irradiam em círculos rápidos.

Ele segue em frente, afastando-se, deslizando em meio às ninfeias, entre seus longos talos e o fundo viscoso do lago. Lá, ele deixa o pacote de roupas e seu celular se encherem de água borbulhante e afundar.

Na outra direção, além da represa, ele pode ver que a ponte sobre o canal Sickla também foi bloqueada. Há carros da polícia em todo lugar. As altas balaustradas de fibra de vidro reluzem como imensas placas de luz azul. Um helicóptero está pairando acima da pista de esqui.

Erik começa a nadar, dando amplas braçadas, sentindo o frio contra seu corpo e o cheiro de água do mar em seu nariz.

Erik mantém a cabeça abaixada e tenta não perturbar demais a superfície do lago. Ele já está a mais de cem metros de distância da margem. A água apenas marulha suavemente a cada larga braçada, mas troveja em seus ouvidos quando ele está submerso.

Ele levanta a cabeça o suficiente para poder olhar para a frente. Gotas de água cintilam em seus cílios quando ele vê os dois píeres antes que desapareçam por trás da elevação da água. A força da correnteza o puxa para um lado.

Bem acima da reserva natural, o helicóptero paira, ruidoso, mas Erik não consegue mais ouvir os cães.

Ele nada, pensando em como nove anos atrás ele mentiu e roubou toda a vida de Rocky — e em como até agora não tinha nem sequer pensado nele.

Ele diminui a velocidade e bate as pernas na vertical quando vê que está a apenas cinquenta metros dos dois píeres salientes. Algumas crianças em trajes de banho estão correndo na madeira úmida. Há pessoas sentadas com cestas de piquenique, cobertores e cadeiras dobráveis no calor do final do verão.

Uma lancha parece estar se aproximando do canal.

Erik nada na direção da margem, além da praia. No outro extremo, salgueiros retorcidos pairam sobre a água. As pontas nodosas de seus galhos verdes brilhantes sulcam a água ondulante.

A lancha desliza silenciosamente na direção dele, a proa singrando as ondas enquanto a embarcação desacelera.

Erik mira as árvores, enche os pulmões de ar e submerge.

Ele nada debaixo d'água com braçadas poderosas, sentindo a frieza da água contra o rosto e os olhos, o gosto da água na boca e o som abafado quando os ouvidos se enchem.

A luz sarapintada do dia reluz nas bolhas que sobem de seus braços.

Ouvida sob a água, a lancha faz um zumbido metálico.

Os ombros de Erik estão extenuados pelo esforço. É mais longe da margem do que ele pensava. A água abaixo dele é completamente negra, mas a superfície parece latão derretido.

Ele sente os pulmões pressionados. Tem que respirar em breve. O zumbido da lancha fica mais alto.

Ele continua nadando, está mais perto da superfície, mas não lhe resta mais energia. Ele precisa de oxigênio.

Ele impele as pernas e sente o diafragma se comprimir, espremendo-se em um esforço para forçar os pulmões a inalar um pouco de ar.

A água fica mais leve, cheia de areia rodopiante. Ele consegue entrever o fundo abaixo dele, ásperos blocos de pedra em meio à areia grossa. Ele dá uma última braçada, depois usa as mãos para se impulsionar por sobre as pedras.

Erik sobe à tona, tenta puxar o ar, tosse e cospe um bocado de lodo. Ele está balançando para cima e para baixo na ondulação causada pela lancha. Sua visão fica escura e ele ofega e tira a água do rosto com as mãos trêmulas.

Sob pernas trôpegas ele consegue chegar às pedras, depois desmorona. Todo o seu corpo estremece quando ele se senta atrás da cortina de galhos. O barco da polícia está rondando o lago, mas seu motor não é mais audível.

Mesmo que Nelly consiga sair de casa e alugar um carro, demorará um bom tempo até chegar aqui. Faz sentido Erik esperar debaixo das árvores e se secar um pouco antes de seguir para o ponto de encontro.

Depois de cerca de meia hora, ele sai do esconderijo, escala as rochas, atravessa a trilha e dá de cara com uma grande aveleira. O chão sob os galhos está atulhado de papel higiênico. Ele se move em direção ao exterior vermelho-ferrugem do Centro de Recreação de Sickla.

De repente, o som de uma sirene ecoa alto entre os muros, e ele se detém abruptamente, o coração acelerado. As pessoas estão sentadas em um café ao ar livre a uma curta distância, comendo e bebendo, bastante despreocupadas. O veículo desaparece e Erik continua andando. No exato instante em que ele pensa que deveria esperar do outro lado do prédio, escondido pelos arbustos, avista Nelly. Ela está usando um vestido verde com estampa florida e seu cabelo loiro está amarrado com um lenço verde.

Do outro lado da rua há um jipe preto. Nelly protege o rosto com uma das mãos enquanto olha para a água.

Erik atravessa o gramado e passa por alguns arbustos baixos, e em seguida surge na calçada quando Nelly o avista. Os lábios dela se separam como se ela estivesse de repente assustada. Ele olha ao redor verificando se há tráfego, e depois caminha direto para o outro lado da estrada, de cueca molhada.

Nelly dá uma rápida olhada nele de cima a baixo.

— Lindo traje — ela diz, abrindo a porta traseira. — Entre debaixo do cobertor.

Ele se encolhe no chão atrás do banco e puxa sobre si o tapete vermelho. O carro aquecido pelo sol cheira a plástico e couro.

Ele ouve Nelly acomodar-se no banco do motorista e fechar a porta. Ela dá a partida no motor e vira à esquerda, batendo o para-choque no meio-fio, depois acelera. Erik desliza de volta para o banco traseiro.

— Sabemos que Rocky foi condenado injustamente pelo assassinato de Rebecka Hansson, mas...

— Agora não, Nelly — ele a interrompe.

— Mas sabemos que ele é inocente desses novos assassinatos? Quero dizer... e se ele começasse a copiar o assassinato pelo qual foi condenado apenas para colocar a culpa em você?

— Não é ele. Eu o hipnotizei. Ele viu o pregador e...

— Mas ele não poderia simplesmente ter se dividido em personagens diferentes? Ou seja, ele é o pregador impuro quando comete os assassinatos?

Nelly coloca um CD , e o carro se enche com a voz pesada de Johnny Cash: “Homem procurado na Califórnia”.

Erik não consegue deixar de sorrir com o fato de que Nelly está tentando ser engraçada em um momento como este.

Rocky está dormindo no banco do passageiro ao lado de Joona. Sua cabeça grande tomba para o lado a cada curva da estrada. A paisagem é desolada e escassamente povoada, quase abandonada.

Joona está dirigindo rápido, pensando na mensagem de texto que Lumi lhe enviou mais cedo. Ela escreveu que ama Paris, mas sente falta das conversas com o pai em Nattavaara.

Logo além de Flen, a estrada e a ferrovia se unem em duas estreitas faixas de terra. Um comprido trem de carga passa trovejando ao lado do carro, cada vez mais perto.

A floresta vai gradualmente rareando e a paisagem se aplaina em enormes descampados. Colheitadeiras rolam pelos campos em meio a nuvens de poeira.

Sköldinge fica na Rota 55, não longe de Katrineholm. Joona entra à direita e vê algumas casas vermelhas entre as árvores, depois a igreja cor de areia com o pináculo pontudo erguendo-se da planície.

Igreja de Sköldinge.

Uma igreja sueca comum no interior do país, datada do século XII , cercada por pedras rúnicas.

Os pneus do carro esmagam o cascalho quando Joona estaciona em frente à casa paroquial.

Talvez tenham encontrado o assassino agora. O pregador das horripilantes memórias de Rocky. O velho padre com bochechas vermelhas de ruge e braços cheios de marcas de picadas de agulha.

A porta da igreja está fechada, e as janelas são escuras.

Joona tira do coldre sua Colt Combat e percebe que a fita está suja e começou a se soltar. Ele geralmente envolve uma fita adesiva ao redor da parte inferior da coronha para que sua mão não escorregue.

Ele puxa o pente e se certifica de que está cheio, pressiona para encaixá-lo de volta e alimenta a câmara com uma bala, embora não consiga de fato acreditar que o pregador impuro esteja simplesmente à espera deles dentro da igreja.

Nada é tão simples assim.

As folhas do caminho foram varridas com um ancinho e o cemitério da igreja está bem cuidado. A luz do sol infiltra-se por entre as folhas de um enorme carvalho.

O pregador é um homem extremamente perigoso, um assassino em série que nunca se apressa, que age com calma, que observa e planeja até o último detalhe, até que alguma outra coisa toma conta dele e ele se transforma em um animal selvagem.

Sua fraqueza é sua arrogância, sua fome narcisista.

Joona olha de relance para a igreja e depois para os campos. Ele tem dois pentes extras de munição comum de Parabellum em um dos bolsos e, em outro, um pente com balas dundum.

Mesmo que o pregador não esteja aqui, Joona pensa, mesmo que nunca tenha estado aqui, este é o fim da estrada.

Se ele não conseguir encontrar algo que possa convencer Margot, então acabou. Erik será considerado culpado, apesar de ser inocente, assim como anos atrás Rocky foi considerado culpado pelo assassinato de Rebecka Hansson. E o verdadeiro assassino ficará livre.

Hoje é o dia em que tudo será decidido. Erik não pode mais continuar fugindo — ele não tem para onde ir.

E agora o próprio Joona tirou um detento do presídio e agrediu um agente penitenciário.

Disa teria dito que faltava estímulo, que ele precisava voltar ao trabalho. É tarde demais para isso agora, mas ele não teve escolha.

Quando Joona abre a porta do carro, Rocky acorda e olha para ele com olhos estreitos e sonolentos.

— Espere aqui — Joona diz, e sai do carro.

Rocky sai e cospe no chão, inclina-se contra o capô e desenha com a mão uma linha na poeira.

— Você reconhece onde estamos? — Joona pergunta.

— Não — Rocky diz, olhando para a igreja.

— Eu quero que você espere no carro — repete Joona. — Não acho que o assassino esteja aqui, mas ainda pode ser perigoso.

— Eu não dou a mínima — Rocky diz sem rodeios.

Ele segue Joona entre as lápides. O ar está fresco, como se tivesse acabado de chover. Um homem de calça jeans e camiseta está junto à entrada da igreja, fumando e falando no celular. Os dois passam por ele e entram.

A transição da luz solar ofuscante os deixa quase completamente cegos enquanto caminham na escuridão do átrio.

Joona se move rapidamente para um lado, pronto para sacar a pistola.

Ele pisca e espera que seus olhos se ajustem antes de se esgueirar entre os bancos sob o platô elevado do órgão. Enormes pilares sustentam afrescos ornamentados que sobem até o teto.

Há um som de batida e uma sombra passa rapidamente pelas paredes.

Há alguém sentado em um dos bancos da frente.

Joona detém Rocky, saca a arma e a mantém escondida ao lado do quadril.

Um pássaro se choca contra a janela. Aparentemente uma gralha está presa em um pedaço de barbante e, na tentativa de escapar, continua batendo na janela.

A porta da sacristia está entreaberta. Na parede há uma cruz indistinta dentro de um círculo.

Lentamente, Joona se aproxima por trás da figura amontoada e vê uma mão enrugada agarrada à parte de trás do banco a sua frente.

O pássaro bate na janela de novo. A figura encolhida gira devagar na direção do som.

É uma idosa senhora chinesa.

Joona passa pela mulher, ainda escondendo a arma, e olha para ela pelo canto do olho. O rosto dela é tristonho, impassível.

Ao lado da pia batismal medieval, Maria está sentada como uma criança. Seu largo vestido de madeira cai em pesadas dobras ao redor de seus pés.

No centro do retábulo, Cristo está crucificado tendo ao fundo um céu de ouro, exatamente como Rocky descreveu sob hipnose.

Este é o local onde ele conheceu o pregador impuro, quando a igreja toda estava repleta de padres.

Agora ele está de volta.

Rocky parou na entrada escura sob a galeria elevada do órgão. Os tubos do instrumento projetam-se acima dele como uma fieira de penas de escrever.

Ele está parado, indeciso. Como um apóstata, não olha para o altar, apenas fita as mãos grandes e vazias.

A mulher chinesa se levanta e sai.

Joona bate à porta da sacristia, dá um leve cutucão para abrir e perscruta a escuridão. Há um conjunto de vestes litúrgicas penduradas, mas o lugar parece vazio.

Joona vai para o lado, encara o vão entre as dobradiças e vê a parede de pedra irregular, como um tecido ondulante.

Ele abre mais um pouco a porta e entra, segurando a pistola na altura do peito. Dá uma rápida olhada nas vestes litúrgicas. Bem lá no alto, a luz clara do dia infiltra-se através de uma profunda alcova.

Joona atravessa o recinto até o banheiro e abre a porta, mas não há ninguém lá, apenas um relógio de pulso na prateleira acima da pia.

Ele levanta a pistola e abre a porta do armário. Há casulas, batinas e estolas penduradas lado a lado, cores diferentes para diferentes épocas do calendário religioso. Joona rapidamente empurra a roupa para o lado e examina os fundos do móvel.

Há algo no chão em um canto. Uma pilha de revistas sobre carros esportivos.

Joona retorna à nave e passa por Rocky, que está sentado em um dos bancos, e sai da igreja; do lado de fora, ele pergunta ao homem junto à porta onde está o padre.

— Sou eu. — O homem sorri, deixando o cigarro cair dentro da caneca de café vazia a seus pés.

— Eu me refiro ao outro padre — Joona explica.

— Eu sou o único aqui.

Joona já olhou para os braços dele, que são livres de cicatrizes de injeção.

— Quando você foi ordenado?

— Recebi as ordenas sacras como vigário auxiliar em Katrineholm e, quatro anos atrás, fui nomeado padre aqui — o homem responde em tom amável.

— Quem estava aqui antes de você?

— Rickard Magnusson. E antes dele, Erland Lodin e Peter Leer Jacobson, Mikael Friis, e... não me lembro.

O homem cortou a mão, há um Band-Aid sujo na palma da mão dele.

— Isto provavelmente vai parecer uma pergunta estranha — Joona diz. — Mas em que ocasião uma igreja estaria cheia de padres? Sentados nos bancos, como a congregação?

— Quando um padre é ordenado. Mas isso aconteceria em uma catedral — o padre responde, solícito, pegando a caneca do chão.

— Mas e aqui? — Joona persiste. — Esta igreja já esteve cheia de padres?

— Pode ter sido para o funeral de um padre, mas cabe à família decidir. Depende de quem é convidado. Não existem regras especiais para os sacerdotes.

— Você já enterrou padres aqui?

Joona segue o homem enquanto ele caminha até as portas da igreja e observa as lápides, as veredas estreitas e os arbustos meticulosamente bem aparados.

— Eu sei que Peter Leer Jacobson está enterrado no cemitério da igreja — ele diz baixinho.

Os braços do jovem padre estão arrepiados por causa da frieza da pedra.

— Quando ele morreu? — Joona pergunta.

— Muito antes de eu chegar aqui. Quinze anos atrás, talvez, não sei.

— Existe algum registro de quem estava aqui quando ele foi enterrado?

O homem balança a cabeça e pensa por um momento.

— Nenhum registro, mas a irmã dele saberia. Ela ainda mora na casa das viúvas mantida pela paróquia. Ele era viúvo e cuidava dela.

Joona volta para a igreja mal iluminada. Rocky está fumando embaixo do triunfal crucifixo medieval acima do painel divisório. Todo o corpo emaciado de Jesus está salpicado de feridas vermelhas, como um velho viciado em heroína.

— O que significa “*Ossa ipsius in pace*”? — Joona pergunta.

— Por que você quer saber?

— Você disse isso sob hipnose.

— Significa “os ossos dele estão em paz” — Rocky responde em tom áspero.

— Você estava descrevendo um padre morto. Era por isso que ele estava usando maquiagem.

Eles caminham rapidamente sob o arco em direção à porta, enquanto Joona pensa na descrição que Rocky fez de uma cerimônia fúnebre com um caixão aberto. O padre falecido foi maquiado e vestido com uma batina branca, mas não era o pregador impuro. O funeral foi simplesmente quando Rocky o conheceu.

Joona e Rocky aproximam-se dos degraus de pedra que levam a Fridhem, a casa paroquial onde Ellinor, a irmã mais velha de Peter Leer Jacobson, recebeu permissão para permanecer depois da morte do clérigo. Juntamente com uma mulher mais jovem da aldeia de Sköldinge, ela gerencia um café com uma pequena exposição sobre a aldeia e sobre como era a vida dos padres e suas famílias no passado.

Fridhem consiste de três chalés vermelhos com guarnições de janelas e frontões brancos, persianas abertas e telhados antiquados. As casas ocupam três lados de um belo gramado, com mesas de café sob as bétulas com seus ramos finos dependurados.

Os dois homens entram no café e passam por um cômodo estreito e forrado de fotos em preto e branco emolduradas. Joona olha de relance as imagens de prédios, equipes de trabalhadores e familiares dos padres. Três armários de vidro contêm joias feitas de azeviche, cartas, inventários e hinários.

Dentro do agradável estabelecimento, Joona compra duas xícaras de café e um prato de biscoitos e paga a uma mulher idosa usando um avental florido. Ela olha nervosamente para Rocky, que não retribui o sorriso quando ela lhes diz que o preço inclui uma nova xícara de café gratuita.

— Com licença — Joona diz. — Mas a senhora deve ser a Ellinor, irmã de Peter Leer Jacobson?

A mulher responde com um aceno de cabeça intrigado. Quando Joona explica que eles acabaram de falar com o novo padre, que disse uma porção de coisas boas sobre o irmão dela, os olhos azul-claros da mulher se enchem de lágrimas.

— O Peter era muito, muito popular — ela diz com voz trêmula, depois tenta recuperar o fôlego.

— A senhora devia sentir muito orgulho dele. — Joona sorri.

— Sim, eu sentia.

Em um gesto bastante tocante, ela coloca as mãos juntas sobre a barriga em um esforço para se acalmar.

— Há algo que eu estava querendo saber — Joona continua. — O irmão da senhora tinha algum colega em particular, alguém com quem ele trabalhava

intimamente?

— Sim, eu diria que o deão rural de Katrineholm e os vigários de Floda e Stora Malm. E sei que no fim ele passou um bocado de tempo na igreja de Lerbo.

— Eles se viam em âmbito particular também?

— Meu irmão era um bom homem. Um homem honrado, muito querido.

Ellinor olha ao redor do recinto vazio, depois caminha para o outro lado do balcão e mostra a Joona um recorte de jornal emoldurado noticiando a visita do rei e da rainha a Strängnäs.

— Peter foi o capelão na cerimônia de jubileu na catedral — ela diz com orgulho. — O bispo agradeceu depois e...

— Mostre a ela seus braços — Joona diz a Rocky.

Rocky arregaça as mangas, sem mudar sua expressão.

— Meu irmão foi o orador na reunião diocesana em Härnösand e ele...

A velha para de falar quando vê os braços devastados de Rocky, desiguais e manchados com centenas de cicatrizes de injeção, escurecidos com veias que se desintegraram por conta do ácido ascórbico que ele usava para dissolver a heroína.

— Ele também é padre — Joona diz sem tirar os olhos dela. — Qualquer um pode cair em uma armadilha.

O rosto enrugado de Ellinor empalidece e fica imóvel. Ela se senta no banco de madeira com a mão sobre a boca.

— Meu irmão mudou depois do acidente, quando a esposa dele faleceu — ela diz baixinho. — O sofrimento o destruiu e ele se afastou de todos... ele pensava que alguém o estava seguindo, que todo mundo o espionava.

— Quando foi isso?

— Dezesseis anos atrás.

— O que seu irmão usava?

A mulher olha para ele com os olhos exaustos.

— Nas caixas dizia “morfina epidural”. — Ela sacode a cabeça e suas velhas mãos agitam-se inquietas sobre o avental. — Eu não sabia de nada. Ele estava completamente sozinho no final. Nem mesmo a filha dele foi capaz de suportar. Ela cuidou dele o máximo que pôde, mas agora eu entendo por que ela não conseguiu continuar.

— Mas ele ainda era capaz de realizar cerimônias, fazer o trabalho dele?

Ela levanta os olhos vermelhos para encarar Joona.

— Ah, sim, ele celebrava os ofícios. Ninguém notou nada, nem eu, porque já não passávamos mais tempo juntos. Mas eu costumava ir ao culto matinal e... todos diziam que os sermões dele estavam mais vigorosos do que nunca... embora ele próprio estivesse ficando mais fraco.

Rocky murmura alguma coisa e se afasta deles. Pela janela os dois o observam enquanto ele sai no gramado e se senta a uma mesa sob a bétula.

— Como a senhora descobriu? — Jooná pergunta.

— Fui eu que o encontrei — a velha responde. — Fui eu que cuidei do corpo.

— Foi uma overdose?

— Eu não sei. Ele tinha perdido o culto da manhã, então fui até a casa paroquial. Estava um fedor terrível lá. Eu o encontrei no porão... ele estava morto havia três dias, nu e imundo, coberto de feridas. Ele estava deitado na jaula como um animal.

— Ele estava deitado em uma jaula?

Ela faz que sim com a cabeça e limpa o nariz.

— Tudo o que ele tinha era um colchão e uma lata de água — ela sussurra.

— A senhora não achou estranho que ele estivesse em uma jaula?

A velha sacode a cabeça.

— Estava trancada por dentro. Eu sempre achei que ele tentou se trancar para escapar das drogas.

Uma mulher mais jovem usando um avental semelhante aparece e fica atrás do balcão quando mais alguns clientes chegam.

— Algum colega do seu irmão poderia tê-lo ajudado a escrever seus sermões? — Jooná pergunta.

— Eu não sei.

— Ele provavelmente tinha um computador. Eu poderia dar uma olhada nele?

— Ele tinha um no escritório, mas escrevia seus sermões à mão.

— A senhora os guardou?

Ellinor se levanta lentamente do banco.

— Eu cuidei dos pertences pessoais dele — ela diz. — Limpei o presbitério para que não houvesse fofoca, mas ele tinha se livrado de tudo. Não havia fotografias, cartas nem sermões. Não consegui encontrar os diários dele, e meu irmão sempre manteve um diário. Ele costumava guardá-los trancados em sua cômoda, mas estava vazia.

— Poderiam estar em algum outro lugar?

Ela fica parada e sua boca se move silenciosamente até as palavras chegarem.

— Eu só tenho um diário que restou. Estava escondido no armário de bebidas. Esses móveis costumam ter um compartimento secreto nos fundos, em que os homens podiam guardar seus cartões franceses picantes.

— O que dizia o diário? — Jooná diz.

Ela sorri e balança a cabeça.

— Eu jamais o leria. Não se faz esse tipo de coisa.

— Claro que não — ele responde.

— Mas, muitos anos atrás, o Peter costumava pegar seus diários no Natal e ler sobre a mamãe e o papai, e sobre ideias para sermões. Ele escrevia muito bem.

A porta do café se abre novamente, e uma corrente de ar varre o aconchegante estabelecimento, espalhando o cheiro de café fresco.

— A senhora está com o diário aqui? — Joonas pergunta.

— Está na exposição. Chamamos de museu, mas na verdade são apenas algumas das coisas que encontramos aqui.

Ela o leva até a exposição. Uma fotografia ampliada de 1850 mostra três mulheres magras em vestidos pretos em frente à casa das viúvas. Os edifícios parecem quase pretos. A foto foi tirada no início de uma primavera, as árvores estão nuas e ainda há neve nos sulcos do campo.

Abaixo da foto há uma pequena legenda sobre o padre que construiu Fridhem para que sua esposa não tivesse que se casar com o padre seguinte se ele morresse antes dela.

Ao lado dos brincos e do colar de jade polido há uma chave enferrujada e uma pequena fotografia colorida mostrando o funeral de Peter Leer Jacobson. Um homem vestido de preto está agindo como mestre de cerimônias, segurando o véu negro. O bispo e a filha e a irmã do padre estão ao lado do caixão, de rosto abaixado.

Eles passam por fotografias da mina em Kantorp, mulheres e crianças separando o minério sob a luz do sol, o asilo de pobres de Sköldinge e a inauguração da estação de trem. Uma fotografia em preto e branco da igreja foi pintada à mão, de modo que o céu é azul-pastel, a vegetação parece tropical e a construção de madeira da nova torre brilha feito bronze polido.

— Aqui está o diário — Ellinor diz, parando na frente de outro armário de vidro contendo uma série de objetos.

Em cima de um pano de linho há um grampo de cabelo enferrujado, um relógio de bolso, um hinário branco com o nome ANNA escrito em letras douradas e o diário do padre, com uma tira amarrando a capa de couro manchada.

A senhora idosa fita Joona com os olhos assustados quando ele abre o estojo e retira o diário. Na primeira página, em caligrafia ornamentada, estão as palavras PETER LEER JACOBSON, PADRE, VOLUME XXIV .

— Eu não acho certo ler os diários de outras pessoas — ela diz com um toque de ansiedade.

— Não — Joona diz, e abre o caderno.

A primeira entrada é datada de quase vinte anos atrás.

— Nós não temos o direito de...

— Eu tenho que ler — Joona a interrompe.

Ele folheia as páginas, fitando o diário.

A administração da paróquia tornou-se mais onerosa, as diretrizes mais rigorosas. Temo que as finanças venham a controlar minha igreja cada vez mais. ~~Por que não começar a vender indulgências novamente?~~ [Sic!].

Hoje é o quinto domingo depois da Epifania, e as cores litúrgicas estão ficando mais escuras de novo. O tema é “Semeando e colhendo”. Não gosto do alerta na Carta de Paulo aos Gálatas sobre não zombar de Deus. “Pois tudo o que o homem semear, ele também ceifará.” Porque às vezes você não semeia, e ainda assim deve colher. Eu não posso dizer isso à minha congregação — eles querem ouvir sobre as riquezas do céu.

Joona levanta os olhos e vê a velha deixar o local com as mãos penduradas ao lado do corpo.

Eu me encontrei com o padre de cara pálida em Lerbo para uma conversa particular. Ele provavelmente estava esperando que eu falasse sobre minha bebedeira. Ele é jovem, mas sua fé é tão forte que me faz sentir mal. Decidi não visitá-lo mais.

A minha filha está crescendo agora. Outro dia eu a observei sem ela saber. Ela estava sentada na frente do espelho. Ela arrumou o cabelo exatamente como o de Anna, e sorria para si mesma.

Hoje é o quinto domingo após a Páscoa. O tema do sermão é “Crescendo na fé”. Penso na vovó e no vovô, que foram para a Guiné antes de se mudarem para a fazenda em Roslagen. Na minha congregação não há lugar para o trabalho missionário, e isso me faz parar para pensar.

Joona se senta em uma das velhas cadeiras abaixo das fotos. Ele folheia o diário, lendo sobre as tarefas e deveres do ano litúrgico, canções natalinas e missas de verão em algum moinho ou outro. Recua de novo nas páginas, procurando mais uma menção ao padre em Lerbo e se vê no meio da Páscoa.

Os Evangelhos voltam sua atenção para a sepultura vazia, mas à mesa do jantar falamos sobre o texto do Antigo Testamento descrevendo a última praga a assolar o Egito. A minha filha disse que Deus ama o sangue, e mencionou um dos textos bíblicos da Páscoa: “E o sangue será para vós como um sinal nas casas onde estiverdes: quando eu vir o sangue, passarei adiante, e a praga da destruição não vos atingirá”.

Faz um ano agora que minha esposa e eu não compartilhamos a cama. Costumo ficar acordado até tarde, e eu ronco como uma escavadora mecânica (de acordo com ela). Mas, depois de anoitecer, muitas vezes nos esgueiramos um até o outro. Às vezes eu vou com Anna para o quarto dela só para vê-la se aprontar para dormir. Sempre gostei de vê-la tirar as joias à noite, pressionando os pequenos pinos de volta aos seus brincos e colocando-os no estojo um ao lado do outro. Anna é calmamente atenta aos detalhes. Ela não alcança as costas quando tira o sutiã, mas escorrega as alças sobre os ombros, desliza o sutiã até a cintura e o vira antes de desabotoar.

Quando eu me sentei em sua cama na noite passada, vendo-a entrançar o cabelo antes de dormir, julguei ter visto um rosto na janela escura. Levantei-me e fui até lá, mas não consegui enxergar nada, então saí para a varanda, depois para o jardim, mas tudo estava quieto e olhei para o céu estrelado.

Joona olha pela janela e vê que Rocky ainda está sentado sob a árvore, com os olhos fechados e as pernas esticadas. Ele continua a leitura.

Eu vi o padre de cara pálida de Lerbo no supermercado ontem, mas não tive que cumprimentá-lo.

Quarto domingo da Quaresma.

Então chegamos ao ponto central da Quaresma. Dor de cabeça, fiquei acordado até tarde bebendo vinho, lendo e escrevendo.

Hoje pensamos no “Pão da Vida”. Os dias santos da Páscoa estão quase chegando e o pesado punho da existência nos espreme contra o chão.

Joona folheia adiante, olha de relance as páginas sobre o Domingo da Santíssima Trindade e a transição para a metade mais suave do calendário da Igreja, depois se detém abruptamente:

Aconteceu, terrível, impossível. Vou escrever a respeito aqui e pedir perdão a Deus, e depois nunca mais mencionarei o fato. Minha mão está tremendo enquanto escrevo isto, dois dias depois:

Como o velho Ló, fui ludibriado e levado a transgredir o mandamento do Senhor, mas estou escrevendo para entender meu papel nisso, minha parcela de culpa. Ficou bem tarde, e eu bebi mais vinho do que era capaz de aguentar, mais do que costumo fazer, e estava bêbado quando fui para a cama e adormeci.

Em retrospecto, creio que eu estava ciente em algum nível de que não foi Anna que se esgueirou para a minha cama na escuridão. Ela tinha o cheiro de Anna, estava usando as joias e o pijama da minha esposa, mas estava com medo, seu corpo tremia quando me deitei por cima dela.

Ela não emitiu nem sequer um sussurro, não suspirou como Anna, ela estava respirando como que para não ceder à dor.

Eu tentei acender o abajur, ainda estava tão bêbado que o deixei cair no chão. Levantei-me, cambaleei, tateei a parede com a mão e acendi a luz principal.

Na minha cama estava sentada a minha filha. Ela estava usando maquiagem e sorrindo, apesar de assustada.

Eu gritei, urrei, corri até ela e arranquei das orelhas dela os brincos de Anna, esfreguei seu rosto no lençol manchado de sangue, arrastei-a escada abaixo até a neve, escorreguei e caí, me levantei de novo e a empurrei para longe.

Ela estava congelando, e suas orelhas sangravam, mas ela ainda estava sorrindo.

Eu serei punido, devo ser castigado, eu deveria ter previsto aquilo. Isolamento e desabrochar, ela se esgueirando, espiando, sempre mexendo nas joias e maquiagem de Anna.

Joona para de ler, olha para a chave enferrujada e os brincos pretos no estojo e de novo para o texto. Ele sai da exposição com o diário, passando pela fotografia

das viúvas magricelas. No café, Ellinor está colocando pequenas xícaras de café sobre pires na prateleira atrás do balcão. A porcelana tilinta suavemente enquanto ela empilha. Uma mosca letárgica entrou voando pelas portas abertas e está batendo contra a janela enquanto tenta sair.

Ellinor se vira quando ouve Joona entrar. Pela expressão em seu rosto está claro que ela lamenta ter mencionado o diário do irmão.

— Posso perguntar como a esposa de Peter morreu?

— Eu não sei — ela responde secamente, e continua empilhando xícaras e pires.

— A senhora disse que eram amigas, a senhora e Anna.

O queixo da velha mulher treme.

— Eu acho que você deveria ir embora agora — ela diz.

— Eu não posso — Joona responde.

— Pensei que você estava interessado nos sermões de Peter, foi por isso que eu...

Ela balança a cabeça, pega uma bandeja com café e duas tortinhas e vai até a porta.

Joona a segue, segurando a porta e esperando enquanto ela leva a bandeja para os clientes no jardim.

— Eu não quero falar sobre isso — ela diz com voz fraca.

— Não foi um acidente? — ele pergunta bruscamente.

O rosto da mulher fica completamente indefeso e ela parece estar prestes a chorar.

— Eu não quero — ela pede. — Você não entende? É tarde demais. — Ela abaixa o rosto e soluça baixinho.

A outra mulher entra e coloca as mãos nos ombros trêmulos de Ellinor. Os clientes próximos levantam-se e trocam de mesa.

— Eu sou policial — Joona diz. — Eu posso descobrir isso, mas...

— Por favor, saia agora — a outra mulher diz, abraçando Ellinor.

— Foi apenas um acidente — a irmã do velho padre diz.

— Eu não quero incomodar a senhora — Joona continua. — Mas preciso saber o que aconteceu e preciso saber agora.

— Foi um acidente de carro — Ellinor lamenta. — Estava chovendo muito. O carro bateu com tudo, de frente na parede da igreja. Anna foi esmagada, o rosto dela ficou prensado com tanta força que...

Suas pernas bambeiam e ela se senta a uma das mesas e olha para a frente.

— Continue — Joona diz com voz delicada.

A mulher olha para ele, limpa as lágrimas dos olhos e meneia a cabeça.

— Nós vimos lá da casa paroquial. Meu irmão desceu correndo a estrada... e eu o segui na chuva e vi a filha deles lutando para tirar a mãe das ferragens, ela estava

usando o macaco do carro... ficou batendo na lataria amassada. E eu apenas gritei e corri para o meio dos salgueiros.

A voz da mulher falha, e ela abre e fecha a boca algumas vezes antes de continuar:

— Havia vidro estilhaçado e destroços do carro por toda parte, e um cheiro de gasolina e metal quente. A filha deles tinha desistido. Ela só estava lá parada esperando o pai chegar. Ainda me lembro do choque nos olhos dela e do estranho sorriso.

Ellinor levanta as mãos e olha para as palmas.

— Querido Deus — ela sussurra —, a menina tinha acabado de chegar da escola, e lá estava ela, parada em sua capa de chuva amarela olhando para a mãe. De tão esmagado, o rosto de Anna estava irreconhecível, havia sangue por toda parte.

A voz da mulher fica embargada de novo, ela engole em seco e continua devagar.

— A memória é uma coisa estranha. Eu sei que ouvi uma voz muito aguda quando me aproximei debaixo de chuva. Parecia uma criança conversando... e então tudo começou a queimar, uma bolha azul envolveu Anna, e no momento seguinte eu estava deitada na grama molhada na vala, e as chamas rodopiavam em espiral em volta do carro inteiro. A bétula ao lado pegou fogo e eu...

— Quem estava dirigindo?

— Eu não quero falar sobre isso.

— A filha — Joona diz. — Qual é o nome dela?

— Nelly — a velha mulher responde, olhando para ele com exaustão gravada em seu rosto.

Enquanto caminha por entre as mesas do café em direção a Rocky, Joona tenta ligar para Erik.

O celular dele está desligado.

Ele tecla o número privativo de Margot Silverman, mas não há resposta, então ele liga para o ex-chefe do Departamento Nacional de Investigação Criminal, Carlos Eliasson, e deixa uma curta mensagem de voz.

Rocky ainda está sentado à sombra da bétula, pegando migalhas de sua barriga. Ele tirou os sapatos e as meias e está contorcendo os dedos dos pés na grama.

— Temos que ir — Joona diz quando chega perto dele.

— Você encontrou as respostas para suas perguntas?

Joona ignora Rocky e desce correndo as escadas. Peter não mantinha o volume 24 de seu diário na cômoda com os outros porque seu conteúdo era muito vergonhoso. E, por causa disso, Nelly não deu pela falta dele e o deixou escapar quando destruiu o restante.

Mais para o fim do diário, Peter descreve como a filha foi enviada para um antiquado internato de meninas.

Joona para em frente ao carro roubado. Nelly tinha catorze anos quando entrou na Escola Klockhammar, nos arredores de Örebro. Ela ficou no internato por seis anos. É possível que não tenha visto o pai e a mãe durante esse período, mas que nunca tenha abandonado sua fixação pelo pai.

A sensação de amar e ser rejeitada, de dar tudo apenas para ter tudo tirado de si, resultou em um grave distúrbio de personalidade.

Ela estudou a mãe, tentou ser igual a ela, para tomar seu lugar.

Rocky calçou de novo os sapatos, mas está segurando as meias enquanto caminha até o carro e abre a porta.

— O pregador impuro é uma mulher? — Joona pergunta.

— Acho que não — Rocky responde, olhando-o nos olhos.

— Você se lembra de Nelly Brandt?

— Não — ele diz, sentando-se no banco do passageiro.

Joona faz a ligação direta novamente, produzindo uma faísca quando o motor volta à vida com um estouro.

— Eu não sei o quanto você se lembra da hipnose — Joona diz enquanto dirige.
— Mas você falou sobre a primeira vez em que viu a pregadora impura. Você a conheceu em um funeral aqui em Sköldinge, mas a pessoa que você descreveu era o padre no caixão, o pai dela, Peter.

Rocky não responde, apenas olha fixamente através do para-brisa à medida que a velocidade do carro aumenta.

A mãe foi buscar a filha adulta na Escola Klockhammar e a deixou dirigir no caminho de volta.

A mãe estava sentada ao lado dela e talvez tivesse tirado o cinto de segurança tão logo elas saíram da estrada principal e rumavam para a igreja.

Nelly provavelmente viu o pai na janela da casa paroquial quando de repente pisou fundo no acelerador e foi direto para a parede.

Talvez a mãe não estivesse morta, apenas gravemente ferida e presa nas ferragens.

Nesse caso, o que Ellinor viu em meio à chuva faz sentido. Nelly pegou o macaco do porta-malas e bateu no rosto da mãe até que ela estivesse morta.

Talvez ela tenha ateado fogo ao carro diante dos olhos do pai.

Mas, depois da morte da mãe, Nelly isolou o pai do mundo ao seu redor, mantendo-o para si e tornando-se tudo para ele.

O pai dela viveu mais quatro anos. Nelly o manteve trancado e desamparado, confinado em uma jaula, e fez com que ele se tornasse dependente de morfina.

Ela o deixava sair aos domingos para celebrar o culto da manhã e proferir os sermões que ela mesma escrevia para ele.

Ele estava debilitado, um caco, um viciado.

Talvez eles tenham tido fragmentos de vida normal. Não é incomum que pessoas mantidas em cativeiro por um longo tempo consigam viver breves períodos de normalidade com quem as aprisiona. Talvez jantassem juntos, se sentassem no sofá e assistissem a programas de televisão.

No final, ele descobriu como trancar a jaula por dentro e dormir no colchão. É possível que tenha morrido de overdose ou adoecido.

Um grande número de padres compareceu ao funeral, alguns deles sentados nos bancos, enquanto outros ajudaram na cerimônia.

Um desses padres era Rocky Kyrklund.

Joona pega o celular, acessa uma lista de funcionários do Karolinska e encontra uma foto de Nelly.

— Olhe para esta foto — ele diz.

Rocky pega o telefone, mantém a tela longe da luz do sol e depois respira fundo.

— Pare! — Ele ruge. — Pare o carro!

Ele abre a porta com o carro em pleno movimento e em alta velocidade, mas ela bate num gradil de segurança e volta com tudo. Cacos do vidro da janela estilhaçada voam para dentro do carro. A porta fica pendurada, raspando ao longo do asfalto.

Joona entra na área de escape e para com duas rodas na grama. Rocky sai para o campo ao lado da estrada, se detém e segura o rosto nas mãos.

Joona pega o celular do chão do carro e tenta mais uma vez ligar para Erik. Rocky permanece um bom tempo no descampado, o rosto virado para o céu, antes de voltar para o carro. Ele dá um violento puxão na porta quebrada, joga-a na vala e se senta novamente no banco do passageiro.

— Eu me lembro dela — ele diz sem olhar para Joona. — Ela tinha a cabeça raspada, pálida como cera de vela. Ela foi mandada para a Escola Klockhammar. Depois do funeral, fiz sexo com ela no chão do corredor da casa paroquial. Não significou nada. Estávamos conversando e tomando café, e eu não estava com pressa de voltar para casa.

Joona não diz uma palavra, ciente de que, embora a fotografia tenha acionado a memória de Rocky, o fluxo de informações é finito. Ele poderia novamente perder o contato com seu passado a qualquer momento.

— Eu me lembro de tudo — Rocky diz com voz sonhadora. — Ela foi me procurar em Salem, foi aos cultos. Ela simplesmente estava lá, fazendo parte da minha vida, sem que eu de fato percebesse como isso aconteceu.

Ele se perde em pensamentos e com as mãos trêmulas tira um cigarro do maço. Seu cabelo áspero e grisalho está encrespado e as sobrancelhas grossas se esticam no alto do nariz.

— Eu sou padre — ele diz por fim. — Mas também sou homem. Faço coisas das quais nem sempre me orgulho. Eu não sou do tipo namorado perfeito, faço sempre questão de ser claro quanto a isso, nunca fui fiel ou...

Ele fica em silêncio novamente, como se a força de suas lembranças tivesse tirado seu fôlego.

— Às vezes eu dormia com ela, às vezes ela tinha que esperar. Eu nunca prometi nada. Eu não queria a porra dos sermões dela. Eu me lembro, era sempre sobre eu tomar cuidado com mulheres promíscuas... “A casa dela é o caminho para o inferno.”

O carro sacode quando um ônibus passa, e Joona vê Rocky fitando o outro lado do campo e do lago, os olhos fixos em um arvoredo distante.

— Quando eu disse a ela que estava tudo terminado, ela desapareceu — ele continuou. — Mas eu sabia que ela ainda estava espreitando do lado de fora da

casa paroquial. Eu abri a porta e gritei para a escuridão, dizendo a ela para me deixar em paz.

Ele para de falar novamente e Joona espera em silêncio.

— Na noite seguinte, ela foi à igreja com vinte cápsulas de heroína branca e tudo começou de novo. Foi rápido pra caralho — ele diz, lançando um olhar sombrio para Joona. — Fiquei viciado instantaneamente. Compartilhávamos agulhas e ela me seguia por toda parte, falando sobre Deus, pregando. Ela afundou na sordidez comigo, queria estar comigo, queria fazer parte de mim. — Ele balança a cabeça e esfrega o rosto.

— Nós frequentávamos a Zona. Eu não dava a mínima para a pregação toda dela. Eram principalmente interpretações extremistas da Bíblia, provas de que deveríamos nos casar... uma visão de mundo inteira em que um Deus ciumento provava que ela estava certa.

Um vestígio de dor brilha nos olhos de Rocky quando ele encara Joona com um olhar tenebroso.

— Eu era um drogado estúpido. Eu disse a ela que amava Natalia. Não era verdade, mas ainda assim eu falei.

Toda a energia se esvai dele e seu queixo afunda no peito.

— Natalia tinha mãos tão bonitas — ele diz, depois silencia.

O rosto de Rocky fica repentinamente muito pálido, e ele fita os descampados. Sua testa está brilhando de suor e uma gota cai do nariz em seu peito.

— Você estava falando sobre Natalia — Joona diz depois de algum tempo.

— O quê?

Rocky olha para ele sem entender, inclina a cabeça para fora do carro e cospe na grama. Um carro rebocando um trailer carregado de polpa de madeira passa por eles.

— Nelly mostrou as fotos das pessoas que ela planejava matar — Joona continua. — Mas Natalia teve que morrer na sua frente.

Rocky balança a cabeça.

— Tudo o que sei é que Deus me perdeu em algum lugar ao longo do caminho e nunca voltou para me procurar — ele murmura com voz rouca.

Joona não diz mais nada. Pega o celular e liga de novo para o número de Erik, mas não consegue falar.

Ele liga para Margot, porém desiste depois de dez toques.

Agora ele sabe quem é o pregador, mas não consegue provar nada, e ele não tem nada para dar à polícia. Há uma chance de que Margot possa ouvi-lo, mas talvez ele tenha ido longe demais quando libertou Rocky da cadeia.

Joona tenta entender por que Nelly está perseguindo Erik. Isso devia estar acontecendo por anos a fio. Não vai acabar bem.

Eles seguem viagem de novo, levantando uma nuvem de cascalho atrás dos pneus. O carro se enche com um vento estrondoso e sacolejante.

Enquanto acelera o carro o máximo possível, Joona tenta conceber em sua mente uma imagem clara da serial killer. Depois de Nelly fazer sexo com Rocky após o funeral do pai, ela transferiu para Rocky suas afeições. Ela o seguiu, ela o perseguiu, tornou-se parte da vida dele, tentou controlá-lo com drogas e matou as mulheres que ameaçavam sua união com ele. Ela tornou a vida impossível para Rocky, tomando providências para que fosse o principal suspeito do assassinato de Rebecka Hansson. No fim, ela o manteve trancado em uma jaula, o abastecia de heroína, e achou que era sua dona e o possuía por completo, mas aí ele conseguiu escapar. Ele roubou um carro em Finsta e bateu a caminho de Arlanda. O acidente o deixou com sérias lesões cerebrais. Ele perdeu todo o encanto para ela e acabou sendo condenado a cumprir pena no isolamento de uma unidade psiquiátrica de segurança máxima.

Talvez Nelly tenha visto Erik pela primeira vez quando ele foi convocado como testemunha especialista durante o julgamento de Rocky.

Joona estremece ao pensar que Nelly provavelmente começou a perseguir Erik havia muito, muito tempo, aproximando-se dele lentamente e de forma sistemática.

Ela estudou e obteve suas qualificações, arranhou um emprego no mesmo lugar que ele, casou-se com Martin e apoiou Erik durante sua separação de Simone.

Depois do divórcio, sua noção de posse ganhou mais força, e ela começou a vigiá-lo atentamente. Não podia suportar nenhum sinal de competição e desenvolveu um ciúme patológico. Ela provavelmente queria que ele a escolhesse por vontade própria, achava que ele não teria olhos para mais ninguém, mas quando isso não aconteceu, algo se quebrou dentro dela, e Nelly teve que agir de modo a impedir seu próprio desmoronamento.

Quando Erik iniciou um caso amoroso com Maria Carlsson, Nelly provavelmente pensou que tudo ficaria bem se ela pudesse se livrar da rival.

Um stalker sempre desenvolve em sua imaginação um relacionamento com sua vítima, um relacionamento que eles se convencem de que é real e recíproco.

Em sua mente, pode ser que Nelly acreditasse que tinha uma vida com Erik, e quando ela o viu traindo-a com Maria Carlsson, atraído por Sandra Lundgren, flertando com Susanna Kern, e talvez apenas sorrindo para Katryna Youssef, uma fera cruel despertou.

Joona pega a saída para Malmköping, para no estacionamento externo da Serviços de Construção e Pisos Lindholm e muda para um carro melhor.

Eles seguem pela rodovia E20 a cento e noventa quilômetros por hora quando Margot liga do seu número privativo.

— Há um mandado para sua prisão, você sabia disso? — ela pergunta.

— Eu sei, mas...

— Você vai acabar na cadeia por isso — ela o corta.

— Valeu a pena — ele responde.

Seguem-se alguns segundos de silêncio.

— Agora eu percebo por que você é um detetive melhor do que eu — Margot diz em voz baixa.

— Nossa equipe de peritos forenses encontrou fios de cabelo de Erik no banheiro de Sandra Lundgren. Nós já temos as impressões digitais dele na cabeça do cervo. Ele está ligado a todas as vítimas. Ele tem milhares de horas de gravações de vídeo em seu porão e...

— É demais — Joona diz.

— A análise do sangue no carro de Erik mostrou que era de Susanna Kern. E agora está ficando demais até mesmo para mim — ela diz com voz pesada.

— Que bom — Joona diz.

— Isso não faz sentido. Todos os quatro assassinatos mostram claros sinais de consciência forense. E Erik é médico. Alguém assim não acaba com sangue em seu próprio carro. Alguém deixou esses vestígios de sangue no banco de trás para incriminá-lo.

— Você conheceu o verdadeiro assassino — Joona diz.

— É Nestor?

— É Nelly Brandt. Ela é a pregadora.

— Você parece ter certeza — Margot diz.

— É do Erik que ela está atrás. Ele é o único a quem ela está perseguindo. As vítimas são apenas rivais na cabeça dela.

— Se você tiver certeza disso, organizo uma operação imediatamente — Margot diz. — Nós vamos fazer uma busca na casa dela e no local de trabalho ao mesmo tempo.

Joona segue em direção a Estocolmo enquanto pensa em como Nelly perseguiu e espreitou Erik durante anos, mapeando a vida de qualquer mulher por quem ele demonstrasse interesse, tentando entender o que a outra tinha que ela não era capaz

de oferecer. Ela as via exibindo suas joias, seus lábios pintados, suas unhas bonitas e queria tomar isso delas, puni-las e depois enfatizar as orelhas nuas ou mãos feias das rivais.

Mas quando isso não foi o bastante, ela tentou tirar o mundo inteiro dele. Tal qual Ártemis com seus cães, ela organizou uma caçada. Ela é uma caçadora habilidosa, Jooná pensa. Ela isola a presa, fere, atormenta e age para capturá-la até que haja apenas uma saída.

Sua intenção era que Erik percebesse que tudo apontava para ele e decidisse fugir antes de ser capturado pela polícia. Todo mundo passaria a evitá-lo, até que no fim ele recorrerá à única pessoa que ainda estava disposta a ajudá-lo.

Se ele não foi pego pela polícia até agora, Jooná pensa, deve ter procurado a proteção de Nelly.

Jackie está se sentindo inquieta. Ela vai para a cozinha e pensa em pegar algo para comer, mesmo que na verdade não esteja com muita fome. Talvez devesse apenas tomar uma xícara de chá.

Com uma das mãos ela toca o balcão, tateando ao longo dos azulejos, passando pelo grande pilão de pedra. Ela encontra o pote de folhas de chá com o pequeno puxador de vidro.

Suas mãos param.

Ela refaz o caminho de volta para o pilão. O pesado socador não está descansando no almofariz, como de hábito.

Jackie corre os dedos por toda a bancada, mas não consegue encontrá-lo. Ela acha que terá que perguntar a Maddy sobre isso, assim que as coisas entre as duas se acalmarem.

Ela sufoca um bocejo e enche a chaleira com água.

Durante os dias que se seguiram à briga com Erik, Maddy continuou dizendo que ele estava triste e que agora nunca mais ia querer voltar para elas. A menina tentou explicar para a mãe que todo mundo esquece as coisas. Ela disse que vive se esquecendo de muitas coisas e começou uma longa descrição de como já tinha esquecido chaves, anotações e chuteiras de futebol.

Jackie tentou explicar que ela não estava mais com raiva, que não é culpa de ninguém quando as coisas não dão certo entre dois adultos. Mas então a caça às bruxas da mídia começou.

Jackie não contou para a filha por que razão ela a está mantendo em casa sem ir à escola. Ela adiou todas as suas aulas com os alunos particulares e cancelou todo o seu trabalho como organista.

Para que os dias passassem e ela não pensasse tanto, dedicava todas as horas de vigília ao piano, praticando escalas e fazendo exercícios com os dedos até se sentir mal e os cotovelos doerem a ponto de precisar tomar analgésicos.

Obviamente ela não contou à filha o que estão dizendo sobre Erik no noticiário.

A menina nunca seria capaz de entender.

A própria Jackie não consegue entender.

Ela não ouve mais a televisão. Não suporta as especulações.

Maddy parou de falar sobre Erik agora, mas ainda está muito deprimida. Ela tem assistido a programas de TV para crianças pequenas, e Jackie tem a sensação de que ela voltou a chupar o dedo.

Jackie sente um nó de ansiedade na boca do estômago quando pensa em como perdeu a paciência com Maddy quando a menina não quis tocar piano hoje. Ela disse que a filha estava agindo como um bebê, e Maddy começou a chorar e gritou que nunca mais a ajudaria em nada.

Agora Maddy está se escondendo em seu guarda-roupa, e não responde quando Jackie tenta falar com ela.

Eu tenho que mostrar que ela não precisa ser perfeita, Jackie pensa. Que eu a amo aconteça o que acontecer, que isso é incondicional.

Ela caminha ao longo do corredor frio até a sala de estar, inundada pela luz do sol que se parece com riscas de água quente. Sabe que o piano vai estar morno como um grande animal vivo.

Na rua, alguma obra está em andamento. Ela pode sentir sob os pés descalços a vibração abafada das enormes máquinas e ouve as velhas vidraças tremerem nos caixilhos.

No meio do assoalho de madeira, ela sente algo pegajoso sob o calcanhar. Maddy deve ter derramado um pouco de suco. Há um cheiro mofado e rançoso na sala, como urtigas e terra úmida.

Uma sensação de perigo, elétrica e inquieta, explode dentro dela, e um arrepio percorre sua espinha até o pescoço.

Não é de surpreender que ela esteja abalada depois de tudo o que aconteceu. As coisas que estão sendo ditas sobre Erik são terríveis, ela pensa, enquanto imagina que acabou de ouvir algo na janela de frente para o pátio.

Ela aguça os ouvidos e caminha para mais perto do vidro. Tudo está quieto, mas alguém pode facilmente estar lá, olhando para ela quando as cortinas estão abertas.

Ela se move com cautela em direção à janela e estende a mão para tocar o vidro. Ela fecha as cortinas.

Jackie vai até o piano, senta-se na banquetta, levanta a tampa do teclado, acomoda-se mais confortavelmente, abaixa as mãos e sente alguma coisa sobre as teclas.

É um pedaço de tecido.

Ela o pega e o toca. É um tipo de pano ou cachecol.

Maddy deve ter colocado ali.

É uma complicada peça de bordado. Com as pontas dos dedos ela segue o padrão dos pontos.

Parece ser alguma espécie de animal, com quatro patas e asas ou penas nas costas.

Ela se levanta devagar, e todo o seu corpo fica frio, como se tivesse acabado de cair por entre o gelo quebrado.

Há alguém na sala.

Ela sentiu isso um momento atrás, agora mesmo.

O assoalho de parquet range atrás das costas dela sob o peso de um corpo adulto.

Uma sensação de perigo absoluto faz o mundo encolher para um ponto compacto em que ela está completamente sozinha com seu terror.

— Erik? — ela diz sem se virar.

Alguma coisa farfalha lentamente, e a vibração do chão faz a fruteira vazia sobre a mesa chocalhar.

— É você, Erik? — ela pergunta, tentando manter o tom de voz calmo e uniforme. — Você não pode simplesmente aparecer assim.

Ela se vira e ouve o som de uma respiração desconhecida, superficial e agitada.

Jackie se desloca lentamente em direção à porta.

Ele permanece onde está, mas há uma espécie de rangido, como se estivesse usando roupas de plástico ou borracha.

— Podemos conversar e resolver tudo — ela diz com evidente medo. — Eu exagerei, sei que exagerei. Eu queria ligar para você.

Ele não responde, apenas muda o peso de um pé para o outro. Debaixo dele o chão emite um ruído áspero.

— Não estou mais zangada. Eu penso em você o tempo todo... vai ficar tudo bem — ela diz num fiapo de voz.

Ela vai para o corredor, pensando que tem que sair, que tem que atrair Erik para fora do apartamento, longe de Maddy.

— Vamos nos sentar na cozinha. A Maddy ainda não chegou em casa — ela mente.

Há um súbito baque no chão. Ele está correndo na direção de Jackie, e ela levanta a mão para detê-lo.

Algo duro atinge o braço erguido. Resvala no cotovelo de Jackie, que cambaleia para trás.

O jorro de adrenalina correndo por suas veias significa que ela nem sequer percebe a dor em seu braço.

Jackie recua, segurando o braço machucado. Ela se vira e dá uma topada contra a parede, depois bate os joelhos na mesinha de centro, agarra a tigela de vidro que Maddy geralmente usa para fazer pipoca e a usa para desferir um violento ataque. Ela o atinge e deixa cair a tigela.

Ele cai para a frente em cima de Jackie, e ela bate as costas contra a estante de livros.

Ela pode sentir a capa de chuva dele roçando seu corpo. Ela o afasta com as duas mãos e sente no rosto o cheiro da respiração amarga.

Livros caem com estrondo no chão.

Não é Erik, ela pensa.

Este não é o cheiro dele.

Ela corre, a mão deslizando pela parede, e chega à porta da frente. Com as mãos trêmulas, começa a girar a fechadura.

Passos pesados aproximam-se por trás.

Ela abre a porta, mas algo tilinta, e a porta dá um solavanco e volta à mesma posição.

A corrente de segurança, ela esqueceu a corrente de segurança.

Ela fecha a porta e se atrapalha tateando a corrente, mas está nervosa e trêmula demais e não consegue soltá-la.

A pessoa que quer matá-la está chegando mais perto, fazendo um som ronronante na garganta.

Jackie usa os dedos e empurra para o lado a corrente enroscada que, de repente, se solta. Ela abre a porta e sai trôpega para a escada. Quase cai, mas consegue alcançar a porta do vizinho e bate nela com a palma da mão.

— Abra a porta! — Jackie grita.

Ela sente movimento atrás dela, vira o corpo e coloca os braços na frente do rosto para se proteger do golpe.

Jackie cai contra a porta do vizinho. O sangue corre por sua bochecha, e ela exala um suspiro profundo quando a pancada derruba sua cabeça para o lado.

Um gosto amargo desabrocha em sua boca.

De onde ele está deitado, Erik ouve o som do motor, o monótono ruído dos pneus tamborilando a estrada e os pequenos e involuntários suspiros de Nelly enquanto ela se concentra no trânsito.

Depois de Sickla Strand, ela dirigiu por vinte minutos ao redor do centro de Estocolmo, fazendo muitas voltas e mudando de pista com frequência. Em seguida ela parou e saiu do carro, dizendo que precisava pegar algumas coisas se ele ia ficar na casa dela. Ela demorou um bocado de tempo. Erik ficou lá completamente escondido debaixo do cobertor, vez por outra mudando de posição com muito cuidado, esperando. Ele adormeceu no calor do carro, mas acordou abruptamente ao som de vozes do lado de fora.

Aparentemente eram dois homens discutindo sobre algo. Erik tentou ouvir o que eles estavam dizendo. Achou que pareciam policiais, mas não tinha certeza.

Erik permaneceu imóvel com o pesado cobertor nas costas, tentando respirar com cautela. Todo o seu lado direito ficou dormente, mas ele não ousou mudar de posição até muito tempo depois que as vozes sumiram.

Após outros quarenta minutos mais ou menos, Nelly voltou. Ele a ouviu abrir o porta-malas do carro e gemer quando colocou dentro uma pesada bagagem. O carro balançou, e em seguida ela entrou e se sentou no banco do motorista. Ligou o motor, e a *Sinfonia dos salmos*, de Igor Stravinski, encheu o carro.

Assim que pegaram a estrada, Erik levantou o cobertor do rosto. Com voz animada, Nelly começou a dizer, gritando por cima da música, que ela devia estar louca de fazer aquilo, mas que tinha passado por uma séria fase punk aos dezesseis anos, e talvez aquela fosse a sua maneira de finalmente satisfazer seu desejo de vingança contra os policiais e todos os outros fascistas.

Depois de dirigir por mais de uma hora, ela diminui a velocidade.

Com uma guinada abrupta, o carro entra em uma trilha acidentada. Pedriscos batem contra o chassi. Ela diminui ainda mais, e Erik ouve galhos raspando contra o teto e as janelas. O carro sacoleja ao passar por torrões de terra e buracos, e por fim para. Há um clique quando o freio de mão é puxado, e depois, silêncio.

A porta do motorista se abre, e quando o ar frio carregando uma pitada de diesel chega até Erik, ele finalmente ousa sentar-se no banco de trás. Atordoadado, ele olha

para as ruínas tomadas pelo mato e vê um céu branco, copas de árvores frondosas e vastos campos sem cultivo.

Eles estão bem no interior do país. Gafanhotos chilreiam na grama alta. Nelly olha para ele com olhos brilhantes. Seu vestido verde-floral está vincado ao redor de suas coxas, e fios de cabelo loiro escaparam do lenço que cobre sua cabeça. Uma de suas bochechas parece estranhamente vermelha, como se tivesse sido golpeada. Tudo está tão quieto e há tão pouco vento que Erik pode ouvir os penduricalhos na pulseira de Nelly quando ela ajeita a bolsa no ombro.

Erik abre a porta e pisa com cuidado na grama. A camiseta agora está seca, e todo o seu corpo dói.

Nelly estacionou em um pátio coberto de vegetação. Vê-se uma casa amarela de dois andares no meio das ruínas de algum tipo de fábrica. Uma chaminé de tijolos altos ergue-se de um forno enegrecido de fuligem. Os edifícios são cercados por ervas daninhas e, através da grama alta, ele consegue entrever os resquícios de uma enorme malha de dormentes ferroviários.

— Vamos, vamos para dentro — Nelly diz, lambendo os lábios.

— Isto aqui é Solbacken? — Erik pergunta, surpreso.

— Legal, não é? — ela diz e ri.

Estilhaços de vidro cintilam no pátio, e caídos na grama alta há tijolos e chapas de aço corrugado pretas de fuligem. Os alicerces de alguns dos edifícios desabaram por cima de seus porões, e os poços de elevador parecem piscinas vazias com ervas daninhas crescendo no fundo e arcadas de tijolos levando a túneis subterrâneos.

Uma velha máquina de lavar é visível em meio a um punhado de olmos jovens, junto com algumas cadeiras de plástico sujas e um par de pneus de trator.

— Agora quero te mostrar a casa. Eu amo este lugar. — Com um sorriso satisfeito ela coloca a mão sob o braço dele.

A casa principal está cercada por urtigas verde-escuras. Uma calha se soltou e repousa em cima do telhado da varanda.

— É muito bonita por dentro — Nelly diz, tentando puxar Erik.

O chão balança e de súbito ele se sente doente. Ele se vê olhando para uma poça de água marrom com um reflexo de óleo em sua superfície.

— Como você está se sentindo? — Nelly pergunta com um sorriso ansioso.

— É difícil entender tudo... o fato de que estou aqui agora — ele responde.

— Vamos para dentro — ela diz, andando em direção à casa sem tirar os olhos dele.

— Eu hipnotizei Rocky hoje de manhã — Erik diz. — Ele se lembrou da pessoa que assassinou Rebecka Hansson. Ele disse o nome da igreja onde eles se conheceram.

— Temos que tentar contar isso para a polícia — ela diz.

— Eu não sei. Tudo...

— Venha, vamos entrar primeiro — ela o interrompe, e continua andando.

— Eu não tive tempo para pensar. Eu apenas fugi — ele diz enquanto a segue pelo pátio.

— Claro — ela responde, distraída.

Um corvo alça voo e passa batendo as asas por sobre o telhado. Há punhados de folhas úmidas ao lado de um velho tambor de diesel com um imundo logotipo da Shell na lateral.

— Eu preciso encontrar uma maneira de me entregar — Erik diz.

Ele a segue ao longo de um caminho verde que alguém abriu pisando por entre as urtigas altas.

— Eles atiraram no Nestor na minha frente. Eu não posso acreditar — ele continua.

— Eu sei.

— Eles pensaram que ele era eu e dispararam pela janela, usando franco-atiradores. Foi como uma maldita execução.

— Você pode me contar assim que entrarmos — Nelly diz com uma pequena linha de impaciência entre as sobrancelhas.

Encostada na parede entre as urtigas há uma pá de neve com o cabo quebrado. A pintura da varanda está descascando em grandes faixas, e uma das janelas está quebrada. Fazendo as vezes de vidraça, um pedaço de compensado cobre o buraco.

— Agora você está aqui, de qualquer forma — Nelly diz. — Você pode se sentir seguro. Fico feliz se você permanecer aqui pelo tempo que quiser.

— Talvez você precise entrar em contato com um advogado assim que tudo se acalmar — Erik sugere.

Ela meneia a cabeça e lambe os lábios novamente, depois enfia uma mecha de cabelo atrás do lenço.

— Depressa — ela diz.

— O que foi? — ele pergunta.

— Nada — ela diz rapidamente. — Eu só... você sabe... toda essa conversa sobre todo mundo caçando você. E às vezes os vizinhos aparecem quando veem que estou aqui.

Erik olha ao longo da trilha estreita na beira do campo. Não há outras casas à vista, apenas enormes descampados e uma faixa de floresta.

— Vamos — ela repete com um sorriso tenso, e pega o braço dele novamente. — Você precisa de algo para beber e algumas roupas quentes.

— Sim — ele concorda, e a segue ao longo do caminho.

— E eu vou fazer algo gostoso para comer.

Eles sobem os degraus até a pequena varanda. Há imundos sacos de lixo encostados na parede externa, ao lado de uma banheira de plástico cheia de garrafas e água da chuva. Nelly vira a chave na fechadura, abre a porta da frente e entra no corredor. Há um clique, mas nada além disso quando ela tenta acender a luz.

— Opa, preciso verificar a caixa de fusíveis — ela diz.

Pendurado em um cabide há um macacão azul coberto de manchas de óleo, ao lado de uma jaqueta prateada. Na sapateira há um par de tamancos surrados e algumas botas de trabalho com manchas pretas. Na parede acima de um pequeno sofá está pendurado um pano bordado com uma citação bíblica: PORQUE O AMOR É FORTE COMO A MORTE, CÂNTICOS DE SALOMÃO, 8:6 .

Um cheiro doce, de frango cru e frutas maduras, paira no ar.

— É uma casa velha — ela diz suavemente.

— Sim — Erik diz.

De repente, ele sente que precisa sair dali.

Nelly olha para ele com um sorriso, tão perto que ele pode ver que o pó compacto que ela passou no rosto instalou-se em anéis ao redor dos olhos.

— Você quer tomar um banho antes de comermos? — ela pergunta sem tirar os olhos dele.

— Eu pareço precisar de um? — ele brinca.

— Você é o melhor juiz do quanto você é impuro — ela responde em tom sério, e seus olhos brilhantes reluzem como vidro.

— Nelly, eu sou incrivelmente grato por tudo o que você...

— De qualquer forma, aqui está a cozinha — ela o interrompe.

Quando ela empurra a pesada porta ao lado do sofá, Erik ouve um rangido metálico.

O barulho se eleva algumas notas e depois cessa abruptamente.

Hesitante, ele a segue para dentro da sombria cozinha. Um fedor de comida estragada o atinge em cheio. Uma luz fraca penetra através das venezianas fechadas. É difícil enxergar alguma coisa. Nelly está abrindo a torneira.

Erik se detém junto à porta e sente um arrepio percorrer sua espinha. A cozinha inteira está atulhada de ferramentas enferrujadas e peças de motor, achas de lenha, sacos plásticos amassados, sapatos e panelas de comida velha.

— Nelly, o que aconteceu aqui?

— Como assim? — ela diz com voz suave enquanto enche um copo com água para ele.

— A cozinha toda.

Ela segue o olhar dele na direção do balcão e das venezianas fechadas. Três escuras lâmpadas de parafina projetam-se de uma gaveta da cozinha aberta.

— Alguém deve ter arrombado e entrado — ela diz, segurando o copo.

Erik adentra a cozinha, e mal chega perto de Nelly quando a porta da cozinha se fecha atrás dele com um forte estrondo. Erik gira sobre os calcanhares, o coração acelerado. A poderosa e descomunal mola de um mecanismo de fechamento automático canta metalicamente.

Nelly liga uma lanterna e a coloca a esmo em cima do balcão. O facho de luz brilha sobre as camadas de teias de aranha nas venezianas.

Erik tenta entender o que está vendo. Uma mosca graúda zumbe na cozinha e pousa na porta do porão. Em um dos batentes está pendurada uma barra de ferro que parece funcionar como uma barreira.

— “A mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada” — Nelly sussurra.

— Nelly, não estou entendendo o que é tudo isto.

Há duas facas caídas no chão ao lado de um tapete surrado enrolado, a caixa de câmbio de um automóvel e um hinário sujo.

— Você está em casa — ela diz com um sorriso.

— Obrigado, mas eu...

— A porta é aquela ali — ela aponta.

— Porta? — ele repete, sem entender.

— É melhor você descer por conta própria — ela diz, segurando o copo de água.

— Descer para onde?

— Ora, não discuta. — Ela dá uma risadinha.

— Você acha que eu preciso me esconder no porão?

Ela faz que sim com a cabeça, ansiosamente.

— Não é um pouco exagerado? Eu não acho...

— Fique quieto! — ela grita, e joga o copo de água nele.

O vidro bate na parede atrás de Erik, cai no chão e se quebra. Ele sente a água respingar em suas pernas e pés.

— O que você está fazendo?

— Desculpe, estou só um pouco estressada. — Ela esfrega a testa.

Ele meneia a cabeça, caminha até a porta da entrada e puxa a maçaneta, mas o poderoso mecanismo de mola a trancou. Não há chave na fechadura. A adrenalina inunda o corpo de Erik quando ele ouve Nelly aproximar-se por trás. Ele dá um puxão na porta, mas ela não se move um milímetro.

— Eu só quero que você faça o que eu digo — Nelly explica.

— Bom, eu não vou descer pra porra nenhuma de...

Erik não consegue entender o que está acontecendo, mas algo o atinge nas costas, e todo o ar sai dele quando sua testa bate na porta. Ele tomba para o lado. A sensação é de uma cãibra no ombro esquerdo, e em seguida ele percebe o líquido quente escorrendo pelas costas.

Ele olha para baixo e vê salpicos de sangue na imundície do chão de linóleo, vira-se para encarar Nelly e percebe que ela o acertou com um pedaço de madeira, que agora está no chão junto aos pés dela.

— Desculpe, Erik — ela diz, a voz entrecortada. — Eu não queria...

— Nelly? — ele ofega. — Você me machucou.

— Sim, eu sei. Mas estou ajudando você. Não há nada com que se preocupar.

— Eu não fiz o que eles estão dizendo a meu respeito — ele tenta explicar.

— Não?

Ele se move para o lado, depois se vira novamente para Nelly e vê que ela pegou um pesado pé de cabra sobre o balcão.

— Você não entende? Eu sou inocente!

Ele recua e esbarra na mesa, em cima da qual há uma tigela cheia de água ensaboada suja. A água espirra para o lado e borrifava o chão.

Nelly se lança rapidamente para cima dele e ataca. Erik bloqueia o golpe com o braço inferior. Dói tanto que ele quase desmaia, depois cambaleia para trás e se choca com a porta azul-clara da despensa.

Ela desfere outra pancada, mas erra a cabeça de Erik. Lascas voam da borda da porta. Erik se inclina para o lado e consegue derrubar uma bandeja com potes vazios de geleia, que rolam pelo balcão e caem no chão, espalhando cacos de vidro.

— Nelly, pare com isso! — ele diz, ofegante.

Seu braço provavelmente está quebrado. Ele tem que segurá-lo com a outra mão.

Com um olhar de intensa concentração, Nelly o persegue. Erik joga a cabeça para trás e ela vira o corpo e ataca novamente. O pé de cabra erra o rosto e passa roçando pela ponta do nariz dele. A nuca de Erik bate numa porta aberta do armário. Ele tenta se afastar, mas pisa em um caco de vidro quando ela ataca novamente.

Ele bloqueia com o braço quebrado o poderoso golpe e grita de dor. Sua visão escurece por um momento e suas pernas cedem. Ele cai de joelhos. Encara o chão imundo e o sangue escorrendo pelo braço machucado.

— Pare, apenas pare — ele implora, e tenta se levantar, mas a pancada seguinte o atinge na têmpora.

A cabeça de Erik está caída de lado. Tudo silencia dentro dele, como se tivesse simplesmente parado.

Ele tateia em busca de apoio.

Seu campo de visão se contrai em um túnel estreito. A cozinha encolhe quando Nelly se inclina para a frente e sorri para ele.

Erik tenta se levantar. Percebe que deve ter pisado em mais vidro, porque sente a dor como uma coceira distante, muito longe, sob o pé, no chão em algum lugar.

Ele tomba para trás, rola para o lado e fica arquejando, o rosto colado ao chão.

— Ah, Deus...

— “E o homem justo e íntegro é motivo de riso” — ela resmunga. — “Pergunta, porém, aos animais.”

Através de seu limitado campo de visão, Erik vê Nelly abrir a porta do porão e enfiar com o pé uma cunha embaixo dela.

Ele sente o perfume de Nelly quando ela se inclina, agarra-o pelas axilas e o puxa pelo chão. Ele está completamente impotente. Seus pés pendem, bambos, deixando um rastro de sangue pelo chão.

— Não faça isso — Erik implora, ofegante.

Enquanto ela o arrasta para a escada, ele tenta se agarrar a um armário, mas não consegue. O sangue escorre por sua bochecha, garganta e pescoço. Ele tenta segurar o batente da porta, mas está fraco demais para resistir.

Nelly desce de costas as escadas, arrastando Erik escuridão adentro. Os pés dele caem pesadamente a cada degrau.

Erik mal consegue enxergar qualquer coisa, apenas sente a dor aguda no braço a cada degrau. Muito acima dele, consegue vislumbrar o brilho da lanterna. Por fim ele perde a consciência.

Quando abre os olhos na escuridão, Erik percebe o cheiro de excremento e podridão. Sente uma dor excruciante no braço direito, e sua cabeça está latejando.

Ele não consegue enxergar nada, e uma onda de pânico se espalha por seus pensamentos. Ele não consegue entender o que aconteceu, e todo o seu corpo se sente tenso, alerta, pronto para o voo.

Tem vontade de pedir ajuda, mas se obriga a ficar imóvel e escutar. O aposento está completamente silencioso.

De tempos em tempos ele ouve um som vago e ruidoso, como o vento em uma chaminé.

Ele toca com cuidado o braço ferido e constata que está embrulhado em papel. Seu coração bate mais rápido.

Isto é loucura, ele pensa. Nelly me bateu. Meu braço provavelmente está quebrado.

Quando ele tenta rolar para o lado, pode sentir o sangue seco grudando seu cabelo e bochecha no colchão.

Ele levanta a cabeça e fica ofegante de tontura. Sua têmpora lateja quando ele faz força para ficar de joelhos.

O esforço o obriga a respirar com vigor pelo nariz, e ele apura os ouvidos novamente, mas não consegue escutar nenhum movimento, nenhum som de respiração além da sua.

Ele fita a escuridão e pisca, porém seus olhos não se acostumam com o breu.

A menos que eu tenha ficado cego, este lugar é totalmente desprovido de luz, ele pensa.

Agora ele se lembra de ter sido arrastado por um íngreme lance de escadas até um porão antes de desmaiar.

Ele se levanta segurando o braço ferido bem rente ao corpo, mas antes que consiga se endireitar, sua cabeça bate em alguma coisa.

Há um leve tinido de metal.

Agachando-se, ele rasteja para a frente com a mão estendida, mas avança apenas dois degraus antes de chegar a algumas barras de metal.

Alguma coisa molhada aparece de repente sob um de seus pés.

Tateando as barras, ele tenta abrir caminho e chega a um canto.

É uma jaula. Ele continua se movendo de um lado para o outro, pisando em algo que parece um cobertor. Apalpa as grades com a mão boa, passando os dedos pelas barras grossas, esquadrinhando os cantos. Tudo foi fundido. Com os dedos, pode sentir as juntas encaroçadas no ponto onde as barras foram soldadas às grades no chão e no teto da jaula.

Nelly, ele pensa. De alguma forma ela é a pregadora impura. Uma assassina em série, uma stalker.

Ele fica de pé sobre o colchão e seus dedos encontram o trinco. Há um chocalho surdo quando ele o empurra, e a jaula balança ao seu redor.

Ele estica os dedos e sente o enorme cadeado, torce-o e tenta puxá-lo, mas logo se torna óbvio que é impossível quebrar a fechadura, nem mesmo se tivesse um pé de cabra.

Erik se ajoelha novamente e tenta respirar com calma. Ele se inclina sobre a mão esquerda e fecha os olhos na escuridão quando um som o sobressalta. A porta da cozinha está se abrindo.

Degraus rangem na escadaria, e uma réstia de luz fica cada vez maior.

Alguém está descendo, segurando uma lanterna.

Ele se inclina para a frente e vê o vestido verde em volta das pernas de Nelly.

O facho da lanterna ilumina os degraus e a parede, onde um pedaço grande de gesso caiu. O corrimão está solto e um pouco mais de argamassa cai quando ela se apoia nele.

Erik sente que vai vomitar.

Ela matou Maria Carlsson, Sandra Lundgren, Susanna Kern e Katryna Youssef — mulheres completamente inocentes com as quais ele por acaso teve contato.

Nelly chegou ao fundo agora. A luz passa roçando por Erik, e ele vê que a jaula é feita de malha de reforço soldada em um padrão de grades com espaçamento curto entre as barras. A pesada fechadura é feita de aço escovado, lacrando uma trava cujo material tem uma dupla camada entrelaçada com ganchos soldados.

Sombras deslizam pelas paredes do porão quando Nelly para e olha para ele.

O rosto dela está corado de agitação e ela está ofegante. Erik vê que a mão esquerda de Nelly está marrom da ferrugem da malha de metal. A camiseta dele está rasgada, os farrapos pendurados em volta da cintura.

— Não tenha medo — ela diz, puxando uma cadeira de escritório em direção à jaula. — Eu sei, neste exato momento você está tentando entender como tudo isto se encaixa, mas não há pressa.

Sem tirar os olhos dele, ela coloca a lanterna sobre uma velha mesa da cozinha. Erik vê a luz subir a parede rente às escadas e, em sua luz indireta, é capaz de distinguir o restante do cômodo.

Ao lado dele há um colchão velho. O tecido listrado está salpicado de manchas escuras no meio, como se alguém tivesse passado um longo tempo deitado sobre ele.

No outro canto há um balde de plástico desbotado cheio de água escura, ao lado de um prato de porcelana com um padrão floral desgastado e uma trama de finas rachaduras.

Esta deve ser a jaula de que Rocky falou.

Ele ficou sete meses aqui antes de conseguir escapar.

Ele saiu da jaula e roubou um carro em Finsta, apenas para sofrer um acidente e acabar sendo condenado pelo assassinato de Rebecka.

Nas sombras do lado de fora da jaula, Erik pode ver ratos mortos e uma pilha de pedaços de madeira com pontas pretas de fuligem.

A bolsa preta de Nelly está embaixo da mesa.

Erik afasta o cabelo dos olhos, pensando que tem que falar com ela, tornar-se algo mais do que apenas outra vítima.

— Nelly — ele diz com voz fraca —, o que estou fazendo aqui?

— Eu estou protegendo você — ela diz.

Ele tosse e pensa que precisa falar com a voz habitual, para soar como o colega de Nelly do Karolinska. Ele não pode parecer medroso, desumanizado.

— Por que você acha que eu preciso ser protegido?

— Muitas razões — ela sussurra com um sorriso.

Uma parte do cabelo loiro dela escorregou do lenço, e seu vestido fino tem manchas escuras de suor sob os braços e no peito.

Ela diz que está me protegendo, ele pensa. Ela não me trouxe aqui para me matar.

Rocky ficou sentado nesta jaula e não foi torturado nem mutilado, apesar de possivelmente ter sido castigado com críticas verbais e espancamentos.

Teias de aranha velhas pendem das grades rente ao chão. Ele olha para a abertura escura no outro extremo da jaula. Uma leve brisa ao longo do chão parece estar vindo de um túnel.

Ele precisa pensar.

Foi ela a pessoa que colocou a polícia na cola dele. Ela sabia que ele fugiria, mas não teria para onde ir, e que, mais cedo ou mais tarde, recorreria a ela por vontade própria.

Foi ele quem ligou para ela e implorou para vir para cá.

Era isso o que ela queria. Não havia nada de coincidência, tudo se encaixa muito bem. Ela o estava perseguindo.

Ela tem estado perto dele por tanto tempo que poderia ter previsto cada movimento que ele faria, e teria sido capaz de manipular todas as evidências para

fazê-lo parecer culpado.

Pode ser que ele fique preso aqui até morrer.

Porque ninguém sabe onde ele está.

Joona está procurando no lugar errado. A igreja de Sköldinge é apenas uma confusão de memórias no cérebro de Rocky.

A família e os amigos de Erik e o resto do mundo se lembrarão dele como um assassino em série que desapareceu sem deixar vestígios.

Nelly se inclina para a frente e olha para Erik com uma expressão que ele não consegue interpretar. Seus olhos claros são como globos de porcelana brilhantes.

— Nelly, você e eu somos indivíduos racionais — Erik diz, ciente do tremor de medo em sua voz. — Nós nos respeitamos, e eu entendo que você não tinha a intenção de me machucar tanto.

— É tão doloroso quando você não faz o que eu digo — ela suspira.

— Eu sei que parece doloroso, mas é assim para todos. Faz parte da vida.

— Claro — ela diz, sem expressão.

Ela sussurra algo para si mesma e move um objeto sobre a mesa da cozinha. A areia cai sobre uma lâmina de vidro empoeirada, uma pequena imagem encostada na parede. É um contrato de cooperação emoldurado entre a Vidraria Emmaboda, a Saint-Gobain e a Fábrica de Vidros Solbacken.

— Meu braço está doendo muito e meu...

— Você está dizendo que precisa ir ao hospital agora? — ela pergunta com desdém.

— Sim, preciso fazer uma radiografia no meu braço e...

— Você vai ficar bem — ela o interrompe.

— Não com um hematoma epidural — ele diz, tocando o ferimento em sua têmpora. — Pode ser que eu esteja com sangramento arterial aqui, entre a dura-máter e o interior do meu crânio.

Ela olha para ele espantada, depois ri.

— Isso é patético pra caralho.

— Bem... estou apenas dizendo que, se é para eu ser feliz aqui, você vai ter que cuidar de mim, assegurar que eu esteja bem.

— Eu vou. Você tem tudo de que precisa.

Erik acha que alguém que é capaz de fazer o que Nelly fez tem uma fome emocional insaciável. Ela precisa desesperadamente controlar seu alvo e em um instante pode mudar de amor devotado para ódio inflamado.

— Nelly — ele pergunta, hesitante —, quanto tempo você está pensando em me manter trancado?

Ela sorri para o chão, envergonhada, depois lança na direção dele um olhar clemente.

— No começo você vai me implorar e talvez me ameaçar — ela diz. — Você vai prometer todo tipo de coisa. E logo vai tentar me manipular de diferentes maneiras dizendo que não está planejando escapar, que só quer me ajudar a varrer as escadas.

Ela ajeita o vestido e olha para ele em silêncio. Depois de um tempo, cruza as pernas e se move um pouco para que a luz da lanterna roce sua bochecha.

— Nelly, eu sou grato a você por me deixar ficar aqui, mas não gosto do porão. Eu não sei por que, mas é isso — Erik diz, porém não obtém resposta.

Ele olha para ela e tenta se lembrar de como se conheceram.

Ela devia estar em algum lugar por perto enquanto ele realizava a avaliação de Rocky, depois se candidatou a um emprego no departamento dele.

Como ela conseguiu?

O chefe de Recursos Humanos havia cometido suicídio. Isso foi logo depois que ela começou. De alguma forma ela deve tê-lo forçado a lhe dar o emprego e em seguida simplesmente o matou.

Nelly sempre foi engraçada e descontraída, falante, de uma forma encantadora e autodepreciativa.

Erik passou por um momento difícil quando se divorciou de Simone. Especialmente à noite, com todas aquelas longas horas insones. Nelly persuadiu-o a voltar a usar comprimidos. Ela deu a ele Valium, Rohypnol, Oxazepam e Citodon — todos os velhos remédios dos quais ele havia conseguido se livrar anos antes.

Eles bebiam e tomavam comprimidos juntos, não levavam a sério. Agora Erik não consegue entender no que estava pensando. Eles se beijaram e acabaram na cama. Ela insistiu em vestir uma camisola que Simone havia deixado para trás, e ele tentou não demonstrar o quanto se sentiu desconfortável com isso.

Agora ele se lembra de algo que aconteceu havia muito pouco tempo. Tinha sido um dia extraordinariamente difícil. Um de seus pacientes foi detido e colocado em uma camisa de força, e ele passara horas com os familiares dele ouvindo suas recriminações. Depois disso, ficou tão cansado e era tão tarde que decidiu permanecer na clínica e dormir em seu beliche.

Nelly também estava lá, fazendo hora extra. Ela lhe deu um comprimido e depois serviu bebidas.

Ele deve ter tomado medicamentos demais ou bebido além da conta, porque rapidamente caiu em um sono profundo.

Ele sabe que dormiu por um longo tempo, e muito profundamente, e que, antes de ir embora, Nelly o ajudou a se despir.

Mas ele sonhou que alguém o estava beijando e lambendo seus lábios fechados.

Em seu sonho, Nelly voltou. Ela tinha a língua perfurada e colocou o pênis dele na boca. Depois ele sonhou que um cervo entrou em seu escritório, da mesma forma que Nelly havia entrado, e passou ao lado do beliche para ficar de pé atrás do abajur, levantando a cabeça e olhando para ele com olhos tímidos.

No sonho, Erik não conseguia dormir. A luz se infiltrou através de seus cílios e ele pôde ver Nelly. Ela estava de joelhos, pressionando na mão dele um objeto duro e frio. Era uma pequena cabeça de cervo de porcelana marrom.

Agora ela está sentada ali em silêncio, observando-o.

Depois de um tempo, ela tira de um saco de lixo algumas roupas meticulosamente dobradas e as coloca no colo.

— Essas roupas são para mim?

— Sim, desculpe — ela diz, enrolando as peças de roupa e passando-as para ele através das grades.

— Obrigado.

Ele desdobra uma calça jeans suja com manchas de barro nos joelhos, e uma camiseta desbotada com as palavras SAAB 39 GRIPEN no peito. As roupas estão úmidas e cheiram a suor, mas Erik tira a camiseta e se troca com muita cautela.

— Você tem uma barriga bonitinha — ela diz, e dá uma risadinha.

— Tenho, não é mesmo? — ele diz baixinho.

Com um gesto provocante, ela levanta o queixo e solta o lenço que cobre sua cabeça. Seu cabelo loiro está duro de sangue. Ele se força a encará-la, sem desviar o olhar, embora seu batimento cardíaco esteja acelerando de medo.

— Nelly, estamos juntos — ele diz, engolindo em seco. — Nós sempre estivemos juntos, mas eu estava esperando, porque achei que você estava com o Martin.

— Com o Martin? Mas... você não pode ter pensado que aquilo significava alguma coisa — ela diz, corando.

— Vocês dois pareciam felizes.

A boca de Nelly fica séria e seus lábios tremem.

— Somos só você e eu — ela diz. — Sempre fomos nós dois.

Ele está com dificuldade para respirar, mas tenta dar a impressão de naturalidade quando fala.

— Eu não sabia se você estava arrependida do que aconteceu daquela vez...

— Nunca — ela sussurra.

— Nem eu. Eu sei que fiz algumas coisas bobas, mas só porque me senti abandonado.

— Mas...

— Porque eu sempre senti que tínhamos uma conexão especial, Nelly.

Ela enxuga as lágrimas dos olhos e desvia o olhar. Com um dedo trêmulo, esfrega o nariz.

— Eu não queria machucar você — ela diz.

— Eu não diria não para uns dois comprimidos de sulfato de morfina — ele diz em um tom mais claro.

— Tá bom — ela faz que sim com a cabeça, enxuga o rosto, em seguida se levanta e sai.

Assim que Nelly chega à cozinha, fecha a porta e coloca a pesada barra transversal, Erik começa a puxar a jaula. Ele emprega o máximo de força de que é capaz e consegue dobrar alguns milímetros o entrançado metálico, mas constata que as grades nunca vão ceder.

Ele chuta a jaula com as solas nuas, sente o metal queimar nos arcos dos seus pés e não ouve nada além de um baque sólido. Desesperado, ele se desloca de um lado para o outro e puxa a aresta, procurando um ponto fraco na construção, empurra o teto, mas não há lacunas em lugar algum, nenhuma solda solta nas juntas. Em seguida, ele se deita de barriga para baixo e estende a mão esquerda até conseguir alcançar com as pontas dos dedos um dos gravetos. Ele faz o pedaço de lenha rolar mais para perto até conseguir agarrá-lo e puxá-lo para dentro. Ele vai para o outro lado, estica o graveto e dá um jeito de alcançar a alça da bolsa Gucci de Nelly. Com cuidado, levanta o graveto, fazendo a bolsa deslizar para mais perto. Ele se contorce de dor toda vez que tem que colocar alguma pressão sobre o braço machucado. Parece uma eternidade antes de arrastar a bolsa para junto da jaula. Com mãos trêmulas, ele procura as chaves do cadeado entre os batons dourados de Nelly, o spray de cabelo para viagem e o pó compacto. Em um bolso lateral, ele encontra o celular dela. Como só pode usar um dos braços, Erik coloca o telefone no chão, se debruça sobre ele e tecla o número de emergência.

— sos 112. Qual é a natureza da emergência? — uma voz calma atende.

— Por favor, escute... você precisa tentar rastrear este telefone. — Erik diz com a voz mais alta que sua ousadia permite. — Eu fui trancado em um porão por uma assassina em série. Vocês têm que vir e...

— O sinal está muito ruim — a voz o interrompe. — O senhor pode ir para algum lugar...

— O nome da assassina é Nelly Brandt, e eu estou no porão de uma casa amarela a caminho de Rimbo.

— Eu não consigo ouvir nada agora. O senhor disse que estava em perigo?

— Isto é sério. Vocês têm que vir — Erik explica, olhando de relance para a escada. — Eu estou em uma casa amarela no caminho para Rimbo. Há

descampados e vi ruínas de construções no local, uma antiga fábrica com uma chaminé alta e...

A porta da cozinha vibra com estrépito e, com dedos trêmulos, Erik encerra a ligação. Ele deixa cair o telefone no chão, mas consegue pegá-lo e colocá-lo de volta na bolsa. Ele ouve Nelly descendo os íngremes degraus, e com o graveto empurra a bolsa de volta para a mesa. A bolsa quase cai, e com a ponta do pedaço de lenha ele tem de cutucar a lateral inferior dela. Ele se estica o máximo que pode para fazer a bolsa deslizar de volta ao lugar.

Nelly está quase no piso agora.

Erik puxa o graveto para trás e o esconde debaixo do colchão. Ele percebe uma leve trilha em meio à sujeira do chão.

Nelly chega ao piso do porão. Está segurando uma faca de cozinha de lâmina larga. Seu rosto está suado e ela afasta o cabelo salpicado de sangue e olha para a bolsa em cima da mesa.

— Você demorou muito tempo — ele diz, inclinando-se contra as grades.

— A cozinha está um pouco bagunçada — ela explica.

— Mas você tem alguma morfina?

— Para a alma faminta, todo amargo é doce — ela murmura, e coloca o comprimido branco na ponta da lâmina da faca.

Ela abre um sorriso frio e estende a faca em direção às grades.

— Abra bem — ela diz, em tom distante.

Com o coração martelando, Erik inclina o rosto para a malha de metal enferrujada, abre a boca e vê a ponta da lâmina se aproximar.

A faca está tremendo. A respiração de Nelly acelera quando ela coloca a ponta da faca na boca aberta de Erik.

Ele sente a parte inferior da lâmina fria contra a língua antes de fechar cuidadosamente os lábios em torno da faca.

Ela puxa a faca para fora da jaula, e a lâmina bate com um tinido na lateral das grades.

Erik finge engolir o comprimido, mas o coloca entre a bochecha e os dentes de trás. Um gosto amargo se espalha pela boca enquanto sua saliva dissolve a camada externa. Ele não pode engolir a pílula. Não importa quanta dor esteja sentindo, não pode se arriscar a ficar desnorteado.

— Você está usando brincos novos — ele diz, sentando-se no colchão.

Ela esboça um breve sorriso, olhando para a faca em sua mão.

— Mas eu não tenho sido boa o suficiente — ela diz.

— Nelly, se eu apenas soubesse que você estava esperando por mim...

— Eu estava no jardim e vi você olhando para Katryna — ela sussurra. — Homens gostam de unhas bonitas, eu sei disso, mas minhas mãos sempre foram

estranhas. Não há nada que eu possa...

— Você tem mãos lindas. Eu acho que elas são lindas. Elas são...

— Mais lindas do que elas estão agora, pelo menos — Nelly o interrompe. — Só falta a sua professorinha. Eu vi vocês juntos. Eu vi a boca lasciva dela e...

— Não há ninguém além de você — ele diz, tentando manter a voz firme.

— Mas eu não tenho filhos. Eu não tenho uma menininha — ela sussurra.

— Do que você está falando? — Erik sente seu corpo ficar completamente frio.

— É melhor não atear fogo ao peito se não quiser...

— Nelly, eu não me importo com elas — ele diz. — Eu só tenho olhos para você.

Empunhando a faca, ela se arremessa em um ataque repentino. Erik joga a cabeça para trás, e a faca bate nas grades onde um momento antes estava o rosto dele.

Ela está ofegando e olhando para ele com decepção, e Erik sabe que foi longe demais, que ela sabe que ele não estava dizendo a verdade.

— O que você está dizendo... — ela arqueja. — Eu não sei, é um pouco como procurar a morte perseguindo o vento.

— O que isso significa? Eu não estou procurando a morte, Nelly.

— Não é sua culpa — ela murmura, e coça o pescoço com a lâmina da faca. — Eu não culpo você.

Ela dá alguns passos para trás, e as sombras se fecham em torno de seu rosto pálido, pintando grandes buracos negros onde seus olhos deveriam estar e desenhando formas escuras ao longo de seu pescoço.

— Mas você vai ver como é a mortalidade, Erik — ela diz, e se vira na direção das escadas.

— Não faça nada estúpido — ele diz em voz alta para ela.

Ela estaca e se vira. O suor escorreu por suas bochechas e sua maquiagem quase saiu por completo agora.

— Eu realmente não posso aceitar que você continue pensando nela — Nelly diz com firmeza. — Se você vai pensar nela, então tem que ser um rosto sem olhos e sem lábios.

— Não, Nelly! — Erik grita, vendo-a desaparecer na estreita escadaria.

Ele afunda no chão, cospe na mão o comprimido meio dissolvido e coloca os restos fragmentados num dos bolsos da calça jeans.

Margot sabe que é muito improvável que Nelly Brandt esteja em casa. Mesmo assim, ela se sente extremamente ansiosa quando, sentada em seu carro, observa a Força-Tarefa Nacional espalhar-se ao redor da casa modernista branca.

Se ela desconsiderar os uniformes pretos dos policiais fortemente armados, toda a área é onírica e pacífica.

Margot está acompanhando a operação pelo rádio, e a tensão é quase insuportável. É inevitável imaginar o silêncio sendo quebrado por gritos e pelo som dos disparos das armas.

O rádio estala quando o chefe da operação, Roger Storm, se comunica diretamente com ela.

— Ela não está aqui — ele diz.

— Eles procuraram em todos os lugares? — ela pergunta. — Porão, sótão, quintal?

— Ela não está aqui.

— E o marido?

— Assistindo a uma prova de mergulho na televisão.

— O que ele diz?

— Eu fui direto ao ponto, mas ele diz que tem certeza de que Nelly não está envolvida. Eles leram tudo a respeito de Erik, e o marido afirma que Nelly está tão chocada quanto ele.

— Eu não dou a mínima para o que ele pensa. Eu só preciso que ele nos diga onde diabos ela está — Margot diz, olhando para a casa.

— Ele não tem ideia — Roger responde.

— A equipe de resposta rápida terminou?

— Eles estão saindo.

— Então eu vou entrar.

Margot abre a porta do carro. No momento em que sai do automóvel, ela sente uma dor surda no cóccix. Ela percebe imediatamente o que significa, mas segue em frente, devagar, rumo à porta da frente aberta.

— Eu vou dar à luz depois que terminar este caso — ela diz para o policial a postos na porta.

O corredor é grande, mas aconchegante e acolhedor. A Unidade de Resposta Rápida está saindo, capacetes na mão, rifles automáticos balançando de suas correias.

Na penumbra da sala de estar, um homem bastante gorducho está sentado em uma poltrona. Ele afrouxou a gravata e abriu o botão de cima da camisa, e sobre a mesinha de centro há uma bandeja com uma refeição aquecida no micro-ondas. Ele parece atônito. Continua esfregando as coxas e olhando, perplexo, para o policial que está falando com ele.

— É uma casa grande — ele explica. — É o suficiente para nós. E no inverno costumamos ir para o Caribe e...

— E o resto da família, eles não têm casas? — Margot o interrompe.

— Eu sou o único que mora na Suécia — ele responde.

— Mas se sua esposa fosse pedir emprestada uma casa, onde seria?

— Eu sinto muito, eu não tenho ideia, eu...

Margot vira as costas e sobe as escadas, olha em volta, entra num quarto e pega seu celular.

— Nelly Brandt não está em casa e claramente não está no Karolinska — ela diz assim que Joona atende.

— Ela tem alguma ligação com outras propriedades? — Joona pergunta.

— Verificamos todos os registros dos cartórios — Margot responde, ofegando quando sente mais uma contração. — Eles não possuem nenhuma outra casa, nenhuma terra.

— Onde ela morava antes?

Margot consulta a folha impressa com informações que havia solicitado depois que falou com Joona pela última vez.

— De acordo com o registro populacional, ela vivia em Sköldinge até dez anos atrás. Depois há um hiato de quatro anos antes de ela aparecer aqui.

— Ela morava com Rocky Kyrklund na casa paroquial dele — Joona diz.

— Mandamos um pessoal para lá, mas hoje em dia é uma casa que abriga...

— Eu sei, eu sei.

— Obviamente, ela pode ter alugado um apartamento.

— No diário, há referências a uma fazenda em Roslagen — Joona diz.

— Não há fazenda alguma, nada com que ela tenha alguma conexão. A família dela nunca teve terras, e ela é a última de sua linhagem.

— Mas Rocky escapou dela e roubou um carro em Finsta. Nós não sabemos até onde ele andou a pé primeiro...

— Deve haver mil fazendas ao redor de Norrtälje — Margot o interrompe.

— Verifique toda a papelada dela. Se ela está alugando uma fazenda de outra pessoa, talvez tenha pagado contas de eletricidade em nome de terceiros, coisas

assim.

— Em algumas horas teremos uma decisão sobre um mandado de busca oficial.

— Comece a procurar e continue até que alguém pare você — ele diz.

— Certo, por onde eu começo?

— Se acha que o marido está dizendo a verdade, você precisa analisar os pertences pessoais dela.

— Estou no andar de cima. Eles dormem em quartos separados. — Ela entra em um quarto arejado com papel de parede azul-bebê.

— Podemos continuar conversando enquanto você procura. Diga-me exatamente o que está vendo.

— A cama está arrumada e ela tem alguns livros de psicologia na mesinha de cabeceira.

— Verifique as gavetas.

Margot abre as duas gavetas e diz que não há documentos.

— Estão praticamente vazias. Uma caixa de Nitrazepam, pastilhas para tosse e creme para as mãos.

— Creme para as mãos comum?

— Da marca Clarins.

Ela enfia a mão na gaveta e encontra um pequeno recipiente de plástico.

— Um frasco de suplementos alimentares.

— Que tipo?

— Ferro... hidróxido de ferro.

— Por que as pessoas tomam isso? Você toma? — Joona pergunta.

— Eu como carne suficiente para cinco pessoas. — Margot fecha as gavetas.

— Há um armário?

— Estou entrando no closet dela — ela diz, caminhando entre as fileiras de roupas.

— O que tem aí?

— Vestidos, saias, ternos, blusas... não pense que sou invejosa, mas é tudo de grife: Burberry, Ralph Lauren, Prada. — Ela fica em silêncio enquanto fita uma parede.

— O que está acontecendo? — Joona pergunta.

— Os sapatos dela... talvez eu tenha que chorar um pouco.

— Tudo bem, vamos manter o foco.

— Onde eu olho agora?

— Dê uma olhada na parte de trás. Fuce as prateleiras, embaixo das caixas. Você precisa encontrar alguma coisa.

Eles encerram a ligação, e Margot procura em todos os lados, encostando-se na parede e engatinhando, mas não encontra absolutamente nada. Assim que ela volta

para o quarto, vê Roger Storm chegar ao topo da escada. O rosto dele está suado, e ele se aproxima dela com os olhos arregalados.

Margot suspira e aperta a mão fechada contra a parte inferior das costas para reprimir a nova contração.

— O que é? — ela pergunta em voz abafada.

— Recebemos outro vídeo — ele diz.

Os postes da rua estão se acendendo, e Joona e Rocky estão se aproximando de Södertälje quando Margot liga de novo.

— Recebemos um novo vídeo — ela diz, angustiada. — Provavelmente é alguém que Erik conhece, ou tem pelo menos...

— Descreva-o.

— Nelly já está dentro da casa da vítima quando começa a filmar. A mulher parece ferida. Ela está sentada, encolhida em um canto... e no final, no final do vídeo, aparece um pé pequeno. Está escuro, mas parece que há uma criança deitada no chão.

— Continue.

— É um quarto completamente comum, paredes antigas e papel de parede irregular. Pode ser que haja uma chaminé grande visível pela janela.

— Continue.

— Estou assistindo ao vídeo em um iPad agora. A mulher tem cabelo preto curto, é magra e... eu não sei. Ela está sangrando. Ela está quase inconsciente e move as mãos como se não conseguisse ver nada ou...

— Ouça — Joona o interrompe —, o nome dela é Jackie Federer e ela mora na Lill-Jans Plan.

— Vou enviar a Unidade de Resposta Rápida — Margot diz, encerrando a ligação.

Joona não tem tempo para explicar que talvez Jackie não esteja mais em seu apartamento, porque Nelly vai querer matá-la diante dos olhos de Erik, assim como ela matou a própria mãe na frente de seu pai e Natalia na frente de Rocky.

— Você falou sobre uma jaula, sobre estar trancado dentro de uma jaula — Joona diz para Rocky.

— Quando foi isso?

— Nelly manteve você encarcerado em algum lugar.

— Acho que não — ele responde, olhando fixamente para a estrada.

— Você sabe onde poderia ficar esse lugar?

— Não.

— Você escapou e roubou um carro perto de Norrtälje.

— Eu pensei que você era o único que saía por aí roubando carros — ele murmura.

— Pense. Era uma fazenda e pode ser que houvesse uma chaminé.

Rocky observa a paisagem que passa zunindo e, quando cruzam o anel viário para Salem, ele solta um suspiro profundo. Com as mãos grandes ele esfrega o rosto e a barba e depois olha de novo para a estrada.

— Nelly Brandt assassinou Rebecka Hansson — ele diz lentamente.

— Sim.

— Deus voltou para me buscar, no fim das contas — ele diz, amassando um maço de cigarros vazio.

— Parece que sim — Joona responde com voz suave.

— Talvez eu seja punido por fugir e ter heroína nos bolsos... mas depois disso posso voltar a ser padre.

— Você já foi condenado injustamente. Não será sentenciado de novo — Joona diz.

— Você pode parar por aqui? — Rocky diz. — Eu preciso dar uma olhada na minha igreja.

Joona para no acostamento e o deixa sair. O corpulento padre bate no teto do carro e sai andando em direção a Salem.

Mais cedo naquele dia, quando estava distribuindo o trabalho, Ramon Sjölin, comandante da Polícia de Norrtälje, decidiu que Olle e George Broman poderiam pegar uma das viaturas.

Eles são pai e filho, e raras vezes atuam como parceiros. Seus colegas brincaram que, finalmente, Olle, o pai, receberia uma aula sobre o trabalho policial.

Olle adora as provocações dos colegas e sente imenso orgulho do filho, que é um pouco mais alto que ele.

Como de costume, o dia transcorreu pacificamente e, ao anoitecer, os dois rumaram na viatura para a propriedade industrial de Vallby. Nos últimos seis meses haviam sido registrados diversos relatos de arrombamentos, mas nessa noite tudo estava calmo.

As costas de Olle estão doendo, ele inclina o assento um pouco mais e está prestes a dizer que vão esperar meia hora e depois voltar para a delegacia, quando chega uma chamada do centro de comunicações regional.

O serviço de emergência recebeu um telefonema trinta minutos atrás. A operadora mal conseguiu ouvir qualquer coisa, mas a análise da gravação da breve conversa sugere que o homem precisa de ajuda. Ele descreveu um local com as ruínas de uma fábrica na propriedade em algum lugar nos arredores de Rimbo.

Eles conseguiram identificar o lugar como a casa que fora construída após o grande incêndio na Fábrica de Vidros Solbacken.

— Estamos voltando para a delegacia — Olle murmura.

— Vocês não têm tempo de verificar isso primeiro? — a operadora pergunta.

— Tá legal, vamos pegar — ele responde.

Gotas grossas de chuva caem no teto do carro. Olle sente um arrepio e fecha a janela.

— Suspeito de violência doméstica em Gemlinge — ele diz para o filho.

George dá meia-volta no carro e ruma para o sul, passando por grandes fazendas que abrem a paisagem em meio a florestas negras.

— A mamãe acha que você não está comendo legumes e verduras suficientes, então ela ia fazer uma lasanha de cenoura — Olle diz. — Mas eu esqueci de comprar cenouras, então em vez disso vamos comer hambúrgueres.

— Parece bom. — George dá uma risadinha.

Eles param de falar quando saem da estrada e começam a percorrer uma trilha estreita. Os buracos fundos fazem a suspensão estalar, e galhos raspam o teto e as laterais do carro.

— Pelo amor de Deus, este lugar é abandonado — George diz.

Os faróis do carro abrem um túnel através da escuridão e fazem as mariposas rodopiantes e a grama alta ao lado da trilha brilharem como latão.

— Qual é a diferença entre um queijo e um buraco? — Olle faz uma pergunta absurda.

— Eu não sei, pai — George responde, sem tirar os olhos da pista.

— O queijo tem buracos, mas no buraco não tem queijo.

— Ótima — o filho suspira, e tamborila as mãos no volante.

Eles chegam a um vasto pátio e veem uma imensa chaminé delineada em contraste com o céu noturno. Os pneus rangem lentamente sobre o cascalho. Olle se inclina mais para perto do para-brisa, respirando ruidosamente pelo nariz.

— Escuro — George murmura, girando o volante.

Os faróis fazem uma varredura por sobre os arbustos e peças de máquinas enferrujadas até que de repente a luz reflete de volta para eles.

— Uma placa de carro — Olle diz.

Eles se aproximam e veem um veículo com o porta-malas aberto.

Os dois homens olham na direção da casa amarela. Ela é cercada por urtigas altas e as janelas estão às escuras.

— Você quer esperar e ver se eles ligam uma televisão? — Olle pergunta baixinho.

George alinha o carro de modo que os faróis apontem diretamente para a varanda e, em seguida, puxa o freio de mão.

— Mas a chamada era sobre suspeita de violência doméstica — ele diz, abrindo a porta. — Eu vou dar uma olhada.

— Sozinho, não — seu pai diz.

Ambos usam coletes à prova de bala sob as jaquetas e portam pistolas de serviço, pentes de munição extras, cassetetes, algemas, lanternas e rádios. George pega a lanterna e de repente julga ter visto algo se movendo atrás do vidro quebrado.

— O que foi? — Olle pergunta.

— Nada — George responde com a boca seca.

As folhas farfalham na escuridão, e então eles ouvem um barulho estranho, como alguém gritando de agonia de dentro da floresta.

— Malditos cervos, assustando as pessoas desse jeito! — Olle diz.

George aponta o facho de sua lanterna para um poço profundo entre algumas paredes de tijolos desmoronadas. Há fragmentos de vidro espalhados entre as ervas daninhas.

— O que é este lugar? — George sussurra.

— Apenas siga a trilha.

O disco achatado da lanterna se move por sobre as janelas sujas da casa. O vidro é tão imundo que não reflete mais do que um brilho cinzento.

Eles andam com dificuldade em meio às urtigas altas.

— Talvez você possa pedir algumas dicas de jardinagem — George faz piada.

No espaço de uma das vidraças foi pregada uma chapa de compensado, e há uma foice enferrujada encostada na parede.

— A briga provavelmente foi sobre de quem era a vez de fazer a limpeza — Olle sussurra.

Através da malha metálica da jaula, Erik assiste a Nelly forçar Jackie a descer as escadas. Jackie está assustada e confusa, tentando compreender a situação sem sucumbir ao pânico. Nelly deve tê-la trancado em algum lugar da casa.

Erik não sabe o que Nelly está pensando, mas pode ver sua fúria exultante enquanto ela crava os olhos em Jackie com o queixo saliente.

Erik não se atreve a implorar — qualquer coisa que ele disser só vai deixá-la enciumada. Pensamentos correm em disparada por sua cabeça enquanto ele tenta encontrar algo que seja capaz de aplacar o ódio ferido de Nelly.

Jackie faz um estalido com a língua e dá um passo à frente. Ela entra direto no feixe da lanterna e se detém por um momento quando sente o leve calor.

Agora Erik pode ver a gravidade dos ferimentos dela. Sangue escuro brilha em sua têmpora, e há hematomas em seu rosto e um corte no lábio inferior. A sombra dela preenche a parede. De um lado, bem na frente de Jackie, Nelly enxuga no vestido o suor da mão direita e pega a faca de cima da mesa.

Jackie ouve o movimento e recua até chegar à parede de tijolos. Erik a vê correr a mão pela parede, buscando com os dedos qualquer variação, algo para ajudá-la a se orientar.

— O que foi que eu fiz? — Jackie pergunta, apavorada.

Erik abaixa os olhos, espera alguns segundos e depois olha para Nelly, mas ela já notou que ele estava olhando para Jackie. A boca de Nelly está tão tensa que os tendões do pescoço são visíveis.

Ela limpa as lágrimas das bochechas, e a faca se contorce em sua mão direita quando ela se aproxima de Jackie.

Erik vê que Jackie pode sentir a presença de Nelly. Ela não quer mostrar o quanto está assustada, mas o movimento de seu peito trai sua respiração entrecortada. Ele pode ver que ela instintivamente quer se abaixar, mas está se forçando a ficar de pé.

Nelly se move lentamente para o lado e seus sapatos esmagam o cascalho.

Jackie inclina ligeiramente a cabeça na direção do som. O sangue coagulou de uma ponta à outra na lateral de sua cabeça.

Nelly empunha a faca na direção de Jackie e olha para ela com olhos apertados. A ponta da lâmina se move na frente do rosto de Jackie, e um tênue reflexo treme no teto. Jackie levanta a mão, e a faca desliza para fora do caminho, mas retorna imediatamente e levanta devagar a gola da blusa de Jackie.

— Nelly, ela é cega. — Erik se esforça para permanecer calmo. — Eu não vejo motivo...

Nelly dá uma estocada da lâmina entre os seios de Jackie, que choraminga e toca com uma das mãos o corte superficial. As pontas de seus dedos ficam cobertas de sangue, e medo e confusão enchem seu rosto pálido.

— Olhe para ela agora — Nelly diz. — Olhe para ela. Olhe!

Jackie tateia a parede com as pontas dos dedos, caminha direto para a mesa e tropeça em um tijolo, dando um longo passo para não cair.

— Muito elegante — Nelly ri, tirando do rosto o cabelo ensanguentado.

Jackie se afasta e Erik ouve sua respiração superficial, como um animal ferido.

Nelly circunda Jackie, que se move para encarar o som, erguendo as mãos para se proteger e tentar se orientar no recinto.

Ela topa de novo com a mesa, e Nelly se esgueira atrás dela e enfia a faca em suas costas.

Erik se força a não gritar.

Jackie geme de dor, tropeça, e um dos joelhos bate no chão. Ela se levanta rapidamente enquanto o sangue escorre pelas roupas e uma das pernas, e dá alguns passos desajeitados com as mãos a sua frente.

— Erik, por que você está fazendo isso? — Jackie pergunta trêmula.

— Por que você está fazendo isso? — Nelly zomba.

— Erik? — Jackie ofega, virando-se.

— Acabou entre nós — Erik diz asperamente. — Não imagine que...

— Não fale com ela! — Nelly grita na direção dele. — Eu não dou a mínima para nada agora. Eu não vou deixar vocês dois...

— Nelly, eu só quero estar com você, ninguém mais — Erik a interrompe. — Eu só quero olhar para você, para o seu rosto e...

— Você ouviu isso? — Nelly grita com Jackie. — O que há de errado com você? Ele não quer uma putinha cega. Entendeu? Ele não te quer.

Jackie não diz nada, apenas se ajoelha, protegendo o rosto e a cabeça com os braços e as mãos.

— Nelly, já chega. — Erik não é mais capaz de manter a voz firme. — Ela entende. Ela não é uma ameaça para nós, ela...

— Levante-se. Ele diz que é o suficiente. Ele quer olhar para você. Mostre seu rosto, seu lindo rostinho.

— Nelly, por favor...

— Levante-se!

Jackie põe-se de pé lentamente, e Nelly parte para cima dela com força total, mas a lâmina erra o pescoço. A faca desliza por cima do ombro de Jackie, bem rente à garganta. Jackie grita e cai para trás. Nelly ataca de novo, mas a facada não atinge nada além do ar rarefeito. A lâmina se enterra numa prateleira na parede e algumas latas de comida tombam no chão.

— Nelly, pare com isso, você tem que parar! — Erik grita, puxando com violência as grades.

Jackie a empurra com as duas mãos e Nelly cambaleia para trás, cai sobre os gravetos e deixa cair a faca.

— “Ainda que se moa o insensato como cereal no pilão” — Nelly choraminga com voz aguda enquanto esquadrinha com as mãos o chão.

Ela agarra uma lata, se levanta e bate com força em Jackie, na barriga, no peito e na clavícula.

Jackie grita e consegue derrubar a lata da mão de Nelly. Ela rola para o lado e tenta se levantar.

Ofegando, Nelly olha ao redor para as sombras escuras e encontra a faca no chão junto à parede.

— Agora eu vou pegar o rosto dela — Nelly guincha.

Jackie está de joelhos, o rosto desprotegido; sangue escorre por suas costas. Ela encontrou uma chave de fenda pequena e, sob pernas bambas, se põe de pé, tentando puxar o ar.

Nelly enxuga o suor dos olhos. Seu vestido verde está manchado de nódoas escuras.

Jackie se afasta dela e encontra as escadas.

Nelly sorri para Erik e depois vai atrás de Jackie. Ela levanta a faca e apunhala, mas a lâmina erra o alvo e desce abrindo um rasgo entre o pescoço e o ombro de Jackie.

Jackie cai para a frente sobre ambos os joelhos, bate a testa no primeiro degrau e desmorona.

Nelly cambaleia para trás e sopra o cabelo dos olhos, e de repente a campainha toca.

Com a faca trêmula na mão, Nelly encara as escadas com olhar indeciso. A campainha toca de novo. Ela diz algo para si mesma, passa rapidamente por Jackie escada acima, depois fecha e tranca a porta.

Os dois policiais que esperam na varanda não conseguem ouvir nada de dentro da casa, apenas o vento nas árvores e o chilrear dos insetos no mato.

— Qual é a diferença entre um sanduíche de presunto com pickles... e um velho com um cigarro enfiado na bunda? — Olle pergunta, tocando a campainha de novo.

— Eu não sei — George diz.

— Tá legal, amanhã vou pedir a outra pessoa para comprar os sanduíches.

— Papai... sério...

Olle ri e aponta a lanterna para a porta descascada.

George bate com força na janela ao lado deles e depois se afasta.

— Vamos entrar. — Olle gesticula para que o filho se afaste alguns degraus abaixo enquanto ele agarra a maçaneta da porta.

Ele está prestes a abrir a porta quando um brilho quente aparece. A cinzenta janela do corredor parece repentinamente acolhedora. A porta é aberta por uma mulher elegante usando um lenço na cabeça e segurando uma lâmpada de parafina. Ela está no processo de abotoar uma capa amarela sobre o peito e olha para os dois policiais com surpresa perplexa.

— Deus, eu pensei que era o eletricitista, tivemos uma queda de energia — ela diz. — O que aconteceu?

— Recebemos uma ligação de emergência deste local — Olle responde.

— Por que motivo?

— Está tudo bem? — George pergunta.

— Sim, eu acho que sim — ela diz, ansiosa. — Que tipo de emergência?

Os degraus rangem quando George dá um passo para mais perto. A mulher exala um forte cheiro de suor, e há um respingo de algo em seu pescoço.

Sem saber por que, ele se vira e aponta o facho da lanterna dentro da escuridão ao longo da frente da casa.

— Foi um homem que ligou. Há mais alguém na casa?

— Apenas Erik. Ele ligou para vocês? Meu marido tem Alzheimer.

— Gostaríamos de conversar com ele — Olle diz.

— Vocês não podem fazer isso amanhã? Ele acabou de tomar Donepezila.

Ela levanta a mão para afastar o cabelo da testa. Suas unhas estão pretas, como se ela estivesse cavando a terra.

— Não vai demorar muito — Olle diz, dando um passo para dentro.

— Acho melhor não — ela diz.

Os dois policiais espiam o corredor. O papel de parede é marrom, e um tapete de pano caseiro cobre o gasto piso de linóleo. Na parede há uma citação bíblica emoldurada, e algumas roupas cuidadosamente penduradas em cabides.

Olle entra, estremece e olha de relance para o carro. Insetos foram atraídos para a luz forte dos faróis e estão girando como cativos em seu feixe.

— Eu acho que vamos ter que falar com o marido da senhora — ele diz.

— Nós temos que fazer isso? — o filho dele murmura.

— Recebemos uma ligação de emergência — Olle diz para a mulher. — Sinto muito, mas é assim que funciona. Nós temos que entrar.

— Não vai demorar muito — George diz.

Eles limpam cuidadosamente os sapatos no capacho. Um rolo de papel pegamosca está pendurado no mesmo canto da lâmpada do teto. Centenas de moscas cobrem o papel pegajoso, como uma pelagem preta.

— Você pode segurar isso? — a mulher diz, passando para a mão de Olle a lâmpada de parafina, cuja luz bruxuleia pelas paredes.

Enquanto George espera atrás de seu pai, a mulher usa as duas mãos para abrir a porta da cozinha. Um rangido de metal ecoa pelo corredor. George a ouve falando sobre a doença do marido ao entrar na cozinha escura. Um fedor sai pela porta aberta e os atinge. Olle tosse e segue a mulher, segurando a lâmpada.

A luz amarela brinca no caos. Há cacos de vidro, panelas e ferramentas antigas por toda parte. O chão imundo está manchado de sangue fresco, e há gotas salpicadas no alto das portas do armário.

Olle se volta para seu filho, que está logo atrás dele — no instante em que a porta é subitamente fechada com força imensa. George é atingido em cheio no rosto e jogado para trás, batendo a cabeça no chão do corredor.

Olle, ainda na cozinha, simplesmente encara a porta e a enorme mola. O pé do seu filho está preso entre a porta e o batente.

Quando ele se vira de novo, a mulher está segurando por cima do ombro um machado de cabo longo e, antes que ele tenha tempo de se mover, ela ataca. A lâmina penetra no lado do pescoço, de cima para baixo. O golpe o joga para o lado, e ele vê seu próprio sangue espirrar na capa de chuva da mulher. Quando ela solta o machado, ele cambaleia, desequilibrado, e dá um passo à frente para se firmar.

Calmamente, ela pega a lâmpada de parafina da mão dele e a coloca sobre o balcão antes de mais uma vez levantar o pesado machado sobre o ombro.

Olle quer gritar para seu filho, mas não tem voz. Ele está prestes a perder a consciência. Nuvens negras estão se avolumando em seu campo de visão. Ele coloca uma mão no pescoço e sente o sangue escorrer dentro da camisa. Tenta sacar sua pistola, mas não tem força nos dedos.

A mulher ataca novamente e tudo fica preto.

No corredor, George abre os olhos e olha em volta. Ele está deitado de costas e sua testa está sangrando.

— O que diabos acabou de acontecer? — ele ofega, apalpando com mãos trêmulas o nariz e a testa ensanguentados. — Papai?

Ele nota que seu pé está preso na porta. Seu tornozelo está quebrado, mas estranhamente não dói. Ele puxa e percebe que perdeu toda a sensibilidade dos dedos dos pés.

Confuso, ele olha para o teto e vê a espiral de papel pega-mosca balançando acima dele. Ouve baques dentro da cozinha e se apoia sobre os cotovelos, mas não enxerga nada pela fresta da porta.

Remexendo-se de forma desajeitada, ele consegue puxar a lanterna de seu cinto e a aponta para a cozinha. Seu pai está deitado no chão com a boca aberta, olhando para ele.

De repente, a cabeça do pai rola algumas vezes para o lado, porque a mulher a empurrou com o pé. A cabeça rola e gira no chão de linóleo banhado de sangue.

George, tomado pelo pânico, solta um grito estrondoso. Ele deixa cair a lanterna e tenta se mover para trás. Chuta a porta com o pé livre, mas é como se estivesse preso em uma armadilha. Ele se atrapalha para encontrar sua pistola, porém não consegue retirá-la do cinto. Precisa tirar a luva. Ele leva a mão à boca para usar os dentes. Então a porta de repente se abre e ele está livre.

Ofegante, ele se arrasta para trás e bate as costas contra uma pequena escrivaninha. Uma tigela com moedas cai no chão, espalhando dinheiro ao redor.

Ele consegue tirar a luva e puxa a pistola do coldre quando a mulher da capa amarela sai da cozinha para o corredor. Ela levanta o machado acima da cabeça, acertando a lâmpada e derrubando a espiral de papel pega-mosca. A pesada lâmina atinge o peito dele com força terrível, cortando o fino colete à prova de balas e sua caixa torácica, até chegar ao coração.

Erik estica o braço por entre a malha de grades da jaula para alcançar Jackie, mas ela está longe demais. As pontas de seus dedos se agitam no ar atrás das costas dela. Ele continua falando com ela sem saber se ela pode ouvi-lo, dizendo que ela precisa se levantar e escapar pelo túnel.

Já faz vários minutos que Nelly saiu.

No começo ele não sabia se Jackie estava viva. Ela ficou amontoadada no chão, sem se mexer. Mas quando ele se deitou no chão junto às grades da jaula, pôde ouvir a respiração dela.

— Jackie? — Ele a chama de novo.

Ela estaria morta se a campainha não tivesse tocado. Apesar do silêncio, Erik sabe que é a polícia — deve ser a polícia respondendo ao telefonema dele.

Contanto que eles percebam a gravidade da situação, ele pensa. Contanto que tenham mandado policiais suficientes.

Ele pega o graveto, estende a mão e com delicadeza cutuca Jackie com a ponta rombuda.

— Jackie?

Ela lentamente move uma perna, vira o rosto e tosse sem força.

Ele explica o que aconteceu, o que Nelly fez, como ele levou a culpa, mas que Joona sabe a verdade.

Em um gesto cansado, ela leva a mão ao ferimento superficial em seu pescoço.

Erik não tem ideia do quanto ela entende, mas repete que ela precisa fugir, ela precisa se apressar.

— Você precisa lutar agora — ele diz. — Caso contrário, não vai sobreviver.

Ela não tem muito tempo. Ele apura os ouvidos tentando escutar tiros de pistola, vozes, mas até agora, nada.

— Jackie, tente se levantar — ele implora.

Por fim ela se senta direito. O sangue escorre de sua sobrancelha e desce pela bochecha, e ela está tentando puxar o ar.

— Você consegue me ouvir? — ele diz. — Você entende o que eu estou dizendo? Você precisa correr, Jackie. Você consegue ficar de pé?

Ele não diz nada sobre ter ligado para a polícia. Ele não quer lhe dar falsas esperanças. Ela precisa fugir, porque ele teme que a polícia caia nas mentiras de Nelly.

Jackie se levanta, geme e cospe sangue no chão. Ela cambaleia para a frente, mas fica de pé.

— Você precisa fugir antes que ela volte — ele repete.

Jackie vai tropeçando na direção da voz dele, respirando pesadamente, os braços estendidos.

— Vá na outra direção — ele diz. — Você tem que sair das ruínas e atravessar os descampados.

Com cuidado, ela abre caminho em meio às latas no chão e toca com as mãos as grades.

— Estou trancado em uma jaula — ele diz.

— Todos estão dizendo que você matou quatro mulheres — ela sussurra.

— Foi a Nelly. Você não precisa acreditar em mim. Você só tem que sair daqui.

— Eu sabia que você não tinha feito isso — ela diz.

Ele acaricia os dedos agarrados à jaula. Ela se inclina para a frente e pousa a testa no metal enferrujado.

— Você tem que continuar um pouco mais — ele diz, acariciando a bochecha dela. — Vire-se para que eu possa dar uma olhada. Você está ferida, Jackie. Você está gravemente ferida. Você precisa ir a um hospital. Apresse-se e...

— A Maddy ainda está em casa — ela choraminga. — Graças a Deus ela estava escondida no armário quando...

— Ela vai ficar bem — Erik diz. — Ela vai ficar bem.

— Eu não entendo — Jackie sussurra, o rosto enrugado de aflição.

— Como você se sente quando respira? — Erik pergunta. — Tente tossir para mim. Ótimo. Você vai ficar bem. Sua cavidade pleural provavelmente foi danificada, mas você teve sorte, Jackie. Ouça, há uma pequena lanterna em cima da mesa. Você pode sentir o calor dela. Você vai saber onde ela está.

Ela limpa a boca, assente e tenta se recompor.

— Você consegue pegar a lanterna? Não há nada entre você e...

Ele para de falar quando ouve um barulhento baque no andar de cima. É a porta da cozinha batendo, graças à poderosa mola.

— O que foi isso? — ela sussurra, os lábios tremendo.

— Depressa. Você pode andar em linha reta na direção da lanterna. Não há nada no chão entre você e a mesa.

Ela se vira e caminha na direção da minúscula fonte de calor, tateia a superfície da mesa, pega a lanterna e volta até Erik com ela.

— Você sabe onde está a abertura para o túnel? — ele pergunta.

— Mais ou menos — ela sussurra.

— É estreita. É uma pequena abertura de tijolos, sem porta — ele explica quando ouve alguém gritar lá em cima. — Você precisa fugir, chegar o mais longe que puder. Pegue esse graveto — você pode usá-lo para ir tateando e encontrar o caminho.

Ela parece prestes a desmoronar. Seu rosto perdeu a cor, os lábios já estão brancos por causa do choque na circulação.

— Erik, não vai funcionar...

— A Nelly vai te matar quando ela voltar. Ouça, há uma passagem... eu não sei o que há lá adiante, pode ser que esteja bloqueada, mas você tem que tentar sair.

— Eu não consigo — ela choraminga, balançando a cabeça para trás e para a frente em um padrão ansioso e repetitivo.

— Por favor, apenas me escute. Quando você chegar ao porão sem teto, vai ter que subir para chegar ao nível do solo.

— O que você vai fazer? — ela sussurra.

— Eu não tenho como escapar. A Nelly mantém a chave em volta do pescoço dela.

— Mas como vou encontrar o caminho?

— Na escuridão, o cego é rei — ele diz simplesmente.

Com o rosto trêmulo, ela se vira e começa a andar, tateando com o graveto o chão a sua frente.

Ele segura a lanterna para que possa ver onde ela está e tentar guiá-la. A luz oblíqua faz as sombras se esticarem e encolherem.

— Há uma pilha de telhas no chão a sua frente — ele diz. — Mova-se um pouco para a direita e você vai direto para a abertura.

Então os dois ouvem a barra da porta do porão sendo levantada, sacolejando e raspando contra a parede.

— Estenda a mão agora — Erik sussurra. — Você vai conseguir sentir a parede a sua esquerda. É só segui-la.

Jackie tropeça em algo que faz barulho. Uma lata de tinta sai rolando para longe. Ele a vê encolher-se de medo.

— Não pare — ele insiste. — Você tem que voltar para casa, para a Maddy.

A porta acima deles se abre, se fecha e estala, mas não há som de passos nas escadas.

Jackie chegou à abertura agora, e ela continua passagem adentro, encostando uma das mãos na parede e tateando com o graveto o chão à frente dela.

Erik aponta a lanterna para o chão e vê Nelly descer as escadas e se postar no meio do porão. Sua capa de chuva amarela está manchada de sangue, e ela está segurando com força em uma das mãos uma pequena faca de cozinha.

Ela está olhando diretamente para ele.

Erik não sabe o quanto ela viu, mas desliga a lanterna. Tudo fica completamente escuro, como se alguém tivesse varrido o mundo inteiro para longe deles.

— Nelly, eles vão mandar mais policiais. — Ele usa uma das mãos para segurar o braço machucado. — Você entende? Acabou agora.

— Nunca acaba — ela responde, e fica imóvel, a cerca de um metro de distância dele, respirando.

Do túnel chega um ruído estrondoso. Nelly ri e vai para o outro lado do espaço confinado. Erik a ouve trombar na pilha de telhas, contorná-las e avançar através da escuridão em direção ao túnel.

Jackie está caminhando ao longo da estreita passagem, o mais rápido que pode. Com a mão direita, tateia a parede enquanto move o graveto de um lado para o outro a sua frente.

Ela precisa achar uma saída e depois encontrar ajuda.

O medo a domina. É quase a mesma sensação de se queimar. Ela chuta uma garrafa caída no chão e que ela não percebeu com o graveto. O vidro tilinta quando sai rolando para longe ao longo do chão áspero.

As pontas dos dedos de Jackie deslizam pelos tijolos e pela argamassa despedaçada. Ela nota que está passando pela sétima reentrância vertical na parede. Ela conta automaticamente porque vai facilitar as coisas se tiver que refazer o caminho.

Jackie está com dificuldade para respirar. A cada passo, a dor em suas costas irrompe feito a luz de um farol. O sangue quente ainda está escorrendo do ferimento, por entre as nádegas e pernas abaixo. Ela tosse e sente uma dor semelhante a uma cãibra no pulmão ferido, logo abaixo da omoplata.

O graveto dela não é rápido o suficiente.

A canela de Jackie bate em algum tipo de aparato com afiadas arestas de latão e cabos pendurados. Ela tem que passar por cima da máquina, as pernas tremendo de esforço e medo. Não há como saber a extensão da passagem, mas ela tem a sensação de estar dentro de um sistema de túneis subterrâneos.

Ela está andando rápido demais e sabe que há o risco de tropeçar em alguma coisa.

Ela passa por um cômodo a sua esquerda, sentindo-o como uma lacuna na acústica.

Ela decide parar de contar as reentrâncias e se concentrar em achar uma saída.

— A Nelly está a caminho! — Erik berra do porão atrás dela. — Ela está a caminho agora!

A voz dele parece assustada, enfraquecida pelo comprido túnel, mas ela o ouve. Jackie tenta ir mais rápido. Ela contorna uma poltrona e se move rente à parede, os dedos roçando um bom número de prateleiras. Algo balança atrás dela, e ela quase grita de medo.

Está ficando cada vez mais difícil respirar. Jackie segura a mão sobre a boca e tenta tossir baixinho enquanto avança. No meio de uma passada, seu rosto bate em algo — uma porta de armário aberta. A porta se fecha com força, e objetos de vidro tilintam nas prateleiras.

Ela se lembra da sensação de uma afiada lâmina de faca sendo arrancada com um suspiro e a dor sufocante em suas costas.

Ela sabe que está respirando fundo e forte, mas ainda assim parece que não está aspirando oxigênio suficiente.

Ela move rapidamente o graveto e deixa a outra mão roçar tijolos e juntas, passando por um cabo grosso, ao longo de um tijolo de novo, e depois por algumas molduras antigas empilhadas contra a parede.

Ela está tentando ler o espaço.

Toda vez que ouve uma abertura, ela se detém por alguns segundos e verifica se é outra passagem ou apenas um recinto fechado.

Ela continua avançando ao longo da passagem principal. A fraca corrente de ar no chão parece estar vindo daquela direção.

Um ferrolho saliente rasga a pele dos nós dos seus dedos, e agora Jackie pode ouvir sua perseguidora atrás dela.

Nelly grita alguma coisa, mas Jackie não consegue entender as palavras.

O pânico borbulha dentro dela. A mão que segura o graveto está coberta de suor.

Jackie tropeça em um tijolo, perde o equilíbrio e começa a cair. Ela estende o braço, passando a mão por entre algumas grossas teias de aranha e bate com força na parede. Suas costas urram de dor, cortando-a como uma lança, e ela pode sentir o gosto de sangue na boca.

Um estrondo do túnel atrás dela faz suas orelhas zunirem. É o som de um armário cheio de objetos de vidro desabando. O vidro se estilhaça no chão.

Jackie esfrega nas pernas a mão suada, segura com firmeza o graveto e segue em frente o mais rápido que consegue. As pontas dos dedos da sua mão direita ficaram dormentes por causa da parede de tijolos áspera.

Ela pode ouvir passos atrás dela, muito mais rápidos que os dela.

Em pânico, Jackie vira em uma passagem lateral.

Seu coração está acelerado.

Isto não vai funcionar, ela pensa. Nelly conhece muito bem os caminhos nesses túneis. É o território dela.

Mas se obriga a continuar. Essa passagem é mais estreita que a última. Ela tropeça em algum tecido velho e sente algo se prender em volta do pé e ser arrastado atrás dela.

— Jackie? — Nelly grita. — Jackie!

Ela tenta não tossir, sente que está passando por um buraco na parede bem contíguo ao teto. Ela ouve o ar fluindo através da cavidade quando alguma coisa agarra suas roupas. Algo está segurando a blusa dela, puxando-a para trás. Ela agita os braços em pânico e ouve o tecido se rasgar. Ela está presa e tenta se desvencilhar quando ouve Nelly mais uma vez.

Ela deve tê-la seguido dentro da passagem lateral.

Jackie puxa a blusa e se vira. Ela coloca a mão sob o braço esquerdo e sente um cano grosso. Ela entrou em um encanamento que de alguma forma está suspenso no telhado. As roupas dela estão presas e ela tem que recuar para se libertar.

Nelly está perto agora. As botas dela trituram a argamassa esfarelada e suas roupas farfalham.

Respirando pelo nariz, Jackie continua ao longo do corredor.

Nelly solta um grunhido, ela também entrou na tubulação suspensa. Um retinido metálico ecoa nas paredes.

Jackie se apressa e sai em um espaço grande com o retorno do eco mais demorado.

Há um cheiro de água estagnada no ar, como um aquário velho. Jackie continua em movimento, e quase imediatamente esbarra em alguma coisa e deixa cair seu graveto.

Ela se inclina e tateia um grande cocho cheio de terra, galhos e pedaços de cascas de árvore. A dor nas costas quase a faz cair para a frente, mas ela continua procurando o graveto ao lado do cocho, apalpando, hesitante, garrafas velhas, teias de aranha e galhos.

Nelly chama o nome dela. Ela está se aproximando.

Jackie desiste de procurar o graveto. Ela terá que continuar sem ele. Com os braços estendidos, ela usa o tato para abrir caminho através de uma série de alcovas divididas por paredes de tijolos.

Ela para na frente de um objeto grande que está bloqueando a alcova inteira, uma comprida pia de aço. Tateando, chega a uma das extremidades e mal acaba de contorná-lo quando ouve os passos de Nelly atrás dela.

Jackie estala a língua bem alto, do jeito que aprendeu a fazer. O recinto ao redor reflete o som como ecos vagos que o cérebro dela transforma em um mapa tridimensional. Ela estala a língua novamente, mas está com medo demais para que isso funcione direito. Ela não tem tempo para ouvir corretamente, não consegue ter uma noção real do espaço.

Arquejando, ela segue em frente. Todo o seu corpo está tremendo e ela não sabe como parar a tremedeira. Ela vira a cabeça e estala de novo a língua, e de repente percebe uma abertura a sua esquerda.

Jackie toca com as mãos a parede, que ela segue até encontrar a abertura, e mais uma vez sente o ar frio do lado de fora.

É uma passagem estreita, seu piso está coberto de cascalho e algo que cheira a restos carbonizados de madeira e plástico. Um pé passa direto através de uma vidraça, quebrando-a com um estrondo alto. Ela sabe que cortou o pé, mas segue adiante, aos tropeções. Quando estende o braço para alcançar a parede, seus dedos arrancam pedaços de argamassa seca, e em seguida ela ouve Nelly parar sobre o vidro.

Ela está bem atrás de Jackie.

Jackie começa a correr, com uma das mãos contra a parede e a outra estendida a sua frente. Ela se choca com um cavalete de madeira e cai por cima dele, aterrissando sobre o ombro esquerdo e gemendo de dor. Ela tenta rastejar, mas algo bate no chão bem ao lado dela. Pelo som, parece um tubo de plástico ou um cabo de vassoura.

Ela rasteja para a frente e bate a cabeça na parede. Consegue ficar de pé novamente, tropeça em alguns tijolos caídos e se encosta na parede.

Jackie não tem plena certeza quanto a que caminho seguir. Ela se vira e aguça os ouvidos, mas não consegue mais escutar Nelly. Sua própria respiração é tão penosa que ela tem que segurar uma das mãos sobre a boca em um esforço para ficar quieta.

Algo sussurra na frente dela, no chão, movendo-se devagar.

É apenas um rato.

Jackie fica completamente imóvel, respirando pelo nariz. Ela não tem ideia de como sair. O terror a está impedindo de pensar com clareza. Ela está perturbada demais para interpretar o ambiente.

A uma curta distância, alguma coisa range. O som é de uma porta pesada ou até mesmo uma antiga calandra. Ela quer desesperadamente se esconder, enrodilhar-se no chão com os braços sobre a cabeça, mas se força a continuar.

Os pés dela esmagam pedras, pedaços chamuscados de madeira e pilhas de areia e cascalho. As paredes desmoronaram em alguns pontos, bloqueando o corredor, e ela tem que escalar os montes.

Jackie ouve a corrente de ar precipitando-se através de um pequeno espaço mais alto, e continua rastejando, apoiando-se sobre as mãos. Uma tábua quebrada raspa sua coxa, e seus pés deslizam por cima de tijolos e argamassa.

Há um som de farfalhar atrás de Jackie, e ela sobe mais rápido até bater a cabeça no teto. Ela pode sentir uma brisa no rosto, mas não é capaz de localizar a abertura. Desesperada, tateia a sua frente, fuçando e remexendo as mãos na tentativa de avançar através de pedras emaranhadas no arame de metal, arrancando para o lado a argamassa solta, até encontrar o espaço estreito. Ela agarra um pedaço de tela de arame e puxa. Consegue soltar uma pedra grande, aumenta um pouco mais o

tamanho do buraco e corta a palma da mão. Ela se arrasta para a frente e tenta atravessar engatinhando. Gemendo, consegue enfiar um braço e a cabeça no buraco. Pedras caem do outro lado da abertura, e ela abre caminho à força, escoiceando e com pânico de ficar entalada.

Desajeitada, Jackie estica as mãos tentando agarrar qualquer coisa que possa servir de alavanca e ajudá-la a passar pelo buraco. Não consegue ouvir Nelly e não tem ideia se ela está subindo a pilha de entulho com a faca em riste.

Jackie apalpa um pedaço de corda e a puxa enquanto, com as pernas, impele o corpo o máximo que pode. Arame e pedras arranham suas costas, mas ela consegue sair. Ela se arrasta para o outro lado, mas seu pé fica preso na borda do buraco. Ela se move em um ângulo diferente e, por fim, se solta.

Jackie desliza pelo monte de escombros e chega ao chão. Sem ter qualquer ideia de onde está, caminha para a frente com as mãos estendidas até encontrar uma parede e começa a segui-la.

Os tijolos estão mais frios aqui, e ela percebe que deve estar se aproximando de uma saída. Ela vira uma esquina e se encontra em um compartimento maior. O teto é muito mais alto aqui. Os ruídos aumentam e se espalham como um mar suave.

Jackie para e descansa por um momento, tentando recuperar o fôlego. Ela se inclina para a frente e coloca as mãos nos joelhos. Seu corpo inteiro está tremendo de exaustão e choque.

Ela tem que continuar, pensa.

Com os dedos sangrando, ela tateia ao longo da parede. Então, à direita, ouve uma porta de metal abrir-se com um rangido.

Ela se agacha e tem a esperança de estar escondida atrás de alguma coisa. Tenta respirar em silêncio, mas seu coração está martelando no peito.

Nelly deve ter seguido um caminho diferente, imagina. Ela conhece o esquema de distribuição dos compartimentos, para onde os túneis levam.

O ferimento da facada dói muito mais agora. Parece estranhamente rígido, e ela está com dificuldade para respirar. Ela não consegue sufocar uma tosse silenciosa, e quando o faz, sente o sangue quente escorrer pelas costas.

Ainda agachada, ela se move lentamente para a frente e bate em algo com uma raspagem metálica. Ela abaixa as mãos e, pelo tato, constata que é uma pá.

— Jackie — Nelly chama.

Ela se levanta com cautela e se orienta apalpando ao longo da parede. Estala a língua e percebe que há uma abertura a sua esquerda.

— Jackie?

O eco da voz de Nelly atinge a parede do outro lado. Jackie se detém para ouvir. De repente, ela tem certeza: Nelly gritou na direção errada.

Ela não consegue me ver, Jackie pensa. Está tão escuro aqui que ela não consegue me ver.

Nelly está cega.

Deslocando-se devagar, Jackie se abaixa, pega uma pedrinha e a joga. O pedrisco bate em uma parede, quica no chão e atinge alguma coisa. Ela ouve Nelly mover-se em direção ao som.

Jackie volta até a pá e, com cuidado, a pega. A lâmina raspa o chão.

Nelly estaca, ofegando.

— Eu posso ouvir você! — ela diz, gargalhando.

Jackie chega mais perto de Nelly. Ela pisa com cuidado, ouvindo o suave ruído do esmagamento do cascalho.

Nelly se move para trás e tropeça em um balde, que cai com estrépito.

Ela não pode me ver, mas eu posso vê-la, Jackie pensa enquanto se aproxima, ouvindo a respiração tensa de Nelly e cheirando o suor dela por meio de seu perfume.

Jackie pode sentir claramente a presença de Nelly. Ela ouve a faca deslocar-se pelo ar e detecta o movimento dos pés de Nelly afastando-se mais alguns passos.

Jackie aperta o cabo da pá, ajusta cautelosamente a pegada, estala a língua e sabe de imediato onde está a parede e onde Nelly está.

Nelly arfa e desfere facadas em diferentes direções, mas a lâmina não atinge nada além de ar. Ela para e ouve, a ansiedade é audível em sua respiração.

Jackie acerca-se em silêncio, sentindo o calor que irradia do corpo de Nelly. Ela segue os movimentos da faca, depois dá um passo à frente e desfere um violento golpe com a pá.

A pesada lâmina bate com estrondo na bochecha de Nelly. Sua cabeça balança para o lado e ela cai sobre o quadril, rugindo de dor.

Jackie anda ao redor dela, ouvindo cada movimento, cada respiração.

Nelly choraminga e tenta se levantar.

Jackie ataca novamente, mas a pá passa perto da cabeça de Nelly, o metal apenas empurrando o cabelo dela.

Nelly fica de pé e golpeia com a faca. A ponta da lâmina corta o braço de Jackie, que se afasta instintivamente e tropeça no mesmo balde no qual Nelly havia trombado antes, e em seguida vai rapidamente para o lado, com o coração batendo forte. Seu braço lateja com a dor do corte e o sangue está pingando em sua mão. A adrenalina dispara através dela, fazendo eriçar os pelos dos braços. Ela sacode o sangue da mão, que depois limpa na saia, e segura com renovada firmeza o cabo da pá.

Jackie aproxima-se com o máximo de silêncio possível. Ela pode ouvir Nelly agachando-se e desferindo facadas, e pode sentir a umidade da respiração dela.

Sem um único som, Jackie a circunda, depois muda de direção e ataca com toda a força que consegue reunir. A pancada é feroz. A pá bate na nuca de Nelly. Jackie ouve Nelly suspirar e cair para a frente sem colocar as mãos para refrear a queda.

Ela bate novamente e atinge Nelly no meio da cabeça com um som molhado, e depois disso ela não ouve mais nada.

Jackie recua, ofegante. Suas mãos estão tremendo e ela aguça os ouvidos, mas não consegue escutar o som de respiração. Com cautela ela chega perto de Nelly, cutucando-a com a pá, mas o corpo está flácido.

Jackie espera, ouvindo a própria pulsação. Mais uma vez ela dá outra forte pancada com a ponta da pá, mas não há reação.

Jackie está respirando de forma espasmódica. A aflição toma conta dela. Seu estômago se agita. Com as pernas trêmulas, ela abaixa a pá e se aproxima de Nelly. O calor fumegante do corpo de Nelly sobe em direção a ela. Com cuidado, ela se inclina até sentir com os dedos as costas de Nelly. Ela está vestindo uma capa de chuva. O tecido áspero range sob os dedos de Jackie.

Erik disse que ela mantinha as chaves em volta do pescoço.

Jackie tateia, hesitante, as costas de Nelly até o pescoço, onde pode sentir o cabelo molhado com sangue morno.

Seus dedos se atrapalham dentro da gola de Nelly, seguindo o pescoço viscoso até encontrar uma corrente. Ela puxa, mas a corrente não se solta.

Jackie precisa virar Nelly de costas. Ela é pesada, e Jackie tem que usar as duas mãos e empurrar com uma perna.

O corpo de Nelly rola para o lado, e Jackie acaba se sentando em cima dele. Com os dedos tremendo, ela solta o primeiro botão na gola da capa de chuva. Ouve um som estridente, como se Nelly estivesse umedecendo a boca, e para.

Ela desfaz outro botão e acha que consegue ouvir pequenos estalidos, como se Nelly estivesse piscando as pálpebras secas.

O medo pulsa na cabeça de Jackie. Ela rasga o vestido de Nelly na altura do pescoço, agarra a chave na corrente e a tira por cima da cabeça ensanguentada.

Joona vem seguindo as placas para Rimbo, mas deixa a rota 280 em Väsby. Ele está dirigindo rumo a Finsta quando Margot liga para lhe dizer que Jackie e sua filha não estão no apartamento da Lill-Jans Plan. Evidências sugerem que foram sequestradas. Há vestígios de sangue por todo o chão até a escada. A porta do armário foi quebrada, e na parede interna a filha de Jackie escreveu: “a moça fala engraçado”.

Joona repete várias vezes que eles têm que encontrar a casa perto de Finsta, que é para onde Nelly levou Jackie e Madeleine. Erik provavelmente já está lá, enjaulado, ou estará muito em breve.

— Encontrem a casa, essa é a única coisa que importa agora — Joona diz antes de encerrar a ligação.

Ao longo do caminho ele passou por muitas fazendas na escuridão, instalações agrícolas e serrarias com chaminés de tamanhos variados.

Joona avança rapidamente ao longo da estrada escura, sem se permitir pensar no fato de que pode ser tarde demais, que o tempo já se esgotou.

Ele tem que encaixar as peças do quebra-cabeça.

Há sempre perguntas a serem feitas, respostas que ele ainda pode encontrar.

Nelly continua se repetindo, retornando aos velhos padrões, ele pensa.

Tem que haver uma fazenda em Roslagen a que Nelly tenha acesso de alguma forma. A fazenda não pertencia a sua família, mas pode ser que seu avô a tivesse administrado, Joona raciocina. Ele também era padre, e a Igreja sueca possui uma grande quantidade de terras e florestas, bem como um grande número de propriedades.

Enquanto dirige, Joona tenta pensar novamente no caso e refletir sobre tudo o que leu e viu antes de saber que Nelly era a pessoa a quem Rocky chamava de pregador impuro. Ele precisa encontrar algo que possa relacionar uma fazenda em Roslagen ao vídeo em que Jackie aparece.

Joona pensa na capa de chuva amarela, nos narcóticos, na coleção de troféus e na maneira como ela claramente marcava os lugares de onde os tirava dos corpos. Ele pensa no marido dela, completamente ignorante em Bromma, nas roupas caras

que ela usava, em seu creme para as mãos e no pote de suplementos nutricionais. Em seguida, ele pega o telefone e liga para Nils.

— Você está por um fio — o Agulha diz. — Essa fuga da prisão não foi exatamente...

— Foi necessário — Joona o interrompe.

— E agora você quer me perguntar alguma coisa — o Agulha diz, limpando a garganta.

— Nelly toma pílulas de ferro — Joona diz.

— Talvez ela sofra de anemia — Nils responde.

— Como uma pessoa desenvolve anemia?

— Mil maneiras diferentes. Tudo, desde câncer e doença renal até gravidez e menstruação.

— Mas Nelly toma hidróxido de ferro.

— Você quer dizer hidróxido de óxido de ferro?

— Ela tem as mãos salpicadas.

— Sardas?

— Mais escuras, com mudança de pigmento definida e...

— Envenenamento por arsênico — o Agulha o interrompe. — O hidróxido de óxido de ferro é usado como um antídoto para o arsênico. E se ela tem mãos secas e salpicadas, então...

Joona para de ouvir quando se lembra de uma das fotografias que deixou no chão do seu quarto de hotel. Mostrava um fragmento de dois milímetros de comprimento parecido com o crânio de um pássaro azul.

O fragmento havia sido encontrado no chão de Sandra Lundgren. Parecia cerâmica, mas na verdade consistia de vidro, ferro, areia e chamota.

Ele passa por um grande celeiro vermelho e percebe que o crânio do passarinho era um pequeno fragmento de escória, um resíduo da produção de vidro.

— Vidro — ele sussurra.

O chão ao redor das fábricas de vidro antigas é quase sempre contaminado com arsênico. No passado, costumavam usar grandes quantidades de arsênico como agente de refino, para evitar bolhas e homogeneizar o vidro.

— Uma fábrica de vidro — Joona diz em voz alta. — Eles estão em uma fábrica de vidro.

— Isso talvez faça sentido — o Agulha diz, como se estivesse acompanhando o processo de pensamento interno de Joona.

— Você está sentado diante do seu computador?

— Sim.

— Procure por uma antiga vidraçaria nos arredores de Finsta.

— Não... os resultados só mostram aquela que pegou fogo em 1976, a Fábrica de Vidros Solbacken em Rimbo, que fabricava vidros e espelhos. A terra é de propriedade da Igreja sueca e...

— Envie o endereço e as coordenadas para o meu telefone — Joona o interrompe — e ligue para Margot Silverman.

Tentando não arfar de dor, Erik se esforça para ouvir ruídos dos túneis. Ele pega a lanterna e tenta respirar com mais calma. Acha que escutou passos arrastados desde a passagem. Há alguém lá, ele ouviu certo, passos se aproximam. Ele apaga a luz e lembra a si mesmo que tem que continuar a fingir que está cooperando, não importa o que aconteça. Ele não tem escolha. Seria muito fácil para Nelly matá-lo enquanto ele está na jaula.

Ele aguarda em silêncio, ouvindo os passos que esmagam o cascalho e depois o som da respiração do lado de fora da jaula.

— Erik? — Jackie sussurra.

— Você tem que fugir daqui — Erik sussurra rapidamente.

Ele liga a lanterna e vê Jackie parada a um metro dele. O rosto dela está sujo e ensanguentado. Ela está ofegando e parece muito triste.

— Nelly está morta — Jackie diz. — Eu a matei.

— Você está machucada?

Ela não responde, mas dá alguns passos em direção a ele, alcança as grades e estende a mão para dentro. Ele acaricia os dedos dela e usa a luz da lanterna para examinar os ferimentos.

— Você consegue sair e pedir ajuda? — ele pergunta, afastando o cabelo dela do rosto manchado de sangue.

— Eu peguei a chave — ela diz, e tosse sem força.

Ela se inclina contra a jaula, puxa a corrente por cima da cabeça e a entrega para ele.

— Eu a matei. — Ofegante, ela desaba no chão. — Eu matei um ser humano.

— Você teve que fazer isso. Foi autodefesa.

— Eu não sei — ela sussurra, e seu rosto se dissolve em lágrimas.

Erik enfia a chave no cadeado, vira e ouve o clique quando o gancho desliza para fora da trava.

Ele sai com a lanterna na mão e abraça Jackie no chão. A respiração dela é errática e superficial.

— Deixe-me ver o ferimento nas suas costas — ele sussurra.

— Não se preocupe com isso. Eu preciso voltar para casa, para Maddy. Apenas me dê alguns segundos.

Erik aponta a lanterna para as paredes descascadas, a mesa e a prateleira.

— Acho que a porta da cozinha está trancada, mas vou subir e verificar — ele diz.

— Tudo bem — Jackie assente, e faz outra tentativa de se levantar.

— Fique onde você está. — Erik galga os degraus íngremes.

No linóleo marrom e antiderrapante há pegadas ensanguentadas. Ele chega à pesada porta de metal, agarra com força a maçaneta, puxa e empurra a porta, mas está trancada.

Ele puxa com violência a maçaneta e olha ao redor com o facho da lanterna para ver se a chave está em algum gancho em qualquer parte, mas não consegue encontrar nada e volta para Jackie, que está encostada na jaula.

— A porta está trancada — Erik confirma. — Vamos ter que sair pelos túneis.

— Tudo bem — ela responde em voz baixa.

— Acho que ela matou os policiais que vieram. A polícia virá nos encontrar, mas não temos ideia de quanto tempo isso vai demorar, e você precisa ir ao hospital imediatamente.

— Nós podemos ir andando — ela arqueja.

— Você consegue — Erik diz, colocando a mão sobre o ombro dela. — Eu tenho uma lanterna. Posso ver para onde estamos indo.

Ele a conduz corredor adentro, desviando de uma poltrona e um pequeno banquinho estofado. Encostados à parede há alguns velhos caixilhos de janelas e lâmpadas empoeiradas em soquetes amarelados.

Eles atravessam outra passagem com degraus íngremes que levam para baixo, depois passam por um armário tombado, pisando com cuidado os cacos de vidro.

Com o facho da lanterna e com a ajuda de Erik, a travessia é simples. Eles saem em um grande cômodo com pias de metal, fileiras de torneiras e cubículos com gesso desmoronando.

No teto há suportes de lâmpadas fluorescentes vazios. São apenas fios pendurados. Um enorme cocho cheio de terra ocupa o centro do piso. A ferrugem corroeu seu metal verde, e o graveto que Jackie usou para guiá-la está no chão ao lado dele.

Eles atravessam essa alcova e entram em um corredor atulhado de armários amassados. Há um cano de água atarraxado ao teto, mas uma extremidade se soltou e está pendurada como uma lança, curvando-se sob seu próprio peso.

Erik aponta o facho da lanterna ao longo da estreita passagem. As paredes desabaram e partes do teto caíram. A passagem está atravancada com pilhas de tijolos e tábuas que sobem até o teto.

Erik abre uma porta, e eles seguem em frente ao longo de um túnel diferente, viram à direita, passam por um arco arredondado e, de repente, saem ao ar livre.

Eles estão em um grande salão, e sopra um vento forte. O telhado desapareceu, e a alta chaminé é visível em contraste com o céu escuro. O feixe da lanterna tremeluz, revelando um enorme extrator de metal. O piso de ladrilhos está sujo e rachado.

Ervas daninhas altas crescem através de uma escada de alumínio caída no chão em frente a um gigantesco forno. Erik quase não tem mais forças em seu braço ferido, mas consegue levantar a escada e livrá-la do mato. Com o pé, ele empurra para o lado alguns tijolos caídos e cascalho, e apoia a escada na vertical contra a parede.

Ele ajuda Jackie a subir e segue logo atrás. Ela escorrega; Erik a ajuda e deixa cair a lanterna, que bate com estrépito nos degraus, atinge o chão e se apaga abruptamente.

A dor no braço de Erik lateja como se ele estivesse preso em um maquinário, no momento em que eles saem na grama alta que cresce ao redor das ruínas. Jackie se encosta com força no corpo de Erik enquanto eles abrem caminho através de cardos e arbustos baixos. Eles veem uma viatura da polícia vazia, seus faróis incidindo diretamente sobre a casa amarela.

Joona está dirigindo o mais rápido que pode. Margot organizou uma operação policial, mas ele não pode correr o risco de que cheguem lá tarde demais. A polícia de Norrtlälje não conseguiu obter nenhuma resposta do carro de patrulha que foi enviado para a área.

Os faróis varrem o descampado enquanto ele percorre com bruscas guinadas a estreita trilha de cascalho através da floresta. Os pneus derrapam pela superfície solta, incapazes de qualquer aderência, mas Joona manobra e consegue manter o controle do carro nas derrapagens. Ele pisa fundo novamente e o veículo avança, cambaleando, ao longo da trilha irregular.

Dois cervos correm à frente dele. Ele freia e os vê saltar a luz e desaparecer entre as árvores.

Agora ele pode ver a alta chaminé da vidraçaria em meio às árvores, como um obelisco negro em contraste com o céu cinza-chumbo.

Muito à frente, nos limites do feixe dos faróis, ele vê duas silhuetas. Estão de pé na pista, em um abraço imóvel.

São Erik e Jackie, ele tem quase certeza.

Uma pedra atinge o chassi e a luz desaparece da estrada por alguns segundos.

Galhos fustigam o para-brisa, e é difícil enxergar os rostos deles, instáveis na luz oscilante.

Um enorme buraco na pista obriga Joona a desacelerar e virar abruptamente. Há um estrondo, e o feixe dos faróis cambaleia acima dos dois vultos.

E então ele vê a luz se refletir em algo amarelo ao lado da pista.

Nelly.

Ela não está muito atrás de Erik e Jackie, e se move para a frente com o rosto abaixado, através de uma camada tremeluzente de vidro verde triturado.

Joona aperta a buzina, muda de marcha e pressiona o pé no acelerador. Uma nuvem de cascalho sobe voando da parte de baixo do carro. O veículo balança e o porta-luvas se abre, espalhando seu conteúdo pelo assento. Ele vira o volante para sair do acostamento, e ervas altas açoitam o para-brisa.

Joona buzina de novo enquanto Nelly avança, resoluta, em meio às urtigas e à vegetação rasteira.

Erik aperta os olhos e vê o carro, e parece aliviado ao acenar na direção dele.

Joona buzina de novo e de novo. Ele os perde de vista por um momento, faz uma ligeira curva e vê que Nelly está segurando uma faca.

Ela atravessa a vala e agora está bem atrás dos dois, agachada na sombra deles.

Ainda buzinando, Joona acelera ao longo da pista. O motor ruge. Na luz trêmula dos faróis, ele vê Nelly enfiar a faca em Jackie.

Um pesado galho espatifa um dos faróis, e as ruínas à direita do carro desaparecem na súbita escuridão.

Sob a luz enfraquecida, Joona vê Jackie desabar na acidentada trilha. Erik ainda está segurando a mão dela.

Alguns galhos estão balançando ao lado da estrada, mas Nelly desapareceu.

Joona pisa com força no freio. Os pneus levantam poeira ao deslizarem pelo cascalho solto. Ele dá uma guinada brusca e o para-brisa se arrebenta, enviando um redemoinho de vidro para dentro do carro e atingindo seu rosto. Galhos e grama atingem a lataria do carro enquanto ele desliza até parar com duas rodas dentro da vala.

Joona se empoleira no capô do instável carro, desce e corre até Erik, que está ajoelhado ao lado de Jackie.

— Eu não vi nada — Erik diz, puxando a blusa de Jackie e tocando a faca para ver o quanto ela penetrou. — Pode ter atingido um dos rins dela. Precisamos de uma ambulância assim que...

— Onde está a Maddy? — Joona o interrompe.

— No apartamento. Nós temos que ligar...

— Ela não está no apartamento — Joona diz. — A Nelly a levou quando pegou a Jackie.

— Jesus — Erik sussurra, olhando para ele.

— Há alguma chance de ela estar dentro da casa?

— Há uma jaula no porão e uma série de túneis que...

Jackie está respirando com dificuldade, e Erik pode sentir a pulsação dela ficando mais fraca. Ele olha de relance para a casa, afasta o cabelo do rosto e vê um clarão amarelo na janela do segundo andar.

— Há uma luz na janela — Erik aponta. — Devem ser...

Ele para de falar quando o pulso de Jackie desaparece por completo. Ele coloca o ouvido no peito dela. O coração parou.

— Peça uma ambulância aérea! — Erik grita. — O coração dela parou! É urgente!

Ele a coloca de lado, para que não tenham que arrancar a faca, e começa a ressuscitação cardiopulmonar, agora ignorando a dor em seu braço enquanto conta trinta compressões rápidas, depois sopra nos pulmões dela duas vezes antes de

retomar as compressões. Ele ouve Joona dar o endereço e as coordenadas ao operador dos serviços de emergência.

— Fique com Jackie. Salve-a. Vou pegar a filha dela.

E Joona sai correndo em direção a casa.

Joona corre pelo quintal, sacando a pistola. Os faróis da viatura da polícia ainda estão iluminando diretamente a casa amarela. De repente, o cheiro de fogo enche o ar estagnado da noite. Ele abre caminho por entre as altas urtigas e vê uma fumaça branca subindo em ondas, feito vapor, vinda do mato ao redor do alicerce do prédio.

Ele pula para a varanda, ergue a arma e abre a porta da frente. Vê o policial morto no chão, o torso escuro de sangue.

Joona aponta a pistola para a porta seguinte enquanto passa por cima do corpo, se inclina, pega a lanterna rachada e com ela ilumina a cozinha.

Na luz minguada ele pode ver a cena de horrenda brutalidade. O chão está coberto de sangue, e a cabeça do segundo policial está a um metro de distância do corpo. Ele nem sequer conseguiu tirar a pistola do coldre. O sangue respingou no vidro de uma lâmpada de parafina apagada sobre uma cadeira. Do fundo do porão vem um rugido, e um fino véu de fumaça cinza desliza de uma ponta à outra do teto e encobre um velho alarme contra incêndio.

Joona se apressa em passar pela cozinha, atravessa uma sala de estar e entra num corredor estreito, com uma escada aberta que leva ao andar seguinte. A fumaça está rolando sob o teto como um rio de águas turvas.

Partes do chão em chamas no cômodo ao lado desmoronam no porão, e faíscas e fumaça se erguem em espirais. Joona pode sentir calor em seu rosto enquanto sobe correndo as escadas. O papel de parede pegou fogo, e as labaredas estão chegando ao segundo andar.

Ele percebe que Nelly está queimando as provas. Se Jackie não sobreviver e a casa vier abaixo, tudo o que restará serão as evidências contra Erik.

O clarão da lanterna fica amarelado à medida que a luz enfraquece.

Ele chega ao andar de cima, aponta a pistola a sua frente e entra em um quarto de menina. O papel de parede com estampas de rosas é forrado de fotografias de Erik. Muitas das fotos foram tiradas de forma sub-reptícia, mas algumas são retratos, e outras parecem ter vindo de revistas e álbuns profissionais.

Em uma prateleira na escuridão há uma coleção de coisas que ela provavelmente roubou de Erik. Taças de vinho, livros, desodorante e um elefante de madeira da

Malásia. Em um cabide de madeira há um casaco de veludo cotelê marrom por cima de uma camisa azul.

Sob seus pés Joona ouve um som sibilante que vem das profundezas do chão. O fogo está sugando mais oxigênio e o ar está ficando mais difícil de respirar.

A lanterna se apaga. Ele a chacoalha e consegue recuperar um feixe fraco e instável.

Nelly arrumou os troféus de suas vítimas diante de um espelho sobre uma penteadeira. Não é muita coisa, apenas alguns vidros de esmalte, um batom da H&M e um sutiã vermelho. Em um prato cor-de-rosa está o piercing de metal em formato de Saturno, um prendedor de cabelo, brincos de Susanna Kern, algumas unhas postiças e um colar de pérolas enegrecido de sangue.

A lanterna se apaga de vez e Joona a coloca cuidadosamente no chão.

Ele se aproxima da porta de um quarto com telhado inclinado, move-se um pouco para o lado e avista Madeleine na luz sombria.

Ela está deitada no chão ao lado de uma cama, no meio do quarto. Sua boca está tapada com fita adesiva e há uma poça de sangue sob sua cabeça.

A menininha é o troféu que Nelly pegou de Jackie.

Ela está respirando, mas parece estar inconsciente.

Joona não consegue ver nenhum sinal de Nelly, mas na porta ao lado da cama há sangue pegajoso em volta da maçaneta.

Rapidamente o quarto se enche de uma fumaça clara. O tempo está se esgotando.

Joona olha de relance para a menina, depois mira a arma para a direita e se lança à frente.

O pesado machado vem da esquerda. Joona não leu direito o quarto e só vê o movimento tarde demais. Ele mal consegue afastar a cabeça, e a lâmina passa por seu rosto e se enterra profundamente na parede.

O ar se enche de poeira e gesso.

Nelly tenta dar um puxão para soltar o machado, mas Joona bate com a coronha da pistola no rosto dela.

A cabeça de Nelly voa para trás, e sua boca expele saliva. Ela cai de costas, toda torta, e o chão parece balançar embaixo dela enquanto fumaça negra se ergue das frestas entre as tábuas do assoalho.

Joona tropeça para trás com a força do próprio golpe e bate numa cadeira onde estavam alguns cabides de plástico.

Nelly se senta e, de repente, está ao lado de Madeleine. Joona não consegue entender como isso aconteceu tão rapidamente. Levou menos de um segundo.

A cama se mexeu.

Então ele percebe que estava olhando para um enorme espelho. O reflexo o fez pensar que Maddy estava no meio do quarto, a uma distância segura.

O fogo crepita e assobia enquanto vai consumindo oxigênio.

Empunhando a pistola ao lado do corpo, Joona tenta refazer sua noção do quarto. Há grandes fragmentos de vidro espelhado encostados nas paredes e móveis, distorcendo a perspectiva e fazendo o quarto parecer muito diferente.

O nariz de Nelly está sangrando. Ela puxou a menina para junto de si e a está apertando com força. Fumaça gira ao redor das duas, e Joona não consegue ver se ela está armada.

— Solte a menina — Joona se aproxima com cuidado.

As fotos de Erik no chão estão se enrolando no calor.

— Solte a menina — Joona repete.

— Sim — ela responde baixinho, mas continua segurando Madeleine.

Madeleine abre os olhos cansados, e Nelly a beija na cabeça.

— Nelly, temos que sair daqui — Joona diz. — Todos nós. Você entende?

Ela assente com um fraco meneio e olha nos olhos dele. Acima da porta fechada a sua esquerda, a fumaça preta oleosa está se infiltrando no quarto.

— Você pode me ajudar? — Nelly pergunta, sem tirar os olhos dele.

— Sim, eu posso — ele responde, tentando ver o que ela está escondendo junto ao quadril.

Ela sorri estranhamente para ele, de modo quase devotado.

Fagulhas e fuligem sobem nas correntes de ar quente, e o ar mais frio está sendo sugado para o chão, mais perto do fogo. As cortinas ardem enquanto as chamas se enrolam no tecido.

— O que o fogo diz? — Nelly murmura, pondo-se de pé.

Com violência, ela arranca Madeleine do chão, puxando-a pelo cabelo.

A menina está com medo. Lágrimas escorrem por suas bochechas.

— Nelly — Joona diz de novo —, temos que sair. Vou ajudar você, mas eu...

Com um estrondo, um imenso painel da parede do cômodo ao lado desmorona no chão entre eles. Minúsculas faíscas cintilam na névoa cinzenta acima da cabeça deles.

— Mas eu não vou deixar você machucar a menina — ele diz.

Em um dos espelhos, Joona vê que Nelly pegou uma faca. Com a outra mão ela está segurando Madeleine pelo cabelo, puxando-a com tanta força que a menina tem que ficar na ponta dos pés.

O chão está vibrando sob os pés deles. Um jorro de calor inunda o quarto a partir do lado. A fumaça negra enche o espaço e as chamas sobem em direção ao teto.

— Largue a faca. Você não precisa fazer isso! — Joona grita, apontando a pistola para o vulto atrás da fumaça.

Ele tenta se mover para o lado, mas só consegue entrever o oleado amarelo através da fumaça e do fogo.

— Nunca é o suficiente — uma voz infantil diz, muito aguda.

Por uma fração de segundo ele pensa que é Madeleine falando, mas quando percebe que a boca da menina ainda está fechada com a fita adesiva, aperta o gatilho.

Ele dispara através da fumaça, três vezes.

As balas atingem Nelly no meio do peito, e no espelho lateral atrás dela, Joona vê o sangue esguichar entre as omoplatas. O enorme espelho desmorona sob ela e se estilhaça.

Madeleine está completamente imóvel, a mão no pescoço ferido. Há sangue escorrendo entre os dedos dela, mas ela está viva.

Todas as vezes, a voz estridente de Nelly foi um prenúncio de morte.

Joona corre até a menina e chuta para longe a faca da mão de Nelly. Ele pega Madeleine e se afasta em meio à fumaça.

Nelly está deitada entre os estilhaços do espelho quebrado, a boca aberta. Ela perdeu uma das botas e seu pé está se contorcendo em sua meia-calça de nylon imunda.

Um galão de combustível de plástico tomba e a parafina espirra pelas tábuas do assoalho. Há um sibilo e então o fogo salta pelo chão.

Joona tropeça para trás com a menina enquanto o chão do quarto cede sob o peso de Nelly. Ela é sugada e desaparece em uma feroz coluna de fogo.

A perna da calça de Joona pega fogo enquanto ele se arrasta para trás com a menina nos braços. Com um uivo, as chamas sobem a partir do porão e atingem o teto acima do piso desmoronado. Pedacos chamejantes da lâmpada caem em uma nuvem de faíscas rodopiantes. A janela está em chamas e o vidro se estilhaça com um estrondo.

Joona puxa Madeleine consigo mais para dentro do quarto.

— Me desculpe se isto doer — ele diz, e tira a fita adesiva da boca da menina.

Um armário alto desaba no chão do quarto e desaparece no inferno estridente.

Ele enrola sua jaqueta de couro em volta de Madeleine.

— A fumaça é perigosa, então eu quero que você respire através do forro. Você consegue fazer isso? — Ela balança a cabeça e ele a pega no colo e começa a carregá-la escada abaixo.

De algum lugar no fundo do porão ouve-se um silvo agudo de metal retorcido.

O fogo está subindo pelas paredes.

Há um estrondo no cômodo abaixo deles quando o calor explode as janelas da sala de estar. Uma chuva de vidro cai sobre o piso, e um jorro de ar faz as chamas

saltarem com um urro em direção ao teto. A menina tosse, e Joona grita para ela continuar respirando através do forro de sua jaqueta.

Na sala de estar as paredes estão queimando do chão ao teto. O calor obriga Joona a ir para a sala de televisão. A menina grita enquanto a poeira ardente cai como chuva sobre eles.

Joona sabe que não lhe restam muitos segundos, então ele prende a respiração e, com a menina nos braços, dá alguns passos vacilantes para a frente, depois avança aos tropeções em meio à fumaça espessa.

Os olhos dele estão lacrimejando e ele mal consegue enxergar. O sofá pega fogo e o vento quente faz fagulhas rodopiarem na direção de seu rosto.

A cozinha está em chamas, e partes do teto estão desmoronando. Uma explosão dispara lascas de vidro e fogo pela sala.

Os pulmões de Joona estão queimando. Ele vai ter que respirar em breve.

A extremidade de uma das vigas do telhado se solta e cai como um pesado pêndulo, esmagando a mesa da cozinha e se enterrando profundamente no chão.

O poderoso mecanismo de mola se contorceu e se deformou, curvando a porta para trás sobre uma das dobradiças. Joona passa por cima do corpo do policial morto. Cercado pelo fogo, ele peleja para avançar e chuta a porta da frente, que arde em chamas.

Policiais e paramédicos correm na direção deles com cobertores. Margot Silverman é forçada a recuar do calor e solta um arquejo quando uma poderosa contração a atinge. Ela sente a bolsa se romper e escorrer entre as coxas.

A barulhenta corrente de ar de cima para baixo das pás dos helicópteros espalha poeira em um amplo círculo.

Erik segura a mão de Maddy quando o helicóptero decola. Ela está deitada e afivelada a uma maca ao lado de Jackie e sorri para ele antes de fechar os olhos. A aeronave se ergue, oscilante, no ar.

Erik vê, lá embaixo, Joona deitado no chão, tossindo. Está cercado por policiais e paramédicos. Margot tenta resistir enquanto é conduzida a uma ambulância que está à espera.

Joona levanta-se lentamente, tira a pistola do coldre e a joga no chão. Em seguida ele estende as duas mãos para que possa ser algemado.

O helicóptero gira, inclina-se para a frente e ganha velocidade.

Epílogo

Erik está sentado em sua poltrona, fitando através das janelas altas o céu branco de outubro. A detetive Margot Silverman anda de um lado para o outro ao longo do lustroso assoalho de carvalho, dando de mamar para sua bebezinha.

Erik e Rocky Kyrklund foram inocentados dos assassinatos. Margot está esboçando os pontos-chave da longa reconstrução de eventos em que ela vem trabalhando no último mês.

Nelly provavelmente começou a perseguir Erik na época do julgamento de Rocky Kyrklund. Ela transferiu sua fixação de Rocky para ele, assim como havia transferido sua fixação para Rocky no funeral do pai.

Descobriu-se que Nelly certa vez matriculou-se em uma faculdade de medicina nos Estados Unidos, mas não há nenhum indício de que tenha recebido um diploma. Não há histórico de emprego tampouco de treinamento especializado na área médica. Ela provavelmente era autodidata. Sua casa em Bromma continha centenas de livros sobre neurologia, traumas psicológicos e psiquiatria de desastres.

Não havia nada sugerindo que seu marido tivesse alguma ideia sobre sua vida dupla. Ela espiou Erik em segredo, foi lentamente se aproximando dele e formando uma coleção de fotografias, que mantinha na casa da fábrica de vidros incendiada. Após o divórcio de Erik, Nelly começou a imaginar que ela e ele eram um casal.

Erik fecha os olhos e ouve uma suave música de piano através das paredes enquanto Margot fala.

No caso de Nelly, suas fixações obsessivas estavam ligadas a um transtorno de personalidade narcisista que a levava a tentar espelhar Erik, a fim de se tornar tudo para ele. E quanto mais ela sentia que era dona dele, mais precisava vê-lo e controlá-lo.

Ela queria que ele a visse, a amasse e a desejasse. Sua necessidade era insaciável, até que no fim ela passou a ser como o fogo, queimando e queimando até que tudo ao seu redor fosse consumido.

Nelly carregava profundas marcas de sua educação religiosa, da presença constante da Igreja e dos sermões de seu pai. Ela havia estudado detidamente o

Antigo Testamento, e seu Deus ciumento a convenceu de que tudo o que ela sentia era certo.

Ela espionava as mulheres que a seu ver atraíam Erik, e se fixava nos atributos individuais de cada uma. Impulsionada pelo ciúme patológico, ela as filmava para desmascarar o comportamento supostamente insinuante delas antes de privá-las de sua beleza.

As evidências sugerem que cada um dos assassinatos acelerou o processo. Quando já não havia caminho de volta, ela dirigiu sua hostilidade contra o próprio Erik.

Atormentada pelo ciúme, ela assassinou as rivais e ao mesmo tempo preparou uma armadilha para Erik, um ardil que o levaria a recorrer a ela.

Nelly matou a própria mãe na frente do pai. Matou na frente de Rocky a mulher que ele afirmava amar, e estava planejando matar Jackie na frente de Erik.

Ela teria tomado Madeleine como um troféu, deixando Jackie sem rosto, com a mão disposta sobre o ventre para ilustrar seu crime específico.

Margot fica em silêncio, ajeita cuidadosamente a bebê junto ao ombro e acaricia suas costas até que ela arrote.

Assim que Margot sai da casa, Erik caminha em direção à suave música de piano e abre as portas duplas. O piano de cauda fica no meio da sala e parece estar tocando sozinho. Somente quando ele circunda o imenso instrumento é que pode ver o olhar de concentração no rosto de Madeleine enquanto os dedos disparam pelas teclas.

Ele se senta em silêncio ao lado de Jackie no sofá e depois de um tempo ela encosta a cabeça no ombro dele.

Os paramédicos conseguiram estabilizar o coração de Jackie com um desfibrilador antes de ela ser colocada no helicóptero. Ela passou por uma cirurgia de sete horas de duração no Hospital Universitário de Uppsala.

Erik tem a sensação de que acordou de um longo pesadelo, e quando Jackie enlaça os dedos entre os dele, tudo o que ele sente é profunda gratidão por estarem vivos e pelo Cupido ter outra flecha em sua aljava para ele.

Madeleine deixa as notas finais desaparecerem antes de parar as cordas, depois espera que o silêncio se espalhe pela sala e levanta a cabeça e sorri para eles.

Erik se levanta e aplaude, e não para até que Madeleine comece a ajustar a banqueta. Ele se aproxima e se senta, muda a partitura, fecha os olhos por alguns segundos e começa a tocar seu estudo.

Na sexta-feira, 24 de outubro, a audiência no Tribunal Distrital de Estocolmo chega ao fim. O colegiado de quatro juízes decide que o Estado provou, para além de qualquer dúvida razoável, que Joona Linna é culpado de vários crimes graves relacionados à fuga de um detento do Presídio de Huddinge.

O veredicto já era de esperar, apesar das circunstâncias atenuantes, mas quando a sentença é proferida, Erik fica de pé. Jackie e Madeleine levantam-se ao lado dele, seguidas pelo Agulha, Margot Silverman e Saga Bauer.

Joona permanece sentado de cabeça baixa ao lado de seu advogado de defesa, enquanto o juiz lê o veredicto unânime.

O tribunal considera Joona Linna culpado de violência contra um funcionário público, dano criminal qualificado, auxílio a um criminoso para fuga da custódia e furto qualificado. O réu é condenado a quatro anos de prisão.



EWA-MARIE RUNDQUIST

LARS KEPLER é o pseudônimo do casal sueco Alexandra e Alexander Ahndoril. Os dois já escreveram seis livros da série do detetive Joona Linna, que foi traduzida para quarenta idiomas e vendeu mais de doze milhões de exemplares.

Copyright © 2014 by Lars Kepler
Publicado mediante acordo com Salomonsson Agency.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Stalker

Capa
Estúdio Nono

Foto de capa
fhm/ Getty Images

Preparação
Fernanda Villa Nova

Revisão
Márcia Moura
Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-5451-515-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editora.alfaguara
instagram.com/editora_alfaguara
twitter.com/alfaguara_br